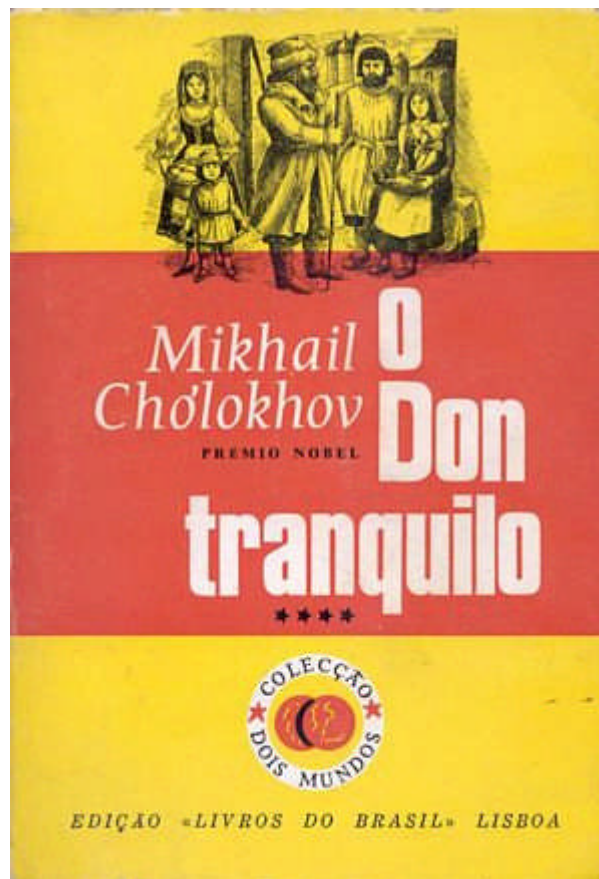


Mikhail Cholokhov

O Don tranquilo

Volume Quarto







<http://groups.google.com/group/digitalsource>

TÍTULO: O Don tranquilo

AUTOR: Cholokhov, Mikhail

GÉNERO: Romance

CLASSIFICAÇÃO: Literatura Russa - Século XX - Ficção

EDITORA: Livros do Brasil

Lisboa, 19**

COLEÇÃO: Dois Mundos, nº 104

Mikhail Cholokhov

O Don Tranquilo

Versão portuguesa integral de

Armando Rodrigues

Esta obra é constituída por quatro volumes

SÉTIMA PARTE

*Segue-se um mapa, impossível de descrever, onde está marcada a posição
do exército soviético em 1918 e 1919.*

Nota do digitalizador

I

A insurreição do Alto-Don, que afastara da frente Sul importantes efectivos vermelhos, permitira ao comando do Exército do Don não só reagrupar sem pressa as suas forças na frente que protegia Novotcherkassk, como também concentrar no sector das stanitsas Kaménsskaia e Ust-Belokalitvénskaia um poderoso grupo de choque constituído por regimentos mais sólidos e experientes isto é, sobretudo regimentos do Baixo-Don e Kalmuks. A missão destes era entrar em acção no momento oportuno e, combinando os seus esforços com os das unidades do general Fkskhalaurov, desbaratar a 12.^a Divisão que fazia parte do 8.^o Exército vermelho. Depois abriam caminho para o Norte, operando no flanco e na retaguarda da 13.^a Divisão do Ural, indo juntar-se aos insurrectos do Alto-Don.

O plano de concentração do grupo de choque, elaborado pelo general Dénissov na altura em que era comandante-chefe do Exército do Don, e pelo seu chefe de Estado-Maior, o general Poliakov, estava cumprido na sua quase totalidade em fins de Maio. Cerca de dezasseis mil soldados de infantaria e cavalaria tinham sido transferidos para Kaménsskaia juntamente com trinta e seis peças de artilharia e cento e quarenta metralhadoras. Estavam agora a ser transportadas as últimas unidades de cavalaria e os regimentos de elite do “exército jovem”, como lhes chamavam, constituído no Verão de 1918 pelos jovens cossacos em idade de serem incorporados.

Entretanto, os insurrectos, cercados, continuavam a repelir os ataques das tropas vermelhas que os assediavam. Ao sul, na margem esquerda do Don, duas divisões insurrectas aguentavam-se teimosamente nas trincheiras e impediam o inimigo de atravessar o rio, apesar do fogo violento e quase contínuo das numerosas baterias vermelhas dispostas ao longo da frente; as outras três divisões, que protegiam o território insurrecto a oeste, ao norte e a leste, estavam sofrendo perdas colossais, sobretudo a nordeste, sem contudo recuarem, mantendo-se sempre no limite do distrito de Khopr.

Certo dia, o esquadrão de Tatárski, instalado em frente da aldeia, cansado daquela forçada inatividade, pôs o Exército Vermelho em estado de alerta: no meio da escuridão da noite, alguns cossacos que se haviam oferecido como voluntários atravessaram de barco para a margem direita do Don, indo atacar de improviso o posto de vigia; mataram quatro soldados vermelhos e apoderaram-se de uma metralhadora. No dia seguinte os vermelhos enviavam uma bateria de Viochénskaja a qual abriu um fogo rápido sobre as trincheiras cossacas. Logo às primeiras deflagrações dos *shrapnels* sobre a floresta, o esquadrão evacuou a toda a pressa as trincheiras, e afastou-se do Don, internando-se na espessura dos bosques.

Vinte e quatro horas depois, a bateria retirava e os homens de Tatárski retomavam as suas posições. O canhoneio causara algumas baixas no esquadrão: dois jovens pertencentes a um reforço há pouco enviado para a frente morreram e ficou ferido o impedido do chefe do esquadrão, um rapaz acabado de chegar de Viochénskaja.

Depois disto, estabeleceu-se uma calma relativa e a vida das trincheiras regressou à rotina habitual. As mulheres apareciam por ali muitas vezes à noite, trazendo pão e aguardente; de resto os cossacos não tinham falta de mantimentos: haviam degolado duas porcas extraviadas e todos os dias pescavam no lago. Khrisstónia desempenhava o cargo de chefe pescador.

Tinham-lhe confiado uma rede de dez ságenas, abandonada pelas tropas em retirada, que caíra nas mãos do esquadrão.

Ao cabo de oito dias passados a pescar sem descanso a sua camisa e as calças estavam tão impregnadas do cheiro a peixe que Anikuchka acabara por se recusar terminantemente a dormir no mesmo abrigo, declarando:

- Cheiras pior do que uma latrina. Se fico perto de ti mais um dia nunca mais serei capaz de comer peixe na vida.

Dali em diante, Anikuchka passou a dormir ao lado do abrigo, apesar dos mosquitos. Antes de se deitar, varria com expressão de nojo as escamas de peixe espalhadas na areia, bem como as tripas que exalavam um cheiro nauseabundo. Mas na manhã seguinte, ao regressar da pesca, Khrisstónia sentava-se, imperturbável e com ares importantes, à entrada do abrigo, pondo-se a escamar e a estripar os peixes que pescara. Em volta dele, enxameavam moscas verdes e surgiam de todos os lados as vorazes formigas amarelas. Anikuchka acorria, esbaforido, berrando-lhe de longe:

- Não arranjaste outro lugar? Malandro, não te engasgares tu com uma espinha! Vai-te daqui, com mil raios! É aqui que eu durmo e tu vens encher isto de tripas de peixe para atrair as formigas! O cheiro que aqui fica ainda é pior do que o da astracã!

- Deves ter lombrigas na barriga, Anikei, para não poderes suportar o cheiro a peixe. Já experimentaste comer alho em jejum?

Anikuchka ia-se embora a praguejar e a cuspir.

Estas escaramuças repetiam-se todos os dias. Mas, fora isso, o esquadrão vivia em boa paz. A marmita bem farta punha toda a gente de bom humor, com excepção de Stepane Astakhov.

Teria ele sabido através dos homens da aldeia que Akcínia se encontrava com Grigóri em Viochénsskaia? Ou adivinhara-lho o coração? A verdade é que se tornou subitamente macambúzio, discutia sem quê nem para quê com o chefe do pelotão recusando-se terminantemente a fazer rondas.

Ficava deitado tempo sem fim no abrigo, debaixo de uma manta remendada, a suspirar e a fumar avidamente o seu tabaco caseiro. Quando soube que o chefe do esquadrão encarregara Anikuchka de ir buscar cartuchos a Viochénsskaia saiu pela primeira vez do abrigo ao fim de dois dias. Piscando os olhos lacrimejantes, inchados pela insónia, examinou com ares desconfiados a folhagem verdejante e despenteada do arvoredado, as nuvens brancas que o vento esfarrapava, escutou o murmúrio da floresta e deu a volta ao abrigo em cata de Anikuchka.

Não queria falar diante dos outros, por isso chamou-o de parte.

- Procura Akcínia em Viochénsskaia e diz-lhe da minha parte que venha ver-me. Informa-a que estou cheio de piolhos, que não tenho quem me lave as ceroulas há muito tempo e diz-lhe mais...

Stepane calou-se uns momentos, escondendo sob o bigode um sorriso envergonhado, e concluiu:

- Diz-lhe que ando muito aborrecido e que fico à espera dela.

Anikuchka, chegando de noite a Viochénsskaia, informou-se acerca do paradeiro de Akcínia. Esta, desde que se zangara com Grigóri, fora de novo viver com a tia. Anikuchka transmitiu-lhe conscienciosamente o recado de Stepane, acrescentando por sua conta, para fazer mais efeito, que Stepane ameaçava vir pessoalmente a Viochénsskaia, no caso de Akcínia não aparecer no esquadrão.

A rapariga ouviu o recado, começando logo a preparar-se.

A tia fez uma massa a toda a pressa e meteu as broínhas no forno; dali a duas horas Akcínia, como esposa obediente, partia com Anikuchka a caminho do acampamento do esquadrão de Tatárski.

Stepane acolheu a mulher com mal disfarçada emoção.

Perscrutou-lhe atentamente o rosto afilado, interrogou-a com prudência, mas não arriscou uma palavra no sentido de apurar se ela voltara ou não a ver Grigóri. Contentou-se em inquirir, no decorrer da conversa e baixando os olhos, de cara voltada para o lado:

- Porque foste tu para Viochénskaja por esta margem? Porque não atravessaste em frente da aldeia?

Akcínia respondeu secamente que não era possível atravessar o rio com pessoas estranhas e que não quisera pedir auxílio aos Melekhov. Deu-se imediatamente conta de que isto equivalia a dizer que os Melekhov não eram estranhos para ela, mas sim pessoas íntimas. E sentiu-se perturbada porque Stepane podia pensar o mesmo. E foi isso provavelmente o que sucedeu. Passou-lhe nos sobrolhos um leve estremecimento e o seu rosto tornou-se sombrio.

Ergueu para Akcínia um olhar interrogador e ela, compreendendo a pergunta muda, corou, subitamente confusa e irritada consigo própria.

Stepane, com pena dela, orientou a conversa para os assuntos respeitantes ao casal, inquirindo se tivera tempo de esconder alguma coisa antes de deixar a casa e se tudo ficara bem oculto.

Akcínia, apreciando esta generosidade do marido, respondeu, sem no entanto deixar de sentir uma dolorosa confusão. No intuito de o convencer de que o que se passara entre eles não tivera importância e para ocultar também a atrapalhação, falava propositadamente devagar, num tom seco e reservado, como quem trata de negócios.

Encontravam-se dentro do abrigo. Os cossacos estavam sempre a incomodá-los, ora entrava um, ora outro. Khrisstónia não tardou a vir deitar-se para dormir. Vendo que não conseguiam falar sem testemunhas, Stepane interrompeu a conversa, contrariado.

Akcínia ergueu-se, toda contente, desfez o embrulho que trazia, ofereceu ao marido as broínhas feitas na stanitsa, tirou a roupa suja do saco de Stepane e saiu para ir lavá-la no charco, ali perto.

O silêncio que precede a aurora e um nevoeiro azulado envolviam a floresta. As ervas pesadas de orvalho inclinavam-se para o chão. As rãs nos charcos soltavam o seu grasnido rouco, e algures, junto ao abrigo, atrás de um arbusto frondoso, um ralo cantava com a sua voz penetrante. Akcínia passou em frente do arbusto. Estava todo ele, de cima abaixo, envolto num espesso emaranhado de ervas e de teias de aranha. Os fios, cobertos de minúsculas gotas de orvalho, cintilavam como pérolas. O ralo calou-se um momento, mas, antes que as ervas pisadas pelos pés de Akcínia tivessem tempo de se erguer de novo, voltou a cantar, e logo lhe respondeu a voz triste de um pavoncino que levantou voo do charco.

Akcínia, despindo a blusa e o colete que lhe tolhiam os movimentos, meteu-se na água até aos joelhos e pôs-se a lavar. Por cima dela esvoaçavam moscardos e as melgas zumbiam-lhe aos ouvidos. Ela enxotava-os passando no rosto o braço roliço e tostado. Não cessava de pensar em Grigóri e na bulha que tivera com ele antes deste partir para o esquadrão.

“Talvez já ande à minha procura. Vou regressar ainda esta noite à stanitsa”, resolveu logo ali. E sorriu ao pensar que iria em breve voltar a vê-lo e reconciliar-se com ele.

Caso estranho: havia algum tempo, sem saber porquê, quando pensava em Grigóri, não se recordava do seu aspecto exterior, tal como era ultimamente. O que surgia aos seus olhos não era o Grigóri actual, o cossaco alto e viril, conhecedor da vida e rico de experiência, com os olhos engelhados de fadiga e o bigode preto de pontas arruivadas, os cabelos prematuramente brancos nas têmporas, as rugas severas da testa vestígios inapagáveis das privações que sofrera durante todos aqueles anos de guerra, mas sim o Grichka Melekhov de outros tempos, com a sua rudeza, a sua inépcia de adolescente nas carícias, o seu pescoço redondo e fino de rapazinho e a expressão descuidada dos seus lábios sempre a sorrirem.

Sentia por ele um amor ainda maior, uma ternura quase maternal. Uma vez mais, depois de ter reconstituído na memória, com grande precisão, as feições daquele rosto infinitamente querido, começou a respirar a custo, sorriu, atirou ao chão a camisa do marido que ainda não acabara de lavar. Subiu-lhe à garganta uma onda escaldante de soluços deliciosos e inesperados. Murmurou:

- Entraste dentro de mim, maldito, para toda a vida!

As lágrimas aliviaram-na, mas o mundo azul da manhã que a rodeava era como se tivesse perdido as cores. Limpou as faces com as costas da mão, afastou os cabelos da testa húmida e, sem pensar em nada, seguiu durante muito tempo com os olhos embaciados uma pequena garça cinzenta que, deslizando à tona de água, desaparecia na espuma rosada do nevoeiro que o vento dispersava

Acabando de lavar a roupa estendeu-a a secar nos arbustos e regressou ao abrigo.

Khrisstónia, que acordara, estava sentado junto da entrada, a remexer os dedos nodosos e torcidos dos pés, tentando estabelecer conversa com Stepane. Este fumava em silêncio, estendido debaixo da manta, opondo às perguntas do outro um mutismo obstinado.

- Achas que os vermelhos são capazes de passar para este lado? Não dizes nada? É isso, ficas calado. Cá por mim penso que o que eles fazem é tentar atravessar os vaus. Não pode deixar de ser. Noutro ponto não é possível. Ou julgas que tentarão passar a cavalaria a

nado? Porque não dizes nada, Stepane? Isto está a dar as últimas e tu ficas para aí, calado como um pataco.

Stepane, sobressaltando-se, respondeu irritado:

- Mas que ideia é essa de te agarrares a mim? Eu cá não entendo estes tipos! A minha mulher veio visitar-me e não há maneira de me ver livre deles... Chateiam-me com as suas palermices. Já um homem não pode trocar duas palavras com a mulher.

- Se achas que és capaz de falar com uma mulher, tu...

Khrisstónia ergueu-se, aborrecido, enfiou os chinelos cambados nos pés nus e saiu, batendo com a cabeça na trave da porta

- Aqui não nos deixam conversar, vamos para o bosque - propôs Stepane.

E, sem esperar pela resposta de Akcínia, saiu. Ela seguiu-o docilmente.

Regressaram ao abrigo era meio-dia. Os homens do segundo pelotão, que gozavam o fresco debaixo de um amieiro, poisaram as cartas, trocando olhadelas cúmplices, risadas e suspiros irónicos.

Akcínia passou diante deles com uma expressão de desprezo, enquanto compunha o lenço orlado de renda branca que se tinha amarrotado. Eles deixaram-na passar em silêncio, mas, quando Stepane chegou junto dos cossacos que estavam deitados, Anikuchka separou-se do grupo. Fez uma profunda vénia a Stepane com um respeito hipócrita e disse em voz alta:

- Isso é que foi gozar... depois do jejum!

Stepane sorriu, satisfeito. Era-lhe agradável o facto de os cossacos o terem visto voltar da floresta com a mulher. Isso podia contribuir para fazer calar os rumores que corriam acerca da desavença entre eles... Chegou mesmo a sacudir os ombros com ar superior, a mostrar a camisa molhada de transpiração nas costas.

Os cossacos, animados com isto, desataram a falar sem reboço, rindo às gargalhadas:

- Aquilo é que é uma mulher, caramba. A camisa do Stepane até se pode torcer, está colada às costas... Ela fê-lo galopar um bocado, vem coberto de espuma.

Um rapazola, que seguira Akcínia até à entrada do abrigo com um olhar admirativo e perturbado, largou esta:

- Por mais que se procure, não se encontra no mundo outra mulher como ela. Eu seja cego se não é verdade!

Anikuchka objectou-lhe, e com razão:

- Já procuraste?

Akcínia, que empalidecera levemente ao ouvir aquelas observações obscenas, entrou no abrigo com uma careta enojada, tanto por causa da intimidade que acabara de ter com o

marido, como pelas palavras indecentes dos homens. Num relance, Stepane, compreendendo os sentimentos dela, disse num tom conciliador:

- Não te zangues, Ksiúcha. Os machos andam chateados.

- Não há razão para a gente se zangar seja com quem for retorquiou Akcínia numa voz velada, enquanto remexia no seu saco de linhagem para tirar de lá as coisas que trouxera ao marido. E acrescentou ainda mais baixo:

- Comigo é que eu devia zangar-me, mas não tenho coragem...

A conversa esmorecia. Ao cabo de dez minutos, Akcínia levantou-se. “Vou já dizer-lhe que volto para Viochénsskaia”, mas lembrou-se de repente de que não tinha tirado a roupa que pusera a enxugar.

Esteve muito tempo sentada à porta do abrigo a remendar as camisas e as ceroulas do marido, repassadas de suor, enquanto lançava repetidos olhares para o sol que ultrapassara o zénite.

...Não se foi embora nesse dia, faltou-lhe a coragem.

Mas no outro pela manhã, mal despontou o sol, erguendo-se, começou a preparar-se. Stepane tentou retê-la, pediu-lhe que ficasse mais um dia, mas ela repeliu teimosamente a insistência dele, e o homem desistiu. Este contentou-se em lhe perguntar à partida:

- Contas ficar em Viochénsskaia?

- De momento, sim.

- Talvez fizesses melhor em ficar comigo.

- Não me sinto bem aqui... com todos estes cossacos.

- Lá isso é verdade... - concordou Stepane. Mas despediu-se dela com frieza.

Soprava um vento forte de sudoeste. Vinha de longe, um pouco fatigado da noite, mas trazia consigo, pela madrugada, o calor dos desertos transcaspianos e, ao varrer a planície da margem esquerda, secara o orvalho, dissipara o nevoeiro e envolvera numa bruma rosada e abafadiça os contrafortes barrentos das colinas que se erguiam nas margens do Don.

Akcínia descalçou-se e, erguendo com a mão esquerda a saia (as ervas da floresta ainda estavam orvalhadas), foi seguindo num passo ligeiro o atalho abandonado. A terra húmida refrescava-lhe agradavelmente os pés nus e o vento ia-lhe beijando com os lábios ávidos e ardentes o pescoço e as pernas roliças.

Numa clareira, junto de um silveiral florido, sentou-se a descansar. Ali perto, num lago que ainda não secara, alguns patos selvagens chapinhavam entre os juncos e um macho chamava com voz rouca pela companheira. Na outra margem do Don, as

metralhadoras crepitavam numa cadência lenta, mas quase sem descanso; o canhão troava de quando em quando.

As explosões dos obuses repercutiam-se como um eco na margem de cá.

Depois os tiros calaram-se e o mundo revelou-se a Akcínia na sua secreta sonoridade: as falhas verdes dos freixos, debruadas de branco, as dos carvalhos, recortadas em arabescos, estremeciam e murmuravam com o vento; das moitas de um choupal novo escapava-se igual ruído; longe, muito ao longe, a voz triste e indistinta de um cuco adivinhava os anos que restavam a um desconhecido qualquer para viver; um pavoncino todo enfunado, voando por cima do pequeno charco, “repetia sem cessar a mesma pergunta: “Quem és tu? Quem és tu?”; um passarito cinzento, pertinho de Akcínia, bebia água num rego do caminho, com a cabecita deitada para trás e os olhos piscos de volúpia; os besouros de veludo, cobertos de pó, zumbiam; as abelhas escuras baloiçavam-se nas corolas das flores campestres, depois iam-se embora levando consigo para os seus frescos redutos uma colheita perfumada. Gotejava a seiva dos ramos dos choupos. De sob um tufo de pilriteiro vinha o odor capitoso e acre das folhas apodrecidas do ano anterior.

Sentada e imóvel, Akcínia aspirava sem se faltar os perfumes variados da floresta. Cheio de uma sonoridade maravilhosa e múltipla, o bosque regurgitava de uma vida forte e primitiva. O sol repassava a planície encharcada das águas primaveris, fazia brotar e crescer tal infinidade de plantas que os olhos de Akcínia se perdiam naquele emaranhado fantástico de ervas e flores.

A sorrir e a mover silenciosamente os lábios, ia juntando com precaução as hastes de umas flores azuis e anónimas, e depois, ao inclinar o busto, que se tornara agora mais opulento, para lhes aspirar o aroma, sentiu o perfume langoroso e suave do *muguet*. Procurou-o às apalpadelas, acabando por encontrá-lo: um pé que brotara na sombra impenetrável de um arbusto. As suas folhas largas, outrora verdes, teimavam em defender do sol a pequena haste torcida, revestida de cálices pendentes, brancos como a neve. Porém as folhas cobertas de orvalho e de ferrugem amarela já estavam murchas e as próprias flores começavam a apodrecer; dois dos cálices inferiores haviam engelhado e enegrecido, e apenas os de cima, cobertos de lágrimas cintilantes de orvalho, brilharam subitamente ao sol com uma brancura dormente de prisioneiros.

Sem saber porquê, nesse curto instante, enquanto examinava a flor através de um véu de lágrimas, Akcínia recordou-se da sua mocidade, da vida pobre de alegrias que sempre levava.

Sim, envelhecera, sem dúvida... Uma mulher jovem chora, porventura, quando uma lembrança qualquer lhe atravessa o coração?

Adormeceu assim, com o rosto coberto de lágrimas, apertando contra o rosto tumefacto o lenço enrolado numa bola.

O vento soprava com mais força, inclinando para oeste o cimo dos choupos e dos salgueiros. O tronco pálido de um freixo baloiçava-se, envolvido pelo turbilhão rumorejante da sua folhagem agitada. O vento descia, açoutava o silveiral florido sob o qual dormia Akcínia, e então, qual bando assustado de pássaros fabulosos, as falhas rodopiaram com um murmúrio inquieto, e as pétalas rosadas caíram como penas. Akcínia dormia sob essa chuva de flores murchas, não ouvindo nem o barulho triste da floresta, nem o canhoneio que recomeçara na outra margem, nem sentindo sequer na cabeça descoberta a queimadura do sol que atingira o zénite. Despertou-a uma voz de homem e o resfolegar de um cavalo por cima dela. Ergueu-se subitamente.

Um jovem cossaco de bigode loiro e dentes brancos estava de pé na sua frente, segurando pela arreata um cavalo selado de narinas brancas. O homem sorria, agitava os ombros, esboçava um passo de dança e entoava, com uma voz de tenor um bocado rouca, mas agradável, os versos de uma canção alegre:

Caí no chão

E busquei por aqui, por ali,

Alguém que me desse a mão.

Quando vi, quando vi

Um cossaco a meu lado...

- Eu cá posso bem levantar-me sozinha disse Akcínia sorrindo E pôs-se logo de pé, a consertar a saia enrugada.

- Bom dia, pequena. Foram os teus pezinhos que se recusaram a andar ou isso é preguiça? inquiriu o alegre cossaco à laia de saudação.

- Deu-me o sono.

- Vais para Viochénsskaia?

- Vou.

- Queres que te leve?

- Que me leves, como?

- Vais tu a cavalo e eu a pé. Toma lá dá cá...

E o cossaco piscou o olho com ares entendidos e brejeiros.

- Na, segue o teu caminho que eu cá me arranjo.

Mas o cossaco parecia prático em coisas de amor e também teimoso. Aproveitando o momento em que Akcínia punha o lenço na cabeça, enlaçou-a com o braço curto, mas vigoroso e, puxando-a para si, quis beijá-la.

- Não te faças esperto! exclamou Akcínia, e deu-lhe uma forte cotovelada na base do nariz.

- Não te zangues, minha linda. Olha que bonito está tudo à nossa volta!... Até os bichinhos andam aos pares!... Não te parece que também nós devemos fazer o mesmo? - murmurava o cossaco, piscando os olhitos risonhos e fazendo cócegas com os bigodes no pescoço de Akcínia.

Esta esticava os braços para a frente, sem cólera, mas com toda a força e, apoiando as palmas das mãos no rosto moreno e suado do rapaz, tentava libertar-se.

- Palermo. Olha que eu tenho uma doença má... Deixa-me! - dizia ela, ofegante, julgando ver-se livre dele com esta manha inocente.

- Ora... qual de nós a teria apanhado primeiro? - resmungou o cossaco entre dentes. De súbito, levantou Akcínia ao ar.

Percebendo de súbito que a brincadeira acabara e que as coisas começavam a levar um mau caminho, deu um murro com toda a força no nariz do homem e arrancou-se ao seu abraço de ferro.

- Olha que eu sou a mulher de Grigóri Melekhov. Atreve-te a aproximar-te, filho de uma cadela... Se eu lhe digo...

Ainda desconfiada da eficácia destas palavras, agarrou num grande pau seco. Mas o cossaco perdera todo o entusiasmo.

Enquanto limpava à manga da camisa caqui o sangue que lhe escorria em fio das narinas para cima do bigode, exclamou num tom despeitado:

- Estupor! Estupor de mulher! Não podias ter dito isso mais cedo? Olha como eu fiquei a escorrer sangue! Ainda é pouco aquele que a gente derrama diante do inimigo, só faltavam as mulheres para virem também sangrarmos!...

O rosto dele tornara-se de súbito irritado e hostil. Enquanto ele se lavava com a água de uma poça, Akcínia, afastando-se do caminho, atravessou rapidamente a clareira. Dali a cinco minutos o cossaco passava-lhe à frente. Lançou-lhe um olhar de viés, sorrindo em silêncio, ajustou com ares muito atarefados a bandoleira da espingarda e afastou-se num trote rápido.

II

Nessa noite, o regimento vermelho atravessou o Don em jangadas feitas de tábuas e traves, perto da aldeia de Máli Grometchénok.

O esquadrão de Gromok foi apanhado desprevenido, pois a maior parte dos cossacos andavam na paródia. À noite, as mulheres tinham vindo visitar os maridos trazendo-lhes aguardente em bilhas e barris. Cerca da meia-noite, estavam todos bêbados. O abrigo ressoava com as canções, os guinchos das mulheres ébrias e os assobios dos homens... os vinte cossacos de sentinela tinham tomado parte na patuscada, deixando apenas junto da metralhadora dois artilheiros com um barril de aguardente.

As jangadas carregadas de soldados vermelhos haviam largado da margem direita do Don num silêncio total. Assim que atravessaram o rio, dispuseram-se em formação de atiradores e marcharam, calados, em direcção aos abrigos situados a umas cinquenta ságenas do Don. .

Os sapadores que haviam construído as jangadas remaram vigorosamente para irem buscar novo grupo de vermelhos que esperavam para fazerem a travessia.

Durante cinco minutos nada se ouviu na margem, além das canções confusas dos cossacos. Depois rebentaram as granadas de mão, uma metralhadora crepitou, ao mesmo tempo que começava uma fuzilaria desordenada e se ouvia ao longe um grito: “Hurra-a-a-a! Hurra-a-a-a! Hurra-a-a-a!”

O esquadrão de Gromok foi destroçado, só escapando ao aniquilamento total porque a perseguição se tornava impossível no meio do negrume da noite.

Os soldados de Gromok, que haviam sofrido poucas perdas, corriam através dos prados, em pânico, na direcção de Viochénsskaia. Entretanto, as jangadas traziam da margem direita novos grupos de soldados vermelhos; metade de uma companhia do primeiro batalhão do Regimento, com duas espingardas metralhadoras, operava já no flanco do esquadrão insurrecto de Bázki

Os reforços precipitaram-se através da brecha que se abrira. O seu avanço era bastante prejudicado pelo facto de ninguém do lado dos vermelhos conhecer a região. As unidades não tinham guia e, avançando assim às cegas, encontravam a todo o passo, no

escuro, lagos e fossos profundos cheios de água deixada pela enchente que se tornava impossível transpor.

O comandante da brigada que dirigia a ofensiva resolveu adiar a perseguição até ao romper do dia a fim de juntar as reservas, concentrando as suas tropas nos arredores de Viochénsskaia para prosseguir a ofensiva depois de uma preparação de artilharia.

Em Viochénsskaia, porém, já se tomavam medidas para colmatar a brecha. Assim que o agente de ligação chegou a toda a brida a anunciar a travessia dos vermelhos, o oficial de serviço do Estado-Maior mandou chamar Kudínov e Melekhov.

Das aldeias de Tchórni, Gorókhovka e Dubrovka mandaram vir esquadrões a cavalo pertencentes ao Regimento de Karguínsskaia. Grigóri Melekhov assumiu o comando-geral das operações. Mandou para Erinsski trezentos cavaleiros com o fim de reforçarem o flanco esquerdo e ajudarem os esquadrões de Tatársski e de Lebiági a deter o inimigo no caso deste tentar envolver Viochénsskaia pelo lado leste; no intuito de ajudar o esquadrão de Bázki, enviou para montante a legião não cossaca de Viochénsskaia e um dos esquadrões a pé do Tchir; mandou igualmente instalar oito metralhadoras nos sectores ameaçados e ele próprio tomou posição, com dois esquadrões a cavalo, cerca das duas da manhã, na orla do bosque de Goréli, à espera que rompesse o dia, pois decidira atacar os vermelhos a cavalo

As Plêiades brilhavam ainda no céu quando a legião não cossaca de Viochénsskaia, que se internara na floresta em direcção ao flanco de Bázki em retirada, atacou esta coluna pensando tratar-se do inimigo, e fugiu após uma rápida troca de tiros. Os legionários atravessavam a nado o extenso lago que separa Viochénsskaia da curva do rio, depois de abandonarem na margem, com a precipitação, calçado e vestuário.

Em breve se deram conta do engano, porém a notícia da chegada dos vermelhos às imediações de Viochénsskaia difundiu-se com surpreendente rapidez. Os refugiados que ali se haviam instalado nas caves puseram-se em fuga a toda a pressa em direcção ao Norte, espalhando por toda a parte a informação de que os vermelhos haviam atravessado o Don, rompendo a frente, e que estavam a atacar Viochénsskaia...

O dia mal começava a romper quando Grigóri, avisado da fuga) da legião não cossaca, partiu a galope em direcção ao Don. Os legionários, após terem esclarecido o mal-entendido, regressavam já às trincheiras, a falarem muito alto. Grigóri, dirigindo-se a um dos grupos, inquiriu ironicamente:

- Então beberam muitos pirolitos ao atravessarem o lago?

Um atirador todo encharcado, que ia a torcer a camisa, respondeu, atrapalhado:

- Nadamos que nem peixes. Não há perigo de que alguém se afogue...

- Um engano qualquer tem respondeu judiciosamente outro, em ceroulas. Mas cá o nosso chefe de esquadrão é que se ia afogando de verdade. Não quis descalçar-se porque as grevas levavam muito tempo a tirar. Então, enquanto nadava, uma das grevas desatou-se dentro de água, indo enrolar-se-lhe nos pés... Aquilo é que ele gritava! Tenho a certeza de que se ouvia em Elánsskaia.

Tendo encontrado o comandante da legião de Viochénskaja, Kramskov, Grigóri ordenou-lhe que conduzisse os seus atiradores para a orla da floresta, instalando-se aí a fim de poderem, em caso de necessidade, dirigir um fogo de flanco contra as filas dos atiradores vermelhos. Depois retirou-se para junto dos seus esquadrões.

Cruzou-se a meio caminho com um agente de ligação do Estado-Maior. Este, detendo o cavalo cujos flancos arfavam, soltou um suspiro de alívio:

- Custou-me a encontrá-lo!

- Que queres tu?

- O Estado-Maior manda dizer que o esquadrão de Tatárski abandonou as trincheiras. Tiveram medo de ficar cercados e bateram em retirada para as areias... Kudínov quer que o senhor lá vá imediatamente...

Acompanhado por um meio pelotão que possuía os cavalos mais rápidos, Grigóri meteu-se à estrada, depois de ter atravessado a floresta. Ao fim de vinte minutos de galope, ele e os seus soldados chegaram ao lado de Goli Ilmeno. À esquerda, os homens de Tatárski, tomados de pânico, fugiam em debandada pela planície. Os veteranos da frente e os homens já experimentados avançavam sem pressa, rodeando o lago, ocultos pelos juncos da margem; a maior parte, porém, apenas guiados pelo desejo de alcançar a floresta o mais cedo possível, marchavam a direito, sem fazerem caso do fogo pouco denso das metralhadoras.

- Agarrem-nos! Chicoteiem-nos! - berrava Grigóri, cego de raiva. Foi ele o primeiro a lançar o cavalo em perseguição dos homens da sua aldeia.

Atrás de todos, Khrisstónia manquejava a trote, bamboleando-se todo. Na véspera, fizera um golpe com uma cana num calcanhar quando andava à pesca, por isso não podia correr tanto como lho permitiriam as suas enormes pernas. Grigóri foi atrás dele, de chibata erguida. Khrisstónia, ao ouvir o ruído das ferraduras do cavalo, olhou para trás, aumentando a velocidade.

- Aonde vais tu? . Pára! Pára, já te disse!... - gritava emvão Grigóri.

Mas Khrisstónia não queria ouvir nada. Acelerou mais ainda o passo, que se transformou num galope desvairado de camelo.

Então Grigóri, louco de furor, proferiu com voz rouca uma horrível praga obscena, estimulou com um grito o cavalo e, chegando junto do fugitivo, vibrou-lhe, deliciado, uma enorme chicotada nas costas suadas. Khrisstónia deu um salto formidável para o lado, semelhante ao pulo de uma lebre, e, sentando-se no chão, pôs-se a apalpar com todo o cuidado as costas.

Os cossacos do pelotão de Grigóri, à medida que iam alcançando os fugitivos, obrigavam-nos a parar, sem contudo se servirem das chibatas.

- Chicoteiem-nos!... Chicoteiem-nos!... - exclamava Grigóri numa voz de falsete, agitando o pingalim.

O cavalo dele dava voltas sobre si mesmo, empinava-se, recusando-se teimosamente a avançar. Grigóri, após tê-lo dominado com dificuldade, prosseguiu atrás dos fugitivos. Num relance, avistou Stepane Astakhov, a sorrir em silêncio, imóvel junto de uma moita; viu Anikuchka, dobrado ao meio pelo riso, fazendo porta-voz com as mãos para gritar na sua voz de palhaço:

- Meus irmãos! Salve-se quem puder! Os vermelhos!... Raspem-se!... Raspem-se!

Grigóri perseguia um homem vestido com um casaco acolchoado que corria depressa e sem fadiga. A sua silhueta curvada era-lhe estranhamente familiar, mas, sem tempo para reflectir, gritou-lhe de longe:

- Pára, filho de uma cadela!... Pára ou racho-te com o sabre!

De súbito, o homem do casaco acolchoado abrandou a corrida, parando por fim; quando ele começou a voltar-se com um movimento característico que Grigóri conhecia muito bem desde a infância, o qual traduzia sempre o auge da sua excitação, Grigóri reconheceu o pai, mesmo antes de lhe ter visto o rosto

As faces de Pantelei Prokófievitch estavam repuxadas pelos espasmos

- É ao teu pai que tu estás a chamar filho de uma cadela? É ao teu pai que tu queres rachar com o sabre? - Gritou ele numa voz de falsete.

Os seus olhos luziam com um furor irreprimível e tão familiar que a indignação de Grigóri esfriou de repente. Refreando de súbito o cavalo, exclamou:

- Não te reconheci pelas costas, pai. Porque berras assim?

- O quê? Não me reconheceste? Já não reconheces o teu pai?

Esta manifestação de amor-próprio da parte de um velho era tão estranha e descabida que Grigóri, depois de desatar a rir, adiantando o cavalo, proferiu numa voz conciliadora:

- Não te zangues, pai. Trazes um casaco que eu não conhecia, galopavas como um cavalo de corrida e nem sequer coxeavas. Como havia eu de te conhecer?

Mais uma vez, como outrora em casa, Pantelei Prokófievitch acalmou-se e, ainda ofegante mas já tranquilo, concordou:

- Tens razão, este casaco é novo, troquei-o pela minha peliça as peliças são pesadas e, quanto a coxear, alguém tem tempo para ser coxo, nestas alturas? Aqui, meu rapaz, não se pode ser coxo... Vemos a morte diante dos olhos e tu vens-me falar na minha perna coxa...

- Isso sim! A morte ainda vem longe! Volta para trás, pai. Ao menos não deitaste fora os cartuchos?

- Para onde queres tu que eu volte? - indignou-se o velhote.

Desta vez foi Grigóri quem levantou a voz. Destacando bem cada palavra, comandou:

- Ordeno-te que voltes para trás. Sabes o que te pode acontecer, segundo o regulamento, se desobedeceres a uma ordem?

Estas palavras produziram o efeito desejado: Pantelei Prokófievitch, ajeitando a espingarda no ombro, arrepiou caminho, sem entusiasmo. Ao alcançar outro velho que marchava ainda mais devagar do que ele, suspirou:

- Os nossos filhos, hoje em dia, chegaram a isto. Mostrar respeito aos pais, ou, por exemplo, isentar-nos do combate, é coisa que já se não usa, antes pelo contrário; mandam-nos para lá a toque de caixa! Pois então!... Na, o meu falecido Pedro, que Deus tem, valia bem mais do que este. Tinha uma alma pura, ao passo que este safado, este Grigóri muito embora esteja a comandar uma divisão, tenha muito valor, etc., etc., não é a mesma coisa. Sempre nas suas tamanquinhas, ninguém lhe pode tocar. Velho como sou, é capaz de me tratar por cima da burra.

Não foi difícil convencer os homens de Tatárski.

Grigóri em breve reuniu todo o esquadrão; levou-o para um sítio seguro e, sem se apeiar do cavalo, declamou rapidamente:

- Os vermelhos atravessaram o Don e vão tentar apoderar-se de Viochénsskaia. Lutaremos junto do Don. Não se trata de nenhuma brincadeira e não vos aconselho a fugirem sem motivo. Se isto torna a acontecer darei ordem à cavalaria que está em Erinsski para vos correr à sabrada como se fossem traidores.

Grigóri fitou a multidão vestida de trajos diferentes dos homens da sua aldeia, terminando com mal disfarçado desprezo:

- Neste esquadrão não faltam patifes e são eles que espalham o pânico. Fogem a sete pés, borram-se todos de medo, e são isto soldados! E ainda se dizem cossacos! Sobretudo vocês os velhos, tomem muita atenção! Se querem combater, não é altura de esconderem a cabeça entre as pernas. Agora já, divididos em pelotões, vão marchar direitos àquela linha,

lá adiante, e depois desde aqueles arbustos até ao Don! Caminham seguidamente ao longo do rio, até encontrarem o esquadrão de Semionóvsskaia! Então, juntamente com ele, atacam os vermelhos pelo flanco. Em frente, marchar! E aviem-se!

Os homens de Tatárski, após terem escutado em silêncio, dirigiram-se para os arbustos. Os velhos gemiam, acabrunhados, enquanto viam Grigóri afastar-se à rédea solta à frente dos cossacos que o acompanhavam. O velho Obnízov, que caminhava ao lado de Pantelei Prokófievitch, exclamava com admiração:

- O Senhor deu-te como filho um herói. Uma águia! Que valente chicotada ele aplicou nas costas do Khrisstónia! Meteu tudo na ordem num abrir e fechar de olhos!

Lisonjeado nos seus sentimentos paternos, Pantelei Prokófievitch concordou prontamente:

- Lá isso é verdade! Filhos como este há poucos. Traz ao peito um estendal de medalhas. Isso não é brincadeira nenhuma!, pois então! O meu falecido Petro que Deus tenha na sua divina presença, embora fosse o mais velho e pertencesse ao meu sangue, não era a mesma coisa que este! Sossegado de mais... como é que eu hei-de dizer? Faltavam-lhe certas coisas. No fundo, tinha alma de mulher. Ao passo que este é o meu retrato chapado. Ainda me passou as marcas!

Grigóri e o seu meio pelotão tentavam esgueirar-se para o vau dos Kalmuks. Chegados à floresta já se imaginavam em segurança, mas tinham sido vistos de um ponto de observação situado na outra margem do Don. Uma secção de artilharia abriu fogo. O primeiro obus passou por cima dos salgueiros, indo cair com um ruído surdo sobre um pântano coberto de moitas. O segundo atingiu, perto da estrada, as raízes descarnadas de um choupo velho, lançando chispas de fogo, chapadas de terra e lascas de madeira carunchosa para cima dos cossacos, que envolveu num barulho ensurdecedor.

Atordado, Grigóri, levando instintivamente a mão aos olhos, inclinou-se sobre o pomo da sela, e pareceu-lhe que o cavalo acabava de apanhar no flanco uma pancada surda e molhada.

Ao ouvirem esta explosão que abalara a terra, os cavalos dos cossacos agruparam-se todos, como obedecendo a uma ordem, e depois atiraram-se para a frente. O de Grigóri empinou-se pesadamente, recuando, depois, a inclinar-se de lado.

Grigóri saltou a toda a pressa para o chão, sem largar as rédeas. Passaram-lhe por cima mais dois obuses, seguindo-se-lhe um silêncio tranquilo ao longo da orla do bosque. Um fumo leve, de pólvora, caía sobre a relva; pairava no ar um cheiro a terra remexida de fresco e a madeira apodrecida; ouvia-se ao longe, na espessura da floresta, o cacarejar inquieto das pegas.

O cavalo de Grigóri agonizava, dobrando as patas dianteiras. Os seus dentes amarelos saíam-lhe fora da boca num esgar doloroso. Esticava o pescoço. O veludo cinzento do focinho estava coberto de uma espuma rosada. Uma tremura violenta sacudiu-lhe todo o corpo e uma onda de arrepios: enrugou-lhe o pêlo baio.

- Já tem a sua conta, o bicho? - inquiriu um cossaco que chegava a galope.

Grigóri não respondeu, fitava os olhos do cavalo que se iam apagando. Nem sequer olhava para a ferida, e só se afastou um pouco quando o animal, tomado de uma misteriosa urgência, se ergueu de súbito para cair de joelhos, como se quisesse pedir perdão ao dono. Depois deitou-se de lado, com um gemido surdo, tentando levantar a cabeça, mas as forças tinham-no abandonado: as tremuras tornavam-se cada vez mais raras, os Olhos apagavam-se-lhe e o suor brotava-lhe do pescoço.

Somente algumas pequenas veias latejavam ainda por cima dos jarretes, logo a seguir aos cascos. O coiro gasto da sela vibrava imperceptivelmente.

Grigóri lançou um olhar de esguelha à virilha esquerda do cavalo e viu uma ferida profunda donde o sangue negro e quente jorrava em borbotões; a gaguejar e sem enxugar as lágrimas, pediu ao cossaco que se apeara:

- Mata-o com uma bala.

E estendeu-lhe a Mauser.

Depois, montando no cavalo do cossaco, galopou para o local onde deixara o esquadrão. O combate era renhido.

Os vermelhos haviam atacado de madrugada. As suas vagas de assalto tinham surgido da névoa estratificada, avançando silenciosamente em direcção a Viochénskaja. Na ala direita, haviam perdido um certo tempo para transporem uma ravina cheia de água. Mas mergulharam nela até ao peito, erguendo ao alto as cartucheiras e as espingardas. Na outra margem, ao cimo da falésia, em breve quatro baterias começaram a trovejar majestosamente. Assim que os obuses desataram a cair em leque sobre a floresta, os insurrectos abriram fogo. Os vermelhos já não marchavam, corriam, de baioneta calada. Os shrapnells caíam na floresta, com um ruído seco, a uma distância de meia verstá adiante deles; as árvores tombavam, escavacadas pelos obuses, o fumo erguia-se, em nuvens esbranquiçadas. Duas metralhadoras cossacas desataram a disparar em rajadas curtas. Os vermelhos da primeira vaga começaram a cair. Aqui e ali, cada vez com mais frequência, as balas derrubavam os homens que traziam os capotes enrolados à cintura, e eles tombavam de bruços ou de costas, porém os outros não se deitaram no chão, e a distância que os separava da floresta era cada vez menor.

Precedendo a segunda vaga, um homem de alta estatura, um pouco curvado para a frente, de capote arregaçado, corria ligeiro e em cabelo, dando grandes passadas: era o comandante. Os homens afrouxaram um pouco o movimento, mas o comandante, voltando-se sem parar, gritou qualquer coisa e eles continuaram a correr. E o seu hurrá, rouco e terrível, aumentou de volume, cada vez mais furioso.

Todas as metralhadoras cossacas entraram em acção ao longo da floresta, os tiros deflagravam sem cessar. Algures, atrás de Grigóri, que se colocara com os seus homens logo à entrada do bosque, a metralhadora dos soldados de Báski pôs-se a disparar em longas rajadas. As vagas de assalto estremeceram e, deitando-se no chão, começaram a ripostar. O combate durou hora e meia, mas o fogo dos insurrectos, que haviam regulado o tiro, era tão baixo que a segunda vaga, sem aguentar mais, levantando-se, foi reunir-se à terceira, que progredia em saltos. Não tardou que a planície ficasse cheia de soldados vermelhos fugindo em desordem. Foi então que Grigóri, mandando sair a trote os seus esquadrões, os lançou, depois de formados, em perseguição dos vermelhos. O esquadrão do Tchir, que chegava a toda a brida, cortou-lhes a retirada para as jangadas. Perto da floresta, junto à margem, travou-se uma luta corpo a corpo. Somente parte dos vermelhos conseguiu abrir caminho até às jangadas. Apinharam-se todos lá dentro e afastaram-se da margem. Os outros combatiam, empurrados para o Don.

Grigóri, após ter dado ordem aos esquadrões para desmontarem e aos guardas dos cavalos para não saírem da floresta, conduziu os cossacos até à margem. Estes avançavam de uma árvore para outra. Cerca de quinhentos soldados vermelhos tinham até ali contido a pressão da infantaria insurrecta à força de granadas de mão e de rajadas de metralhadora. As jangadas tentaram regressar à margem esquerda), porém os homens de Báski liquidaram a tiro quase todos os remadores. A situação dos que ainda se encontravam na margem esquerda era desesperada. Os menos aguerridos, atirando fora as espingardas, quiseram atravessar o rio a nado. Os insurrectos, deitados ao nível da água, disparavam contra eles. Muitos afogaram-se, sem conseguirem transpor o rápido. Apenas dois alcançaram a outra margem. Um destes, de blusa de marinheiro, às riscas, decerto nadador experimentado, atirara-se de cabeça do alto da margem, mergulhara e só voltara à superfície no meio do rio.

Escondido atrás de um salgueiro de ramos copados, Grigóri via o marinheiro aproximar-se em grandes braçadas da margem oposta. Quanto ao outro, depois de haver esgotado todos os cartuchos, metido na água até à cintura, arremessou qualquer coisa e, depois de ameaçar os cossacos com o punho fechado, afastou-se em diagonal. As balas crivaram a água em seu derredor, mas nenhuma o atingiu. Pôs pé em terra no sítio de um

antigo bebedouro, sacudiu-se todo e começou a subir vagarosamente a ladeira em direcção às herdades.

Os vermelhos que tinham ficado à beira do Don deitaram-se ao abrigo de uma duna. A sua metralhadora crepitou até a água começar a ferver dentro do radiador.

- Sigam-me! - comandou Grigóri a meia voz logo que a metralhadora se calou. E dirigiu-se para a duna, de sabre desembainhado.

Atrás dele, resfolegando ruidosamente, os cossacos martelavam a terra com as suas passadas.

Distanciavam-nos apenas umas cinquenta ságenas dos vermelhos. Depois de disparar três salvas, o comandante, um homem alto, de tez bronzeada e bigodes negros, pôs-se de pé.

Uma mulher de casaco de cabedal amparava-o por debaixo dos braços. O comandante estava ferido. Segurando na perna partida, desceu a duna, a empurrar a espingarda de baioneta calada, e comandou numa voz rouca:

- Camaradas! Para a frente! Morram os brancos!

Um punhado de valentes, entoando a Internacional, marchou para o contra-ataque. Para a morte.

Os cento e dezasseis homens que caíram por último nas margens do Don eram todos comunistas da Companhia Internacional.

III

Grigóri voltou tarde ao seu alojamento depois de ter saído do Estado-maior. Prokhor Zikov esperava-o junto à cancela.

- Sabe-se alguma coisa de Akcínia? - perguntou com fingida indiferença.

- Não, não se sabe onde se meteu retorqui Prokhor bocejando. E disse consigo, aterrado: “Oxalá ele não se lembre de me mandar outra vez à procura dela... Parece que ando com azar.”

- Traz água para eu me lavar. Estou alagado em suor. Anda, despacha-te! - repetiu Grigóri já irritado.

Prokhor foi buscar água dentro de casa. Despejou-a de um jarro para as mãos de Grigóri, juntas em concha. Grigóri lavou-se com visível prazer.

Despiu a blusa que tresandava a suor e disse:

- Despeja-me água nas costas.

A água fria caindo-lhe nas costas ardentes fez-lhe soltar um grito e sacudiu-se todo. Depois esfregou com força os ombros fatigados pelas correias e o peito cabeludo. Enquanto se enxugava com uma toalha limpa, disse a Prokhor numa voz já mais animada:

- Esta manhã devem vir trazer-me um cavalo. Recebe-o, Pensa-o e trata de lhe arranjar aveia. Não me acordes, deixa-me dormir A não ser que me mandem algum recado do Estado-Maior. Percebes?

Entrando no telheiro, foi deitar-se num carro e mergulhou logo num sono profundo. De madrugada, sentindo frio, enroscou-se debaixo do capote húmido de orvalho e, já o sol tinha nascido, adormeceu de novo. Pelas sete horas, despertou-o o ruído forte de um tiro de canhão. Por cima da stania no céu azul e puro, voava em círculos um aeroplano com reflexos baços. Na outra margem, disparavam sobre ele com o canhão e a metralhadora.

- São muito capazes de o abater! - disse Prokhor enquanto escovava furiosamente um enorme garanhão avermelhado que estava preso a uma estaca. - Olha, Panteleievitch, que lindo macho te mandaram!

Grigóri inspeccionou rapidamente o animal, inquirindo com ar satisfeito:

- Não vi que idade tinha. Andará pelos seis anos?

- Seis anos, sim, deve ser isso.

- Oh, que bonito! Olha-me para essas pernas afuseladas, calçadas de branco! Lindo cavalinho... Anda, sela-o, quero ir ver o que nos vem do céu...

- Lá que é bonito não se pode negar! Agora veremos como corre. No entanto, parece-me muito vivo - resmungou Prokhor enquanto apertava os arreios.

Explodiu um novo shrapnel ao lado do aeroplano, soltando uma pequena nuvem de fumo branco.

Depois de escolher o lugar de aterragem, o piloto desceu rapidamente. Grigóri, transpondo a cancela, galopou em direcção às cavalariaças da stanitsa, atrás das quais ele poisara.

Mais de oitocentos prisioneiros vermelhos achavam-se encerrados nas cavalariaças dos garanhões da stanitsa um comprido edifício de pedra na extremidade da aldeia. As sentinelas não os deixavam sair para satisfazerem as suas necessidades e não tinham pia de retrete. Um cheiro pesado e denso a excrementos humanos envolvia a cavalariaça como se fosse um muro. Um rio de urina pestilenta, sobre a qual esvoaçava um enxame de moscas verdes, corria por baixo das portas...

Dia e noite, ouviam-se gemidos abafados nessa prisão para condenados à morte. Centenas de prisioneiros sucumbiam de fraqueza, tifo e disenteria, doenças que grassavam entre eles. Por vezes deixavam lá ficar os mortos dias inteiros sem os retirarem

Grigóri deu a volta à cavalariaça e ia apear-se quando o canhão se fez de novo ouvir surdamente na outra margem do Don. O chiar do obus que se aproximava, aumentando de intensidade, juntou-se ao estampido da explosão.

O piloto e o oficial que o acompanhava mal tiveram tempo de sair da carlinga e logo ficaram rodeados pelos cossacos.

Imediatamente todas as peças da bateria da colina entraram em acção. Os obuses caíam, certos, em volta da cavalariaça.

O piloto voltou a subir a toda a pressa para a carlinga, mas o motor recusava-se a trabalhar.

- Levem-no à mão! - comandou com voz de estertor o oficial que vinha da outra margem do Donetz. E ele próprio se pôs imediatamente a empurrar uma asa.

O aeroplano foi levado com facilidade para debaixo dos pinheiros, num passo leve e ondulante. A bateria acompanhava-o com o seu fogo rápido. Um dos obuses caiu sobre a cavalariaça cheia de prisioneiros. Um dos ângulos do edifício desabou no meio de uma fumarada espessa e de um turbilhão de poeira calcária. As paredes tremeram com o grito dos vermelhos, transidos de pânico. Três prisioneiros saltaram pela brecha aberta e os cossacos, acorrendo, crivaram-nos de balas à queima-roupa.

Grigóri afastou-se a galope.

- Vão matar-te! Esconde-te dentro do pinhal! – gritou um cossaco que fugia à desfilada, com o medo estampado no rosto e nos olhos piscos, esbranquiçados.

“É certo que podem atingir-me com estas coisas nem o Diabo brinca”, pensou Grigóri. E regressou sem pressa ao abrigo.

Nesse dia, Kudínov convocou uma conferência secreta no Estado-Maior, não convidando Grigóri. O oficial do Exército do Don que viera de aeroplano anunciou em poucas palavras que, de um dia para o outro, a frente vermelha seria rompida pelas unidades do grupo de choque concentrado perto da stanitsa Kaménsskaia e que uma divisão de cavalaria do Exército do Don, sob o comando do general Secretev se desviaria para se vir juntar aos insurrectos. O oficial propôs que preparassem sem demora os meios necessários à travessia a fim de lançarem os regimentos insurrectos a cavalo na margem direita do Don, mal estes conseguissem juntar-se à divisão de Secretev: aconselhou que se concentrassem as reservas o mais próximo possível do rio e, no fim da conferência, depois de ter sido elaborado o plano da travessia e o movimento das unidades de perseguição, inquiriu:

- Porque é que vocês conservam os prisioneiros em Viochénskkaia?

- Não temos outro sítio para os guardar, não há lugar nas aldeias respondeu um dos oficiais do Estado maior.

O oficial limpou demoradamente o crânio rapado, coberto de suor, desabotoando a gola do uniforme caqui, e disse, com um suspiro:

- Mandem-nos para Kaménsskaia.

Kudínov ergueu as sobrancelhas com ar espantado.

- E depois?

- Depois, tragam-nos outra vez para Viochénskkaia... - explicou o oficial num tom condescendente, piscando os olhos azuis e frios.

E terminou duramente, de lábios cerrados:

- Não compreendo, meus senhores, porque se faz tanta cerimónia com tal gente. Creio que não estamos em tempo disso. Essa cambada é um foco de toda a espécie de doenças, tanto físicas como sociais, e é preciso exterminá-la. Não nos merece contemplações. No vosso lugar, faria isso.

No dia seguinte, o primeiro contingente de duzentos prisioneiros era conduzido às dunas. Lívidos, desarmados, com a pele acinzentada, mal podiam pôr um pé à frente do outro.

Uma escolta a cavalo rodeava o grupo em desordem... Durante o percurso de dez verstás que separava Viochénsskaia de Dubrovka, aqueles duzentos homens foram passados a fio de sabre do primeiro ao último. Antes da noite, o segundo grupo seguia o mesmo caminho. A escolta recebera ordens formais: utilizar a arma branca contra todos os que ficassem para trás e só disparar em casos extremos. De cento e cinquenta homens, só dezoito chegaram a Kaménsskaia... Um desses era um jovem soldado de tipo cigano, que enlouquecera pelo caminho.

Enquanto ia andando cantava, dançava e chorava, a apertar contra o peito um ramo de alecrim perfumado que colhera.

Caía muitas vezes de bruços na areia escaldante, o vento agitava-lhe os farrapos sujos da camisa de algodão, e os homens da escolta viam-lhe então a pele esticada das costas ossudas e as plantas negras, cheias de gretas, dos pés afastados. Erguiam-no, despejavam-lhe em cima água dos cantis, e ele então abria os olhos negros e brilhantes de loucura, ria baixinho e retomava a marcha vacilante.

Numa das aldeias, algumas mulheres compadecidas rodearam os homens da escolta.

- Vais soltar esse tipo aciganado. Perdeu o juízo, aproximou-se de Deus e seria um grande pecado matá-lo.

O chefe, um tenente de compleição atlética e bigodes ruivos, respondeu sorrindo:

- Nós cá, tiazinha,, não receamos sobrecarregar a alma com mais um pecado. Assim como assim, nunca faremos parte dos justos...

- Vais soltá-lo, não digas o contrário - teimava a velhota. - A morte espreita-vos a todos...

As outras mulheres apoiaram em uníssonos e o chefe concordou.

- Cá a mim não me faz diferença nenhuma. Fiquem lá com ele. Dali não vem mal ao mundo, de resto. Mas em troca desta boa acção vocês vão oferecer a cada um de nós uma caneca de leite gordo.

A velha levou o louco para casa, deu-lhe de comer e deitou-o na sua cama. Ele dormiu vinte e quatro horas a fio e, ao acordar, levantou-se, começou a cantar baixinho, de costas para a janela. A velha entrou no quarto e foi pôr-se, de cara apoiada na mão, a observar demoradamente, com o olhar penetrante, o rosto emaciado do rapaz. Depois declarou em voz baixa:

- Parece que os teus camaradas não andam longe daqui...

O louco calou-se uns segundos, mas recomeçou logo a cantilena, agora mais baixo ainda.

Então a velha disse severamente:

- Olha, meu amigo, vais acabar com a cantiga e com essa comédia toda que me queres impingir. Não nasci ontem e a mim ninguém me faz o ninho atrás da orelha. Tu tens o juízo todo, sei-o perfeitamente. Ouvi-te falar enquanto dormias e falavas acertado.

O soldado vermelho continuou a cantar, mas cada vez mais em surdina. A velha prosseguiu:

- Não tenhas medo de mim, não te quero mal. Tive dois filhos que morreram na guerra contra os alemães e o último que me restava morreu agora nesta luta, em Tcherkassk. Trouxe-os a todos no meu seio... Criei-os e eduquei-os. Tantas noites sem dormir, quando era nova... É por isso que lamento todos os rapazes que andam na guerra...

Calou-se um momento.

O soldado vermelho calou-se também. Fechando os olhos, subiu-lhe ao rosto tisonado uma vermelhidão imperceptível. Uma veiazinha azulada começou a latejar-lhe no pescoço fino e negro.

Ficou um momento assim, numa silenciosa expectativa, depois entreabriu os olhos negros e inteligentes. Ardia tal impaciência neles que a velha sorriu de leve.

- Sabes o caminho para Chumiilínsskaia?

- Não, tiazinha - respondeu o soldado vermelho quase sem mover os lábios.

- Então como hás-de ir-te embora daqui?

- Não sei...

- É isso. Que hei-de eu fazer agora de ti?

A velha esperou durante muito tempo uma resposta, prosseguindo depois:

- E de caminhar, és capaz?

- Hei-de ser, ou mal ou bem.

- Nestas alturas não se pode caminhar “mal ou bem”. Tens de partir de noite e de andar o mais depressa possível. Ficas ainda aqui uma noite e vou dar-te mantimentos. O meu neto ensina-te o caminho e, depois, seja o que Deus quiser! Os teus camaradas vermelhos estão por detrás de Chumiilínsskaia, sei-o de fonte segura. É aí que vais ter com eles. Mas não devem seguir a estrada principal, atravessam a estepe, seguem pelos valados e pelos bosques, longe dos caminhos. De contrário, os cossacos deitam-vos a mão e não ficareis lá com muita saúde. Está combinado, meu amigo.

No dia seguinte, ao cair da noite, a velha abençoou o neto, um garoto de doze anos, e o soldado vermelho que disfarçara com um capote cossaco. No momento da partida, disse-lhes severamente:

- Vão com a graça de Deus! Mas tratem de não encontrar soldados. Não tem de quê, meu amigo, não tem de quê. Não é a mim que deves agradecer, mas sim ao bom Deus.

Não sou só eu que assim procedo. Nós, as mães, somos todas boas... Temos compaixão de vocês, embora sejam malditos. Bem, bem, ide lá, e que Deus vos acompanhe!

E bateu com a porta oscilante, pintada de argila amarela.

IV

Ilínitchna acordava todos os dias de madrugada, ia ordenhar a vaca e começava a cozinhar. Não se servia do fogão, acendia uma fogueira na cozinha de Verão, fazia o almoço e voltava a casa a tratar das crianças.

Natália restabelecia-se pouco a pouco do tifo. No dia a seguir à festa da Trindade, levantou-se da cama pela primeira vez deu a volta ao quarto, arrastando com dificuldade as pernas secas, e catou durante muito tempo os piolhos da cabeça dos filhos. Depois, sentada num banco, tentou mesmo lavar-lhes as roupas.

O sorriso não lhe abandonava o rosto pálido, um ligeiro rubor cobria-lhe as faces cavadas, e os seus olhos, que a doença tornara enormes, cintilavam com um brilho trémulo e luminoso, como acontece a seguir a um parto.

- Poliúchka, minha queridinha, diz lá: Michatka não te arreliou muito enquanto estive doente? - perguntou ela com voz fraca, pronunciando as palavras lentamente, a passar a mão nos cabelos negros da filha.

- Não, mãezinha. Michatka só me bateu uma vez, e com pouca força, fora isso brincámos sempre os dois - respondeu a pequena num sopro, apoiando com força o rosto nos joelhos da mãe.

- E a avó, deu-vos muito mimo? - informou-se Natalia sorrindo.

- Muito.

- E os estrangeiros, os soldados vermelhos, não vos fizeram nada?

- Degolaram a nossa porca, os malditos! - respondeu com a sua vozinha grossa Michatka, que se parecia extraordinariamente com o pai.

- Não se deve maldizer ninguém, Michatka. Sempre me saíste um grande chefe de família! É feio dizer mal das pessoas grandes observou Natalia sentenciosamente, disfarçando um sorriso.

- Foi o avô que disse, pergunte à Poliúchka – replicou com ares rancorosos o pequeno Melekhov para se justificar.

- É verdade, mãezinha. E as nossas galinhas, também as mataram todas, até à última.

Poliúchka animou-se: os seus olhitos negros brilhavam enquanto contava a chegada dos vermelhos à herdade e dizia que tinham morto as galinhas e os patos e que a avó

Ilínitchna lhes pedira que deixassem o galo amarelo de crista prateada, para fazer criação. E um soldado vermelho, todo brincalhão, respondera pegando no galo: “Este galo, tiazinha, cantava contra o poder dos Sovietes, está condenado à morte. Por mais que faças, vai para a panela. Em troca dele, deixamos-te as nossas velhas botas.”

E Poliúchka explicava, abrindo os braços:

- Deixou cá umas botas desta altura. Altas, muito grandes, e todas cheias de buracos.

A rir e a chorar, Natalia ia acariciando os filhos e murmurava alegremente, sem desprender os olhos encantados do rosto da filha:

- Ah, minha Grigórievna! És mesmo filha do Grigóri! O retrato chapado do teu pai!

- E eu? - perguntou Michatka, com ciúmes, encostando-se timidamente à mãe.

- Tu também és parecido com ele. Mas tem cuidado, quando fores grande, não sejas tão maroto como ele foi...

- Maroto? Maroto, porquê? - inquiriu Poliúchka, intrigada.

Uma sombra de tristeza cobriu o rosto de Natalia. Não respondeu, levantando-se com esforço do banco.

Ilínitchna, que assistira à conversa, voltou as costas, descontente. Natalia já não ouvia os filhos. De pé, junto à janela, ficou-se a contemplar as portadas corridas da casa dos Astakhov. Suspirava, enquanto ia puxando nervosamente pela orla da blusa esfiapada.

No dia seguinte, acordando com a aurora, ergueu-se devagarinho para não acordar os filhos, arranjou-se, tirou da arca uma saia limpa, uma blusa e um lenço branco. Estava visivelmente comovida e, pela maneira como se vestia, pelo seu silêncio triste e severo, Ilínitchna calculou que ela se preparava para ir visitar a campa do avô Grichaka.

- Aonde vais tu? - inquiriu para se certificar.

- Vou visitar o meu avô - retorquiu Natalia sem erguer a cabeça, pois receava desatar aos soluços.

Sabia que ele tinha morrido e que Kochevói queimara a casa e as dependências.

- Estás ainda muito fraca, não deitas até lá.

- Descanso pelo caminho. Dê de comer aos meninos, mãe. Talvez me demore.

- Sabe-se lá o que pode acontecer! Que necessidade tens tu de te demorar por lá? Podes muito bem dar de caras com esses demónios, Deus me perdoe. Fazias melhor em não ir, minha filha.

- Não, quero ir.

De sobrolho franzido, Natalia estendeu a mão para o trinco da porta.

- Então espera, não podes ir em jejum. Queres leite coalhado?

- Não, minha mãe. Deus lhe pague, mas não quero... Como quando voltar.

Ao ver a firme resolução da nora, Ilínitchna aconselhou:

- É preferível que atravesse os pomares acima do rio. Não te arriskas tanto a seres vista.

A névoa flutuava como uma cortina acima do Don. O sol não se erguera ainda, mas a orla do céu, para as bandas de leste, riscada pelos choupos, ardia numa aurora cor de púrpura e, de trás das nuvens, soprava um ventinho frio, precursor da manhã.

Natália transpôs a cerca derrubada, onde se entrelaçavam corriolas, e entrou no jardim dos Korchunov. com as mãos apertadas sobre o peito, deteve-se junto de um pequeno montículo de terra remexida de fresco.

As ortigas e as silvas invadiam impetuosamente o jardim.

Cheirava ali aos juncos húmidos de orvalho e a terra molhada, a nevoeiro. Um estorninho solitário, de penas eriçadas, estava empoleirado em cima da velha macieira, crestada pelo incêndio.

A terra da sepultura abatera. Aqui e ali, entre os montes de barro seco, apareciam já as pontinhas verdes da erva a despontar.

Perturbada pelas recordações que lhe afluíam à mente, Natalia ajoelhou-se em silêncio, poisou o rosto na terra áspera, desde sempre impregnada da podridão mortal...

Dali a uma hora, saía furtivamente do jardim e encaminhava-se de novo, com o coração apertado, para o sítio onde outrora florira a sua juventude; no pátio deserto, tudo era negro: as traves carbonizadas dos telheiros, os escombros fuliginosos das lareiras e dos alicerces. Saiu devagarinho para a rua.

Natalia ia-se restabelecendo dia a dia. As pernas ganhavam forças, os ombros arredondavam-se-lhe, a saúde tornava-lhe o corpo mais cheio. Em breve foi capaz de ajudar a sogra na cozinha. Enquanto lidavam junto do fogão, mantinham longas conversas.

Um dia, Natalia inquiriu, irritada:

- Quando acabará isto? Já não posso mais!

- Vais ver, os nossos não tardam em passar o Don - respondeu Ilínitchna num tom confiante.

- Como é que o sabe, mãe?

- Diz-me o coração.

- Se ao menos os homens voltassem sãos e salvos! Queira Deus que nenhum seja morto ou ferido. O Grichka é um esturrado! - suspirou Natalia.

- Não tenhas medo, nada lhe sucederá. Deus é misericordioso.

- O nosso velho prometeu atravessar outra vez o rio para nos trazer notícias, mas se calhar teve medo. Se ele cá viesse, tu podias voltar para junto da nossa gente, fugindo ao

perigo. Os nossos defendem-se em frente da aldeia. Outro dia, quando ainda estavas de cama e não davas conta de nada, fui até ao Don buscar água de manhã cedo e ouvi o Anikuchka a gritar do outro lado: “bom dia, avozinha! O seu velho manda-lhe saudades!”

- E o Grichka, onde está ele? - inquiriu prudentemente Natalia.

- Comanda-os a todos de longe - respondeu ingenuamente Ilínitchna.

- Mas comanda-os donde?

- De Viochénskaia. Onde queres tu que seja?

Natalia ficou um grande bocado sem falar. Ilínitchna lançou os olhos para ela, perguntando, assustada:

- Mas que tens tu? Porque choras?

Sem responder, Natalia apertava o avental sujo sobre o rosto, soluçando baixinho.

- Não chores,, minha pequena Chorar de nada serve. Se Deus quiser, ainda o veremos outra vez com vida e saúde. Mas toma cuidado contigo. Não saias para o pátio sem ser preciso. Senão aqueles anticristos podem ver-te, começam a olhar para ti...

Principiava a escurecer na cozinha. Lá fora, um vulto tapou a janela. Ilínitchna, voltando-se, soltou um grito:

- São eles, são os vermelhos! Natáliuchka! Vai depressa meter-te na cama e finge que estás doente... Esconde-te debaixo da roupa.

A tremer de medo, Natalia mal teve tempo de se enfiar na cama. O trinco da porta deu um estalido, entrando um soldado vermelho, muito alto, que baixou a cabeça ao transpor os umbrais. As crianças agarraram-se às saias de Ilínitchna, que se fizera muito pálida. Deixou-se cair no banco, junto do fogão, derrubando uma bilha de leite coalhado sobre o lume.

O soldado vermelho percorreu a cozinha com um olhar rápido, dizendo numa voz forte:

- Não tenham medo que eu não vos como. Bons dias!

Natalia soltava gemidos a fingir, com a cabeça escondida dentro dos cobertores. Michatka, que observara de soslaio o homem, anunciou num tom triunfante:

- Avó! Foi este que matou o nosso galo, lembrás-te?

O soldado vermelho tirou o boné de caqui, deu um estalo com a língua e sorriu.

- Reconheceste-me, patife. Quem te mandou falar no galo, hem? Ora muito bem, patroa, o caso é este: és capaz de nos cozer pão? Farinha temos nós.

- Sou capaz... sim senhor... Vou já tratar disso... – respondeu prontamente Ilínitchna sem olhar para o homem, enquanto ia enxugando o leite que se entornara sobre o banco.

O vermelho, sentando-se junto da porta, tirou a bolsinha do tabaco da algibeira e, ao mesmo tempo que enrolava um cigarro, meteu conversa:

- Pode ser esta noite?

- Pode ser ainda esta noite, se vocês estão com pressa.

- Na guerra, tiazinha, há sempre pressa. Quanto ao galo, não fique zangada connosco.

- Oh, nem me lembro disso! - retorquiu Ilínitchna toda aflita. Foi aquele malandro. Só se lembra do que não deve...

- Tu és muito avarento, pequeno... - disse a Michatka o expansivo visitante, com um sorriso bonacheirão. Porque olhas tu para mim com esses ares de lobo atrevido? Anda cá, vamos lá conversar a respeito do teu galo.

- Vai lá, querido - murmurou Ilínitchna, empurrando-o com o joelho.

O garoto, porém, desprendendo-se da saia da avó, tentou esgueirar-se para fora da cozinha e conseguiu alcançar sorrateiramente a porta. com o braço comprido, o soldado atraiu-o a si e perguntou:

- Ficaste zangado, ou quê?

Não respondeu Michatka num murmúrio.

- Bom, antes assim. Um galo não faz ninguém rico. Onde está o teu pai? Na outra margem do Don?

- Sim.

- Então luta contra nós?

Cativado pelas maneiras insinuanes do homem, Michatka declarou, entusiasmado:

- É ele quem comanda todos os cossacos.

- Ah, seu mentiroso!

- Pergunte à minha avó!

Esta, porém, não conseguiu fazer mais do que juntar as mãos e soltar um gemido, de tão aterrada que ficara com a tagarelice do neto.

- É ele quem comanda todos os cossacos? - perguntou de novo o soldado vermelho, perplexo.

- Bem, todos não... - respondeu Michatka, já menos senhor de si, perturbado pelos olhares desesperados da avó.

O soldado vermelho calou-se um momento e depois disse, enviesando os olhos para o lado de Natalia:

- A rapariga está doente, hem?

- É o tifo respondeu Ilínitchna de mau humor.

Dois soldados vermelhos entraram trazendo um saco de farinha que poisaram junto à soleira da porta.

- Acende o forno, patroa. Logo à noite vimos buscar o pão. Mas cautela, que tenha o peso todo, senão estás mal da vida.

- Vou fazer o pão como sei - respondeu Ilínitchna toda satisfeita pelo facto de os recém-chegados terem interrompido a conversa perigosa e por Michatka se ter esgueirado para fora da cozinha.

Um deles inquiriu, designando Natalia com um gesto da cabeça:

- Está com o tifo?

- Está.

Os vermelhos trocaram algumas palavras a meia voz e saíram. Mal o último voltara a esquina, quando se ouviram tiros do outro lado do Don.

Dobrados ao meio, alcançaram, correndo, o muro baixo meio destruído, deitaram-se atrás dele e, fazendo estalar todos ao mesmo tempo as culatras, começaram a responder.

Ilínitchna, aterrada, saiu para o pátio à procura de Michatka.

Detrás do muro, eles gritaram-lhe:

- Hé, avozinha! Entra para dentro de casa. Senão matam-te!

- O nosso menino está no pátio! Michenka! Meu amor! - gritava a velha com lágrimas na voz.

Correu até ao meio do pátio e imediatamente deixaram de disparar na outra margem. Os cossacos tinham-na avistado.

Mal ela entrou em casa, levando ao colo Michatka que viera ao seu encontro a correr, a fuzilaria recomeçou, prosseguindo até os vermelhos terem deixado a quinta dos Melekhov.

Ilínitchna amassou o pão, enquanto ia conversando a meia voz com Natalia, mas não teve tempo de o cozer.

Cerca do meio dia, os soldados vermelhos dos ninhos de metralhadoras que se encontravam na aldeia abandonaram de repente as herdades e começaram a trepar a toda a pressa a colina, seguindo pelas ravinas, com as metralhadoras a arrastar atrás de si.

A companhia que ocupava as trincheiras lá no alto, formando, dirigiu-se em marcha rápida para a estrada dos hetmans.

Um grande silêncio estendeu-se de súbito sobre toda a região. Nas estradas e nos atalhos de Verão invadidos pelas ervas, os carros e as baterias vindos das aldeias formavam bichas intermináveis em direcção à estrada dos hetmans; a infantaria e a cavalaria partiram em colunas.

Ilínitchna espreitava à janela os últimos vermelhos a treparem as escarpas barrentas e, limpando as mãos às cortinas, benzeu-se com emoção:

- Foi Deus que assim o quis, Natáliuchka: os vermelhos vão-se embora.

- Ai, minha mãe, deixam a aldeia para irem esconder-se nas trincheiras das colinas, mas à noite voltam...

- Então porque correm com tanta pressa? Os nossos chegaram-lhes a roupa ao pêlo. Estão a recuar, os malditos! Vão-se embora, os anticristos! rejubilava Ilínitchna. E voltou a amassar o pão.

Natalia, saindo do vestíbulo, parou na soleira com a mão em pala e pôs-se a observar demoradamente a colina barrenta Inundada de sol e os seus contrafortes enegrecidos pelo fogo.

Atrás desta, no silêncio majestoso que anuncia a tempestade, erguiam-se os dorsos espumosos das nuvens brancas. O sol do meio-dia queimava a terra. Os ratos do trigo bufavam nas pastagens, e esse ruído calmo e melancólico combinava-se estranhamente com o canto alegre das toutinegras. O silêncio que se seguira ao troar dos canhões era tão agradável para o coração de Natalia que se pôs a escutar, imóvel e avidamente, a canção ingénua das toutinegras, o chiar do poço, o murmúrio do vento repassado do cheiro amargo dos absintos.

Era acre e perfumado, esse vento de leste, o vento das estepes, um vento alado. Exalava o calor da terra negra a escaldar, os perfumes capitosos de todas as ervas derrubadas pelo sol; mas já se vinha sentindo a aproximação da chuva: uma humidade bafienta subia do Don; as andorinhas, rasando a terra com as pontas das asas abertas, traçavam arabescos no ar; e longe, muito ao longe, na atmosfera azul, vogava uma águia das estepes, fugindo à borrasca iminente.

Natalia deu alguns passos no pátio. Os cartuchos vazios amontoavam-se em pequenos montículos doirados atrás do muro. Os vidros e as paredes caiadas da casa estavam furados pelas balas. À frente de Natalia, uma galinha que escapara fugiu a esvoaçar, cacarejando, para o telhado da granja.

Aquele silêncio suave não se manteve durante muito tempo sobre a aldeia. O vento começou a soprar; as portas e os postigos abertos das casas abandonadas desataram a bater. Uma nuvem de saraiva, branca como neve, cobriu subitamente o sol e vogou para oeste.

A segurar os cabelos despenteados pelo vento, Natalia entrou na cozinha de verão, donde contemplou mais uma vez a colina. No horizonte, envoltas numa nuvem de poeira lilás, as carroças partiam a trote, precedidas de alguns cavaleiros isolados a galope. “Sempre é verdade, eles vão-se embora”, pensou ela com alívio.

V

Não entrara ainda no vestíbulo quando algures, ao longe, começaram a reboar surdamente tiros de canhão e, como a fazer-lhes eco, o som alegre dos carrilhões das duas igrejas de Viochénsskaia flutuou sobre o Don.

Na outra margem, os cossacos tinham surgido da floresta numa multidão compacta. Arrastavam atrás de si ou levavam a braço alguns barcos que punham a flutuar no Don. Os remadores, de pé à popa, manejavam habilmente os remos. Umas trinta barcas dirigiam-se rapidamente para a aldeia.

- Natáliuchka! Minha querida! São os nossos que lá vêm! - gritou chorando Ilínitchna que saíra a correr da cozinha.

Natalia, pegando em Michatka ao colo, ergueu-o bem alto. Os seus olhos brilhavam febrilmente, e sentia-se sufocar, a voz quebrava-se-lhe.

- Olha, meu amor, olha tu, que vês bem... Talvez o teu pai venha com os cossacos... Não estás a vê-lo? Não é ele, ali, na primeira barca? Ah, mas tu não estás a olhar para onde eu digo!...

No desembarcadero, só encontraram Pantelei Prokófievitch muito emagrecido. O velho quis logo saber se os bois estavam bem e pediu notícias da herdade e do trigo. Depois verteu algumas lágrimas ao beijar os netos. Quando entrou, a coxear num passo rápido, no pátio, empalideceu e caiu de joelhos. Depois, prostrou-se no chão, voltado para o Oriente, persignando-se num gesto largo, permaneceu muito tempo sem erguer da terra ardente o rosto seco e a cabeça desgrenhada.

Um grupo de três mil cavaleiros do Exército do Don, comandados pelo general Secretev, com seis peças de cavalaria e dezoito metralhadoras puxadas por cavalos, rompeu a frente a 10 de Junho, junto da stanitsa de Ust-Belokalitvénskaia num golpe fulminante e seguiu ao longo do caminho-de-ferro na direcção da stanitsa de Kaménskaia.

Dali a dois dias, de manhã cedo, uma patrulha de oficiais do 9.º Regimento do Don deparou, junto ao rio, com um posto avançado insurrecto. Ao avistarem o destacamento a cavalo, os cossacos precipitaram-se para uma ravina, porém o capitão cossaco que comandava a patrulha, reconhecendo os insurrectos pelas fardas, agitou um lenço branco na ponta do sabre enquanto gritava numa voz de estentor:

- São amigos!... Não fujam! É a nossa gentel!...

A patrulha avançou sem tomar precauções até à entrada da ravina. O chefe do posto insurrecto avançou, a abotoar pelo caminho o capote manchado de orvalho. Desmontaram oito oficiais, e o capitão, ao aproximar-se do ajudante, tirando o boné de caqui, no qual brilhava uma insígnia de oficial, disse, sorrindo:

- Ora bom dia, amigos! Abracemo-nos segundo o velho costume cossaco.

Beijou o ajudante nas duas faces, depois, enquanto limpava com o lenço os beiços e o bigode, a sentir pesar sobre si os olhares atentos dos companheiros, inquiriu lentamente, franzindo a cara num sorriso entendido:

- Com que então voltaram! Viram que os vossos compatriotas valem mais do que os bolchevistas?

- Sim, Vossa Nobreza. Resgatamos o nosso pecado... Andamos a combater há três meses, já não contávamos mais consigo.

- Levaram tempo, mas acabaram por compreender. O que lá vai, lá vai. Diabos levem quem guardar rancor. Qual é a vossa stanitsa?

- Kazánsskaia, Vossa Nobreza.

- A vossa unidade está na outra margem do Don, não é verdade?

- Sim, Vossa Nobreza.

- Para que lado foram os vermelhos?

- Para montante, sem dúvida em direcção de Donétsskaia Slobódka.

- A vossa cavalaria ainda não atravessou?

- Ainda não, Vossa Nobreza.

- Porquê?

- Não sei, Vossa Nobreza. Nós fomos os primeiros a atravessar para este lado.

- Eles tinham aqui artilharia?

- Duas baterias.

- Quando se foram embora?

- Ontem, ao cair da noite.

- É preciso ir em perseguição deles. Vamos, cambada de palermas! disse o capitão num tom de censura.

Dirigindo-se ao cavalo, tirou da mochila um bloco de notas e um mapa.

O ajudante mantinha-se em posição de sentido, com o dedo mindinho a tocar na costura das calças. Os cossacos tinham-se agrupado atrás dele e observavam com um misto de alegria e receio inconsciente os oficiais, as selas, os cavalos, que eram de boa raça, mas vinham esgotados da corrida.

Os oficiais, envergando túnicas inglesas muito justas, com dragonas, e largos calções de montar, para desentorpecerem as pernas, iam e vinham ao lado dos cavalos, enquanto lançavam aos cossacos olhares de viés. Nenhum deles trazia já os galões desenhados a tinta, como no Outono de 1918. Botas, selas, cartucheiras, binóculos, as carabinas presas nos selins, tudo isso era novo e de origem estrangeira. Apenas um, o que parecia mais idoso, envergava uma tcherkesska de belo pano azul, um barrete de caracul castanho dourado de Bukhara e botas de montanhês sem tacão. Foi o primeiro a aproximar-se dos cossacos num passo vagaroso, enquanto tirava da sacola um elegante maço de cigarros com o retrato do rei Alberto da Bélgica.

- Vai uma cigarrada, rapazes! ofereceu.

Os cossacos estenderam as mãos ávidas para os cigarros. Os outros oficiais aproximaram-se.

- Então, como é que correram as coisas enquanto cá estiveram os bolchevistas? - inquiriu um sargento de cabeça grande e ombros largos.

- Foi um bocado duro... - respondeu num tom reticente um cossaco vestido com uma velha túnica, a chupar gulosamente no cigarro. Não tirava os olhos das botas altas, atacadas até ao joelho, que apertavam as pernas gordas do sargento.

As botas dele estavam todas cambadas e rotas e mal se lhe seguravam nos pés. As suas meias de lã branca, muito remendadas, que puxara para cima das dobras das calças, encontravam-se em farrapos. Por isso não conseguia despregar os olhos encantados das botas inglesas do oficial, que o atraíam com a espessura das solas e os ilhós de cobre reluzente. Sem poder conter-se mais, exprimiu a sua admiração.

- Ena! Vocês andam bem calçados!

O sargento, porém, não estava interessado numa conversa pacífica. E disse perfidamente, num tom provocante:

- Vocês preferiram ao equipamento estrangeiro o calçado de casca de tília proveniente de Moscovo, por isso não têm razão para sentirem inveja.

- Foi uma asneira. Estávamos iludidos... - respondeu um cossaco atrapalhado, olhando para os companheiros, à espera de apoio.

O sargento continuava a perorar num tom irónico:

- Vocês têm tanta inteligência como os bois. Os bois fazem sempre o mesmo: avançam um passo, depois param, reflectem. Foi uma asneira. No Outono passado, quando vocês abriram a frente, qual era a vossa ideia? Queriam ser todos comissários. Que belos defensores da pátria!

Um jovem tenente murmurou ao ouvido do sargento que ele estava a ir demasiado longe: “Cala-te! Já basta!” O sargento, depois de esborrachar o cigarro com o pé, cuspiu e aproximou-se dos cavalos, a bambolear-se todo.

O capitão, entregando-lhe um bilhete, disse-lhe qualquer coisa a meia voz.

Com uma ligeireza extraordinária, o sargento saltou para a sela, deu uma meia volta brusca e partiu a galope em direcção a oeste.

Os cossacos agrupavam-se, perturbados. O capitão, aproximando-se, perguntou alegremente, a fazer soar as notas baixas da sua voz sonora de barítono:

- Quantas verstás são daqui até Varvárinsski.

- Trinta e cinco - responderam ao mesmo tempo vários cossacos.

- Ora bem, amigos. Têm de ir dizer aos vossos chefes que as unidades de cavalaria devem atravessar o rio, vindo para aqui sem perda de um minuto. Um dos nossos oficiais vai acompanhar-vos até ao vau, será ele quem conduzirá depois a cavalaria. A infantaria deve efectuar um movimento na direcção de Kazánsskaia em formação de marcha. Entendido? Bem, então, vamos a isto! À esquerda, à esquerda, em frente, marchar!

Os cossacos desceram a encosta em desordem. Percorreram uma centena de ságenas em silêncio, como se estivessem combinados, e então o cossaco da túnica, um baixinho mal encarado que respondera ao sargento atrevido, abanou a cabeça e disse tristemente:

- Pronto, rapazes. Sempre se fez, essa tal junção...

E outro acrescentou:

- Tanto faz ser rábano, como rabanete, é tudo duro de roer.

E largou uma praga.

VI

Assim que se soube em Viochénsskaia da fuga precipitada dos vermelhos, Grigóri Melekhov, depois de atravessar o Don a nado com dois regimentos de cavalaria, mandou à frente algumas patrulhas reforçadas e dirigiu-se para o sul.

Combatia-se atrás da falésia do Don. O trovejar contínuo do canhoneio rugia surdamente, como se tudo se passasse debaixo da terra.

- Os cadetes parece que não poupam os obuses. É fogo rápido! - disse com admiração um comandante de unidade, aproximando-se de Grigóri.

Este não respondeu. Seguiu à frente da coluna, observando atentamente os arredores. Desde o Don até à aldeia de Báski, num percurso de três verstás, milhares de carroças e carros jaziam abandonados pelos insurrectos. Por toda a parte, na floresta, via-se espalhada toda a casta de objectos: baús quebrados, cadeiras, fatos, arreios, loiça, máquinas de coser, sacos cheios de grão, coisas armazenadas ali pela grande avidez dos seus proprietários quando da retirada para o Don. Em certos pontos, o caminho estava coberto de levedura doirada onde as pessoas se enterravam até ao joelho. A par disto, jaziam cadáveres putrefactos de bois e de cavalos, inchados, deformados pela decomposição.

- Foi isto o que eles ganharam! - exclamou Grigóri, impressionado; de cabeça descoberta, esforçando-se por não respirar, contornou um monte de grão apodrecido, a fim de não pisar o corpo de um velho de barrete cossaco e blusa ensanguentada. - Esteve até ao fim de guarda aos seus bens, o velhote. Aqueles diabos encurralaram-no aqui declarou um cossaco num tom compadecido. Por certo custava-lhe muito largar o produto do seu trabalho...

- Vamos! A trote! Isto cheira mal que se farta!... - gritaram, indignadas, algumas vozes nas últimas filas do esquadrão

Meteram a trote. As conversas cessaram. Só se ouvia na floresta a cadência das ferraduras dos cavalos e o tilintar do equipamento bem ajustado dos cossacos.

Travaram luta a pouca distância do domínio Listnítsski.

Os vermelhos corriam em massa no fundo do vale sem água, um pouco ao largo de Iagodnói. Os shrapnels rebentavam por cima das cabeças deles, as metralhadoras

disparavam-lhes contra as costas e um regimento Kalmuk descia a cavalo ao longo do cabeço para lhes cortar a retirada.

Grigóri chegou com os seus regimentos quando o combate estava a chegar ao fim. As duas companhias vermelhas que haviam coberto a retirada através do desfiladeiro de Viochénsskaia, unidades dispersas da 14.^a divisão, tinham sido destroçadas pelo 3.º Kalmuk, que as aniquilara por completo.

Chegando ao cabeço, Grigóri passou o comando a Ermakov, dizendo-lhe:

- Arranjaram-se sem nós. Vai tu até ao ponto de junção enquanto eu dou um salto à propriedade.

- Porquê? - estranhou Ermakov.

- Hum... como hei-de dizer... trabalhei aqui quando era novo e quero ir dar uma vista de olhos a isto...

Grigóri, chamando Prokhor, desviou-se para os lados de Iagodnói. Ao cabo de meia verstá viu subir e flutuar à frente do esquadrão da vanguarda um grande pano branco que um cossaco providentemente se lembrara de levar.

“Como se eles pensassem em se render”, disse consigo tomado de uma angústia vaga, ao ver a coluna que descia lentamente, como que de má vontade, para o vale sem água, ao passo que um grupo de cavaleiros de Secretev vinha ao seu encontro a trote, através dos prados verdes.

Um vento de tristeza e abandono soprou sobre Grigóri quando, ao transpor o portão em ruínas, penetrou no pátio invadido pelas silvas. Iagodnói estava irreconhecível. Em tudo eram evidentes os terríveis vestígios da incúria e da destruição.

A casa, outrora alegre, parecia baça e mais pequena. O telhado há muito não via pintura achava-se coberto de ferrugem amarela, as goteiras quebradas juncavam o chão junto ao alpendre, as persianas arrancadas dos gonzos pendiam de esguelha.

O vento entrava a assobiar pelas janelas partidas que exalavam já o cheiro um pouco adocicado do caruncho, próprio das casas desabitadas.

O ângulo do nascente e o alpendre haviam sido demolidos por um obus de três polegadas. A copa de um ulmeiro abatido também pelo obus entrara pela janela à italiana do corredor, arrombando-a. O ulmeiro jazia derrubado, com o tronco em cima de um monte de tijolos arrancados aos alicerces. Ao longo dos seus ramos murchos começava já a trepar um emaranhado de lúpulo bravo, que crescera impetuosamente, invadindo em voltas caprichosas os caixilhos que tinham ficado intactos e trepava já até ao beiral.

O tempo e as intempéries iam cumprindo a sua missão.

As dependências em ruínas pareciam estar há longos anos abandonadas pela mão diligente do homem. Na cavalaria, a parede, repassada pelas chuvas da Primavera, desmoronara; o temporal arrancara o telhado do alpendre onde se guardavam as carroças, e aqui e ali, sobre as trevas e ripas, esbranquiçadas como ossos, viam-se apenas alguns fiapos de palha apodrecida.

Três galgos, que o afastamento dos homens tornara selvagens, estavam deitados nos degraus das dependências. Ao verem os cossacos, ergueram-se, desaparecendo no vestibulo, a rosnar surdamente. Grigóri, aproximando-se de uma janela escancarada exclamou, enquanto se curvava na sela:

- Vive aqui alguém?

A casa permaneceu silenciosa durante um grande bocado, depois uma voz desafinada de mulher respondeu:

- Espere, pelo amor de Deus, já vou!

Lukéria, muito velha, a arrastar os pés, surgiu no patamar; examinou demoradamente Grigóri, a piscar os olhos por causa do sol.

- Não me conheces, tia Lukéria? - perguntou Grigóri, desmontando.

Só então o rosto enrugado de Lukéria estremeceu e a sua estúpida indiferença deu lugar a uma forte emoção. Desatou a chorar, ficando muito tempo sem conseguir dizer palavra.

Grigóri, depois de prender o cavalo, aguardou pacientemente.

- Sofri tudo quanto se pode sofrer e não desejo o mesmo a ninguém... - começou Lukéria, enxugando as faces com o avental sujo. - Pensei que eles tinham voltado... Oh, Grichenka, o que aconteceu aqui!... Nem se pode descrever!... Fiquei cá sozinha...

- E o tio Sachka, onde está ele? Foi-se embora com os patrões?

- Se houvesse feito isso, talvez ainda estivesse vivo a estas horas!

- O quê! Morreu?

- Mataram-no... Está na cave há mais de dois dias... Era preciso enterrá-lo, mas eu adoeci... Mal me podia levantar... E morria de medo se fosse lá abaixo e visse o cadáver!...

- Mas porque é que eles?... - inquiriu Grigóri numa voz abafada, sem erguer os olhos.

- Por causa de uma égua... Os nossos patrões partiram a toda a pressa. Só levaram o dinheiro, mas os bens deixaram-nos quase todos à minha guarda.

Lukéria pôs-se a falar em segredo:

- Escondi tudo, até à última ponta de linha. O que foi enterrado lá continua debaixo da terra. Quanto a cavalos, só levaram os três garanhões de Orei. Os outros deixaram-nos ao tio Sachka. Logo que começou a revolta, os cossacos e os vermelhos vieram buscá-los.

Ainda te lembras do Vendaval, o garanhão preto? Levaram-no os vermelhos na Primavera. Custou-lhes muito pôr-lhe os arreios. Parecia que nunca tinha andado com uma sela em cima. Mas não tiveram muito tempo para o montar nem para se gozarem dele. Foram os cossacos de Karguínsskaia que chegaram dali a oito dias quem nos contou a história. Tinham encontrado os vermelhos na colina e desataram a atirar contra eles. Mas nisto uma égua dos cossacos pôs-se a relinchar. Então o Vendaval, sem perceber nada, levou o vermelho que o montava até junto dos cossacos. Galopava à desfilada e o soldado não conseguia fazê-lo parar. Quando viu que todos os seus esforços eram baldados, quis saltar para o chão em pleno galope. Lá saltar, saltou ele, mas o pé ficou-lhe preso no estribo. E o Vendaval arrastou-o direitinho até aos cossacos.

- Bem feito! - exclamou Prokhor, num tom de admiração.

- Agora é um sargento de Karguínsskaia quem o monta - prosseguiu gravemente Lukéria. - Prometeu trazê-lo de novo para a cavalaria logo que os patrões voltarem. Tinham portanto levado todos os cavalos e só restava a Flecha, a pequena tratadora, filha do Primeiro e da Prometida. Estava cheia e por isso ninguém lhe tocava. Pariu há pouco tempo e foi o tio Sachka quem tratou do poldrozinho, e tão bem que só visto!... Levava-o ao colo, dava-lhe leite num biberão, e também chás de ervas, para lhe fortalecer as pernas. Mas foi então que sucedeu a desgraça... Antes de ontem, ao cair da noite, chegaram três homens a galope. O velho andava a ceifar erva no jardim. Eles gritaram-lhe: “Anda cá, monte de esterco!” O tio Sachka largou a foice e veio. Deu-lhes as boas-tardes, mas os malditos nem sequer olharam para ele. Estavam a beber leite e perguntaram: “Tens cavalos?” Ele vai então e respondeu: “Tenho um, mas não pode servir para a guerra: É uma égua e ainda para mais tem um poldro de mama.” O pior dos três, só queria que visses como ele gritava, ordenou: “Isto não é da tua conta. Vai lá buscar a égua, malandro. O meu cavalo está com os rins avariados e tenho de o substituir.” Ele devia ter cedido e não se agarrar à égua, mas tu sabes que o velho era de força... Até ao patrão ele respondia, recordas-te, hem!

- Então ele recusou? - quis saber Prokhor, metendo-se na conversa.

- Hé! Qual recusou? Disse-lhes simplesmente isto: “Já cá vieram outros cavaleiros que levaram os cavalos todos, mas deixaram esta égua, ao passo que vocês...” Eles então ficaram furiosos: “Ah! lacaio!”, gritaram. “Estás a guardá-la para o teu patrão?” E atiraram-se a ele. Houve um que foi buscar a égua e começou a selá-la, mas o poldro continuava a querer mamar na mãe. O velho então suplicou-lhes: “Não a levem, tenham caridade, que vai ser do poldro?” “Já vais ver o que vai ser dele!”, disse outro. Afastou-o da mãe e deu-lhe um tiro. Eu pus-me a chorar... Desatei a correr, supliquei, puxei o velho pela manga,

quis arrancá-lo à desgraça, mas ele, quando viu o poldro, começou com a barbicha a tremer e pôs-se branco como a cal da parede. E disse: “Se é assim, então mata-me também a mim, filho de uma cadela!” Atirou-se ao vermelho e não o queria deixar pôr os arreios na égua. Os outros então, enraivecidos, executaram-no. Eu cá perdi a cabeça quando vi dispararem sobre ele. E agora não sei o que há-de fazer. Era preciso arranjar um caixão, mas, assim como assim, não é trabalho para uma mulher.

- Dá-nos duas enxadas e um bocado de oleado – disse Grigóri.

- Queres enterrá-lo? - perguntou Prokhor. - Não precisas de estar com esse trabalho, Grigóri Panteleievitch!

- Se quiseses vou arranjar homens. Eles fazem uma urna e abrem-lhe uma cova decente...

Prokhor não estava nada interessado em tratar do enterro de um velho que nem conhecia, mas Grigóri recusou teimosamente a proposta.

- Nós é que vamos abrir a cova e enterrá-lo com as nossas mãos. Este velho era um bom homem. Vai para o jardim e espera-me junto do tanque, que eu cá vou ver o defunto.

Debaixo do velho choupo de ramos alargados, junto do tanque coberto de lentilhas de água, no mesmo local onde outrora fora enterrada a filha de Grigóri e de Akcínia, o tio Sachka encontrou também a última morada. Meteram na cova O seu corpo ressequido, envolto num lençol limpo que cheirava a lúpulo, e cobriram-no de terra. Ao lado da pequena sepultura ficou outra, cuidadosamente calcada com as botas a que a greda brilhante, húmida e fresca, dava ar festivo.

Acabrunhado pelas recordações, Grigóri deitou-se na erva daquele pequeno cemitério grato ao seu coração, deixando-se ficar durante muito tempo a contemplar o céu azul que se estendia, majestoso, por cima da sua cabeça. Lá no alto, no espaço sem limites, circulavam os ventos e flutuavam nuvens frias iluminadas pelo sol. E naquela terra, que acabava de receber o corpo do tio Sachka, bêbado jovial, grande amador de cavalos, a vida continuava a fervilhar furiosamente: na estepe, sobre as águas verdes da enchente que alcançavam os limites do jardim, nos prados de cânhamo selvagem junto à cerca da velha eira, ouvia-se continuamente o barulho das codornizes às bulhas, os ratos do trigo bufavam, os besoiros zumbiam, a erva murmurava, acariciada pelo vento, as cotovias cantavam na bruma trémula, e uma metralhadora crepitava muito ao longe, no vale sem água, obstinada, pérfida, num matraquear surdo, a proclamar ante a natureza o poder do homem.

VII

O general Secretev, chegando a Viochénskaia com os seus oficiais do Estado-Maior e o esquadrão cossaco da sua escolta pessoal, foi acolhido com a oferta do pão e do sal e com o repicar do carrilhão das igrejas. Durante todo o dia os sinos tocaram como na Páscoa. Os cossacos do Baixo-Don circulavam nas ruas montando cavalos esqueléticos, esgotados pela caminhada. Os galões azuis cintilavam como um desafio nos ombros dos homens. As ordenanças agruparam-se no largo, junto da casa de um comerciante onde se alojara o general Secretev. Sempre a mascarem pevides de girassol, metiam conversa com as raparigas da stanitsa que passavam, ataviadas com os seus mais belos trajes.

Pelo meio-dia, três Kalmuks a cavalo trouxeram para a casa ocupada pelo general meia dúzia de prisioneiros vermelhos. Atrás deles, vinha uma carroça cheia de instrumentos de sopro. Os vermelhos vestiam de maneira invulgar: calças de fazenda cinzenta e casacos iguais, com uma banda vermelha nos punhos. Um Kalmuk de certa idade, abeirou-se de uma das ordenanças que berrava com todas as suas forças em frente do portal, depois de desmontar, meteu na algibeira o pequeno cachimbo de barro.

- Trazemos connosco alguns cornetins vermelhos, compreendes?

- Compreendo o quê? - respondeu desdenhosamente uma sentinela, de má catadura, cuspiendo as pevides de girassol para cima das botas poeirentas do Kalmuk.

- O quê., o quê o quê... Pega nos prisioneiros! És muito importante, meu cabeçudo. Falas e não dizes nada.

- Eh lá! Eh lá! Vê se queres que eu te ensine a falar, cara de cu! - respondeu a ordenança, vexada. - Mas lá foi anunciar a chegada dos prisioneiros.

Um capitão gorducho, vestido com um bechmet (*Espécie de caftan de origem tártara*) castanho, apertado na cintura, saiu cá para fora. com as gordas pernas abertas e os punhos na cinta, como se vê nas gravuras, observou os vermelhos, murmurando em voz baixa:

- Vocês tocavam para divertir os comissários, seus piolhosos?

- Onde vieram essas fardas cinzentas? Roubaram-nas aos alemães?

- Não, meu capitão respondeu um vermelho que se colocara à frente dos outros, a piscar continuamente os olhos.

E explicou, desembaraçado:

- Recebemos estas fardas quando mandava Keréssski, pouco antes da ofensiva de Junho... Usamo-las desde então.

- Comigo não a usarás durante muito tempo. Podes estar certo. Comigo não a usarás durante muito tempo.

O capitão atirou para trás o boné chato do Kúbano, pondo a descoberto, sobre a cabeça rapada, uma cicatriz ainda fresca, cor de framboesa. Depois, girando subitamente nos tacões altos e cambados, voltou-se para o Kalmuk:

- Quem te mandou trazer para aqui os prisioneiros, idiota? Que raio! Não podias tê-los liquidado pelo caminho?

O kalmuk, que se endireitara] imperceptivelmente, juntou as pernas arqueadas, respondendo, sem tirar a mão da pala do boné de caqui:

- O chefe do esquadrão disse que era preciso trazê-los para cá.

“Era preciso trazê-los para cá!” repetiu arremedando-o, a torcer desdenhosamente os beiços finos. Deu a volta ao grupo dos vermelhos, movendo pesadamente as pernas inchadas, a fazer estremecer as nádegas a cada passada. Examinava-os demorada e atentamente, como um alquilador a apreciar cavalos.

As ordenanças riam à socapa. Os rostos dos kalmuks da escolta mantinham a sua eterna impassibilidade.

- Abram o portão. Façam-nos entrar no pátio! - ordenou o capitão.

Os vermelhos e a carroça carregada de instrumentos pararam em frente da entrada.

- Quem é o mestre da banda? - perguntou o capitão, a acender um cigarro.

- Não há - responderam algumas vozes ao mesmo tempo.

- Para onde foi ele? Pôs-se ao fresco?

- Não, mataram-no.

- Só teve o que merecia. Vocês passam bem sem ele. Vamos, peguem nos instrumentos.

Os vermelhos dirigiram-se para a carroça. Misturando-se ao repicar obcecante dos sinos, as vozes de cobre dos instrumentos ressoaram no pátio, tímidas e desafinadas.

- Preparem-se. Vamos lá, toquem: Deus proteja o Czar.

Os músicos entreolharam-se em silêncio. Nenhum principiou.

Esse silêncio penoso durou bem um minuto. Por fim, um deles, sem botas mas com as grevas cuidadosamente enroladas, disse, de olhos pregados no chão:

- Nenhum de nós conhece esse hino...

- Nenhum? É curioso... Eh! Vocês que aí estão! Venha daí meio pelotão de ordenanças com as espingardas.

O capitão batia com a biqueira da bota um compasso inaudível. As ordenanças alinharam no corredor, fazendo ruído com as espingardas. Atrás do jardimzinho, piavam pardais nas ramadas espessas das acácias. O zinco super aquecido dos telhados e o suor azedo dos homens enchiam o pátio de um odor escaldante. O capitão retirara-se para a sombra, quando o músico descalço disse em voz baixa, lançando aos camaradas um olhar de angústia:

- Saiba Vossa Nobreza que só temos aqui músicos novos.

- Nunca os mandaram tocar músicas antigas... A maior parte das vezes tocavam hinos revolucionários...

O capitão dava voltas distraidamente com os dedos à fivela dourada do cinto. Mantinha-se calado.

As ordenanças haviam-se alinhado ao longo do telheiro e esperavam ordens. Abrindo caminho por entre o grupo dos soldados vermelhos, um músico mais velho, com uma névoa branca num dos olhos, adiantando-se até à primeira fila, disse, tossicando:

- Dá licença? Eu sei tocar.

E, sem esperar resposta, levou aos lábios trémulos o trombone aquecido pelo sol.

Os sons roufenhos e melancólicos que se ergueram, ecoando Solitariamente por cima do vasto pátio da casa do comerciante, provocaram no capitão um esgar de cólera. Fez um gesto com a mão gritando:

- Cala-te! Pareces um mendigo a tocar sanfona. Então isso é música?

Nas janelas apareceram os rostos sorridentes dos oficiais do Estado-maior e os ajudantes-de-campo.

- Diz-lhe para tocar uma marcha fúnebre! - gritou de uma das janelas a voz fina de tenor de um tenente, todo debruçado para fora.

O carrilhão desenfreado dos sinos calou-se um minuto e o capitão, erguendo as sobrancelhas, inquiriu numa voz insinuante:

- E a Internacional, sabes tocar? Espero que sim. Vá, não tenhas medo sou eu que mando!

E, no meio do silêncio súbito e do calor tórrido do meio-dia, como um apelo ao combate, reboaram de repente, harmoniosas e cheias de majestade, as notas indignadas da Internacional.

O capitão estava imóvel como um toiro em frente do obstáculo, de cabeça baixa e pernas afastadas, imóvel à escuta. O pescoço musculoso e os globos azulados dos olhos semicerrados injectaram-se-lhe de sangue.

- Basta! - gritou, furioso, sem poder mais.

A orquestra calou-se de repente, com excepção de um coro de harmónica que se atrasou um pouco e cujo apelo apaixonado ficou a flutuar muito tempo, inacabado, no ar tórrido.

Os músicos lambiam os beiços ressequidos e limpavam-nos com a manga ou a palma da mão suja. Os seus rostos pareciam fatigados e indiferentes. Apenas um se traiu vertendo uma lágrima que lhe escorreu pela face onde deixou um risco húmido...

Foi então que o general Sekretev, que jantara em casa de um dos seus camaradas da guerra russo-nipónica, apareceu na praça, amparado pelo ajudante-de-campo, embriagado. O calor e a aguardente haviam-lhe subido à cabeça. À esquina da praça, em frente do edifício de tijolos do liceu, o general, fraquejando, tropeçou e caiu de borco sobre a lama escaldante.

O ajudante-de-campo, atrapalhado, esforçava-se por o agarrar.

Alguns homens que se encontravam perto correram a auxiliá-lo. Dois cossacos mais velhos ergueram-no o mais respeitosamente possível por debaixo dos braços e o general vomitou em público. Porém, entre dois vômitos, tentava ainda gritar belicosamente, agitando os punhos. Por fim lá o convenceram a deixar-se levar para o quarto.

Os cossacos que se encontraram um pouco mais longe acompanharam-no com os olhos, trocando a meia-voz os seus comentários:

- Ena, está que nem um cacho, pobre homem. Apesar de ser general, não sabe comportar-se.

- A aguardente não quer saber de patentes nem de galões!

- Não devia emborcar quanto lhe põem na frente...

- Eh, compadre! Nem todos sabem segurar-se. Há muitos, quando estão bêbados, que juram a pés juntos nunca mais se embebedarem na vida... Mas lá diz o ditado: quem bebeu beberá...

- Isso é certo... Mas vai dizer àqueles garotos que saiam dali para fora. Passam diante dele e olham, os malandros, como se nunca tivessem visto um bêbado!

Os sinos repicaram e bebeu-se aguardente em toda a stanitsa até ao cair da noite. Ao serão, na casa onde haviam instalado o círculo dos oficiais, o comando insurrecto ofereceu um banquete aos recém-chegados.

Sekretev, que era um verdadeiro cossaco, alto e bem constituído, natural de uma aldeia da stanitsa Krasnókutsskaia, tinha a paixão dos cavalos de sela. Montava maravilhosamente, era um intrépido general de cavalaria, mas não possuía dotes oratórios.

O discurso que pronunciou no banquete estava cheio de fanfarronadas de bêbado, terminando com censuras e ameaças claramente dirigidas aos homens do Alto-Don.

Grigóri, também presente, escutava com uma atenção reservada e furiosa as palavras de Sekretev. O general, que não tivera tempo de curar a bebedeira, pusera-se de pé, apoiado à mesa com as pontas dos dedos, a entornar o copo de aguardente perfumada; e declamara, pronunciando cada frase com excessiva firmeza:

- Não, não somos nós quem vos deve agradecer o auxílio prestado, mas sim vocês que nos devem agradecer a nós. Sim, é preciso dizê-lo francamente. Sem nós, os vermelhos ter-vos-iam aniquilado. Sabei-lo perfeitamente. Ao passo que nós, sem a vossa ajuda, poderíamos ter esmagado essa malandragem. E é isso que fazemos e continuaremos a fazer até conseguirmos limpar a fundo a Rússia inteira. No Outono passado, vocês abandonaram a frente, deixando os bolchevistas na terra cossaca... Quisestes viver em paz com eles, mas isso não deu resultado. Então revoltaste-vos a fim de conservar os vossos bens e as próprias vidas. Por outras palavras, para salvardes a vossa pele e a pele dos vossos bois. Se estou a recordar o passado não é para censurar os vossos pecados... Não digo isto para vos magoar. Mas nunca é de mais afirmar a verdade. Já perdamos a vossa traição. Viemos até vós como irmãos no momento mais difícil para vós, no intuito de vos socorrer. Mas é preciso agora que resgateis esse vergonhoso passado. Entendido, senhores oficiais? Resgatareis com os vossos feitos de armas e servindo sem uma falha o Don Tranquilo. Entendido?

- Muito bem, à saúde do resgate dos nossos pecados! - exclamou um tenente-coronel cossaco, já idoso, que estava sentado em frente de Grigóri. com um sorriso imperceptível e sem olhar para ninguém em particular, foi o primeiro a esvaziar o copo, sem esperar pelos outros.

Tinha um rosto enérgico, levemente picado das bexigas, e uns olhos negros e irónicos. Durante o discurso de Sekretev, os seus lábios esboçaram, por mais de uma vez, um sorriso vago, fugidio, e nessa altura os seus olhos escureciam, tornando-se quase pretos. Ao observar esse tenente-coronel Grigóri descobriu que ele tratava Sekretev por tu e mantinha na sua presença uma atitude de independência, mostrando-se no entanto ostensivamente frio em face dos outros oficiais. De todos os participantes no banquete, era ele o único a ostentar dragonas de caqui num blusão da mesma fazenda, bem como os galões dos soldados de Komilov cosidos na manga. “Um homem com ideias, provavelmente um voluntário”, pensou Grigóri. Não comia, mas aguentava sem se embriagar; apenas, de tempos a tempos, alargava o cinto à inglesa.

- Quem é aquele que está na minha frente, o bexigoso - perguntou Grigóri a Bogatírov, sentado ao seu lado.

Este, aborrecido, mandou-o passear:

- Sei lá!

Kudínov não regateava a aguardente aos seus hóspedes. Apareceram na mesa garrafas de bebidas alcoólicas vindas Deus sabe donde e Sekretev, depois de terminar com dificuldade o discurso, deixou-se cair na cadeira. Um jovem tenente de tipo mongol muito pronunciado murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido.

- Vai para o diabo! - exclamou Sekretev que, fazendo-se escarlate, esvaziou de um trago o pequeno copo que Kudínov lhe enchera amavelmente.

- E o outro dos olhos piscos, quem é? Um ajudante-de-campo? - voltou a inquirir Grigóri de Bogatíriov.

O outro retorquiu com a mão diante da boca:

- Não, é o seu pupilo. Trouxe-o da Manchúria ainda garoto, quando foi da guerra com o Japão. Educou-o e mandou-o para a escola militar. Fez-se alguém, o chinito. Um valentão. Ontem, em Makêievka, foi ele quem tirou a caixa do regimento aos vermelhos. Surripou-lhes dois milhões! Olha, traz maços de notas a sair de todas as algibeiras. Teve sorte, o malandro. Um verdadeiro tesouro! Mas porque estás tu a olhar para ele? Bebe!

Foi Kudínov quem respondeu ao discurso, mas quase ninguém lhe prestou atenção: A bebedeira aumentava cada vez mais. Sekretev, que despira o casaco da farda, estava em camisa interior. A sua cabeça rapada brilhava de transpiração a camisa de tela impecavelmente limpa fazia sobressair mais intensamente o seu rosto carmesim e o tom bronzeado do pescoço.

Kudínov dizia-lhe qualquer coisa em voz alta, mas Sekretev repetia obstinadamente, sem o olhar:

- Na não, desculpa. Peço-te perdão. Temos confiança em vocês, mas desde que A vossa traição não será esquecida tão depressa. Àqueles que se passaram para os vermelhos em Outubro já sabem com o que podem contar...

“Bem, bem. Também nós vos serviremos desde que...”, pensou com fria raiva Grigóri, que agora já estava também bêbado. Ergueu-se.

Em cabelo, saiu para o terraço e aspirou com alívio, a plenos pulmões, o ar fresco da noite.

À beira do Don, as rãs coaxavam como que a anunciar chuva e os insectos zumbiam melancolicamente. Sobre a língua de areia, os maçaricos reais trocavam apelos lamentosos e ao longe, num prado algures à beira do rio, um poldro que havia perdido a mãe relinchava debilmente, já sem fôlego. “É triste termos necessidade de nos unirmos; sem isso não precisaríamos de vocês para nada. Maldita coisa! Julgam-se superiores, fazem-nos censuras, e não ainda uma semana que nos ponham a rata em cima Está feito, está feito. Não há

outra saída. De resto, eu bem dizia... Era fatal. Os cossacos vão agora ficar contentes! Já tinham perdido o hábito de fazer continência, de se porem em sentido diante de Suas Nobrezas”, pensava Grigóri enquanto descia os degraus e alcançava o portão às apalpadelas.

Também sobre ele o álcool produzira o seu efeito: andava-lhe a cabeça à roda, tinha os movimentos pesados e incertos. Ao transpor a paliçada, vacilou, e, depois de enterrar o boné na cabeça, seguiu rua abaixo, a arrastar os pés.

Chegado à altura da casinha da tia de Akcínia, parou um minuto, indeciso, depois avançou resolutamente para o alpendre.

A porta do vestíbulo não estava fechada. Grigóri, entrando sem bater, viu Stepane Astakhov sentado à mesa mesmo na sua frente. A tia de Akcínia cirandava em volta do fogão. Sobre a mesa coberta por uma toalha limpa via-se uma garrafa de aguardente já vazia; um peixe seco, cortado às postas, avultava numa mancha cor-de-rosa dentro de um prato.

Stepane, que acabava de esvaziar o copo, preparava-se sem dúvida para comer; porém, ao avistar Grigóri, empurrou o prato e encostou-se à parede.

Por muito bêbado que estivesse, Grigóri reparou que o rosto de Stepane se tornara de uma palidez mortal e que os seus olhos tinham começado a brilhar como, os de um lobo. Aterrado com aquele encontro, ainda teve forças para dizer, numa voz rouca:

- Boas noites.

- Boas noites - respondeu a dona da casa com ar assustado pois decerto estava ao corrente das relações da sobrinha com Grigóri e não esperava nada de bom deste encontro inesperado entre o marido e o amante.

Stepane alisava silenciosamente o bigode com a mão esquerda, sem desfitar de Grigóri os olhos ardentes.

Este, de pé na soleira, com as pernas alargadas, sorria de esguelha. E disse:

- Passei por aqui e vim ver-vos. Peço desculpa...

Stepane tinha-se calado. Este silêncio incomodou até ao momento em que a dona da casa arranjou coragem para convidar Grigóri.

- Entre e sente-se.

Já não era possível esconder nada. A vinda dele a casa de Akcínia explicara tudo a Stepane. Foi direito ao fim:

- Onde está a tua mulher?

- Tu... foi a ela que vieste visitar? - inquiriu Stepane com uma voz fraca mas audível, baixando os olhos de pálpebras trémulas

- Sim, foi a ela - respondeu Grigóri com um suspiro.

Naquele momento esperava tudo de Stepane e, já livre de embriaguez, estava pronto a defender-se. Mas Stepane entreabriu os olhos (a chamazinha que há pouco ali se acendera acabava de se extinguir) e disse:

- Mande-a buscar vodka, deve estar a chegar. Senta-te e espera por ela.

Foi mesmo ao ponto de se levantar, alto e desempenado, para oferecer uma cadeira a Grigóri; sem olhar para a dona da casa, disse:

- Minha tia, traga um copo lavado.

- É para Grigóri:

- És servido?

- Pode ser, obrigado.

- Então senta-te.

Grigóri abancou... Stepane, depois de encher os copos, em partes iguais, com o que restava na garrafa, ergueu para Grigóri os olhos velados por uma espécie de bruma.

- À saúde de tudo quanto é bom!

- À nossa saúde!

Tocaram os copos e beberam. Ficaram algum tempo sem falar. A dona da casa, ligeira como um rato, apresentou ao visitante um prato e um garfo de cabo lascado.

- Coma peixe. Não está salgado de mais.

- Muito obrigado.

A mulher animava-o, já mais desanuviada:

- Sirva-se à vontade.

Estava muito contente ,por tudo se ter passado na calma, sem rixas, nem gritos, nem loiça quebrada. Terminara a conversa inquietante. O marido estava pacificamente sentado à mesma mesa que o amante da mulher. Amável, a dona da casa tirou da arca uma toalha de mãos limpa cujas extremidades estendeu sobre os joelhos de Stepane e de Grigóri, como que para os unir.

- Porque não estás no esquadrão? - inquiriu Grigóri achupar uma espinha de peixe.

- Vim cá também para a ver respondeu Stepane após um silêncio. E ninguém poderia dizer, ao ouvi-lo, se falava a sério ou de troça.

- O esquadrão está de folga, não é verdade?

- Foram todos passar um bocado à aldeia. Então, vamos a isto?

- Se quiseres...

- Cá vai à nossa!

- A tudo quanto é bom!

O trinco da porta estalou no vestibulo. Grigóri, já completamente sóbrio, lançou um olhar de soslaio para Stepane e viu uma onda de palidez cobrir-lhe novamente o rosto.

Akcínia, envolta num xaile bordado, aproximou-se da mesa, a princípio sem reconhecer Grigóri. Porém, ao lançar-lhe um olhar de viés, o terror derramou-se-lhe pelos olhos negros e dilatados. com a respiração opressa, mal pôde murmurar:

- Boas noites, Grigóri Panteleievitch.

As enormes mãos nodosas de Stepane, poisadas sobre a mesa, começaram de súbito a estremecer e, ao ver isto, Grigóri saudou Akcínia em silêncio.

Enquanto poisava as duas garrafas de aguardente, ela lançou um novo olhar cheio de inquietação e de secreta alegria para Grigóri, depois, dirigindo-se a um canto escuro da sala, foi sentar-se em cima da arca, a compor os cabelos com as mãos a tremer. Dominando a emoção, Stepane desabotoou a camisa que o afogava, encheu os copos até cima e voltou-se para a mulher:

- Senta-te à mesa e vem beber um copo.

- Não quero.

- Vem.

- Mas eu não bebo, Stepane.

A voz de Stepane tremia:

- Senta-te, vizinha -, disse Grigóri com um sorriso animador.

Ela fitou-o com um olhar suplicante e dirigiu-se rapidamente para um pequeno armário. Um pires caiu da prateleira e estilhaçou-se com ruído.

- Ah! Que desgraça! - exclamou a dona da casa, juntando as mãos com um ar desolado.

Akcínia apanhou os cacos em silêncio.

Stepane serviu-lhe também a ela um copo cheio, e de novo os seus olhos brilharam de angústia e ódio.

- Então bebamos...-começou ele. E calou-se.

Ouviu-se distintamente no meio do silêncio a respiração impetuosa e entrecortada de Akcínia que acabava de se sentar à mesa.

- Bebamos, mulher, à nossa separação. O quê, não queres beber?

- Tu bem sabes...

- Eu sei tudo. Então, à nossa separação! E à saúde do nosso querido hóspede Grigóri Panteleievitch!

- À saúde dele, bebo! - disse Akcínia com voz sonora, esvaziando o copo de um trago.

- Pobre cabecinha louca! murmurou a dona da casa fugindo para a cozinha.

Encolheu-se toda num canto, de mãos apertadas sobre o peito, à espera: de um momento para o outro a mesa seria derrubada com estrondo, ouvir-se-ia um tiro ensurdecedor...

Porém, na sala, reinava um silêncio de morte. Apenas as moscas zumbiam no tecto, despertadas pela luz, e os galos, atrás da janela, chamavam uns pelos outros a saudar a meia-noite.

VIII

As noites de Junho são escuras no Don. No céu, negro como ardósia, no meio de um silêncio angustiante, acendem-se fulgurações douradas e as estrelas cadentes reflectem-se no curso rápido do rio. Da estepe, o vento quente e seco traz aos habitantes o perfume adocicado do alecrim em flor e sobre os prados flutua um odor insípido a erva molhada, a limos, a humidade. Os ralos cantam sem descanso e a floresta ribeirinha está toda ela coberta por um brocado de névoa prateada.

Prokhor, acordando à meia-noite, perguntou ao proprietário da casa onde se tinham aboletado:

- Ele ainda não voltou?

- Isso sim! Anda na paródia com os generais.

- Aquilo é que eles devem emborcar vodka! - murmurou Prokhor com um suspiro de inveja. E começou a vestir-se, bocejando.

- Aonde vais tu?

- Levar os cavalos ao bebedeiro e dar-lhes aveia. - Grigóri Panteleievitch disse que partíamos para Tatársski ao romper da manhã. Passamos lá o dia todo e depois temos de nos ir reunir às nossas unidades.

- A manhã ainda vem longe. É melhor esperares.

Prokhor respondeu, mal humorado:

- Vê-se bem, tiozinho, que não andaste na tropa quando eras novo. Se não déssemos de comer aos cavalos, se não tratássemos bem deles, talvez já não estivéssemos vivos a esta hora. Ou julgas que se pode ir longe em cima de uma pileca? Quanto melhor for o cavalo, mais depressa fugimos do inimigo. Eu cá sou assim: não me interessa nada andar atrás deles, mas, quando as coisas começam a ficar fuscas e eles vêm sobre nós, sou o primeiro a pôr-me na alheta! Há que anos ando a fugir às balas! Estou farto disto. Acende a luz, tiozinho. Não sou capaz de dar com as grevas. Obrigado. Pois, pois, o nosso Grigóri Panteleievitch ganhou cruzeiros e galões. Passou a vida metido no barulho, mas eu cá não sou parvo; não lhe tenho inveja. Bem, aí está ele, é o diabo que o traz. E bêbado como um cacho, tenho a certeza.

Tinham batido devagarinho à porta.

- Entre! - gritou Prokhor.

Um cossaco, que ele não conhecia, com divisas de sargento no blusão de caqui e um boné agalado, entrou na casa:

- Sou ordenança do Estado-Maior do grupo do general Sekretev. Posso falar com Sua Nobreza, o senhor Melekhov? - perguntou ele fazendo a continência, em posição de sentido, à entrada da porta.

- Não está cá - respondeu Prokhor, impressionado com a bela apresentação e com as maneiras da ordenança. - Que lhe queres?

- Venho buscar o senhor Melekhov da parte do general Sekretev. - Mandam-lhe que se apresente imediatamente no círculo dos oficiais.

- Ele ainda ontem lá esteve.

- Pois sim, mas depois foi para casa.

Prokhor, soltando um assobio, piscou o olho ao dono da casa que se encontrava sentado em cima da cama.

- Estás a perceber, tiozinho? Pelos vistos raspou-se para casa da amiga... Bem, podes ir embora, rapaz. Eu vou à procura dele e levo-o lá ainda quente.

Encarregou o velho de dar aveia e de beber aos cavalos e dirigiu-se à casa da tia de Akcínia.

No meio da escuridão impenetrável, a stanitsa dormia.

Na outra margem do Don os rouxinóis cantavam ao desafio.

Prokhor dirigiu-se sem pressas para a casa que conhecia tão bem, penetrou no vestíbulo e, ao agarrar no trinco da porta, ouviu a voz de baixo de Stepane. “É o que se chama cair como a sopa no mel”, pensou Prokhor. “Ele vai perguntar-me que venho eu cá fazer e não sei responder-lhe. Vamos, seja o que Deus quiser, já me vi noutros assados piores. Direi que vim comprar aguardente e que foram os vizinhos quem me disse que ele estava cá.”

Animado de nova coragem, entrou. Abriu então a boca, estarrecido, sem proferir palavra: Grigóri estava sentado à mesa com Stepane, como se nada se tivesse passado, e bebia uma aguardente esverdeada e turva.

Stepane, olhando para Prokhor, disse com um sorriso forçado:

- Porque estás tu para aí de boca aberta, sem dares as boas-noites? Viste alguma coisa de espantar?

- Mais ou menos... - retorquiu Prokhor, a remexer os pés, pois não voltara ainda a si do espanto.

- Anda, senta-te, não tenhas medo - convidou Stepane.

- Não tenho tempo de me sentar. Venho chamar-te, Grigóri Panteleievitch. Trago ordens para te apresentares imediatamente ao general Sekretev...

Várias vezes antes da chegada de Prokhor, Grigóri tivera vontade de se ir embora. Afastava o copo, erguia-se, mas voltava a sentar-se, receando que Stepane interpretasse a sua retirada como uma confissão de medo. O orgulho não lhe permitia deixar Akcínia, cedendo o lugar a Stepane. Bebia, mas a aguardente deixara de produzir efeito nele. E, considerando a sangue-frio a ambiguidade da situação, aguardava o desenlace.

Julgou a certa altura que Stepane iria bater na mulher, quando esta bebeu à saúde dele, Grigóri. Mas enganava-se: Stepane ergueu o braço, esfregou com a palma da mão rugosa a testa queimada pelo sol e disse com admiração, após um curto silêncio, fitando Akcínia: “É uma valentona, a minha mulher! É por isso que gosto dela.”

E nisto Prokhor entrou.

Reflectindo bem, Grigóri resolveu não partir logo, para dar a Stepane tempo de dizer o que lá tinha dentro.

- Vai-te embora e diz-lhes que não me encontraste, percebeste?

- Lá perceber, percebi. Mas era melhor que fosses lá, Panteleievitch.

- Mete-te na tua vida, ouviste?

Prokhor ia a caminhar para a porta, quando Akcínia se meteu inesperadamente na conversa. Disse secamente, sem olhar para Grigóri:

- Não, para quê? Vai com ele, Grigóri Panteleievitch.

- Obrigada por teres cá vindo fazer-nos esta visita e passar uns momentos conosco... Mas é tarde, os galos já cantaram pela segunda vez. Não tarda que nasça o dia e eu e o Stepane temos de ir de manhã cedo para nossa casa... Além disso, já bebeste o suficiente. Basta.

Stepane nada fez para reter Grigóri e este levantou-se.

Ao despedir-se, Stepane demorou a mão de Grigóri na sua, fria e rude, como se quisesse ainda dizer-lhe qualquer coisa, mas guardou silêncio. Acompanhou-o com os olhos até à porta e depois estendeu a mão para a garrafa de aguardente que ainda tinha um resto...

Mal saiu para a rua, Grigóri sentiu-se tomado de um cansaço enorme. Quase não conseguia pôr um pé à frente do outro. Na primeira encruzilhada disse a Prokhor, que caminhava atrás dele:

- Vai selar os cavalos e volta aqui. Eu não vou..

- Não seria melhor anunciar-lhes que partes?

- Não.

-Nesse caso, espera que eu volto já.

E, caso raro, o preguiçoso Prokhor partiu num passo rápido.

Grigóri agachou-se junto a uma sebe e acendeu um cigarro. Ao recordar o seu encontro com Stepane, pensou, indiferente: “Ora bem, agora ele já sabe tudo. Oxalá ao menos que não bata na Akcínia.” Depois a fadiga e a emoção por que passara obrigaram-no a deitar-se e começou a dormir.

Prokhor não tardou a regressar com os cavalos.

Atravessaram o Don na jangada e depois meteram os cavalos a trote largo.

Chegaram de madrugada a Tatársski. Grigóri desmontou junto ao portão da sua casa, atirou com as rédeas a Prokhor e encaminhou-se para a habitação a toda a pressa e muito emocionado.

Natalia saíra por acaso para o átrio, ainda meio vestida. Ao ver Grigóri, os seus olhos sonolentos brilharam com uma alegria tão viva e impetuosa que o coração de Grigóri estremeceu, os olhos humedeceram-se-lhe de repente, sem ele esperar.

Natalia abraçou em silêncio o seu único amor, apertando todo o corpo contra ele e, pelos estremecimentos dos ombros, Grigóri percebeu que ela chorava.

Entrou, abraçou os velhos e as crianças que dormiam no quarto.

De pé, no meio da cozinha, ofegante de emoção, perguntou:

- Então, como vai isto por cá? Tudo bem?

- Sim, graças a Deus, meu filho - respondeu prontamente Ilínitchna. - Tivemos muito medo, mas não se pode dizer que acontecesse qualquer desgraça.

Lançou um olhar de viés a Natalia, ainda toda chorosa, e exclamou severamente:

- Então, em lugar de estares contente, choras, minha palerma? Vamos, não fiques aí sem fazer nada. Traz cavacos para acender o lume.

Enquanto Natalia e Ilínitchna preparavam o almoço a toda a pressa, Pantelei Prokófievitch trouxe ao filho uma toalha limpa.

- Lava-te, que eu deito-te água nas mãos. Isso refresca-te a cabeça... Cheiras a vodka. Ontem, na festa, devias ter bebido uma boa dose.

- Sim, mas não se sabe ainda se é caso para festejarmos ou para nos afligirmos...

- Que me dizes? - inquiriu o velho, com um espanto incrível.

- É que o Sekretev não nos perdoa...

- Ora, isso não tem importância. Mas será possível que ele tenha bebido a par contigo?

- Olá se bebeu!

- Não me digas! Que grande honra, Grichka! Tu sentado à mesma mesa que um grande general! Imagina só!

E Pantelei Prokófievitch contemplava o filho com ternura, dando estalos de admiração com a língua.

Grigóri sorriu. Estava longe de partilhar o entusiasmo ingénuo do velhote.

Enquanto o interrogava demoradamente a fim de se inteirar se tinham conservado o gado e as alfaías e que porção de trigo se estragara, Grigóri verificou que a conversa acerca dos negócios agrícolas já não interessava o pai como outrora.

Tinha qualquer outra coisa mais grave a preocupá-lo. E não tardou a perguntar:

- Como vai ser isto agora, Grigóri? Temos de voltar para a tropa?

- A quem te referes?

- Aos velhos. A mim, por exemplo.

- Por enquanto não se sabe.

- Terei de partir outra vez?

- Tu, podes ficar.

-Que me dizes? - exclamou o velhote! E, todo contente, começou a andar pela cozinha, de um lado para o outro, a coxear.

- Senta-te, diabo coxo. Não andes a Varrer a casa com os pés. Quando está contente põe-se a correr como um cachorro ralhado Ilínitchna.

O velho, porém, não lhe ligou. Sempre a coxear, fez várias vezes o percurso entre a mesa e o fogão, a sorrir e a esfregar as mãos. De repente, assaltou-o a dúvida:

- Mas tu podes arranjar uma excepção para mim?

- Claro que posso.

- E dás-me um papel?

- Dou, sim senhor!

O velho hesitou um momento, acabando por perguntar:

- Mas um papel, como?... Sem carimbo? Ou trazes o carimbo contigo?

- A coisa arranja-se sem carimbo - respondeu Grigóri sorrindo

- Nesse caso, está bem disse o velhote outra vez satisfeito Deus te dê saúde. E tu, quando pensas partir?

- Amanhã.

- As tuas tropas foram à frente? Para Usst-Medvétitskaia?

- Sim. Quanto a ti, pai, não te preocupes. De resto, vocês, os velhos, em breve regressarão a casa. Já fizeram o vosso tempo de serviço.

- Deus queira!

Pantelei Prokófievitch persignou-se e pareceu ficar definitivamente tranquilo.

As crianças tinham acordado. Grigóri pegou-lhes ao colo, sentou-as nos joelhos e ficou muito tempo a ouvi-las tagarelar alegremente, beijando ora uma ora outra, a sorrir.

O perfume daqueles cabelos de criança! Um cheiro a sol, a erva, a travesseiro ainda quente e a outra coisa ainda, infinitamente familiar. Aquelas crianças, a carne da sua carne, eram passarinhos da estepe. Como pareciam desastrados os grandes traços do pai em volta deles! E ele próprio, como destoava naquele quadro pacífico, ele, o cavaleiro, separado por um dia da sua montada, ainda todo impregnado pelo cheiro acre da soldadesca e do suor do cavalo, o odor amargo das campanhas e dos arreios de coiro...

Uma névoa de lágrimas obscurecia os olhos de Grigóri, os seus lábios tremiam debaixo do bigode... Por duas ou três vezes deixou sem resposta as perguntas do pai, só se sentando à mesa quando Natalia lhe tocou na manga do blusão.

Não, não, decididamente Grigóri já não era o mesmo.

Nunca fora muito sensível e, mesmo em criança, raramente chorava. Agora, porém, estas lágrimas, estas pancadas surdas precipitadas do coração, este sino a tocar-lhe sem barulho dentro da garganta... Afinal de contas talvez fosse por ter bebido muito e dormido pouco naquela noite...

Daria, que voltava de levar as vacas ao pasto, entrou em casa. Apresentou a Grigóri os lábios sorridentes e, quando ele aproximou dela o rosto, depois de ter enxugado o bigode num gesto brincalhão, a rapariga fechou os olhos e ele viu-lhe as pálpebras tremerem como que agitadas pelo vento, aspirou um momento o perfume picante a pomada que emanava das suas faces viçosas como dantes.

Daria não mudara. Dava a impressão de que nenhuma desgraça podia quebrá-la nem sequer vergá-la. Vivía no mundo como um ramo de salgueiro: flexível, bela e acessível.

- Então, sempre florescente?

- Como a erva dos caminhos - respondeu Daria com um sorriso deslumbrante e semicerrando os olhos luminosos.

Dirigiu-se imediatamente ao espelho para compor as madeixas que se lhe escapavam do lenço.

Daria era assim mesmo. Não havia nada a fazer. A morte de Petro como “que a espevitara e, mal se recompôs do desgosto, parecia ainda mais ávida de viver, mais atenta ao seu aspecto exterior...

Foram acordar Duniachka que dormia na granja e, depois da oração, sentaram-se todos à mesa.

- Oh, como estás acabado, irmãozinho! - disse Duniachka num tom enternecido. Estás todo grisalho, como um lobo!

Grigóri fitou-a por cima da mesa, calado e sem sorrir, e acabou por dizer:

- Tenho a parte que me cabe. A mim compete-me envelhecer e a ti arranjar um marido... Mas ouve bem o que te digo: a partir de hoje não penses mais em Michka Kochevói. Se venho a saber que andas atrás dele, agarro-te numa perna, puxo-te pela outra e rasgo-te em duas como se faz a uma rã. Percebeste?

Duniachka corou como uma papoila e fitou Grigóri através das lágrimas.

Este fixara nela um olhar mau e o seu rosto agora cruel, com os dentes à mostra por baixo do bigode e os olhos contraídos, revelava mais do que nunca aquela semelhança com um animal feroz, que era a marca dos Melekhov.

Duniachka, porém, pertencia à mesma raça: voltando a si do embate e da ofensa que sofrera, disse baixinho mas com firmeza:

- Ninguém manda no coração. Deves sabê-lo melhor do que eu, mano.

- Se o coração não te obedecer arranca-o - respondeu friamente Grigóri.

“Ninguém tem menos autoridade do que tu para falar, meu rapaz “ pensou Ilínitchna.

Mas Pantelei Prokófievitch meteu-se na conversa. Deu um murro na mesa e gritou:

- Cala-te, filha de uma cadela. Senão sou eu quem te trata do coração até te arrancar os cabelos todos da cabeça. Minha desavergonhada. Espera que já vou buscar uma rédea.

- Pai, já só temos uma. Eles levaram-nas todas - interrompeu Daria num tom humilde.

Pantelei Prokófievitch, lançando-lhe um olhar furibundo, prosseguiu no seu desabafo, sem baixar de tom:

- Agarro numa cilha e...

- Os vermelhos levaram também as cilhas - disse Daria um pouco mais alto, sem deixar de fitar no sogro os seus olhos inocentes.

Aquilo era de mais para Pantelei Prokófievitch. Vermelho de raiva, olhou para a nora um segundo, de boca aberta (lembrava um peixe fora de água) e acabou por exclamar numa voz rouca:

- Cala-te, maldita! Diabos te levem! Não me deixam falar. Que quer isto dizer? E tu, Duniachka, fica sabendo. Isso tem de acabar. É o teu pai quem o diz. O Grigóri tem razão; se pensas nesse patife, mereces bem a morte. Não encontrou coisa melhor, vejam lá! Andar atrás de um malandrim! Será aquilo um homem? Não faltava mais nada senão aquele Judas

para ser meu genro! Se o apanho, mato-o! E não digas nem mais uma palavra, porque eu vou buscar uma vara e...

- Uma vara! Podes bem ir à procura dela no pátio – disse Ilínitchna suspirando. Não resta nada. Nem sequer um cavaco para acender o lume. Chegámos a isto.

Naquela observação sem malícia Pantelei Prokófievitch julgou ver uma má intenção. Olhou para a mulher de olhos fixos, levantou-se como louco e correu para o pátio.

Grigóri largou a colher, tapou a cara com o guardanapo, sacudido por um riso mudo. A sua fúria desaparecera e ria como há muito não fazia. Todos riam, menos Duniachka. Reinava em volta da mesa uma alegre animação. Mas, assim que ouviram nos degraus os passos pesados de Pantelei Prokófievitch, todos os rostos se tornaram subitamente sérios. O velho entrou como um furacão, arrastando atrás de si uma comprida vara de ulmeiro.

- Olhem, aqui está. Esta chega para todas, suas miseráveis!

- Para todas aquelas que têm a língua comprida de mais. Grandes bruxas! Ah, com que então não há varas? E isto o que é? Tu também, meu velho estupor, vais apanhar. Verás...

A vara não cabia na entrada da cozinha e o homem, depois de atirar com ela para o vestíbulo, veio sentar-se à mesa a resfolegar ruidosamente.

Passara-lhe o mau humor. Fungava e comia sem dizer nada. Os outros calavam-se também. Daria não erguia os olhos da mesa com medo de desatar a rir e Ilínitchna suspirava, murmurando numa voz que mal se ouvia: “Oh, Senhor, Senhor! Que mal teríamos nós feito!” Só Duniachka não sentia vontade de rir e Natalia, que se esforçara por sorrir na ausência do velho, retomara o seu ar triste e absorto.

- Passem-me o sal! Dêem-me pão! - rugia de quando em quando Pantelei Prokófievitch com uma voz sinistra, poisando em toda a família um olhar coruscante.

Esta questão familiar teve um desfecho inesperado. No meio do silêncio geral, Michatka fez ao avô nova desconsideração. No meio das disputas ouvira muitas vezes a avó dirigir ao velho toda a casta de nomes injuriosos e a sua calma de criança, profundamente impressionada por ver aquele disposto a bater em toda a gente e encher a casa de gritos, declarou de súbito numa voz sonora, com as narinas a tremer:

- Lá estás tu outra vez, diabo coxo. Tu é que precisavas de uma boa paulada na cabeça, que era para aprenderes a não nos meteres medo a todos, até à avó.

- Então tu dizes uma coisa dessas ao teu avô?

- Digo, pois! - confirmou corajosamente Michatka.

- Mas isso são coisas que se digam ao avô?

- E tu, quem te manda fazer tanto barulho?

- Ora vejam, este diabrete!

Cofiando a barba, Pantelei Prokófievitch olhava para todos com um ar admirado.

- Tudo isto, velha bruxa, as palavras que ele diz, aprendeu-as contigo. Foste tu quem lhas ensinaste!

- Ensinei-lhe o quê! Ele é que é igualzinho a ti e ao pai! Tem um génio levado dos diabos! - replicou Ilínitchna furiosa, para se desculpar.

Natalia, levantando-se, deu alguns sopapos em Michatka e disse:

- Isso são maneiras de falares ao teu avô?

Michatka desatou a berrar, com a cabeça escondida nos joelhos de Grigóri. Quanto a Pantelei Prokófievitch, que era louco pelos netos, saiu bruscamente da mesa e, sem enxugar as lágrimas que lhe escorriam para a barba, exclamou alegremente:

- Grichka, meu filho! A tua mãe tem razão. A velha disse a verdade! Ele é cá dos nossos. Tem o sangue dos Melekhov... Aquele nunca terá medo de responder... Meu rico neto... Meu rico menino... Anda, bate neste velho imbecil até te Apetecer... Puxa-lhe as barbas...

E o velho, tirando Michatka dos braços de Grigóri, ergueu-o no ar acima da cabeça.

Terminado o almoço, levantou-se a mesa. As mulheres começaram a lavar a loiça. Pantelei Prokófievitch acendeu um cigarro e disse a Grigóri:

- Custa-me um bocado pedir-te isto, estás de visita, mas não há outro remédio... Ajuda-me a consertar as vedações e a fazer uma cerca nova em volta da eira. Está tudo por terra e não adianta pedir auxílio aos outros. Estão tão atrapalhados como nós.

Grigóri acedeu de boa vontade e foram ambos trabalhar para o pátio até à hora do jantar.

Na horta, enquanto enterravam as estacas, o velho disse:

- Está a chegar o tempo da ceifa e não sei se devemos ou não comprar erva. E a respeito da quinta, que dizes tu? Valerá a pena cultivá-la? E se os vermelhos voltam por aí e derrotam tudo?

- Não sei, pai confessou francamente Grigóri. Não sei as voltas que as coisas levarão e quem ficará a ganhar. Arranja maneira de não haver nada que preste na granja nem nos pátios. Nos tempos que vão correndo, é o melhor. Vê o que aconteceu ao meu sogro. Andou toda a vida a suar e a fazer suar os outros e vê lá o que ele ganhou com isso! Apenas ficaram as traves queimadas!

- Também é essa a minha opinião - aprovou o velho com um suspiro.

E não voltou a falar nos assuntos da quinta. Só uma única vez, à tarde, ao reparar que Grigóri andava a fazer com todo o cuidado a cerca da eira, disse com despeito e uma certa amargura:

- Faz isso seja lá como for. Porque te esmeras tanto? Não é preciso que dure eternamente.

O velho confessava enfim como eram vãos os seus esforços para fazer a vida retomar o curso normal...

Pouco antes do pôr do sol, Grigóri, largando o trabalho, entrou em casa. Natalia estava sozinha no quarto. Paramentara-se como se fosse a uma festa. Vestira uma elegante saia de fazenda azul e uma blusa azul-claro com renda no peitilho e nas mangas. O seu rosto estava rosado e um pouco brilhante, pois acabara de o lavar com sabão. Andava à procura de qualquer coisa na arca, mas, ao ver o marido, fechando a tampa, ergueu-se, sorridente.

Grigóri sentou-se em cima da arca e disse:

- Senta-te aqui um momento. Vou-me embora amanhã e assim nem temos tempo de conversar.

Ela sentou-se docilmente ao pé dele, a observá-lo de soslaio, com os olhos um pouco assustados. Ele porém pegou-lhe na mão coisa que ela não esperava e disse com ternura:

- Estás gordinha... nem parece que estiveste doente.

- Já estou fina.. Nós, as mulheres, somos como os gatos, temos sete fôlegos - respondeu ela com um sorriso tímido, baixando a cabeça.

Grigóri viu-lhe a ponta rosada da orelha e a pele amarelada da nuca, entre as madeixas do cabelo. Inquiriu:

- Está a cair-te o cabelo?

- Caiu-me quase todo, estou a pelar-me, vou ficar careca.

- Queres que to rape? - ofereceu de repente Grigóri.

- Que ideia! - exclamou ela assustada. - O que é que eu parecia com o cabelo rapado?

- Tens de rapar o cabelo, senão não volta a crescer.

- A tua mãe prometeu cortar-mo à tesoura - respondeu Natalia, sorrindo contrafeita. E apressou-se a cobrir a cabeça com um lenço branco como a neve, que fora lavado com anil

Estava ali sentada ao lado dele, a sua mulher, a mãe dos seus filhos, Michatka e Poliúchka. Fizera-se bonita por sua intenção, lavara o rosto. Pusera o lenço a toda a pressa para que ele não lhe visse a cabeça alterada pela doença. E assim, levemente curvada, era comovente e feia, no entanto bela, irradiante de uma espécie de beleza interior muito pura!

Trazia sempre uma gola alta para esconder de Grigóri a cicatriz que lhe deformara o pescoço. Tudo por causa dele... Uma enorme vaga de ternura inundou o coração de Grigóri. Quis dizer-lhe uma palavra de amizade e meiguice, mas não conseguiu encontrar os termos e, atraindo-a a si, beijou-lhe a testa branca e fugidia, os olhos tristes.

Não, ele nunca lhe prodigalizara carícias. Akcínia metera-se sempre entre os dois. Perturbada com esta manifestação de ternura e toda vermelha de emoção, Natalia, pegando-lhe na mão, levou-a aos lábios.

Ficaram um minuto calados. O sol poente derramava no quarto os seus raios avermelhados. As crianças faziam barulho no alpendre. Ouvia-se Daria a retirar do forno os pãozinhos, enquanto dizia à sogra, num tom rabugento:

- Nem parece que se tira o leite às vacas todos os dias. Só pergunto por que motivo a velha está a dar menos leite...

O rebanho regressava do pasto, mugindo. Os garotos faziam estalar os chicotes de crina. O toiro comunal soltava mugidos roucos e arquejantes. O seu cachaço sedoso e o lombo descaído vinham a escorrer sangue das picadas das varejeiras. Agitava a cabeça com fúria dando marradas com os pequenos cornos curtos, muito afastados, na cerca da quinta dos Astakhovs até a derrubar. Natalia olhou através da janela e disse:

- O toiro também atravessou o Don. A mãe disse-me. Quando ouviu os tiros, saiu do estábulo e foi para a outra margem. Esteve todo o tempo escondido atrás da curva do rio.

Grigóri calou-se, pensativo. Porque tinha ela uns olhos tão dolorosos? Havia neles qualquer coisa de imponderável e secreto, que ora se mostrava ora desaparecia. Mesmo quando queria parecer alegre, continuava triste e incompreensível... Teria ela ouvido falar das relações dele com Akcínia, em Viochénskkaia? Por fim disse:

- Porque estás hoje tão triste? Que tens tu no coração, Natalia? Não me queres dizer?

Esperava que ela desatasse a chorar, ou lhe dirigisse censuras

Mas Natalia respondeu, assustada:

- Não, não, isso é ideia tua, não tenho nada... A verdade é que não estou ainda bem de todo. Sinto a cabeça à roda e, quando me curvo para apanhar qualquer coisa, varre-se-me a vista.

Grigóri, olhando-a atentamente, prosseguiu:

- Na minha ausência ninguém te tocou?

- Não, podes crer! Estive sempre na cama doente...

Fitou Grigóri nos olhos e sorriu de leve. Após um instante de silêncio, inquiriu:

- Partes muito cedo, amanhã?

- De madrugada.

- Não podes passar o dia aqui?

Tremia-lhe na voz uma esperança tímida e insegura.

Mas Grigóri abanou a cabeça, e Natalia disse suspirando:

- Nesse caso., é preciso pões já os galões?

- Pois claro.

- Bem, então despe a camisa para que eu os cossa enquanto ainda é de dia.

Grigóri despiu o blusão a resmungar. Estava ainda húmido de suor, com manchas mais escuras nas costas e nos ombros, onde se viam as marcas brilhantes do roçar das correias. Natalia tirou da arca os galões de caqui desbotados pelo sol.

- São estes?

- São estes, sim. Tinha-los guardado?

- Enterrámos a arca - respondeu Natalia com uma voz sumida, enquanto enfiava a linha no buraco da agulha. Depois levou rapidamente ao rosto o blusão cheio de pó e aspirou avidamente aquele cheiro tão familiar e um pouco salgado do suor...

- Que estás tu a fazer? - perguntou Grigóri, espantado.

- É o teu cheiro - respondeu Natalia com os olhos brilhantes e, baixou a cabeça para esconder o rubor, começando a coser a toda a pressa.

Grigóri voltou a vestir rapidamente o blusão, de sobrolhos franzidos e a agitar os ombros.

- Assim ficas melhor - declarou Natalia, contemplando o marido com mal disfarçada admiração.

Ele enviesou os olhos para o ombro esquerdo e disse suspirando.

- Por mim, preferia não voltar a vê-los. Tu não compreendes.

Ficaram ainda muito tempo sentados no quarto, sobre a arca, de mãos dadas, cada um perdido em silêncio nos seus pensamentos.

Depois, quando a noite desceu e as sombras lilases das casas se estenderam sobre a terra arrefecida, foram para a cozinha cear.

E a noite passou-se. Os relâmpagos de calor tinham brilhado no céu até nascer o dia, quando surgiram os primeiros alvares da aurora e os rouxinóis começaram a cantar no pomar das cerejeiras. Grigóri acordou e manteve-se muito tempo deitado, de olhos fechados, atento ao canto melodioso e suave dos rouxinóis. Depois ergueu-se devagarinho, para não acordar Natalia, vestiu-se e saiu para o pátio.

Pantelei Prokófievitch, que dava de comer ao cavalo, propôs amavelmente:

- Queres que o leve ao banho antes de partires?

- Ele passa bem sem isso - respondeu Grigóri, a quem a humidade da manhã arrepiava.

- Dormiste bem? - perguntou o velho.

- Lindamente. Foram os rouxinóis que me acordaram. Cantaram durante toda a noite.

Pantelei Prokófievitch retirou o saco-manjedoura da cabeça do cavalo e disse sorrindo:

- Não têm mais nada que fazer, meu rapaz. A gente às vezes até inveja aos passarinhos... Não sabem o que é a guerra nem a ruína...

Prokhor chegou a cavalo. Vinha todo bem barbeado e como sempre alegre e prolixo. Atou as rédeas a um pilar e dirigiu-se para Grigóri. A sua camisa de tela grossa estava bem passada a ferro e trazia galões novos.

- Também puseste os galões, Grigóri Panteleiévitch disse ao aproximar-se. Agora vêem-se ao longe, os malditos. Temos de os trazer até ao fim, até à morte. Eu cá disse à minha mulher. Não os cosas muito, palerma, basta que o vento não os leve. Se formos feitos prisioneiros eles vêem logo que, embora eu não seja oficial, era pelo menos quartel-mestre. E diriam: “Vamos patife, já que foste soldado, são alturas de mostrares quem é valente.” Vês para que servem os meus galões? Isto é uma farsa!

Os galões de Prokhor, de facto, estavam seguros apenas por um fio.

Pantelei Prokófievitch deu uma gargalhada. Os seus dentes brancos, que o tempo respeitara, brilhavam no meio da barba grisalha.

- Então isso é que é um soldado? À menor sarrafusca, fora com os galões?

- Então que julgas tu? chasqueou Prokhor.

Grigóri, sorrindo, disse para o pai:

- Estás a ver, pai, que raio de ordenança eu fui arranjar? Com um tipo destes, se houver sarilho, uma pessoa safa-se sempre.

- A verdade, Grigóri Panteleiévitch, é que, se tu morresses hoje, eu não resistia nem mais um dia declarou

Prokhor para se justificar. E arrancou displicentemente os galões, metendo-os na algibeira. Quando chegarmos perto da frente coso-os outra vez.

Grigóri almoçou à pressa e despediu-se dos seus.

- Que a Rainha dos Céus te proteja - murmurou apaixonadamente Ilínitchna, beijando o filho. - És só tu que nos restas...

- Vamos, as despedidas prolongadas são lágrimas inúteis. Adeus - disse Grigóri numa voz a tremer, dirigindo-se para o cavalo.

Natalia, que pusera na cabeça o lenço negro da sogra, saiu para junto do portão. As crianças penduravam-se-lhe na saia.

Poliúchka chorava desesperadamente, sufocada, e suplicava à mãe:

- Não o deixes partir! Não o deixes partir. Na guerra matam as pessoas, pai. Não vás para lá!

Os lábios de Michatka tremiam, mas esse não chorava.

Dominava-se virilmente e dizia, furioso, à irmã:

- Não digas tolices, idiota! Eles não matam toda a gente!

Não se esquecia do que lhe dissera o avô: um cossaco nunca chora; chorar, para um cossaco, é uma grande vergonha. Mas, quando o pai, já sobre o cavalo, o ergueu até à sela e o beijou, notou com espanto que as pálpebras dele estavam húmidas. Desta vez a prova era demasiado rude: brotaram-lhe dos olhos torrentes de lágrimas. Escondeu o rosto no peito do pai, atravessado pelas correias, e gritou:

- Mais valia que fosse o avô para a guerra... Para aquilo que ele serve... Não quero que tu vás...

Grigóri poisou cuidadosamente o filho no chão, limpou o rosto com as costas da mão e pôs o cavalo em andamento sem dizer nada.

Quantas vezes o animal, depois de dar meia volta a escavar o chão, ali, junto do alpendre da casa paterna, o não levava, através das grandes estradas e da estepe sem caminhos, para a frente de batalha onde a morte negra marca os homens e onde, como diz a canção cossaca “a cada hora de cada dia, se encontra o medo e a desgraça”! Mas nunca Grigóri, até então, deixara a aldeia com o coração tão apertado como nessa manhã suave.

Atormentado por vagos pressentimentos, uma angústia e uma inquietação profundas, cavalgou até ao cabeço sem olhar para trás, com as rédeas poisadas no pomo da sela. Na encruzilhada, quando a estrada poeirenta corta para o moinho de vento, voltou-se. Só Natália ficara junto ao portão, e o vento fresco da manhã fazia adejar nas suas mãos o lenço negro e fúnebre.

No golfo azul fluuavam as nuvens que o vento dispersava. Uma névoa húmida condensava-se acima da orla ondulada do horizonte. Os cavalos seguiam a passo Prokhor dormitava, a baloiçar-se na sela. Grigóri, de dentes cerrados, olhava muitas vezes para trás. Viu primeiro os renques verdes dos salgueiros e a fita prateada do Don que serpenteava caprichosamente, as asas do moinho que giravam com lentidão. Depois, a estrada virou para o sul. Os lameiros, o Don, o moinho, tudo desapareceu atrás dos trigais pisados. Grigóri, assobiando baixinho, fitava obstinadamente o pescoço ruivo do cavalo coberto de gotículas de suor. Deixou de olhar para trás. Maldita guerra!

Tinham lutado no Tchir, tinham lutado no Don e agora a guerra ia estalar no Khopr, em Médvéditsa, no Buzuluk “Se uma bala inimiga me abater ali, em vez de ser na minha terra, que importância tem isso, afinal de contas?”, pensou.

IX

Combatia-se nas imediações da stanitsa Usst-Medvéditskaia.

Ao deixar o atalho de Verão para meter pela estrada dos hetmans, Grigóri ouviu o troar surdo do canhão.

Ao longo do percurso viam-se vestígios da retirada precipitada dos vermelhos. O que mais se notava eram as charretes de duas rodas e os carros abandonados. Atrás da aldeia de Maíveiévvski, numa ravina, via-se um canhão de eixo partido por um obus e com o cano avariado. Os varais tinham sido virados para trás. A meia verstá da ravina, nas terras de sal, sobre a erva baixa requeimada pelo sol, jaziam cadáveres de soldados em mangas de camisa e calças de caqui, com grevas botas grossas ferradas. Eram vermelhos, que a cavalaria cossaca alcançara e passara a fio de sabre.

Grigóri, ao passar ao lado deles, não teve dificuldade em o verificar pela abundância de sangue seco nas camisas e pela posição dos corpos, jaziam como se fosse erva cortada. Os cossacos não haviam tido tempo de os despir, provavelmente pela simples razão de quererem continuar a persegui-los.

Um cossaco morto tombara de costas ao lado de uma moita de pilriteiro. As bandas vermelhas das calças destacavam-se nas pernas alargadas. Perto dele, achava-se um cavalo morto, de pelagem baia, com uma velha sela pintada a ocre.

Os cavalos de Grigóri e de Prokhor estavam fatigados. Era preciso dar-lhes de comer, mas Grigóri não queria parar naquele sítio onde se havia lutado pouco tempo antes. Percorreu ainda uma verstá, desceu por uma ravina e ali parou o cavalo. Via-se a pouca distância uma lagoa cujo dique fora minado pela água até à base. Prokhor aproximou-se das margens de terra batida e gretada, mas voltou logo o cavalo.

- Que foi? - inquiriu Grigóri.

- Vem ver.

Grigóri avançou até ao dique. Numa brecha deste jazia uma mulher morta. A orla da saia azul cobria-lhe a cabeça. As suas pernas brancas e roliças, de tornozelos bronzeados, com covinhas nos joelhos, estavam impudicamente alargadas, numa posição horrível. Tinha o braço esquerdo dobrado para trás das costas.

Grigóri, desmontando rapidamente, tirou o boné, curvou-se e puxou a saia sobre o corpo da defunta. O seu rosto, jovem e queimado do sol, permanecia belo mesmo depois de morta. Os olhos semicerrados da rapariga tinham um brilho apagado sob as sobranceiras negras dolorosamente arqueadas. A sua boca de desenho delicado entreabria-se num esgar, e os dentes apertados luziam como pérolas. Uma fina madeixa de cabelos colava-se-lhe à face que repousava sobre a erva. E as formigas, afadigadas, iam e vinham por cima daquela face que a morte tingira já com a sua tinta pálida cor de açafrão.

- Que linda coisa eles mataram, os malditos! – exclamou a meia voz Prokhor.

Ficou um momento em silêncio, depois cuspiu, furioso

- Se fosse eu... a malandros destes, mandava-os fuzilar. Vamos embora, pelo amor de Deus. Não posso olhar para ela, despedaça-me o coração.

- Não seria melhor enterrá-la? - propôs Grigóri.

- O quê? Achas que podemos enterrar todos os mortos - indignou-se Prokhor. - Em Iagodnói já sepultámos um velho, agora esta mulherzinha... Se quiséssemos enterrá-los a todos não havia braços que chegassem. E com que havíamos de abrir a cova? Os sabres para isso não servem. Além disso, o calor é tanto que a terra está dura a um palmo de profundidade.

Prokhor, cheio de pressa, não acertava com o pé no estribo.

Depois de voltarem a subir a colina, disse após intensa reflexão:

- Diz lá, Panteleiévitch, não te parece que já se derramou sangue suficiente?

- Eu acho que sim.

- E até quando calculas que isto vai durar?

- Até eles darem cabo de nós

- Isso é que se chama uma linda vida. O Diabo deve estar contente! Se ao menos eles se despachassem! Quando foi da guerra com os alemães, por vezes os feridos cortavam um dedo a si próprios e então mandavam-nos para casa. Mas agora, nem que uma pessoa decepasse o braço inteiro, obrigavam-na a ir para a tropa. Os coxos, os estropiados, os vesgos, os herniados, tudo serve desde que possam arrastar as pernas. Mas o diabo irá acabar esta guerra? Raios os partam! - disse Prokhor com desespero.

Saiu da estrada, saltou em terra e posse a desaparelhar o cavalo enquanto resmungava.

Grigóri chegou ao cair da noite à aldeia de Khovansski, perto de Usst-Medvétitskaia. Um posto de guarda colocado à entrada da aldeia fê-lo parar, mas, reconhecendo a voz do seu chefe, os cossacos informaram Grigóri de que o Estado-Maior da Divisão se encontrava precisamente naquela aldeia estando o tenente Kopylov, chefe do

Estado-Maior, à espera dele. O chefe do posto, um homem prolixo, depois de ter encarregado um cossaco de acompanhar Grigóri ao Estado-Maior, disse por fim a este:

- Eles estão muito bem entrincheirados, Grigóri Panteleievitch; acho que não conseguiremos tomar tão cedo Usst-Medvéditskaia. Mas nunca se sabe, claro está... Nós também temos muita força. Parece que as tropas inglesas começaram já a chegar a Morozovskaia. Não está informado disso?

A casa ocupada pelo Estado-Maior tinha os postigos hermeticamente fechados. Grigóri disse consigo que não devia estar lá ninguém, mas ao entrar no corredor ouviu um barulho de vozes abafadas falando com animação. Na obscuridade da noite, sentiu-se encandeado pela luz de uma lanterna pendurada no tecto, enquanto o cheiro espesso e amargo do tabaco grosso lhe chegava às narinas.

- Até que enfim! - disse animadamente Kopylov, emergindo de uma nuvem de fumo azulado que se acumulara por cima da mesa. - Fizeste-te esperar!

Grigóri saudou toda a gente e, depois de tirar o capote e o boné, aproximou-se da mesa.

- Ena, que fumarada! Não se pode respirar. Abram ao menos uma janela! Que ideia é essa de se calafetarem assim? - disse ele fazendo uma careta.

Kharlampi Ermakov, sentado ao lado de Kopylov, sorriu:

- Estamos habituados, já não sentimos.

- Os homens dizem que os Aliados estão por aí a chegar. É verdade?

- Corre o boato de que algumas baterias inglesas de tanques partiram de Tchernychevskaja. Mas o caso é este: como é que os tanques vão atravessar o Don? Na minha opinião, essa história dos tanques é uma treta. Há muito tempo que se fala nisso. .

Instalou-se na sala um prolongado silêncio.

Kopylov, após ter desabotoado o blusão castanho de oficial, apoiou nas palmas das mãos as faces balofas cobertas por uma penugem castanha e ficou-se a mascar pensativamente o cigarro apagado. A fadiga tornava-lhe mais pequenos os olhitos escuros e redondos, muito afastados um do outro; as noites de insónia haviam-lhe enrugado o rosto belo.

Noutros tempos fora professor na escola paroquial. Aos domingos costumava ir visitar os comerciantes da stanitsa, jogava o loto com as senhoras e os senhores, quase de graça, e tocava guitarra que era uma maravilha; era um rapaz alegre e sociável; mais tarde casara-se com uma professora muito jovem e teria continuado a viver assim na stanitsa se não houvesse sido mobilizado quando rebentou a guerra. Ao sair da escola militar mandaram-no para a frente ocidental, integrado num regimento cossaco. A guerra não

modificara o carácter de Kopylov nem o seu aspecto exterior. Havia algo de inofensivo, de profundidade civil, na sua silhueta larga e baixa, no seu rosto bonacheirão, na sua maneira de trazer o sabre e de se dirigir aos subordinados. Faltava à sua voz o timbre do comando, na sua conversa não se notava aquele laconismo que é habitual, no exército, a farda assentava-lhe mal e os três anos que passara na frente de combate não lhe haviam ensinado a rigidez militar; tudo, nele, revelava o guerreiro feito à pressa.

Lembrava mais um pequeno burguês barrigudo mascarado de oficial do que um militar a sério, mas apesar disso os cossacos sentiam por ele consideração, davam-lhe ouvidos nas conferências do Estado-Maior, e o comando insurrecto apreciava o espírito lúcido, o seu feitio acomodatório e a coragem real de que por várias vezes dera provas durante os combates.

Antes de Kopylov, Grigóri tivera como chefe de Estado-Maior um homem iletrado e pouco inteligente, o tenente Krujiline. Mas este fora morto num dos combates do Tchir, e Kopylov à testa do Estado-Maior, agira inteligentemente, com prudência e habilidade. Gastava tanto tempo a elaborar os planos das operações como outrora a corrigir os exercícios dos alunos. No entanto, quando havia necessidade, bastava uma palavra de Grigóri para ele montar a cavalo, deixar o Estado-Maior e assumir o comando do regimento, levando-o ao combate.

No princípio, Grigóri alimentara certas reservas a respeito de Kopylov, mas em dois meses aprendera a conhecê-lo, e um dia, no fim de um combate, disse-lhe espontaneamente: “Eu fazia de ti uma triste ideia, Kopylov, mas vi que me enganava, por isso peço-te desculpa.” Kopylov sorriu, não disse nada, mas esta confissão brutal lisonjeava-o sem dúvida.

Desprovido de ambições, sem pontos de vista políticos assentes, Kopylov considerava a guerra como um mal inevitável e esperava com impaciência pelo seu fim. Por isso não se preocupava absolutamente nada com a maneira como evoluíam as operações para a tomada de Usst-Medvéditskaia; só pensava nos seus, na sua stanitsa natal, e dizia consigo que seria uma grande coisa se lhe concedessem uma licença de dez semanas para a ir gozar à terra...

Grigóri, depois de ter estado a olhar muito tempo para Kopylov, levantou-se.

- Vamos, meus irmãos. Toca a dormir. Não nos compete a nós matar a cabeça para sabermos como haveremos de tomar Usst-Medvéditskaia. Agora são os generais que pensam e decidem em nosso lugar. Amanhã vamos encontrar-nos com Fitzklaurov para ele nos dar uma lição, a nós, pobres mortais... Quanto ao Segundo Regimento, a minha

opinião é esta: enquanto temos poder para isso, devemos destituir imediatamente Dudárev e retirar-lhe a patente e as condecorações...

- E também a sua ração de kacha -acrescentou Ermakov.

- Não, fora de brincadeira - prosseguiu Grigóri -, é preciso fazê-lo baixar imediatamente ao posto de chefe de esquadrão e nomear Kharlampi para o lugar dele. Vamos, Ermakov, trata de ir assumir o comando do Regimento e espera as nossas instruções amanhã de manhã. Kopylov vai redigir imediatamente a ordem de destituição de Dudárev, leva-a contigo. Estou a ver que Dudárev não poderá escapar. Não percebe nada e não me admira que meta os seus homens num sarilho qualquer. Quando se combate a pé, é assim mesmo... Se o chefe não tem nada dentro da cabeça é fácil deixar massacrar os seus homens.

- Precisamente. Também sou pela destituição de Dudárev - apoiou Kopylov.

- E tu, Ermakov, és contra? - inquiriu Grigóri, ao descortinar um certo descontentamento no rosto de Ermakov.

- Não, eu cá não disse nada. Não terei o direito de erguer as sobrancelhas?

- Bem, antes assim. Ermakov não é contra. O seu regimento a cavalo passará provisoriamente para Riáhtchikov. Escreve, Mikhail Grigóritch, redige essa ordem e depois vai dormir uma soneca. Às dez horas temos de estar a pé. Iremos ter com o general. Levo comigo quatro ordenanças.

Kopylov ergueu as sobrancelhas com espanto:

- Porquê tanta gente?

- Para impressionar. Nós também não somos novatos, comandamos uma divisão.

Grigóri sacudiu os ombros com um risinho, atirou o capote para as costas sem enfiar as mangas e saiu.

Deitou-se debaixo do telheiro sem se descalçar nem tirar o capote. As ordenanças ficaram muito tempo a fazer barulho no pátio; algures, ali perto, os cavalos sacudiam-se e ruminavam cadenciadamente. Cheirava a lama seca e à terra ainda mal arrefecida do calor do dia. Numa meia sonolência, Grigóri escutava as vozes e os risos das ordenanças. Uma delas um jovem a avaliar pela voz suspirava, enquanto ia selando o cavalo:

- Eh, rapazes! Estou farto disto! Ter de ir levar um bilhete.

- A meio da noite! Uma pessoa nunca dorme, nunca descansa...

- Chó! Pára lá com isso, maldito! Dá cá a perna, já te disse, dá cá a perna!

Outro pôs-se a cantar, numa voz rouca e em surdina:

O tempo de serviço é longo, ninguém aguenta mais

Os nossos belos cavalos andam todos estoirados...

E prosseguiu, volúvel e atarefado, num tom quezilento:

- Passa-me para cá a onça, Prochka. Que unhas de fome! Já te esqueceste das botas que eu te dei, tiradas aos vermelhos? Malandro! Por umas botas como aquelas outros ficariam gratos durante a vida inteira, mas tu nem sequer me dás com que enrolar um cigarro!

O freio tilintou e rangeu sobre os dentes do cavalo. O animal, depois de bufar com toda a força, arrancou, fazendo estalar as ferraduras na terra seca e dura como sílex. “Todos dizem a mesma coisa... O serviço militar é demorado, não aguentamos mais” repetiu mentalmente Grigóri sorrindo. E adormeceu. Visitou-o logo um sonho que já tivera antes: várias vezes: filas de soldados vermelhos a avançarem por entre o colmo alto de um campo negro. A primeira vaga estendia-se a perder de vista e, atrás desta, vinham ainda seis ou sete. Aproximavam-se no meio de um silêncio esmagador. Os vultos negros cresciam, aumentavam de volume a ponto de se distinguirem já os homens com bonés de orelhas, de bocas abertas e mudas, a marcharem, a marcharem num passo rápido e saltitante, mas, ao chegarem a um metro de distância, punham-se a correr, de baioneta calada.

Grigóri está deitado numa pequena trincheira pouco profunda, manobra convulsivamente a culatra da espingarda e dispara com intervalos regulares, os vermelhos caíam de costas sob os seus tiros; mete novo carregador, mas, lançando rapidamente os olhos em roda, verifica que os cossacos saltam para fora das trincheiras vizinhas. Voltam as costas e fogem, com o rosto desfigurado pelo pavor. Grigóri ouve as pancadas furiosas do seu coração e grita: “Disparem! Patifes! Aonde vão vocês? Parem, não fujam!” Grita com toda a força, a sua voz porém é estranhamente débil, mal se ouve. Apodera-se dele o terror. Ergue-se também: de pé, atira sobre um vermelho, já de certa idade, de pele tisonada, que corre na sua direcção, mas vê que falhou o tiro. O rosto do vermelho, muito grave, reflecte cólera e intrepidez. Corre de leve, quase sem poisar os pés no chão, franze os sobrolhos e leva o boné atirado para a nuca, as abas do capote arregaçadas. Grigóri examina durante um instante o inimigo a correr, vê-lhe os olhos brilhantes, as faces lívidas, cobertas por uma barba frisada que lhe dá um ar jovem, vê os canos largos e curtos das botas, o olho negro da espingarda que ele mal abaixara, a ponta da baioneta escura a oscilar ao ritmo da corrida. Um medo incrível assalta Grigóri. Agarra na alavanca da culatra, mas esta não lhe obedece, encravada. Grigóri bate desesperadamente com ela no joelho, em vão! E o vermelho está já a cinco passos dele! Grigóri, então, volta-se e deita a correr. O campo escuro e nu, na sua frente, está coalhado de cossacos em fuga. Grigóri escuta o respirar ofegante do homem que o persegue, o ruído sonoro dos seus passos, mas não pode acelerar mais a corrida. É-

lhe preciso um esforço terrível para obrigar as suas pernas que dobram, sem vontade, a correrem mais depressa. Chega finalmente a um lúgubre cemitério quase em ruínas, salta o muro escalavrado, corre por entre as sepulturas desfeitas, as cruzes e as capelas derrubadas. Um derradeiro esforço e ficará a salvo. Mas nesse momento o martelar dos passos torna-se mais forte e sonoro. O hálito quente do perseguidor queima a nuca de Grigóri, sente-se agarrado pela romeira e pelas abas do capote. Solta grito abafado e acorda. Está deitado de costas. As suas pernas, apertadas dentro das batas justas, ficaram entorpecidas, suor frio escorre-lhe da testa, dói-lhe o corpo todo, como se o tivessem espancado. “Caramba!” disse em voz rouca, feliz por se ouvir a si próprio e quase sem acreditar ainda que aquilo por que acabara de passar era apenas um sonho. Depois deita-se de lado, cobre a cabeça com o capote e diz mentalmente: “O que havia a fazer era deixá-lo aproximar, aparar o golpe, derrubá-lo com uma coronhada e fugir só no fim...”

Durante um minuto reflecte nesse sonho que tivera pela segunda vez e sente uma alegre emoção ao pensar que fora apenas um pesadelo e que de momento nada, na realidade, o ameaça.

“É curioso, porque será que estas coisas são dez vezes mais horríveis nos sonhos do que na vida? Nunca até hoje senti um medo assim, apesar dos maus bocados por que passei”, disse ele consigo antes de adormecer, estendendo com delícia as pernas ancilosas.

Foi Kopylov quem o veio acordar de madrugada.

- Levanta-te, são horas de nos prepararmos para partir. Temos ordem para nos apresentarmos às seis.

O chefe do Estado-Maior acabava de se barbear, de engraxar as botas e de vestir um blusão engelhado mas limpo. Via-se que tinha pressa; a navalha fizera dois golpes nas suas faces moles. Emanava dele um ar de rigidez elegante que lhe não era habitual.

Grigóri, enquanto o examinava dos pés à cabeça com um olhar crítico, disse consigo: “Aperaltou-se todo! Não quer aparecer de qualquer maneira ao general...”

Como se lhe houvesse adivinhado os pensamentos, Kopylov declarou:

- Não é conveniente aparecermos sujos. Aconselho-te a arranjares-te um bocado também.

- Não é preciso! - resmungou Grigóri espreguiçando-se.... - Dizes então que temos ordem de lá estarmos às seis? Já começam a dar-nos ordens!

Kopylov encolheu os ombros com um sorriso.

- Outros tempos outras modas. Do ponto de vista hierárquico somos obrigados a ceder. Fitzkhalaurov, como general, não lhe compete vir ter connosco.

- Isso é verdade, tivemos aquilo que queríamos – murmurou Grigóri levantando-se para se ir lavar ao poço.

A dona da casa correu com uma toalha limpa e bordada que apresentou a Grigóri, inclinando-se. Este esfregou vigorosamente a ponta da toalha na cara cor de tijolo, queimada pela água fria e disse a Kopylov que se aproximara:

- Sim, evidentemente, mas os senhores generais deviam saber uma coisa: o povo tornou-se diferente depois da revolução; é como se tivesse renascido. E eles continuam a medir coisas pela antiga bitola. Mas esta pode deixar de servir de um momento para o outro... Eles não sabem fazer a viragem, era preciso untar-lhes os cérebros com sebo para não rangerem nas curvas.

- A que propósito dizes tu isso? - inquiriu Kopylov, distraído, soprando sobre a manga para sacudir um grão de poeira.

- A propósito de que, para eles, tudo continua como dantes. No meu caso, ganhei os galões na frente alemã, conquistei-os com o meu sangue. Mas, quando entro numa assembleia de oficiais, é como se fosse para a rua em cuecas no Inverno. Sinto frio, arrefecem-me as costas.

Os seus olhos lançavam chispas e erguera a voz sem dar por isso.

Kopylov, olhando em redor com ar descontente, murmurou:

- Fala mais baixinho, as ordenanças estão a ouvir-te.

- Porque será isto, não me dirás? - prosseguiu Grigóri, baixando a voz. Para eles, eu sou um bicho raro. Os tipos têm mãos, ao passo que eu uso ferraduras, por causa dos calos. Enquanto suas Excelências fazem passos de dança, eu agarro-me às coisas. Os fidalgos cheiram a sabonete e a toda a casta de cremes de beleza, ao passo que eu tresando a mijo e a suor de cavalo. Eles são uns sabichões e eu tive dificuldade em fazer a escola primária. Somos diferentes da cabeça aos pés. É assim mesmo! Quando estou na sua companhia tenho a impressão de que anda uma teia de aranha na cara a fazer-me cócegas. Sinto medo e dá-me vontade de me ir lavar.

Grigóri atirou com a toalha para cima do telhado do poço. Desembaraçou os cabelos com um bocado de pente de corno. A parte branca da testa não queimada pelo sol destacava-se por cima do rosto moreno.

- Eles não querem compreender que o passado já não conta declarou em voz mais baixa. Pensam que somos feitos doutra massa e que as pessoas sem instrução, os homens simples, são uma espécie de gado. Julgam que, na arte militar, eu e os meus companheiros somos menos competentes do que eles. Mas do lado dos vermelhos quem é que comanda? Budionny será por acaso oficial? Não senhor. Foi ajudante no exército. No entanto quem é

que tem derrotado os generais do Estado-Maior? É ou não é ele quem tem feito marcar passo aos regimentos comandados por oficiais? Gusselchtchikov é o mais valente e o mais célebre dos generais cossacos e, apesar disso este Inverno teve de fugir em cuecas de Urst-Khopperskaia. E sabes tu quem era o gajo que o obrigou a fazer isso? Um simples operáriozinho de Moscovo, que comanda um regimento vermelho. Foram os prisioneiros que me falaram dele. Isto é que eles têm de compreender. E nós, os oficiais sem instrução, não conduzimos bem os cossacos, quando da insurreição? E os generais, ajudaram-nos alguma coisa nisso?

- Ajudaram sim, e não foi pouco - respondeu Kopylov com um ar entendido.

- Bem talvez tivessem ajudado o Kudínov, mas cá a mim não me serviram de nada, e venci os vermelhos sem ter pedido conselho a ninguém.

- O quê, negas então a ciência na arte militar?

- Não, não nego a ciência. Mas na guerra, meu caro, não é isso o principal.

- Então que pensas tu ser o principal?

- A causa que se defende...

- Ah, isso é outra coisa... - murmurou Kopylov. E acrescentou com um sorriso prudente: - Isso já se sabe... O principal, nestas coisas, é a causa pela qual lutamos, é ter fé nessa causa. Eis uma verdade tão velha como o mundo e fazes mal em a apresentar como se fosses tu a descobri-la. Eu cá sou pelos tempos antigos. Se assim não fosse não teria mexido um dedo para fazer a guerra. Todos aqueles que estão connosco são pessoas que defendem pela força das armas os seus velhos privilégios e querem dominar o povo revoltado. Nós pertencemos ao número dos dominadores, tu e eu. Mas há muito que ando a observar-te, Grigóri Panteleievitch, e não consigo compreender-te...

- Mais tarde compreenderás, vamos embora – exclamou Grigóri, dirigindo-se para o telheiro.

A dona da casa, que lhe espiava todos os gestos, propôs, para lhe ser agradável:

- Quer beber uma pinga de leite?

- Obrigado, tiazinha, não temos agora tempo de beber leite, fica para a outra vez.

Prokhor Zikov, junto do telheiro, sorvia conscienciosamente uma tigela de leite coalhado. Não perdendo a calma, ao ver Grigóri, desprende o cavalo. Depois de limpar os beiços à manga, perguntou:

- Vais para longe? Queres que te acompanhe?

Grigóri, irritando-se, respondeu com fria cólera:

- Não sabes as tuas obrigações, monte de esterco? Porque é que esse cavalo não está aparelhado? Quem é que mo deve apresentar? Estupor! Passas a vida a comer, nunca te fartas. Vamos larga a colher, não sabes o que é disciplina, labrego!?

- Que mosca te mordeu? - resmungou Prokhor, ofendido... bem instalado na sela. - Estás sempre a barafustar sem razão. Quem julgas tu que és? Então já não tenho o direito de comer qualquer coisa antes de me pôr a caminho? Porque berras assim?

- Porque tu me fazes perder a cabeça, meu safado. Que maneira é essa de me falares? Vamos ter com o general, por isso toma bem conta no que te digo. Tens o costume de me tratar tu cá tu lá. Esqueces o lugar que ocupo em relação a ti. Segue-me a cinco passos de distância! - ordenou Grigóri quando transpunham o portão.

Prokhor e as três outras ordenanças ficaram um pouco para trás, enquanto Grigóri, que seguia na frente em companhia de Kopylov, retomava a conversa, inquirindo com ironia:

- Diz lá então o que é que tu não compreendes, talvez eu te consiga explicar.

Sem notar a ironia do tom, Kopylov respondeu:

- O que eu não compreendo é a tua posição dentro da nossa causa. Por um lado, lutas pelo antigo regime; por outro desculpa a minha franqueza és uma espécie de bolchevista.

- Em que é que eu sou um bolchevista? - perguntou Grigóri, irritado, fazendo um movimento brusco sobre a sela.

- Não digo que sejas bolchevista, mas sim uma espécie de bolchevista.

- Vem a dar na mesma. Em quê, pergunto eu?

- Bem, naquilo que dizes acerca dos oficiais e das suas relações contigo. Que queres tu deles? Que queres tu afinal de contas? - inquiriu Kopylov sorrindo, bonacheirão, a brincar com a chibata.

Lançou um olhar para as ordenanças, que discutiam com animação, e prosseguiu com mais vigor:

- Irrita-te o facto de não te aceitarem como seu igual, de te tratarem de cima para baixo. Mas eles têm razão do seu ponto de vista. É preciso compreendê-los. Tu és oficial, é certo, mas só por acaso. É certo que ostentas galões, mas continuas a ser, desculpa que to diga, um cossaco bastante grosseiro. Não sabes o que são boas maneiras, exprimes-te de uma forma incorrecta, não possuis qualquer das qualidades de um homem culto. Por exemplo, em lugar de te servires do lenço de assoar, como qualquer pessoa bem educada, assoas-te aos dedos; durante as refeições, limpas as mãos às botas ou aos cabelos; no fim de te lavares, não te importas de te enxugares à manta do cavalo; quando precisas de cortar as

unhas, ou as róis ou as aparas com a ponta do sabre. Mais ainda, lembras-te de que este Inverno, em Karguínsskaia, quando estavas a conversar com uma mulher instruída, cujo marido fora preso pelos cossacos, apertaste a braguilha diante dela...

- Querias talvez que a tivesse deixado ficar aberta? – perguntou Grigóri com um sorriso carrancudo.

Os cavalos seguiam a par, e Grigóri olhava de soslaio para Kopylov, para o seu rosto bonacheirão, e escutava-lhe as palavras com uma certa amargura.

- Não é isso! - exclamou Kopylov fazendo uma careta despeitada. - Mas, enfim, como foste tu capaz de receber essa mulher, tendo apenas as calças vestidas e estando descalço? Lembro-me muito bem que nem sequer te deste ao trabalho de pôr o blusão pelas costas. São tudo pequenas coisas, bem sei, mas que fazem de ti um homem... como direi...

- Bem, diz de uma vez!

- Olha, um homem absolutamente inculto. E essa tua maneira de falar! É horrível! Em lugar de dizeres domicílio, dizes domecílio; em vez de evacuar, dizes evasquar; quando queres dizer parece que, dizes está-me a pracer; dizes, em vez de artilharia, antelharia. E, como iletrado que és, tens uma paixão inexplicável pelas palavras estrangeiras que soam bem e emprega-las a torto e a direito, deforma-las de uma maneira incrível e, quando alguém pronuncia diante de ti, nas conferências do Estado-Maior, certos termos da gíria militar, tais como deslocão disposição, concentração, etc., olhas para a pessoa com pasmo, direi mesmo, com inveja.

- Oh, quanto a isso, estás a mentir! - exclamou Grigóri, alegre e animado. Acariciava o cavalo entre as orelhas, coçando-lhe o pêlo quente e sedoso, por baixo das crinas. E prosseguiu: - vá, anda, continua a cascar no teu chefe...

- Escuta, não é preciso continuar. Já deves ter compreendido que, sob este aspecto, não estás à altura. Além disso irritas-te com os oficiais por te não tratarem de igual para igual. Quanto às boas maneiras e à instrução, convence-te de que não vales um caracol!

Depois de ter proferido levianamente estas palavras ofensivas, Kopylov ficou cheio de medo. Sabendo como Grigóri dominava mal a ira, receava uma explosão, mas bastou lançar-lhe um olhar rápido para ficar tranquilo: Grigóri, todo deitado para trás, na sela, sacudia-se num riso mudo, com os dentes deslumbrantes a brilharem por baixo do bigode. O efeito que tiveram as suas palavras foi para Kopylov tão imprevisto, a hilaridade de Grigóri tão contagiosa, que por sua vez, desatando a rir, disse:

- Estás a ver, outro qualquer mais sensato teria chorado, ao passo que tu gozas... Serás maluco?

- Dizes então que eu não valho um caracol? Pois bem, raios te partam! - exclamou Grigóri quando acabou de rir. - Não tenho a mínima vontade de aprender as vossas boas maneiras e as vossas convenções. Não preciso delas para lidar com os meus bois! E, se Deus permitir que conserve a vida, não irei fazer-lhes salamaleques, dizendo: “Chegue-se para lá um pouco, senhor careca. Peço-lhe desculpa, senhor malhado! Dá-me licença que lhe aperte a canga? Meu caro senhor boi, peço-lhe o obséquio de não se afastar do rego.” com eles, dizem-se frases mais curtas. Basta: Oh! Eh lá! Para eles, a disclocação é isso.

- Qual disclocação, deslocação... - corrigiu Kopylov. Bem, vamos lá pela deslocação. Mas há um ponto em que não concordo contigo.

- Qual é?

- Quando dizes que eu não valho um caracol. Junto de vocês é que eu não valho um caracol. Mas deixa-me ir para o lado dos vermelhos, e verás que valho tanto como um leão. Nessa altura, não me apareçam pela frente, seus parasitas bem educados e sabichões. Abato-vos como tordos! - declarou Grigóri, meio a rir, meio a sério, metendo o cavalo a trote.

A manhã nascia sobre as terras do Dom, no meio de um silêncio tão frágil que qualquer som, mesmo abafado, o vinha quebrar, despertando ecos. Só as alvéolas e as codornizes reinavam na estepe, mas nas aldeias vizinhas ouvia-se esse zumbido fraco e incessante que acompanha habitualmente a passagem das grandes unidades militares. As rodas dos canhões e das carroças pesadas rangiam nas valetas; os cavalos relinchavam perto dos poços; o passo das unidades de infantaria cossaca martelava cadenciadamente o solo, com um ruído surdo e mole; os carros e as charretes requisitadas que transportavam munições e equipamento para a frente de batalha rodavam com estrépito; perto das cozinhas de campanha, cheirava bem a sopa, a carne cozida temperada com folhas de loiro, a pão fresco.

X

Perto de Ussst-Medvéditsskaia, crepitava uma fuzilaria cerrada e, de tempos a tempos, rebentava um tiro de canhão, sonoro e preguiçoso. O combate iniciava-se naquele momento.

O general Fitzkhalaurov estava a almoçar quando um ajudante-de-campo, já de certa idade e com aparência gasta, lhe veio anunciar:

- Melekhov, comandante da Primeira Divisão insurrecta: Kopylov, chefe do Estado-Maior.

- Manda-os entrar para o meu quarto.

Com a manápula coberta de veias salientes, Fitzkhalaurov empurrou o prato cheio de cascas de ovo; bebeu sem pressa um copo de leite fresco, dobrou cuidadosamente o guardanapo e levantou-se da mesa.

De estatura gigantesca, embora a idade o tivesse tornado mais gordo e espesso, parecia enorme naquele exíguo quarto cossaco de empenas tortas e janelinhas minúsculas. Enquanto endireitava a gola dura da farda de corte impecável, o general passou à sala vizinha, deu uma tossidela, fez um cumprimento breve a Grigóri e a Kopylov, que se tinham levantado, e, sem lhes estender a mão, convidou-os com um gesto a sentarem-se à mesa.

Grigóri instalou-se com precaução, a segurar o sabre, na borda de um banquinho, enquanto lançava um olhar de soslaio a Kopylov.

Fitzkhalaurov deixou-se cair numa cadeira de verga que rangeu com o seu peso, dobrou as pernas compridas, poisou as mãos nos joelhos, começando numa voz sonora e profunda:

- Convoquei-vos, senhores oficiais, para arrumar umas certas questões... Terminou a guerra de guerrilhas. As vossas unidades deixam de existir como um todo independente, que de resto nunca foram. Uma pura ficção! Ficam integradas no Exército do Don. Estamos a empreender uma ofensiva metódica, é tempo de compreenderem bem tudo isto e de se submeterem sem reservas às ordens do Alto Comando. Por que motivo, façam favor de me dizer, o vosso regimento de infantaria não apoiou ontem o ataque do batalhão

de assalto? Porque é que esse regimento se recusou, a despeito das minhas ordens, a tomar parte no ataque? Quem comanda a vossa pseudo-divisão?

- Eu - retorquiu Grigóri em voz baixa.

- Faça favor de responder à minha pergunta.

- Só regresssei ontem à divisão.

- Onde é que estava?

- Tinha ido a casa.

- Um comandante de divisão que se dá ao luxo de ir ver a família em período de operações! A sua divisão é um bordel! Não há disciplina, é monstruoso!

A voz de baixo do general trovejava cada vez com mais força na sala acanhada; atrás da porta, os ajudantes-de-campo caminhavam nos bicos dos pés e cochichavam, rindo; as faces de Kopylov empalideciam cada vez mais, ao passo que Grigóri ao contemplar as faces rubras do general e os seus punhos cerrados, se sentia invadido por uma fúria irresistível.

Fitzkhalaurov ergueu-se com uma rapidez inesperada, agarrou nas costas da cadeira e berrou:

- Isso que vocês lá têm não é uma unidade militar, mas sim uma cambada de guardas vermelhos!... Não são cossacos, é uma canalha! O senhor, Melekhov, em vez de comandar uma divisão, devia ser uma simples ordenança!... Só tem competência para engraxar botas! Porque é que a minha ordem não foi executada? Não houve tempo de convocar uma reunião? De a discutir? Convençam-se de uma vez para sempre que isso de camaradas aqui não conta, que não vos permitimos a prática dos processos bolchevistas. Não vos permitimos isso!

- Peço-lhe o favor de não gritar - disse Grigóri com voz surda. Ergueu-se e empurrou o banco com o pé.

- Que está para aí a dizer? - inquiriu Fitzkhalaurov engasgado pela emoção e numa voz rouca, todo curvado sobre a mesa.

- Peço-lhe que não grite - repetiu Grigóri com mais força. - O senhor convocou-nos para...

Ficou calado um segundo, baixou os olhos e, sem despregar a vista das mãos de Fitzkhalaurov, acrescentou quase num murmúrio:

- Se tentar tocar-me, Excelência, nem que seja só com um dedo, espeto-o imediatamente com o sabre.

Estabeleceu-se na sala um silêncio tal que se ouvia distintamente a respiração entrecortada de Fitzkhalaurov. Esse silêncio durou perto de um minuto. A porta rangeu de leve. Um ajudante-de-campo espreitou, assustado, através da fissa, fechando-a em seguida

devagarinho. Grigóri ficara de pé, sem tirar a mão do punho do sabre. Uma leve tremura agitava as pernas de Kopylov e o seu olhar errava vagamente pela parede.

Fitzkhalaurov deixou-se cair pesadamente na cadeira, soltou um débil gemido de velho e resmungou:

- Muito lindo!

E prosseguiu, já calmo, mas sem fitar Grigóri:

- Sente-se. Estamos exaltados, basta de tolices. Agora escute se faz favor: ordeno-lhe que transfira sem demora todas as suas unidades de cavalaria... Mas sente-se...

Grigóri, depois de se sentar, limpou à manga o suor abundante que lhe inundara subitamente o rosto.

- Portanto, transfira todas as suas unidades de cavalaria para o sector sudeste e passe logo à ofensiva. O seu flanco direito deverá tomar contacto com o segundo batalhão do tenente-coronel Tchumakov...

- Não conduzirei para aí o meu batalhão – declarou Grigóri com uma voz cansada, enquanto metia a mão no bolso das calças para tirar o lenço.

Limpou de novo a fronte com o lenço de renda que lhe dera Natalia e repetiu:

- Não conduzirei para aí o meu batalhão.

- Porquê?

- O reagrupamento levará tempo de mais...

- Isso não é da sua conta. Eu é que sou responsável pelo resultado da operação.

- É da minha conta, sim senhor. E não é Vossa Excelência o único responsável...

- Recusa-se a executar uma ordem? - perguntou Fitzkhalaurov com voz rouca, fazendo um visível esforço para se conter.

- Recuso.

- Nesse caso queira entregar o comando. Compreendo agora por que motivo a minha ordem de ontem não foi executada.

- Seja como o senhor quiser, mas a verdade é que não entrego o comando.

- Que quer isso dizer?

- Aquilo que eu disse.

Grigóri sorriu imperceptivelmente.

- Retiro-lhe o comando.

Fitzkhalaurov elevou a voz. Grigóri pôs-se de pé imediatamente.

- Não sou vosso subordinado, Excelência.

- De uma maneira geral, você é subordinado de alguém?

- Sou, do comandante em chefe das forças insurrectas, Kudínov. Quanto ao senhor, deixe-me dizer-lhe que estou admirado de o ouvir falar desse modo... Até ver, temos os mesmos direitos. O senhor comanda uma divisão, eu também. E para já peço-lhe o favor de não berrar comigo... Ah! depois de me terem feito baixar de posto para chefe de batalhão, nessa altura, sim. Mas quanto a bater-me...

Grigóri ergueu o indicador sujo e sorriu, ao mesmo tempo que os seus olhos cintilavam de furor. E terminou:

- Quanto a bater-me, nem depois disso consinto.

Fitzkhalaurov levantou-se, compôs a gola que o afogava e disse com um ligeiro curvar de cabeça:

- Nada mais temos a dizer um ao outro. Faça como entender.

- Vou imediatamente informar da sua atitude o Estado-Maior do Exército e garanto-lhe que os resultados não se farão esperar. Até agora nunca tivemos razão de queixa acerca do funcionamento do nosso tribunal militar.

Sem dar atenção aos olhares desesperados de Kopylov, Grigóri enterrou o boné na cabeça e dirigiu-se para a porta.

Parou na soleira para dizer:

- Pode informar quem quiser, mas não tente assustar-me, não sou daqueles que se deixam amedrontar... E por enquanto não me toque.

Reflectiu um momento, acrescentando:

- Se o fizesse creio bem que os cossacos lhe dariam uma sova.

Abriu a porta a pontapé e atravessou o vestíbulo em grandes passadas, fazendo tilintar o sabre.

Kopylov, aterrado, veio alcançá-lo no patamar.

- Endoideceste, Grigóri Panteleievitch - murmurou ele, juntando as mãos com desespero.

- Tragam os cavalos! - berrou Grigóri, a torcer a chibata entre as mãos.

Prokhor chegou às escadas como uma flecha.

Uma vez transposto o portão, Grigóri, voltando-se, viu três ordenanças que se afadigavam ajudando o general Fitzkhalaurov a montar num cavalo bastante alto, elegantemente arreado...

Percorreram a galope cerca de meia verstá, em silêncio.

Kopylov calava-se, compreendendo que Grigóri não ia disposto a falar e que, naquele momento, discutir com ele teria os seus perigos. Por fim, Grigóri não pôde mais:

- Porque vais tão calado? - inquiriu bruscamente.

- Porque vieste comigo? Para servires de testemunha? Estiveste a fazer de mudo?

- Olha, meu caro, sempre nos pregaste uma destas partidas...

- E ele?

- Admito que ele também andou mal. O tom com que nos falou era absolutamente revoltante.

- Achas que aquilo era falar? Desatou logo aos gritos, como se lhe tivessem espetado uma agulha no cu.

- Mas tu também és fresco! Insubordinação em face de um superior... em tempo de guerra... Isso, meu amigo...

- Isso não é nada. Só é pena que o tipo não tenha levantado a mão para mim. Dava-lhe uma sabrada que lhe rebentava os cornos!

- Tu já tens feito muitas destas e não podes esperar que “aqui saia nada de bom” - respondeu Kopylov descontente, detendo o cavalo a passo. - Tudo leva agora a crer que eles vão pisar-te os calos, espera e verás.

Os cavalos seguiam a passo, sacudindo-se e enxotando com a cauda as vespas. Grigóri contemplou Kopylov ironicamente, e disse:

- E tu, porque vieste tão bem ataviado? Pensavas que te iam oferecer chá? Fizeste a barba, escovaste a farda, engraxaste as botas... Vi-te molhar o lenço com cuspo para tirar as nódoas dos joelhos.

- Cala-te, por favor! - pediu Kopylov, corando.

Mas Grigóri continuava a troçar dele.

- Os teus esforços não serviram de nada. Já não falo do resto, mas o gajo nem sequer te deixou beijar-lhe a mão.

- Indo contigo, não se podia esperar outra coisa – resmungou Kopylov muito depressa.

Piscara os olhos e, de súbito, exclamou com alegre espanto:

- Olha! Aqueles não são dos nossos, são Aliados!

Na estreita viela onde se encontravam vinham ao encontro deles seis machos atrelados a um canhão inglês. Um oficial da mesma nacionalidade acompanhava-os, cavalgando um alazão de cauda cortada. O condutor, montado no primeiro macho, vestia também a farda inglesa, mas com o distintivo dos oficiais russos e galões de tenente.

A poucas ságenas de Grigóri, o oficial levou dois dedos ao capacete de cortiça e pediu, com um gesto, que o deixassem passar. A viela era tão estreita que isso só seria possível encostando os cavalos de sela aos muros de pedra.

Um tique nervoso agitou as faces de Grigóri. De dentes cerrados, avançou para o oficial. Este, erguendo as sobrancelhas com um ar espantado, afastou-se ligeiramente. Cruzaram-se com muita dificuldade e para isso foi preciso que o oficial inglês passasse a perna direita, apertada dentro da polaina, por cima da garupa luzidia e bem almofaçada do seu cavalo de raça.

Um dos serventes, sem dúvida um oficial russo, lançou a Grigóri um olhar de rancor.

- Parece-me que podias ter recuado um pouco. Havia necessidade de te mostrares mais uma vez grosseiro?

- Segue o teu caminho e deixa-me, monte de esterco. Senão verás como é que eu recuo! - disse Grigóri a meia voz.

O oficial, erguendo-se sobre os estribos, voltou-se para ordenar:

- Meus senhores, prendam esse safado!

Grigóri, a agitar a chibata com ares ameaçadores, avançava a passo na viela. Os artilheiros, todos oficiais novos e sem bigode, cansados, cobertos de pó, examinavam-no com olhares hostis, mas nenhum deles se atreveu a prendê-lo. A bateria de seis peças desapareceu à esquina da rua e Kopylov veio juntar-se a Grigóri, mordendo os lábios.

- Só fazes asneiras, Grigóri Panteleievitch. Portas-te como um garoto.

Grigóri mostrou-lhe os dentes:

- Ouve lá, vieste para me pregar sermões?

- Compreendo que te tenhas irritado contra Fitzkhalaurov - disse Kopylov encolhendo os ombros, mas esse inglês não tinha culpas nenhuma. Ou foi o capacete dele que te desagradou?

- O que me desagradou foi vê-lo aqui, em Usst-Medvéditskaia...

- Acho melhor que vá mostrar o capacete para outro lado. Quando dois cães estão à bulha, é escusado vir outro meter-se de permeio, não sabes isso?

- Ah, pelos vistos és contra a intervenção estrangeira? Pois eu cá digo que, quando se está com a corda no pescoço, aceita-se ajuda seja de quem for.

- Bem, nesse caso, deves estar contente. Pois eu nunca os teria deixado pôr o pé no nosso território.

- Mas tu não viste chineses entre os vermelhos?

- E então?

Achas que não é a mesma coisa? Também é auxílio estrangeiro.

- Não devias dizer isso. Os chineses eram voluntários.

- E estes, achas que vieram à força?

Grigóri não encontrou nada para responder. Ficou muito tempo calado, imerso numa penosa reflexão; por fim disse num tom de despeito mal disfarçado:

- Vocês, os homens instruídos, são sempre assim... Saltam para a direita e para a esquerda, como as lebres sobre a neve.

- Olha, meu caro, sinto que tu não tens razão, mas não sou capaz de te levar à parede... Deixemos isso. Não me confundas, pois confundido já eu estou.

Kopylov calou-se, aborrecido, e não trocaram mais palavra até ao aquartelamento, apesar de Prokhor, que se aproximara, cheio de curiosidade, ter inquirido:

- Grigóri Panteleievitch, Vossa Nobreza, diz-me lá, por favor, que bichos são aqueles que os cadetes atrelaram às peças. Têm orelhas de burro, mas; quanto ao resto, são tal e qual como os cavalos. A gente nem sabe o que aquilo é. Que diabo de raça será aquela? Explica-nos, por favor. Cá a malta até apostou dinheiro...

Foi bem uns cinco minutos atrás de Grigóri. Por fim, parou sem ter recebido resposta e, quando as outras ordenanças o alcançaram, disse-lhes em voz baixa:

- Os gajos não dizem nada. Parece que também eles ficaram estúpidos sem saberem donde vieram aqueles bicharocos...

XI

Os esquadrões cossacos tinham-se erguido pela quarta vez das trincheiras abertas à superfície da terra, para se deitarem de novo sob o fogo mortífero das metralhadoras vermelhas.

As baterias inimigas, ocultas entre a floresta da margem esquerda, martelavam sem descanso, desde a aurora, as posições cossacas e as reservas agrupadas nas ravinas.

As pequenas nuvens dos shrapnels, a desfazerem-se, brancas como o leite, vinham rebentar por cima dos cabeços do Don. Atrás e à frente da linha quebrada das trincheiras cossacas as balas levantavam uma poeira acastanhada.

Cerca do meio-dia, a batalha atingira o auge e o vento oeste transportava para longe, ao longo do Don, o ribombar dos tiros da artilharia.

Do posto de observação da bateria insurrecta, Grigóri contemplava com o binóculo o desenrolar do combate. Via as companhias de oficiais, apesar das baixas, atacar em vagas, com persistência. Quando o fogo se intensificava, deitavam-se no chão, depois davam novo salto para a frente; contudo, à esquerda, para os lados do mosteiro, a infantaria insurrecta não conseguia levantar-se. Grigóri escreveu à pressa um bilhete destinado a Ermakov, que mandou entregar por um estafeta.

Meia hora depois, Ermakov, furioso, chegava a galope.

Apeou-se de um salto junto dos piquetes de cavalos da bateria e subiu, ofegante, até à trincheira do posto de observação.

- Não consigo pôr de pé os cossacos. Não querem levantar-se! - gritou ele de longe, agitando os braços. Já perdemos vinte e três homens. Viste o massacre que os vermelhos fizeram com as metralhadoras?

- Os oficiais avançam e tu não consegues fazer marchar os teus homens? - sibilou Grigóri, de dentes cerrados.

- Mas repara: eles têm uma metralhadora para cada secção e cartuchos a dar com um pau. E nós, que é que temos?

- Vá, vá. Nada de discursos. Ao ataque, imediatamente! Senão corto-te a cabeça!

Ermakov, depois de proferir uma obscenidade, desceu o cabeça a correr. Grigóri foi atrás dele. Resolvera levar ele próprio ao ataque o 2.º Regimento de Infantaria.

Junto da última peça, habilmente camuflada com ramos de espinheiro, foi abordado pelo comandante da bateria.

- Admira o trabalho dos ingleses, Grigóri Panteleievitch. Agora vão começar a disparar sobre a ponte. Subimos ao cabeço?

Com o binóculo, distinguia-se apenas a linha tênue da ponte de barcos que os sapadores vermelhos haviam instalado através do Don. Sobre ela passava uma vaga contínua de viaturas.

Ao cabo de dez minutos, a bateria inglesa, instalada numa depressão do terreno, atrás de uma crista rochosa, abriu fogo. O quarto obus cortou a ponte quase ao meio. A fila de viaturas de teve-se. Viam-se os vermelhos a atirarem ao rio a toda a pressa os carros demolidos e os cadáveres dos cavalos.

Logo quatro barcas de sapadores largaram da margem direita; mas, assim que estes haviam consertado a ponte demolida, a bateria inglesa disparou nova série de obuses. Um destes rebentou com o dique de acesso da margem esquerda, outro fez brotar uma coluna de água verde mesmo junto da ponte, e o tráfego, que se restabelecera através desta, cessou de novo.

- Aquilo é que é pontaria! Filhos da mãe! - exclamou o comandante da bateria com admiração. - Agora, daqui até à noite, nunca mais os deixam passar. A ponte foi-se à viola!

Grigóri inquiriu, sem desprezar o binóculo dos olhos:

- E tu, porque não falas? Fazias melhor se apoiasses a nossa infantaria. Estás a vê-los, os ninhos de metralhadoras inimigas.

- Isso queria eu, mas já não tenho nem um obus. Disparei o último há meia hora; desde então estou a jejuar.

- Mas nesse caso que estás tu aqui a fazer? Pega nas carretas e põe-te a andar.

- Mandei pedir munições aos cadetes.

- Eles não tas dão respondeu Grigóri categoricamente.

- Recusaram da primeira vez e eu então mandei um estafeta. Talvez agora se mostrem mais amáveis. Bastava-me coisa de uns vinte para destruir essas metralhadoras!... Não é nenhuma brincadeira: já nos deram cabo de vinte e três homens. E quantos mais não matarão ainda? Olha só como elas chovem...

Grigóri dirigiu o olhar para as trincheiras cossacas. As balas caíam sempre na terra seca das margens. Nos sítios onde acertava a rajada das metralhadoras erguia-se um rasto de pó, como se uma mão invisível estivesse traçando, com fulgurante rapidez, um risco cinzento que logo se desvanecia ao longo das trincheiras. Estas, em toda a sua extensão, pareciam fumegar.

Grigóri não prestava atenção aos estragos causados pela bateria inglesa. Escutou durante um minuto o fogo incessante da artilharia e das metralhadoras, depois, descendo do cabeçaço, foi ter com Ermakov.

- Não ataques enquanto eu não der ordem. Nunca conseguiremos derrotá-los se não formos apoiados pela artilharia.

- Que te dizia eu? - perguntou Ermakov num tom cheio de censura, enquanto montava de novo no seu cavalo, excitado pela corrida e pelo tiroteio.

Grigóri viu-o galopar intrepidamente pelo meio das balas. Pensou com inquietação: “Que necessidade tem ele de seguir a direito? Vai ser atingido por uma metralhadora. Devia descer a ravina e subir ao longo do vale, reunindo-se aos seus homens, sem perigo, atrás do outeiro.” Ermakov alcançou a ravina a toda a brida e não voltou a aparecer. “Bem, já percebeu. Agora é capaz de passar”, disse consigo Grigóri, aliviado. Deitou-se junto ao cabeçaço e enrolou vagarosamente um cigarro.

Invadira-o uma estranha indiferença. Não, não conduziria os cossacos sob o fogo das metralhadoras. Não valia a pena.

As companhias de oficiais que o fizessem, se assim o entendessem. E que tomassem Ust-Medvétitskaia! Foi ali, deitado no sopé daquele cabeçaço, que Grigóri, pela primeira vez, se absteve de tomar parte directa num combate. Não por cobardia, nem por medo da morte ou das perdas inúteis. Pouco tempo antes, não poupava a vida nem a dos cossacos sob o seu comando. Porém algo se quebrara dentro de si. Nunca até então sentira tão claramente o absurdo do que se estava passando. Seria isto efeito da conversa com Kopylov ou da cena com Fitzkhalaurov, ou talvez das duas coisas: o certo é que o estado de espírito que se apoderara dele, sem que desse por isso, fê-lo tomar a decisão de nunca mais ir para as linhas de fogo. Compreendia confusamente que não poderia reconciliar os cossacos com os bolcheviques e que nem ele próprio, no fundo, se poderia reconciliar com estes, mas defender aquela gente que lhe era estranha e hostil, todos esses Fitzkhalaurov que o desprezavam profundamente e a quem pagava na mesma moeda, isso nunca mais queria nem podia fazer. E de novo, imperiosas como nunca, se ergueram dentro de si as velhas contradições. “Que façam eles a guerra que eu fico a ver. Quando me retirarem a minha divisão pedirei para ser enviado para a retaguarda. Estou farto!” pensava. E, recordando outra vez a discussão com Kopylov, surpreendeu-se a procurar argumentos a favor dos vermelhos. “Os chineses vão para os vermelhos com as mãos vazias, alistam-se, arriscam todos os dias a vida por um soldo miserável. De resto, que interessa o soldo? Nada podem fazer com ele, além de jogar às cartas... Isto quer dizer que lhes interessa outra coisa... Os aliados, esses, enviam tanques, canhões, oficiais e até mulas. E depois vão exigir

uma grande porção de rublos em troca de tudo isso. Aí é que está a diferença! Bem, voltaremos a falar nisto logo à noite. Quando regressar ao Estado-Maior, chamo-o de parte e digo-lhe: “Há uma diferença, Kopylov. Não me venhas com histórias!”

Mas tal conversa nunca teve lugar. Nessa tarde, quando se dirigia ao acantonamento do 4.º Regimento, que estava de reserva, Kopylov foi morto por uma bala perdida. Grigóri soube-o duas horas depois.

Na manhã seguinte, Usst-Medvéditsskaia era tomada, ao cabo de uma luta renhida, pelas unidades da 1.ª Divisão do general Fitzkhalaurov.

XII

Três dias depois da partida de Grigóri, Mitka Korchunov chegava a Tatársski. Não vinha só; acompanhavam-no dois colegas do destacamento disciplinar. Um deles era um Kalmuk não muito jovem, oriundo do vale do Manytch; o outro, um pequeno cossaco mal-encarado, natural da stanitsa Raskokaia. Mitka alcunhara desdenhosamente o kalmuk de “chinês” e tratava como a um senhor o bêbado malandro de Raskapinskaia.

Dentro do destacamento disciplinar, Mitka prestara, ao que parece, grandes serviços ao Exército do Don, visto ter sido promovido a ajudante, depois, durante o Inverno, a tenente, e entrara na aldeia em todo o esplendor da sua nova farda de oficial. Tudo fazia crer que levara uma rica vida durante a retirada para lá do Donetz, pois os seus ombros largos esticavam o blusão de caqui e as suas faces rosadas faziam refegos de gordura por cima da gola alta; as suas calças azuis quase lhe rebentavam sobre as nádegas. Se não fosse aquela maldita revolução, com o seu físico, Mitka teria feito parte sem dúvida do Regimento atamanski da Guarda Imperial, viveria no palácio e velaria pela augusta pessoa de Sua Majestade. Mas mesmo assim não tinha de que se queixar.

Também ele obtivera a patente de oficial, mas não como Grigóri Melekhov, que arriscara a vida e despendera tesouros de heroísmo. Para se triunfar num destacamento disciplinar são necessárias outras qualidades. E essas tinha-as ele para dar e vender: não confiava nos seus homens, por isso conduzia ele próprio à execução os suspeitos de bolchevismo, não desdenhava ajustar pessoalmente contas com os desertores, à chicotada ou à coronhada; quanto aos interrogatórios dos prisioneiros, não havia outro que lhe levasse a palma em todo o destacamento, e o próprio tenente-coronel Prianichnikov dizia, encolhendo os ombros: “Não, meus senhores! Por mais que me digam, esse Korchunov é imbatível. Ele não é um homem, é um dragão!” Ainda outra qualidade notável de Mitka: quando os soldados do destacamento não tinham o direito de fuzilar um prisioneiro, mas também não estavam dispostos a deixá-lo sair com vida das suas mãos, condenavam-no aos açoites e a tarefa era confiada a Mitka. Este de tal modo se havia que, ao cabo de quatro açoites, o supliciado começava a vomitar sangue e, no fim de cem, mesmo sem o auscultarem, podiam embrulhá-lo com toda a segurança numa esteira de tília.

Nem um único condenado a açoites saía com vida das mãos de Mitka. Ele próprio costumava dizer, a rir: “Se eu tivesse tirado as calças ou as saias a todos os vermelhos que matei, teria com que vestir toda a aldeia de Tatársski!”

A crueldade natural que Mitka revelara desde a infância encontrara digna aplicação no destacamento disciplinar; além disso, como nada o inibia, desenvolvera-se monstruosamente.

Posto em contacto, pela própria natureza da sua tarefa, com a escumalha do corpo de oficiais cocainómanos, violadores de mulheres, ladrões e outros patifes instruídos, Mitka assimilava avidamente, com o seu zelo de aldeão, tudo o que essa gente lhe ensinava, inspirado no ódio aos vermelhos, e ele próprio dentro em pouco levava a palma aos mestres.

Quando um oficial neurasténico se cansava do sangue e do sofrimento alheio, Mitka não resistia, piscava os olhos amarelos palhetados e ia até ao fim.

Assim se transformara Mitka depois de ter trocado a sua unidade cossaca pela doce existência do destacamento disciplinar comandado pelo tenente-coronel Prianchnikov.

Mal chegou à aldeia, assumindo um ar importante e respondendo por favor aos cumprimentos das mulheres que encontrava, dirigiu-se, a cavalo, à quinta da família. Apeou-se junto ao portão meio carbonizado, negro de fumo, entregou as rédeas ao kalmuk e entrou no pátio, com as pernas afastadas. Acompanhado por Silanti, o pequeno cossaco, deu em silêncio a volta aos muros, tocou com a ponta do chicote numa bola de vidro derretido pelo incêndio, que apresentava reflexos azulados, e disse, numa voz rouca de emoção:

- Queimaram tudo. No entanto isto era uma bela quinta. A melhor da aldeia. E foi um homem daqui, o Michka Kochevói quem a queimou. Foi ele também que matou o avô. Estás a ver silanti Pétrovitch, é assim que eu venho encontrar a minha casa...

- Ainda existe alguém na aldeia pertencente à família Kochevói? - perguntou o outro com vivacidade.

- Creio que sim. Havemos de ver isso... Mas agora vamos visitar os sogros da minha irmã.

Pelo caminho, Mitka, encontrando a nora dos Bogatírov, perguntou-lhe:

- A minha mãe já voltou da outra margem do Don?

- Creio bem que não, Mitri Mironyevitch.

- E o Melekhov, está cá?

- O velho?

- Sim

- O velho está em casa. Toda a família está em casa, excepto o Grigóri. O Petro morreu este Inverno, sabias?

Mitka fez que sim com a cabeça e meteu o cavalo a trote.

Percorria as ruas desertas. Dos seus olhos amarelos, de gato, frios e indiferentes, desaparecera todo o vestígio de emoção. Ao chegar à quinta dos Melekhov, disse a meia voz, sem se dirigir em especial a nenhum dos dois companheiros:

- É assim que me recebe a minha aldeia! Até tenho de ir pedir de jantar aos parentes. Vamos, no fim é que se há-de ver quem fica por cima...

Pantelei Prokófievitch estava debaixo do telheiro a consertar a segadora. Ao ver os homens a cavalo, e reconhecendo entre eles Korchunov, veio ao portão:

- Ora muito bons dias! - exclamou alegremente.

- Muito prazer em ver-te! Sejam bem-vindos!

- Bons dias, compadre. Como vai a saúde?

- Graças a Deus bem. E tu, estás-me a parecer que já és oficial?

- Então julgavas que só os teus filhos é que usavam dragonas brancas? - respondeu Mitka todo satisfeito, estendendo ao velho a sua mão comprida e nodosa.

- Os meus não tinham grande desejo delas - respondeu sorrindo Pantelei Prokófievitch, seguindo à frente, a indicar o sítio onde deviam ir prender os cavalos.

A hospitaleira Ilínitchna ofereceu jantar aos hóspedes e só no fim se estabeleceu a conversa. Mitka fazia perguntas, a esmiuçar tudo o que dizia respeito à família; estava taciturno e não revelava cólera nem tristeza. Perguntou, como que por acaso, se na aldeia ainda existia alguém da família Kochevói.

Ao ouvir dizer que a mãe de Michka ficara com as crianças, dirigiu a Silanti uma breve piscadela de olho que os outros não notaram.

Os visitantes despediram-se dali a pouco, e Pantelei Prokófievitch, enquanto os acompanhava à porta, perguntou a Mitka:

- Contas ficar muito tempo na aldeia?

- Uns dois ou três dias.

- Vais visitar a tua mãe?

- Se calhar.

- E agora, vais para longe?

- Hum... Vou visitar uma pessoa na aldeia. Não nos demoramos.

Mitka e os companheiros não haviam regressado ainda a casa dos Melekhov, já a notícia se espalhara por toda a aldeia: “Korchunov apareceu aí com uns kalmuks e estrangularam toda a família Kochevói.”

Pantelei Prokófievitch, que nada ouvira dizer e regressara da forja com a foice da segadora, ia recomeçar o trabalho quando Ilínitchna o chamou.

- Anda cá, Prokófievitch, anda cá depressa.

A voz da velha traduzia susto e Pantelei Prokófievitch, admirado, entrou logo em casa.

Natalia, lívida e toda chorosa, estava de pé junto ao fogão. Ilínitchna indicou com os olhos a mulher de Anikuchka, que também ali se encontrava, e inquiriu numa voz surda:

- Já sabes a notícia, homem?

- Ah!, aconteceu alguma coisa ao Grigóri!...

“Deus nos acuda e nos perdoe!”, pensou Pantelei Prokófievitch. Tinha a impressão de que acabava de sofrer uma queimadura. Fez-se pálido e, como ninguém dissesse nada, gritou, cheio de medo e cólera:

- Desembuchem, malditas! Que aconteceu? Foi o Grigóri?

E, como se o seu grito o tivesse esgotado, deixando-se cair sobre um banco, passou as mãos pelas pernas trémulas.

Duniachka, a primeira a compreender que o pai temia más notícias de Grigóri, apressou-se a responder.

- Não, pai, não se trata do Grichka... Foi o Mitri que massacrou os Kochevói.

- Massacrou, como?

Pantelei Prokófievitch ficara de repente aliviado e, sem perceber ainda as palavras de Duniachka, repetiu:

- Os Kochevói? O Mitri?

A mulher de Anikuchka, que trouxera a novidade, explicou atrapalhando tudo:

- Eu tinha ido buscar a minha vitela, sabes tu? E, ao passar em frente da casa dos Kochevói, vejo Mitri com mais dois outros militares chegarem ao pátio e entrarem por ali dentro. Vou eu então e disse comigo: “Só tenho de levar a vitela até ao moinho, pois não é a minha vez de guardar o gado.”

- Quero lá saber da tua vitela! - exclamou Pantelei Prokófievitch, furioso.

- Eles então entraram todos na casa - prosseguiu a mulher com a voz entrecortada. - Eu fiquei ali, à espera. “Isto cheira-me a esturro”, disse comigo. Então comecei a ouvir gritar dentro de casa e barulho de pancadas. Fiquei morta de medo e quis ir-me embora, mas, ao afastar-me da cerca, senti passos atrás de mim. Voltei-me e vi o vosso Mitri. Tinha atado a barra de uma saia ao pescoço da velha e arrastava-a pelo chão, como se fosse uma cadela, Deus me perdoe! Arrastou-a até ao telheiro. Ela não dizia nada, pobrezinha; devia ter desmaiado. O kalmuk que vinha com ele saltou para cima da trave... Olhei, e vi o Mitri a

atirar-lhe com a ponta do trapo e a gritar: “Puxa e dá um nó!” Que medo eu tive! Enforcaram-na ali, à minha vista, pobre velha! No fim montaram nos cavalos e saíram para a rua. Foram decerto para a Administração. Não me atrevi a entrar na casa... Mas vi o sangue a correr por baixo da porta do vestíbulo, até aos degraus do alpendre. Deus me livre de voltar a ver coisas daquelas!

- Que ricos hóspedes que Deus nos mandou! – disse Ilínitchna, fitando o velho com um ar interrogador.

Pantelei Prokófievitch escutara a narrativa com uma tremenda emoção. Sem dizer palavra, saiu logo para o vestíbulo. Não tardou que Mitka e os seus acólitos aparecessem ao portão. Pantelei Prokófievitch dirigiu-se prestamente ao encontro deles a coxear.

- Pára! Gritou-lhes de longe. Não entres com os cavalos para dentro do meu pátio!

- Que é isso, compadre? - exclamou Mitka admirado.

- Volta para trás!

Pantelei Prokófievitch avançou até junto de Mitka e declarou numa voz firme, fitando-lhe os olhos amarelos e cintilantes:

- Não te irrites, compadre, mas não quero ver-te na minha herdade. É melhor ires-te embora para onde te apetecer.

- Ah! - retorquiu lentamente Mitka, com um ar entendido.

- Empalidecera. Nesse caso pões-me fora?...

- Não quero que sujes a minha casa - prosseguiu o velho categoricamente. - Não quero que voltes a pôr aqui os pés. Nós, os Melekhovs, não pertencemos a nenhuma família de carrascos. É como te digo.

- Já percebi. Mas estás a mostrar-te muito compadecido, compadre!

- E tu, pelos vistos, não sabes o que é a compaixão, uma vez que matas mulheres e crianças. Oh, Mitri, que triste ofício! O teu pai, que Deus lá tem, não gostaria de te ver fazer uma coisa destas.

- E tu, velho idiota, querias que eu andasse com eles nas palminhas? Mataram o meu pai e o meu avô, e eu havia de os beijar como quem lhes dá as boas-festas? Vai para o raio que te parta!

Mitka puxou furiosamente pelas rédeas e fez passar o cavalo para o outro lado da cerca.

- Não berres, Mitri. Tu podias ser meu filho. Mas nada temos de comum, por isso vai-te embora!

Cada vez mais pálido, agitando o bengalim com um ar ameaçador, Mitka gritava numa voz rouca:

- Não me faças perder a cabeça, peço-te! Se não fosse por ter pena da Natália, havias de ver, meu coração tenro!... Bem vos conheço a todos, e sei o que trazeis dentro dessas cabeças. Não foram vocês que seguiram a retirada para lá do Donetz? E que depois se venderam aos vermelhos? Ah, foi isso mesmo! . Era preciso alguém limpar-vos o sebo a todos, como fizemos aos Kochevói. Vamos embora, rapazes. Mas toma sentido, cão tihoso, não te atraveses no meu caminho. Não me escapas. Hei-de recordar-me da tua hospitalidade. Às vezes também me acontece ajustar contas com os parentes.

Pantelei Prokófievitch fechou a cancela e correu o ferrolho com as mãos trémulas, regressando a casa a coxear.

- Acabo de pôr fora o teu irmão - declarou dirigindo-se a Natalia sem a fitar.

Natalia não respondeu, embora no seu íntimo aprovasse a atitude do sogro. Ilínitchna depois de se persignar à pressa, declarou com satisfação:

- Louvado seja Deus! Foi-se embora. Desculpa-me que te diga, Nataliúchka, mas o teu Mitka é um verdadeiro demónio e que ofício ele foi arranjar! Em vez de servir num batalhão honesto, entrou para um destacamento de carrascos. Será porventura digno de um cossaco, enforcar velhas e matar crianças inocentes? Que obrigação tinham elas de pagar pelos actos do Michka? Se assim fosse, os vermelhos deviam-nos ter passado a fio de sabre a todas, a mim e a ti, bem como à Poliúchka e ao Michatka, por causa do Gricha, e eles não o fizeram, tiveram piedade de nós. Não, Deus me perdoe, mas não aprovo aquelas coisas.

- Não desculpo o meu irmão, mãe - limitou-se a dizer Natalia, a enxugar as lágrimas com a ponta do lenço.

Mitka abandonou a aldeia naquele mesmo dia. Disse-se que fora reunir-se ao seu destacamento algures para as bandas de Karguínsskaia e que andara a restabelecer a ordem nas povoações ucranianas do distrito do Doraetz, cuja população se achava comprometida em actividades destinadas a abafar a insurreição do Alto-Don.

Depois de ele se ter ido embora, toda a aldeia comentou durante uma semana o que se passara. A maior parte das pessoas condenava aquele acto de justiça sumária. As vítimas foram enterradas à custa da comunidade; quiseram vender o casinhoto dos Kochevói, mas não apareceu comprador. Por ordem do atamane da aldeia, os postigos foram fechados com tábuas pregadas em cruz e durante muito tempo as crianças evitavam brincar perto daquele lugar terrível; contudo, os velhos e as velhas, ao passarem em frente da casa deserta, persignavam-se e oravam por alma dos supliciados.

Depois começou a recolha do feno na estepe e os acontecimentos recentes foram caindo no esquecimento.

Como de costume, a vida da aldeia dividia-se entre o trabalho e as notícias da frente. Os que haviam conservado o gado intacto lamentavam-se e vociferavam quando eram obrigados a fazer transportes. Quase todos os dias era preciso tirar do trabalho os bois e os cavalos que andavam nas terras e mandá-los à stanitsa. Enquanto desatrelavam o gado da charrua os velhos costumavam lançar invectivas contra aquela guerra interminável. Mas não havia remédio senão fazer chegar à frente de batalha os obuses, os cartuchos, os rolos de arame farpado e os víveres. E eles lá seguiam. Por ironia do destino, fazia um tempo maravilhoso, que convidava a ceifar, a recolher o feno bem maduro e excepcionalmente rico.

Pantelei Prokófievitch, que se preparava para a recolha do feno, estava furioso contra Daria. A rapariga tinha ido levar cartuchos no carro puxado pela junta de bois e já devia estar de volta, porém, decorrida uma semana, não dava notícias. Ora nada se podia fazer na estepe sem essa velha junta de bois que eram de uma solidez a toda a prova.

A verdade é que nunca devia ter consentido naquela viagem de Daria. Pantelei Prokófievitch só a custo lhe confiara os bois, sabendo que ela só queria era divertir-se e pouca atenção prestava aos animais, mas não havia ninguém a quem entregar a missão. Enviar Duniachka, nem pensar nisso: não era negócio para uma rapariga, fazer essa viagem na companhia de cossacos estranhos; Natalia tinha os filhos; e não competia ao velho ir levar esses malditos cartuchos!

Quanto a Daria, oferecera-se logo. Para ela era sempre um prazer sair de casa: quer fosse para ir ao moinho, quer para aviar qualquer outro recado doméstico, simplesmente porque se sentia incomparavelmente mais livre lá fora do que dentro de casa. Todas as viagens lhe proporcionavam distração e alegria. Longe das vistas da sogra, podia tagarelar à vontade com as suas comadres e, segundo dizia “ter amores passageiros” com qualquer atrevido que lhe agradasse. Em casa, porém, depois da morte de Petro, a severa Ilínitchna não a deixava pôr o pé em ramo verde. Era como se Daria, que em vida do marido tantas vezes o enganara, tivesse agora a obrigação de lhe guardar fidelidade depois de morto.

Pantelei Prokófievitch bem sabia que os bois não seriam tratados como o eram pelo próprio dono, mas não havia nada a fazer e deixara partir a nora. Sim, deixara-a partir, mas passara uma semana aflito e preocupado. Acordava de noite e exclamava, entre fundos suspiros: “Vai dar-me cabo dos bois!”

Daria regressou no décimo segundo dia pela manhã. Pantelei Prokófievitch acabava precisamente de voltar dos campos. Andara a ceifar na companhia da mulher de Anikuchka e deixara-a na estepe com Duniachka para vir a casa buscar água e comida. Os dois filhos e Natália estavam a almoçar quando ouviram o ruído familiar das rodas do carro a passar por

baixo das janelas. Natalia correu a espreitar e viu Daria embrulhada no xaile até aos olhos a fazer entrar no pátio os bois cansados e emagrecidos.

- É ela? - perguntou o velho, engasgando-se ao engolir.

- É a Daria!

- Já não contava voltar a ver os meus bois! Enfim, graças a Deus! Maldita cabra! Não tinhas pressa nenhuma de voltar para casa! - resmungou o velhote, benzendo-se. Depois arrotou, satisfeito.

Após ter desatrelado os bois, Daria entrou na cozinha, poisou na soleira da porta o oleado dobrado em quatro partes e deu os bons-dias.

- Olha, minha querida, já agora podias por lá ter ficado mais uma semana - disse Pantelei Prokófievitch com ironia, olhando Daria de soslaio, sem corresponder ao cumprimento dela.

- Fosse lá o senhor! - retorquiu ela num tom azedo, enquanto desapertava o lenço coberto de pó.

- Mas porque te demoraste tanto? - perguntou Ilínitchna conciliadora.

- Não me deixaram vir mais cedo, foi só por isso.

Pantelei Prokófievitch abanou a cabeça com ar incrédulo.

- Então deixaram vir a mulher do Khrisstónia e a ti não?

- A mim não.

Os olhos de Daria luziam, furiosos, e acrescentou:

- Se não acredita, vá perguntar ao chefe do comboio.

- Não preciso de ir tirar nada a limpo a teu respeito, mas para a outra vez ficas em casa. Só és boa para ires buscar a morte.

- Está a ameaçar-me? Pode falar à vontade. Para a outra não irei nem que me mandem.

- E os bois, vêm bons? - quis saber o velho, já num tom mais conciliador.

- Vêm bons, vêm. Não sucedeu mal nenhum aos seus bois...

Daria respondia de má vontade, aborrecida.

“Devia ter deixado um apaixonado pelo caminho, por isso vem tão furiosa”, pensou Natália. Sempre nutrira um sentimento de piedade e nojo por Daria, pelos seus amores pouco limpos.

Após o almoço, quando Pantelei Prokófievitch se preparava para regressar ao trabalho no campo, viu entrar pela porta dentro o atamane da aldeia.

- Gostaria de te desejar boa viagem, Pantelei Prokófievitch, mas peço-te que não saias.

- Vens mais uma vez pedir-me essa chatice do transporte? - perguntou o velho com uma fingida resignação, enquanto a ira lhe tirava o fôlego.

- Não, agora é outra música. Recebemos hoje a visita do comandante de todo o Exército do Don, o general Sidórine em carne e osso. Estás a perceber? O atamane da stanitsa enviou-me um papel com ordem para eu reunir os velhos e todas as mulheres sem excepção para a assembleia da aldeia.

- Mas eles estão doidos! - exclamou Pantelei Prokófievitch.

- Alguém se lembra de fazer reuniões com um calor destes? E o meu feno para o Inverno, é o teu general Sidórine que o vai recolher?

- O general é tanto meu como teu - retorquiu tranquilamente o atamane. Só faço aquilo que me ordenam. Vá, desatrele os bois! Temos de o ir receber e oferecer-lhe o pão e o sal. Diz-se para aí que vêm com ele uns generais aliados.

Pantelei Prokófievitch ficou calado um momento junto do carro dos bois, reflectiu e depois começou a desatrele os animais. Ao ver que as suas palavras tinham produzido efeito o atamane disse num tom mais alegre:

- E a tua égua, não poderias emprestá-la?

- Para quê?

- Disseram-nos para enviarmos duas troicas ao encontro dele, raios os partam! Até ao Vale Maldito. Mas onde queres tu que eu vá buscar os carros e os cavalos? Não faço a mais pequena ideia! Levantei-me de madrugada e tenho andado numa sarabanda. Já molhei cinco vezes a camisa de suor e só consegui arranjar quatro cavalos. Andam todos a trabalhar. É uma tragédia.

Pantelei Prokófievitch concordou em emprestar a égua e ofereceu até a sua pequena charrette de molas. Afinal de contas quem vinha de visita era o comandante-chefe com generais estrangeiros e Pantelei Prokófievitch sempre nutrira pelos generais um sentimento de comovido respeito .

Graças aos esforços do atamane arranjaram-se duas troicas e mandaram-nas para o Vale Maldito ao encontro dos ilustres visitantes. O povo reuniu-se na praça. Muitos, deixaram em meio a colheita do feno e apressaram-se a regressar à aldeia.

Renunciando ao trabalho, Pantelei Prokófievitch preparou-se, vestindo camisa lavada, umas calças com listas dos lados, o boné que Grigóri lhe oferecera, e dirigiu-se gravemente para a praça do mercado, depois de dizer à mulher que mandasse Daria levar água e mantimentos a Duniachka.

Não tardou que a estrada principal ficasse coberta por um espesso turbilhão de pó que se precipitou em direcção à aldeia. Através dele, viu-se cintilar qualquer coisa metálica,

ouvindo-se ao longe o som cantante de uma buzina. Os hóspedes esperados viajavam em dois automóveis novinhos em folha, cuja pintura azul brilhava; atrás deles, muito longe, ultrapassando os ceifeiros que regressavam dos campos, as troicas vazias chegavam a galope, e as campainhas (que o atamane arranjava para esta ocasião tão solene) tilintavam melancolicamente nos arcos por cima dos cavalos do meio.

Despontou um grande alvoroço entre a multidão que estava na praça. Toda a gente falava, enquanto as crianças soltavam gritos. O atamane, desorientado, andava de um lado para o outro a reunir os decanos da aldeia, a quem incumbia a honra de oferecer o pão e o sal. Atentou em Pantelei Prokófievitch, recorreu a ele, aliviado.

- Ajuda-me, pelo amor de Deus! Tu és um homem experiente, conheces os usos... Sabes como se deve apertar a mão, e tudo o resto... E além disso foste membro da Assembleia Regional, tens um filho que... Peço-te que te encarregues do pão e do sal, eu cá, como vês, tenho medo, sinto as pernas a tremer.

Pantelei Prokófievitch, muito lisonjeado com esta honra, recusou a princípio por delicadeza, mas, em seguida, metendo a cabeça entre os ombros, persignou-se à pressa, pegando logo no prato coberto com uma toalha bordada, que continha o pão e o sal; abriu passagem com os cotovelos por entre a multidão, e avançou.

Os automóveis aproximavam-se rapidamente da praça seguidos por uma verdadeira matilha de cães de todas as raças, roucos de tanto ladrar.

- Então, que tal? Não tens medo? - segredou o atamane muito pálido a Pantelei Prokófievitch.

Era a primeira vez que via pessoas tão importantes. Pantelei Prokófievitch lançou-lhe um olhar de esguelha, que fez brilhar os globos azulados dos seus olhos, e disse numa voz abafada pela emoção:

- Toma, segura isto enquanto dou uma penteadela na barba.

O atamane apressou-se a segurar no prato, enquanto Pantelei Prokófievitch alisava o bigode e a barba, a fazer peito; até que, apoiando-se na ponta do pé esquerdo, para se não ver que era coxo, pegou de novo no prato. Mas este tremia de tal maneira nas suas mãos que o atamane lhe perguntou, assustado:

- Vê lá se o deixas cair, tem cuidado!

Pantelei Prokófievitch encolheu desdenhosamente os ombros.

- Ele, deixar cair o prato! Mais que tolice! Ele, que fora membro da Assembleia Regional! Ele que apertava a mão a toda a gente no palácio do atamane eleito, podia lá recear um general qualquer? Não havia dúvida de que este pobre atamane da aldeia estava doido varrido.

- Eu cá, meu caro, quando estava na Assembleia Regional, tomava chá em casa do próprio atamane eleito, e com açúcar.. - começou a dizer Pantelei Prokófievitch, mas não prosseguiu.

O automóvel da frente detivera-se a uns dez passos dele. Um motorista de cara rapada, que usava um boné de grande pala e tinha uns galões estrangeiros na túnica, apeou-se agilmente, indo abrir a porta. Dois militares com farda de campanha desceram devagar do automóvel, dirigindo-se para a multidão. Encaminhava-se a direito para Pantelei Prokófievitch, que estava em posição de sentido.

Adivinhava que os generais eram precisamente esses dois homens modestamente vestidos, ao passo que os outros que se viam atrás, de aspecto mais elegante, não passavam de simples membros do séquito. Fitava-os sem pestanejar, mas os seus olhos traduziam uma surpresa cada vez maior. Onde estariam as grandes dragonas caídas? Onde estariam as agulhetas e as condecorações? E que espécie de generais seriam esses, se não era possível distingui-los exteriormente dos simples soldados-secretários? Pantelei Prokófievitch sentiu-se de súbito amargamente decepcionado. Chegava a lamentar ter feito preparativos tão solenes para esta recepção, e, ao mesmo tempo, sentia uma certa animosidade contra estes generais que amesquinhavam a patente. Meu Deus! Se soubesse que se tratava de generais desta espécie, nunca se teria vestido com tanto esmero, não os teria aguardado com tanta emoção, ou pelo menos, não se encontraria nesse momento ali, como um imbecil, de prato na mão, esse prato que continha um pão mal cozido por uma velha ranhosa. Não, Pantelei Melekhov nunca se prestara ao ridículo, mas eis que isso sucedia agora pela primeira vez: um minuto antes, ouvira os garotos a rirem-se nas suas costas, chegando um desses diabretes a berrar muito alto: “Eh, rapaziada! Olhem o Melekhov coxo a fazer-se importante. Como se tivesse engolido um pau de vassoira.” Ainda se servisse para alguma coisa fazer todos estes fretes e esforçar tanto a perna doente, esticada como a corda de um arco!

Pantelei Prokófievitch fervia por dentro de indignação. E o culpado de tudo isto era esse maldito cagarolas do atamane!

Fora procurá-lo a casa, moera-lhe os ouvidos, atrelara a égua à caleche correr a aldeia de ponta a ponta, com a língua de fora, à procura dos guizos e campainhas para as troicas.

Não havia dúvida de que o povo tinha razão: em terra de cegos quem tem um olho é rei. Em toda a sua vida, Pantelei Prokófievitch nunca vira generais assim. Na revista imperial, por exemplo, apresentavam-se alguns com o peito cheio de cruzeiros, de medalhas,

todos cobertos de oiro; até consolava a alma um espectáculo assim: não eram generais, eram ícones!

Mas estes, todos de verde, como gaios! Nem sequer um boné na cabeça, apenas uma espécie de tacho coberto de musselina, com o focinho tão rapado que nem com uma lanterna se conseguiria avistar um pêlo Pantelei Prokófievitch, franzindo as sobrancelhas, esteve a ponto de cuspir com desprezo, mas alguém o empurrou por detrás, enquanto lhe segredava imperiosamente:

- Anda, apresenta o prato.

Pantelei Prokófievitch lançou por cima da sua cabeça um rápido olhar à multidão, exclamando numa voz sonora:

- Cumprimento-vos, meus senhores

- E nós também o estamos cumprimentando, Excelência! - responderam atabalhoadamente os habitantes da aldeia. O general recebeu com ares benevolentes o pão e o sal das mãos de Pantelei Prokófievitch, agradeceu e passou o prato ao ajudante-de-campo.

Um coronel inglês, alto e magro, que estava ao lado de Sidórine, examinava os cossacos com fria curiosidade por baixo do capacete profundamente enterrado na cabeça até aos olhos. Por ordem do general Rreeves, chefe da missão militar britânica no Cáucaso, acompanhava Sidórine na sua viagem de inspecção através da zona do Exército do Don, limpa de bolcheviques, e, assistido por um intérprete, analisava conscienciosamente o estado de espírito dos cossacos, informando-se da situação nas diversas frentes.

O coronel estava farto das privações da viagem, da paisagem monótona das estepes, das conversas fastidiosas e de todos os complicados deveres que incumbiam ao representante de uma grande potência, porém os interesses de Sua Majestade estavam acima de tudo! Ouvia atentamente os discursos dos oradores da stanitsa, compreendendo quase tudo, pois sabia russo, embora ocultasse esse facto aos outros. Examinava com uma fleuma bem britânica os rostos, todos uniformemente queimados pelo sol, mas no entanto diferentes uns dos outros, desses filhos das estepes, surpreendido com essa mistura de raças que impressiona sempre quem observa uma multidão cossaca: junto de um cossaco, de tipo exilado, avistava um verdadeiro mongol; ao lado deste, um jovem cossaco negro como a asa de um corvo, tendo um braço envolto em ligaduras sujas, conversava em voz baixa com um patriarca bíblico de cabelos brancos. Podia apostar-se que nas veias desse patriarca apoiado no seu cajado, o qual envergava uma antiga túnica cossaca, corria, puro, o sangue dos montanhese do Cáucaso.

O coronel sabia um pouco de história; enquanto observava os cossacos, ia dizendo consigo que nem estes bárbaros nem os seus netos poderiam marchar contra a Índia sob o comando de um novo Plaitov. Após a vitória sobre os bolcheviques, a Rússia, arruinada pela guerra civil, ficaria durante muito tempo impossibilitada de alinhar entre as grandes potências de forma que nada ameaçaria, nas futuras décadas, as fronteiras das possessões orientais da Grã-bretanha. Quanto à derrota dos bolcheviques, o coronel considerava-a absolutamente certa. Era um homem de espírito lúcido, vivera muito tempo na Rússia antes da guerra e, claro está, não podia acreditar no triunfo das ideias utópicas do comunismo nesse país meio selvagem...

A atenção do coronel foi atraída pelas mulheres que conversavam em voz alta. Sem voltar a cabeça, examinou os seus rostos tismados, de maçãs do rosto salientes, e um sorriso desdenhoso, quase imperceptível, aflorou-lhe aos lábios duramente apertados.

Depois de ter oferecido o pão e o sal, Pantelei Prokófievitch misturou-se com a multidão. Não estava disposto a ouvir o palrador de Viochénsskaia que saudava os visitantes em nome da população cossaca da stanitsa; contornando a turba, aproximou-se das troicas, estacionadas a certa distância.

Os cavalos estavam cobertos de espuma e respiravam com esforço. O velho acercou-se da sua pequena égua que estava atrelada no meio, esfregou-lhe as ventas com a manga e suspirou. Apetecia-lhe dizer pragas, desatrelar imediatamente a égua e levá-la para casa, tamanha fora a sua decepção.

Entretanto, o general Sidórine dirigia um discurso aos habitantes da aldeia de Tatársski. Após ter elogiado as suas acções militares na retaguarda dos vermelhos, declarou:

- Vós combatestes generosamente os nossos inimigos comuns. Os vossos serviços não serão esquecidos pela pátria, que se vai libertando pouco a pouco dos bolcheviques e do seu terrível jugo. Eu desejaria distribuir recompensas às mulheres da vossa aldeia que, como muito bem sabemos, se distinguiram particularmente na luta armada contra os vermelhos. Peço às nossas heroínas cossacas, cujos nomes vamos ler, que avancem.

Um oficial leu uma lista curta. Daria Melekhov era a primeira citada; as outras eram viúvas de cossacos mortos no início da insurreição, as quais haviam participado, tal como Daria, na execução sumária dos prisioneiros comunistas levados para Tatársski após a rendição do regimento de Sardóbsk.

Daria não tinha ido para o campo conforme lhe ordenara Pantelei Prokófievitch. Estava ali, no meio do grupo das mulheres da aldeia, e preparara-se como para uma festa.

Assim que ouviu o seu nome, empurrando as outras, avançou pausadamente, enquanto compunha o lenço branco debruado a rendas. Piscava os olhos e sorria com um

ar levemente perturbado. Apesar de fatigada pela longa viagem e pelas aventuras amorosas, estava bonita a valer. As faces pálidas, que o sol não queimara, contrastavam com o brilho vivo dos olhos piscos e penetrantes; a curva artificial das sobrancelhas pintadas e a prega dos lábios sorridentes ocultavam qualquer coisa de provocante e de impuro.

Um oficial que voltava as costas à multidão tapava-lhe o caminho. Ela, empurrando-o levemente, disse:

- Deixa passar a família do noivo!

Aproximou-se de Sidórine.

Este recebeu das mãos do ajudante de campo uma medalha presa a uma fita e espetou-a, com os dedos inábeis, na blusa de Daria, do lado esquerdo. Depois fitou a rapariga nos olhos e sorriu:

- É a viúva do sargento Melekhov, que morreu em Março?

- Sou.

- Vai receber dinheiro, quinhentos rublos. Este oficial é quem lho entrega. O atamane regional Afrikan Pétrovitch Bogaiévski e o Governo do Don felicitam-na pela grande coragem de que deu provas e apresentam-lhe condolências... Sentem muito o seu desgosto.

Daria não compreendera todo o discurso do general. Agradeceu com um aceno de cabeça, recebeu o dinheiro das mãos do ajudante-de-campo e, também a sorrir, fitou o general de frente. Era um homem ainda novo, mais ou menos da sua altura, e Daria examinava sem se acanhar o rosto amaciado do general!. “Nem por isso foram muito generosos, pagaram pelo meu Petro o mesmo que por uma junta de bois... mas este generalzinho não é nada feio, pelo contrário”, pensava ela com o seu cinismo habitual. Sidórine supunha que ela iria retirar-se imediatamente. Daria, porém, deixou-se ficar. O ajudante-de-campo e os oficiais colocados atrás de Sidórine indicavam uns aos outros com franzidelas de sobrolho esta viúva descarada; acendiam-se alegres lampejos nos seus olhos; o próprio coronel inglês, reanimando-se, ajustou o cinto, a apoiar-se ora numa perna ora na outra, e algo de semelhante a um sorriso espraçou-se-lhe pelo rosto impassível.

- Posso ir-me embora? inquiriu Daria.

- Pode sim senhora disse Sidórine todo pressuroso.

Desajeitadamente, Daria enfiou o dinheiro no decote da blusa, indo juntar-se à multidão. Todos os oficiais, fartos de discursos e de cerimónias, seguiram com os olhos o seu caminhar leve e ondulante.

A viúva de Martine Chamil aproximou-se de Sidórine num passo hesitante. Assim que a medalha ficou presa à sua velha blusa, pôs-se de súbito a chorar, com um tal

desespero, uma amargura tão feminina, que a expressão jovial desapareceu imediatamente dos rostos dos oficiais, deixando-os sérios e compungidos.

- O seu marido também morreu? - inquiriu Sidórine, franzindo a testa.

A mulher, a chorar, escondeu a cara nas mãos, confirmando silenciosamente com a cabeça.

- Ela tem tantos filhos que não cabem num carro! - observou uma voz grossa de entre a multidão dos cossacos Sidórine, voltando-se para o inglês, disse-lhe alto:

- Recompensamos as mulheres que deram provas de uma coragem insigne na luta contra os bolcheviques. A maioria delas perderam o marido no início da insurreição e, para vingar a sua morte, aniquilaram por completo um forte destacamento de comunistas locais. A que condecerei em primeiro lugar é viúva de um oficial e matou, com a sua própria mão, um comissário comunista, célebre pelas suas crueldades.

O oficial intérprete traduziu isto para inglês muito depressa.

O coronel ouviu-o, inclinando a cabeça, e disse:

- Admiro a coragem destas mulheres. Diga-me, meu general, elas bateram-se como os homens?

- Sim - respondeu laconicamente Sidórine e, com um gesto impaciente, convidou a terceira viúva a aproximar-se.

Pouco depois da distribuição das recompensas, os visitantes partiram para a stanitsa. A multidão dispersou rapidamente, desejosa de regressar às ceifas e, poucos minutos após os automóveis terem desaparecido, escoltados pelo ladrido dos cães, só ficaram na praça três velhos junto ao adro da igreja.

- Que tempos estranhos estes! declarou um deles, abrindo os braços num largo gesto de impotência. Outrora, na guerra, dava-se a cruz de São Jorge ou a medalha para premiar acções de grande mérito, de heroísmo. E poucos a recebiam! Só os mais valentes, os mais atrevidos. Não havia muitos voluntários que quisessem andar a correr atrás das cruces. Por isso se dizia dantes: “Ou regressas com a cruz, ou não tornes a aparecer.” Agora, então, até oferecem a medalha às mulheres E ainda se fosse por qualquer coisa de importante, mas por isto . Trouxeram prisioneiros para a aldeia e elas mataram-nos à paulada. Homens desarmados! Onde está o heroísmo? Deus me perdoe, mas não percebo!

Outro velho, parálítico e quase cego, arrastou uma perna, tirou da algibeira uma bolsa de tabaco enrolado em forma de canudo e disse:

- Em Tcherkassk os chefes vêem mais longe. Disseram lá consigo: é preciso também entusiasmar as mulheres para lhes dar ânimo, de forma a que elas ajudem também na guerra. E toca a dar-lhes uma medalha, a entregar-lhes quinhentos rublos. Assim nenhuma

resiste. Qualquer cossaco que não queira ir para a frente, que pense em fugir à guerra, agora não pode ficar em sua casa. A mulher não o deixa descansar. E ninguém aguenta uma cegarrega a moer de noite e de dia. Talvez até elas digam consigo: “E se eu ganhar uma medalha também?”

- Não debes dizer essas coisas, compadre Fiódor - observou o terceiro velho. - Era justo condecorá-las e assim fizeram. São todas viúvas e aquele dinheiro faz-lhes um grande arranjo. Quanto às medalhas, receberam-nas como prémio de valentia. A primeira, a Dachka Melekhov, limpou o sebo ao Kotliairov. E foi muito bem feito. O Senhor é quem nos julga a todos, mas nada temos que censurar às mulheres. A voz do sangue clama por vingança...

Os velhos ficaram ali a discutir e a criticar até ao toque das trindades. Às primeiras badaladas ergueram-se todos três tiraram os barretes e entraram cerimoniosamente na igreja.

XIII

Que mudança na família Melekhov! Pouco tempo antes, Pantelei Prokófievitch sentia-se senhor absoluto em sua casa, todos lhe obedeciam sem resmungar, o trabalho fazia-se na perfeição, partilhavam-se alegrias e desgostos e toda a vida da casa respirava uma antiga e forte harmonia. Era uma família bem unida. Mas, a partir da Primavera, tudo se modificara. Duniachka fora a primeira a afastar-se. Não desobedecia abertamente ao pai, mas executava de má vontade todas as tarefas, como se não trabalhasse para si e fosse apenas uma assalariada; parecia estar sempre absorta, ausente, e era raro ouvir-se o seu riso despreocupado.

Após a partida de Grigóri para a frente, Natalia também se desligara dos velhos; passava quase todo o tempo na companhia dos filhos, só com eles é que conversava e trabalhava de boa mente. Adivinhavam que sofria no fundo da alma um grande desgosto, porém não dizia uma palavra à família a tal respeito, nunca se lamentava, escondia o seu mal por todas as formas.

Quanto a Daria, não é bom falar: nunca mais fora a mesma desde que regressara da entrega dos obuses. Fazia frente ao sogro cada vez com mais frequência, não ligava importância a Ilínitchna, irritava-se contra todos sem motivo aparente, não punha os pés no campo pretextando andar mal disposta e portava-se como se estivesse apenas de passagem em casa dos Melekhov.

A família desagregava-se sob as vistas de Pantelei Prokófievitch. Estava só com a sua velha. De repente, sem que ninguém o esperasse, quebraram-se os laços de parentesco, perdeu-se todo o calor nas relações mútuas; durante as conversas transpareciam cada vez com mais frequência sintomas de irritação e indiferença. Já ninguém se sentava à mesa como outrora, não era uma família unida e solidária, mas sim um grupo de pessoas reunidas por acaso.

Fora a guerra a causa de tudo isto. Pantelei Prokófievitch compreendia-o muito bem. Duniachka queria mal aos pais por lhe terem tirado toda a esperança de se casar um dia com Michka Kochevói, o único homem que amara com toda a sua indomável paixão de juventude; Natalia nada dizia mas, com o seu feitio fechado, sofria atrozmente com o regresso de Grigóri aos braços de Akcínia. E Pantelei Prokófievitch via tudo isto mas nada

podia fazer no sentido de restabelecer dentro da família a antiga ordem. Mesmo assim, não iria consentir, depois de tudo quanto se passara, no casamento da filha com um bolchevista inveterado e, de resto, de que teria servido esse consentimento, quando o pretendente maldito se encontrava algures na frente e, ainda por cima, numa unidade do Exército Vermelho? Quanto a Grigóri, o motivo era o mesmo: se este não fosse oficial, Pantelei Prokófievitch ter-lhas-ia cantado, e de tal maneira que ele nunca mais se atreveria sequer a olhar para as bandas da herdade dos Astakhovs. Porém a guerra, confundindo tudo, privara o velho da possibilidade de viver e de mandar na sua casa como entendesse. A guerra arruinara-o, roubara-lhe o ardor pelo trabalho, arrebatara-lhe o filho mais velho, trouxera a discórdia e o caos para o seio da família. A guerra atravessara a sua vida como uma tempestade devasta um campo de trigo, porém o trigo, no fim da tempestade, ergue-se de novo e resplandece ao sol; o velho, esse, nunca mais poderia levantar-se. No seu foro íntimo considerava tudo morto e quem quisesse que se arranjasse!

Depois de haver recebido a recompensa das mãos do general Sidórine, Daria ficara toda contente. Regressou a casa muito feliz, cheia de animação. com os olhos a brilhar, mostrara a medalha a Natalia.

- Porque é que te deram isso? - espantou -se a cunhada.

- Foi por causa do meu compadre, Iváne Alekceiévitich, Deus o tenha em descanso, filho de uma cadela! E isto foi pelo meu Petro...

E, para se dar ares, desdobrou o maço de notas do governo do Don.

Daria não foi para o campo. Pantelei Prokófievitch queria mandá-la levar a merenda, mas ela recusou terminantemente.

- Deixe-me em paz, pai. Estou cansada da viagem!

O velho mostrou-se mal-encarado. Então Daria, para atenuar esta grosseira recusa, declarou meio a sério meio a rir:

- Num dia como este até seria pecado mandarem-me para o campo. Para mim foi um dia de festa.

- Nesse caso irei eu - concordou o velho. - Mas quanto ao dinheiro?

- Quanto ao dinheiro, o quê?

Daria erguera ligeiramente as sobrancelhas, com um ar espantado.

- O dinheiro, estou-te a perguntar o que vais fazer dele?

- Isso é comigo. Hei-de fazer aquilo que eu quiser.

- O quê? Foi por causa do Petro que te deram esse dinheiro.

- Deram-mo a mim Não é o senhor que se deve aproveitar dele.

- Mas tu fazes parte da família. É ou não é verdade?

- E por fazer parte da família? Quer tirar-me o dinheiro?

- Todo não. Mas enfim, Petro era nosso filho, não é verdade? Eu e a minha velha devemos ter a nossa parte.

As pretensões do velho não tinham grande fundamento e Daria marcou resolutamente a sua posição. Replicou com fingida calma:

- Não faço tenção de lhes dar nada. Nem um rublo. Nada disto lhe pertence. Se assim fosse, tinham-lho dado a si. Onde foi buscar essa ideia de querer a sua parte? Nem pensar nisso é bom. Escusa de estender a mão que não leva nada.

Pantelei Prokófievitch fez uma derradeira avançada:

- Tu vives connosco, comes o nosso pão, isso significa que devemos ter tudo em comum. Era bonito se cada um governasse a sua vida à parte. Nunca eu consentiria numa coisa dessas!

Daria, porém, repudiou mais esta tentativa, tal como fizera com as precedentes. E declarou com um sorriso atrevido:

- Eu não estou casada consigo, pai. Hoje vivo aqui, mas amanhã, se me casar de novo, vou-me embora. E não vos devo nada pela comida. Há dez anos que trabalho para a família sem levantar cabeça.

- Trabalhas para ti, cadela desavergonhada! - gritou o velho com indignação.

Gritou ainda outras coisas, porém Daria já não o ouvia.

Voltara-lhe as costas fazendo um balão com a saia e dirigira-se para o seu quarto. “Não querias mais nada!”, murmurava ela com um sorriso irónico.

A conversa ficou por ali. Na verdade, Daria não era tão parva que cedesse qualquer coisa de seu com medo da ira do velho.

Antes de ir para o campo, Pantelei Prokófievitch teve uma breve conversa com Ilínitchna.

- Vigia a Daria... disse ele.

- Porquê? admirou-se a velha.

- Porque ela é capaz de se pôr a andar levando qualquer coisa que nos pertença. Estou certo que não é sem motivo que ela agora levanta a grimpá... A meu ver descobriu alguém que lhe agrada e qualquer dia casa-se mesmo.

- Talvez concordou Ilínitchna. É como um assalariado de passagem, nada a satisfaz, nada está a seu gosto... É como um bocado que se parte de um pão, depois de cortado, nunca mais se une ao resto.

- Não temos nada que unir. Toma sentido, minha velha estúpida, não te lumbres de a segurar se ela se quiser ir embora.

- Que vá! Estou farto de a aturar.

Pantelei Prokófievitch, subindo para o carro, concluiu, enquanto espicaçava os bois:

- Ela foge do trabalho como o demónio da cruz, escolhe sempre o melhor bocado para encher a pança e só pensa na paródia. Agora que o Petro morreu (Deus o tenha na sua companhia!), não temos necessidade de conservar uma mulher destas na família. Isto não é uma mulher, é uma estrumeira!

As desconfianças dos dois velhos eram falsas. Daria estava muito longe de pensar no casamento. Era outra a preocupação que a atormentava...

Mostrou-se alegre durante o dia inteiro e conversou com toda a gente. Nem mesmo a discussão acerca do dinheiro lhe alterou o bom humor. Dava reviravoltas em frente do espelho, examinava a medalha por todos os lados, mudou cinco vezes de vestido para ver sobre qual deles ficava melhor a fita às riscas de São Jorge, e gracejava: “Agora tenho de ver se ganho mais algumas!” Em seguida chamou Ilínitchna de parte, meteu-lhe na manga duas notas de vinte rublos e, enquanto apertava contra o peito, nas mãos escaldantes, a manácula enrugada da sogra, murmurou: “Isto é para mandares rezar um ofício em memória do Petro... Mãe, encomenda um grande ofício e prepara a kútia...” E desatou a soluçar... Dali a um minuto, ainda com os olhos brilhantes de lágrimas, brincava com Michatka, cobria-o com o xaile de ir às festas e ria como se nunca tivesse chorado, como se desconhecesse o gosto salgado das lágrimas.

A sua alegria atingiu o auge quando Duniachka chegou.

Descreveu-lhe como recebera a medalha, imitou a solenidade com que falava o general, o ar de espantinho com que a olhava o inglês, e depois, dirigindo a Natalia uma piscadela de olhos maliciosa, começou a afirmar muito séria a Duniachka que dentro em breve, -na sua qualidade de viúva de um oficial e condecorada com a medalha de São Jorge, lhe iriam conceder também a ela o grau de oficial e dar-lhe o comando de um esquadrão de velhos cossacos.

Natalia, que escutava enquanto ia remendando as camisas dos filhos, reprimia um sorriso, ao passo que Duniachka, desolada, juntava as mãos com ar suplicante, dizendo:

- Daria, minha querida, pelo amor de Deus não me contes mais mentiras! Nunca sei quando mentes nem quando falas verdade. Deixa-te de brincadeiras!

- Não me acreditas? És uma parvinha. Estou a dizer a verdade. Os oficiais estão todos na frente. Quem é que há-de ensinar os velhos a marchar e a fazerem tudo quanto é preciso no exército? É para isso que os põem sob o meu comando, e tu verás como os hei-de fazer marchar, àqueles malditos velhos. Verás como saberei comandá-los!

Daria fechou a porta da cozinha para que a sogra a não visse, puxou, num gesto rápido, a barra da saia por baixo das pernas, apanhando-a por detrás, e desatou a marchar para cá e para lá no quarto, descobrindo as barrigas das pernas luzidias.

Deteve-se ao lado de Duniachka e comandou em voz baixa: “Eh... velhotes! Erguer... as barbas! Meia volta à esquerda, à esquerda!”

Duniachka, não resistindo, desatou a fungar de riso, a esconder a cara nas mãos. Natalia disse, rindo também:

- Pára lá com isso, não sabes o que fazes! Não estou a adivinhar nada de bom.

- Não adivinhas nada de bom! Saberás tu, por acaso, o que é bom? Se uma pessoa não faz uma brincadeira vocês até morrem de pasmo!

Porém aquele acesso de alegria acabou tão depressa como começara. Meia hora mais tarde, Daria retirava-se para o seu quarto, arrancava, desesperada, a incómoda medalha que trazia ao peito e meteu-a no fundo da arca; com as faces apoiadas nas palmas das mãos, ficou-se por largo tempo à janela.

À noite saiu e só voltou de madrugada.

E a seguir a isto, trabalhou afincadamente no campo durante quatro dias.

Prosseguia-se com a colheita do feno e havia falta de braços. Não se conseguia ceifar mais do que duas deciatinas por dia. A chuva molhara as marachas e isso duplicara o trabalho: era preciso espalhar o feno e deixá-lo secar ao sol. Mal se haviam acabado de fazer os palheiros, choveu novamente durante toda a noite, com a teimosia e a constância das chuvas do Outono. Depois voltou o bom tempo, o vento recomeçou a soprar e de novo se ouviu o crepitar das ceifadoras na estepe; um cheiro acre-doce a bafio subia dos palheiros enegrecidos. A estepe estava envolta em vapor e, através dessa bruma azulada, mal se conseguiam distinguir os contornos imprecisos das guaritas das sentinelas, o leito glauco das ravinas e as cúpulas verdes dos salgueiros por cima dos pântanos longínquos.

No quarto dia Daria resolveu ir à stanitsa assim que regressou do campo. Anunciou-o à família no momento em que se sentavam à mesa para a refeição do meio-dia.

Pantelei Prokófievitch inquiriu, entre descontente e irónico:

- Porquê tanta pressa? Não podes esperar para domingo?

- Aquilo que eu tenho a fazer talvez não sofra demoras.

- Nem sequer de um dia?

Daria respondeu entre dentes:

- Não.

- Bem, nesse caso, se estás assim tão apertada que não podes esperar um minuto, vai.

Mas afinal que negócio é esse tão urgente? Pode saber-se?

- Quem quer saber tudo morre antes do tempo.

Como sempre, Daria encontrou a resposta pronta; Pantelei Prokófievitch cuspiu, despeitado, e não fez mais perguntas.

No dia seguinte, ao regressar da stanitsa, Daria passou por casa. Ilínitchna estava só com as crianças. Michatka correu para a tia, mas esta repeliu-o friamente com a mão e perguntou à sogra:

- Onde está Natalia?

- Está no quintal, a schar as batatas. Que lhe queres tu? Foi o velho que a mandou chamar? Deve estar doido. Podes dizer-lho.

- Ninguém a mandou chamar. Eu é que quero falar com ela.

- Vieste a pé?

- Vim.

- A nossa gente está quase a acabar a ceifa?

- Talvez amanhã.

- Espera aí. Aonde vais tu com tanta pressa? A chuva estragou muito os fenos? insistia a velha, seguindo atrás de Daria que descia já os degraus da entrada.

- Não estragou muito. Mas agora estou com pressa..

- Quando voltares do quintal vem buscar uma camisa para o velho, ouviste?

Daria fez orelhas moucas e seguiu num passo rápido para a cerca do gado. Parou em frente do embarcadiiro e fitou, com os olhos semicerrados, a imensidade esverdeada do Don, do qual subia uma humidade bafienta; depois dirigiu-se lentamente para o quintal.

O vento soprava sobre o Don e as asas das gaivotas brilhavam no ar. As vagas vinham bater, preguiçosas, na margem plana. As colinas argilosas, envoltas numa névoa lilás e transparente, pareciam baças à luz do sol, mas as florestas da outra margem, lavadas pela chuva, eram de um verde fresco e novo, como na Primavera.

Daria descalçou as botas, lavou os pés e ficou ali sentada durante muito tempo, sobre os calhaus tépidos da margem. Protegia os olhos contra o sol com a mão, atenta aos gritos melancólicos das gaivotas e ao marulho ritmado das vagas.

O silêncio e o grito pungente das aves entristeciam-na, davam-lhe vontade de chorar, tornando ainda mais pesado e amargo o desgosto que subitamente lhe caíra em cima...

Natalia, depois de endireitar as costas com esforço, encostara o sacho à vedação. Ao avistar Daria veio ao seu encontro.

- Vieste procurar-me, Dachka?

- Vim contar-te a minha desgraça...

Sentaram-se uma ao lado da outra. Natalia tirou o lenço, compôs os cabelos e olhou para Daria. Ficou impressionada com a mudança que se operara no rosto da cunhada em tão poucos dias: as faces estavam cavadas e mais escuras, uma profunda ruga atravessava-lhe a fronte, os olhos tinham um brilho ardente e angustiado.

- Que tens tu? Parece que até a tua pele está mais escura - disse Natalia, compungida.

- Não te admires...

Daria sorriu, constrangida, e ficou um momento calada.

- Ainda tens muito que sachar?

- Devo acabar logo à noite. Mas que te aconteceu?

Daria engoliu convulsivamente a saliva e começou com uma voz rápida e abafada:

- Olha... estou doente... Apanhei uma doença ruim... Apanhei-a da última vez, naquela viagem... Foi aquele maldito oficial que me pegou...

- Tinha que acontecer!...

Natalia juntara as mãos, cheia de susto e consternação.

- Sim, tinha que acontecer... Não me posso queixar, ninguém teve culpa... Foi a minha fraqueza... Ele insinuou-se, o miserável, fez-me a cabeça doida. Tinha os dentes brancos, mas por dentro era podre... Agora estou perdida.

- Mas como, minha querida? Que vais tu fazer agora?

Natalia fitou Daria com terror, mas esta, recuperando o domínio, prosseguia, de olhos baixos:

- Vinha a caminho, sabes tu, quando comecei a notar qualquer coisa... Primeiro pensei: não deve ser nada... Às vezes, como sabes, a coisa vem de muitas maneiras... Ainda na Primavera passada, depois de pegar num saco de fermento, andei com as regras para cima de três semanas. Mas desta vez vi logo que não era a mesma coisa... apenas uma amostra... Ontem fui consultar o oficial de saúde à stanitsa. Quase morri de vergonha... Mas acabou-se...

- Agora tens de te tratar, mas que horror! Parece que essas doenças têm cura.

- Não minha querida. Esta não se cura.

Daria, com um sorriso amargo, ergueu pela primeira vez os olhos desde o início da conversa:

- Tenho sífilis. É um mal sem remédio. Fica-se com um buraco no lugar do nariz... Sabes como era a tia Andrónikha, viste-a?

- Mas que vais tu fazer? inquiriu Natalia com voz comovida, os olhos rasos de lágrimas.

Daria ficou muito tempo calada. Arrancou uma flor de corrida, agarrada a um pé de milho, e aproximou-a dos olhos.

A frágil corola, de bordos rosados, dessa flor leve e diáfana, quase sem peso, destilava um odor pesado e carnal à terra aquecida pelo sol. Daria contemplava-a com avidez, e espanto, como se nunca tivesse visto essa florinha simples e sem pretensões; aspirou-lhe o cheiro, dilatando muito as narinas frementes, depois poisou-a delicadamente no chão ressequido pelos ventos e disse:

- Perguntas o que vou fazer. No regresso da stanitsa vim a pensar, a reflectir... Mato-me, é isso o que vou fazer. É pena, mas não há outra saída... De qualquer forma, mesmo que me trate, toda a gente ficaria a saber na aldeia, seria apontada a dedo, voltar-me-iam as costas, seria escarnecida... Ninguém quereria falar-me. A minha beleza vai desaparecer, fico seca por completo, apodreço em vida... Não, isso não quero.

Era como se falasse consigo própria, não prestava atenção aos gestos de protesto de Natalia.

- Antes de ir à stanitsa, pensava que, se tivesse uma doença má, havia de me tratar. Foi por isso que não quis dar o dinheiro ao pai, pensava que me serviria para pagar aos médicos... Mas agora resolvi outra coisa. Estou farta de tudo, não quero mais saber de nada...

Proferiu um palavrão tremendo, escarrou no chão como os homens e limpou com as costas da mão uma lagrimazinha que lhe ficara presa às pestanas.

- Que estás tu para aí a dizer?... Então não temes a Deus?

- Quero lá saber de Deus! Durante toda a minha vida. Ele não fez outra coisa senão chatear-me... .

Daria sorriu e nesse sorriso descarado, malicioso, Natalia entreviu por momentos a antiga Daria.

- Isto é pecado, aquilo é pecado. Sempre o receio do pecado e do juízo final... Ninguém descobrirá castigo mais duro do que aquele que eu arranjei para mim própria. Estou farta de tudo, Natachka. Tudo me aborrece... As minhas contas fazem-se depressa... Não deixo ninguém, nem atrás de mim nem à minha frente. O meu coração não está preso a nada... É assim mesmo.

Natalia começou a exortá-la calorosamente, pedindo-lhe que reflectisse, que não pensasse em matar-se, porém Daria, que a princípio a escutara distraída, caiu em si e interrompeu-a no meio de uma palavra:

- Deixa lá isso, Natachka. Não vim aqui para me deixar convencer pelas tuas súplicas. Vim contar-te a minha desgraça e prevenir-te para que não deixes os teus filhos

aproximarem-se de mim. A minha doença é contagiosa, disse-o o oficial de saúde, e de resto eu já o sabia. As crianças não devem apanhá-la, percebes, minha palerma? Tu é que tens de informar a velha. Eu cá tenho vergonha. Mas... não penses que me vou enforcar já, tenho muito tempo. Vou viver ainda mais uns tempos, divertir-me a ver o mundo. Sabes bem como é, não? Enquanto a coisa não nos toca de perto, andamos de um lado para o outro, sem ver nada à nossa volta... Andei cega toda a vida, por assim dizer, mas, ao regressar da stanitsa, pela margem do Don, pensei que em breve ia deixar tudo e foi como se abrisse os olhos. Olhei o rio, a água encrespada a brilhar ao sol que parecia prata, a ponto de fazer doer a vista. Voltei-me e vi como tudo aquilo era lindo, santo Deus! E eu que nunca me tinha dado conta!

Sorriu timidamente e calou-se, com as mãos juntas, a dominar os soluços que lhe subiam à garganta. Depois prosseguiu numa voz mais alta, mais intensa:

- No caminho chorei, mais de uma vez... Ao chegar à aldeia vi as crianças a tomarem banho no Don... Olhei-as e o coração apertou-se-me. Pus-me outra vez a chorar como uma maluca. Fiquei durante duas horas deitada sobre a areia. Muito custa tudo isto, quando me ponho a pensar...

Levantou-se, sacudiu a saia e compôs o lenço num gesto habitual.

- A minha única consolação, ao pensar na morte, é dizer comigo que vou encontrar o Petro lá na outra vida... Então dir-lhe-ei: “Olha, meu amiguinho, olha, Petro Panteleievitch, aqui está a tua má mulher!” E acrescentou com cínica ironia: - No outro mundo ele não poderá bater-me, não deixam entrar gente má no Paraíso, não é verdade? Então adeus, Natachenka, não te esqueças de contar à velha a minha desgraça.

Natalia continuava sentada, a tapar a cara com as mãos.

Por entre os seus dedos escorriam lágrimas, como pingos de resina numa sangria de pinheiro. Daria chegou à cancela de ramos entrelaçados e, voltando-se para trás, acrescentou num tom prático:

- A partir de hoje como numa tigela à parte. Avisa a mãe. E, outra coisa: que ela não fale nisto ao velho. Ficaria furioso e ainda era capaz de me pôr fora de casa. Só me faltava isso! vou daqui direita à ceifa. Adeus!

XIV

No dia seguinte, os ceifeiros regressaram dos campos, e Pantelei Prokófievitch resolveu começar a transportar o feno da parte da tarde. Duniachka levou os bois ao rio enquanto Ilínitchna e Natalia punham a mesa.

Daria, chegando em último lugar, sentou-se lá no fundo.

Ilínitchna pôs-lhe na frente uma tigela de sopa de couves, uma colher e uma fatia de pão. Para os outros, encheu, como de costume, a grande terrina comum.

Pantelei Prokófievitch lançou um olhar à mulher e, designando Daria com os olhos, inquiriu:

- Que quer isto dizer? Por que razão a serves à parte? Ela já não pertence à nossa religião?

- Que te importa a ti? Come!

O velho olhou ironicamente para Daria e sorriu:

- Ah, estou a perceber! Desde que ganhou a medalha já não quer comer na mesma gamela que nós. Diz lá, Dachka, tens nojo de comer na nossa terrina?

- Não é nojo, não posso - respondeu Daria numa voz rouca.

- Não podes porquê?

- Estou doente da garganta.

- E que tem isso?

- Na stanitsa o oficial da saúde recomendou-me que comesse numa tigela à parte.

- Eu também estive doente da garganta, nunca comi à parte e, graças a Deus, a minha doença não se pegou a ninguém. Que doença de garganta é essa?

Daria empalideceu, limpou os lábios com a palma da mão e poisou a colher. Indignada com o interrogatório do velho, Ilínitchna exclamou:

- Que é que tu queres à rapariga? Nem a comer a deixas em paz. És uma carraça, não largas as pessoas.

- Mas que mal fiz eu? - resmungou Pantelei Prokófievitch.

- Cada um pode comer como quiser.

Despeitado, enfiou na boca uma colher de sopa a ferver, queimou-se, cuspiu a sopa para a barba e berrou, furioso:

- Vocês não sabem fazer nada, malditas mulheres! Então já se viu servir a sopa tão quente?

- Se falasses menos à mesa já não te queimavas - retorquiu Ilínitchna à laia de consolação.

Duniachka ia rebentando de riso ao ver o pai, vermelho como um pimentão, a retirar da barba pedaços de couve e batata. Os outros, porém, estavam tão sérios que ela conteve-se, voltando a cara para não se rir fora de propósito.

No fim da refeição o velho e as noras foram buscar o feno em duas carroças. Pantelei Prokófievitch carregava-o com um forcado muito comprido e Natalia recebia-o. Vinha impregnado de um cheiro a podridão. A rapariga regressou a casa na companhia de Daria. Pantelei Prokófievitch, com os seus velhos bois que andavam num passo rápido, viera à frente.

O sol punha-se atrás do túmulo de vigia. O cheiro amargo do absinto que subia da estepe acentuara-se com o cair da noite, mas tornara-se também mais suave, mais agradável, ao perder a intensidade asfixiante do meio-dia. O calor diminuía. Os bois caminhavam sem esforço e a poeira que as patas dos animais levantavam no caminho ia poisar-se sobre os cardos. As cabeças vermelhas destes brilhavam como chamas e os besoiros esvoaçavam à volta deles. Os pavoncinos voavam, interpelando-se uns aos outros, em direcção a um charco Já ao longe.

Daria ia deitada de bruços na carroça oscilante. Apoiava-se nos cotovelos e olhava de quando em quando para Natalia.

Esta, mergulhada nos seus pensamentos, observava o sol poente; no seu rosto puro e calmo brilhavam reflexos doirados. “Natália, essa, é feliz. Tem o marido e os filhos, não lhe falta nada, todos gostam dela, ao passo que eu sou uma criatura liquidada. Quando morrer ninguém soltará sequer um suspiro”, pensava Daria. E, de repente, sentiu o desejo de magoar Natalia, de lhe fazer mal. Porque havia de ser só ela, Daria, a sofrer as agonias do desespero, ao pensar na sua vida desfeita, sofrendo assim tão cruelmente? Lançou novo olhar à cunhada e disse, esforçando-se por dar à voz um tom sincero:

- Natalia, quero pedir-te desculpa de uma coisa...

A outra não respondeu logo. Ao contemplar o sol, recordava-se daquele dia longínquo (estava noiva de Grigóri), em que este viera visitá-la. Ela fora acompanhá-lo ao portão; e, como hoje, o sol escaldava, como hoje também, uma bruma roxa erguia-se a oeste e as gralhas grasnavam nos salgueiros...

Grigóri afastava-se, meio voltado para trás sobre a sela, e ela seguia-o com o olhar molhado de lágrimas de comovida alegria.

Com as mãos apertadas sobre o peito juvenil, sentia as pancadas impetuosas do coração... Foi-lhe desagradável ouvir a voz de Daria, que de súbito veio perturbar o silêncio, e respondeu contrariada:

- Desculpa, porquê?

- Sinto-me culpada para contigo... Recordas-te quando Grigóri veio de licença, na Primavera? Nessa noite, lembro-me muito bem, tinha eu ido ordenhar a vaca e, quando entrava em casa, ouvi a Akcínia a chamar-me. Fez-me entrar para a casa dela, ofereceu-me este anel e obrigou-me a aceitá-lo...

Daria fazia girar o anel em volta do dedo.

- Pediu-me que lhe mandasse o Grigóri... Que podia eu fazer?... Dei-lhe o recado. Então ele, durante toda a noite... Lembras-te?, disse-te que o Kudínov tinha vindo e que estivera com ele. Tudo mentira. Esteve em casa da Akcínia.

Aterrada, lívida, Natalia quebrava entre os dedos uma haste seca de ervilhaca.

- Não te voltes contra mim, Natalia. Custou-me muito confessar-te isto... - declarou Daria num tom insinuante, tentando fitar Natalia nos olhos.

Natalia engolia as lágrimas em silêncio. O novo desgosto que a feria era tão inesperado, tão grande, que não encontrava em si a força de responder a Daria. Mal se voltou, a fim de esconder o rosto alterado pela dor.

Ao aproximarem-se da aldeia, Daria, furiosa contra si própria, pensou:

“Foi o diabo que me tentou para eu dizer isto. Agora vai pôr-se a chorar durante um mês. Era melhor nunca o ter sabido. As vacas leiteiras ganham mais em ser cegas.” A fim de atenuar um pouco a impressão causada pelas suas palavras, acrescentou:

- Mas não te rales. Isso não vale nada! A minha desgraça é bem pior do que a tua e conservo o bom humor. Afinal de contas talvez ele não tenha ido a casa dela, mas sim à do Kudínov. Não fui espreitá-los. Quando a gente não vê...

- Eu desconfiava... - disse baixinho Natalia, a limpar os olhos com a ponta do lenço.

- Então, se desconfiavas, porque não lho perguntaste? Ah! que idiota! Se fosse comigo, as coisas não ficavam assim. Havia de o moer até mais não!

- Eu tinha medo de saber a verdade... Julgas que é fácil? - respondeu Natalia com os olhos brilhantes, a gaguejar de emoção. Tu, com o Petro... podias viver assim... Mas eu, quando penso, quando eu penso em tudo o que sofri... tenho ainda mais medo.

- Bem, não penses mais nisso - aconselhou ingenuamente Daria.

- Mas isto é coisa que se possa esquecer?... - exclamou Natalia numa voz rouca e estranha.

- Eu, cá por mim, esquecia, ora essa é boa!

- Então tenta esquecer a tua doença.

Daria desatou a rir:

- Isso queria eu, mas a maldita é que se faz lembrar. Escuta, Natachka, queres que eu tente saber alguma coisa através da Akcínia? Ela dizia-me logo tudo. Deus me perdoe, mas não há mulher nenhuma que resista a contar os seus amores. Sei-o por mim.

- Não preciso dos teus serviços. Isto já me basta - retorquiu secamente Natalia. - Não sou cega, bem vejo porque me falaste nisso. Não foi por piedade que me confessaste o teu papel de alcoviteira, mas sim para me tornares mais infeliz...

- É certo - concordou Natalia suspirando. - Mas tens de compreender que eu não podia sofrer sozinha.

Daria desceu da carroça, pegou na soga e conduziu pela encosta acima os bois que trocavam as pernas de fadiga.

Ao entrar na aldeia, aproximou-se da carroça:

- Diz lá, Natalia! Queria perguntar-te uma coisa... Amas assim tanto o teu homem?

- O mais que é possível - respondeu Natalia numa voz que mal se ouvia.

- Nesse caso é muito - suspirou Daria. - Eu cá nunca soube amar assim. Amava como os cães, ao acaso... Se começasse hoje a vida outra vez, talvez fosse diferente...

A escuridão da noite seguiu-se ao curto crepúsculo de Verão. Descarregaram o feno às escuras. As mulheres trabalhavam em silêncio e Daria nem sequer respondia às interpelações de Pantelei Prokófievitch.

XV

Perseguindo rapidamente o inimigo em retirada desde Usst-Medvéditsskaia, as unidades reunidas do Exército do Don e os insurrectos do Alto-Don progrediam para o Norte. Junto da aldeia de Cháchkime, nas margens do rio Medvéditza, os regimentos desmantelados do 9.º Exército Vermelho tentaram deter os cossacos, mas foram de novo derrotados, recuando até ao caminho-de-ferro de Griázi-Tzaritssyne, quase sem oporem resistência.

Grigóri tomara parte, com a sua divisão, no combate de Cháchkine e apoiara solidamente a brigada de infantaria do general Sutúlov, atacada de flanco. O regimento de cavalaria de Ermakov, que se lançara ao ataque por ordem de Grigóri, aprisionara duzentos vermelhos, apoderara-se de quatro metralhadoras pesadas e de onze carroças de cartuchos.

À noite, Grigóri entrava em Cháchkine com um grupo de cossacos do Primeiro Regimento. Os prisioneiros, em mangas de camisa e ceroulas de algodão, estavam apinhados numa turba espessa e branca sob a guarda de meio esquadrão cossaco, junto de uma casa ocupada pelo Estado-Maior da divisão. Tinham sido quase todos obrigados a despirem-se e a descalçarem-se e só de longe em longe, no meio dessa multidão branca, se avistava a mancha verde de um blusão sujo.

- São tão branquinhos que lembram patos! – exclamou Prokhor Zíkov, apontando para os prisioneiros.

Grigóri puxou as rédeas e fez o cavalo dar a volta; ao avistar Ermakov no meio dos cossacos, fez-lhe sinal com o dedo.

- Vem cá. Porque é que te escondes atrás dos outros?

Ermakov aproximou-se, a tossir por trás da mão. Tinha sangue coagulado nos lábios gretados, por baixo do bigode ralo; a face direita estava inchada, coberta de numerosos arranhões. Durante o ataque, o cavalo dera um passo em falso em pleno galope e caíra; saltando-lhe pela cabeça Ermakov deslizara sobre a barriga no chão áspero durante uns quatro metros. Pusera-se de novo a pé ao mesmo tempo que o cavalo e, dali a um minuto, já montado, sem barrete, com a cara toda em sangue, mas de sabre desembainhado, alcançava os outros cossacos que desciam a encosta à desfilada...

- Porque me havia eu de esconder? - perguntou ele com fingida surpresa ao chegar junto de Grigóri. E revirava, arvorando uma expressão confusa, os olhos furiosos, injectados de sangue, que ainda não (havam acalmado depois da batalha.

- O gato sabe bem a quem pertencia a carne que comeu. Porque ficaste para trás? - inquiriu Grigóri, irritado.

Sorrindo a custo com os lábios inflamados, Ermakov dirigiu os olhos para os prisioneiros:

- A que carne te referes? Não me faças perguntas a que não sei responder. Acabo de cair do cavalo abaixo...

Grigóri apontou com o bengalim para os vermelhos:

- Aquilo é obra tua?

Ermakov, fingindo vê-los pela primeira vez, simulou um grande espanto:

- Ah! Grandes filhos de uma cadela! Despiram-nos! Mas quando tiveram eles tempo de fazer uma coisa destas?... Hem? Eu afastei-me uns momentos e tinha dado ordens severas para ninguém lhes tocar, mas os malandros depenaram-nos, aos desgraçados.

- Não te faças idiota. Porque te finges mais burro do que o és na verdade? Foste tu que os mandaste despir?

- Deus me livre! Tu estarás doido, Grigóri Panteleievitch?

- Sabes quais são as ordens?

- Sei, dizem que não devemos .

- Que não devemos, precisamente...

- Ora se sei as ordens! Sei-as de cor, como os versos que nos ensinavam na escola.

Grigóri sorriu involuntariamente. Curvou-se na sela e agarrou Ermakov pela correia do cinturão. Estimava aquele chefe audacioso, de uma bravura louca.

- A sério, Kharlampi, porque deixaste fazer isto? O novo coronel que nos mandaram para o Estado-Maior em substituição de Kopylov irá fazer queixa e temos de responder. com certeza que não gostas de ser interrogado.

- Não consegui resistir, Grigóri Panteleievitch - respondeu Ermakov gravemente e com simplicidade. - Tudo o que eles traziam vestido era novinho em folha, acabavam de o receber em Usst-Medvéditskaia, ao passo que os meus rapazes tinham as fardas todas às tiras. Entre eles parece que também não há fatura de vestuário. E depois, de qualquer maneira, lá na retaguarda, iriam rapinar-lhes tudo. Nós é que os fazemos prisioneiros e a malandragem da retaguarda é que se abotoa com os fatos! Na! Mais vale que sejam os nossos a aproveitar. Vou responder por isso, mas daqui não levam nada. E tu também, deixa-me em paz, por favor. Não quero ouvir nada e nada sei acerca deste assunto.

Aproximaram-se dos prisioneiros. Estes deixaram de conversar em voz baixa. Os das primeiras filas tentavam afastar-se dos cavaleiros e fitavam-nos com receio e apreensão. Um dos vermelhos, reconhecendo em Grigóri o chefe, aproximou-se dele e tocou-lhe no estribo:

- Camarada comandante, diz aos teus cossacos que nos restituam ao menos os capotes, por favor. As noites são frias e, como vês, estamos nus.

- Não te aflijas. No Verão não corres o risco de gelar, minha toupeira - respondeu severamente Ermakov. Empurrou o vermelho com o cavalo e voltou-se para Grigóri.

- Não fiques preocupado. Vou mandar que lhes dêem roupas velhas. Arredem-se, vamos, arredem-se, militares! Mais valia terem ficado a matar os percevejos das calças do que virem fazer guerra aos cossacos.

No Estado-Maior, interrogavam um prisioneiro, comandante de companhia. O novo chefe do Estado-Maior, o coronel Andreianov, um oficial de certa idade, de nariz carnudo e temporas grisalhas, que as enormes orelhas descoladas faziam parecer um garoto, estava sentado a uma mesa coberta por um oleado velho. O comandante vermelho encontrava-se de pé na frente dele, a dois passos da mesa. Um dos oficiais do Estado-Maior, o tenente Súline, que viera para a divisão ao mesmo tempo que Andreianov, tomava nota das declarações por escrito.

O prisioneiro, um homem alto, de bigodes ruivos, cabelos esbranquiçados cortados à escovinha, estava descalço, com os pés sobre o sobrado cor de ocre, e apoiava-se ora numa perna ora na outra, fitando de tempos a tempos o coronel. Os cossacos haviam-lhe deixado uma camisa de soldado em algodão amarelo, mal lavada, e tinham-lhe dado, em substituição das suas, umas calças cossacas todas rotas, de listas desbotadas e cosidas.

Ao aproximar-se da mesa, Grigóri notou que ele compunha, com um gesto rápido e confuso, as calças rotas atrás, para esconder a pele nua.

O coronel lançou ao prisioneiro um olhar breve por cima dos óculos e inquiriu:

- Pelo comissariado da guerra do Governo de Orei, diz você?

Baixou de novo os olhos, encarquilhou as pálpebras e examinou um papel que fez girar entre os dedos, sem dúvida um documento de identificação.

- Sim.

- No Outono passado?

- No fim do Outono.

- Está a mentir

- Estou a dizer a verdade.

- Afirmo que está a mentir.

O prisioneiro encolheu os ombros sem acrescentar mais nada. O coronel, olhando para Grigóri, observou, com um gesto de desprezo em direcção ao prisioneiro:

- Ora veja isto: um antigo oficial do exército imperial, hoje bolchevique, como vê. Depois de apanhado, afirma que andava com os vermelhos por acaso, que tinha sido mobilizado. Mente estupidamente, e imagina que vamos acreditá-lo, quando a verdade é que ele não tem. simplesmente a coragem cívica de confessar que traiu a pátria... Está com medo, o patife.

O prisioneiro voltou a falar, executando movimentos penosos com a maçã-de-adão:

- E eu verifico, meu coronel, que o senhor tem a coragem cívica de insultar um prisioneiro...

- Não discuto com patifes.

- Eu, neste momento, sou obrigado a isso.

- Cuidado não me irrite, porque eu posso injuriá-lo fisicamente

- Na sua situação isso não será difícil e, sobretudo, não oferece perigo.

Sem ter pronunciado uma palavra sequer, Grigóri sentou-se à mesa. Olhava com um sorriso cheio de simpatia esse prisioneiro pálido de indignação que replicava intrepidamente. “Agora é que ele amolou o coronel!” pensou com satisfação. E observou com páfida alegria as bochechas carnudas de Andreianov, agitadas por um tique nervoso.

Grigóri tomara de ponta o seu Estado-Maior logo depois do primeiro encontro. Andreianov fazia parte daqueles oficiais que nunca tinham posto os pés na frente durante a grande guerra, mantendo-se prudentemente na retaguarda graças às suas habilidades e às relações de serviço e de parentesco. O coronel Andreianov, arranjava também maneira, durante a guerra civil, de trabalhar pela defesa, conservando-se em Novotcherkassk, e só depois do atamane Krassnov ser afastado do poder é que fora obrigado a partir para a frente.

Em duas noites que passara na mesma casa que Andreianov, Grigóri ficou sabendo por ele próprio que se tratava de um homem muito piedoso, que não conseguia falar dos ofícios solenes da igreja sem que lhe brotassem lágrimas dos olhos, que não havia no mundo mulher mais exemplar do que a sua, a qual se chamava Sofia Alekssandrovna, e que o próprio atamane designado, o barão von Grabbe, lhe fizera sem êxito a corte. Além disso, o coronel dava-lhe amavelmente a saber, com muitos pormenores, as terras que o seu pai possuía, de que forma ele, Andreianov, alcançara a patente de coronel, e com que altas personalidades tivera a honra de caçar em 1916. Informou também Grigóri de que, em sua opinião, não havia nenhum jogo superior ao whist; que o cognac de tomilho era o melhor licor do mundo e a intendência, o mais lucrativo dos serviços.

Os tiros de canhão demasiado próximo faziam estremecer Andreianov; montava a cavalo de má vontade, pretextando uma doença de fígado; insistia constantemente no reforço da guarda do Estado-Maior; quanto aos cossacos, tratava-os com mal dissimulada hostilidade; na sua opinião, todos haviam traído em 1917, e, após esse ano, passara a odiar todos os postos subalternos, sem distinção. “Só a nobreza conseguirá salvar a Rússia!” dizia o coronel, e recordava acidentalmente que ele próprio era de origem nobre, sendo a família Andreianov uma das mais antigas e valorosas de todo o Don.

O principal defeito de Andreianov consistia sem dúvida na prolixidade, essa prolixidade senil, irresistível, assustadora de que sofrem as pessoas demasiado tagarelas e pouco inteligentes, a partir de certa idade, quando se habituaram desde novas a apreciar tudo com desenvoltura e superficialidade.

Grigóri, durante a sua vida, encontrara mais de uma vez pessoas dessa raça, sem nada dentro da cabeça, e sempre lhe tinham inspirado uma profunda repugnância. No dia seguinte ao seu primeiro encontro com Andreianov, começou a evitá-lo, mas, embora o conseguisse durante o dia, em contrapartida, mal se instalavam para passar a noite, Andreianov, vindo reunir-se-lhe, perguntava-lhe a toda a pressa: “Vamos passar o serão juntos?” Sem aguardar a resposta, principiava: “Estava então a dizer-me, meu caro, que os cossacos revelam falta de firmeza nos combates de infantaria. Ora bem, eu cá, no tempo em que servia como oficial junto de Sua Excelência... Olá! Tragam-me daí a minha mala e a cama!” Grigóri deitava-se, fechava os olhos, e ouvia-o durante algum tempo de dentes cerrados, depois, voltando grosseiramente as costas ao inesgotável narrador, tapava a cabeça com o capote e dizia consigo numa raiva muda: “Assim que seja transferido, atiro-lhe com qualquer coisa à cabeça: talvez perca assim a vontade de falar durante uma semana.” “Está a dormir, tenente?” Inquiria Andreianov. “Sim, estou”, respondia surdamente Grigóri. “Peço desculpa, mas ainda não acabei.” E a narrativa prosseguia. Através do sono, Grigóri ia pensando: “Foi de propósito que me puseram à perna este papagaio. Foi com certeza partida de Fitzkhalaurov. Como é que se pode aguentar uma cavalgada destas?” E, enquanto mergulhava no sono, continuava a escutar a voz aguda de tenor do coronel, semelhante ao barulho da chuva num telhado de lata.

Por isso Grigóri se regozijou cruelmente ao ver o prisioneiro meter na ordem com tanto desembaraço o loquaz chefe do Estado Maior.

Andreianov manteve-se silencioso durante um minuto, de olhos semicerrados; os lóbulos pendentes das suas orelhas separadas do crânio estavam ao rubro, e a sua mãozinha branca e rechonchuda, cujo indicador ostentava um grande anel de ouro, tremia sobre a mesa.

- Escuta, mostrengos disse ele numa voz que a emoção tornava rouca, não te mandei vir aqui para nos estarmos a picar um ao outro. Já percebeste que não tens safa nenhuma?

- Compreendi muito bem.

- Melhor para ti. Ao cabo e ao resto, quero lá saber que te tenhas juntado aos vermelhos voluntariamente ou que hajas sido mobilizado. Não é isso o que interessa, mas sim que, partindo de considerações de honra mal compreendidas, te recusas a dizer...

- É evidente que nós não temos a mesma concepção de honra.

- Isso acontece porque não te restam sequer vestígios dela.

- Pelo que lhe diz respeito, coronel, a sua atitude para comigo leva-me a acreditar que o senhor nunca soube o que isso é.

- Verifico que fazes empenho em apressar o desfecho

- Acha que eu teria algum interesse em o retardar? Não tentes meter-me medo, seria em vão.

Andreianov abriu a cigareira com as mãos a tremer, acendeu um cigarro, aspirou avidamente duas baforadas e dirigiu-se de novo ao prisioneiro:

- Por conseguinte, recusas-te a responder às minhas perguntas?

- Na minha opinião já respondi.

- Vai para o diabo. A tua opinião não me interessa para nada. Fazes favor de responder à seguinte pergunta: que unidades receberam vocês da estação de Sebríakovo?

- Já lhe disse que não sei.

- Sabes, sim senhor.

- Está bem. Dou-Lhe essa satisfação: sei mas não digo.

- Mando-te açoitar com as varetas das espingardas, isso há-de soltar-te a língua.

- Duvido - retorquiu o prisioneiro sorrindo com superioridade, levando a mão esquerda ao bigode.

- O regimento de Kamiohine participava desse combate?

- Não.

- Mas o vosso flanco esquerdo estava coberto por uma unidade de cavalaria. Qual era?

- Deixe-me em paz. Já lhe disse que não respondia a essa espécie de perguntas.

- Escolhe: ou soltas imediatamente a língua, cão, ou mando-te fuzilar dentro de dez minutos. Hem?

Então, numa voz subitamente forte e sonora como a de um jovem, o prisioneiro disse:

- Estás a chatear-me, velho idiota. Besta. Se me tivesses caído nas mãos, ter-te-ia interrogado doutra maneira.

Andreianov, empalidecendo, levou a mão ao estojo do revólver. Nessa altura, Grigóri, levantando-se sem pressa, ergueu a mão num gesto de advertência:

- Oh! Acabem lá com isso. Já trocaram as explicações suficientes. Basta. Estou a ver que são ambos muito exaltados... Uma vez que não conseguiram pôr-se de acordo, de que serve discutirem? Ele tem razão em não querer trair os seus. Em meu entender faz muito bem. Não contava com isso.

- Não, dê-me licença... - berrou Andreianov, que tentava em vão abrir o estojo.

- Não consinto! - disse Grigóri com jubilosa animação, avançando para a mesa, a fim de proteger o prisioneiro com o seu corpo. É fácil matar um prisioneiro. Como é que a sua consciência lho permite? Um homem desarmado, cativo, até a roupa lhe tiraram, e o senhor...

Andreianov, empurrando violentamente Grigóri, empunhou o revólver.

- Basta! Esse patife insultou-me.

O prisioneiro voltou-se rapidamente para a janela agitando os ombros como se tivesse frio. Grigóri observava Andreianov com um sorriso. O coronel, ao sentir o contacto rugoso do revólver na palma da mão, brandiu-o com um gesto absurdo, e em seguida, depois de baixar o cano, voltou-se.

- Não quero sujar as mãos... disse ele numa voz rouca, a arfar enquanto passava a língua pelos lábios secos.

Grigóri não conseguiu evitar um sorriso, mostrando os dentes brancos como a espuma a brilharem por baixo do bigode. Declarou:

- Também não era possível. O revólver não estava carregado.

- Repare. Ao acordar, de manhã, ao vê-lo em cima da cadeira, peguei-lhe e examinei-o: nem um cartucho tinha dentro, e há mais de dois meses que não é limpo. O senhor cuida muito mal do seu armamento particular.

Andreianov baixou os olhos, fez girar com o dedo grande o tambor do revólver, sorriu.

- Oh diabo! É verdade...

O tenente Súline, que observara toda a cena em silêncio e com um ar irónico, dobrou o auto de declarações do interrogatório e disse, carregando agradavelmente nos rr.

- Estou farto de lhe dizer, Sémione Polikárpovitch, que o senhor trata as suas armas de uma maneira monstruosa. O que acaba de se passar provou-o mais uma vez.

Andreianov, amuando, exclamou:

- Eh! Venham cá!

Dois plantões e o chefe de guarda surgiram logo.

- Levem-no - disse Andreianov, apontando o prisioneiro com a cabeça.

Este, voltando-se para Grigóri, cumprimentou-o em silêncio e dirigiu-se para a porta. Grigóri julgou divisar nos seus lábios o esboço de um sorriso de reconhecimento, por baixo do bigode arruivado.

Quando se extinguiu o ruído dos passos, Andreianov tirou os óculos num gesto cansado, limpou-os cuidadosamente com um pedaço de pele de camurça e disse num tom sarcástico:

- O senhor defendeu brilhantemente esse safado, mas isso é lá consigo. No entanto diga-me o que significa referir-se ao meu revólver diante dele e colocar-me numa situação desagradável?

- Não me parece que isso tenha grande importância - retorquiu Grigóri, conciliador.

- Ainda assim, afigura-se-me que teria sido desnecessário. Sabe que estive mesmo prestes a matá-lo? Um indivíduo repugnante.

- Discutimos durante uma boa meia hora antes da sua chegada. O sujeito fartou-se de mentir, de baralhar as coisas, de fugir à verdade, de dar falsas informações, é terrível. E quando o encostei à parede, recusou-se pura e simplesmente a responder. Parece que a sua honra de oficial lhe não permite, imagine, revelar segredos militares ao inimigo. Aquele filho de uma cabra não se lembrou da sua honra de oficial quando se pôs ao serviço dos bolcheviques... Acho que é preciso fuzilá-lo sem alarido, com os dois outros membros do comando que fizemos prisioneiros. Não podemos ter esperança de tirar deles qualquer informação importante. São tipos calejados e incorrigíveis, não vale a pena ter contemplações com eles. Que acha?

- Como soube que ele comandava uma companhia? - inquiriu Grigóri à laia de resposta.

- Foi um dos soldados dele que o revelou.

- Acho que esse é que devia ser fuzilado e os chefes deviam ser deixados em paz - respondeu Grigóri, fitando Andreianov com um olhar interrogador.

Este encolheu os ombros e sorriu, como quem sorri de uma brincadeira fora de propósito.

- Não, diga a sério, que é que pensa?

- Aquilo que disse.

- Mas porquê, não me dirá?

- Porquê? Porque é preciso salvar a disciplina e a ordem no exército russo. Ontem quando nos deitámos, você próprio expôs qual o regime que se deveria introduzir no exército após a derrota dos bolcheviques, a fim de arrancar a juventude ao contágio dos vermelhos. Eu estava plenamente de acordo consigo, recorda-se?

Grigóri alisava os bigodes, atento à expressão do coronel, enquanto dizia sentenciosamente:

- Mas agora que é que você propõe? Dessa maneira iria espalhar a desordem. Então acha que os soldados devem trair os seus chefes? É isso que se lhes ensina? E se eu e o senhor nos encontrássemos na mesma situação, hem? Não, desculpe mas sou contra isso, não transijo.

- Como queira, - respondeu friamente Andreianov, olhando muito fixo para Grigóri.

Ouvira dizer que o comandante da divisão insurrecta era um indivíduo caprichoso e original, mas nunca esperara uma coisa destas. Contentou-se em acrescentar.

- É assim que costumamos proceder quando se trata de chefes vermelhos prisioneiros, sobretudo oficiais. Você traz-nos processos novos... E eu não compreendo lá muito bem a sua atitude em face desta questão que poderia parecer indiscutível.

- Cá pela nossa parte costumamos trespassá-los com uma sabrada quando os enfrentamos em combate, mas não estamos habituados a fuzilar prisioneiros - respondeu Grigóri, fazendo-se muito vermelho.

- Está bem, pronto, mandamo-los para a retaguarda - concordou Andreianov. - Outra coisa: parte dos prisioneiros (camponeses mobilizados pelo Governo de Saratov) exprimiu o desejo de combater nas nossas fileiras. O nosso Terceiro Regimento de infantaria não chega a contar trezentos homens. Acha possível que, depois de uma meticolosa selecção, se incluam nele os voluntários a que me refiro? Temos instruções exactas do Estado-Maior a esse respeito.

- Não quero um único camponês na minha divisão. Preencheremos as lacunas com cossacos - declarou categoricamente Grigóri.

Andreianov tentou convencê-lo:

- Escute, não vamos zangar-nos por causa disto. Compreendo o seu desejo de só contar na sua divisão com um efectivo cossaco homogéneo, a necessidade, porém, leva-nos a não desprezar estes prisioneiros. Mesmo no Exército Voluntário, alguns regimentos foram completados com prisioneiros.

- Que façam como quiserem, eu recuso-me a ficar com camponeses sob o meu comando. Não falemos mais nisso - cortou Grigóri.

Pouco depois dava ordem para a partida dos prisioneiros.

Durante a refeição do meio-dia Andreianov declarou-lhe com uma voz comovida:

- Está visto que não poderemos adaptar-nos um ao outro...

- Também assim penso - respondeu Grigóri com indiferença

Sem fazer caso do sorriso de Súline, pegou com dois dedos num bocado de carneiro cozido e pôs-se a cortar com os dentes, como um lobo, uma cartilagem mais dura. Mas tão violentamente que Súline fez uma careta como se sentisse uma dor e fechou os olhos por momentos.

Dali a dois dias o grupo do general Salmikov retomava a perseguição das unidades vermelhas em retirada, enquanto Grigóri era convocado com urgência para ir ao Estado-Maior do grupo. O chefe do Estado-Maior, um general idoso, de aspecto respeitável, comunicou-lhe uma ordem do comandante-chefe do Exército do Don que dissolvia o Exército insurrecto, declarando-lhe sem rodeios:

- Na luta de guerrilheiros contra os vermelhos o senhor comandou com êxito uma divisão, mas não podemos confiar-lhe agora, nem sequer um regimento. O senhor não possui instrução militar e não seria capaz de comandar uma grande unidade numa frente vasta, segundo os processos modernos de combate. Está de acordo?

- Estou - retorquiu Grigóri. - Era mesmo meu desejo renunciar ao comando.

- Acho que faz muito bem em não atribuir demasiado valor às suas possibilidades. Essa qualidade é rara nos oficiais dos nossos tempos. Portanto, de acordo com uma ordem do comandante da frente, o senhor fica encarregado do quarto esquadrão do Décimo Primeiro regimento. Este regimento encontra-se actualmente em marcha a umas vinte verstás daqui, algures nos arredores da aldeia de Viáznikov. Parta hoje mesmo, o mais tardar amanhã. Ia a dizer qualquer coisa?

- Gostaria de ser afectado ao serviço da intendência.

- Isso é impossível. Precisamos de si na frente.

- Durante as duas guerras fui catorze vezes ferido com gravidade.

- Isso não entra em linha de conta. Você é novo, tem bom aspecto, pode ainda combater. Quanto aos ferimentos, qual o oficial que os não sofreu? Pode ir-se embora. Felicidades.

Sem dúvida para evitar o descontentamento que não poderia deixar de causar a dissolução do Exército insurrecto entre os cossacos do Alto-Don, muitos cossacos, alguns simples soldados, que se haviam distinguido durante a insurreição, receberam galões logo a seguir à tomada de Usst-Medvéditsskaia; todos os ajudantes passaram a alferes e os oficiais foram promovidos e condecorados.

Grigóri não ficou esquecido: nomearam-no tenente, sendo citado na ordem do exército, a qual mencionava os seus altos méritos na luta contra os vermelhos.

A dissolução levou alguns dias a efectuar. Os comandantes de divisão e de regimento que eram iletrados foram substituídos por generais e coronéis, puseram à testa dos esquadrões oficiais experimentados, o comando das baterias e dos Estados-Maiores foi totalmente renovado, e os simples cossacos serviram para completar os regimentos do Exército do Don, dizimado pelos combates do Donetsk.

À noitinha, Grigóri reuniu os seus homens, anunciou-lhes a dissolução da divisão e disse à laia de despedida:

- Não fiquem com tristes recordações de mim, cossacos! Fomos obrigados a servir juntos. A partir de hoje cada um sofrerá as suas desgraças separadamente. O mais importante é conservarmos as cabeças e evitarmos que os vermelhos façam buracos nelas. As nossas cabeças talvez não fossem lá muito boas, mesmo assim não as devemos expor inutilmente às balas. Também precisamos delas para reflectir, reflectir muito naquilo que iremos fazer depois. .

Os cossacos mantinham um silêncio depressivo, depois puseram-se a falar todos ao mesmo tempo. As suas vozes misturavam-se em surdina.

- Voltamos aos tempos antigos?
- Para onde iremos agora?
- Fazem de nós aquilo que muito bem lhes apetece, malandragem!
- A gente não quer a dissolução. Que novo sistema é esse?
- Mas a fusão já está feita, para nosso mal, rapazes.
- E Suas Nobrezas vão começar a apertar a tarraxa.
- Vais ver. O que eles querem é consertar-nos as articulações...

Grigóri, depois de se restabelecer a calma, declarou:

- Vocês estão a protestar em vão. Acabaram-se os bons tempos em que se podia discutir as ordens e fazer frente aos chefes. Dispersem-se pelos acantonamentos e bico calado; nos tempos que vão correndo quem não segurar a língua pode ir parar ao tribunal militar e aos esquadrões disciplinares.

Os cossacos vinham em pelotões, apertavam a mão a Grigóri e diziam:

- Adeus, Panteleievitch. Não digas também mal de nós.
- Para nós também vai ser duro, muito duro, servir debaixo das ordens de outros.
- Fizeste mal em nos abandonar. Nunca devias ter concordado em entregar o comando da divisão.

- Vais fazer-nos falta, Melekhov. Talvez os outros chefes sejam mais sábios do que tu, mas contigo tudo era mais fácil. O contrário será pior.

Apenas um cossaco, natural da aldeia de Nopolóvski, e que era o animador do esquadrão, declarou:

- Não acredites neles, Grigóri Panteleievitch. Tanto em família como na tropa, o trabalho é sempre duro quando o não fazemos de coração.

Grigóri passou a noite a beber aguardente com Ermakov e outros comandantes. Pela manhã, levando consigo Prokhor Zikov, foi reunir-se ao Décimo Segundo Regimento.

Mal lhe entregaram o comando do seu esquadrão e tomou contacto com os soldados, foi chamado ao comando do regimento.

Era muito cedo, Grigóri andava a inspeccionar os cavalos, e portanto demorou-se, apresentando-se só dali a uma meia hora. Esperava que o comandante do regimento, que era severo e exigente para os oficiais, lhe fizesse qualquer observação, porém, o outro cumprimentou-o com cordialidade e disse:

- Então que tal acha o esquadrão? Tudo homens sólidos?

E, sem esperar resposta, prosseguiu, evitando olhá-lo:

- Olhe, meu caro, tenho que lhe anunciar uma triste notícia . Aconteceu uma desgraça em sua casa. Recebemos esta noite um telegrama de Viochénsskaia. Concedo-lhe um mês de licença para organizar a sua vida. Vá

- Deixe-me ver o telegrama - pediu Grigóri empalidecendo.

Pegou no papel dobrado em quatro e desdobrou-o, leu-o e apertou-o na mão subitamente húmida de suor. Fez apenas um pequeno esforço para se dominar e gaguejou ligeiramente ao dizer:

- Sim, por isto é que eu não esperava. Sendo assim vou partir. Adeus, meu comandante.

- Não se esqueça de levar a guia de marcha.

- Não, obrigado, não me esquecerei.

Saiu para o vestíbulo, com um passo firme, a segurar no sabre, como de costume. Mas, no momento em que começava a descer os degraus da entrada, deixou de repente de ouvir os seus próprios passos e sentiu penetrar-lhe no coração uma dor aguda, como uma baioneta. No último degrau, cambaleando, segurou-se ao corrimão oscilante com a mão esquerda, enquanto com a direita desabotoava rapidamente a gola do blusão. Ficou assim uns momentos, a respirar muito depressa, profundamente. Durante esse minuto sentiu-se como que ébrio de sofrimento e, quando conseguiu largar o corrimão e se dirigia para o cavalo preso à balaustrada, caminhava num passo pesado e um pouco incerto.

XVI

Durante vários dias a seguir à conversa com Daria, Natalia viveu com a sensação de estar a ser esmagada por um pesadelo do qual não tinha forças para acordar. Procurava um pretexto verosímil para ir a casa da mulher de Prokhor Zikov e tentar saber o que fizera Grigóri em Viochénsskaia, durante a retirada, e se se encontrara ou não com Akcínia. Queria certificar-se da culpa do marido. Acreditava e não acreditava no que Daria lhe dissera.

Certa noite, já tarde, chegou à quinta dos Zikov, com uma vergasta na mão e um ar descontraído. A mulher de Prokhor, terminada a lida, sentara-se no rebate da porta.

- Viva, comadre, não viste por aí o nosso vitelo? - disse Natalia.

- Olá, minha querida. Não vi, não.

- É um vadio, aquele maldito, anda sempre a fugir de casa, não sei já onde o procurar.

- Espera, descansa um bocadinho, ele acaba por aparecer. Queres sementes de girassol?

Natalia senta-se. Trava-se uma conversa simples, entre vizinhas.

- Tens notícias do teu soldado? inquiriu Natalia.

- Nada, não dá sinal de vida, aquele patife. E o teu, tem escrito?

- Não. Prometeu escrever, mas nada. Ouvi dizer que se encontram algures, para as bandas de Usst-Medvéditsskaia, mas não sei mais nada.

Natalia puxou a conversa para a retirada recente na outra margem do Don e pôs-se a fazer perguntas cautelosas acerca da vida que levavam os cossacos em Viochénsskaia, procurando saber quem os fora visitar da gente da aldeia. A mulher de Prokhor era esperta. Adivinhando a causa da visita de Natalia, dava-lhe respostas secas e reservadas.

O marido contara-lhe tudo acerca de Grigóri e ela sentia comichões na língua mas teve medo de falar, pois recordava-se da advertência de Prokhor: “Toma sentido, se disseres uma palavra a este respeito seja a quem for, ponho-te a cabeça em cima de um cepo, puxo-te a língua cá para fora e corto-a. Se chegar aos ouvidos de Grigóri o menor rumor acerca disto ele mata-me. De ti estou eu farto, mas da vida ainda não. Percebeste? Então cala-te tão caladinha como se estivesses morta.”

- E a Akcínia Astakhov, o teu Prokhor nunca a viu em Viochénskkaia? - acabou por perguntar claramente Natalia, já desesperada.

- Como queres que a tenha visto? Julgas que eles tinham vagar para essas coisas? Santo Deus, não sei nada disso, Mironnovna, escusas de me perguntar. Ninguém arranca uma palavra sensata àquele estupor do meu marido. “Toma lá”, é a única coisa que ele sabe dizer.

Natalia teve de se ir embora sem apurar nada, por isso se sentia cada vez mais inquieta e despeitada. Mas, não podendo suportar mais aquela incerteza, foi procurar Akcínia.

Sendo vizinhas, encontravam-se muitas vezes nestes últimos anos.

Cumprimentavam-se em silêncio e trocavam de longe em longe algumas palavras. Já ia longe o tempo em” que não se falavam, limitando-se a dirigir uma à outra olhares ferozes; o seu ressentimento mútuo atenuara-se e, ao dirigir-se a casa de Akcínia, Natalia esperava que esta a recebesse. E nesse caso de quem lhe falaria ela senão de Grigóri?

E não se enganava.

Sem esconder o seu espanto, Akcínia mandou entrar Natália para o quarto grande, correu as cortinas das janelas, acendeu a luz e inquiriu:

- Que boas notícias me trazes?

- Não tenho boas notícias para te dar.

- Então, se são más, diz depressa. Aconteceu alguma coisa a Grigóri Panteleievitch?

Na pergunta de Akcínia transparecia uma inquietação tão profunda e reveladora que Natalia compreendeu tudo. Akcínia traíra-se, confessando assim a natureza das suas preocupações e receios. De facto, depois disto, inútil se tornava interrogá-la acerca das relações dela com Grigóri. Mas Natalia não se retirou logo. Demorando a resposta, disse por fim:

- Não, o meu marido está vivo e de saúde, não te aflijas.

- Eu não me aflijo, que queres tu dizer com isso? Quem se deve afligir com a saúde dele és tu. Eu cá por mim já tenho preocupações que bastam.

Akcínia falava sem esforço, mas, ao sentir o rosto em fogo, aproximou-se da mesa e, de costas para Natalia, pôs-se a espreitar o candeeiro, que de resto ardia perfeitamente.

- E tu, tens notícias do teu Stepane?

- Mandou-me recados há pouco.

- E está de saúde?

- Acho que sim.

Akcínia encolheu os ombros.

Também desta vez Akcínia não conseguiu mentir, dissimular os seus sentimentos: a indiferença que sentia pelo destino do marido transparecia tão claramente na sua resposta que Natalia sorriu involuntariamente.

- Vejo que não te preocupas muito com ele... Bem, isso é lá contigo. O que vim cá saber foi isto: correm por aí boatos de que o Grigóri anda outra vez metido contigo e que vocês se encontram quando ele vem à aldeia. Isso é verdade?

- Estás bem informada, - retorquiu Akcínia, trocista. - Também eu te podia perguntar a mesma coisa.

- Tens medo de dizer a verdade?

- Não, não tenho medo.

- Então di-la para eu ficar sabendo e não me atormentar mais. Porque me torturas inutilmente?

Akcínia encarquilhou muito os olhos e cerrou as sobrancelhas negras.

- Seja como for, não vou ter contemplações contigo declarou ela duramente. As coisas são assim: quando tu estás contente, estou eu triste; quando tu sofres, estou eu feliz. Disputamos o mesmo homem, não é verdade? Pois então vou dizer-te tudo para ficares sabendo de uma vez para sempre; é certo, não são boatos. Ando outra vez com o Grigóri e desta feita não conto deixá-lo fugir. Pronto, e agora que pretendes fazer? Partir os vidros da minha casa, dar-me uma facada?

Natalia ergueu-se, deu um nó na varinha que trazia na mão e atirou-a para o lume. Depois falou com uma severidade que lhe não era habitual:

- Hoje não tenciono fazer-te mal nenhum. Espero pelo regresso de Grigóri e conversarei com ele. Depois veremos o que devo fazer pelo que respeita a vocês dois. Tenho filhos e hei-de lutar por eles e por mim também.

Akcínia sorriu:

- Então, de momento nada tenho a recear?

Sem ligar importância à ironia de Akcínia, Natalia tocou-lhe no braço:

- Akcínia, andaste toda a vida a atravessar-te no meu caminho, mas hoje não vou suplicar-te como fiz das outras vezes, recordas-te? Eu então era mais nova e dizia comigo: tanto lhe hei-de pedir que ela terá pena de mim e deixar-me-á em paz, renunciará ao Gricha. Mas não torno a fazer isso. Agora sei uma coisa; tu não o amas, agarras-te a ele por hábito. Alguma vez o amaste como eu o amo? Creio bem que não. Andaste metida com o Lisstnítzki. Tens andado metida com todos, minha desavergonhada. Quando se ama alguém não se faz isso.

Akcínia empalideceu e, empurrando Natalia com a mão, levantou-se da arca:

- Ele nunca me censurou e tu agora é que vens pedir-me contas? Tens alguma coisa com isso? Está bem, eu sou má e tu és boa. E daí?

- Pronto. Não te irrites. Vou-me embora. Obrigada por me teres dito a verdade.

- Não tens de quê. Não me agradeças, de qualquer modo vinhas a sabê-lo. Espera aí, eu acompanho-te para fechar as portadas.

No alpendre, Akcínia parou um instante e disse:

- Estou contente por nos termos separado sem discutir. Mas para terminar quero dizer-te uma coisa, cara vizinha; se tiveres genica, podes reconquistá-lo. Se o não conseguires, não me queiras mal. Também eu não renunciarei a ele de boa mente. Já não sou nova. Chamaste-me desavergonhada, mas eu não sou como a vossa Daria, nunca brinquei com estas coisas...

- Ao menos tu tens os teus filhos, mas eu - a voz de Akcínia, começando a tremer, tornou-se mais surda e abafada - só o tenho a ele no mundo. Mais nada. Escuta, não falemos de Grigóri.

- Se ele não morrer, se a rainha dos Céus o proteger, há-de voltar e então escolherá uma de nós...

Natalia não dormiu nessa noite. Pela manhã foi sachar o meloal com Ilínitchna. A trabalhar sentia-se menos oprimida.

Enquanto baixava com regularidade o sacho por cima dos montículos de terra arenosa, secos pelo sol e que se desfaziam em pó, não pensava tanto; de tempos a tempos, erguia-se para respirar fundo, limpar o suor com a manga ou beber um gole de água.

Nuvens brancas esfarrapadas pelo vento flutuavam e desfaziam-se no céu azul. Os raios do sol queimavam a terra escaldante. Para leste havia sinais de chuva. Sem erguer a cabeça, Natalia sentia sobre as costas cada uma das nuvenzinhas que obscureciam o sol na passagem: o ar refrescara havia momentos: uma nuvem cinzenta estendera-se bruscamente sobre a terra negra que exalava calor, sobre os braços ramificados das melancias, sobre os pés altos dos girassóis; cobria os meloais dispersos pela encosta, as ervas murchas, tombadas pelo calor, as moitas de espinheiro e de silvas com as folhas pendentes, sujas de caca de pássaro; o grito estridente das codornizes tornara-se mais sonoro, o canto suave das cotovias mais distinto e o próprio vento, agitando as ervas quentes, parecia menos escaldante. Porém o sol furava de novo a orla branca e deslumbrante da nuvem que vogava para oeste; liberto, precipitava sobre a terra as torrentes doiradas e cintilantes da sua luz.

Longe, muito ao longe, nos contrafortes azulados das colinas do Don, a sombra que acompanhava a nuvem devassava e manchava a terra, ao passo que sobre os meloais

reinava uma luminosidade cor de âmbar que cintilava, tremeluzia, enquanto no horizonte se formava uma neblina vaga e da terra, das ervas subia um perfume cada vez mais sufocante.

Ao meio-dia Natalia foi ao poço cavado na ravina buscar uma bilha de água gelada. Bebeu dela com Ilínitchna, lavaram ambas as mãos e sentaram-se ao sol a comer. Ilínitchna cortou cuidadosamente o pão sobre o avental estendido, tirou do saco as colheres e uma taça, retirou debaixo da blusa uma caneca de leite coalhado que guardara ao abrigo do sol.

Natalia comia sem apetite e a sogra perguntou-lhe:

- Há muito tempo que não pareces a mesma... Houve alguma coisa entre ti e o Grichka?

Os lábios de Natalia, gretados pelo vento, começaram a tremer:

- Anda outra vez metido com a Akcínia.

- Mas... como soubeste?

- Fui ontem a casa dela.

- E a descarada confessou-te?

- Confessou.

Ilínitchna não disse nada, ficou-se a reflectir. No seu rosto engelhado cavaram-se rugas severas aos cantos dos lábios.

- Talvez dissesse isso para se gabar, a maldita...

- Não, mãe. É verdade. Não há nada a fazer...

- Tu não o guardaste bem... - disse prudentemente a velha. Um homem daqueles não se pode deixar à solta.

- Mas uma pessoa não consegue ver tudo! Eu confiei nele... Não podia trazê-lo debaixo da saia.

Natalia teve um sorriso amargo e acrescentou, numa voz quase imperceptível:

- Não tem a idade do Michatka para eu o prender. Está com os cabelos quase brancos, mas não esqueceu o passado...

Ilínitchna lavou e enxugou as colheres, passou a taça por água, meteu tudo dentro do saco e disse por fim:

- E é isso que te desgosta?

- Acha pouco, mãe? Basta para estragar a vida a uma pessoa.

- E que tencionas fazer?

- Só há uma coisa a fazer: pego nos filhos e vou para a minha gente. Não volto a viver com ele. Que a traga para casa se quiser. Cá por mim já sofri bastante.

- Quando eu era nova também tive ideias dessas - observou Ilínitchna suspirando. - O meu não era dos melhores nesse capítulo. Nunca poderei contar-te os desgostos que passei. Mas não é assim tão fácil deixar um marido. E depois, de que serve?

- Reflete e verás. E como é que se hão-de tirar os filhos ao pai?

- Não, não digas tolices. Não penses mais nisso, sou eu que to proíbo.

- Não, mãe, não viverei mais com ele. Não perca o seu tempo.

- Como, “não perca o seu tempo”? - indignou-se Ilínitchna.

- Tu pertences ou não à família? É verdade ou não que eu tenho pena de vocês, seus malvados! É a mim, que sou mãe, que sou uma mulher velha, que tu vens com essas coisas?

- Já te disse, tira essa ideia da cabeça. Tu pensaste: “Vou-me embora”.

- Mas para onde irás tu? Quem é que precisa de ti na tua família? O teu pai morreu. Queimaram-vos a casa e a tua mãe vai ser obrigada a pedir asilo a estranhos. É para isso que queres arrastar os meus netos juntamente contigo? Não, minha querida, não pode ser. Quando o Grichka voltar veremos o que se há-de fazer. Mas de momento não me fales mais do assunto porque não te darei ouvidos.

Tudo aquilo que há muito tempo se vinha acumulando no coração de Natalia explodiu de súbito num acesso de soluços convulsivos. Arrancou o lenço da cabeça, a gemer, bateu com o rosto na terra dura e impiedosa, esmagou contra ela o peito e soluçou sem verter lágrimas.

Ilínitchna, que era uma mulher de idade, prudente e corajosa, não fez um gesto. Envolveu cuidadosamente na blusa a caneca com o resto de leite coalhado, colocou-a à sombra, depois despejou água na taça e veio sentar-se ao lado de Natalia. Sabia que as palavras de nada servem em face de uma dor semelhante, sabia também que as lágrimas são preferíveis aos olhos secos, aos lábios cerrados. Depois de haver deixado chorar Natalia, Ilínitchna poisou-lhe a mão sobre a cabeça, aquela mão que o trabalho endurecera, e disse severamente, enquanto acariciava os cabelos negros e brilhantes da nora:

- Pronto! Nunca chegarás a esgotar as lágrimas, guarda algumas para a outra vez. Olha, bebe um gole de água.

Natalia acalmou-se. De tempos a tempos os seus ombros erguiam-se e uma leve tremura percorria-lhe o corpo. De súbito, pôs-se em pé de um salto, empurrou Ilínitchna que lhe oferecia a taça cheia de água e, voltada para o oriente, unindo as palmas húmidas de lágrimas como se estivesse a orar, exclamou muito depressa, numa voz entrecortada:

- Meu Deus! Ele despedaçou-me a alma. Já não tenho mais forças para viver assim. Meu Deus, castigai esse maldito! Dai-lhe a morte! Que ele não viva muito tempo! Que não me torture mais!

Uma nuvem negra e esfarrapada aproximava-se vinda de leste. A trovoada rugia surdamente. Um relâmpago branco, incandescente, ziguezagueou no céu, furando o cimo das nuvens.

O vento inclinava para oeste as ervas murmurantes, trazia da estrada uma poeira amarga, dobrava quase até ao chão as cabeças dos girassóis, pejudas de sementes.

O vendaval despenteava os cabelos de Natalia, secava-lhe o rosto molhado, enrolava-lhe em volta das pernas a saia de trabalho, cinzenta e rodada.

Durante uns segundos Ilínitchna observou a nora com um terror supersticioso. Sobre o fundo escuro da nuvem de tempestade que cobria metade do céu, ela afigurava-se-lhe estranha e assustadora.

A chuva aproximava-se com rapidez. O silêncio precursor da borrasca durou pouco. Um falcão que descia obliquamente soltou um grasnido angustiado; um rato do trigo soprou pela última vez diante da toca; uma rajada de vento atirou à cara de Ilínitchna uma lufada de areia fina e seguiu estepe fora, a uivar. A velha ergueu-se a custo. Tinha o rosto de uma palidez mortal. E gritou numa voz rouca, através do rugido da tempestade em fúria:

- Acalma-te! Deus seja contigo! Para quem estás tu a pedir a morte?

- Meu Deus, castigai-o! Meu Deus, castigai-o! - gritava Natalia revirando os olhos dementes, voltados para o sítio onde se amontoavam majestosa e ferozmente as nuvens revoltas da tempestade, iluminadas pelas cintilações deslumbrantes dos relâmpagos.

Um trovão reboou de súbito por cima da estepe com um estalido seco. Tomada de pânico, Ilínitchna persignou-se. Aproximando-se de Natalia num passo vacilante, segurou-a pelos ombros:

- Ajoelha-te, ouves, Natachka?

A rapariga, a fitar a sogra com um olhar desvairado, deixou-se cair de joelhos contra vontade.

- Pede perdão a Deus! ordenou-lhe imperiosamente Ilínitchna. Pede-lhe que não oiça o teu pedido. A quem desejaste tu a morte? Ao pai dos teus filhos. Oh! Isso é um grande pecado! Benze-te, curva-te até ao chão: Diz: “Meu Deus, perdoai o meu pecado, que sou maldita.”

Natalia benzeu-se, murmurou qualquer coisa com os lábios descorados e, cerrando os dentes, caiu desajeitadamente para o lado.

A estepe, lavada pelo aguaceiro, verdejava, magnífica. Um arco-íris alto e cintilante brotava de um charco longínquo, encurvando-se até ao Don. A trovoada rugia em surdina para oeste. Soltando gritos de águia a água barrenta das montanhas precipitava-se na ravina. Regos escumantes atravessavam o meloal, vindos da encosta, a caminho do rio. Arrastavam

consigo folhas arrancadas pela chuva, raízes de ervas desenterradas, espigas de centeio partidas. Iam-se acumulando enormes montes de areia que soterravam os braços das melancias e dos melões; a água circulava em redemoinhos ao longo dos carreiros, cavando sulcos. Uma meda de feno incendiada por um raio acabava de se consumir no sopé de uma colina, lá ao longe. A coluna de fumo lilás subia muito alto, quase até tocar no arco-íris.

Ilínitchna e Natalia desciam para a aldeia, poisando com cuidado os pés nus no chão escorregadio e lamacento, com as saias muito arregaçadas. Ilínitchna ia dizendo:

- Vocês, os novos, têm uma grande força de génio. A menor coisa perdem a cabeça! Se tivesses vivido a minha vida, que terias tu feito? Grichka nunca te tocou nem com um dedo e tu não estás satisfeita. Só pensas em o deixar, e desmaias, e pintas o caneco!... Até vens meter Deus no meio dessa trapalhada toda... Dize-me lá, minha pobre pequena, achas que isso está certo? Cá por mim, o meu coxo bateu-me sempre por dá cá aquela palha. Ele é que fazia as porcarias e quem as pagava era eu. Quando entrava de madrugada e eu, a chorar lágrimas amargas, lhe dirigia censuras, respondia-me com murros... Por vezes cheguei a andar um mês toda pisada, da cor da tinta de escrever, mas nem por isso morri. Criei os meus filhos e nunca me passou pela cabeça ir-me embora de casa. Não estou a defender o Grichka, mas, ainda assim, ele não é um homem com quem seja impossível viver-se. Se não fosse aquela víbora, podia considerar-se o melhor homem da aldeia. Foi ela quem o embruxou, não há dúvida...

Natalia caminhou durante muito tempo sem responder, perdida nos seus pensamentos, e depois disse:

- Mãe, não falemos mais misto. Quando o Grigóri vier então se verá Talvez seja eu a ir-me embora, talvez ele me ponha na rua; mas de momento não sairei da sua casa.

- Já devias ter resolvido isso há mais tempo! – respondeu Ilínitchna com alegria. - Se Deus o permitir tudo se há-de arranjar. Por nada no mundo ele seria capaz de te pôr fora, não penses uma coisa dessas! Ele que é tão teu amigo e dos filhos! Nem pensar nisso é bom! Não, não, nunca ele te trocava pela Akcínia. Não podia fazer tal! Ora, são coisas que acontecem em todas as famílias Desde que ele volte são e salvo

- Não lhe desejo a morte. Disse aquilo num momento de desespero Não me queira mal por isso Não pretendo expulsá-lo do meu coração, mas é bastante duro viver assim

- Minha querida filha! Julgas que não avalio? Mas não devemos fazer nada impensadamente. Se queres que te diga, não se fala mais no assunto. E, pelo amor de Deus, não contes ao velho. Ele não tem nada a ver com isto.

- Queria falar-lhe ainda doutra coisa Não sei se fico ou não a viver com o Grigóri, mas não desejo mais ter filhos dele. Nem sei mesmo o que hei-de fazer a estes . Além disso estou grávida

- Há quanto tempo?

- Vou no terceiro mês.

- Que é que hás-de fazer? Quer queiras quer não, tens de o parir.

- Não! - retorquiu resolutamente Natalia. - Vou hoje mesmo procurar a tia Kapitonovna. Ela há-de livrar-me dele.. Já o tem feito a outras.

- Será que pretendes matar o teu filho? E atreves-te a Falar-me nisso, miserável?

Ilínitchna parou no meio da estrada, de mãos postas. Queria dizer mais qualquer coisa, mas ouviu atrás de si um chiar de rodas, as patas de um cavalo a chuparem ruidosamente a lama e uma voz a incitar o animal.

Ilínitchna e Natalia afastaram-se do caminho, deitando abaixo as saias arregaçadas. Era o velho Filipe Aguêievitch Beskhlebnov, que regressava do campo. Ao chegar junto delas parou a égua fogosa.

- Subam, tiazinhas, que eu levo-as a casa. Para que hão-de ir a patinhar na lama?

- Obrigada, Aguêievitch. Na verdade já estávamos fartas de escorregar na estrada - respondeu Ilínitchna, toda contente, subindo em primeiro lugar para a carroça.

Depois do jantar, Ilínitchna quis conversar com Natalia, provar-lhe que não era necessário fazer um aborto; enquanto lavava a loiça, ia tentando encontrar os argumentos mais convincentes a seus olhos, pensava mesmo em informar o velho a fim de que ele a ajudasse a persuadir aquela mulher enlouquecida pela dor. Neste meio tempo, Natalia, após ter feito em silêncio alguns preparativos, saía.

- Onde está a Natalia? - perguntou Ilínitchna a Duniachka.

- Fez uma trouxa e saiu.

- Para onde foi? Que te disse ela? Uma trouxa de quê?

- Sei lá, mãe! Embrulhou uma saia limpa num lenço com mais outras peças e saiu sem dizer palavra.

Com grande espanto de Duniachka, Ilínitchna, começando a chorar com grandes soluços desesperados, deixara-se cair sobre o banco.

- Que aconteceu, minha mãe? Deus lhe acuda, porque chora assim?

- Deixa-me em paz, descarada. Não é da tua conta. Que te disse ela? Porque não me avisaste quando a viste fazer a trouxa?

Duniachka respondeu irritada:

- É um verdadeiro inferno falar consigo! Como podia eu adivinhar que era preciso avisá-la? Não se foi embora para sempre! Deve ter ido visitar a mãe. Mas porque está a chorar? Não percebo nada disto!

Ilínitchna esperou, com grande inquietação, o regresso de Natália. Resolveu não dizer nada ao velho, receando as queixais e as censuras dele.

Ao pôr do sol, a manada dos cavalos voltou da estepe. Caíra o crepúsculo breve. Na aldeia acenderam-se algumas luzes e Natália sem aparecer. Sentaram-se à mesa para a refeição da noite. Ilínitchna, pálida de emoção, serviu massa com cebola frita em azeite. O velho pegou na colher, tirou as migalhas de pão duro que lá estavam dentro, meteu-as na boca enquadrada pela barba, e inquiriu, depois de lançar um olhar distraído em volta da mesa:

- Onde está a Natalia? Porque não a chamaram para a mesa?

- Não está cá respondeu Ilínitchna a meia voz.

- Aonde foi ela?

- Deve ter ido a casa da mãe.

- Está-se a demorar. No entanto já tem idade para saber aquilo que faz - resmungou Pantelei Prokófievitch, descontente.

Comia com método, recolhido, como sempre; de quando em quando poisava a colher sobre a mesa. Lançou a certa altura um olhar oblíquo, cheio de admiração, para Michatka, que estava sentado ao seu lado, e disse com uma voz rude:

- Volta-te para cá, pequeno, para eu te limpar a boca. A tua mãe anda para aí na passeata e ninguém olha por vocês...

E, com a palma da mão negra, calejada, limpou os lábios tenros e rosados do neto.

A ceia terminou em silêncio. Levantaram-se da mesa e Pantelei Prokófievitch ordenou:

- Apaguem a luz. Há falta de petróleo, não devemos desperdiçá-lo.

- Fecha-se a porta? perguntou Ilínitchna.

- Fecha.

- E a Natalia?

- Ela que bata. Talvez se demore até pela manhã. Isto agora é moda nova... E tu não lhe dizes nada, minha velha bruxa! Esta agora, ir fazer uma visita e ficar até de noite... Amanhã hei-de dizer-lhe duas coisas. Se segue o exemplo da Daria...

Ilínitchna deitou-se vestida. Ficou assim meia hora, a dar voltas em silêncio, e estava já resolvida a levantar-se para ir a casa da Kapitonovna, quando ouviu por baixo da janela

uns passos arrastados e incertos. Saltando da cama com uma ligeireza que não era para a sua idade, correu para o vestíbulo, a abrir a porta.

Pálida como a morte, a segurar-se ao corrimão, Natália vinha a subir os degraus. A lua cheia iluminava-lhe o rosto emagrecido, os olhos cavados, as sobrancelhas dolorosamente arqueadas. Cambaleava como um animal gravemente ferido e no lugar onde punha os pés ficava uma poça de sangue negro.

Ilínitchna abraçou-a sem dizer nada e fê-la entrar no vestíbulo. Encostando-se à porta, Natalia murmurou numa voz rouca:

- Estão todos a dormir? Mãe, limpe o sangue por onde eu passo... Está a ver que deixo rasto...

- Mas que foste tu fazer? - inquiriu Ilínitchna a meia voz, estrangulada pelos soluços.

Natalia tentou sorrir mas, em vez disso, o que lhe deformou o rosto foi uma careta lastimosa.

- Não faça barulho, mãe, vai acordar toda a gente... Agora pronto, fiquei livre desta... tenho a alma tranquila... Mas estou a perder muito sangue. . Corre como se me tivessem degolado... Dê cá a mão . anda-me a cabeça à roda.

Ilínitchna fechou a porta com o trinco e esteve muito tempo a tactear à procura da tranca, como se se tratasse de uma casa estranha. Nos bicos dos pés, conduziu Natalia para o quarto grande, acordou Duniachka e mandou-a sair dali. Depois chamou Daria e acendeu um candeeiro.

A porta da cozinha estava aberta e ouvia-se o ressonar forte e cadenciado de Pantelei Prokófievitch; a pequena Poliúchka dava estalidos com os lábios e resmungava a dormir.

- O sono das crianças é pesado, nada o perturba.

Enquanto Ilínitchna ajeitava as travesseiras e preparava a cama, Natalia, sentando-se no banco, poisou a cabeça, sem forças, sobre a mesa. Duniachka queria entrar, mas Ilínitchna disse-lhe severamente:

- Vai-te embora, atrevida, e não me apareças cá. Não tens nada a fazer aqui.

Daria, de rosto carregado, pegou num rodilho húmido e foi para o vestíbulo Natalia ergueu a cabeça com esforço e disse:

- Tirem os lençóis lavados e ponham uma cobertura grossa De qualquer modo vou sujá-la.

- Cala-te! - ordenou Ilínitchna. Despe-te e deita-te. Sentes-te mal? Queres água?

- Estou fraca. Dêem-me uma camisa lavada e quero água.

Natalia, erguendo-se com dificuldade, dirigiu-se para a cama num passo vacilante. Só então Ilínitchna notou que a saía dela, empapada em sangue, se lhe colava às pernas. Viu

com terror a nora agarrar-se à cama para se despir. Curvando-se, torceu a barra da saia que estava encharcada como se viesse da chuva.

- Mas tu estás a esvair-te em sangue! - exclamou Ilínitchna num soluço.

Natalia despiu-se com os olhos fechados, a respiração rápida e entrecortada. Ilínitchna Observou-a e depois dirigiu-se à cozinha num passo resolutivo. Acordou com grande dificuldade Pantelei Prokófievitch. Disse-lhe:

- A Natalia está doente Está muito mal, receio que venha a morrer Atrela os cavalos depressa e vai procurar um médico à stanitsa

- Sempre inventas cada uma! O que tem ela? Está doente? Faria bem melhor se não andasse de noite por fora de casa...

A velha explicou-lhe em poucas palavras do que se tratava. Furioso, Pantelei Prokófievitch, dando um salto, dirigiu-se ao quarto, a abotoar as calças.

- Ah! Desavergonhada! Ah! Filha de uma cadela! De que raio ela se havia de lembrar! Hem! Foi obrigada a isso? Deixa que eu já lhas canto

- Estás doido, desgraçado! Não vás meter-te onde não és chamado Não és lá preciso para nada Vais acordar as crianças. Põe-te a mexer e atrela depressa os cavalos - Ilínitchna tentava segurar o velho, mas este, sem lhe dar ouvidos, dirigindo-se para a porta do quarto, abriu-a com um pontapé:

- Arranjaste um lindo sarilho, hem, filha do diabo! - berrou ele da entrada da porta.

- Não entre, pai! Não entre! Em nome de Cristo, nãoentre! exclamou Natalia com uma voz aguda, apertando contra o peito a camisa que acabava de despir.

Sempre a praguejar, Pantelei Prokófievitch pôs-se à procura do capote, do boné e dos arreios do cavalo. Demorava-se tanto que Duniachka, não conseguindo dominar-se mais, correu para o quarto, e disse ao pai a chorar:

- Despacha-te! Andas para aí a esgaravatar como um escaravelho no esterco. A Natachka está a morrer e ele leva, uma hora a preparar-se. Isto é que é um pai! Se não queres ir sê franco Eu própria atrelo os cavalos e vou.

- Estás doida! Não sabes o que dizes! Só me faltavas tu! Meu estupor! Voltas-te contra o teu pai, monte de esterco!

Pantelei Prokófievitch amaldiçoou-a de capote em punho, saindo depois para o pátio a praguejar.

Após a sua partida, toda a gente se sentiu mais aliviada.

Daria lavava o soalho mudando furiosamente de lugar as cadeiras e os bancos; Duniachka, a quem Ilínitchna permitira entrar no quarto após a saída do velho, compunha a travesseira, trazia água; de quando em quando, Ilínitchna ia dar uma olhadela às crianças

que dormiam no quarto ao lado, e, no regresso, fitava demoradamente Natália a abanar dolorosamente a cabeça, de face apoiada na mão.

Natalia estava silenciosa, a rebolar na travesseira a cabeça de madeixas despenteadas, húmidas de transpiração. Perdia sangue. De meia em meia hora, Ilínitchna erguia-a com cuidado, e substituía o lençol encharcado.

Natalia ia enfraquecendo de hora a hora. Pouco antes da meia-noite, abrindo os olhos, inquiriu:

- Falta muito para amanhecer?

- Não - murmurou a velha para a tranquilizar. E disse com os seus botões: “Deve estar por pouco. Tem medo de perder os sentidos e de não voltar a ver os filhos...”

Como que para confirmar esta suposição. Natalia pediu suavemente:

- Mãe, acorde o Michatka e a Poliúchka...

- Nem pensar nisso, minha querida! Acordámos, porquê, assim a meio da noite? Até ficavam com medo se te vissem e punham-se para aí aos gritos Acordá-los para quê?

- Quero vê-los... Sinto-me mal.

- Meu Deus! Que estás tu a dizer? O pai não tarda aí com o médico e ele vai curar-te. Era bom que dormisses, minha querida.

- Como se eu pudesse dormir! - respondeu Natalia com uma voz um pouco irritada.

Após isto, conservou-se um longo instante silenciosa, tornando-se-lhe mais regular a respiração.

Ilínitchna saiu devagarinho para o alpendre, deixando correr livremente as lágrimas. Regressou ao quarto, de rosto vermelho e inchado, na altura em que a aurora começava a nascer. Ao sentir ranger a porta, Natália abriu os olhos, inquirindo de novo:

- Falta muito para amanhecer?

- Está a clarear.

- Cubram-me as pernas com uma peliça...

Duniachka lançou-lhe por cima das pernas uma peliça de pele de carneiro e aconchegou-lhe o cobertor. Natália, depois de lhe agradecer com o olhar, chamou Ilínitchna e disse-lhe:

- Sente-se ao meu lado, mãe, e vocês, Duniachka e Daria, saiam durante um momento. Quero falar a sós com a mãe... Elas já saíram? - perguntou sem abrir os olhos.

- Já.

- O pai ainda não voltou?

- Não tarda aí. Estás a sentir-te pior?

- Não, é sempre a mesma coisa... Queria dizer-lhe... Queria dizer-lhe, mãe, que vou morrer... É o coração que mo adivinha. Fartei-me de perder sangue. Diga a Daria quando ela acender o lume, que ponha muita água a aquecer... A mãe é que me prepara, não quero que as outras...

- Natalia! Minha querida! Porque falas tu em morrer? Deus é misericordioso. Hás-de pôr-te boa.

Com um débil gesto da mão, Natalia fez calar a sogra, dizendo:

- Não me interrompa... Já me custa falar, e queria dizer-lhe... Sinto outra vez a cabeça à roda... Já lhe recomendei por causa da água? Eu era sem dúvida muito forte... A Kapitonovna fez-me isto há muito tempo, ao princípio da tarde, logo que eu cheguei... Ela também se assustou... O sangue que eu perdi . Deus queira que consiga resistir até de manhã... Mande aquecer muita água... Quero morrer bem lavada... Mãe... vista-me a saia verde... aquela que tem a barra bordada... O Grichka gostava de me ver essa saia... E a blusa de popelina... Está na arca, ao cimo, no canto à direita, debaixo do xale... Quando eu morrer, quero que levem os meus filhos para casa da minha mãe Era melhor mandá-la chamar que venha depressa... quero despedir-me... Tire o lençol debaixo de mim. Está todo encharcado...

Ilínitchna, erguendo Natalia por baixo dos rins, tirou o lençol e, o melhor que pôde, colocou-lhe outro enxuto. Natalia ainda teve tempo de dizer:

- De lado... Volte-me de lado.

E perdeu os sentidos.

A luz azul da madrugada começava a clarear as janelas.

Duniachka lavou o balde e foi tirar o leite às vacas. Ilínitchna abriu as portadas de par em par e a frescura áspera e reconfortante da manhã penetrou no quarto impregnado do cheiro pesado a sangue fresco e a petróleo queimado. O vento fez cair no parapeito da janela algumas lágrimas de orvalho arrancadas às folhas de uma cerejeira; ouviam-se as vozes matinais dos pássaros, os mugidos das vacas, os estalos sonoros e sincopados de um chicote de pastor.

Natalia voltou a si, abriu os olhos, passou a ponta da língua sobre os lábios amarelos, secos e exangues, e pediu de beber. Não voltou a falar dos filhos nem da mãe. Deixava tudo, para sempre, sem dúvida.

Ilínitchna fechou a janela e aproximou-se da cama. Que mudança terrível no espaço de uma noite! Na véspera, parecia uma macieira em flor, bela, sã, forte; agora, tinha as faces mais brancas do que a greda das falésias do Don, o nariz tornara-se-lhe aguçado, os lábios haviam perdido a frescura de outrora; estavam finos e pareciam ter dificuldade em cobrir as

duas filas afastadas dos dentes. Só os olhos mantinham o brilho, mas já com uma expressão diferente. Algo de novo, de desconhecido, de terrível, transparecia no olhar de Natalia todas as vezes que, cedendo a uma necessidade inexplicável, erguia as pálpebras azuladas, percorria o quarto com os olhos e detinha-os um instante sobre Ilínitchna.

Pantelei Prokófievitch chegou quando o sol nascia. O oficial de saúde, todo ensonado, morto de fadiga pelos cuidados que era obrigado a prestar constantemente aos tíficos e aos feridos, desceu da *tarantass* (*Carroça rústica de quatro rodas usada na Rússia. (N. do T)*) a espreguiçar-se, tirou um embrulho de baixo do assento e entrou. No patamar despiu o impermeável de oleado grosseiro e, curvado sobre a balaustrada, lavou durante muito tempo as mãos cabeludas, enquanto lançava olhares de soslaio a Duniachka, chegando até a piscar-lhe o olho uma vez ou duas. Depois penetrou no quarto e demorou-se uns dez minutos junto de Natalia, após ter mandado sair toda a gente.

Pantelei Prokófievitch e Ilínitchna aguardavam, sentados na cozinha.

- Então - perguntou o velho em voz baixa, logo que saíram do quarto.

- Está muito mal

- Foi ela que fez aquilo a si própria?

- Foi ela que teve a ideia - respondeu Ilínitchna, iludindo a resposta.

- Água quente, depressa! ordenou o delegado de saúde, metendo a cabeça hirsuta pela porta entreaberta.

Enquanto esperava pela água fervida, veio até à cozinha. À pergunta muda do velho respondeu com um gesto que não dava lugar a qualquer esperança.

- Vai morrer antes do meio-dia. Foi uma perda de sangue terrível. Não há nada a fazer. Já preveniram Grigóri Panteleievitch?

Pantelei Prokófievitch, sem responder, saiu para o vestibulo. Daria viu-o passar por detrás da ceifadora, que estava debaixo do telheiro, poisar a cabeça sobre um monte de estrume seco do ano anterior e pôr-se a soluçar...

O delegado de saúde demorou-se ainda uma meia hora, sentado no alpendre, a dormir sob os raios do sol nascente. Depois de a água ter fervido no samovar, entrou no quarto, deu uma injeção de cânfora a Natalia, saiu e pediu leite. Depois bebeu dois copos de chá, reprimindo dificilmente um bocejo, e disse:

- Preciso que me levem embora imediatamente. Tenho doentes e feridos à minha espera na stanitsa e aqui não estou a fazer nada. É tudo inútil. Gostaria muito de ter sido prestável a Grigóri Panteleievitch, mas nada posso fazer, digo-o francamente. A nossa ciência é limitada: só sabemos curar os doentes, ainda não conseguimos ressuscitar os mortos. E esta dama arranjou as coisas de maneira que já não tem o que lhe é preciso para

viver... A matriz ficou completamente rasgada, não tem um único ponto vivo. Dá a impressão de que a velha utilizou um gancho de ferro. A nossa ignorância é essa não podemos fazer nada.

Pantelei Prokófievitch atirou com um braçado de feno para dentro da tarantass e disse a Daria:

- És tu que o vais levar. Não te esqueças de dar de beber à égua quando chegares ao Don.

Quis pagar ao delegado de saúde, mas este recusou categoricamente e ainda se mostrou ofendido:

- Não tens vergonha de fazer uma coisa dessas, Pantelei Prokófievitch? Somos amigos e tu vens falar em dinheiro? Não, não, guarda lá isso. Como é que me hás-de agradecer? Nem fales numa coisa dessas. Se eu tivesse conseguido salvar a tua nora seria diferente.

Pelas seis horas da manhã Natalia sentiu-se nitidamente melhor. Pediu para se lavar, penteou-se diante de um espelho seguro por Duniachka e, fitando a família com os olhos como que iluminados por nova luz, sorriu a custo:

- Parece que estou a melhorar. Tive tanto medo... Julguei que era o fim.. Mas as crianças estão a dormir até muito tarde. Vai ver se elas acordaram, Duniachka.

Lukínitchna chegou com Gripachka. A velha pôs-se a chorar quando viu a filha, mas Natalia disse com emoção, a falar muito depressa:

- Porque chora, mãe? Eu não estou assim tão doente .

- Vocês não vieram ao meu enterro, pois não? Então porque choras?

Gripachka deu discretamente uma cotovelada à mãe; esta compreendeu, limpou a toda a pressa os olhos e disse num tom tranquilizador:

- Que estás tu para aí a dizer, minha filha? Foi por estupidez que me pus a chorar. Impressionei-me quando te vi... Estás tão desfigurada...

Um ligeiro rubor animou as faces de Natália quando ouviu a voz de Michatka e o riso de Poliúchka.

- Chama-os aqui. Chama-os depressa... - pediu ela. Eles que se vistam depois.

Poliúchka foi a primeira a entrar e parou na soleira, a limpar com o punho minúsculo os olhos ensonados.

- A tua mãe está doente... - disse Natalia com um sorriso. Vem cá, minha queridinha.

Poliúchka observou com espanto as pessoas grandes sentadas muito sérias nos bancos. Ao aproximar-se disse numavoz amimada:

- Porque é que não me acordaram? Porque estão todos aqui?

- Vieram saber notícias minhas... Mas para que te havíamos de acordar?
- Eu podia trazer-te água. E ficava ao pé de ti...
- Anda vai, vai arranjar-te, penteia-te e reza. Depois voltas para o pé de mim.
- Levantas-te para o almoço?
- Não sei. Talvez não.
- Bem, se assim for venho eu trazer-to. Queres, mãezinha?

- É o vivo retrato do pai, mas tem melhor coração, é mais meiguinha...disse Natalia com um leve sorriso, enquanto deitava a cabeça para trás e puxava a manta para as pernas, cheia de frio.

Dali a uma hora o seu estado agravava-se. Chamou os filhos com o dedo, beijou-os, abençoou os e pediu à mãe que os levasse consigo. Lukínitchna encarregou Gripachka de tomar conta das crianças e ficou junto da filha.

Natalia fechou os olhos e disse, como se estivesse a sonhar alto:

- Nunca mais o verei...

Depois, parecendo lembrar-se de qualquer coisa, soergueu-se de chofre:

- Tragam-me o Michatka.

Gripachka, com as lágrimas a correr pela cara abaixo, empurrou a criança para dentro do quarto e ficou na cozinha a murmurar lamentações numa voz quase imperceptível.

Um pouco amuado, com o ar rebarbativo dos Melekhov, Michatka aproximou-se timidamente da cama. A mudança brusca que se operara no rosto da mãe tornava-a quase irreconhecível, uma estranha. Natália atraiu a si o filho, até sentir bater o coraçãozinho da criança, como o de um pardal prisioneiro.

- Chega-te cá, meu filho. Mais perto! - disse Natalia.

Murmurou qualquer coisa ao ouvido de Michatka, depois afastou-o de si, fitou-o nos olhos com um ar perscrutador e inquiriu com um sorriso levemente constrangido:

- Não te esqueces? Prometes dizer-lho?
- Não me esqueço...

Michatka agarrou no dedo indicador da mãe, conservou-o um momento apertado na mãozita escaldante e depois largou-o, afastando-se da cama nas pontas dos pés, de braços afastados, como um equilibrista...

Natalia seguiu-o com os olhos até à porta e depois, em silêncio, voltou a cara para a parede.

Morreu ao meio-dia.

XVII

Durante os dois dias que durou a sua viagem da frente até à aldeia, Grigóri foi assaltado por uma multidão de pensamentos e de recordações... Para não se encontrar sozinho com o seu desgosto e com a lembrança de Natália, levou consigo Prokhor Zikov. Mal deixaram o acampamento do esquadrão, Grigóri desatou a falar da guerra, recordando o tempo em que pertencera ao 12.º Regimento na frente austríaca, e também na Roménia, e dos combates contra os alemães. Falava sem descanso, contava toda a espécie de histórias cómicas que se tinham passado no seu regimento e ria...

Prokhor, muito ingénuo, começara por lançar de soslaio olhares perplexos, admirado com esta tagarelice desusada, mas acabou por adivinhar que, ao evocar o passado, Grigóri pretendia afastar os pensamentos dolorosos. Começou então a alimentar a conversa, talvez com demasiado zelo. No momento em que relatava com todos os pormenores uma estadia que fizera no hospital de Tchemigov, olhou para Grigóri e viu as lágrimas abundantes que lhe corriam pelas faces tisonadas....

Por discrição deixou-se distanciar durante meia hora, depois alcançou Grigóri e tentou falar de coisas sem importância, mas ele fez cair a conversa. Seguiram assim a trote até ao meio-dia, lado a lado, com os estribos a tocarem-se.

Grigóri seguia com uma pressa louca. Apesar do calor, lançava o cavalo ora a trote largo, ora a galope e só raramente metia a passo. Ao meio-dia, porém, quando os raios verticais do sol começavam a queimar de modo intolerável, Grigóri parou numa ravina, desaparelhou o cavalo, deixou-o pastar e retirou-se para a sombra, deitando-se de bruços até passar o calor. Deram uma vez aveia aos cavalos, mas Grigóri não observava as pausas necessárias e os animais, embora habituados às longas caminhadas, haviam emagrecido logo no primeiro dia e já não possuíam o mesmo infatigável vigor. “Assim vamos dar cabo dos cavalos. Isto não é maneira de viajar! Ele não se rala, o patife. Quando estoírar este arranjo logo outro, mas eu, onde hei-de ir buscá-lo? Assim ainda acabamos por terminar a viagem a pé, ou numa carroça de aldeia!”, pensava Prokhor furioso.

No dia seguinte pela manhã, ao chegarem a uma localidade da stanitsa de Fedosseivskaia, Prokhor não se conteve e disse a Grigóri:

- Dir-se-ia que nunca foste dono de cavalos... Enfim, ninguém galopa desta maneira dia e noite, sem descanso. Olha como os cavalos abateram. Deixa-os ao menos faltar esta noite.

- Anda, vamos embora - respondeu Grigóri, distraído.

- Não consigo alcançar-te. E o meu cavalo já não pode mais. Não seria melhor descansarmos?

Grigóri não respondeu. Seguiu a trote durante meia hora sem proferir palavra. Por fim Prokhor declarou energicamente:

- Então! Deixa respirar os animais. Eu cá não vou mais longe, ouviste?

- Vamos, vamos!

- Vamos até onde? Até ele perder as ferraduras?

- Não discutas.

- Tem caridade, Grigóri Panteleievitch. Não quero estafar o meu cavalo, e é isso o que vai acontecer...

- Então pára, que te leve o diabo! Procura um lugar onde haja boa erva.

O telegrama que andara perdido pelas stanitsas do distrito de Khopr à procura de Grigóri, chegara demasiado tarde.

Grigóri entrou em casa três dias depois do enterro de Natalia.

Apeou-se junto à cancela, beijou na passagem Duniachka que saíra a soluçar e disse-lhe num tom lúgubre:

- Passeia bem o cavalo... e nada de choros.

Voltou-se para Prokhor:

- Quando precisar de ti mando-te chamar.

Trazendo pela mão Michatka e Poliúchka, Ilínitchna saíra para o alpendre ao encontro do filho.

Grigóri abraçou as duas crianças enquanto lhes dizia numa voz trémula:

- Não quero gritos! Não quero choros! Meus filhos queridos!

- Estais órfãos! A vossa mãe sempre vos pregou uma partida...

Dominando a custo os soluços, entrou em casa para cumprimentar o pai.

- Não pudemos conservá-la em casa mais tempo... declarou Pantelei Prokófievitch, saindo logo para o vestíbulo.

Ilínitchna levou Grigóri para o quarto e contou-lhe com todos os pormenores o que se passara. A velha queria dizer tudo, mas Grigóri inquiriu:

- Por que razão se lhe meteu em cabeça não ter este filho? Sabes?

- Sei.

- Então?

- Antes disso ela tinha ido a casa da... dessa... Akcínia, e a Akcínia contou-lhe tudo...

- Ah, ah... foi isso?

Grigóri fez-se vermelho e baixou os olhos.

Saiu do quarto pálido e envelhecido. Agitando silenciosamente os lábios trémulos e azulados, sentou-se à mesa, a acariciar longamente os filhos, que colocara sobre os joelhos, depois tirou da mochila um pedaço de açúcar coberto de pó, partiu-o em dois com uma faca sobre a palma da mão e disse a sorrir melancolicamente:

- Eis o único presente que vos trago. Isto é que é um pai. hem?... Vamos, corram ao pátio e chamem o avô.

- Vais ao cemitério? - perguntou Ilínitchna.

- Hei-de ir, mais tarde. Os mortos não se ofendem...

- Como se portaram o Michatka e a Poliúchka?

- No primeiro dia choraram muito, sobretudo a Poliúchka. Agora nenhum deles fala nela diante de nós, como se estivessem combinados. Contudo a noite passada ouvi o Michatka a chorar baixinho... Tinha escondido a cabeça debaixo do travesseiro para que o não ouvíssemos. Eu fui lá e disse-lhe: “Que tens tu, meu querido, queres vir para a minha cama?” Vai ele respondeu: “Não foi nada, avó. Devo ter sonhado...” Conversa com eles e anima-os... Ontem de manhã ouvi-os a falarem um com o outro no vestíbulo. A Poliúchka dizia: “Ela há-de voltar. Era nova, e as pessoas novas não morrem para sempre.” Por ora não têm entendimento, mas sentem o desgosto como as pessoas grandes... Aposto que estás com fome! Vou arranjar alguma coisa para comeres. Porque não dizes nada?

Grigóri entrou no quarto. Como se o fizesse pela primeira vez, observou as paredes, depois o seu olhar deteve-se na cama feita de novo, nas travesseiras bem cheias. Fora ali que Natalia morrera, fora ali que a sua voz soara pela última vez... Grigóri imaginou a mulher a despedir-se dos filhos, a beijá-los, a abençoá-los talvez, e de novo, como quando recebera o telegrama, voltou a sentir no peito uma dor aguda, penetrante, e um zumbido surdo nos ouvidos.

Na casa, os mais pequenos pormenores lembravam-lhe Natalia. Eram recordações indestrutíveis e dolorosas. Percorreu todos os compartimentos sem saber porquê e depois saiu para o alpendre a toda a pressa, quase a correr. O suor escorria-lhe da testa. Desceu os degraus a comprimir com a mão o lado esquerdo do peito e pensou assustado: “Não há dúvida, já não sou o que era dantes...”

Duniachka andava a passear o cavalo no pátio. Em frente do celeiro o animal pôs-se a puxar a rédea, estendeu o pescoço erguendo o beijo superior, a descobrir os dominós

amarelos dos dentes, cheirou a terra, depois sacudiu-se e começou a dobrar desajeitadamente as patas dianteiras. Duniachka esticava as rédeas, mas o cavalo, sem lhe obedecer, começava a estender-se no chão.

- Não o deixes deitar-se! - gritou da estrebaria Pantelei Prokófievitch. Não vês que ele está selado? Porque não lhe tiraste os arreios, minha estúpida do diabo?

Sem se apressar, atento ainda ao que sentia dentro do peito, Grigóri aproximou-se do cavalo, tirou-lhe a sela e, à custa de um enorme esforço, sorriu para Duniachka:

- O pai continua com a mania de berrar?

- É sempre a mesma coisa - respondeu a rapariga, sorrindo por sua vez.

- Obrigá-o a caminhar mais um bocado, mana.

- Posso continuar, mas ele já está enxuto.

- Deixa-o espojar-se no chão se ele quiser.

- Então, mano, ficaste muito triste?...

- Se te parece... - respondeu Grigóri com a garganta contraída.

Compadecida, Duniachka beijou-o no ombro, depois voltou-lhe rapidamente as costas, comovida até às lágrimas, e levou o cavalo para a cerca do gado.

Grigóri acercou-se do pai, que estava a tirar o esterco da cavalaria com um ancinho, muito compenetrado. .

- Ando a arranjar espaço para o teu cavalo.

- Porque não mo disseste? Podia encarregar-me disso.

- Que ideia! Julgas que já não presto para nada? Eu cá, meu rapaz, sou como uma espingarda de pederneira. Não me gasto. Ainda consigo fazer umas coisas. Amanhã vou ceifar o centeio. Demoras-te por cá?

- Um mês.

- Ainda bem. Se fôssemos os dois? A trabalhar sentes menos o desgosto...

- Já me tinha lembrado disso.

O velho largou a forquilha, limpou a testa suada e disse, com um tom de intimidade na voz:

- Vamos para casa jantar. Ao desgosto não podes tu fugir, estejas onde estiveres... De nada serve uma pessoa correr nem esconder-se... As coisas são assim mesmo...

Ilínitchna pôs a mesa e trouxe um guardanapo limpo.

Grigóri pensou: “Dantes era a Natalia quem me servia...” Para não dar a perceber a sua comoção, pôs-se a comer muito à pressa e olhou reconhecido para o pai quando o viu ir ao aparador buscar uma bilha de aguardente tapada com uma rolha de palha.

- À memória da defunta, que Deus guarde a sua alma! - disse com firmeza Pantelei Prokófievitch.

Cada um emborcou o seu copo. O velho encheu-os de novo, lentamente, e declarou, suspirando:

- Num ano a nossa família viu partir duas pessoas... A morte parece que gostou desta casa.

- Não falemos nisso, pai! - pediu Grigóri.

Bebeu o segundo copo de um trago e ficou muito tempo a mastigar um bocado de peixe seco, à espera que o álcool lhe subisse à cabeça e lhe adormentrasse os pensamentos obcecantes.

- O centeio está bem bonito este ano. O nosso campo distingue-se dos outros - disse Pantelei Prokófievitch sem modéstia.

Por esta gabarolice, pelo tom com que fora dita, Grigóri percebeu que o pai escondia qualquer intenção pouco natural.

- E o trigo?

- Estragou-se um bocado, mas nada de monta, devemos recolher uns trinta e cinco a quarenta pudes. A garnovka (*Variedade de levedura*) dá-se na terra dos outros que é uma maravilha, mas nós, logo por azar, não podemos semeá-la. Enfim, não tenho muito de que me queixar. No meio de toda esta confusão, que achas tu que devemos fazer do trigo? Não podemos ir levá-lo a casa do Paramónov e também não podemos guardá-lo no celeiro. Se a frente chegar até aqui, os camaradas rapinarão tudo, mas tu podes estar descansado, mesmo sem esta colheita, temos trigo suficiente para dois anos. Graças a Deus o que ainda conservamos no celeiro chega-nos até ao pescoço, fora o que está noutros lugares...

O velho piscou maliciosamente o olho.

- Pergunta à Daria quanto é que escondemos à espera dos maus dias. Enchemos até às bordas uma cova onde tu caberias de pé e com quatro archines de largura. Se não fosse esta vida desgraçada que nos tem arruinado seríamos hoje uns grandes proprietários...

O velho, animado com as suas próprias graças, deu uma gargalhada de bêbado, mas logo a seguir, compondo a barba, declarou num tom prático e sério:

- Talvez tu estejas preocupado com a tua sogra, mas vou dizer-te uma coisa; não me esqueci dela e tenho-a ajudado nas suas infelicidades. Nunca teve razão de queixa de mim. Sempre lhe enchi a carroça de trigo sem fazer contas e levo-lha a casa. A Natalia que Deus lá tem ficou muito contente e até chorou quando o soube... Anda, meu filho, vai mais um copito? Só tu és ainda a minha alegria.

- Pode ser respondeu - Grigóri estendendo o copo.

Nesse momento Michatka aproximou-se timidamente da mesa. Sem se tornar notado trepou para os joelhos do pai e passou-lhe desajeitadamente o braço em volta do pescoço, beijando-o em seguida com força nos lábios.

- Que queres tu, meu filho? - perguntou-lhe Grigóri comovido, fitando os olhos do rapazinho com os seus marejados de lágrimas. Esforçava-se para não lhe bafejar o rosto com o hálito da aguardente.

Michatka respondeu em voz baixa:

- A mãe, quando estava na cama... quando ainda era viva, chamou-me e encarregou-me de te dizer: “Quando o teu pai voltar, disse ela, beija-o com muita força e diz-lhe que seja sempre muito vosso amigo”. Disse-me ainda outra coisa mas eu esqueci-me do que era...

Grigóri poisou o copo e voltou-se para a janela. Um penoso silêncio invadiu a sala.

- Bebes mais um copo? - perguntou baixinho Pantelei Prokófievitch.

- Não quero, obrigado.

Grigóri levantou-se, tirando o filho dos joelhos, e saiu à pressa para o vestíbulo.

- Espera, meu filho. E a carne? Temos ainda uma galinha cozida e filhos.

Ilínitchna correrá para o fogão, mas Grigóri já tinha batido com a porta. Pôs-se a andar de um lado para o outro no pátio, a examinar a cerca do gado e a cavaliça. Ao olhar para o cavalo, pensou: “Preciso de lhe dar um banho.” Depois entrou no telheiro. Ao lado da segadoura, já pronta, descobriu aparas de madeira de pinho no chão e uma tábua cortada em viés. “Foi aqui que o pai fez o caixão da Natalia”, pensou. E voltou ao alpendre num passo rápido.

Cedendo às instâncias do filho, Pantelei Prokófievitch preparou-se rapidamente, atrelou os cavalos à segadoura, pegou num barril de água e, ao cair da noite, partiram para o campo.

XVIII

Grigóri sofria não só porque amara Natalia à sua maneira e se acostumara a ela durante seis anos de vida em comum, mas também porque se sentia culpado da sua morte. Se acaso Natalia, em vida, houvesse cumprido a ameaça, se tivesse ido viver para casa da mãe levando consigo os filhos, se lá morresse, intratável e cheia de ódio contra esse marido infiel, Grigóri não teria sentido tanto a sua falta e o remorso não o faria sofrer tão cruelmente. Sabia, porém, através de Ilínitchna, que Natalia lhe perdoara tudo, que o amava, que pensara nele até ao último instante. Isso aumentava-lhe o tormento, fazia-lhe pesar na consciência uma censura contínua, obrigava-o a considerar sob um novo aspecto a sua conduta passada.

No princípio, Grigóri não nutrira pela mulher senão uma fria indiferença e mesmo uma certa hostilidade. Contudo, nos últimos anos, esta atitude modificara-se e a causa principal dessa mudança tinham sido os filhos.

Também para com eles não experimentara de início aquele sentimento paternal que mais tarde viria a sentir. Quando regressava da frente para gozar uma curta licença em casa, ocupava-se deles e fazia-lhes festas como que por obrigação, para dar prazer à mãe, e não só não considerava isto uma coisa necessária, como via com um espanto desconfiado as demonstrações tumultuosas dos sentimentos maternos de Natália. Não compreendia como era possível amar com tamanha abnegação esses serzinhos que choravam continuamente. E mais do que uma vez, durante a noite, enquanto ela os amamentava, dissera à mulher num tom irritado e trocista: “Porque saltas tu da cama como uma maluca? Mal ele começa a berrar, acodes logo. Deixa-o lá gritar. Descansa que não vai verter lágrimas de oiro.” Os filhos pagavam-lhe com igual indiferença. Mas à medida que foram crescendo começaram a afeiçoar-se ao pai.

O amor das crianças fez nascer nele um sentimento recíproco e foi esse sentimento que, como um fogacho, se estendeu a Natalia.

Depois que rompera com Akcínia, Grigóri não mais pensou a sério em se separar da mulher; e, mesmo depois de reatar as relações com a amante, nunca lhe passara pela cabeça que esta pudesse vir um dia a substituir a mãe dos seus filhos.

Não se teria recusado a viver com as duas, visto que as amava a ambas de maneira diversa, porém a perda da mulher fez brotar de súbito dentro dele uma sensação de afastamento em relação a Akcínia e depois uma cólera surda: fora esta quem revelara as relações que havia entre eles, provocando com isso a morte de Natalia.

Por mais que Grigóri se esforçasse por esquecer o seu desgosto, nos campos, este voltava-lhe constantemente à ideia. Atirava-se ao trabalho, andava horas e horas em cima da ceifadora, sem que por isso a recordação de Natalia o abandonasse um só instante. A memória fazia-lhe reviver constantemente certos episódios longínquos, muitas vezes insignificantes, da vida de ambos, algumas conversas. Bastava-lhe soltar por momentos as rédeas à imaginação, para que Natalia surgisse logo, viva e sorridente. Revia-lhe a silhueta, o andar, a maneira de compor os cabelos, o sorriso, o tom da voz...

No terceiro dia começaram a cortar a cevada. A meio da tarde, no momento em que Pantelei Prokófievitch fazia descansar os cavalos, Grigóri desceu da ceifadora, poisou a forquilha no atrelado e declarou:

- Apetece-me ir um bocado até casa, pai.
- Para fazeres o quê?
- Estou com saudades dos meninos...
- Então vai concordou logo o velho. Entretanto ficamos nós a formar as medas.

Grigóri desatrelou um cavalo, montou-o e partiu a passo através das palhas eriçadas e amarelas, em direcção à estrada.

“Diz-lhe que seja sempre muito vosso amigo.” Soava-lhe aos ouvidos a voz de Natalia. Fechou os olhos, soltou as rédeas, e mergulhado nos seus pensamentos, deixava o cavalo sair para fora da estrada.

No azul intenso do céu viam-se algumas nuvens quase imóveis que o vento ia dispersando. As gralhas bambolevam-se sobre a palha cortada. Bandos inteiros delas haviam-se instalado nas medas; os pais alimentavam com os bicos os filhos ainda implumes, que mal se aguentavam apoiados nas asas. As vozes todas juntas formava um clamor imenso sobre os campos acabados de ceifar.

O cavalo de Grigóri teimava em caminhar pelas valetas, arrancava de tempos a tempos um pé de ervilhaca que trincava, fazendo tilintar o freio. Uma ou duas vezes parou a relinchar porque avistara ao longe outros cavalos. Grigóri voltava a si, obrigava-o a prosseguir, fitava com o olhar vago a estepe e o caminho poeirento, as medas espalhadas pelos campos, as filas verde-escuro do milho a amadurecer.

Mal entrara em casa, recebeu a visita de Khrisstónia, muito sorumbático, que, apesar do calor, envergava uma túnica inglesa de fazenda e umas calças tufadas. Apoiava-se a um enorme cajado de freixo acabado de descascar. Cumprimentou Grigóri:

- Vim visitar-te, soube do desgosto que sofreste. com que então a vossa Natalia Mironnovna foi a enterrar?

- Como é que vieste da frente? - inquiriu Grigóri, fingindo não ter escutado a pergunta. Examinava com prazer o corpo desajeitado de Khrisstónia, um pouco curvado.

- Estou a convalescer da minha ferida. Apanhei duas balas ao mesmo tempo, que me furaram a barriga! Ainda as cá tenho, ao pé das tripas. Ficaram-se a meio do caminho, as malditas. Por isso é que ando agarrado a um pau, estás a ver?

- Onde foi isso?

- Em Balachov.

- Vocês tomaram Balachov? Como é que arranjaste essa trapalhada?

- Durante o ataque Tomámos Balachov e depois Povorino.

- Estive lá.

- Conta-me tudo isso. com quem estavas tu? Em que unidade? Quem mais lá andava da nossa aldeia? Senta-te. Toma lá tabaco.

Grigóri sentia-se feliz por ver uma cara nova, por poder conversar de assuntos estranhos ao seu desgosto. Khrisstónia teve a inteligência de compreender que Grigóri não precisava da sua compaixão e pôs-se a contar sem se fazer rogado, mas lentamente, a tomada de Balachov e a história do seu ferimento.

Enquanto fumava um enorme cigarro que ele próprio enrolara, ia dizendo com a sua voz grossa de baixo:

- Avançámos a pé, no meio dos girassóis. Eles disparavam contra nós com as metralhadoras e os canhões e também com as espingardas, claro está. Eu cá sou um homem que se vê bem ao longe; no meio dos outros parecia um pato ganso no meio das patas. Por mais que me curvasse ficava sempre a descoberto, até que as balas vieram ter comigo. Mas ainda bem que sou tão grande, se fosse mais pequeno teria apanhado com elas na cabeça. Eram balas perdidas, está visto, mas fizeram-me cá um estrago na pança, e vinham quentes, as malvadas, como se tivessem acabado de sair do forno. Apalpei com a mão e senti-as lá dentro, a reboarem debaixo da pele como bolas de gordura, aí a meio pé uma da outra. Carreguei-lhe com os dedos e deixei-me cair por terra. Disse comigo: isto é um raio de uma chatice, caramba! Mais vale ficar deitado, senão ainda vem outra que me fura de lado a lado. Não me mexi mais, portanto. De tempos a tempos, apalpava-as, às malditas. Lá estavam ambas, uma ao lado da outra. Então assustei-me e disse com os meus

botões: E se elas começam a rebolar e me caem para o meio das tripas, as danadas? Como é que os médicos as lá hão-de ir buscar, hem? Oh, não me sentia nada contente! O corpo dos homens, até o meu, é uma coisa mole, e as balas, se começam a caminhar, vão ter à tripa grossa; então, quando eu andar, fazem um barulho que parece um chocalho de uma diligência. Será a destruição completa. Deixei-me ficar deitado. Tinha arrancado um girassol e pus-me a comer-lhe as sementes. E estava cheio de medo. Os outros já iam longe. Então, logo que tomaram Balachov arrastei-me para essas bandas. Levaram-me na ambulância de Tichamsskaia. Havia lá um doutor esperto como um pardal. Passava a vida a perguntar-me: “Então essas balas, extraem-se ou não?” Mas eu continuava na minha e um dia perguntei-lhe: “Diga-me, vossa nobreza, as balas podem cair para o fundo?” “Não”, respondeu o doutor, “não podem”. Então eu disse cá de num para mim que nunca as deixava tirar. Já os conheço de ginjeira Extraem-nos as balas e antes de termos a ferida cicatrizada, toca a andar para a frente. “Não”, declarei eu, “Vossa Nobreza não me tira as balas. Gosto de as cá trazer. Quero ir com elas a casa para as dar a apalpar à mulher. Cá a mim não me incomodam, pesam pouco.” O tipo berrou comigo mas acabou por me dar oito dias de licença.

Grigóri ouvira, a sorrir, esta narrativa sem malícia, e no fim inquiriu:

- Em que regimento estás tu?

- No Quarto, de Infantaria.

- Cá da terra, está lá mais alguém?

- Estão muitos: Anikuchka, o Capado, Beskhlebnov, Koloveidine Akim, Mírochnikov Siomka, Gorbachov Tifchom.

- E que dizem os cossacos, não se queixam?

- Não podem com os oficiais, está visto. Puseram-nos aqueles tipos à perna, isto é que é uma vida! E são quase todos russos, não são cossacos.

Enquanto falava, Khrisstónia ia puxando pelas mangas demasiado curtas da túnica e, como se não acreditasse no que via, contemplava e passava a mão sobre o aveludado das calças inglesas que lhe cobriam as pernas.

- Botas que me servissem é que eles não arranjam. Lá no Estado inglês as pessoas não têm os pés assim tão fortes... Nós cá, semeamos e comemos bom trigo, mas eles, tenho a certeza de que é como na Rússia, só comem pão de centeio. Como queres tu que tenham pés do tamanho dos nossos? Deram fardas e botifarras a todo o regimento, e cigarros que cheiram bem, mas há qualquer coisa que soa falso...

- O que é que soa falso? - quis saber Grigóri, interessado.

- Por cima tudo vai bem, no fundo, a coisa não está certa. Esta guerra não pode dar nada. Dizia-se que não se iria mais longe do que o distrito do Khopr...

Mal Khrisstónia se foi embora, Grigóri tomou uma decisão, depois de reflectir rapidamente: “Fico cá só mais oito dias e volto para a frente. Aqui morre-se de aborrecimento.” Demorou-se em casa até à noite. Lembrando-se dos seus tempos de criança, fez para Michatka um pequeno moinho de vento, teceu com crinas de cavalo uma rede para apanhar pardais, fabricou para a filha uma carruagem minúscula com rodas que giravam e um timão fantasticamente ornamentado; quis mesmo confeccionar-lhe uma boneca de trapos, mas disso saiu-se mal; quem a acabou foi Duniachka.

As crianças, a quem Grigóri nunca prestava dantes tanta atenção, observaram primeiro estas actividades com um olhar céptico, mas não tardaram a andar sempre atrás dele e quando, à noite, Grigóri se preparava para regressar ao campo, Michatka declarou, retendo as lágrimas:

- Fazes sempre isto. Vens aqui por uma hora e deixas-nos outra vez... Podes levar contigo a tua rede dos pardais, o teu moinho e a tua cegarrega. Leva tudo. Não preciso disso para nada!

Grigóri tomou nas suas mãos enormes as mãozinhas do filho e disse-lhe:

- Se assim é, fazemos uma coisa: tu és um cossaco, portanto acompanhas-me ao campo. Vamos cortar o centeio e atá-lo. Podes andar em cima da segadoura com o avô, a tocar os cavalos. Se visses os gafanhotos que andam na erva! E os pássaros que há na ravina! A Poliúchka essa, fica com a avó a tomar conta da casa. Não nos deve levar isto a mal. É uma rapariga e o trabalho dela é varrer o chão e ir buscar água ao Don com a avó num baldezinho. Não falta trabalho para as mulheres. Estás de acordo?

- Pois não havia de estar? exclamou Michatka, entusiasmado.

Os seus olhos brilhavam, de antecipado prazer.

Ilínitchna começou por contrariar a ideia:

- Para onde queres tu levá-lo? Já não sabes que mais inventar! E onde há-de dormir? Quem é que toma conta dele? Se se aproxima de mais dos cavalos ainda pode apanhar um coice. E se é mordido por alguma cobra? Deus nos defenda! Não queiras ir com o teu pai, meu menino, fica em casa.

A criança, porém, mostrou logo nos olhos semicerrados um brilho mau (tal e qual como o avô Pantelei nos seus acessos de cólera), e, cerrando os punhos, gritou numa voz de birra:

- Calas-te, avó!... Vou, sim senhor. Pai, não faças caso do que ela diz!

Grigóri, a rir, pegou no filho ao colo e disse para tranquilizar a mãe:

- Dorme comigo. Levo o cavalo a passo para não cair.

- Arranje-lhe a roupa, mãe, e não tenha receio: nada lhe acontecerá e amanhã à noite trago-o a casa.

Assim começou a amizade de Grigóri com Michatka.

Durante os quinze dias que passou em Tatársski, Grigóri só vira Akcínia três vezes, e de fugida. com o tacto e a inteligência que a caracterizavam, a rapariga procurara evitá-lo, preferindo não se mostrar. O seu instinto de mulher fizera-lhe adivinhar o estado de alma de Grigóri e compreendia que qualquer manifestação imprudente e intempestiva dos seus sentimentos corria o risco de o voltar contra si, de alterar as relações entre ambos.

Esperava que Grigóri tomasse a iniciativa de lhe falar. Na véspera da partida dele para a frente, ao regressar a casa com uma carroça de trigo, um pouco mais tarde do que o costume, ao lusco-fusco, deu de caras com ela ao fundo da última ruela que ia desembocar na estepe. A rapariga cumprimentou-o de longe, com um sorriso cheio de angústia e expectativa. Grigóri correspondeu ao cumprimento e não teve coragem de passar adiante sem dizer nada.

- Como estás? disse ele, esticando um pouco as rédeas a fim de travar o passo ligeiro dos cavalos.

- Estou bem, obrigada, Grigóri Panteleievitch.

- Não te tenho visto.

- Andei no campo... Sou sozinha a trabalhar nas terras.

Michatka vinha na carroça e foi talvez por isso que Grigóri, não parando, deixou cair a conversa. Depois de se ter afastado algumas ságenas, ouviu chamar e voltou-se. Era Akcínia, de pé junto a uma cerca:

- Demoras-te muito tempo na aldeia? inquiriu ela desfolhando nervosamente um malmequer.

- Vou-me embora amanhã.

Akcínia hesitou um segundo. Quis dizer mais qualquer coisa, mas ficou calada, a fazer um gesto fatigado com a mão, e partiu num passo rápido em direcção ao prado, sem se voltar para trás.

XIX

O céu apresentava-se coberto de nuvens. Caía uma chuva fina que parecia peneirada. As sementeiras, as ervas ruins, os novos rebentos, as moitas de ameixoeiras bravas dispersas pela estepe, tudo brilhava.

Muito desgostoso com a partida antecipada, Prokhor cavalgava em silêncio e durante toda a viagem não trocou uma única palavra com Grigóri. Ao ultrapassarem a aldeia de Sevastionóvski, viram três cossacos a cavalo que vinham ao encontro deles. Avançavam a par, esporeando os cavalos, e conversavam com animação. Um deles, já de certa idade e com a barba ruiva, vestido com um casacão cinzento de fabrico caseiro, reconheceu de longe Grigóri, e disse para os companheiros:

- Olha o Melekhov!

Quando chegaram junto um do outro, o ruivo deteve o seu cavalo baio e disse:

- Viva, Grigóri Panteleievitch!

- Viva! respondeu Grigóri, procurando em vão recordar-se onde vira já aquele cossaco de barba ruiva e ar taciturno.

Este devia ter sido nomeado sargento havia pouco e, com receio de que o tomassem por um simples cossaco, cosera os galões por cima do capote.

- Não me estás a reconhecer? - perguntou aproximando-se.

Estendeu a Grigóri uma manácula enorme, coberta de pêlos de um vermelho-vivo, e o hálito dele empestava a vodka. Todo o seu rosto exprimia uma obtusa auto-suficiência, os olhitos azuis brilhavam e um sorriso esticava-lhe os lábios por baixo do bigode ruivo.

O aspecto absurdo deste oficial de capote de camponês dispôs bem Grigóri, que respondeu, sem ocultar a ironia:

- Não me lembro de quem és. Provavelmente conheci-te ainda quando eras apenas um simples cossaco... Foste nomeado sargento há muito?

- Acertaste em cheio. Fui promovido há oito dias. Encontrámo-nos no Estado-Maior de Kudínov, na véspera da Anunciação.

- Nesse dia livraste-me de boa, lembras-te? Eh, Trifon! Vão andando devagar que eu já vos alcanço! gritou ele para os companheiros que haviam parado a certa distância.

Grigóri recordou-se, não sem alguma dificuldade, das circunstâncias em que conhecera aquele homem ruivo, e veio-lhe mesmo à ideia a alcunha por que era conhecido: o “Dois patacos”, bem como o que Kudínov dissera a seu respeito: “Tem boa pontaria, o malandro. Acerta numa lebre em corrida, é valente no combate, dá um excelente batedor, mas quanto a cérebro não passa de uma criança.” Colocado à testa de um esquadrão, o “Dois-Patacos” cometera uma falta pela qual Kudínov queria castigá-lo, porém Grigóri intercedera por ele e o sujeito conservara o comando.

- Vens da frente? - interrogou Grigóri.

- Exacto. Acabo de chegar de Novokhoprsk, estou de licença. Fiz um pequeno desvio de cento e cinquenta verstás para passar por Slachtchovskaia onde vivem os meus velhotes. Nunca esqueço o bem que me fizeram, Grigóri Panteleievitch. Quero oferecer-te um presente, não o recuses. eh? Tenho duas garrafas de álcool puro no meu saco. Vamos esvaziá-las já?

Grigóri recusou-se a beber, mas aceitou uma garrafa de presente.

- Se visses! Os soldados e os oficiais encheram-se que nem odres! - gabava-se o “Dois-Patacos”. - Também estive em Balachov. Assim que tomámos a cidade, corremos para a estação do caminho-de-ferro. Todas as vias estavam ocupadas, uma confusão. Num dos vagões havia açúcar, noutra artigos de equipamento, noutra ainda toda a espécie de coisas. Houve cossacos que chegaram a levar quarenta fardas completas. Dali fomos dar um salto ao bairro dos judeus. Aquilo é que foi gozar! No meu meio-esquadrão há um tipo que teve a habilidade de apanhar dezoito relógios aos judeus, dos quais dez eram de ouro. Pendurou-os todos ao peito, aquele filho de uma cabra. Parecia um vendedor ambulante, mas dos mais ricos. E anéis? Nem se podiam contar! Trazíamos dois e três em cada dedo...

Grigóri apontou para a mochila, a abarrotar, do “Dois-Patacos”.

- Que trazes tu ali?

- Trago... toda a espécie de coisas.

- Também roubadas?

- Oh, que maneira de dizer! Roubadas?!... Não as roubei, apoderei-me legalmente delas. O comandante do nosso regimento tinha-nos dito: “Se vocês tornarem esta cidade será vossa durante dois dias.” Não sou pior do que os outros. Apanhei o que me vinha à mão. Há quem tenha feito mais...

- Que lindos soldados!

Grigóri considerou com desprezo aquele homem tão ávido de rapina e declarou:

- Os tipos como tu são bons para andarem a assaltar pelas estradas, para fazerem esperas debaixo das pontes, mas não prestam na guerra. Vocês transformaram a guerra

numa ladroeira. Ah! Cambada de patifes! Aprenderam um belo ofício! E julgas que não hão-de ser um dia esfolados vivos, tu e o teu coronel?

- Mas porquê?

- Precisamente por isso.

- E quem é que nos esfolará?

- Os que se encontram acima de vocês.

O “Dois-Patacos” fez um sorriso trocista, retorquindo:

- Mas se eles fazem a mesma coisa... Nós limitamo-nos a encher os nossos sacos, mas eles levam comboios inteiros.

- Tu viste?

- Vi, pois! Eu próprio acompanhei um desses comboios até laryjensskaia. Só um dos furgões ia cheio de baixelas de prata. De vez em quando deparávamos com oficiais que nos perguntavam: “Que levam vocês aí? Andem, mostrem!” Mas logo que eu declarava ser aquilo propriedade do general fulano, eles faziam logo marcha-atrás.

- Quem era o general? - perguntou Grigóri de olhos encarquilhados, puxando nervosamente pelas rédeas.

O “Dois-Patacos” riu-se com ar manhoso:

- Esqueci-me do nome dele. Deixa ver como era... Deus me restitua a memória! Não, passou-me, já não me recordo. Podes protestar à vontade, Grigóri Panteleievitch. Fazem todos o mesmo, esta é que é a verdade. Eu ao pé deles não passo de um cordeirinho. Agarro aquilo que posso, é certo, mas há outros que atacam as pessoas na rua, que violam todas as judias que lhe passam ao alcance. Eu cá não faço isso. Tenho uma mulher legítima. E que mulher! Aquilo não é uma mulher, é um cavalo. Não, não, fazes mal em ralhar comigo. Mas espera aí, aonde vais tu?

Grigóri despediu-se friamente de “Dois-Patacos” com um aceno de cabeça e disse a Prokhor:

- Vamos.

Meteram os cavalos a trote. Pelo caminho cruzavam-se cada vez mais frequentemente com cossacos sozinhos ou em grupos que regressavam de licença. Não era raro encontrarem também carros puxados por dois cavalos, cuja carga, protegida por oleados ou panais de linhagem estava cuidadosamente atada com cordas. Os cossacos seguiam a trote, ou erguiam-se de pé nos estribos, envergando túnicas de Verão novas e calças de caqui do Exército Vermelho. Os seus rostos poeirentos e tismados mostravam-se contentes, mas ao encontrarem Grigóri afastavam-se logo. Seguiam em silêncio, levando a

mão à pala do boné como era sua obrigação, e só voltavam a conversar uns com os outros a uma distância respeitável.

- Comerciante em viagem! - dizia Prokhor em ar de troça, sempre que avistavam ao longe uma carroça de objectos pilhados.

Nem todos, porém, vinham carregados com o produto dos seus roubos. Na aldeia onde pararam, junto de um poço, para dar de beber aos cavalos, Grigóri ouviu uma canção vinda de um pátio vizinho. A avaliar pelas vozes, puras como se fossem de criança, os cantores deviam ser cossacos muito jovens.

- É sem dúvida uma festa de despedida de algum soldado - disse Prokhor, que tinha ido buscar um balde de água.

Depois da garrafa de álcool ingerida na véspera, sentia vontade de beber um trago a fim de se pôr em forma, e, depois de dar água aos cavalos, alvitrou sorrindo:

- Ouve lá, Panteleievitch, se fôssemos até lá? Talvez tenhamos direito ao copo da despedida? A casa tem tecto de vimes, mas parece abastada.

Grigóri concordou em assistir à despedida do “novato”.

Prenderam os cavalos à vedação e entraram no pátio. Debaixo do telheiro viam-se quatro cavalos selados. Um adolescente, transportando um alqueire de ferro cheio de aveia até às bordas, saiu da granja. Lançou na passagem um olhar para Grigóri e dirigiu-se para os cavalos que relinchavam. A canção vinha do outro lado da esquina da casa. Uma vizinha trémula de tenor entoava:

- Neste caminho, neste caminho ninguém seguia a pé...

Uma voz grossa de baixo, rouca pelo tabaco, juntou-se ao tenor depois de haver repetido as últimas palavras. A seguir entraram na melodia mais vozes melodiosas, e a canção prosseguiu, triste e majestosa. Grigóri não quis interromper os cantores com a sua aparição. Tocando no braço de Prokhor, murmurou:

- Espera, não te mostres, deixa-os acabar.

- Isto não é uma despedida. Os tipos de Elánsskaia cantam sempre assim. É a maneira deles. Cantam bem, os malandros - declarou Prokhor, escarrando de despeito, pois tudo levava a crer que sairia gorada a esperança que alimentara de beber uns copos.

O tenor suave pôs-se então a contar toda a história do cossaco que fora infeliz na guerra:

*Lá vai a cavalaria,
Estrada fora à desfilada,
Numa louca correria,*

*Sem deixar rasto ou pegada.
Mais atrás, forte e garboso
Crinas soltas a adejar,
Segue um cavalo fioso
Que se não deixa agarrar.*

*Pára, pára, cavalinho,
Leva-me contigo à guerra;
Sou cavaleiro cossaco,
Não posso ficar em terra.
Tomou o freio nos dentes.
Ninguém o pode domar;
As duas rédeas pendentes
São serpentes a arrastar.*

*Seus olhos são duas brasas
A luzir na noite escura,
Os cascos de prata fina
O pêlo de seda pura.
Cavalinho, cavalinho,
Não me deixes sem defesa;
Se fico só no caminho
Serei morto com certeza.*

Cativado pela melodia, Grigóri deixara-se ficar encostado ao rodapé da casa, sem prestar atenção ao relinchar dos cavalos nem ao chiar de uma carroça que passava na viela...

Quando a canção terminou, um dos cantores, depois de clarear a voz, disse, do outro lado da esquina:

- Esta foi mesmo arrancada lá do fundo! Cantámos o melhor que pudemos, tiazinhas, mas vocês faziam bem se dessem mais qualquer coisa cá aos soldados. Ficámos bem comidos, graças a Deus; agora quanto a farnel não temos nada para levar...

Voltando a si, Grigóri deu a volta à esquina e viu quatro jovens cossacos sentados no primeiro degrau do alpendre.

Crianças e mulheres, novas e velhas, vindas das herdades vizinhas, formavam uma multidão compacta em volta deles. Todas choravam e se assoavam, limpando as lágrimas à

ponta do lenço. Uma velhota alta, de olhos negros, cujas feições gastas conservavam vestígios de uma beleza de imagem, proferia lentamente, enquanto Grigóri se aproximava:

- Que bem que vocês cantam, meus meninos! Até faz chorar! Cada um de vós deve ter mãe e estou certa de que ela, quando pensa que vocês vão para a guerra, chora também.

Os bugalhos amarelados dos seus olhos puseram-se a luzir quando avistou Grigóri, que a cumprimentou, e disse numa voz subitamente colérica:

- É esta juventude em flor que tu levas para a guerra, que tu conduzes para a morte, Vossa Nobreza!

- Nós também lá morremos, tiazinha - respondeu Grigóri, carrancudo.

Os rapazes, perturbados pela chegada desse oficial desconhecido, ergueram-se com presteza, repelindo com o pé os pratos poisados nos degraus, os quais ainda continham restos de alimentos, e trataram de ajustar os cinturões e as bandoleiras sobre as túnicas. Tinham estado a cantar sem ao menos poisarem as espingardas. O mais velho de todos não teria ainda vinte e cinco anos.

- Onde são vocês? - perguntou Grigóri, examinando-lhes as caras jovens e frescas.

- Do Regimento de... - começou a dizer numa voz hesitante um rapazola de nariz arrebitado e olhos risonhos.

- Estou a perguntar de que terra sois, qual é a vossa stanitsa. Não sois de cá?

- Somos de Elánsskaia, viemos de licença, Vossa Nobreza.

Grigóri, reconhecendo pela voz o primeiro cantor, perguntou-lhe sorrindo.

- Eras tu que conduziás o canto?

- Era.

- Bem, tens uma linda voz. Mas por que motivo cantavam vocês? Era de alegria ou de tristeza? Não me parece que estejam bêbados.

Um jovem alto e loiro, de topete atrevido, cinzento de pó, de faces vermelhas e tisonadas, com um sorriso atrapalhado, disse, atravessando os olhos para as velhas:

- Qual de alegria!... É a miséria que nos faz cantar. Nesta terra ninguém nos dá nada de graça: nem uma côdea. Por isso tivemos a ideia de nos pormos a cantar canções e então as mulheres todas vêm ouvir-nos. Cantamos qualquer coisa de comovente, elas sentem-se emocionadas, e dão-nos um naco de toucinho, uma caneca de leite e outras coisas de comer.

- Somos como os popes, meu tenente, cantamos e recolhemos as esmolas declarou o primeiro cantor, com uma piscadela de olho maliciosa para os camaradas.

Um deles tirou do bolso do peito um papel enebado que estendeu a Grigóri.

- Aqui está a nossa licença.

- Porque é que ma dás?

- Para que não desconfies de nós. Não somos desertores...

- Deves mostrar isso quando encontrares um destacamento punitivo - respondeu Grigóri despeitado.

Porém, antes de partir, aconselhou:

- Viagem de noite e escondam-se durante o dia. Esse papel não vale grande coisa. É preferível não fazerem uso dele... Não tem carimbo?

- No nosso esquadrão não há carimbo.

- Pois então, se não quiserem que os kalmuks vos encham de vergastadas, sigam o meu conselho.

A cerca de três verstás da aldeia, distante umas cinquenta ságenas de um pequeno bosque que pegava com a estrada, Grigóri avistou de novo dois cavaleiros que vinham na sua direcção. Pararam um minuto a observá-lo, depois internaram-se bruscamente no bosque.

- Aqueles não têm papel. Viste-os meter pelo bosque? Porque diabo viajarão eles de dia?

Mais dois homens, à vista de Prokhor e de Grigóri, deixaram a estrada e apressaram-se a desaparecer. Um soldado de infantaria cossaca, já de certa idade e que regressava a casa à socapa, esgueirou-se para um campo de girassóis, escondendo-se ali como uma lebre num rego. Ao passar, Grigóri, erguendo-se nos estribos, gritou-lhe:

- Eh, pá, estás mal escondido. Tapaste a cabeça mas vê-se-te o cul!

E berrou com fingida raiva:

- Vamos! Sai daí para fora. Mostra-nos os documentos.

O cossaco, erguendo-se, desatou a correr pelo meio dos girassóis, dobrado ao meio. Prokhor deu uma gargalhada e quis lançar o cavalo em perseguição do fugitivo, mas Grigóri deteve-o:

- Deixa-te de brincadeiras. Que vá para o diabo. Há-de correr enquanto lhe durar o fôlego. Até pode morrer de susto...

- Ora! Isso sim! Nem um galgo o apanhava mais. É capaz de percorrer dez verstás a galope. Viste como saltou para o meio dos girassóis? Só pergunto onde é que um homem vai buscar tanto fôlego numa ocasião destas!

De um modo geral, Prokhor censurava os desertores:

- Vão em bandos. Parece que saíram todos do mesmo saco. Cautela, Grigóri Panteleievitch. Se isto assim continua, acabamos por ficar só tu e eu para mantermos a frente.

Quanto mais Grigóri se aproximava das linhas, mais se avolumava a seus olhos o espectáculo da decomposição do exército do Don. Decomposição essa que principiara no momento exacto em que, completado pelas tropas insurrectas, o

Exército alcançara a sua maior vitória na frente norte. As unidades tinham-se tornado incapazes não só de passar à ofensiva e de quebrar a resistência do inimigo, como também de fazer frente a um ataque a valer.

Nas stanitsas e nas aldeias onde se encontravam os reforços, os oficiais estavam constantemente bêbados; as viaturas de todas as espécies arreavam sob o peso dos despojos que não houvera tempo de fazer passar para a retaguarda; as unidades mantinham apenas cerca de sessenta por cento dos seus efectivos; os cossacos entravam de licença por sua alta recreação e os destacamentos punitivos, formados por kalmuks, que percorriam a estepe, não eram suficientes para conter essa “deserção em massa. Nas aldeias ocupadas pelo regimento de Saratov, os cossacos agiam como se estivessem em país conquistado: pilhavam a população, violavam as mulheres, destruíam as reservas de cereais, degolavam o gado. Eram incorporados indistintamente rapazes muito jovens e velhos de cinquenta anos. Nos esquadrões de marcha, os homens afirmavam abertamente que não queriam combater mais E, nas unidades transferidas para os sectores de Voronej, os cossacos davam provas de manifesta insubordinação em face dos oficiais. Corria o boato de que se tornavam cada vez mais frequentes nas primeiras linhas os assassinatos de superiores.

Perto de Balachov, ao crepúsculo, Grigóri deteve-se para passar a noite numa pequena aldeia. O quarto esquadrão especial de reserva, formado por cossacos das classes mais antigas e por uma companhia de sapadores do Regimento de Taganrog, ocupava todas as casas da aldeia. Grigóri levou muito tempo para conseguir alojamento. Podiam dormir ao ar livre, como costumavam fazer, mas o tempo ameaçava chuva, e Prokhor estava com um ataque de malária. Tinham de passar a noite debaixo de telha. À saída da aldeia, perto de uma casa grande rodeada de choupos, descobriram um carro blindado que fora atingido por um obus. Na passagem, Grigóri leu sobre a blindagem uma inscrição que ainda não fora coberta pela pintura: “Morra a canalha branca!” E mais abaixo: “O Feroz”. No pátio, os cavalos sacudiam-se e ouviam-se vozes de homens; no jardim, atrás da casa, ardia uma fogueira cujo fumo se espalhava pelo cimo verde das árvores; ao lado do braseiro, agitavam-se silhuetas de cossacos iluminadas pelas chamas. O vento trazia um cheiro a palha queimada e a cerdas de porco chamuscadas.

Grigóri, saltando do cavalo abaixo, entrou:

- Onde está o dono da casa? - inquiriu ao penetrar num compartimento baixo, cheio de gente.

- O dono sou eu. Que me queres? - indagou um camponês baixinho que estava encostado ao fogão.

- Podemos passar a noite em tua casa? Somos dois.

- Já estamos apertados como sementes de melancia resmungou um cossaco velho, deitado sobre um banco.

- Não quero recusar, mas aqui já há gente a mais murmurou o dono da casa, como que a desculpar-se.

- Nós cá nos arranjamos Não podemos passar a noite à chuva! insistiu Grigóri A minha ordenança vem doente.

O homem que estava deitado no banco afinou a garganta, poisou os pés no chão e disse já noutro tom, fitando Grigóri:

- Contando os donos da casa, somos catorze em dois compartimentos muito pequenos, Vossa Nobreza. O terceiro quarto está ocupado por um oficial inglês com duas ordenanças e mais um oficial dos nossos

- Vocês podiam ir ficar junto deles - propôs amavelmente outro cossaco, cuja barba abundante se estriava de inúmeros pelos brancos e que usava galões de primeiro sargento.

- Não, prefiro ficar aqui. Não ocuparemos muito espaço. Durmo no chão, não vos incomodarei.

Grigóri despiu o capote, alisou os cabelos e sentou-se à mesa.

Prokhor saiu para ir tratar dos cavalos.

No quarto ao lado deviam ter ouvido a conversa. Dali a cinco minutos entrava um tenente baixinho, vestido com elegância:

- Procuram abrigo para passar a noite? inquiriu de Grigóri.

- E, depois de lançar um olhar furtivo para os galões deste, propôs com um sorriso amável:

- Fique connosco, no nosso quarto, tenente. O tenente Campbell, do exército inglês, e eu convidamo-lo a partilhar o nosso quarto. Ficará melhor. Chamo-me Chtchégllov. E o senhor?

Apertou a mão a Grigóri.

- Regressa da frente? Ah, volta de licença! Venha, entre. É com todo o prazer que lhe oferecemos hospitalidade. Deve ter fome e aqui há com que lha matar.

Sobre o casaco de boa fazenda do tenente, de um tom verde-claro, baloiçava a cruz de São Jorge. A risca dos seus cabelos, na cabeça pequena, era impecável. Trazia as botas cuidadosamente engraxadas. A cara bem barbeada, morena e tisonada, assim como toda a

sua figura esbelta, respiravam asseio e exalava-se dele um leve perfume de água-de-colónia. No vestíbulo, deixando delicadamente passar Grigóri à sua frente, disse-lhe:

- É a porta à esquerda. Cuidado, há aí uma arca, não se esbarre.

Um tenente alto e forte ergueu-se à entrada de Grigóri.

Um bigode de penugem preta barrava-lhe o lábio superior, cortado por uma cicatriz em diagonal. Tinha uns olhos cinzentos muito juntos. Chtchégllov apresentou-lhe Grigóri, dizendo-lhe qualquer coisa em inglês. O tenente, depois de apertar a mão de Grigóri, falou, ora voltado para um, ora para outro. Depois convidou Grigóri a sentar-se.

Havia quatro camas de campanha alinhadas no meio do quarto e num canto amontoavam-se malas de coiro, caixotes e sacos de viagem. Sobre uma arca viam-se uma espingarda-metralhadora de um sistema desconhecido para Grigóri, um estojo de binóculo, caixas de cartuchos, uma carabina de coronha escura e cano novo azulado.

O tenente falava com uma voz velada e agradável, enquanto lançava a Grigóri olhares cordiais. Este não compreendia aquela língua estranha, mas, adivinhando que se tratava da sua pessoa, sentia-se pouco à vontade. Chtchégllov, a vasculhar dentro de uma mala, escutava, a sorrir. Por fim disse: Mister Campbell diz que estima muito os cossacos, que os considera extraordinários como cavaleiros e como soldados.

- Tem fome? Quer beber alguma coisa? Ele é de opinião que o perigo aproxima os homens... Eh! Caramba! Está farto de dizer disparates!

Chtchégllov tirou da mala algumas latas de conserva, duas garrafas de conhaque e voltou a curvar-se lá para dentro, enquanto continuava a traduzir:

- Diz ele que os oficiais cossacos o receberam muito bem em Usst-Medvéditsskaia: esvaziaram um barril de aguardente do Don e por fim estava tudo completamente bêbado; divertiram-se imenso com as estudantes do liceu. Pois é assim mesmo. Ele declara que tem o maior prazer em retribuir essa hospitalidade o melhor que puder. Já vê que não pode esquivar-se e lamentar por isso... Quer beber qualquer coisa?

- Bebo, sim, obrigado - respondeu Grigóri, contemplando à socapa as suas mãos sujas de poeira e do contacto com as rédeas

Chtchégllov colocou as latas de conserva sobre a mesa e abriu-as habilmente com a faca, enquanto declarava suspirando:

- Acredita que estou farto dele, desse cevado inglês? Bebe desde manhã à noite. Empiteira-se a um ponto... Eu cá, “bem vê, não vou contra isso, mas assim não sou capaz. O tipo...

Olhou para o inglês a sorrir, largando uma praga obscena, com grande surpresa de Grigóri, que não esperava nada aquilo, e prosseguiu:

- O tipo bebe a toda a hora: antes, e depois das refeições.

O inglês sorria, abanando a cabeça, e declarou num russo macarrónico:

- Sim, sim, está bem. . Nós beber à sua saúde.

Grigóri desatou a rir, a ponto de ficar todo despenteado.

Aqueles dois tipos tinham piada, não havia dúvida. O tenente inglês, com o seu sorriso absurdo e a sua língua de trapos, era uma maravilha.

Enquanto limpava os copos, Chtchégllov ia dizendo:

- Há quinze dias que ando a aturá-lo, que me diz a isto? Veio para aqui como instrutor de condução dos tanques que foram atribuídos ao nosso segundo Corpo do Exército e puseram-me à disposição dele como intérprete. Falo correntemente inglês e foi essa a minha desgraça... Nós cá também bebemos, mas tanto, não! Aquilo passa das marcas. Vai ver do que ele é capaz. Não dispensa quatro ou cinco garrafas de conhaque por dia. Emborça-as pouco a pouco, sem nunca ficar bêbado a cair, e no fim é mesmo capaz de trabalhar. Tem dado cabo de mim. Sinto dores de estômago, ando de mau humor e 'estou tão encharcado em álcool que até já tenho medo de me sentar ao pé de um candeeiro aceso. . Ah! com mil raios!

Enquanto falava, ia enchendo dois copos até às bordas e depois, para si, deitou apenas uma gota.

O tenente inglês olhou a rir para o copo e pôs-se a falar com animação. Chtchégllov poisou a mão sobre o peito, numa atitude suplicante, e correspondeu com um sorriso discreto, porém nos seus olhos negros e bondosos luziam de quando em quando chispas de ódio. Grigóri pegou no copo, tocou nos dos companheiros e bebeu de um trago.

- Oh! comentou o inglês num tom de aprovação.

Sorveu um gole do seu copo e fitou Chtchégllov com desdém.

O tenente inglês tinha as mãos grosseiras de operário poisadas sobre a mesa. Nas costas destas, os poros estavam negros de óleo lubrificante e os dedos apresentavam-se descascados pelo contacto frequente da gasolina, cobertos de arranhões secos. A contrastar com isto, o rosto mantinha-se bem conservado, vermelho e redondo. A discrepância era tamanha, que Grigóri teve por um instante a sensação de que o tenente usava uma máscara.

- Você salvou-me murmurou Chtchégllov, enchendo de novo os dois copos até às bordas.

- O quê? Ele não é capaz de beber sozinho?

- Não. De manhã, sim, mas à noite, não. Vamos a isto!

- É forte...

Grigóri provou, depois, sob o olhar do inglês, esvaziou o copo.

- Ele diz que você é um compincha. Dá gosto vê-lo beber.
- Cá por mim ocupava de boa vontade o seu lugar - declarou Grigóri sorrindo.
- Estou certo de que desertava ao fim de quinze dias.
- Desertava deixando coisas tão boas?
- Pois é isso o que eu vou fazer.
- A frente é pior.

- Isto também é frente. Lá corremos o risco de nos acertar uma bala ou um estilhaço de obus. Aqui, arriscamo-nos a apanhar o delirium tremens. Prove esta fruta de conserva. Quer presunto?

- Quero, obrigado.

- Os ingleses são uns ases nestas coisas. Alimentam o seu exército melhor do que nós.

- Nós alimentamo-lo, por ventura? O nosso exército abastece-se por onde passa.

- Isso é verdade, infelizmente. Mas por esse processo não vamos longe, sobretudo se autorizarem os soldados a pilharem a população...

Grigóri fitou atentamente Chtchégllov: :

- Você faz tenção de ir longe?

- Seguimos ambos o mesmo caminho. Porque me faz essa pergunta?

Chtchégllov não reparara que o inglês se tinha apoderado da garrafa, enchendo-lhe o copo.

- Agora tem de o esvaziar observou Grigóri, sorrindo.

- Lá começa ele! - gemeu Chtchégllov, olhando para o copo, enquanto as suas faces se tingiam de um delicado rubor.

Entrechocaram os copos e beberam todos três em silêncio.

- Seguimos o mesmo caminho, mas cada um à sua maneira - observou Grigóri, de testa franzida, a tentar em vão apanhar com o garfo um caroço de alperche que escorregava dentro do prato. Uns apeiam-se logo, outros vão até mais longe, é como nos comboios...

- Você não faz tenção de ir até ao término?

Grigóri sentia apossar-se dele a embriaguez, mas tentava resistir. Respondeu com um sorriso:

- Não tenho dinheiro que chegue para comprar um bilhete até ao término. E você?

- Oh! Comigo o caso é outro. Ainda que me obrigassem a descer à força, seguiria a pé pela linha fora.

- Nesse caso, boa viagem! Vamos beber o resto?

- Que remédio! Só custa começar.

O inglês tocava com o seu copo no de Grigóri e de Chtchégllov, bebendo em silêncio, quase sem comer. O rosto dele assumira um tom de tijolo cozido, tinha os olhos embaciados e os gestos haviam-se-lhe tornado deliberadamente mais vagarosos.

Antes de esvaziar a segunda garrafa, erguendo-se pesadamente, dirigiu-se para junto das malas, num passo seguro, e tirou de lá duas garrafas de conhaque. Poisou-as sobre a mesa, sorriu com o canto dos lábios e disse qualquer coisa na sua voz de baixo.

- Mr. Campbell afirma que devemos prolongar este prazer. Diabos o levem! Que diz você?

- Sou da mesma opinião Tratemos de o prolongar - concordou Grigóri.

- O tipo é de força, hem? Dentro daquele corpo inglês está uma alma de negociante russo. Cá por mim, acho que já tenho a minha conta...

- Quem tal diria observou maliciosamente Grigóri.

- Santo Deus! Eu cá sou fraco como uma donzela Mas, no entanto, ainda me aguento, sim, ainda me aguento muito bem!

Depois de esvaziar o copo, Chtchégllov caiu nitidamente numa espécie de torpor: os seus olhos negros brilhavam como azeite e começou a trocar ligeiramente a vista. Tinha os músculos da cara descaídos, os lábios não lhe obedeciam, uma contracção repuxava-lhe ritmicamente as faces, sob as maçãs do rosto tismadas. O conhaque dera conta dele Mostrava a mesma expressão do boi a quem vibram uma martelada na cabeça antes de o abaterem,

- Você ainda aguenta muito Está habituado, já não lhe faz diferença afirmava Grigóri.

Também ele se encontrava francamente ébrio, mas sentia que era capaz de beber ainda muito mais.

- Acha que sim?

Chtchégllov animou-se:

- Não, não. A princípio fui-me um pouco abaixo, mas já passou, agora posso beber o que quiserem. Na verdade, o que quiserem O senhor caiu-me no goto, meu tenente. Nota-se em si, garanto-lhe, uma grande força e uma grande sinceridade. Gosto disso. Vamos fazer uma saúde à pátria desse bêbado imbecil. Evidentemente, ele não passa de um animal, mas a sua pátria é uma boa pátria “Reina sobre os mares, ó Bretanha!”

- Bebemos? Não, cheio, não. À saúde da sua pátria, Mr. Campbell!

Chtchégllov bebeu um golo, a piscar desesperadamente os olhos e comeu um bocado de presunto.

- Que país o dele, meu tenente! Nem pode imaginar! Eu já lá estive... Vamos, à saúde!

- Seja lá o que for a nossa mãe, sempre a estimamos mais do que a mãe dos outros...

- Não vamos agora discutir! À saúde!

- À saúde!

- Quanto à nossa pátria, precisamos de a limpar, nem que seja a ferro e a fogo, mas não temos força para isso. Afinal de contas, é como se não tivéssemos pátria. Bom, que ela vá para o diabo! O Campbell não acredita que sejamos capazes de vencer os vermelhos.

- Não acredita?

- Não, não acredita. Tem má opinião acerca do nosso exército e diz bem do dos vermelhos.

- Ele combateu? Eu compreendo-o. Esteve quase a cair nas mãos dos vermelhos. Maldito conhaque!

- É forte. Isto parece álcool puro!

- Um pouco mais fraco. Foi a cavalaria quem tirou Campbell daquela enrascada, de contrário estaria frito. A coisa passou-se em Jukov. Nesse dia, os vermelhos apanharam-nos um tanque... Você parece estar triste. Que lhe aconteceu?

- A minha mulher morreu há pouco.

- Isso é horrível. Tem filhos?

- Tenho.

- À saúde dos seus filhos. Eu cá não tenho filhos, ou por outra, devo ter, andam para aí a vender jornais... O Campbell tem noiva em Inglaterra. Escreve-lhe regularmente duas vezes por semana. Deve mandar-lhe dizer cada baboseira! Quase lhe tenho ódio. Que diz você?

- Eu cá não digo nada. Mas porque tem ele simpatia pelos vermelhos?

- Quem disse uma coisa dessas?

- Foi você.

- Isso não é possível. O gajo não tem, não pode ter simpatia nenhuma por eles. Está enganado. De resto, vou perguntar-lho.

Campbell escutou com atenção Chtchégllov, pálido com a bebedeira, e respondeu-lhe também demoradamente. Sem esperar que ele acabasse, Grigóri inquiriu:

- Que está ele a dizer?

- Diz que os viu atacar os tanques a pé, de sapatilhas de corda. Isso basta-lhe? É de opinião que não podemos vencer o povo. Idiota! Não acredito no que ele diz.

- Porquê?

- De um modo geral, não ligo às balelas dele.

- Que significa isso?

- O tipo está bêbado, só diz asneiras. Que significa isso:

“Não podemos vencer o povo!” Podemos exterminar uma parte e reduzir a outra à execução... Que é que eu disse? À execução... que disparate! À submissão. Quantos copos já bebemos?

Chtchégllov deitou a cabeça nas mãos, derrubando com o cotovelo uma lata de conservas. Ficou assim uns dez minutos de peito apoiado na mesa, aos soluços.

Escurecera por completo lá fora. A chuva tamborilava nas janelas. Ouvia-se ao longe um ribombar surdo, e Grigóri não conseguia perceber se era, trovoadas ou o troar do canhão.

Campbell, envolto numa nuvem azulada de fumo de charuto, bebericava o conhaque. Grigóri, depois de abanar Chtchégllov, disse-lhe, a vacilar sobre as pernas:

- Escuta. Pergunta-lhe lá por que razão ele acha que os vermelhos nos devem vencer.
- Vai para o diabo! - resmungou o outro.
- Anda, pergunta-lhe.
- Vai para o diabo, já te disse!
- Pergunta-lhe, vá!

Chtchégllov, após ter fitado Grigóri durante um minuto com um ar idiota, gaguejou qualquer coisa a Campbell, que o ouviu atentamente, acabando por apoiar a cabeça nas mãos em concha. O inglês olhava-o com um sorriso de desprezo. Depois de tocar no braço de Grigóri, lançou-se numa explicação muda: empurrou para o meio da mesa um caroço de alperche, poisou a mão perpendicularmente ao lado deste, como que a compará-los, depois pô-la sobre o caroço e deu um estalo com a Língua.

- Também és dessa opinião! Isso já eu tinha descoberto antes de ti... - murmurou Grigóri, pensativo.

Abraçou, a cambalear, o amável inglês, apontou para a mesa com um gesto largo e fez-lhe a continência.

- Obrigado pela ceia. Adeusinho. Queres que te diga uma coisa? Volta depressa para a tua terra antes que te torçam o pescoço. Percebeste? Não precisas de andar a meter o nariz nos nossos assuntos. Estás a compreender? Vai-te embora, por favor, se não queres que dêem cabo de ti.

O inglês levantou-se, fez também a continência e começou a falar animadamente, lançando de vez em quando um olhar de desânimo para Chtchégllov, enquanto dava palmadas nas costas de Grigóri.

Este teve uma certa dificuldade em abrir o trinco da porta e saiu lá para fora a cambalear. Uma chuvinha oblíqua fustigou-lhe o rosto. Um relâmpago iluminou o pátio vasto, a cerca molhada, a folhagem brilhante das árvores do jardim.

Ao descer as escadas, Grigóri escorregou, caiu e ao levantar-se ouviu alguém a dizer no vestíbulo ao mesmo tempo que riscava um fósforo:

- Os oficiaizitos continuam a beber, não é verdade?

Respondeu-lhe uma voz rouca, num tom de ameaça velada:

- Tanto hão-de beber... tanto hão-de beber que acabarão por rebentar.

XX

Logo que transpôs os limites do Khopr, tal como em 1918, o Exército do Don perdeu a sua força ofensiva. Os cossacos insurrectos do Alto Don e uma parte dos do Khopr teimavam na sua recusa de combater fora dos limites do Don.

Além disso aumentava a resistência das unidades vermelhas, que haviam recebido reforços e operavam agora num território cuja população lhes era favorável. Os cossacos encontravam-se mais uma vez inclinados a passar à guerra defensiva e nenhum sacrifício do comando seria capaz de os convencer a lutarem com a mesma obstinação que haviam demonstrado pouco antes na sua própria terra. Contudo, encontravam-se em situação favorável naquela zona da frente: o 9.º Exército Vermelho, muito massacrado pelos combates e que contava onze mil soldados de infantaria, cinco mil cavaleiros e quarenta e dois canhões, tinha pela frente um conjunto de unidades cossacas representando um total de catorze mil e quatrocentos soldados de infantaria e dez mil e seiscentos cavaleiros, com cinquenta e três canhões.

As operações mais activas tinham lugar nos flancos compostos pelas unidades do Exército Voluntário do Kúbano. Ao penetrar com êxito na Ucrânia, uma parte desse exército, sob o comando do general Wrangel, exercia forte pressão sobre o 10.º Exército Vermelho, obrigando-o a recuar em direcção a Saratov, à custa de renhidos combates. A 28 de Julho, a cavalaria do Kúbano alcançava Kamichine e aprisionava a maior parte das tropas que defendiam a cidade. O contra-ataque lançado pelas unidades do 10.º Exército foi repellido. Uma audaciosa manobra da divisão de cavalaria de Kúbano-Terek ameaçava alcançar-lhe pela retaguarda o flanco esquerdo, por isso o comando do 10.º Exército fez recuar as suas tropas na direcção de Borzenkhovo-Latichiev-Krasni Iar-Kamenka-Bannóié.

Nesse momento, o 10.º Exército compunha-se de dezoito mil soldados de infantaria, oito mil cavaleiros e cento e trinta e duas peças de artilharia. O Exército Voluntário do Kúbano era constituído, por seu lado, apenas por sete mil e seiscentos soldados de infantaria, dez mil setecentos e cinquenta cavaleiros e sessenta e oito peças de artilharia. Porém os brancos possuíam além disto unidades de tanques e dispunham de importante número de aviões que realizavam um trabalho de reconhecimento e tomavam parte nos combates. Mas tanto os aviões franceses como os tanques e as baterias inglesas não

prestaram grande serviço a Wrangel: este não conseguiu ultrapassar Kamichine. Travaram-se nesse sector longas e rudes batalhas que poucas modificações trouxeram à linha da frente.

Nos fins de Julho, os exércitos vermelhos começaram os preparativos para uma vasta 'ofensiva em todo o sector central da frente sul. Nesse intuito, o 9.º e o 10.º Exército fundiram-se num grupo de choque sob o comando de Ohórine.

Esse grupo devia ter como reserva a 28.^a Divisão, além de uma brigada do antigo distrito fortificado do Kazane, a 23.^a Divisão e ainda outra brigada do antigo distrito fortificado de Saratov. O comando da frente sul reforçava além disto o grupo de choque com tropas da reserva táctica e da 56.^a Divisão de atiradores. Devia ser lançado um ataque auxiliar em direcção a Vorónej pelas forças do 8.º Exército, apoiado pela 31.^a Divisão de atiradores retirada da frente de Leste e da 7.^a Divisão de atiradores.

O início da ofensiva geral devia efectuar-se entre o dia 1 e o dia 10 de Agosto. Segundo os planos do Alto-comando vermelho, os ataques do 8.º e do 9.º Exército seriam acompanhados por movimentos envolventes dos exércitos colocados nos flancos; deste modo, incumbia ao 10.º Exército uma missão particularmente importante, a de, operando na margem esquerda do Don, cortar a ligação com o Cáucaso do Norte às principais forças do inimigo. A oeste, uma parte das forças do 14.º Exército estava encarregada de efectuar um enérgico movimento demonstrativo no sentido da linha TchapJino-Lozoivaia.

Enquanto se faziam os necessários reagrupamentos nos sectores dos 9.º e 10.º Exércitos, o comando branco terminava a formação do corpo do Exército Mamontov, a fim de fazer abortar a ofensiva preparada pelo inimigo, romper a frente e obrigar Mamontov a executar uma incursão em profundidade na retaguarda dos exércitos vermelhos. O êxito de Wrangel no sector de Tsanitsine permitia estender a frente do exército deste para a esquerda, o que vinha encurtar a frente do exército do Dom e permitia que dele fossem retiradas algumas divisões de cavalaria. A 7 de Agosto, estavam concentrados na stanitsa de Uriupinskaia seis mil cavaleiros, dois mil e oitocentos soldados de infantaria e três baterias de quatro peças, e a 10 de Agosto o corpo de exército recentemente formado sob o comando do general Mamontov rompia marchando de Novokhoprsk sobre Tambov a frente no ponto de reunião do 8.º com o 9.º Exército vermelhos,

O plano inicial do comando branco previa o lançamento sobre a retaguarda vermelha, além do corpo de exército de Mamontov, do corpo de cavalaria do general Konovailov.

Porém haviam-se travado combates no sector mantido por Konovailov e não foi possível retirar essas forças da frente.

Assim se explica a pequena amplitude da missão confiada a Mamontov, a quem fora recomendado que não devia entusiasmar-se, nem pensar em ir até Moscovo, mas sim reunir-se ao grosso do exército após haver desorganizado a retaguarda e as comunicações do inimigo. Quando a verdade é que as primeiras ordens consistiam em vibrar um golpe fulminante com todos os efectivos de cavalaria nos flancos e na retaguarda dos exércitos vermelhos do Centro, internando-se em seguida no coração da Rússia, de forma a engrossar pelo caminho as forças mercê de um apelo feito às camadas anti-soviéticas da população, e depois prosseguir no movimento até Moscovo.

O 8.º Exército conseguiu restabelecer a situação no flanco esquerdo lançando as suas reservas na batalha. O flanco direito do 9.º Exército ficou gravemente desorganizado. As medidas tomadas por Chorine, que comandava o principal grupo de choque, permitiram que se unissem as alas contíguas dos dois exércitos, mas não lograram deter a cavalaria de Mamontov. Por ordem de Chorine, a 56.ª Divisão de reserva foi enviada do distrito de Kirsanov ao encontro de Mamontov. Porém um dos seus batalhões de viaturas foi destruído por um dos destacamentos laterais de Mamontov. Uma brigada da 36.ª Divisão, colocada na dianteira com o fim de cobrir o troço da linha férrea Tatravov-Bailainchov, teve a mesma sorte: foi chocar contra toda a cavalaria de Mamontov e volatilizou-se ao cabo de um breve combate.

A 18 de Agosto, Mamontov tomava Tambov na passagem. Isso, contudo, não impedia o grosso das forças do grupo de Chorine de dar início à sua ofensiva, embora a luta contra Mamontov houvesse imobilizado quase inteiramente as duas divisões de infantaria. Ao mesmo tempo, começava também a ofensiva no sector ucraniano da frente Sul.

A frente, que seguia uma linha mais ou menos recta a norte e a noroeste, desde Stári-Oskol até Balachov, com uma saliência por alturas de Tsanitsine, começou a reorganizar-se.

Os exércitos cossacos recuavam para o sul sob a pressão do inimigo, lançando frequentes contra-ataques e procurando fixar-se em todas as fronteiras naturais. Ao regressarem a terras do Don, haviam recuperado a antiga combatividade; as deserções diminuía bruscamente; as stanitsas do médio Don chegavam reforços: à medida que as unidades do grupo de choque de Chorine penetravam no território da região do Don, a resistência tornava-se mais forte e mais aguerrida. As stanitsas do Alto-Don decidiram de moto próprio, nas suas assembleias, a mobilização geral. Celebrava-se um ofício e seguia-se imediatamente para a frente de batalha. Uma vez que o progresso na direcção do Don e do

Khopr só se fazia à custa, de incessantes combates, visto ser necessário vencer a resistência encarniçada dos brancos num território onde a população se revelava nitidamente hostil aos vermelhos, o grupo de Chorine ia perdendo pouco a pouco a força ofensiva inicial.

Durante esse tempo, no sector da stanitsa de Kotlubane, o comando branco formava um poderoso grupo de manobra com três corpos do exército do Kúbano e a 6.^a Divisão de infantaria, com o fim de atingir o 10.º Exército, cujo avanço ia de vento em popa.

XXI

No espaço de um ano, a família Melekhov ficara reduzida a metade dos seus membros. Pantelei Prokófievitch tinha razão quando afirmava que a morte tomara o gosto pela sua casa. Mal haviam acabado de enterrar Natalia, e já o enorme quarto se encontrava de novo impregnado pelo cheiro a incenso e a miosótis. Dez dias depois da partida de Grigóri para a frente, Daria afogava-se no Don.

Era um sábado. Ao regressar do campo, resolvera ir tomar banho na companhia de Duniachka. Despiram-se junto aos pomares e ficaram muito tempo sentadas sobre a erva macia e calcada. Daria andava de mau humor desde manhã. Queixara-se de dores de cabeça e mal-estar e chorara por várias vezes às escondidas. Antes de entrar na água, Duniachka enrolou os cabelos e cobriu-os com um lenço. Olhando Daria de esguelha, observou com ar compadecido:

- Estás tão magra, Daria. Tens as veias todas à flor da pele
- Dentro em pouco ficarei boa.
- Já não te dói a cabeça?
- Não. Anda tomar banho, que se faz tarde.

Tomou impulso e atirou-se à água, depois veio à tona, a resfolegar ruidosamente, e nadou para o meio do rio. A corrente forte, apanhando-a, começou a arrastá-la.

Enquanto admirava as largas braçadas masculinas de Daria, Duniachka foi entrando na água até à cintura, depois lavou-se, molhou o peito e os braços femininos, roliços mas fortes, queimados pelo sol. No pomar vizinho, as duas noras de Obzínov andavam a regar as couves. Ouviram Duniachka que gritava, a rir, para Daria:

- Volta, Dachka! Ainda te deixas apanhar por algum bordalo!

Daria voltou para trás, nadou cerca de três ságenas, depois, emergindo até meio corpo, juntou as mãos acima da cabeça e gritou: “Adeus, minhas queridas!” e afundou-se como uma pedra.

Dali a um quarto de hora, Duniachka, lívida, em fralda de camisa, chegava a casa a correr:

- A Daria afogou-se, mãe!... - murmurou num sopro.

Só no dia seguinte de manhã conseguiram retirar Daria, presa num gancho. O velho Arkhip Peskóvatsskov, o mais hábil pescador de Tatársski, atravessara de madrugada seis cordas na corrente do rio abaixo do local onde Daria se afogara.

Foi retirá-las acompanhado de Pantelei Prokófievitch. Juntara-se na margem uma turba de mulheres e crianças, entre as quais se encontrava Duniachka. Quando Arkhip, depois de prender a quarta corda com a pá do remo, se afastou mais dez ságenas, Duniachka ouviu-o nitidamente dizer a meia voz: “Parece-me que a encontrei.” com visível esforço, começou a puxar cautelosamente a linha, que mergulhava verticalmente.

Por fim surgiu qualquer coisa branca junto da margem direita, os dois velhos curvaram-se, a barca meteu um pouco de água e por fim chegou até ao grupo silencioso o baque de um corpo a cair no fundo de madeira do barco. Soltou-se um suspiro de todas as bocas. Algumas mulheres começaram a soluçar baixinho.

Khrisstónia, que se encontrava ali perto, gritou para as crianças: “Ponham-se a andar daqui para fora! Depressa!”

Através das lágrimas, Duniachka via Arkhip, de pé à popa, remando para a margem, a manejar habilmente o remo.

A barca tocou em terra, a raspar os torrões de argila da rampa.

Daria jazia com a face apoiada no fundo molhado da barca, de pernas encolhidas. No seu corpo branco, apenas azulado, viam-se alguns rasgões profundos: eram as marcas dos ganchos. Na barriga da perna bronzeada, um pouco abaixo do joelho, junto a uma liga de pano que ela por certo se esquecera de tirar, sangrava um arranhão. A ponta do gancho deslizara pela perna abaixo traçando uma linha curva, aos ziguezagues. Duniachka, a amarfanhar o avental, foi a primeira a acercar-se de Daria para a cobrir com um saco rasgado ao longo da costura. Pantelei Prokófievitch, arregaçando prontamente as calças, puxou a barca para fora de água. Dali a pouco chegou uma carroça que levou Daria para a quinta dos Melekhov.

Vencendo o terror e a repugnância que sentia, Duniachka ajudou a mãe a lavar aquele corpo gelado que conservava a frialdade das águas profundas do Don. Notava-se um certo ar estranho, uma espécie de severidade, no rosto um pouco tumefacto de Daria, no brilho baço dos seus olhos desbotados pela água. A areia do rio cintilava como prata nos seus cabelos, os limos colavam-se-lhe às faces em filamentos verdes e húmidos. Os seus braços inertes, caídos para fora do banco, traduziam um apaziguamento tão grande que Duniachka não podia contemplá-los sem se afastar imediatamente, impressionada por ver a que ponto Daria, depois de morta, era diferente daquela rapariga que gracejava, ria e tanto amava a vida. Muito mais tarde, ao recordar a frialdade dos seios e do ventre de Daria, os seus

membros inertes, outrora tão nervosos, Duniachka tremia ainda e esforçava-se por esquecer tudo aquilo o mais rapidamente possível. Temia que Daria, depois de morta, viesse persegui-la em sonhos e, antes de se deitar, orava a Deus, suplicando-lhe: “Senhor, faz com que eu a não veja em sonhos. Protege-me, Senhor!”

Se não fosse a tagarelice das mulheres da família Obnizov, que tinham ouvido Daria gritar “Adeus, minhas queridas”, a afogada iria a enterrar tranquilamente e sem barulho; porém aquele grito, revelando que ela procurara voluntariamente a morte, chegou aos ouvidos do Pope Vissarione, o qual declarou com decisão que não celebraria ofícios por uma suicida.

Pantelei Prokófievitch indignou-se:

- O quê? Não queres celebrar os ofícios? Então ela não era baptizada?
- Não posso fazer o enterro dos suicidas. É proibido pela lei.
- No teu entender, portanto, ela deve ser enterrada como um cão?
- No meu entender podes enterrá-la como quiseses, mas nunca no cemitério, onde repousam os bons cristãos.

Pantelei Prokófievitch tentou levá-lo pela persuasão:

- Ora, faz-me este favor, peço-te! Na nossa família nunca houve uma vergonha assim.

- Não posso. Tenho-te amizade, Pantelei Prokófievitch. És um paroquiano exemplar, mas não posso fazer o que me pedes. Se o vigário diocesano o viesse a saber, eu pagava-o caro teimava o Pope.

Aquilo era uma vergonha para a família. Pantelei Prokófievitch tentou por todos os meios convencer o Pope teimoso, prometeu pagar-lhe um preço mais elevado, em boas notas com a efígie de Nicolau, propôs oferecer-lhe uma ovelha de um amo, mas, ao verificar por fim que todas as suas exortações ficavam sem resposta, ameaçou:

- Não hei-de enterrá-la atrás da igreja. Não se trata de uma sujeita qualquer, é a minha nora. O marido dela foi morto na luta contra os vermelhos, era oficial; ela própria recebeu a cruz de São Jorge e tu vens-me agora com idiotices! Não, padre, isto não fica assim! Vais enterrá-la em nome do respeito que me deves. Para já, ela pode ficar em minha casa, vou fazer queixa ao atamane da stanitsa e com ele é que te hás-de entender.

Pantelei Prokófievitch saiu da casa do Pope sem se despedir e até bateu com a porta, furioso. Contudo, a ameaça produziu efeito; dali a meia hora, vinham dizer-lhe por mandado do Pope que este e o seu ajudante não tardariam a chegar.

Daria foi enterrada como devia ser, no cemitério, ao lado de Petro. Enquanto abria a cova, Pantelei Prokófievitch escolheu também um lugar para si. Observara o local e achou

que não valia a pena procurar mais. E depois, para quê? Um jovem olmo, plantado havia pouco, rumorejava por cima da campa de Petro; no alto da copa, o Outono começava já a colorir-lhe as folhas do amarelo acre das coisas murchas. Penetrando através da cerca arruinada, as vitelas haviam cavado carreiros entre os túmulos; passava ali perto o atalho que conduzia ao moinho de vento; faias, choupos, acácias e também ameixoeiras bravas, plantadas por famílias saudosas, formavam um maciço de verdura, fresco e acolhedor; em volta proliferavam corriolas, colzas serôdias, de uma tonalidade amarela, tufos de aveia brava e grama. As cruzeiras estavam entrelaçadas de cima a baixo por grinaldas de corriolas azuis. O sítio era na verdade seco e aprazível...

O velho cavava, largando por vezes a enxada, sentava-se na terra húmida e argilosa, enquanto fumava a pensar na morte. No entanto, não chegara ainda o tempo em que os velhos podiam morrer tranquilos nas suas herdades e repousar no sítio onde os seus pais e avós haviam encontrado o derradeiro asilo.

Após o enterro de Daria, a casa dos Melekhov tornou-se ainda mais silenciosa. Recolheu-se o trigo, este foi malhado, fez-se uma bela colheita de melões. Estava-se à espera de notícias de Grigóri, pois nada mais se soubera a seu respeito desde que partira. Ilínitchna dizia muitas vezes: “Nem ao menos manda lembranças para os filhos, o miserável. A mulher morreu, e nós para ele não somos nada...” Depois começaram a aparecer cada vez com mais frequência, em Tatárski, homens fardados. Corria o boato de que os cossacos haviam sido derrotados na frente de Balachov e que recuavam para o Don, a fim de resistirem aí durante o Inverno, utilizando o obstáculo natural do rio. Acerca do que se passaria nesse Inverno, os homens da frente eram os primeiros a declarar abertamente: “Assim que o Don ficar gelado, os vermelhos empurram-nos até ao mar.”

Pantelei Prokófievitch trabalhava com afinco na malha do trigo e parecia não ligar importância ao que se dizia, mas não podia manter-se indiferente aos acontecimentos. Sucedia-lhe gritar frequentemente com Duniachka e Ilínitchna, e fez-se ainda mais irascível quando soube que a frente se aproximava.

Muitas vezes, ao consertar qualquer alfaia da herdade, se as coisas não lhe calhavam bem, largava tudo, furioso, cuspiam no chão, praguejava e refugiava-se na eira para acalmar um pouco. Duniachka foi por mais de uma vez testemunha desses acessos de furor. Um dia, quando começava a reparar a canga, o trabalho correu-lhe mal. O velho pegou no machado e, com a fúria, fez a canga em cavacos. Alguns dias mais tarde a coleira dos bois teve a mesma sorte. Foi à noite, à luz do candeeiro. Pantelei Prokófievitch tinha torcido um fio de sapateiro e começara a coser a coleira. Seria que o fio estava podre? Ou o velho demasiado nervoso? O certo é que o fio partiu-se duas vezes de seguida. Foi o bastante:

Pantelei Prokófievitch deu um salto, praguejando horrivelmente, deitou o banco por terra, atirou com ele na direcção do lume com um pontapé e, a uivar como um cão, desatou a rasgar o coiro à dentada. Em seguida, atirou com a coleira ao chão e pôs-se a espezinhá-la, pulando como um galo. Ilínitchna, que fora cedo para a cama. Levantou-se, assarapantada com o barulho e, ao ver do que se tratava, não pôde deixar de censurar asperamente o velho:

- Estarás a enlouquecer, maldito, com essa idade? Que mal te fez a coleira?

Pantelei Prokófievitch fitou a mulher com os olhos esgazeados e berrou:

- Cala-te, estupor!

Agarrou num bocado da coleira e atirou-a à velha. A rir como uma maluca, Duniachka fugiu para o vestíbulo. O velho praguejou ainda um bocado, depois, acalmando, pediu perdão à (mulher pelas palavras duras que lhe dirigira, e ficou-se durante muito tempo a coçar a nuca, enquanto se lamentava em frente das ruínas da infeliz coleira, perguntando a si próprio que serventia lhes poderia dar. Estes acessos de fúria repetiam-se muitas vezes, porém Ilínitchna, instruída por uma amarga experiência, adoptara nova táctica.

Assim que Pantelei Prokófievitch começava a destruir qualquer coisa, dizia-lhe humildemente, mas numa voz bastante forte: “Anda, Prokófievitch! Parte para a frente! Estamos mesmo em condições de comprar novo!” Fingia até tomar parte no massacre. Então Pantelei Prokófievitch acalmava-se de repente, fitava a mulher durante um minuto com um olhar vago, depois procurava nos bolsos com as mãos trémulas, tirava a bolsa do tabaco e sentava-se à parte, durante uns momentos, a fumar e a acalmar os nervos, maldizendo lá no íntimo o seu mau génio, enquanto deitava contas ao prejuízo.

Um leitãozinho de três meses, que se metera num canteiro, foi vítima de um desses acessos de cólera. Pantelei Prokófievitch partiu-lhe a espinha com uma picareta. Dali a cinco minutos, enquanto raspava com um prego as cerdas do animal, dizia num tom arrependido, a lançar olhares amáveis para o rosto carrancudo de Ilínitchna:

- Este porquinho... era uma catástrofe! De qualquer maneira estava condenado. Nesta idade apanham todos a moléstia. Assim, ao menos, sempre se come, aproveita-se, não é, velhota? Que tens tu para me olhares com essa cara de semana? Maldito, três vezes maldito seja ele! Se ao menos se tratasse de um porco a valer, mas é um esqueleto! Nem era preciso dar-lhe com a picareta, ele acabava por morrer com o mormo. É mau como o diabo, ainda por cima. Desenterrou-me quarenta batateiras!

- O canteiro nem chegava a ter trinta - disse calmamente Ilínitchna.

- Pois sim, mas se fossem quarenta ele estragava-as à mesma. Graças a Deus, ficamos livres dele - replicou sem hesitar Pantelei Prokófievitch.

As crianças andavam tristes depois da partida do pai.

Ilínitchna, ocupada com os trabalhos da casa, não podia dar-lhes suficiente atenção. Entregues a si mesmos, passavam dias inteiros a brincar no quintal ou na eira. Um dia, depois do almoço, Michatka desapareceu, só voltando ao pôr do sol. Ilínitchna perguntou-lhe onde estivera, e Michatka respondeu que andara a brincar com outros meninos perto do Don, mas Poliúchka desmascarou-o logo:

- Ele mente, avó. Esteve em casa da tia Akcínia!

- Como é que sabes? - perguntou Ilínitchna, surpreendida e descontente.

- Vi-o furar pela cerca do pátio dos Astakhovs.

- É certo teres lá estado? Anda, diz, porque te fizeste tão vermelho?

Michatka fitou a avó nos olhos e respondeu:

- Eu menti, avó... Não fui ao rio, estive em casa da tia Akcínia.

- Que foste lá fazer?

- Ela chamou-me e eu fui.

- E porque mentiste, dizendo que tinhas ido brincar com os outros meninos?

Michatka baixou a cabeça um momento, mas logo ergueu o seu olhar franco, murmurando:

- Tive medo que me ralhasses...

- E porque havia eu de te ralhar? Não... Mas que te queria ela? Que estiveste lá a fazer?

- Nada. Ela viu-me e gritou: “Anda cá, vem visitar-me!” Então eu fui, ela levou-me para casa e sentou-me numa cadeira...

- E depois? - interrogou com impaciência Ilínitchna, a esconder a sua preocupação.

- Deu-me a comer filhós frias e isto...

Michatka tirou do bolso um bocado de açúcar, que mostrou com orgulho, voltando-o a guardar.

- Que te disse ela? Fez-te perguntas, com certeza.

- Pediu-me para a visitar porque se aborrecia muito sozinha e prometeu dar-me coisas boas. Pediu também para não dizer que lá tinha estado. “Se o disseres, a tua avó ralha contigo”, avisou ela.

- Ah, com que então ela disse isso! - exclamou Ilínitchna, a rebentar de indignação.- E depois? Fez-te perguntas?

- Fez.

- Acerca de quê? Que te perguntou ela? - Responde, meu queridinho, não tenhas medo.

- Perguntou se eu tinha saudades do meu paizinho. Eu disse que sim. Perguntou ainda quando é que ele voltava e se tínhamos notícias dele. Eu respondi que não sabia, que ele andava na guerra. Depois sentou-me no colo e contou-me uma história.

Michatka, com os olhos a brilharem de entusiasmo, sorria:

- Uma linda história. A história de Vaniúchka, quando os cisnes a levaram nas suas asas, e também a história de Babaniaga.

Ilínitchna escutava, de lábios cerrados, a confissão de Michatka. E declarou severamente:

- Não voltes a casa dela, meu filho. Não tornes a fazer isso. Se o teu avô sabe dá-te vergastadas. Deus queira que ele -nunca o venha a saber, tirava-te a pele. Não voltes lá, meu querido!

Apesar desta proibição severa, Michatka voltou dali a dois dias a casa dos Astakhovs. Ilínitchna ficou a sabê-lo mal deu com os olhos na camisa do neto: a manga rota que ela não tivera tempo de remendar de manhã estava cosida e no colar brilhava um botão novo. Sabendo que Duniachka, ocupada com a malha do trigo, não pudera ocupar-se durante o dia das roupas das crianças, Ilínitchna perguntou ao pequeno num tom de censura:

- Voltaste a casa dos vizinhos?

- Voltei... - respondeu Michatka, atrapalhado. E acrescentou logo: - Mas não voltarei lá, avó, não ralhes comigo...

Ilínitchna resolveu então ir falar com Akcínia, pedir-lhe para deixar Michatka em paz, não tentando conquistar-lhe a estima por meio de presentes e de histórias. “Foi aquela maldita que matou a Natalia e agora quer insinuar-se junto das crianças, servir-se delas para enfeitiçar o Grigóri. Que víbora! Pretende tornar-se minha nora com o marido ainda vivo... Mas isso nunca ela conseguirá. Como se fosse possível o Grichka querer alguma coisa dela depois de semelhante pecado!” pensava.

O seu olhar de mãe, atento e cioso, não deixara de notar que Grigóri evitara encontrar-se com Akcínia durante a sua estadia em casa. Compreendia que isso não se devia ao facto de reear os comentários das vizinhas, mas sim porque considerava Akcínia culpada da morte da mulher. Ilínitchna esperava secretamente que o suicídio de Natalia viesse a afastar definitivamente Grigóri de Akcínia, de forma que esta nunca viesse a entrar para a família.

Nessa mesma tarde, avistou Akcínia à beira do Don. Chamou-a:

- Vem cá, preciso de te falar...

Akcínia, poisando os baldes, aproximou-se calmamente.

Cumprimentou Ilínitchna.

- Escuta, menina começou Ilínitchna, fitando o belo rosto da vizinha que detestava , porque procuras tu seduzir os filhos dos outros? Que pretendes deles, chamando-os para tua casa e dando-lhes guloseimas? Quem te mandou remendar-lhe a camisa e oferecer-lhe toda a espécie de presentes? Que imaginas tu? Que os outros não podem passar sem ti? Não tens vergonha nessa cara?

- Mas eu não fiz mal nenhum! Porque me insultas, tiazinha? - respondeu Akcínia muito vermelha.

- Como, não fizeste mal nenhum? Achas que tens o direito de tocar no filho da Natalia, quando foste tu que a empurraste para a sepultura?

-Que está para aí a dizer, tiazinha? Deus lhe perdoe! Quem é que a empurrou para a sepultura! Ela fez aquilo porque quis.

- E não foi por tua causa?

- Isso, não sei.

- Mas sei eu! exclamou Ilínitchna, indignada.

- Não grite, tiazinha. Não sou sua nora para poder ralar comigo assim. Para isso lá está o meu marido.

- Bem sei o que tu queres! Estou a ver o que tu tens dentro dessa cabeça! Não és minha nora, mas estás morta por vir a sê-lo. Primeiro seduzias as crianças para chegares até junto de Grigóri

- Nunca pensei em ser sua nora. Deves estar louca, tiazinha.

- O meu marido ainda não morreu.

- Pois é isso mesmo. Ainda não morreu, mas tu já queres agarrar outro.

Akcínia, empalidecendo muito, disse

- Não sei que mosca lhe mordeu para me cair em cima desta maneira a dizer disparates. Eu não agarrei ninguém nem faço tentações de agarrar. Se dei guloseimas ao seu neto, que mal tem isso? Não tenho filhos, sabe-o muito bem, e gosto de ver os filhos dos outros, sinto-me feliz junto deles, foi por isso que chamei o pequeno para minha casa E que grandes presentes lhe dei Um bocado de açúcar. Chama a isso um presente? Porque faço eu isso? A senhora não sabe o que diz.

- Quando a mãe dele era viva não o chamavas tu lá para casa, não. Só depois que ela morreu começaste a querer-lhe bem .

- Ele já me visitava ainda em vida da Natalia - declarou Akcínia com um sorriso ténue.

- Não mintas, desavergonhada!

- Pergunte-lho, e depois diga se estou a mentir.

- Quer seja verdade quer não, proíbo-te de voltares a chamar o menino para tua casa.

E não penses que o Grigóri te aprecia mais por causa disso. Nunca serás a mulher dele, fica sabendo!

Com o rosto alterado pela cólera, Akcínia disse numa voz rouca:

- Cala-te! Ele não te vai pedir licença para isso! Não te metas na vida dos outros!

Ilínitchna queria ainda dizer qualquer coisa, mas Akcínia, voltando-lhe as costas, pegou nos baldes, pôs a vara ao ombro e desatou a andar pelo carreiro acima, entornando água pelo caminho.

Desse dia em diante não voltou a dar os bons-dias a ninguém da família dos Melekhovs. Passava, orgulhosa como o Diabo, de narinas dilatadas. Mas, ao avistar Michatka, olhava em volta com receio e, no caso de não haver por ali ninguém, corria para ele, apertava-o ao peito, beijava-lhe as faces queimadas, os olhos negros e atrevidos dos Melekhovs, murmurando palavras desconexas, a rir e a chorar ao mesmo tempo: “Meu pequeno Grigórievitch! Meu queridinho! Que saudades eu tinha de ti! Ah, que estúpida que é a tia Akcínia! É muito estúpida!”

Ficava a bailar-lhe nos lábios um sorriso trémulo e os seus olhos brilhavam de felicidade, como os de uma rapariga.

Nos fins do mês de Agosto, Pantelei Prokófievitch foi mobilizado. Todos os cossacos capazes de pegarem em armas deixaram Tatárski ao mesmo tempo que ele. Na aldeia só ficaram os inválidos, os adolescentes e os homens de muita idade. Foi uma mobilização em massa e as comissões médicas só concediam reforma aos que sofriam de doença indiscutível.

Quando Pantelei Prokófievitch recebeu do atamane a ordem de se apresentar no ponto de reunião, despediu-se rapidamente da mulher, de Duniachka e das crianças, ajoelhou-se a gemer e prosternou-se duas vezes diante dos ícones, dizendo enquanto se persignava:

- Adeus, meus bem-amados. Pelos vistos não nos tornaremos a encontrar. Deve ter chegado a minha derradeira hora.

A ordem que vos deixo é a seguinte: malhem o trigo dia e noite, tentem acabar o trabalho antes das chuvas... Se for preciso contratem um homem para vos ajudar. Se eu não estiver de volta no Outono, arranjem-se sem mim. Façam as lavras do Outono enquanto tiverem forças, semeiem pelo menos uma deciatina de centeio. Tu, velha, faz a tua

obrigação, não te deixes ficar de braços caídos. Quer regressemos quer não, eu e o Grigóri, vocês vão ter cada vez mais necessidade de pão.

A guerra é a guerra, mas sem pão a vida não tem graça nenhuma.

- Vamos, que Deus vos guarde!

Ilínitchna foi acompanhar o seu homem até à praça e viu-o pela última vez a manquitar ao lado de Khrisstónia, atrás de uma carroça. Depois, a limpar os olhos inflamados ao avental, voltou para casa sem se virar para trás. Aguardava-a na eira um monte de trigo para malhar, tinha leite no forno, as crianças estavam sem comer desde manhã. Não faltavam cuidados à velha, por isso caminhava depressa, sem parar, cumprimentava em silêncio as mulheres que encontrava, não se deixando levar em conversas, e contentava-se em responder com um aceno de cabeça afirmativo quando alguma pessoa conhecida lhe perguntava em tom compadecido: “Vens de acompanhar o teu cossaco, não é verdade?”

Alguns dias depois, de madrugada, quando acabava de tirar o leite às vacas e de as soltar para a viela, preparando-se para entrar no pátio, chegou-lhe aos ouvidos um ribombar pesado e surdo. Olhou em redor e não avistou uma única nuvem no céu. Pouco depois, o ruído repetia-se.

- Estás a ouvir aquela música, tiazinha? - perguntou-lhe um velho pastor que tocava o seu rebanho.

- Qual música?

- Aquela que só dá notas baixas.

- Ouvir, oiço eu, mas não sei do que se trata.

- Não tarda que venhas a saber. Quando começarem a bombardear a nossa aldeia do outro lado do rio percebes logo.

- É o canhão. Estão a estripar os nossos velhos...

Ilínitchna, persignando-se, entrou no pátio sem responder.

O canhoneio durou quatro dias. Ouvia-se sobretudo de madrugada. Porém, quando o vento soprava de Nordeste, a tempestade dos combates longínquos soava pelo dia adiante.

Nas eiras, o trabalho interrompia-se um minuto, as mulheres persignavam-se, suspirando tristemente a pensarem nos seus homens, e murmuravam uma oração, depois os cilindros de pedra voltavam a rugir, as crianças estimulavam de novo os cavalos e os bois, as tararas recommçavam o chinfrim, o trabalho retomava os seus direitos. Aquele fim de Agosto estava belo e maravilhosamente seco. O vento fazia voar a moinha através da aldeia, o ar achava-se impregnado de um perfume suave a centeio malhado, o sol brilhava

implacavelmente, mas tudo anunciava já a aproximação do Outono. O absinto descorado tornara-se branco nos prados; na outra margem do Don, as copas dos choupos começavam a amarelar; o cheiro às maçãs tornava-se mais forte nos quintais; os longínquos horizontes mostravam-se mais nus; surgiam os primeiros bandos de gralhas nos campos desertos.

Todos os dias rolavam comboios que vinham do Oeste pela estrada dos hetmans, transportando munições para os pontos de passagem do Don. Apareceram os primeiros refugiados nas ladeiras ribeirinhas. Contavam que os cossacos batiam em retirada sempre a combater. Alguns afirmavam que esse recuo, premeditado, tinha o objectivo de atrair os vermelhos a uma cilada para em seguida os cercarem e aniquilarem. Alguns habitantes de Tatársski começavam em segredo a preparar-se para partida, aumentavam a ração dos bois e dos cavalos, enterravam de noite o trigo, as arcas e os objectos mais valiosos. O canhoneio, que se interrompera durante algum tempo, recomeçara a 5 de Setembro com renovada força. Era agora mais distinto e mais ameaçador. Os combates travavam-se a umas quarenta verstás a nordeste de Tatársski. No dia seguinte, o canhão principiou a troar a montante, lá para Oeste. A frente aproximava-se irresistivelmente do Don.

Ilínitchna, sabendo que a maior parte dos habitantes da aldeia se preparavam para partir, propôs a Duniachka que seguisse a retirada. Sentia-se confusa e perplexa, sem saber que destino dar à quinta e à casa: deveria abandonar tudo e seguir com os outros ou ficar ali? Antes de partir para a frente, Pantelei Prokófievitch falara em malhar o trigo, lembrara as sementeiras do Outono, os animais que era preciso tratar, mas nada dissera do que se deveria fazer se a frente se aproximasse de Tatársski. À cautela, Ilínitchna decidiu mandar Duniachka e as crianças para a retaguarda, na companhia de qualquer pessoa da aldeia, levando os objectos mais valiosos; quanto a ela, ficaria, mesmo que os vermelhos ocupassem a aldeia.

Na noite de 16 para 17 de Setembro, Pantelei Prokófievitch regressou inesperadamente a casa. Vinha a pé desde a stanitsa de Kazánskkaia, extenuado e furioso. Depois de repousar meia hora, sentou-se à mesa e comeu como Ilínitchna nunca o vira comer. Engoliu meia panela de sopa de couves cozidas, depois atirou-se à kacha de milho. Ilínitchna juntava as mãos de espanto:

- Meu Deus, Prokófievitch! Parece que não comias há três dias!

- E julgas que não é verdade, velha tonta? Há precisamente três dias que não provo uma migalha.

- O quê? Então lá não vos dão de comer?

- Só queria que o diabo os alimentasse com aquilo que eles lá nos dão! respondeu Pantelei Prokófievitch com a boca cheia, a ronronar como um gato. Por lá, cada um come

aquilo a que pode deitar a mão, mas eu cá ainda não consegui habituar-me a roubar. Isso é bom para os novos que não têm nem sequer dez réis de consciência... Nesta maldita guerra tornaram-se todos gatunos encartados e isso assustava-me; assustava-me até ao dia em que comecei a habituar-me. Aquilo é olho vê, pé vai, mão tira... Isto deixou de ser uma guerra, é um Calvário!

- Fizeste mal em comer tanto de uma só vez. Pode fazer-te mal. Olhem só para ele, tão inchado que até parece uma aranha.

- Cala-te! Vai-me buscar leite. Uma grande malga -, Ilínitchna não podia conter as lágrimas ao ver o seu velho tão esfomeado.

- Então regressaste de todo? inquiriu ela quando o homem acabou de comer a kacha.

- Vamos ver... - respondeu ele evasivamente.

- Mandaram embora os velhos?

- Não mandaram embora ninguém. Não podem fazer uma coisa dessas no momento em que os vermelhos estão a chegar ao Don! Eu vim-me embora por minha conta.

- Mas não terás de responder por isso? - perguntou Ilínitchna assustada.

- Se me apanharem, talvez.

- Então vais esconder-te?

- Julgas que vou meter-me por aí na paródia ou fazer visitas? Pfff! Velha idiota!

Pantelei Prokófievitch cuspiu com fúria, mas a mulher não se deu por vencida:

- Oh, que asneira! Isso vai acarretar-nos ainda mais desgraças!

- Serás perseguido...

- Pois então fica sabendo uma coisa! Prefiro que me apanhem e me metam na cadeia a andar a arrastar-me pela estepe com a espingarda às costas - declarou Pantelei Prokófievitch numa voz cansada. - Já não tenho idade para fazer quarenta versts por dia, andar a cavar trincheiras, correr ao ataque, rastejar pelo chão a fugir das balas. Essas, às vezes, não se lhes escapa. Tive um camarada de Krivaia Retchka que apanhou uma debaixo da omoplata esquerda e nunca mais se mexeu. A vida militar não é nenhuma brincadeira.

O velho foi esconder a espingarda e a cartucheira dentro do palheiro, mas, quando Ilínitchna lhe perguntou onde estava o capote, ele retorquiu, num tom reticente e macambúzio:

- Vendi-o. Ou antes, abandonei-o. Cercaram-nos tão de perto, em Chumílinsskaia, que largamos tudo e corremos como loucos. Nem sequer tive cabeça para pensar no capote... Alguns tinham peliças curtas e também as deixaram ficar por lá... Mas, Santo Deus! Que querias tu fazer do meu capote? Porque me perguntas por ele? Ainda se prestasse para alguma coisa, mas um trapo...

Na realidade o capote era novo e de boa fazenda, porém o velho negava qualquer valor àquilo que perdia. Adquirira o costume de fazer isso para se consolar. Ilínitchna bem o sabia, portanto absteve-se de falar mais no capote.

À noite decidiu-se em conselho de família que Ilínitchna e Pantelei Prokófievitch ficariam em casa enquanto pudessem a fim de protegerem os seus bens e enterrarem o trigo malhado, ao passo que Duniachka iria com a junta dos bois e com as arcas para casa de uns parentes que tinham no Tchir, em Latichev.

Este projecto não viria a cumprir-se inteiramente. Duniachka partiu, efectivamente, pela manhã, mas ao meio-dia chegava a Tatársski um destacamento punitivo de cossacos Kalmuks de Salsk. Alguém da aldeia devia ter visto Pantelei Prokófievitch a esgueirar-se para dentro de casa, porque uma hora depois da chegada do destacamento punitivo entravam quatro Kalmuks a galope na herdade dos Melekhovs. Ao avistar os cavaleiros Pantelei Prokófievitch trepou para o sótão com uma agilidade espantosa. Ilínitchna foi ao encontro dos Kalmuks.

- Onde está o teu velho? -perguntou um kalmuk já de certa idade que trazia galões de sargento. Depois entrou na herdade sem se preocupar mais com Ilínitchna.

- Está na frente. Onde querias tu que estivesse? - respondeu agressivamente a velha.

- Deixa-me entrar em tua casa. Ando a passar revista.

- Em busca de quê?

- Do teu homem! Oh, que vergonha! Tão velha e a mentir dessa maneira! - declarou o belo kalmuk, abanando a cabeça em ar de censura, enquanto descobria uma fileira de dentes brancos e regulares.

- Escusas de mostrar os dentes, meu porcalhão! Se eu te digo que ele não está é porque não está mesmo!

- Basta de palavreado! Deixa-nos entrar em casa, senão fazemo-lo à força - disse com severidade o Kalmuk, enquanto caminhava, irritado, em direcção à escada, dando grandes passadas com as pernas tortas.

Percorreram cuidadosamente os quartos, trocando uns com os outros algumas palavras em Kalmuk, em seguida dois dos soldados foram inspeccionar as dependências do pátio enquanto outro, mais baixote, bexigoso e de nariz achatado, tão moreno que parecia quase preto, arregaçava as calças e entrava no vestíbulo. Através da porta entreaberta, Ilínitchna viu-o dar um salto e agarrar-se à trave, subindo depois agilmente para o sótão.

Dali a cinco minutos saltava de novo para o chão. Atrás dele descia com cautela Pantelei Prokófievitch, a resmungar, todo sujo de calça, com teias de aranha presas à barba. Olhou para a velha, que apertava muito os lábios, e disse

- Deram comigo, os malditos. Alguém me denunciou, com certeza...

Pantelei Prokófievitch foi conduzido sob escolta até à stanitsa de Karguínsskaia, sede do tribunal militar, Ilínitchna verteu algumas lágrimas, prestou atenção ao ruído do canhoneio que recomeçara e ao crepitar nitidamente perceptível das metralhadoras do outro lado do Don, depois foi até ao pátio a fim de esconder ao menos parte do trigo.

XXII

Havia quatro desertores à espera de julgamento. A justiça era rápida e impiedosa. O capitão, já muito idoso, que presidia às sessões, perguntava aos acusados o nome e apelido, a sua patente e a unidade a que pertenciam, informava-se do número de dias que o acusado andara fugido e, depois de trocar algumas palavras com os membros do tribunal um tenente maneta e um alferes de bigodanças e cara bolachuda, que engordara por não fazer nada proferia a sentença. A maior parte dos desertores eram condenados a levar vergastadas, castigo esse administrado pelos Kalmuks numa casa deserta, especialmente destinada a isso. Havia demasiados desertores no belicoso Exército do Don para que pudessem ser vergastados publicamente, como sucedera em 1918...

Pantelei Prokófievitch era o sexto. Pálido e emocionado, achava-se de pé em frente da mesa dos juízes, com a mão na costura das calças.

- O teu nome? - inquiriu o capitão sem fitar o acusado.

- Melekhov, Vossa Nobreza.

- O apelido e patronímico?

- Pantelei Prokófievitch, Vossa Nobreza.

O capitão, erguendo os olhos, observou fixamente o velho.

- Onde és tu?

- Da aldeia de Tatársski, stanitsa de Viochénskkaia, Vossa Nobreza.

- Não és pai do tenente Grigóri Melekhov?

- Exactamente, Vossa Nobreza, sou pai dele.

Pantelei Prokófievitch recobrou de súbito a coragem, afigurava-se-lhe que as vergastadas se afastavam do seu velho corpo.

- Escuta lá, como podes tu não ter vergonha? – declarou o capitão sem desviar os olhos penetrantes do rosto emagrecido de Pantelei Prokófievitch.

Então este, fugindo ao regulamento, levou a mão esquerda ao peito e disse numa voz chorosa:

- Escute Vossa Nobreza, meu capitão! Toda a minha vida hei-de pedir por vós a Deus. Não me mande vergastar. Tive dois filhos casados... Os vermelhos mataram-me o mais velho... Tenho netos! E serei vergastado, assim velho e decrépito?

- Nós também damos lições aos velhos para aprenderem o serviço. Julgavas que te íamos dar a cruz pelo facto de haveres desertado? interrompeu o tenente maneta, que tinha um tique ao canto da boca.

- Para que queria eu a cruz? Mandem-me de novo para a minha unidade e servirei lealmente... Nem sei o que me passou pela cabeça... Foi uma tentação do diabo...

Depois Pantelei Prokófievitch disse ainda algumas palavras incoerentes acerca do trigo que era preciso malhar, da sua perna coxa, da quinta abandonada. Porém o capitão mandou-o calar com um gesto, curvou-se para o sargento e falou-lhe muito tempo ao ouvido. O sargento fez que sim com a cabeça e o capitão voltou-se de novo para Pantelei Prokófievitch:

- Bem, já não tens mais nada a dizer? Conheço o teu filho e muito me espanta que ele tenha um tal pai. Quando abandonaste a tua unidade? Há oito dias? Queres então que os vermelhos ocupem a tua aldeia e vos esfolem vivos? É esse o exemplo que dás aos jovens cossacos? A lei manda que te castigemos condenando-te a uma pena corporal, mas em atenção à patente do teu filho poupo-te a essa vergonha. Fizeste o teu serviço militar?

- Fiz, sim, Vossa Nobreza.

- Que patente tinhas?

- Cabo, Vossa Nobreza.

- Vais baixar de posto.

E o capitão tratava-o por tu e, erguendo a voz, disse severamente:

- Vais regressar imediatamente à tua unidade. Dirás ao teu chefe de esquadrão que, por ordem do tribunal militar, foste destituído da patente de cabo. Recebeste alguma condecoração nesta guerra ou nas anteriores?... Vamos, põe-te a andar!

Não cabendo em si de contente, Pantelei Prokófievitch saiu, persignou-se em frente da cúpula da igreja e seguiu em direcção da casa, através da colina. “Agora hei-de esconder-me doutra maneira! Podem correr tudo que não me encontrarão, nem que mandem três esquadrões de Kalmuks”, pensava ele, a manquitar por cima das ervas secas.

Na estepe, disse consigo que mais valia seguir pela estrada a fim de não chamar a atenção dos cavaleiros que passavam.

“Vão logo pensar que sou um desertor. Se topo algum mais zeloso, ainda apanho vergastadas sem julgamento”, raciocinava em voz alta, ao trocar a terra lavrada pelo caminho de Verão abandonado, coberto de grama; sem saber porquê, deixara de se considerar um desertor.

Quanto mais se aproximava do Don, mais carros de refugiados ia encontrando. Era a repetição do que sucedera na Primavera anterior, quando os insurrectos haviam batido em

retirada na margem esquerda do Don: vindos de todos os lados, avançavam na estepe carros e carroças carregadas de trastes domésticos, de mistura com animais, rebanhos de carneiros que faziam erguer nuvens de pó como se fossem regimentos de cavalaria... O chiar das rodas, o relinchar dos cavalos, os gritos dos homens, o tropear dos inúmeros cascos, tudo isso enchia a vastidão tranquila da estepe de um contínuo e inquietante rumor.

- Aonde vais tu, avozinho? Volta para trás. Os vermelhos vêm aí! - gritou do alto de uma charrette um cossaco desconhecido, de cabeça envolta em ligaduras.

Pantelei Prokófievitch parou, desorientado.

- Estás a mangar! Os vermelhos? Onde vêm eles?

- Estão na outra margem. E aproximam-se de Viochénskaja.

- Queres ir ao seu encontro, é isso?

Pantelei Prokófievitch passou adiante e seguiu o seu caminho. Chegou a Tatársski era já noite. Ao descer a colina, olhou atentamente para a aldeia, ficando surpreendido com o seu aspecto deserto. Ninguém nas ruas. As casas abandonadas, de postigos cerrados, estavam silenciosas. Não se ouvia qualquer voz humana ou de animal. No entanto, junto ao Don, algumas pessoas iam e vinham com animação. Ao aproximar-se, Pantelei Prokófievitch distinguiu sem dificuldade alguns cossacos armados que tiravam os barcos da água para os conduzirem à aldeia. Tatársski fora abandonada pelos habitantes, era evidente.

Penetrando com precaução na viela, o velho dirigiu-se à sua casa. Ilínitchna e as crianças encontravam-se na cozinha.

- Aqui está o avô! - gritou alegremente Michatka atirando-se-lhe ao pescoço.

Ilínitchna, chorando de alegria, disse através das lágrimas:

- Já não contava voltar a ver-te! Olha, Prokófievitch! Diz o que quiseres, mas vou-me embora! Podem queimar tudo. Já partiram quase todos, e então hei-de ficar de sentinela a uma casa vazia, com as crianças, a fazer de parva? Atrela a burra e vamos já embora daqui Soltaram-te?

- Pois.

- Para sempre?

- Até me apanharem outra vez...

- Nesse caso não é aqui que poderás esconder-te. Esta manhã, quando os vermelhos começaram a disparar do outro lado do rio, não calculas o medo que tivemos! Eu fiquei na cave com os meninos enquanto durou o tiroteio. Depois foram repelidos. Vieram cá os cossacos, pediram-me leite e aconselharam-me a partir.

- Não eram cossacos cá da terra, pois não? - inquiriu Pantelei Prokófievitch, enquanto examinava atentamente o buraco feito por uma bala no caixilho da janela.

- Não, eram de longe, de algures nas margens do Khopr.

- Nesse caso devemos ir embora - declarou Pantelei Prokófievitch, suspirando.

Ao cair da noite foi cavar um buraco na estrumeira, escondeu lá sete sacos de trigo, tapou-os cuidadosamente e amontoou-lhe por cima bosta seca. Assim que escureceu de todo, atrelou a égua à carroça, meteu lá duas peliças, um saco de farinha, milho, uma ovelha bem amarrada, prendeu atrás da carroça as duas vacas, instalou lá dentro Ilínitchna e as crianças. Disse:

- Agora vamos por conta de Deus!

Fez sair a carroça do pátio, entregou as rédeas à velha, fechou o portão e caminhou até ao outeiro ao lado da égua sempre a assoar-se e a enxugar as lágrimas à manga do blusão.

XXIII

A 17 de Setembro, as unidades do grupo de choque de Chorine, após uma marcha de trinta verstás, alcançaram o Don. No dia 18, logo pela manhã, as baterias vermelhas começaram a troar, desde a confluência do Medvéditza e do Don até à stanitsa de Kazánsskaia. Após uma breve preparação de artilharia, a infantaria ocupou as aldeias ribeirinhas e as stanitsas de Bukanóvsskaia, Elánsskaia, e Viochénsskaia. Nesse mesmo dia, a margem esquerda ficou limpa de brancos numa extensão de cento e cinquenta verstás. Os esquadrões cossacos bateram em retirada, passando o Don em boa ordem, e regressaram às posições já preparadas. Dispunham de todos os meios para atravessar o Don, porém os vermelhos estiveram prestes a apoderar-se da ponte de Viochénsskaia. Os cossacos tinham-na revestido de palha, regando com petróleo o tabuleiro de madeira, a fim de lhe lançarem fogo antes de se retirarem, e preparavam-se para o fazer, quando chegou um estafeta a galope, a anunciar que um dos esquadrões do 37.º Regimento, vindo da aldeia de Perevózini, estava prestes a chegar ao ponto da travessia.

O esquadrão retardatário alcançou a ponte a todo o galope no próprio momento em que a infantaria vermelha entrava na stanitsa. Os cossacos conseguiram atravessar a ponte sob o fogo das metralhadoras, incendiando-a depois da passagem, operação esta em que, entre mortos e feridos, perderam mais de dez homens e igual número de cavalos.

Até ao fim de Setembro, os regimentos da 22.^a e 23.^a Divisão do 9.º Exército vermelho mantiveram-se nas aldeias e stanitsas da margem esquerda. Os adversários encontravam-se separados pelo rio, cuja maior largura não excedia oitenta ságenas nesta altura do ano, e em certos sítios ficava mesmo reduzida a trinta. Os vermelhos não empreendiam qualquer tentativa enérgica no sentido de atravessarem para o outro lado; aqui e ali, experimentavam passar a vau, mas eram repelidos. Em toda a extensão da frente, nesse sector, houve tiroteio cerrado durante quinze dias e uma fuzilaria encarniçada.

Os cossacos, ocupando os outeiros que dominavam a região, dirigiam o seu fogo contra os grupos do inimigo concentrados nas margens do rio, impedindo-os assim de circular durante o dia; mas como os esquadrões cossacos desse mesmo sector eram compostos pelas unidades menos combativas (velhos e rapazes dos dezassete aos dezanove

anos), também estes não tentavam atravessar o Don para fazerem recuar os vermelhos, atacando-os na margem esquerda.

Depois de terem recuado para a margem direita, os cossacos esperavam logo no primeiro dia ver queimar de um momento para o outro as herdades das aldeias ocupadas pelos vermelhos, mas com grande espanto verificaram que nenhuma coluna de fumo surgia na margem esquerda. Mais ainda, os habitantes da margem que atravessavam o rio durante a noite, vinham contar que os vermelhos não tocavam em nada que pertencesse à população, antes pelo contrário, pagavam em boa moeda soviética e com generosidade tudo aquilo que consumiam, até as melancias e o leite. Isso causou a maior confusão e perplexidade entre os cossacos. Afigurava-se-lhes que, depois da insurreição, os vermelhos deviam incendiar de uma ponta à outra as aldeias e as stanitsas rebeldes; pensavam que os habitantes que haviam permanecido nas aldeias, pelo menos os homens, fossem exterminados impiedosamente; porém informações fidedignas atestavam que os vermelhos deixavam em repouso os habitantes pacíficos e tudo levava a crer que não pensavam em vingar-se.

Na noite de 18 para 19 os cossacos do Khopr, instalados em frente de Vióchénsskaia, resolveram informar-se acerca daquele estranho comportamento do adversário. Um cossaco, senhor de uma voz muito forte, pôs as mãos em concha e gritou:

- Eh! Barrigas vermelhas! Porque é que vocês não queimam as nossas casas? Não têm fósforos? Venham cá pedi-los!

Respondeu-lhe uma voz no escuro:

- Se vos tivéssemos apanhado aqui, tê-los-íamos queimado a vocês juntamente com as casas.

- Estão assim tão pobrezinhos? Nem sequer têm com que acender o lume? - repetiu o homem do Khopr num tom trocista.

A outra voz respondeu-lhe, tranquila e divertida:

- Vem a nado até cá, minha puta branca! Pegamos-te fogo ao cu, que hás-de andar a coçar-te toda a vida!

Os dois postos, depois de se injuriarem durante muito tempo, trocavam meia dúzia de tiros e acalmavam.

Nos primeiros dias de Outubro, o grosso das forças do Exército do Don, isto é, dois corpos de exército concentrados no sector de Kazanskaia-Pavlovsk, passou à ofensiva.

O 3.º Corpo do Exército do Don, que contava oito mil soldados de infantaria e mais de seis mil cavaleiros, forçou a passagem do Don perto de Pavlovsk, repeliu a 56.ª Divisão vermelha e encetou um avanço vitorioso para Leste. O 2.º Corpo do Exército de

Konovailov passou o Don logo a seguir. A predominância da cavalaria permitia-lhe internar-se profundamente no dispositivo do inimigo e vibrar-lhe diversos golpes importantes. Lançada na batalha, a 21.^a Divisão vermelha de atiradores, que até ali estivera de reserva, conseguiu retardar algum tempo o 3.^o Corpo do Don, mas teve de bater em retirada sob a pressão dos corpos de exército cossacos que se haviam reunido.

A 14 de Outubro, o 2.^o Corpo cossaco esmagava e aniquilava quase por completo a 14.^a Divisão vermelha de atiradores.

No espaço de uma semana, na margem esquerda do Don, os vermelhos foram repelidos até à stanitsa de Viochénskkaia. Tendo ocupado essa vasta testa de ponte, os cossacos repeliram O 9.^o Exército vermelho até à linha Luzévo-Chirínkine-Voróbiovka, obrigando a 23.^a Divisão do 9.^o Exército a refazer a toda a pressa a frente no sector Oeste, entre Viochénskkaia e a aldeia de Kruglóvski.

Mais ou menos nessa altura, o 2.^o Corpo de exército do general Konovailov e o 1.^o Corpo do Don forçavam a passagem do rio nesse sector.

As 22.^a e 23.^a Divisões vermelhas, colocadas na ala esquerda, encontravam-se ameaçadas de cerco. Por isso o comandante da frente Sudeste ordenou ao 9.^o Exército que recuasse sobre uma frente que partia da embocadura do rio Ikorets, seguindo uma linha que passava por Buturlinovka-Uspenskkaia-Tichanskkaia-Kumiljenskkaia. Porém a 9.^a Divisão não conseguiu manter-se nessa linha. Os esquadrões cossacos, numerosos e heterogêneos, recrutados pela mobilização geral, passaram para a margem esquerda, juntaram-se às tropas regulares do 2.^o Corpo do Exército cossaco e continuaram a repelir impetuosamente os vermelhos para o Norte. Entre 24 e 29 de Outubro, os brancos ocuparam as estações de Filónovo e Povórino e a cidade de Novokhoprsk. Mas por muito consideráveis que fossem os êxitos do Exército do Don nesse mês de Outubro, os cossacos não possuíam já aquela mesma segurança que lhes dera asas na Primavera anterior, por ocasião do movimento vitorioso que haviam efectuado nas fronteiras setentrionais da região. A maior parte dos veteranos de 1914 compreendiam que este êxito era temporário e que não poderiam aguentar-se senão até ao Inverno.

Não tardou que a situação na frente Sul se modificasse de repente. A derrota do Exército Voluntário na batalha geral na frente de Ore-Kromy e os brilhantes feitos da cavalaria de Budionny no sector de Vorónej decidiram o resultado da luta; em Novembro, o Exército Voluntário seguia para o Sul, descobrindo o flanco esquerdo do Exército do Don, e arrastou este na sua retirada.

XXIV

Pantelei Prokófievitch e a família passaram duas semanas e meia sem história na aldeia de Latichev. Porém, assim que ouviu dizer que os vermelhos se tinham retirado do Don, o velho preparou-se para regressar a casa. A cinco verstás da aldeia desceu da carroça com ar resoluto, dizendo:

- Não tenho paciência para continuar a passo. Por causa destas malditas vacas é que não podemos seguir a trote. Diabos me levem se tinha necessidade de as ter trazido! Duniachka! Faz parar os bois! Prende as vacas à tua carroça. Eu cá sigo a trote até casa. Talvez só vá encontrar as cinzas dela...

Devorado pela impaciência, mudou os netos da sua carroça para a de Duniachka, que era mais ampla, transladou também para lá o excesso de carga e, assim aliviado, obrigou a égua a trotar ruidosamente pela estrada esburacada. Logo à primeira verstá o animal ficou coberto de suor; nunca o dono a tratara de maneira tão impiedosa: não largava o chicote, incitava-a sem descanso.

- Vais matar essa égua! Que diabo tens tu para galopar assim como um possesso? - exclamava Ilínitchna, dolorosamente sacudida pelos solavancos, agarrando-se às bordas da carroça.

- De qualquer maneira não é ela que irá chorar sobre a minha sepultura... Anda! Maldita! Estás alagada em suor... Talvez vamos encontrar apenas os escombros da nossa casa - murmurava Pantelei Prokófievitch entre dentes.

Os seus terrores não se confirmaram: a casa estava de pé, mas com os vidros quase todos partidos, a porta arrancada dos gonzos, as paredes crivadas de balas. Toda a herdade era um espelho de solidão e abandono. Um canto da estrebaria fora totalmente arrancado por um obus, outro cavara um profundo buraco junto ao poço, destruíra o abrigo deste e levava o sarilho de tirar água. A guerra, da qual Pantelei Prokófievitch fugira, viera até à sua casa, deixando nela odiosos vestígios de destruição. Os desgastes mais sérios, porém, haviam sido feitos pelos cossacos do Khopr aboletados na aldeia: tinham derrubado a cerca do gado e cavado fundas trincheiras, da altura de um homem; para pouparem trabalho haviam desfeito as paredes do celeiro e aproveitado as traves para fazerem de escoras; via-se uma seteira aberta à metralhadora no muro de pedra; na estrebaria, havia uma meda de

feno espezinhada pelos cavalos; a madeira das cercas fora queimada e a cozinha de Verão estava um nojo...

Depois de examinar a casa e as dependências, Pantelei Prokófievitch apertou a cabeça nas mãos. Desta vez esqueceu o velho hábito de depreciar tudo aquilo que perdera. Que diabo! Era impossível dizer que os seus antigos bens nada valiam e só prestavam para deitar fora! Uma granja não é um capote, custara muito a construir.

- É como se nunca tivéssemos possuído uma granja! - dizia Ilínitchna suspirando.

- Por aquilo que ela valia... - respondeu vivamente Pantelei Prokófievitch. Mas não acabou a frase. Fazendo um gesto de desespero, foi até à eira.

As paredes da casa, bexigasas, mutiladas pelas balas e pelos estilhaços de obus, apresentavam um ar sinistro e desolado. O vento assobiava em todos os compartimentos, uma espessa camada de pó cobria as mesas e os bancos... Era preciso muito tempo para reparar tudo aquilo.

No dia seguinte ao regresso, Pantelei Prokófievitch dirigiu-se a cavalo à stanitsa e obteve não sem dificuldade do seu amigo oficial de saúde um certificado atestando que o cossaco Melekhov, em virtude da sua perna doente, era incapaz de fazer marchas e necessitava de tratamento. Esse atestado evitou que o mandassem para a frente. Apresentou-o ao atamane e, todas as vezes que ia à administração da aldeia, apoiando-se ostensivamente numa bengala, manquitava ora de uma perna, ora da outra.

Nunca a vida em Tatársski fora tão agitada e absurda como depois daquela retirada. As pessoas andavam de herdade em herdade a fim de reconhecerem os objectos rapinados pelos soldados do Khopr e percorriam as ravinas em busca das vacas fugidas, às manadas. Um rebanho de trezentos carneiros do cimo da aldeia desaparecera logo no primeiro dia de bombardeamentos em Tatársski. No dizer do pastor, rebentara um obus à frente dos animais na pastagem e estes, aterrorizados, tinham fugido para a estepe, agitando as caudas volumosas. Encontraram-nos a quarenta verstás da aldeia, em território da stanitsa de Elánsskaia, oito dias depois do regresso dos habitantes. Mas, ao examinarem o rebanho, verificaram que a maior parte dos carneiros vinha de longe e trazia uma marca desconhecida nas orelhas; quanto aos da terra, haviam desaparecido mais de cinquenta. A máquina de costura dos Bogatíriov encontrava-se no pomar dos Melekhovs, e Pantelei Prokófievitch foi achar o tecto de zinco da sua granja na eira de Anikuchka. O mesmo sucedia nas aldeias vizinhas. Durante muito tempo, os habitantes das aldeias ribeirinhas viriam procurar os seus pertences a Tatársski. E durante mais tempo ainda as pessoas diriam quando se encontravam: “Não viste por aí uma vaca russa com uma estrela na testa

e o corno direito partido?” Ou então: “Estará por acaso em vossa casa uma vitela castanha?”

Mais do que uma vitela, decerto, sumira-se nas marmitas das cozinhas rolantes dos esquadrões cossacos; os seus donos, porém, iludidos pela esperança, percorreram a estepe durante muito tempo, até se convencerem de que nunca mais recuperariam o perdido.

Uma vez dispensado do serviço militar, Pantelei Prokófievitch entregou-se com afinco ao trabalho de reparar as vedações. Na eira, aguardava-o um monte de trigo por malhar, minado pelos ratos vorazes, mas o velho não se resolvia a encetar a faina. Como é que se podia começar a malhar quando o pátio não tinha cerca em volta, a granja não existia e toda a herdade oferecia o aspecto desolador da ruína total? De resto, o Outono estava lindo e não era preciso ninguém apressar-se a malhar o trigo.

Ilínitchna e Duniachka caíram as paredes de branco e ajudaram com todas as suas forças Pantelei Prokófievitch a fazer uma vedação provisória, bem como noutros trabalhos.

Conseguiram com grande custo arranjar vidros, colocaram-nos nas janelas, limparam a cozinha e o poço. O velho desceu ele próprio lá ao fundo e foi sem dúvida aí que apanhou um resfriamento; durante uma semana tossiu e espirrou e a sua camisa estava sempre ensopada em suor. Mas bastou-lhe emborcar duas garrafas de aguardente e passar uns dias deitado junto ao lume para se restabelecer por completo.

Continuavam sem notícias de Grigóri. Só no fim de Outubro é que, por acaso, Pantelei Prokófievitch soube, através de um ferido de passagem na aldeia, que Grigóri se encontrava de perfeita saúde e estava com o regimento algures no distrito de Vorónej. Esta notícia deu-lhe uma grande alegria e bebeu então a última garrafa de aguardente curativa misturada com pimentas vermelhas. Depois, altivo como um galo, passeou um dia inteiro pela herdade, dizendo a quem queria ouvi-lo:

- Não sabes a novidade? O nosso Grigóri foi um dos que tomou Vorónej. Parece que o promoveram novamente e está a comandar outra vez uma divisão, ou talvez até um corpo de exército. Digam-me onde se encontram combatentes como ele! Mas vocês já deviam sabê-lo...

O velho inventava, levado pelo desejo de fazer partilhar a sua alegria e também para se dar ares.

- O teu filho é um herói - respondiam as pessoas da aldeia.

Pantelei Prokófievitch piscava o olho com ares satisfeitos:

- Tem a quem sair! Quando eu era novo, não o digo para me gabar, não valia menos do que ele. Se não fosse esta perna marota, poderia ter conservado o meu posto. E mesmo assim... Uma divisão não digo, mas era muito capaz de comandar um esquadrão. Se nós, os

velhos, estivéssemos em maior número na frente, há muito que Moscovo teria sido tomada. Ao passo que eles, não saem da cepa torta e não conseguem limpar o sebo aos camponeses...

O último com quem Pantelei Prokófievitch conversou nesse dia foi o velho Beskhlebnov. Ao vê-lo passar em frente da herdade dos Melekhovs, Pantelei Prokófievitch não se conteve que o não obrigasse a parar:

- Eh, espera aí, Filipe Aguêievitch! Como vai essa saúde? Entra, vamos conversar..

Beskhlebnov entrou e deu os bons-dias.

- Sabes das façanhas do nosso Grichka? - inquiriu Pantelei Prokófievitch.

- Então de que se trata?

- Deram-lhe outra vez uma divisão para comandar. Imagina a quantidade de homens que ele tem à sua responsabilidade.

- Uma divisão?

- Uma divisão, pois!

- Imaginem!

- Pois é assim mesmo. Não se dá uma divisão a qualquer um, que pensas tu?

- Isso já se sabe!

Pantelei Prokófievitch, fitando o interlocutor com um ar triunfante, prosseguiu o discurso que tanto lhe agradava:

- Tenho um filho que, na verdade, causa admiração a toda a gente. Possui uma enfiada de condecorações, estás a ver? E a quantidade de vezes que foi ferido ou ficou em estado de choque? Outro qualquer teria rebentado há muito: mas não ele. Essas coisas não o aqueçam, nem arrefentam. É para que se veja que ainda há verdadeiros cossacos no Don Tranquilo.

- Ainda há, isso é verdade, mas não fazem nada que se aproveite - retorquiu o velho Beskhlebnov que não era falador por natureza.

- O quê, não fazem nada que se aproveite? Vê só como repeliram os vermelhos. Já passaram Vorónej e marcham sobre Moscovo.

- Mas marcham muito devagar...

- Isso é porque não lhes convém andar depressa, Filipe Aguêievitch. Deves convencer-te que a guerra não é coisa que se faça a correr. Devagar se vai ao longe! Têm de avançar devagarinho, com todos aqueles mapas e planos... Os camponeses, na Rússia, são como as formigas, e nós, os cossacos, quantos somos? Um punhado apenas.

- Isso é certo, mas estou em crer que os nossos não se aguentam por muito tempo. Ainda vamos ter alguma surpresa este Inverno, pelo menos é o que se diz por aí.

- Se não tomarem imediatamente Moscovo, temo-los cá outra vez, isso é mais que certo.

- E tu julgas que vão tomar Moscovo?

- Assim é preciso. Mas só Deus é que o sabe. Não acredito que os nossos lá não cheguem! Os doze exércitos cossacos estão todos a postos e mal seria que o não conseguissem.

- Só o demo é que o sabe. Mas tu, que andas a fazer por aqui? Estás farto da guerra?

- Eu? Como queres tu que combata? Se não fosse a doença haviam de ver como se luta contra o inimigo. Nós, os velhos, somos uns valentões!

- Parece que esses valentões, na outra margem do Don, fugiram tanto à frente dos vermelhos que nem um só ficou com a peliça e que alguns até fugiram nus. Toda a gente goza com isso. Dizem que a estepe ficou amarela de peliças, como se estivesse coberta de túlipas.

Pantelei Prokófievitch, lançando um olhar de esguelha para Beskhlebnov, disse secamente:

- Cá no meu entender isso não passa de uma mentira. Sim, é possível que alguns largassem os fatos para correrem mais depressa, mas aumenta-se sempre cem por cento do que sucedeu.

- Olha a grande coisa, um capote! Quero dizer, uma peliça! Então a vida não vale mais do que isso? Vale ou não, pergunto-te eu? E depois, nem todos os velhos são capazes de correr com uma peliça às costas. Nesta maldita guerra é preciso ter pernas de galgo e eu, por exemplo, onde havia de ir buscá-las? E afinal de contas, com que direito te vens queixar? Deus me perdoe, mas que tens tu a ver com essas peliças? Aqui não se trata de peliças nem de capotes, mas sim de vencer o inimigo o mais depressa possível, é isso, não achas? Bem, adeus. Estou para aqui na conversa e o meu trabalho à espera. Já encontraste a tua vitela? Continuas a procurá-la? Sim, deviam ter sido esses gajos do Khopr que ta comeram, diabos os levem! Quanto à guerra, fica descansado que os nossos hão-de vencer os camponeses.

E Pantelei Prokófievitch dirigiu-se a manquitar para o alpendre com um ar imponente.

Porém não seria assim tão fácil vencer os “camponeses”... A última ofensiva dos cossacos custara muito cara.

Dali a uma hora, o bom humor de Pantelei Prokófievitch foi toldado por uma triste nova. Enquanto estava a aplinar uma prancha para a cobertura do poço, ouviu gritos e

lamentos fúnebres das mulheres. Os gritos aproximavam-se. Mandou Duniachka saber do que se tratava.

- Vai ver quem morreu disse ele, enterrando o machado no cepo.

Duniachka voltou logo, anunciando que tinham trazido da frente de Filónovo três cossacos mortos: Anikuchka, Khrisstónia e um garoto da outra extremidade da aldeia. Impressionado, Pantelei Prokófievitch descobriu-se e persignou-se.

- Deus os tenha em descanso! Que famoso cossaco ele era! declarou tristemente, pensando em Khrisstónia, que fizera com ele a viagem a pé havia ainda pouco tempo, até ao lugar de reunião das tropas.

Não podia continuar a trabalhar. A mulher de Anikuchka, gritando como se a estivessem a degolar, lamentava-se tanto que o coração de Pantelei Prokófievitch se apertava. A fim de não ouvir os berros histéricos das mulheres, fugiu para dentro de casa, fechando a porta com cuidado.

Duniachka contava a Ilínitchna, numa voz entrecortada:

- Eu vi, querida mãezinha. Olhe, o Anikuchka vem quase sem cabeça; em vez dela traz uma espécie de pasta. Oh, que horror! E cheira mal a uma verstá de distância... Não sei porque os trouxeram para cá. O Khrisstónia, esse, vem deitado de costas e ocupa quase toda a carroça, com as pernas a arrastar atrás, por baixo do capote... O Khrisstónia vem limpo e branco, branco como a espuma. Só tem um buraco debaixo do olho direito, um buraquinho do tamanho de uma moeda, e um pouco de sangue coalhado atrás da orelha.

Pantelei Prokófievitch escarrou com fúria, saiu para o pátio, pegou no machado e num remo e dirigiu-se para o Don.

- Diz à avó que fui cortar lenha miúda à outra margem, ouves, pequeno? - disse, ao partir, a Michatka que brincava junto à cozinha de Verão.

As folhas secas caíam dos choupos, com um murmúrio. As moitas de rosas bravas pareciam envoltas em chamas, as bagas vermelhas, por entre a folhagem rala, lembravam pequenas línguas de fogo. Um cheiro amargo e penetrante a casca de carvalho apodrecida invadia a floresta.

A terra estava coberta por uma espessa camada de silvas e, sob o emaranhado das hastes, escondiam-se as amoras, furtando-se ao sol. Até ao meio-dia, o orvalho mantinha-se na erva morta e fazia brilhar como prata as teias de aranha.

Apenas o martelar do pica-pau e o chilrear dos melros apreciadores de fruta sorvada vinham perturbar o silêncio.

A beleza tranquila e severa da floresta exerceu sobre Pantelei Prokófievitch um efeito calmante. Caminhava devagar por entre as moitas, empurrando com os pés o tapete

húmido formado pelas folhas caídas, e pensava: “Ora aqui está o que é a vida: ainda há pouco vivos e agora estão a lavar-lhes os cadáveres. Mataram um grande cossaco! Parece que foi ontem que ele nos veio visitar, que o encontrei à beira do Don, que andámos à procura da Daria. Ah, Khnistan, Knristan, também tu apanhaste uma bala inimiga... E o Anikuchka, que era tão alegre, que gostava tanto de beber e de rir, e agora acabou-se, está morto...” Pantelei Prokófievitch recordou-se do que dissera Duniachka e, ressuscitando na memória, com uma nitidez incrível, o rosto sorridente de Anikuchka, a sua cara de castrado, não conseguia imaginá-lo como estava agora; inerte, com a cabeça esfacelada. “Fiz mal em desafiar a Deus, orgulhando-me de Grigóri!”, censurou-se a si próprio Pantelei Prokófievitch, pensando na conversa que tivera com Beskhlebnov. Talvez a estas horas Grigóri esteja caído algures, crivado de balas. Deus nos livre disso! Que nos restaria então, a nós, os velhos?”

Uma codorniz castanha, fugindo de debaixo de uma moita, fez estremecer Pantelei Prokófievitch. Seguindo-lhe maquinalmente com os olhos o voo oblíquo e impetuoso, seguiu para diante. Perto de um charco, escolhendo uns arbustos, começou a cortá-los. Enquanto ia trabalhando, esforçava-se por não pensar em nada. No espaço de um ano, a morte ceifara tantas vidas entre os seus parentes e conhecidos que o velho sentia o coração apertado só de pensar nisso. O mundo perdia o colorido, envolto num véu negro.

- Tenho de abater aquela moita. Dará um belo feixe de varas delgadas, boas para reparar a vedação - dizia consigo em voz alta, para se furtar aos pensamentos tristes.

Terminado o trabalho, Pantelei Prokófievitch despiu o casaco, sentou-se sobre um molho de lenha cortada e, aspirando avidamente o cheiro acre das folhas murchas, contemplou longamente o horizonte, envolto numa névoa opalina, as matas novas doiradas pelo Outono, ostentando os últimos lampejos de beleza. Perto dele, erguia-se um grupo de faias, brilhando sumptuosamente sob o sol frio do Outono. As suas espessas ramagens de folhas purpurinas abriam-se como as asas de um pássaro fabuloso. Pantelei Prokófievitch ficou-se largo tempo a admirá-las. Em seguida, os seus olhos, descendo até ao charco, descobriram, na água estagnada e transparente, os lombos escuros de algumas carpas gordas a nadarem tão perto da margem que se lhes distinguiam as barbatanas, as caudas vermelhas e ondulantes. Eram oito. Desapareciam de quando em quando atrás dos escudos verdes dos nenúfares, depois regressavam à água clara, mordiscando as folhas de salgueiro submersas. O charco estava quase seco, era possível agarrá-las sem dificuldade. Após uma rápida busca, Pantelei Prokófievitch, avistando junto do pântano vizinho um cesto sem fundo, voltou ao mesmo sítio, tirou as calças e pôs-se a pescar, todo encolhido com frio. A água, agora turva, chegava-lhe aos joelhos; caminhava pelo charco fora, mergulhando o

cesto até ao fundo, e depois metia a mão lá dentro, na esperança de sentir um peixe grande a borbulhar na água. Os seus esforços foram coroados de êxito: conseguiu assim apanhar três carpas com o peso de umas dez libras. Não pôde continuar a pescar porque teve uma câibra na perna doente. Satisfeito com o resultado, saiu do charco, enxugou as pernas com musgo, vestiu-se e recomeçou a cortar lenha para aquecer. Não havia dúvida de que tivera sorte. Apanhar de uma vez cerca de um pude de peixe não acontece a qualquer.

A pesca distraía-o, afastara-lhe da cabeça as ideias negras. Procurou um esconderijo para o cesto, no intuito de vir pescar mais tarde o resto dos peixes, e olhou em redor, para se certificar de que ninguém o vira atirar para a margem as carpas doiradas, gordas como porquinhos de leite. Agarrou por fim no feixe e nas carpas enfiadas numa vara, dirigindo-se sem pressas para o Don.

Descreveu a Ilínitchna a sua pescaria, arvorando um sorriso satisfeito, e admirou uma vez mais as suas carpas com reflexos de cobre. Porém Ilínitchna pouco partilhou da sua alegria. Tinha ido rezar junto dos mortos e regressara triste, lavada em lágrimas.

- Vais ver o Anikei? inquiriu ela.

- Não. Já sei o que são mortos. Tenho visto muitos.

- Devias lá ir. Se não fores, parece mal. As pessoas vão dizer: “Ora vejam, nem sequer veio despedir-se.”

- Deixa-me em paz, pelo amor de Deus! Não sou compadre dele, não tenho razões para me ir despedir - retorquiu Pantelei Prokófievitch, furioso, de dentes arreganhados.

Também não foi assistir às exéquias. Logo pela manhã, abalou para a outra margem e por lá se ficou todo o dia.

O dobre fúnebre fê-lo tirar o barrete e persignar-se, mas irritou-se contra o pope: não havia o direito de fazer dobrar os sinos durante tanto tempo! Bastaria um toque de cada sino, mas isto durante uma hora... “Só serve para afligir as pessoas e fazê-las pensar na morte. Bem basta o Outono para nos dar essa ideia; as folhas a caírem, os voos das aves selvagens que passam a gritar no céu azul, a erva morta caída...”

De nada servia a Pantelei Prokófievitch fugir de todas as emoções desagradáveis, estava-lhe reservado um novo choque.

Um belo dia tinham acabado de jantar , Duniachka, que olhava através da janela, exclamou:

- Olha, mais um morto que trazem da frente. Vê-se atrás da carroça um cavalo preso pela arreata. Caminham devagarinho. Há um homem a segurar as rédeas e o morto vem deitado debaixo do capote. O que conduz tem as costas voltadas para cá, não posso ver se é alguém cá da terra ou não...

Duniachka olhou mais atentamente e de súbito as suas faces tornaram-se brancas como um lençol:

- Olha, é... é... - murmurou ela indistintamente. De súbito, soltou um grito lancinante:
- É o Gricha!... É o cavalo dele!

E correu para o vestíbulo a soluçar.

Ilínitchna tapou os olhos com as mãos, sem se erguer da mesa. Pantelei Prokófievitch levantou-se pesadamente do banco e foi até à porta, de mãos estendidas para a frente, como um cego.

Prokhor Zíkov, abrindo o portão, lançou um olhar breve a Duniachka que descera os degraus quatro a quatro, e disse tristemente:

- Trago-vos uma visita... Não esperavam por ela?

- O nosso querido! O meu rico irmão! gemia Duniachka, a torcer as mãos.

Só então, ao ver-lhe o rosto molhado de lágrimas e Pantelei Prokófievitch imóvel e mudo no alpendre, é que Prokhor se lembrou de dizer:

- Não tenham medo, não tenham medo. Ele não está morto. Vem com o tifo.

Pantelei Prokófievitch encostou-se, a cambalear, à ombreira da porta.

- Ele não está morto! gritou-lhe Duniachka, a rir e a chorar ao mesmo tempo. O Gricha está vivo, ouviste? Trouxeram-no porque está doente. Vai dizer à mãe! Então? Despacha-te!

- Não tenhas medo, Pantelei Prokófievitch. Eu trouxe-o vivo, mas não me perguntes pela sua saúde confirmou rapidamente Prokhor, obrigando os cavalos a entrar no pátio, seguros pela rédea.

Pantelei Prokófievitch deu alguns passos inseguros e deixou-se cair num dos degraus do alpendre. Duniachka passou a seu lado como um furacão para ir sossegar a mãe. Prokhor, largando os cavalos ao fundo dos degraus, fitou Pantelei Prokófievitch.

- De que estás à espera? Dá-me um cobertor para o levarmos.

O velho continuava sentado e em silêncio. Corriam-lhe dos olhos lágrimas abundantes, mas permanecia imóvel e sem mover qualquer músculo. Ergueu duas vezes a mão para se persignar, deixando-a porém cair, incapaz de a levar até à testa. Ouvia-se qualquer coisa a ferver, a estalar-lhe na garganta.

- Parece que o susto te deu volta à cabeça disse Prokhor, compadecido. Como pude eu esquecer-me de vos prevenir? Devia estar parvo, não há dúvida. Então, levanta-te, Prokófievitch, temos de levar daqui o doente. Tens por aí um cobertor? Ou queres que o levemos antes ao colo?

- Espera aí... - disse Pantelei Prokófievitch numa voz rouca. Fiquei sem pernas. Pensei que estivesse morto... Graças a Deus... Não contava com isto...

Arrancou os botões à camisa velha, abriu-a na frente e aspirou com avidez o ar.

- Levanta-te, levanta-te, Prokófievitch insistia Prokhor.

- Só aqui estamos nós dois para o transportar, ouviste?

Pantelei Prokófievitch ergueu-se com visível esforço, desceu os degraus, arredou o capote e curvou-se sobre Grigóri inconsciente. Ouviu-se de novo qualquer coisa a ferver na sua garganta, mas, dominando-se, voltou-se para Prokhor:

- Agarra-o tu pelos pés, vamos levá-lo.

Transportaram Grigóri para o quarto grande, descalçaram-lhe as botas, estenderam-no sobre a cama. Duniachka, na cozinha, soltou um grito:

- Pai! A mãe está a sentir-se mal... Vem cá!

Ilínitchna jazia no chão da cozinha. De joelhos, Duniachka borrifava-lhe com água o rosto azulado.

- Corre, vai chamar a tia Kapitonovna, depressa! Ela sabe fazer sangrias. Diz-lhe que é preciso tirar sangue à tua mãe, que traga o seu instrumento, disse Pantelei Prokófievitch.

Porém uma rapariga solteira como Duniachka não podia andar de cabeça descoberta a correr nas ruas da aldeia. Agarrou no lenço e disse, enquanto tapava a cabeça:

- Olha que assustas os pequenos. Santo Deus, que desgraça!

- Olha por eles, pai, volto num instante.

Por sua vontade, Duniachka teria ainda deitado uma olhadela ao espelho, mas Pantelei Prokófievitch, que voltara a sentar-se, fitou-a de tal maneira que ela saiu a correr da cozinha.

Ao transpor o portão, avistou Akcínia. O seu rosto pálido estava completamente exangue. Apoiou-se à cerca, com os braços inertes e pendentes. Nem uma lágrima se via brilhar nos seus olhos negros e embaciados, mas Duniachka leu neles uma súplica muda e um sofrimento tão intenso que parou um segundo e disse sem querer, admirada consigo mesma:

- Está vivo. Está vivo. Vem com o tifo.

E partiu a correr rua abaixo, segurando com a mão os seios altos que baloiçavam

Algumas mulheres curiosas, surgindo de diversos lados, acorreram a casa dos Melekhovs. Viram Akcínia afastar-se do portão em passos lentos, depois acelerar a marcha, e, curvando-se, tapar o rosto com ambas as mãos.

XXV

No fim de um mês, Grigóri estava curado, Levantou-se no dia 20 de Novembro; alto, esquelético, percorreu o quarto num passo incerto e deteve-se defronte da janela.

Sobre a terra e os tectos de colmo dos telheiros, a neve fresca cintilava com um brilho ofuscante. Viam-se rastos de trenó na viela. O gelo azulado que cobria as árvores e as cercas como uma pelagem brilhava e irisava-se sob os raios do sol poente.

Grigóri demorou-se muito tempo à janela, sorrindo pensativamente, a afiar o bigode com os dedos ossudos. Tudo se lhe afigurava insólito, novo e cheio de significado. Dir-se-ia que a doença lhe apurara a vista. Começou a descobrir objectos desconhecidos à sua volta e a descortinar mudanças naqueles que conhecia de há muito.

Revelavam-se nele novas facetas do seu carácter: uma curiosidade, um interesse por aquilo que se passava na aldeia e na herdade. Tudo para ele adquiria um sentido novo e oculto, tudo lhe atraía a atenção. Observava com uns olhos um pouco espantados esse mundo que reencontrava, e um sorriso cândido, infantil, ficou por muito tempo a pairar-lhe nos lábios, mudando-lhe de maneira estranha o aspecto do rosto, a expressão dos olhos ariscos, suavizando as pregas duras que tinha aos cantos da boca. Por vezes examinava um objecto caseiro que conhecia desde a infância, franzia as sobrancelhas com um ar preocupado, como um homem que ao regressar de um país longínquo e estranho visse aquilo pela primeira vez. Ilínitchna ficou muito surpreendida no dia em que o viu observar por todos os lados uma dobadoira. Assim que ela entrou no quarto, Grigóri afastou-se, um pouco atrapalhado. Duniachka não conseguia olhar sem se rir para o vulto dele, comprido e ossudo. Cirandava pelo quarto, em trajas menores, a segurar com a mão as ceroulas que lhe escorregavam, curvado, deslocando sem firmeza as pernas longas e secas. Ao sentar-se segurava-se sempre a qualquer coisa para não tombar. Os seus cabelos negros, crescidos durante a doença, estavam a cair e o topete frisado pendia, estriado de abundantes fios brancos.

Rapou a cabeça com o auxílio de Duniachka e, quando se voltou para a irmã, esta deixou cair a navalha no chão, apertou o ventre com as mãos e atirou-se para cima da cama a rebentar de riso.

Grigóri esperou pacientemente que ela acabasse de rir; por fim, não podendo mais, disse-lhe numa voz muito fraca e trémula:

- Tem cuidado, vê lá se te mijas! Depois terias vergonha, já não és nenhuma criança.

Tremia-lhe na voz um certo despeito.

- Oh, meu rico irmão! Meu rico irmão! Tenho de me ir embora daqui . Já não posso mais. O que tu pareces! Um verdadeiro espantalho! dizia ela entre dois ataques de riso.

- Só queria saber como tu havias de ficar, se tivesses o tifo. Apanha lá a navalha, anda!

Ilínitchna, tomando o partido do filho, disse, irritada:

- Por que diabo estás tu a relinchar assim? És uma estúpida, Duniachka.

- Mas olha, mãe, o que ele parece! - exclamou Duniachka a limpar os olhos. - Tem a cabeça toda cheia de bossas, redonda como uma melancia e tão preta como... Oh! Não posso mais!...

- Dá cá o espelho pediu Grigóri.

Viu-se num caco de espelho, rindo-se por sua vez, em silêncio.

- Mas porque rapaste a cabeça, meu filho? Era melhor ficares como estavas observou Ilínitchna descontente.

- Achas que era melhor ficar careca de todo?

- Não, mas assim é uma vergonha.

- Ora, deixa-me em paz - respondeu Grigóri despeitado, enquanto fazia espuma com o pincel da barba.

Como não podia sair, ocupava-se dos filhos durante muito tempo. Conversava com eles acerca de tudo, excepto de Natalia.

Certa vez Poliúchka perguntou-lhe, enquanto lhe ia fazendo meiguices:

- Ó pai, a mãe volta para nossa casa?

Não, minha querida, donde ela está não se volta mais...

- Onde? Do cemitério?

- Quero dizer que os mortos não voltam...

- Mas ela está mesmo morta?

- Está, pois, claro que está morta...

- Mas eu pensei que ela teria saudades nossas e que voltaria...retorquiu a pequenita num murmúrio.

- Não penses mais nela, minha querida, não deves pensar - declarou Grigóri numa voz surda.

- Como é que eu não hei-de pensar nela? Então os mortos nunca vêm saber notícias nossas? Não?

- Não. Anda, vai-te embora, vai brincar com o Michatka

Grigóri voltou as costas à filha. A doença enfraquecera-lhe a vontade; vinham-lhe lágrimas aos olhos e, para as ocultar das crianças, ficava muito tempo voltado para a janela, com a cara apoiada no vidro.

Não gostava de falar com os filhos acerca da guerra, porém Michatka interessava-se por esse assunto mais do que por qualquer outro no mundo e apertava o pai com perguntas: como é que se faz a guerra e o que são os vermelhos? Com que é que eles se matam? E porquê? Grigóri cerrava as sobrancelhas e respondia irritado:

- Lá começa outra vez! Mas que tens tu a ver com a guerra? Vamos antes falar da pesca à linha que havemos de fazer este Verão. Queres que eu te arranje uma linha de pesca?

Logo que possa ir lá para fora faço-te uma com fio de crina. Sentia-se envergonhado quando Michatka lhe falava na guerra: não conseguia responder às perguntas simples e ingénuas da criança Porquê? Não seria por se sentir incapaz de responder igualmente às suas próprias interrogações? Mas era-lhe igualmente impossível obrigar Michatka a desistir: o pequeno parecia escutar atentamente os projectos de pesca do pai e de súbito inquiria:

- Tu, pai, também mataste homens na guerra?

- Deixa-me em paz, meu chato!

- Faz impressão matar homens? Eles deitam muito sangue quando a gente os mata? Mais do que uma galinha ou um carneiro?

- Já te disse que não se fala nisso!

Michatka calava-se durante um minuto, depois tornava, pensativo:

- Eu vi ainda há pouco o avô matar um carneiro. E não tive medo Talvez tivesse um bocadinho... mas não muito.

- Manda-o embora daqui! - exclamou Ilínitchna furiosa. - Parece que tem instintos de assassino! É mesmo um malvado! Só fala na guerra, não pensa noutra coisa! Isso são assuntos que te interessem, meu desgraçado! Deus me perdoe! Anda cá, vem comer uma filhó.

Mas a guerra não permitia que alguém a esquecesse. Todos os dias vinham cossacos da frente para visitar Grigóri e falavam da derrota de Chkuro e de Mamontov em face da cavalaria de Kudínov, dos combates mal sucedidos perto de Orei, da retirada que começara em todas as frentes. Tinham morrido mais dois homens de Tatársski, em Gribanovka e em Kardaíl. Guerassomo Atvatkine regressou ferido. Mitri Golóchtchokov morreu com o tifo.

Grigóri contou mentalmente todos os cossacos da aldeia mortos no decurso das duas guerras: cada família de Tatársski perdera um homem.

Grigóri ainda não tinha posto os pés na rua, já o atamane da aldeia vinha procurá-lo trazendo uma ordem do atamane da stanitsa a intimar o tenente Melekhov a apresentar-se o mais depressa possível à junta médica.

- Responde-lhe que irei por minha livre vontade, sem ser preciso convocar-me, logo que possa andar – retorquiu Grigóri de mau humor.

A frente aproximava-se do Don. Já havia quem falasse em retirada. Em breve foi lida na praça do mercado uma comunicação do atamane do distrito ordenando a todos os cossacos adultos que se juntassem à retirada.

Pantelei Prokófievitch, ao regressar a casa, informou disto Grigóri, perguntando-lhe:

- Que vamos nós fazer?

Grigóri encolheu os ombros:

- Que queres tu que façamos? Temos de partir. Há quem não tenha esperado pela ordem para o fazer.

- Não é isso o que eu pergunto. Quero saber se partimos juntos ou não.

- Não podemos partir juntos. Dentro de dois dias irei a cavalo à stanitsa para saber quais as divisões que passam por Viochénsskaia e tratarei de me juntar a uma delas. Tu deves partir com os outros refugiados. Ou preferes entrar num corpo de tropas?

- Oh, isso não! - respondeu Pantelei Prokófievitch, aterrado.

- Partirei com o tio Beskhlebnov. Ele propôs-me noutro dia irmos juntos. É um velho muito calmo e tem um bom cavalo. Fazemos companhia um ao outro. A minha égua também engordou muito. Tem comido tanto que agora dá cada parelha de coices que é de fugir!

- Bem, vai então com ele -, aprovou Grigóri. Entretanto - vamos lá combinar o teu itinerário. Talvez eu possa seguir o mesmo caminho.

Grigóri tirou do estojo um mapa do Sul da Rússia e explicou pormenorizadamente ao pai as aldeias por onde havia de passar. Começara a riscar sobre o mapa o nome dessas aldeias quando o velho, que contemplava o mapa com respeito, o interrompeu:

- Espera aí, não escrevas. É certo que, dessas coisas, sabes mais do que eu, e um mapa é uma coisa muito séria, não mente e mostra-nos o caminho mais curto. Mas como hei-de segui-lo se ele não me convier? Tu dizes que é preciso passar primeiro por Karguínsskaia, e isso compreendo eu, é mais curto o trajecto, mas de qualquer modo tenho de fazer um desvio.

- Um desvio para quê?

- Porque tenho uma prima em Latichev e em casa dela encontrarei comida de graça para mim e para os cavalos, ao passo que nas casas dos outros tenho de pagar. Dizes depois que devemos passar pela vila de Astakhovo porque é o caminho mais directo, mas a mim convém-me ir por Malakhóvsski: também lá tenho família e um camarada do regimento. Aí, igualmente, não precisarei de gastar o meu feno, sirvo-me do dos outros. Não te esqueças de que não posso levar um palheiro e, longe de casa, nunca se sabe se encontraremos alguém que nos dê feno, mesmo a troco de dinheiro.

- Não terás também alguns parentes do outro lado do Don? - inquiriu perfidamente Grigóri.

- Lá isso tenho.

- Talvez também queiras ir até lá?

- Deixa-te de brincadeiras! - explodiu Pantelei Prokófievitch.

- Falo a sério, nada de gracinhas. Não é altura de estarmos com piadas, meu palerma.

- E eu acho que não é altura de andares a visitar toda a tua parentela. Não estamos no Carnaval para andarmos pelas casas uns dos outros.

- Não preciso que me digas onde devo ir. Sei-o muito bem!

- Então, se sabes, vai para onde quiseses!

- Não és tu que me vais dizer por onde devo ir. Tens o teu mapa, não é verdade? Mas olha que só as gralhas é que voam a direito. Achas que eu devo ir enfiar-me em qualquer descampado onde talvez nem sequer haja estrada durante o Inverno, só porque é mais perto? E és tu, com a tua inteligência, que me dizes semelhante disparate? E comandas tu uma divisão, imagine-se!

Grigóri e o pai discutiram durante muito tempo. Por fim, Grigóri, reconhecendo que havia uma certa razão no que dizia o velho, terminou num tom conciliador:

- Não te zangues, pai. Não te estou a obrigar a seguir o meu itinerário. Vai por onde quiseses. Eu tentarei encontrar-me contigo na outra margem do Donetz.

- Podias ter dito isso logo de entrada! - declarou Pantelei Prokófievitch, radiante. Metes-me os teus mapas debaixo do nariz, mostras-me os teus itinerários, mas esqueces-te de que os mapas podem ser muito bons, mas os cavalos não avançam se não lhes dermos de comer.

O velho tinha começado os preparativos para a partida ainda durante a doença do filho. Alimentara a égua com particular cuidado e preparara o trenó. Mandara fazer botas de feltro e pusera-lhe ele próprio solas de coiro para não andar com os pés molhados em tempo de chuva. Arranjara com antecedência alguns fardos de boa aveia. Preparara-se para aquela retirada como um verdadeiro lavrador, munindo-se de tudo o que lhe poderia ser

necessário pelo caminho. O machado, a serra, o formão, as ferramentas de sapateiro, o fio, as solas, os pregos, o martelo, um rolo de correias, cordel, bocados de cola, tudo, sem esquecer as ferraduras e os cravos, tudo isto ele embrulhou num oleado a fim de poder ser metido no trenó de um momento para o outro. Pantelei Prokófievitch levava também consigo um peso e, quando Ilínitchna lhe perguntou para que precisava ele disso pelo caminho, respondeu num tom de censura:

- Pobre mulher! Quanto mais velha, mais estúpida. Será possível que não compreendas uma coisa tão simples? O feno, os farelos, não se compram a peso? É com archines que se mede o feno?

- Então por lá não há balanças?

- E tu conhece-las, as balanças deles? - retorquiu, furioso, Pantelei Prokófievitch. - Podem estar todas mal aferidas, para nos enganarem. É assim mesmo. Conheço-os de ginja. Pagamos um *pude* (*Peso correspondente a 1,38 kg*) e dão-nos trinta libras. Eu cá antes quero levar comigo o peso do que sofrer uma perda dessas em cada paragem. Vocês aqui podem muito bem passar sem a balança. Para que vos serviria ela? Os militares que vão por aqui passar levam o feno sem o pesarem. Mal dão tempo a que se lhes encham as carroças. Já os conheço, esses diabos sem cornos, estou farto de os conhecer.

A princípio, Pantelei Prokófievitch fizera tenção de levar uma carroça sobre o trenó para não ter de gastar dinheiro quando precisasse dela na Primavera, mas renunciou a esse projecto arriscado.

Grigóri, por seu lado, também fez os preparativos necessários. Limpou as pistolas “Mauser” e a espingarda, afiou o sabre, seu amigo fiel. Oito dias depois de se encontrar restabelecido, foi visitar o cavalo e, ao ver-lhe a garupa reluzente, não pôde deixar de ver que o velhote não se limitara a tratar bem da égua. Montou, não sem dificuldade, no animal folgado e fê-lo galopar a preceito. No regresso, avistou ou pelo menos pareceu-lhe ver um lenço branco a agitar-se à janela da casa dos Astakhovs.

Na assembleia de Tatárski, os homens tinham combinado partirem todos juntos. Durante dois dias, as mulheres haviam passado o tempo a cozinhar toda a espécie de provisões.

A partida fora fixada para o dia 12 de Dezembro. Na véspera à noite, Pantelei Prokófievitch carregou o trenó com feno e aveia e, logo ao romper do dia, envergou a túnica, apertou o cinto, enfiou nele as luvas, fez as suas orações e despediu-se da família.

Dali a pouco, um cortejo enorme deixava a aldeia em direcção às colinas. As mulheres ficaram muito tempo a acenar com os lenços, mas nisto uma rajada de vento

ergueu-se na estepe e uma cortina opaca de neve escondeu da vista os trenós que trepavam lentamente a encosta, bem como os homens que caminhavam ao lado destes.

Antes de partir para Viochénskaia, Grigóri esteve com Akcínia. Foi visitá-la à noite, já com as luzes acesas. Akcínia estava a fiar. Sentada ao lado dela, a viúva de Anikuchka fazia meia e contava uma história. Ao entrar, Grigóri disse rapidamente para Akcínia:

- Vem cá fora um instante, preciso de te falar.

No vestíbulo, poisou-lhe a mão no ombro e disse-lhe:

- Serás capaz de vir comigo na retirada?

Akcínia não respondeu logo. Por fim disse baixinho:

- E a quinta? E a casa?

- Deixa alguém encarregado delas. Tens de vir.

- Quando?

- Amanhã venho buscar-te.

A sorrir no escuro, Akcínia murmurou baixinho:

- Recordas-te de eu te ter dito há muito tempo que iria contigo até ao fim do mundo.

Não mudei de ideias. O meu amor por ti mantém-se fiel. Irei contigo, nada me impedirá. A que horas te espero?

- À noite. Não leves muita coisa. Alguns fatos e toda a comida que puderes, mais nada. Até manhã.

- Adeus. Podias entrar... Ela vai-se embora daqui a pouco. Há um século que te não vejo. Meu querido Grichenka! E eu a julgar que tu Não, não te digo.

- Não quero que mo digas. Agora temos de ir a Viochénskaia.

- Adeus. Até amanhã.

Grigóri já ia ao portão e ainda Akcínia, de pé, no vestíbulo, sorria e apertava as faces com as mãos escaldantes.

Em Viochénskaia, começara a evacuação dos serviços do distrito e dos armazéns da intendência. No gabinete do atamane do distrito, Grigóri informou-se acerca da situação na frente. Um jovem sargento que desempenhava as funções de ajudante-de-campo disse-lhe:

- Os vermelhos alcançaram a stanitsa de Alexeievsskaia. Não sabemos quais as unidades que transitarão por Viochénskaia, nem mesmo se por cá passarão algumas. Como vê, ninguém sabe nada e todos tratam mas é de fugir. Aconselho-o a não procurar já a sua unidade. Vá primeiro a Milerovo onde poderá mais facilmente saber onde ela se encontra. Seja como for, o seu regimento deve seguir por caminho-de-ferro. Conseguiremos deter o inimigo no Don? Quanto a mim, não o creio. Viochénskaia entregar-se-á sem combate, isso não oferece dúvidas.

Grigóri regressou à aldeia de noite, já muito tarde. Enquanto preparava a ceia, Ilínitchna disse-lhe:

- Passou por cá o teu Prokhor. Talvez uma hora depois de teres saído. Prometeu voltar mas ainda não apareceu.

Muito satisfeito, Grigóri, depois de cear rapidamente, dirigiu-se a casa de Prokhor. Este recebeu-o com um sorriso triste.

- Julguei que tinhas seguido directamente de Viochénsskaia.

- Onde raio vens tu? - inquiriu Grigóri, rindo, a bater nas costas da sua fiel ordenança.

- Onde é que havia de ser! Da frente.

- Fugiste?

- Que ideia! Benza-te Deus! Fugir, um valente guerreiro como eu? Vim de licença, não queria ir para os países quentes sem ti. Pecamos juntos, é juntos que nos apresentaremos no Juízo final. Estamos a passar um mau bocado, sabes tu?

- Bem sei. Mas conta-me como é que te deixaram sair do regimento.

- Isso é uma história muito comprida. Mais tarde conto-ta! - respondeu evasivamente Prokhor, tornando-se ainda mais pensativo.

- Onde ficou o regimento?

- O diabo é que o sabe. Ficou onde está.

- Mas quando é que o deixaste?

- Há quinze dias.

- E onde estiveste durante todo esse tempo?

- Não sei como tu és, Santo Deus... - exclamou Prokhor, mal humorado, lançando um olhar de viés para a mulher. - Onde? Como? Porquê?... Onde é que estive? Já nem sei bem... Disse que te contaria depois e hei-de contar-te. Hé, mulher? Há por aí vodka? Quando uma pessoa volta a encontrar o seu comandante deve-se beber uns copitos. Há ou não há? Não há? Então vai buscá-la, avia-te. Na ausência do teu marido perdeste a disciplina militar. Estás relaxada.

- Mas porquê tanto barulho? - respondeu, sorrindo a mulher de Prokhor. Não berres comigo. Não te ponhas a armar em mandão. Só passas em casa dois dias por ano...

- Toda a gente berra comigo. com quem hei-de eu berrar senão com a mulher? Espera que eu seja general para poder também berrar com os outros. Para já, tem paciência, põe o xale e despacha-te!

A mulher vestiu-se e saiu. Prokhor fitou Grigóri com ar de censura e disse:

- Não compreendes nada, Panteleiévitch... Não posso dizer tudo diante da mulher e tu a insistires para saberes como e porquê. Então, estás melhor do tifo?

- Sim, estou melhor. Mas fala-me antes de ti. Escondes-me qualquer coisa, meu patife... Explica-te. Como é que te arranjaste?

- Como conseguiste fugir?

- Fiz pior do que se tivesse fugido. Depois de te ter trazido a casa doente regresssei à unidade. Puseram-me no terceiro pelotão. Sabes como eu gosto de fazer a guerra! Fui duas vezes ao ataque e depois disse comigo: “Aqui não tarda que te limpem o sebo. Tens de arranjar um buraquinho onde te escondas, Prochka, senão estás perdido. Isso é limpinho.” Depois, logo por azar, começou a haver daquelas batalhas... empurravam-nos para a frente, não nos deixavam descansar. Assim que se abria uma brecha, lançavam-nos para esse lado. Sempre que as coisas corriam mal algures, quem amargava éramos nós. Numa semana, a guerra roubou onze homens ao nosso esquadrão, assim sem mais nem menos. Então comecei a chatear-me a tal ponto que até criei piolhos.

Prokhor acendeu um cigarro, estendeu a bolsa do tabaco a Grigóri, prosseguindo sem se apressar:

- Depois fui mandado em patrulha para os lados de Liski. Éramos três. Avançamos a trote sobre um outeiro, olhamos para todos os lados, e eis que um vermelho sai de uma ravina e ergue os braços. Corremos para ele a galope e o tipo desata a gritar: “Cossacos, não me matem, sou dos vossos! Não me matem, passo-me para o vosso lado!” Então, não sei o que me passou pela cabeça, desato a galopar ao encontro dele e digo-lhe: “Ouve lá, filho de uma cadela, se andas na guerra não deves render-te. Grande estúpido”, digo-lhe eu. “Não vês que nós estamos mesmo a dar as últimas? E tu rendes-te e vens reforçar-nos? Ao dizer isto, prego-lhe uma lambada nas costas com a bainha do sabre. Os outros que iam comigo também lhe explicaram. “Achas que está certo andar assim a combater, ora de um lado ora do outro, sempre a virar a casaca? Se vocês se entendessem melhor uns com os outros já teria terminado a guerra.” Mas diabos me levem se eu sabia que se tratava de um oficial! E era de verdade. Quando lhe bati com a bainha do sabre com fúria, ele fez-se pálido e disse calmamente: “Eu sou oficial. Não tentem bater-me Pertencia aos hussardos e fui mobilizado pelos vermelhos. Levem-me ao vosso chefe para eu lhe contar tudo.” Nós respondemos: “Mostra cá os teus documentos.” Mas ele tornou com firmeza: “Não faço tensão de trocar palavras com vocês. Levem-me ao vosso chefe.”

- Mas porque não querias tu falar disto diante da tua mulher? - interrompeu-o Grigóri, espantado.

- Ainda não chegámos ao ponto que eu não quero referir diante dela, não me interrompas por favor. Resolvemos pois levá-lo ao esquadrão, mas foi esse o nosso mal. Devíamos tê-lo morto logo ali. A verdade é que o levamos e no dia seguinte estava ele a comandar o esquadrão. Que dizes tu a isto? Começaram então os sarilhos. A certa altura, mandando-me chamar, perguntou-me: “Então isso é que é maneira de lutares pela Rússia una e indivisível, filho de uma cadela? Que é que tu me disseste quando me prenderam? Lembras-te?” Respondi-lhe isto e mais aquilo, mas ele nada quis ouvir e quando se recordou de que fora eu quem lhe batera com a bainha do sabre entrou numa grande fúria. “Sabes”, disse-me ele, “que eu sou capitão de um regimento de hussardos e pertenço à nobreza? E tu atreveste-te a bater-me, malandro?” Mandou-me chamar uma, duas vezes, e eu vi que nada tinha a esperar da sua benevolência. Deu ordem ao chefe do pelotão para me pôr a fazer guardas e quartos de sentinela fora da minha vez e as chatices choviam-me de todos os lados. Aquela besta tornava-me a vida impossível. Tanto a mim como àqueles dois 'que estavam comigo quando o prendemos. Os tipos aguentaram, aguentaram, até que por fim me chamaram de parte e disseram: “Temos que o matar, de contrário nunca mais nos deixa em paz.” Eu pensei e resolvi falar antes ao comandante do Regimento, porque a minha consciência não me consentia que o matasse assim. No momento em que o prendemos poderíamos tê-lo liquidado. Mas depois não conseguia erguer a mão contra ele. Quando a minha mulher degola uma galinha, volto sempre a cara para o lado. Agora tratava-se de um homem...

- Mas sempre acabaste por o matar? - interrompeu de novo Grigóri.

- Espera lá, já vais saber tudo. bom, contei a coisa ao comandante do Regimento e ele, pondo-se a rir, disse-me: “Não deves zangar-te, Zikov; tu batestes-lhe. Ele tem razão em querer impor a disciplina. É um bom oficial que sabe quais são os seus deveres.” Eu fui-me embora e pensei: “Se é bom oficial, que lhe preste, mas eu cá é que não me sujeito a servir no mesmo esquadrão que ele.” Pedi que me mudassem mas não me atenderam. Então resolvi pôr-me ao fresco. Mas como? Tinham-nos mandado descansar oito dias na retaguarda e mais uma vez o diabo me tentou Disse comigo: “Não tenho outra maneira de me safar senão ver se apanho para aí uma moléstia. Então irei para a ambulância e entretanto começa a retirada. Era isso que eu esperava E fiz então o que nunca tinha feito até ali: pus-me a andar atrás das mulheres e a procurar aquelas que tinham ar menos sadio. Mas como havia de acertar? As que têm a moléstia não o trazem escrito na cara. Vá-se lá saber!

Prokhor, depois de cuspir raivosamente, apurou o ouvido para ver se a mulher lá vinha.

Grigóri tapou a boca com a mão para esconder um sorriso e inquiriu, com os olhos brilhantes e piscos de riso:

- E conseguiste alguma coisa?

Prokhor voltou para ele os olhos lacrimejantes. O seu olhar era triste e tranquilo como o de um cão velho, no fim da vida.

Após um curto silêncio, prosseguiu:

- Julgas que é fácil? Quando a gente não precisa a coisa acontece, mas agora, parecia de propósito, não havia meio. Era de chorar de raiva.

Grigóri voltara o rosto e ria-se à socapa. Depois tirou a mão da cara e perguntou, numa voz entrecortada:

- Não me deixes ficar na dúvida por mais tempo, pelo amor de Deus! Consequiste ou não?

- Claro, a ti dá-te vontade de rir - disse Prokhor, ofendido.

- É fácil fazer troça da desgraça alheia.

- Mas eu não estou a fazer troça. E depois?

- Depois, comecei a andar à volta da rapariga da casa onde estava hospedado. Uma gaja dos seus quarenta anos, talvez um pouco menos. Tinha a cara cheia de borbulhas e um aspecto... que Deus nos acuda! Os vizinhos tinham-me dito que ela ia muitas vezes ao médico, de há uns tempos para cá. “Com esta”, disse comigo, “apanho a moléstia com certeza.” E vá de começar a arrastar-lhe a asa como um franganote, a fazer peito e a dizer-lhe baboseiras nem sei onde ia buscar aquele paleio.

Prokhor, sorrindo com ar contrafeito, parecia divertido ao recordar o que se passara então.

- Prometi-lhe casamento e disse-lhe toda a casta de idiotices...

- E com isto acabei por conseguir levá-la, convencera-a, e já a tinha pronta a cair, quando ela se pôs a choramingar. Eu então declarei-lhe: “Se é por teres a moléstia, não te rales, tanto melhor.” Estava cheio de medo. Era noite escura e podia vir alguém ao palheiro onde nós estávamos, se se ouvisse lá fora o barulho. “Não grites, pelo amor de Deus! Ainda que estejas com a moléstia, nada receies, aceitarei tudo por teu amor.” Ela vai então e declarou-me: “Eu cá não tenho doença nenhuma Sou uma menina honesta e sinto medo, é por isso que estou a chorar.” Talvez não acredites, Grigóri Panteleievitch, mas quando ela me disse aquilo fiquei coberto de suores frios. “Senhor Jesus”, disse comigo. “Isto é que se chama ter gato! Só me faltava mais esta!.” “Fiquei desvairado e perguntei-lhe: “Ó minha maldita, então porque ias tu tanta vez ao médico? Porque enganavas tu as pessoas?” “Fui ao médico”, disse-me ela, “para ele me dar uma pomada contra as borbulhas que tenho na

cara.” Eu apertei as mãos na cabeça e gritei-lhe: “Põe-te a andar daqui para fora, estupor, malvada bruxa! Se és uma menina honesta, não quero nada contigo nem faço tenções de casar “

Prokhor cuspiu mais uma vez com raiva, prosseguindo sem entusiasmo:

- Todos os meus esforços tinham sido vãos. Entrei em casa, peguei na trouxa e, nessa mesma noite, mudei de poiso. Houve no entanto uns tipos que me informaram e acabei por apanhar de uma viúva. Mas desta vez disse-o claramente: “Tens a moléstia?” . “É uma coisa leve”, respondeu ela. “Para mim basta. Também não preciso de nenhuma arroba dela.” Dei-lhe vinte rublos pelo serviço e no dia seguinte já podia admirar os resultados. Corri à ambulância e de lá mandaram-me para casa.

- E vieste sem o cavalo.

- Como, sem o cavalo? Trouxe o cavalo e todo o meu equipamento. Mandaram-mo à ambulância. Mas preciso que me aconselhes a respeito de uma coisa. Que hei-de eu dizer à minha mulher? Será melhor ir dormir esta noite a tua casa?

- Isso não! Dorme aqui e diz-lhe que estás ferido. Não tens uma ligadura?

- Tenho uma na minha caixa de pensos individual.

- Então porque esperas?

- Ela não vai acreditar declarou Prokhor, desconsolado.

Mas apesar disso ergueu-se. Vasculhou dentro do saco e depois entrou no quarto, dizendo de lá sem elevar a voz:

- Se ela vier dá-lhe conversa que eu já lá vou.

Enquanto ia enrolando um cigarro, Grigóri pensava na viagem. “Vamos fazer uma atrelagem de dois cavalos” decidiu. “É melhor partirmos à noite para a minha gente não ver que eu levo a Akciútka. De qualquer maneira, acabam sempre por vir a sabê-lo...”

- Ainda não acabei de te contar a história do chefe de esquadrão.

Prokhor saiu do quarto a coxear e sentou-se à mesa.

- Os nossos mataram-no no dia seguinte à minha chegada à ambulância.

- Não me digas!

- Juro-te. Durante um combate. Atiraram-lhe pelas costas, e pronto. Ao cabo e ao resto, agarrei este mal sem necessidade. É uma chatice.

- E nunca apanharam o culpado? - inquiriu distraidamente

Grigóri, todo entregue aos seus planos de viagem.

- Era mesmo boa altura para o procurarem! com toda aquela confusão ninguém tinha tempo para pensar nisso. Mas onde se meteria a minha mulher? Acabamos por já nem ter ontade da vodka. Quando tencionas partir?

- Amanhã.

- Não poderíamos esperar mais um dia?

- Para quê?

- Para eu me ver livre dos piolhos. Não faço gosto nenhum em os levar na viagem.

- Podes catá-los pelo caminho. A situação não nos permite esperas. Os vermelhos estão a dois dias de marcha de Viochénsskaia.

- Partimos de manhã?

- Não, à noitinha. Basta chegarmos a Karguínsskaia a horas de lá pernoitarmos.

- E os vermelhos não nos alcançam?

- Temos de estar alerta. Queria dizer-te uma coisa... Tenciono levar comigo a Akcínia Astakhov. Não tens nada contra isso?

- Que queres que eu te diga? Podes até levar duas Akcínias se te apetecer... Mas para os cavalos é peso de mais.

- Ela não pesa muito.

- E é pouco prático viajar com uma mulher. Mas para que a queres tu levar? Nós os dois não teríamos problemas.

Prokhor suspirou e disse, desviando os olhos:

- Eu já sabia que ias querer levá-la. Continuas a fazer de rapazinho... Ah, Grigóri Panteleievitch, andas há muito a provocar o castigo!

- Não tens nada com isso. E não digas à tua mulher.

- Já alguma vez lhe falei nisto até hoje? Devias ter um bocado de consciência. E a quem deixa ela a casa?

Ouviram-se passos no vestíbulo e a dona da casa entrou. Via-se neve a brilhar sobre o seu xaile cinzento e macio.

- Está a nevar? - inquiriu Prokhor, enquanto tirava dois copinhos do armário. Arranjaste alguma coisa?

A mulher, de faces muito vermelhas, tirou do seio duas garrafas embaciadas que poisou sobre a mesa.

- Ora aqui temos nós uma ajuda para a viagem! - disse Prokhor bem-humorado.

Depois de cheirar a aguardente, comentou:

- De primeira qualidade. E forte como o diabo!

Grigóri emborcou dois cálices e retirou-se, alegando estar cansado.

XXVI

Ora bem, isto é o fim da guerra. Os vermelhos apertaram-nos tanto que agora vamos recuar até ao mar e em breve teremos o cu de molho na água salgada disse Prokhor quando acabaram de subir a colina.

Tatársski ficara em baixo, envolta em fumo azulado. O sol punha-se atrás da fimbria nevada e cor-de-rosa do horizonte. A neve estalava debaixo dos patins. Os cavalos seguiam a passo. Grigóri seguia recostado nas selas, na parte de trás do trenó. Akcínia, sentada ao lado dele, ia envolta numa peliça do Don, debruada a lontra. Os seus olhos negros brilhavam sob o xaile branco e peludo Grigóri contemplava-a de esguelha; via-lhe a face delicadamente rosada pelo gelo, as sobrancelhas negras e espessas, os globos dos olhos com reflexos azulados sob as pestanas curvas cobertas de geada. Akcínia observava com curiosidade a estepe crivada de montículos de neve, a estrada reluzente pela passagem constante dos patins dos trenós, os horizontes longínquos afogados em trevas. Tudo era novo e insólito, tudo atraía a atenção de quem, como ela, estava habituada a ficar em casa. De tempos a tempos, baixava os olhos e, sentindo sobre as pestanas a agradável sensação do gelo, sorria ao pensar na maneira estranha como se viera a concretizar o seu velho sonho: partir, um dia, com Grigóri, para longe de Tatársski, essa terra maldita onde tanto sofrera, onde metade da sua vida não passara de uma tortura contínua ao lado de um marido que não amava, onde tudo para ela estava cheio de recordações penosas e obcecantes. Sorria, sentindo em todo o corpo a presença de Grigóri, e já não pensava no preço por que pagara essa felicidade, nem no futuro envolto na mesma escuridão dos horizontes da estepe que a atraíam ao longe.

Prokhor, voltando por acaso a cabeça, vislumbrou um sorriso fremente nos lábios de Akcínia, vermelhos e inflamados pelo frio. E disse-lhe, de mau humor:

- Porque vais tu com os dentes à mostra? Pareces uma noiva, contente por deixar a casa dos pais.

- E parece-te que não tenho razões para estar contente? - respondeu Akcínia numa voz sonora.

- Realmente, é caso para isso... Que mulher estúpida! Nem sequer sabemos como terminará este passeio. Não rias antes de tempo. Esconde os dentes.

- Não me pode suceder nada pior do que aquilo por que tenho passado.

- Sinto náuseas só de olhar para vocês... – declarou Prokhor, brandindo o chicote por cima dos cavalos.

- Então volta a cara e mete um dedo na boca – aconselhou Akcínia, rindo.

- Mais uma asneira que estás a dizer. Achas que tenho de ir até ao mar com um dedo na boca? Isso é muito fácil...

- Mas porque diabo sentes tu náuseas?

- Era melhor que te calasses. Onde está o teu marido? Agarras-te a um estranho e vais com ele para casa do diabo. E se o Stepane regressar à aldeia?

- Escuta, Prochka. Era melhor que não te metesses na nossa vida. Não ganhas nada com isso.

- Não me meto na vossa vida. Quero lá saber! Mas já não posso dar a minha opinião? Ou sou obrigado a servir-vos de cocheiro e a limitar-me a conversar com os cavalos? Achas isso bem? Quer te zangues, quer não, Akcínia, eu digo que tu precisavas de uma boa coça de marmeleiro. Quanto ao que eu ganho com isso ou deixo de ganhar, é comigo. A minha felicidade é de uma espécie que não me faz cantar nem me deixa dormir...

- Vá! Vá! Malditos! Só sabem andar a passo, malandros!

Grigóri, que os escutara a sorrir, disse num tom conciliador:

- Não comecem a discutir logo no princípio da viagem. Temos um longo caminho a percorrer. Há tempo para tudo. Porque estás tu a chateá-la, Prokhor?

- Eu não a chateio respondeu Prokhor, furioso. Ela é que fazia melhor se estivesse calada. Acho que não há nada neste mundo pior do que as mulheres. São coisa ruim. Se estivesse na minha mão, acabava-lhes com a raça. Não as gramo.

- Porque estás tu a rir? É feio gozar com o mal dos outros. Pega lá as rédeas, vou caminhar um bocado.

Prokhor seguiu a pé durante um bocado e depois voltou a instalar-se no trenó, mas sem reatar a conversa.

Passaram a noite em Karguínsskaia. No dia seguinte pela manhã, no fim do almoço, puseram-se a caminho, e à noite haviam percorrido já umas sessenta verstás.

Passavam para o Sul enormes cortejos de refugiados. À medida que se afastavam do território da stanitsa de Vióchénsskaia, ia-se tornando mais difícil descobrir um sítio para passar a noite. Nos arredores de Morozovskaia, encontraram as primeiras unidades cossacas. Passavam grupos de trinta a quarenta cavaleiros, a procissão dos carros estendia-se interminavelmente.

À noite, nas aldeias, todas as casas estavam ocupadas e nem sequer havia lugar para recolher os cavalos. Depois de haver procurado muito tempo em vão, Grigóri foi obrigado a passar a noite num telheiro, numa colónia tauridiana. Pela manhã, os fatos molhados pela neve estavam gelados e estalavam ao menor movimento. Grigóri, Akcínia e Prokhor quase não haviam cerrado os olhos durante toda a noite, e só aqueceram de madrugada, quando acenderam uma fogueira de palha no pátio.

Akcínia alvitrou timidamente:

- Gricha, se passássemos o dia aqui? Tivemos frio toda a noite e quase não dormimos. Podíamos descansar agora um pouco.

Grigóri concordou. Descobriu a custo um canto livre.

Os comboios de refugiados tinham partido de madrugada, mas ficara ali um hospital de campanha que transportava mais de cem feridos e doentes com o tifo, que se demoravam também um dia

Num compartimento exíguo, dormiam dez cossacos sobre o chão de terra suja. Prokhor foi buscar uma manta e um saco de provisões, calafetou a porta com palha, puxou pelos pés de um velho que dormia pesadamente, dizendo com uma amabilidade rude:

- Deita-te, Akcínia. Estás desfigurada de cansaço.

À noite, a aldeia encheu-se de novo. Até de madrugada, arderam fogueiras nas ruas, ouviram-se vozes de homem, relinchos de cavalos e o ranger dos trenós. Aos primeiros clarões do dia, Grigóri, acordando Prokhor, murmurou-lhe:

- Vai atrelar os cavalos, temos de partir.

- Porquê tão cedo? - inquiriu Prokhor a bocejar.

- Escuta.

Prokhor ergueu a cabeça que repousava na almofada da sela e ouviu o troar surdo e longínquo do canhão.

Levantaram-se, comeram um pouco de toucinho e saíram da aldeia já desperta. Nas ruas, alinhavam-se filas de trenós, as pessoas afadigavam-se, um gritava no escuro com uma voz rouca:

- Isso não! Enterrem-nos vocês. Se fôssemos abrir uma cova para seis homens sairíamos daqui ao meio dia!

- Não temos obrigação nenhuma de os enterrar – respondeu uma voz calma.

- Pois eu garanto que quem os enterra são vocês! - gritava a voz roufenha. - E se não quiserem fazê-lo ficam com eles aí a apodrecer. A mim tanto se me dá.

- Mas, senhor doutor, se tivéssemos de enterrar todos os que morrem aqui, não fazíamos mais nada. Não poderiam ao menos levá-los?

- Vai para o diabo, meu estúpido! Achas que vou entregar o meu hospital aos vermelhos por tua causa?

Grigóri fez um desvio para evitar os trenós que obstruíam a rua e disse:

- Ninguém quer os mortos...

- Nem com os vivos as pessoas se importam, quanto mais com os mortos... - acrescentou Prokhor.

Todas as stanitsas ao norte da região do Don estavam em marcha para o Sul. Inúmeros cortejos de refugiados atravessavam a via férrea de Tsaritsine-Likhaia, aproximando-se de Manitch. Desde que andava em viagem, havia uma semana, Grigóri tentava continuamente saber notícias dos homens de Tatársski, mas ninguém dera por eles nas aldeias por onde passava. Pelos vistos, haviam seguido pela esquerda, em direcção a Oblivsskaia, através das aldeias cossacas, sempre a evitarem as colónias ucranianas. Só ao cabo de treze dias encontrou o rasto dos homens da sua terra. Depois de atravessar o caminho-de-ferro numa aldeia, veio a saber que um cossaco da stanitsa de Viochénsskaia, atacado de tifo, se encontrava na casa ao lado. Grigóri quis saber donde ele vinha. Penetrando no edifício baixo, deparou com o velho Obnizov deitado no chão. Soube por ele que os homens de Tatársski tinham saído dali na antevéspera, que muitos haviam contraído o tifo, tendo dois deles morrido pelo caminho, e que ele próprio, Obnizov, fora deixado ali a seu pedido.

- Se escapar desta e os camaradas vermelhos me pouparem a vida, cá me arranjaréi para regressar à terra. De contrário, morrerei aqui. Morrer aqui ou lá, tanto faz. Nunca é uma coisa agradável... - declarou o velho, ao despedir-se de Grigóri.

Este pedira notícias do pai, mas o velho Obnizov nada lhe soube dizer, pois viera num dos últimos trenós do cortejo e não voltara a ver Pantelei Prokófievitch desde a aldeia de Malakhóvsski.

Na paragem seguinte, Grigóri teve mais sorte: na primeira casa onde se apresentou estavam cossacos seus conhecidos, da aldeia de Verkhné-Tchirsski. Apertaram-se um pouco e Grigóri instalou-se junto ao fogão. Havia ali uma dezena de refugiados em monte no chão, dos quais três tinham o tifo e um estava gelado.

Os cossacos haviam preparado para a ceia uma kacha de milho com toucinho e ofereceram-na cordialmente a Grigóri e aos seus companheiros de viagem. Prokhor e Grigóri comeram com apetite. Akcínia recusou.

- Não tens fome? - inquiriu Prokhor, que há já alguns dias mudara de atitude para com ela, passando a tratá-la com simpatia, embora um pouco bruscamente.

- Estou enjoada.

Pôs o lenço e saiu para o pátio.

- Ela estará doente? - perguntou Prokhor a Grigóri.

- Talvez.

Grigóri, afastando o prato cheio, saiu também.

Akcínia estava de pé, junto ao alpendre, a comprimir o peito com a mão. Grigóri, abraçando-a, perguntou-lhe, inquieto:

- Que tens tu, Ksiúcha?

- Estou agoniada e dói-me a cabeça.

- Vem cá para dentro e deita-te.

- Entra tu que eu já vou.

Falava numa voz surda, átona, e os seus gestos eram lentos. Grigóri observou-a atentamente quando ela entrou na sala aquecida, reparando no rubor febril das suas faces e no brilho suspeito dos olhos. Sentiu o coração apertado: Akcínia estava por certo doente. Recordou-se de que já na véspera ela se queixara de arrepios e vertigens. Transpirara muito pela madrugada, tinha até os caracóis do pescoço encharcados como acontece depois do banho. Notara isso pela manhã ao acordar e mantivera muito tempo os olhos fixos em Akcínia adormecida, sem fazer um gesto para a não acordar.

Akcínia suportara corajosamente as privações da viagem.

Chegava mesmo a animar Prokhor, que dizia muitas vezes: “Que porcaria de guerra! Só queria saber quem a inventou. Andamos, andamos todo o dia e, chega-se à noite, não há lugar onde se fique. Não sabemos mesmo até onde teremos de ir assim de jornada.” Mas nesse dia a própria Akcínia não aguentou mais. À noite, quando se deitou, Grigóri julgou ouvi-la chorar.

- Que tens tu? - perguntou em voz baixa. - Sentes-te mal?

- Estou doente. Que havemos de fazer? Vais-me abandonar?

- Que estupidez! Como poderia eu abandonar-te? Não chores. Apanhaste frio pelo caminho e agora estás assustada.

- Grichenka, estou com o tifo.

- Não digas asneiras. Não há provas nenhuma disso. Tens a testa fresca disse Grigóri para a tranquilizar. Mas no seu foro íntimo estava persuadido de que Akcínia apanhara o tifo exantemático e perguntava a si próprio o que faria se ela de facto contraísse uma doença grave.

- Oh, como é duro viajar assim! - murmurou Akcínia apertando-se contra Grigóri. Olha para toda esta gente a dormir em monte. Estamos comidos de piolhos, Gricha! E eu não consigo arranjar-me em parte nenhuma, há homens por todo o lado... Ontem entrei

numa granja, despi-me, e calcula tu o que estava na minha camisa! Meu Deus, nunca vi nada tão horroroso. Só de pensar nisso sinto náuseas, não consigo comer nada... Viste ontem aquele velho que dormia no banco, o que ele tinha em cima? Até a túnica fervilhava de piolhos.

- Não penses nessas coisas. Fazes mal em estar sempre a falar no mesmo. Piolhos são piolhos. No exército já nem fazemos caso deles murmurou Grigóri, um pouco irritado.

- Sinto comichões pelo corpo.

- Andamos todos assim, não há nada a fazer. Paciência. Quando chegarmos a Ekaterinodar lavar-nos-emos.

- De nada serve mudar de roupa. Eles vão devorar-nos, Gricha!

- Dorme. Amanhã temos de partir muito cedo.

Grigóri ficou muito tempo sem conseguir adormecer.

Akcínia também estava acordada. Teve soluços, cobriu a cabeça com a aba da peliça, voltou-se e tornou a voltar-se, suspirando, e só adormeceu quando por fim Grigóri se virou para ela e a envolveu nos braços. A meio da noite Grigóri foi acordado por uma violenta pancada na porta. Alguém tentava arrombá-la e uma voz potente gritava:

- Abrem ou não abrem? Vamos arrombar a porta. Estão a dormir, corja de patifes?

O dono da casa, um cossaco velho e pacífico, saindo para o vestíbulo, inquiriu:

- Quem é? Que me querem? Se é para passar a noite não tenho lugar, está tudo à cunha, já ninguém se pode mexer.

- Abre, já te disse! - gritaram lá de fora.

Cinco cossacos abriram a porta até trás e enfiaram-se pela casa dentro.

- Quem é que está a pernoitar aqui? inquiriu um deles, negro de frio, movendo com dificuldade os lábios dormentes.

- Refugiados. E vocês quem são?

Sem dar resposta, um dos homens penetrou no quarto e exclamou:

- Eh, vocês aí! Raspem-se! Ponham-se imediatamente a andar daqui para fora! Estão a chegar tropas. De pé! De pé! E sem demora! Toca a andar.

- Quem és tu, para berrares assim? - disse Grigóri numa voz rouca de sono, levantando-se com lentidão.

- Já te vou mostrar quem sou.

O cossaco deu um passo para Grigóri. À luz pálida do candeeiro de petróleo o cano de um revólver brilhou na mão do homem.

- És muito despachado, pelo que vejo... - disse Grigóri num tom insinuante. Deixa cá ver esse "brinquedo.

Num gesto rápido agarrou no pulso do homem e apertou-o tanto que o outro, soltando um grito, abriu os dedos. O revólver caiu sobre o cobertor com um ruído surdo. Grigóri empurrou o homem, baixou-se rapidamente e, apanhando o revólver, meteu-o no bolso. Disse tranquilamente:

- Agora já podemos conversar. Qual é o teu regimento? Quantos tipos tão descarados como tu é que aí estão?

O cossaco, que voltara a si da surpresa, gritou:

- Eh rapazes! Venham cá!

Grigóri foi até à porta e disse, encostado à ombreira:

- Sou tenente no Décimo Nono Regimento do Don. Vamos lá a ter calma. Nada de gritos. Quem está para aí a rosnar? Porque se mostram vocês tão belicosos, caros compatriotas? Quem pretendem vocês expulsar daqui e com que direito? Vamos! Todos para a rua!

- E porque gritas tu também? - respondeu um dos cossacos com voz forte. Estamos fartos de ver tenentes como tu. Queres então que vamos dormir no pátio? Ponham-se a andar. Deram-nos uma ordem: expulsar todos os refugiados. Percebeste? De nada te serve pores-te para aí a esgançar avoz! Estamos fartos de conhecer os tipos como tu!

Grigóri, aproximando-se do que falara, murmurou-lhe entre dentes:

- Ainda não os conheceste todos, os tipos como eu. Queres que te faça em dois, meu imbecil? Olha que sou muito capaz disso. Não recues. Este revólver não é meu, tirei-o a um dos teus colegas. Olha, vai restituir-lho e tratem de se raspar daqui para fora antes que eu me zangue. Se se demoram arranco-vos a pele.

Grigóri fez dar uma reviravolta ao cossaco, empurrando-o pela porta fora.

- Vamos pregar-lhe uma coça? - inquiriu pensativamente um cossaco alto, com o rosto escondido por um capuz de pêlo de camelo.

Estava atrás de Grigóri, a olhá-lo atentamente, ora num pé ora noutro, fazendo ranger as botas de feltro com solas de cabedal.

Grigóri voltou-se para ele com os punhos cerrados, de cabeça perdida, mas o cossaco, erguendo a mão, disse amigavelmente:

- Escute vossa Nobreza, ou lá quem quer que é. Calma, nada de ameaças. Vamos embora para não armarmos sarilho. Mas nesta altura convém não pisar muito os calos aos cossacos. Aproxima-se uma época tão grave como a de 1917. Se acaso algum dia lhe saírem pela frente alguns tipos esturrados, fazem-no em fanicos num abrir e fechar de olhos. Vê-se que é um oficial corajoso e quando o oiço falar vejo que é dos nossos lados, mas cuidado, pois pode arranjar algum sarilho...

Aquele a quem Grigóri tirara o revólver disse, furioso:

- Acaba lá com o sermão. Vamos experimentar a casa ao lado.

Foi o primeiro a dirigir-se para a porta. Ao passar junto de Grigóri, declarou pesaroso:

- Não queremos discutir consigo, senhor oficial, senão dávamos-lhes a conta...

Grigóri franziu desdenhosamente os lábios:

- Tu é que me davas a conta? Vai, vai lá embora antes que eu te deite as calças abaixo. Tu é que me davas a conta! Que pena eu ter-te restituído o revólver! Gajos como tu não deviam trazer revólveres, mas sim pentes de pentear carneiros.

- Ora, rapazes, ele que vá para o diabo! Não lhe toquem que cheira mal exclamou com um riso bonacheirão um dos cossacos que não tomara parte na conversa.

Os soldados saíram para o vestíbulo com grande estrépito, arrastando as botas geladas. Grigóri ordenou severamente ao dono da casa:

- Não voltes a abrir a porta. Se alguém bater acabará por se ir embora. De contrário, chama-me

Os homens de Verkhné-Tchirsski, despertados pelo barulho, trocaram reflexões a meia voz:

- A disciplina foi-se ao ar - declarou um velho com um suspiro desolado. - Como eles falaram a um oficial, os filhos da mãe!... Se se fizesse uma coisa destas, no meu tempo, ia tudo parar à cadeia!

- Se fosse só palavreado ainda não era o pior. Mas o que eles queriam era barulho. Um até disse: “Vamos dar-lhe uma coça?” Foi aquele alto, de capuz. Estão na verdade indisciplinados de todo, os malandros.

- E tu perdoas-lhe, Grigóri Panteleievitch? - inquiriu um dos cossacos.

Grigóri escutava a conversa com um sorriso sem maldade, enquanto se envolvia no capote. Disse por fim:

- Que é que vocês querem! Eles estão separados de tudo e não obedecem a ninguém. Andam em bandos, não têm comandante. Onde está o juiz ou o chefe deles? O chefe é o mais forte. Provavelmente não resta um único oficial do seu regimento. Já tenho encontrado mais esquadrões como este, sem rei nem roque. Vamos mas é dormir!

Akcínia disse baixinho:

- Porque discutiste com eles, Gricha? Não discutas com gente desta, pelo amor de Deus. Podem matar-te, são loucos furiosos.

- Dorme, dorme. Amanhã temos de acordar cedo. Mas como é que te sentes? Não estás melhor?

- Sempre a mesma coisa.
- Dói-te a cabeça?
- Dói. Acho que não serei capaz de me levantar...

Grigóri pôs a mão na testa de Akcínia e suspirou:

- Estás quente como o lume. bom, não tem importância, não te aflijas. És uma mulher forte, vais safar-te desta.

Akcínia não respondeu. Morria de sede. Foi diversas vezes à cozinha beber uma água tépida e nauseabunda. Depois, vencendo a agonia e as vertigens, voltava a deitar-se em cima da manta.

Durante a noite apresentaram-se ainda mais quatro grupos à procura de alojamento. Batiam, abriam as persianas, tamborilavam nos vidros e só se iam embora depois de o dono da casa, instruído por Grigóri, ter gritado lá de dentro:

- Ponham-se a andar. Aqui está alojado o Estado-Maior da brigada.

De manhã cedo, Prokhor e Grigóri atrelaram os cavalos.

Akcínia vestiu-se com grande custo e saiu. Nascia o sol. Um fumo acinzentado subia das chaminés para o céu azul. Iluminada de baixo pelo sol, uma pequena nuvem rosada flutuava lá no alto. Uma geada espessa cobria as cercas e os telhados. Os cavalos fumegavam.

Grigóri, depois de ajudar Akcínia a subir para o trenó, perguntou-lhe.

- Queres deitar-te? Ias mais comodamente.

Ela acenou que sim, fitando Grigóri com silenciosa gratidão quando este lhe embrulhou os pés cuidadosamente. Depois fechou os olhos.

Ao meio-dia, ao fazerem alto, para dar de comer aos cavalos, na povoação de Novo-Mikhailovsski, situada a umas duas verstás da estrada principal, ela já não foi capaz de se levantar e descer do trenó. Grigóri deu-lhe o braço para a ajudar e fê-la entrar numa casa onde a deitou numa cama amavelmente oferecida pela proprietária.

- Sentes-te muito mal, minha querida? - inquiriu ele, curvado para o rosto lívido de Akcínia.

Esta, abrindo os olhos a custo, lançou-lhe um olhar velado e voltou a cair numa espécie de torpor. Grigóri tirou-lhe o xaile com as mãos a tremer. As faces de Akcínia estavam frias como a neve, mas tinha a testa a esquentar e o suor formava nela gotinhas geladas. A noite perdeu os sentidos. Pouco antes tinha pedido de beber e murmurara:

- Só água Ma, água de neve.

Após um momento de silêncio, proferira distintamente:

- Chamem o Gricha.

- Estou aqui. Que queres tu, Akcínia?

Grigóri pegara-lhe na mão e acariciava-a, tímida e desajeitadamente:

- Não me abandones, Grichenka.

- Não te abandono. Onde foste tu buscar isso?

- Não me abandones numa terra estranha. vou morrer aqui.

Prokhor deu-lhe água. Akcínia comprimiu avidamente os lábios ressequidos contra o bordo do púcaro de cobre, engoliu algumas gotas e depois deixou cair a cabeça, gemendo, sobre o travesseiro. Dali a cinco minutos, começava a delirar. Grigóri, sentado à cabeceira, distinguiu algumas palavras: “É preciso fazer a barreira... dêem-me cá o anil... muito cedo...”

As suas frases confusas tornaram-se num murmúrio indistinto.

Prokhor, a sacudir a cabeça, declarou em tom de censura:

- Eu bem te disse que a não trouxesses. Que havemos de fazer agora, hem? Juro-te que isto é castigo! Onde vamos passar a noite? Estás surdo, ou quê? Estou a perguntar-te: ficamos aqui ou seguimos para diante?

Grigóri não respondeu. Estava sentado, de cabeça baixa, com os olhos fitos no rosto branco de Akcínia. A dona da casa, uma excelente mulher, muito amável, disse, indicando Akcínia com os olhos.

- É a mulher deste senhor oficial? Tem filhos?

- Têm filhos, têm tudo! Só 'lhes falta terem sorte! - resmungou Prokhor.

Grigóri saiu para o pátio, ficou-se a fumar durante muito tempo, estendido no trenó. Tinha de deixar Akcínia naquela terra. Se prosseguisse a viagem morreria. Grigóri via-o claramente. Entrou e foi sentar-se junto da cama.

- Então? Passamos a noite aqui ou quê? – inquiriu Prokhor.

- Passamos, sim. E talvez o dia de amanhã.

Dali a pouco chegou o dono da casa, um camponês enfezado, de olhos vivos e fugidios. Martelando o solo com a perna de pau (fora amputado pela altura do joelho), caminhou alegremente até à mesa, largou a peliça e depois olhou sem benevolência para Prokhor.

- Com que então temos visitas? Donde vêm eles?

E, sem esperar pela resposta, ordenou à mulher:

- Dá-me depressa alguma coisa que se coma. Estou com uma fome canina.

Comeu avidamente durante muito tempo. O seu olhar inquiridor poisava-se muitas vezes sobre Prokhor e Akcínia, que estava deitada e imóvel. Grigóri saiu do quarto e deu-lhe as boas-tardes.

O outro correspondeu com um movimento da cabeça e inquiriu:

- Isto é a retirada?

- É, sim.

- Acabou-se a guerra, Vossa Nobreza?

- Assim parece.

- Aquela é sua mulher? - perguntou o dono da casa indicando Akcínia com um gesto.

- É.

- Porque a deitaste na nossa cama? Agora onde havemos de dormir?

- Está doente, Vânia, tive dó dela.

- Dó! Não podemos ter dó de toda a gente. Eles são tantos! Vai causar-nos incómodos, Vossa Nobreza...

Com a mão sobre o peito e num tom de súplica que lhe não era habitual, Grigóri disse, dirigindo-se aos donos da casa:

- Meus amigos, ajudem-me nesta desgraça, pelo amor de Deus. Não posso levá-la para mais longe, senão morre. Permitam-me que a deixe em vossa casa. Pagarei o que me pedirem pelos vossos cuidados e ficar-vos-ei grato por toda a vida... Não recuseis, peço-vos...

O homem começou por recusar categoricamente, a pretexto de que não teriam tempo para tratar da enferma, que ela lhes causaria um grande incómodo. Por fim, quando acabou de jantar, disse:

- Claro que ninguém a trataria de graça. Quanto tenciona dar pelo nosso trabalho?

Grigóri tirou do bolso todo o dinheiro que tinha e entregou-lho.

O outro pegou no maço das notas do Don, contou-as, humedecendo os dedos com saliva, inquirindo:

- Dez rublos de Nicolau, não tem por aí?

- Não.

- Mas talvez tenha rublos Kerénsski? Estes pouco valem.

- Não, não tenho rublos Kerénsski. Quer ficar com o meu cavalo?

O dono da casa reflectiu demoradamente, acabando por dizer num tom sonhador:

- Não... Claro que gostaria de ficar com o cavalo. Para nós, camponeses, um cavalo seria da maior utilidade, mas numa altura destas, se não fossem os brancos, eram os vermelhos que viriam tirar-mo e não poderia utilizar-me dele. Tenho uma eguazita coxa e já estou sempre a tremer com receio de que ma levem.

Ficou um momento pensativo, acrescentando, como que a justificar-se:

- Não vá julgar que sou tão interesseiro como isso, Deus me defenda! Mas pense Vossa Nobreza que ela vai ficar pelo menos um mês de cama, ou talvez mais. E serão

precisas muitas coisas para a alimentar: pão, leite, um ovo de vez em quando, carne, e tudo isso custa dinheiro, não é verdade? Ainda é preciso lavar-lhe a roupa, prepará-la, etc., etc.... A minha mulher já tinha bastante que fazer com a casa e agora mais isto. Um trabalhão. Vamos, não seja avarento, dê mais qualquer coisinha. Eu sou um inválido, não tenho uma perna. Como quer que ganhe a minha vida, que trabalhe? Vivemos daquilo que Deus nos dá e muitas vezes comemos o pão que o diabo amassou...

Grigóri, sentindo subir dentro de si uma cólera surda, declarou:

- Eu não sou avarento, meu amigo. Já te dei todo o dinheiro que tinha. Passarei sem ele. Mas que mais queres tu?

- Diz que me deu todo o dinheiro? tornou o dono da casa com um sorriso desconfiado. A ganhar como ganha deve ter ainda os alforjes cheios.

- Diz lá com franqueza -, exclamou Grigóri, empalidecendo, - ficas ou não com a doente?

- Não fico, já que o senhor é tão agarrado. Não temos razão nenhuma para ficarmos com ela respondeu o outro com uma voz descontente. E depois, a coisa não é tão simples como parece. Trata-se da mulher de um oficial, os vizinhos acabam por sabê-lo e, quando chegarem os camaradas vermelhos, se forem informados disso, vão chatear-nos... Não. Se assim é, fique lá com ela. Talvez algum dos meus vizinhos queira tomar conta da senhora.

Restituiu o dinheiro a Grigóri com visível relutância e, tirando a bolsa do tabaco, começou a enrolar um cigarro.

Grigóri vestiu o capote e disse a Prokhor:

- Fica tu junto dela que eu vou procurar outro alojamento.

Já tinha a mão no trinco da porta quando o dono da casa o reteve:

- Espere Vossa Nobreza. Porquê tanta pressa? Julga que não tenho dó desta pobre mulher? Tenho até muita pena dela e, como fui soldado, respeito a sua patente. Mas não poderia acrescentar mais qualquer coisa em dinheiro?

Foi então que Prokhor explodiu, vermelho de indignação:

- Que queres tu que ele acrescente, meu lagarto coxo? Devíamos cortar-te a outra perna, era o que nós devíamos fazer. Grigóri Panteleievitch, deixa-me castigá-lo como a um cão. Depois pegamos em Akcínia e vamos embora daqui. E que o diabo o leve, malandro!

O dono da casa escutou sem interromper este discurso entrecortado de Prokhor. Disse por fim:

- Fazem mal em me insultar, senhores militares. Isto é um assunto que se deve tratar amigavelmente e não há razão para dizermos disparates uns aos outros nem para nos zangarmos.

- Porque estás a atacar-me, cossaco? Eu falei em dinheiro?

- Não era a isso que me referia. Mas pensei que talvez tivessem algumas armas que me pudessem ceder, por exemplo, uma espingarda, um revólver, sei lá... Para vocês tanto faz, mas para nós, nos tempos que vão correndo, isso vale uma fortuna. Faz falta uma arma em casa. Era isso o que eu queria dizer.

- Dêem-me o dinheiro que aí têm, acrescentando-lhe uma espingarda e arruma-se o caso! Deixe ficar a sua doente que nós trataremos dela como se pertencesse à família. Dou-lhe a minha palavra de honra!

Grigóri, depois de olhar para Prokhor, disse calmamente:

- Dá-lhe lá a minha espingarda e alguns cartuchos, depois atrela os cavalos. Akcínia ficará aqui... Que Deus me ajude, mas não posso sujeitá-la a morrer pelo caminho.

XXVII

Os dias passavam, cinzentos e tristonhos. Desde que deixara Akcínia, Grigóri perdera todo o interesse pelo que o rodeava.

De manhã subia para o trenó e avançava através da estepe ilimitada, coberta de neve. À noite, arranjava um canto para descansar e adormecia. Isto repetia-se diariamente. O que se passava na frente em retirada para o Sul não lhe despertava interesse. Compreendia que a verdadeira resistência, a resistência a sério, acabara de uma vez. Que a maioria dos cossacos havia esgotado o desejo de defender as stanitsas, que os exércitos brancos, como tudo dava a entender, terminavam a sua última campanha e que, não tendo conseguido manterem-se no Don, também não conseguiriam aguentar-se no Kúbano... não conseguiriam aguentar-se no Kúbano...

A guerra chegara ao fim e o desenlace aproximava-se, irremediável.

Os cossacos do Kúbano abandonavam a frente aos milhares, regressando a suas casas. Os cossacos do Don já não resistiam mais. Sangrado pelos combates e pelo tifo, privado de três quartos do seu efectivo, o Exército Voluntário já não se encontrava em estado de fazer frente ao ímpeto do Exército Vermelho, cada vez mais estimulado pelos êxitos alcançados.

Corria o boato de que a população do Kúbano se achava indignada com as ferozes represálias exercidas pelo general Dénikine contra os membros da Rada do Kúbano, que se preparava uma insurreição contra o Exército Voluntário e que estavam já em curso as negociações com os representantes do Exército Vermelho para se dar livre trânsito às tropas soviéticas a caminho do Cáucaso. Afirmava-se com insistência que as stanitsas do Kúbano e do Terek manifestavam uma atitude verdadeiramente hostil em face dos Voluntários e que se dera uma grande batalha nos arredores de Korenóvsskaia, entre uma divisão do Don e soldados de infantaria do Kúbano.

Em cada paragem, Grigóri escutava atentamente as conversas, dia a dia mais convencido da derrota inevitável e definitiva dos brancos. Apesar de tudo, de quando em quando, renascia-lhe uma vaga esperança: o perigo obrigaria as forças brancas, desmoralizadas, pulverizadas, hostis umas às outras, a unirem-se, a resistirem, repelindo o avanço vitorioso das tropas vermelhas.

Porém a rendição de Rostov fez-lhe perder essa esperança, e acolheu desconfiado a notícia de que os vermelhos teriam começado a recuar perto de Bataíssk, ao cabo de renhidos combates. Farto de inacção, gostaria de se juntar a qualquer unidade militar, mas, quando participou este desejo a Prokhor, este protestou energicamente:

- Deves ter perdido a cabeça por completo, Grigóri Panteleievitch declarou indignado. Que necessidade temos nós de nos metermos nesse inferno? A coisa está morta, bem vê. Para que havemos de nos sacrificar para nada? Enquanto nos não agarrarem e nos obrigarem a ir à força, tratemos de fugir o mais possível do perigo. Que ideia a tua! Não, devemos bater em retirada pacificamente, como se fôssemos velhos. Já tivemos a nossa conta de guerras, cinco anos dela, eu e tu. Achas que fui apanhar um esquentamento para voltar a combater? Não, muito obrigado! Estou tão farto desta guerra que sinto vontade de vomitar só de pensar nisso. Se queres, vai tu sozinho, cá por mim não estou pelos ajustes. Darei baixa ao hospital, já não posso mais.

Grigóri respondeu-lhe após um prolongado silêncio:

- Como queiras. Vamos até ao Kúbano e lá se verá.

Prokhor seguia um sistema: em cada povoação ia procurar o oficial da saúde e pedia-lhe comprimidos e um unguento, mas mostrava pouco empenho em se tratar, e quando Grigóri lhe perguntava por que motivo, depois de engolir um comprimido, enterrava os restantes na neve com os pés. Prokhor explicava-lhe que não queria curar-se da doença mas sim atenuá-la: assim, no caso de uma inspecção médica, ser-lhe-ia mais fácil evitar a partida para a frente. Um belo dia, na stanitsa de Velikokniajesskaia, um cossaco experiente aconselhou-o a tratar-se com caldo de pernas de pato. Dali em diante, todas as vezes que entrava numa aldeia ou numa stanitsa, perguntava ao primeiro aldeão que encontrava:

- Diga-me uma coisa, por favor, por aqui criam-se patos?

E quando o homem, surpreendido, respondia que não, explicando que não havia água naquelas paragens para poderem criar patos, Prokhor resmungava entre dentes: “Vocês vivem como autênticos selvagens. Aposto que nunca na vida ouviram grasnar um pato. Pategos!” Depois, acrescentava para Grigóri, em tom amargo: “Isto não pode ser! Devemo-nos ter cruzado com um pope no caminho. Tudo nos corre mal! Se aqui houvesse patos, eu comprava já um, fosse por que preço fosse, ou então roubava-o, isso ainda seria melhor. Mas estou cada vez mais doente. A princípio até achava graça, desde que não me impedisse de dormir pelo caminho, mas agora é um verdadeiro castigo. Não me aguento no trenó!”

Visto Grigóri nada fazer para o consolar, Prokhor, calando-se, ficava longas horas sem falar, desconsolado e tristonho.

Esses dias de viagem afiguravam-se a Grigóri terrivelmente longos e mais longas ainda as intermináveis noites de Inverno.

Sobrava-lhe o tempo para reflectir acerca do presente e recordar o passado. Revia continuamente os anos volvidos, de consequências tão estranhas e funestas. Sentado no trenó, a fixar com os olhos velados a extensão nevada da estepe, envolta num silêncio de morte, ou então durante a noite, estendido, de olhos fechados e dentes cerrados, num compartimento exíguo, cheio de gente e asfixiante, pensava em Akcínia doente, sem dar acordo de si, abandonada numa aldeia perdida, e na família que deixara em Tatársski... Lá longe, no Don, reinava o poder dos soviets, e Grigóri perguntava muitas vezes a si próprio com angústia: “Irão eles realmente perseguir a minha mãe e Duniachka por minha causa?” Mas logo se tranquilizava ao recordar os relatos ouvidos mais de uma vez durante a viagem: afirmava-se que os vermelhos avançavam em paz e tratavam correctamente a população das stanitsas ocupadas. A sua angústia extinguia-se pouco a pouco, e achava absurda, inverosímil, sem fundamento a ideia de que a mãe pudesse vir a sofrer por causa dele. A lembrança dos filhos enchia-lhe por momentos o coração de tristeza. Temia que não soubessem livrá-los do tifo. Ao mesmo tempo, sentia que, depois da morte de Natalia, nenhum desgosto o poderia ferir mais, apesar do muito amor que lhes dedicava...

Numa aldeia da região de Salassk, Grigóri e Prokhor fizeram uma paragem de quatro dias, a fim de darem repouso aos cavalos. Durante esse tempo conversaram diversas vezes acerca do que iriam fazer. Logo no dia da chegada, Prokhor perguntou:

- Achas que os nossos aguentarão a frente até ao Kúbano?

- Não sei. Mas que te interessa isso?

- Ah! Tens cada uma! Porque me interessa? É que, por este andar, vão empurrar-nos para as terras dos pagãos, dos turcos, talvez, e então vais ver!

- Eu cá não sou o Dénikine, não me perguntes para que lado nos vão empurrar retorquiu Grigóri, descontente.

- Perguntei isto porque ouvi dizer que vamos recomeçar a defender-nos no Kúbano e que na Primavera regressaríamos à nossa terra.

- Quem é que vai defender-se? - inquiriu Grigóri, sorrindo.

- Os cossacos e os cadetes, ora essa! Quem queres tu que seja?

- Só dizes tolices. Deves estar parvo de todo! Não vês o que se está passando à nossa volta? Cada um só pensa em fugir o mais depressa possível. Então quem é que se vai defender?

- Está bem, meu caro, reconheço perfeitamente que estamos em maus lençóis, mas não posso acreditar... - suspirou Prokhor. Bem, mas, suponhamos que somos obrigados a levantar ferro para terras estranhas ou a rastejar como cobras, então que farias tu?

- E tu?

- Olha, quanto a mim, para onde tu fores vou eu. Não quero ficar sozinho se os outros se forem embora.

- É também isso o que eu penso. Já que estamos reduzidos à condição de ovelhas, temos de marchar atrás dos carneiros...

- Sim, mas os carneiros às vezes lembram-se de ir para casa do diabo... Não, fora de brincadeira. Estou a falar a sério.

- Deixa-me em paz, por favor. Depois se verá. Para que havemos de ferver em pouca água?

- Bom, assim seja. Já não te pergunto mais nada - declarou Prokhor.

Mas no dia seguinte, quando estava a escovar os cavalos, voltou à carga.

- Já ouviste falar nos verdes? perguntou prudentemente, fingindo examinar o cabo de uma forquilha.

- Já. Porquê?

- Quem diabo são esses tais verdes? De que lado estão eles?

- Do lado dos vermelhos.

- Então porque lhes chamam verdes?

- Sei lá! Andam escondidos nos bosques, deve ser por isso.

- E se tu e eu nos fizéssemos verdes? - propôs timidamente Prokhor, após um momento de reflexão.

- Isso não me agrada...

- Mas se não há outra maneira de voltarmos para casa senão tornarmo-nos verdes. Cá por mim tanto se me dá ser verde ou azul, quero lá saber! Ou mesmo amarelo, cor de gema de ovo. Sou capaz de me pintar de qualquer cor desde que ela seja contra a guerra e permita aos soldados voltarem para as suas terras...

- Tem paciência. Talvez as coisas acabem por se resolver - aconselhou Grigóri.

Nos fins de Janeiro, num dia de névoa e degelo, Grigóri e Prokhor chegaram à povoação de Belaia Glina. Encontravam-se ali amontoados uns quinze mil refugiados, grande número dos quais atacados de tifo. Grupos de cossacos, de capote ou peliça curta, percorriam as ruas em busca de alojamento e de pasto para os cavalos. Passavam na estrada cavaleiros e trenós. Nos pátios, em frente das manjedoiras, dezenas de cavalos estafados

ruminavam tristemente a palha. Trenós, viaturas militares e caixões de artilharia jaziam abandonados nas ruas e vielas.

Ao passar, Prokhor avistou preso a uma estaca um grande cavalo baio. Disse:

- Olha, é o cavalo do meu compadre Andriuchka. Devem estar aqui pessoas da nossa terra.

Saltou prontamente do trenó e foi informar-se. Dali a poucos minutos Andrei Topolskov, compadre e vizinho de Prokhor, saía da casa com o capote pelos ombros. Acompanhado de Prokhor, aproximando-se lentamente do trenó, estendeu a Grigóri a mão negra que tresandava a suor de cavalo.

- Vieste com a gente da nossa aldeia? - inquiriu Grigóri

- Vim, sofremos juntos a nossa miséria.

- Então que tal foi a viagem?

- Como podes calcular. Todas as manhãs temos de abandonar alguns homens e cavalos

- E o meu pai? Está de saúde?

Evitando olhar para Grigóri, Topolskov suspirou:

- As coisas correm mal, Grigóri Panteleíevitch. Tenho más notícias para te dar . Podes rezar pelo teu pai. Ontem à noite deu a alma a Deus, morreu

- Enterraram-no? - perguntou Grigóri empalidecendo.

- Não to sei dizer. Hoje não fui lá. Vem, vou mostrar-te a casa É ali, compadre, a quarta, à direita, a contar da esquina.

Ao chegarem em frente de uma vasta casa com tecto de colmo, Prokhor deteve os cavalos junto da cerca, mas Topolskov aconselhou-o a entrar no pátio.

- Também aqui estamos muito apertados, somos uns vinte, mas vocês talvez ainda caibam disse ele, saltando do trenó para abrir o portão.

Grigóri foi o primeiro a penetrar no compartimento bem aquecido. Havia pessoas da aldeia que ele conhecia sentadas ou deitadas no chão. Algumas delas estavam consertando o calçado ou os arreios. Três homens, entre os quais o velho Beskhlebnov, companheiro de viagem de Pantelei Prokófievitch, achavam-se sentados à mesa, a comer sopa. Todos se ergueram à chegada de Grigóri, respondendo em coro ao breve cumprimento deste

- Onde está o meu pai? - perguntou Grigóri enquanto tirava o boné, a olhar em redor.

- Sucedeu uma desgraça... Pantelei Prokófievitch já não pertence a este mundo - respondeu baixinho Beskhlebnov.

Limpou a boca à manga do blusão, poisou a colher e persignou-se.

- Faleceu ontem, Deus o tenha em descanso!

- Já sei. Enterraram-no?

- Ainda não. Tencionávamos fazê-lo hoje. Pusmo-lo num quarto frio. Vem cá.

Beskhlebnov abriu a porta do quarto ao lado e disse, como que a desculpar-se:

- Os cossacos não quiseram dormir no mesmo quarto do morto. Cheira muito mal e também ele está melhor sozinho...

Os donos da casa não puseram aqui aquecimento.

Cheirava ali a semente de cânhamo e a ratos. Um canto da casa estava ocupado com milho e cânhamo. Em cima de um banco, viam-se gamelas de farinha e taças de manteiga.

Pantelei Prokófievitch estava estendido no meio do quarto, em cima de uma manta. Grigóri afastou Beskhlebnov, entrou e deteve-se em frente do pai.

- Esteve doente quinze dias - murmurou Beskhlebnov a meia voz. O tifo atacou-o quando ainda se encontrava em Michenka. Era seu destino vir morrer aqui... É assim a vida...

Grigóri curvou-se para ver o pai. A doença alterara as feições daquele rosto familiar, transformando-as por completo, a ponto de as tornar irreconhecíveis. Uma barba emaranhada e branca cobria as faces pálidas de Pantelei Prokófievitch. Os bigodes caíam-lhe sobre a boca metida para dentro.

Tinha os olhos semicerrados e as pupilas azuis haviam já perdido o brilho. Um lenço de seda vermelha segurava a maxila inferior do velho e os pêlos brancos frisados da barba pareciam ainda mais prateados sobre o tecido escarlate.

Grigóri ajoelhou-se, a observar atentamente, pela última vez, aquele rosto amado, mas uma coisa o fez de súbito estremecer de nojo e pavor: sobre a pele cinzenta e lívida de Pantelei Prokófievitch, nas rugas e nas cavidades dos olhos, rastejavam piolhos, formando uma película viva e movediça que fervilhava por entre a barba e as sobrancelhas, amontoando-se numa placa cinzenta sobre a gola alta do blusão...

Grigóri, ajudado por dois cossacos, cavou à picareta uma tumba na terra gelada, dura como o ferro. Prokhor fabricou o melhor que pôde um caixão com restos de tábuas.

Ao cair da noite, levaram Pantelei Prokófievitch e enterraram-no naquela terra estranha de Stavropol. Uma hora depois, no momento em que se acendiam as luzes na aldeia, Grigóri deixava Belaia Glina em direcção de Novopokróvsskada.

Na stanitsa de Korenóvsskaia, Grigóri sentiu-se mal. Prokhor perdeu metade de um dia à procura de médico, acabando por encontrar um que pertencia ao exército, meio - bêbado, que a custo conseguiu trazer consigo. Sem despir o capote, o médico, depois de examinar Grigóri, tomou-lhe o pulso, declarando:

- Uma recaída do tifo. Aconselho-o a interromper a viagem, tenente, se não quer morrer pelo caminho.

- E fico à espera dos vermelhos? - disse Grigóri com um sorriso amarelo.

- Oh! Os vermelhos ainda vêm longe! Mas aproximam-se...

- É possível. Mas faz melhor em ficar. Dos dois males, eu escolheria esse, que é o menor.

- Não, hei-de partir como puder - declarou resolutamente Grigóri, a vestir o capote. - Pode dar-me algum remédio?

- Vá-se embora, isso é lá consigo. Era meu dever aconselhá-lo, mas faça como quiser. Quanto a remédios, o melhor é o repouso e os cuidados com a alimentação. Poderia receitar-lhe qualquer coisa, mas a minha farmácia foi evacuada e só tenho clorofórmio, iodo e álcool.

- Então dê-me álcool.

- Com todo o gosto. De qualquer maneira o senhor vai morrer pelo caminho, o álcool não evita nada. A sua ordenança que venha comigo, vou dar-lhe mil gramas. Sou caridoso...

O médico levou a mão à pala do boné e saiu com um passo vacilante.

Prokhor voltou com o álcool, descobriu algures uma carroça desconjuntada para dois cavalos, atrelou-os e veio anunciar com amarga ironia:

- A carruagem está às ordens. Vossa Nobreza!

Recomeçaram os dias intermináveis e tristonhos.

Vinda dos contrafortes das montanhas, a Primavera precoce chegava ao Kúbano. A neve derretia por toda a parte sobre a estepe; ficavam a descoberto placas de terra negra, de um brilho gorduroso; os riachos faziam ouvir as suas vozes argentinas e os horizontes azulados apareciam já iluminados pela luz primaveril. O vasto céu do Kúbano tornara-se mais profundo, mais azul e mais quente.

Dois dias depois, os trigos do Inverno surgiam ao sol, uma névoa branca flutuava sobre os campos. Os cavalos patinhavam nos caminhos libertos da neve, enterravam-se até aos jarretes na lama, atolavam-se nas pequenas depressões do terreno, esticavam a espinha, cobriam-se de suor. Como bom proprietário, Prokhor atara-lhes as caudas e caminhava muitas vezes ao lado deles, soltando a custo os pés da lama, resmungando:

- Isto não é lama, é pez, palavra de honra! Os animais não têm tempo de secar de um atoleiro para o outro.

Grigóri guardava silêncio, deitado no carro, friorentamente envolto no capote. Mas Prokhor, aborrecendo-se de seguir calado, puxava Grigóri pelos pés ou pela manga. Dizia:

- É peganhenta a valer, esta lama! Desce e vem ver. Que triste ideia, essa de adoecer!

- Vai para o diabo! - resmungava Grigóri, numa voz quase inaudível.

Sempre que se cruzava com alguém, Prokhor perguntava:

- Lá para diante a lama é mais espessa ou é como aqui?

Davam-lhe uma resposta qualquer, e Prokhor, satisfeito por haver trocado uma palavra com outro ser vivo, caminhava algum tempo em silêncio, parando muitas vezes os cavalos para limpar a fronte coberta de grossas gotas de transpiração. Quando eram ultrapassados por alguns cavaleiros, Prokhor desesperado, fazia-os parar, cumprimentava-os, perguntava-lhes para onde iam, donde eram, e terminava dizendo:

- Fazem mal em irem mais para diante. Porquê? Ora, porque há muita lama, pelo menos foi isso o que me disseram várias pessoas com quem me cruzei. Parece que os cavalos se enterram até à barriga, que as rodas não giram e que os peões mais baixos caem e se afogam. Os patifes mentem, mas eu não. Por que motivo prosseguimos? Porque não podemos fazer outra coisa. Levo aqui um bispo doente que não pode de modo algum ficar com os vermelhos...

A maior parte dos cavaleiros insultava Prokhor, sem animosidade, porém alguns olhavam-no atentamente e, antes de se afastarem, diziam:

- Então os idiotas também abandonam o Don? Na tua stanitsa são todos como tu?

Ou outras coisas no mesmo género, não menos vexatórias.

Um cossaco do Kúbano, que se deixara distanciar dos homens da sua stanitsa, vermelho de raiva pelo facto de Prokhor o ter retardado com a sua conversa estúpida, quis dar-lhe uma chicotada na cara, mas Prokhor, saltando para dentro da carroça com uma agilidade surpreendente, tirou a carabina debaixo da manta e poisou-a nos joelhos. O homem do Kúbano afastou-se, a proferir pragas obscenas, enquanto Prokhor ria a bandeiras despregadas, gritando-lhe:

- Aqui não estamos em Tsaritssine, aqui não podes esconder-te num campo de milho. Charlatão? Eh! Volta cá, meu alma de cântaro! Vais-te embora? Pega na cauda do teu manto e esconde-te com ele na lama! Fechaste as asas, meu abutre! Maricas! Se eu tivesse um cartucho podre era para ti. Deita fora o chicote! Ouviste?

Meio maluco de tédio e de ociosidade, Prokhor distraía-se como podia.

Quanto a Grigóri, desde o dia em que adoecera, vivia como em sonhos. Perdia por momentos os sentidos e depois voltava a si. Foi num momento desses, ao sair de um prolongado torpor, que Prokhor um dia, curvando-se para ele, perguntou-lhe, a fitar com piedade os seus olhos turvos:

- Ainda estás vivo?

O sol resplandecia por cima deles. Bandos de patos-marrecos de asas escuras passavam, grasnando, no azul imenso do céu, ora em turbilhão, ora alongando-se numa extensa linha irregular de um negro aveludado. Um cheiro capitoso subia da terra aquecida, da erva nova. com a respiração opressa, Grigóri aspirava sofregamente o ar primaveril. A voz de Prokhor mal lhe chegava aos ouvidos de tudo o que o rodeava se lhe afigurava irreal, incrivelmente reduzido, remoto. Lá ao longe, rugia o canhoneio, abafado pela distância. Ali perto rangiam em cadência as rodas de ferro, os cavalos sacudiam-se e relinchavam, ouviam-se vozes de homens; pairava no ar um forte cheiro a pão cozido, a feno, a suor de cavalo. Tudo isso chegava, como se viesse de outro mundo, à consciência obscurecida de Grigóri. Num supremo esforço de vontade tentava ouvir a voz de Prokhor. Por fim, compreendeu que Prokhor lhe estava perguntando:

- Queres leite?

Mal podendo mover a língua, Grigóri humedeceu os lábios secos, sentindo correr na boca um líquido frio e espesso cujo paladar desenxabido lhe era familiar. Após algumas goladas, cerrou os dentes. Prokhor, depois de rolar a garrafa, curvou-se de novo para Grigóri, e este adivinhou mais do que ouviu, pelo movimento dos lábios gretados, a pergunta que o outro lhe fez:

- Talvez seja melhor deixar-te na próxima stanitsa. Isto será muito duro para ti?

O rosto de Grigóri traduziu sofrimento e inquietação.

Mais uma vez puxou pelas forças, murmurando:

- Continua, enquanto eu não morrer...

Percebendo no rosto de Prokhor que este o compreendera, fechou os olhos, tranquilizado, e aceitou o torpor como um alívio, mergulhando nas trevas espessas do esquecimento, a fugir deste mundo ruidoso e gritante...

XXVIII

De todo o caminho que percorreu até à stanitsa Abinsskaia, Grigóri apenas viria a recordar-se de uma coisa: numa noite muito escura, acordara com um frio intenso que o trespassava todo. Vários grupos de viaturas avançavam na estrada.

A avaliar pelo rugido surdo e contínuo das rodas e pelo barulho das vozes, o cortejo devia ser enorme. A carroça de Grigóri seguia no meio, com os cavalos a passo. Prokhor dava estalidos com os lábios e gritava de tempos a tempos numa voz rouca: “Então! Então! Meus amigos!”, e agitava o chicote.

Grigóri ouvia o sibilar leve do chicote de coiro, sentia os encontrões dos cavalos contra a boleia, depois o esforço destes a puxarem os tirantes quando a carroça avançava mais depressa. Por vezes, a ponta do timão tocava no carro da frente.

Grigóri, puxando com dificuldade uma das abas do capote, deitou-se de costas. No céu negro, o vento empurrava para o Sul nuvens compactas e esfarrapadas. De longe em longe, uma estrela amarela e isolada brilhava por instantes num pequeno espaço livre, depois as trevas espessas envolviam de novo a estepe, o vento soprava melancolicamente nos fios telegráficos, uma chuva rara e miúda como uma poeira de pérolas caía sobre a terra.

Ao lado direito da estrada, começou a desfilar uma coluna de cavalaria. Grigóri ouviu o tilintar cadenciado e contínuo do equipamento cossaco bem ajustado e o tropear surdo, e também cadenciado, de uma multidão de ferraduras sobre a lama.

Já tinham passado dois esquadrões e o barulho prosseguia.

Tratava-se sem dúvida de um regimento completo. De súbito, lá para diante, sobre a estepe emudecida, uma voz máscula e um pouco rude elevou-se como um pássaro:

Nas margens do rio Kama,

Na estepe de Saratov...

Algumas centenas de vozes repetiram num coro poderoso a velha canção cossaca, e de repente, dominando-as a todas, brotou uma voz de tenor com uma força e uma beleza admiráveis. Cobrindo as vozes de baixo que diminuía de volume, o tenor pungente tremulava ainda, algures na escuridão, quando o primeiro cantor retomou a melodia:

*Viviam como homens livres,
os cossacos do Don,
das Grebenas e do laike...*

Grigóri sentiu qualquer coisa a quebrar-se dentro de si. O seu corpo foi sacudido por soluços e subiu-lhe um espasmo à garganta. Engolindo as lágrimas, aguardou avidamente que o primeiro cantor recomeçasse, e então murmurou com ele estas palavras que lhe eram familiares desde a adolescência:

*Ermak era o seu atamane,
Ermak, filho de Timóteo;
Astachka era o seu capitão,
Astachka, filho de Lourenço...*

Mal se fizera ouvir a canção, calaram-se as conversas dos cossacos de um carro para o outro, cessaram os incitamentos aos cavalos, e o cortejo de mil e uma viaturas prosseguiu o avanço no meio de um silêncio profundo e atento; e quando o primeiro cantor, destacando cada palavra, começava uma nova estrofe, apenas se ouvia o barulho das rodas e o tropear dos cavalos sobre a lama. Então, a velha melodia que vinha do fundo dos séculos ecoava sozinha sobre a estepe negra.

Em palavras simples e sem malícia, evocava os livres antepassados cossacos que outrora se batiam intrepidamente contra os exércitos do tsar; que percorriam o Don e o Volga em leves embarcações piratas; que pilhavam os barcos do tzar enfeitados com a águia; que rapinavam os mercadores, os boiardes e os voivodas; e que haviam submetido a longínqua Sibéria... Os seus descendentes ouviam tudo isto no meio de um silêncio triste, eles, que batiam vergonhosamente em retirada, vencidos numa guerra sem glória contra o povo russo...

O regimento acabara de passar. Os cantores já iam longe do cortejo. Porém os carros seguiram muito tempo no meio de um silêncio mágico. Deixara de se ouvir o ruído das vozes e o apelo lançado aos cavalos fatigados. Do fundo da escuridão, o canto escorria e ampliava-se, vasto como as cheias do Don.

*Todos tinham na ideia um só pensamento:
Eis que o Verão vai passando, o Verão escaldante;
E o Inverno aproxima-se, o Inverno gelado.
Sim, meus irmãos, como havemos de resistir ao Inverno?
Irámos para o laike, mas o caminho é longo,*

*E nas margens do Volga chamam-nos ladrões.
Irámos para o Kazan, mas aí habita o tzar,
Ivane o Terrível, Ivane Vassilievitch...*

Já se não ouvia o coro, mas a voz do tenor flutuava ainda, esvaía-se para de novo se elevar. E todos a escutavam no mesmo silêncio atento e desolado... Além desta, uma outra impressão se gravara ainda, como um sonho, na memória de Grigóri: recuperara os sentidos num quarto aquecido; sem abrir os olhos, sentia em todo o corpo a agradável frescura dos lençóis lavados; um cheiro acre a medicamentos impressionava-lhe as narinas. Julgou primeiro encontrar-se num hospital, mas ouviu, no quarto ao lado, uma grande explosão de risos masculinos, um ruído de loiça, algumas vozes avinhadas. Julgou reconhecer uma que dizia:

- Ora isso é que se chama um tipo inteligente! Se tivessem procurado a nossa unidade tê-los-íamos ajudado. Vá, bebe, não estiques tanto os beiços.

Prokhor retorquia, na sua voz lamentosa de bêbado:

- Mas, Santo Deus! Como podia eu adivinhar? Julgas que foi coisa fácil servir-lhe de ama? Eu mastigava-lhe a comida como se se tratasse de uma criancinha, dava-lhe o leite, assim Deus me ajude. Palavra de honra que lhe mastigava o pão e lho metia na boca! Tinha de lhe descerrar os dentes com a ponta do sabre... E, uma vez, ia a deitar--lhe o leite pela boca abaixo, ele engasgou-se, quase ia morrendo... Ninguém pode fazer uma pequena ideia!

- Deste-lhe banho ontem?

- Dei-lhe banho, cortei-lhe os cabelos à escovinha, gastei todo o meu dinheiro para lhe comprar leite... Quanto ao dinheiro, quero lá saber! Mas, quando tinha de mastigar e fazer passar os alimentos da minha boca para a dele... pensas que era fácil? Se me dizes o contrário, dou-te um murro nas trombas sem me importar com a tua patente!

Prokhor entrou no quarto de Grigóri acompanhado de Kharlampi Ermakov, de Petro Bogatíriov, que vinha encarnado como uma beterraba e usava um barrete de caracul deitado para a nuca, de Platan Riabtchikov e de mais dois cossacos desconhecidos.

- Abriu os olhos! - berrou com selvajaria Ermakov, correndo para Grigóri com passos incertos.

Platone Riabtehikov, muito alegre, com gestos exuberantes, ria e chorava, agitando uma garrafa:

- Gricha! Meu irmão! Recordas-te das nossas pândegas no Tchir? Lembras-te como lutámos? Para onde foi a nossa valentia! O que eles fizeram de nós, esses generais? E onde

foi parar o nosso exército? Raios os partam! Estás a voltar a ti? Bebe uma pinga, que te faz bem. É álcool puro!

- Até que enfim te encontramos! murmurava Ermakov.

Os seus olhos negros e reluzentes brilhavam de alegria. Deixou-se cair pesadamente sobre a cama que cedeu.

- Onde estamos nós? - perguntou Grigóri numa voz muito fraca, enquanto voltava a custo os olhos para examinar as caras conhecidas dos cossacos.

- Ekaterinodar acaba de ser ocupada. Não tarda que tenhamos de fugir para mais longe. Bebe, Grigóri Panteleievitch!

- O nosso valentão! Levanta-te, pelas almas! Não quero ver-te deitado - disse Riabtchikov, deixando-se cair aos pés de Grigóri.

Porém Bogatíriov, que parecia menos bêbado do que os outros, pegou-lhe pela cintura, ergueu-o sem esforço e colocou-o delicadamente no chão.

- Sabes porque estamos todos tão contentes? Primeiro porque já ninguém podia mais com tristezas e depois porque os nossos cossacos arranjaram-se bem à custa dos outros... Pilharam um armazém de aguardente para que este não fosse parar às mãos dos vermelhos... Só queria que visses... Não se pode imaginar o que foi... Começaram por dar tiros numa cisterna... Furaram-na toda e a aguardente começou a sair pelos buracos. Lembrava um passador e os gajos punham-se a aparar com os chapéus, com baldes, com garrafas, ou até com as duas mãos, e bebiam ali mesmo... Passaram a fio de sabre dois voluntários que guardavam o armazém, entraram lá dentro e foi um bodo aos pobres! Vi um pequeno cossaco trepar para cima de uma cisterna. Queria tirar de lá a aguardente com um balde dos cavalos, mas caiu lá dentro e afogou-se. O chão era de cimento e não tardou que ficássemos inundados até aos joelhos. Os tipos baixavam-se e bebiam de cócoras, como os cavalos no rio, depois iam deitar-se... Dava vontade de rir e de chorar ao mesmo tempo. Então também nos servimos. Não queríamos muito, apenas tirámos um barril de cinco litros que trouxemos a rebolar até aqui. E foi quanto bastou. Bebemos até fartar. Seja como for, o Don tranquilo ardeu. Platone ia-se afogando. Atiraram-no ao chão e já começavam a espezinhá-lo, sem que ele se levantasse, pois bebera umas pingas e estava que nem um cacho. Tive um trabalhão para o tirar dali...

Tresandavam todos a álcool, a cebola e a tabaco. Grigóri sentia uma ligeira náusea, uma vertigem. Sorriu, contrafeito, e fechou os olhos.

Ficou uma semana em Ekaterinodar, em casa de um médico conhecido de Bogatíriov. Ia-se restabelecendo pouco a pouco. Por fim estava já “em vias de cura”, como

dizia Prokhor, e montou pela primeira vez a cavalo, desde o início da retirada, na stanitsa Abinskkaia.

Novorossiisk estava a ser evacuada. Os barcos transportavam para a Turquia os ricos, os proprietários de bens de raiz, as famílias dos generais e os políticos influentes. Os embarques sucediam-se dia e noite. Os alunos oficiais trabalhavam nas equipas de carregadores e atulhavam os porões de bagagens militares, malas e caixotes -pertencentes aos refugiados de categoria.

O Exército Voluntário, que se adiantara aos cossacos do Don e do Kúbano, chegando primeiro a Novorossiisk, começara a embarcar nos navios de carga. O seu Estado-Maior tomara a precaução de se instalar a bordo do *dreadnought* inglês *Emperor of India*. Combatia-se nos arredores de Tonnelnaia.

Dezenas de milhares de refugiados enchiam as ruas da cidade. Continuavam a afluir tropas. Nos cais, a multidão era indescritível. Os cavalos abandonados vagueavam em manadas, aos milhares, pelas encostas calcárias das montanhas vizinhas. As ruas que conduziam aos cais estavam juncadas de selas de cossacos, de equipamento, de bagagens militares. Já ninguém precisava delas. Corriam boatos na cidade de que só embarcaria o Exército Voluntário; os cossacos do Don e do Kúbano partiriam em ordem de marcha para a Geórgia.

Na manhã de 25 de Março, Grigóri e Platone Riabtchikov dirigiram-se aos cais para averiguar se o Segundo Corpo do Don embarcaria ou não, pois na véspera espalhara-se entre os cossacos a notícia de que o general Dénikine ordenava a transferência para a Crimeia de todos os cossacos do Don que tivessem conservado os seus armamentos e cavalos.

O cais fora invadido pelos kalmuks do distrito de Salsk.

Estes não só haviam trazido as suas manadas de cavalos e camelos do Mumitch e do Sal, como tinham transportado até ao mar as guaritas de madeira em que viviam. Respirando um intenso fedor a sebo de carneiro, Grigóri e Riabtchikov chegaram junto da prancha de embarque de um grande barco de transporte, o qual se encontrava guardado por um posto reforçado de oficiais da Divisão Markov. Um grupo de artilheiros do Don aguardava o embarque. Havia instalado canhões à popa, cobertos por painéis de caqui. Grigóri, que a custo abrira caminho através da multidão, perguntou a um jovem alferes de bigodes pretos:

- Que bateria é esta, cossaco?

O alferes, atravessando para ele os olhos, respondeu de má catadura:

- A Trigesima Sexta.

- De Karguínsskaia?

- Sim, meu tenente.

- Quem comanda o embarque?

- Aquele que está ali encostado à amurada. É coronel.

Riabtchikov puxou Grigóri pela manga e disse, furioso:

- Vamos embora, que os leve o diabo! Aqui não arranaremos nada. Enquanto se combatia, precisavam de nós, mas agora estão-se nas tintas...

O alferes sorriu e piscou o olho aos artilheiros que formavam bicha:

- Vocês, artilheiros, estão cheios de sorte. Nem sequer estes senhores oficiais têm licença de embarcar.

O coronel que fiscalizava o embarque caminhava num passo ágil pela prancha. Um funcionário careca, envergando uma pelica cara toda aberta, seguia-o aos tropeções, apertando contra o peito, com um ar lamentável, o seu gorro de lontra.

Enquanto falava, os seus olhos de míope, no rosto alagado em suor, tinham uma expressão de tal modo suplicante que o coronel lhe voltou as costas, cada vez mais irritado e berrou:

- Já lhe disse. Deixe-me em paz, senão obrigo-o a desembarcar.

- O senhor está louco! Como quer que levemos a sua tralha? É cego, ou quê? Vamos, largue-me! Não percebe? Sim, vá-se queixar, ao próprio general Denikine se quiser. Já lhe declarei que não posso. Não posso! Não percebe russo?

Ao passar em frente de Grigóri, este barrou-lhe o caminho, fez a continência e inquiriu, muito comovido:

- Os oficiais podem ter alguma esperança de embarcar?

- Neste barco não. Não há espaço.

- Então em qual?

- Informe-se na repartição de refugiados.

- Já lá fomos. Ninguém sabe nada.

- Pois eu também não, não sei nada, deixe-me passar.

- Mas vocês embarcaram a Trigésima Sexta Bateria. Por que motivo não há lugar para nós?

- Já lhe disse que me deixe passar. Não sou nenhuma agência de informações.

O coronel tentava afastar suavemente Grigóri, mas este firmava-se bem nas pernas. Nos seus olhos começaram a cintilar faíscas azuladas.

- Agora já não precisa de nós? Mas antes precisava. Tire daí a mão. Não consegue afastar-me.

O coronel fitou Grigóri, olhando depois para trás de si.

Dois soldados do Corpo Markov, de pé na prancha, tinham cruzado as baionetas e continham a custo a multidão. O coronel perguntou numa voz cansada, a desviar os olhos:

- A que unidade pertencem vocês?
- Eu, ao Décimo Nono do Don, os outros a diversos regimentos.
- Quantos são?
- Uns doze.
- Não posso. Não tenho lugar.

Riáhtchikov viu estremecer as narinas de Grigóri, enquanto ia dizendo a meia voz:

- Não te faças caro, meu estupor, meu piolho emboscado!
- Deixa-nos passar imediatamente, senão...

“O Gricha vai dar-lhe uma sabrada”, pensou Riabtchikov com prazer malévolo. Mas viu os dois soldados do corpo Markov abrirem passagem à coronhada entre a turba para virem em socorro do coronel. E tocou na manga de Grigóri.

- Deixa lá, Panteleievitch. Vamos embora.

- Você é um idiota. E terá de responder pela sua atitude - declarou o coronel que empalidecera.

Dirigindo-se aos dois soldados de Markov, disse, apontando para Grigóri:

- Meus senhores, tratem de acalmar esse epiléptico. Precisamos de manter a ordem, seja por que processo for. Tenho assuntos urgentes a tratar com o comandante da praça e estou para aqui a ouvir as amabilidades destes...

E voltou as costas a Grigóri.

Um dos soldados de Markov, muito alto, com galões de tenente no blusão azul e um bigodinho impecavelmente aparado à inglesa, aproximou-se.

- Que deseja? Porque está a perturbar a ordem?
- Um lugar neste barco, é o que eu desejo.
- Onde está a sua unidade?
- Não sei.
- Os seus documentos?

A segunda sentinela, um jovem de boca mole e lunetas, murmurou com uma vozinha desafinada:

- Temos de o levar ao corpo da guarda. Não percas tempo, Vissotzki.

O tenente leu com atenção os documentos de Grigóri e restituiu-lhos.

- Procurem a vossa unidade. Aconselho-os a irem-se embora daqui para não retardarem a partida. Temos ordem de prender, sem olhar a patentes, todos aqueles que derem provas de indisciplina e perturbarem o embarque.

O tenente, cerrando duramente os lábios, esperou uns segundos e, a enviesar os olhos para Riabtchikov, disse a meia voz, todo curvado para Grigóri:

- O que vos posso aconselhar é que se entendam com o comandante da Trigesima Sexta Bateria e que se ponham na bicha: assim têm possibilidades de embarcar.

Riabtchikov, que ouvira o segredar do tenente, exclamou num tom satisfeito:

- Vai ter com o Katrguine. Cá por mim, irei já avisar os rapazes. Além do saco, que mais queres levar de bagagem?

Pelo caminho cruzaram-se com um cossaco natural de Semianovsski, que conheciam. Transportava uma enorme carroça em direcção ao porto, carregada de pão e coberta por um oleado. Riabtchikov interpelou-o:

- Olá, Fiódor! Para onde levas isso?

- Olá, Platone! Olá, Grigóri Panteleiévitich! Vivam! Isto é o pão que nós fornecemos ao nosso regimento para a viagem. Custou-nos bastante a cozer, mas sem ele só teríamos couves de salmoura para comermos pelo caminho...

Grigóri aproximou-se da carroça:

- O teu pão vai pesado ou contado?

- Contado? Que ideia! O quê, vocês querem pão?

- Queremos.

- Então levem!

- Quantos?

- Aqueles que puderem. Temos que baste.

Riabtchikov viu com espanto Grigóri apoderar-se sucessivamente de vários pães grandes. Não podendo conter-se, inquiriu:

- Porque diabo queres tantos?

- Porque sim respondeu secamente Grigóri.

Pediu dois sacos ao cossaco, meteu lá os pães e, depois de se despedir, ordenou a Riabtehikov:

- Toma, leva tu.

- Não me digas que fazes tenção de passar aqui o Inverno! - disse ironicamente Riabtehikov, já de saco às costas.

- Não são para mim.

- Então para quem?

- Para o meu cavalo.

Espantado, Riabtehtikov atirou com o saco ao chão.

- Estás a brincar?

- Não, falo a sério.

- Mas então... que ideia foi essa, Panteleievitch? Queres ficar, pelos vistos?

- Isso mesmo Vá, pega no saco, vamos. Tenho de dar de comer ao cavalo, anda a roer o freio. Vou precisar do animal, não faço tenção de servir na infantaria...

Riabtehtikov manteve-se calado até casa. Fazia ruídos com a garganta e mudava o saco de um ombro para o outro. Ao chegarem ao portão, inquiriu:

- Vais dizer aos rapazes? E, sem esperar pela resposta, acrescentou, com um laivo de ressentimento na voz: - Sempre tens cada ideia?... Então e que vai ser de nós?

- Façam como quiserem - respondeu Grigóri com fingida indiferença. Ninguém nos quer levar, não cabemos nos barcos... paciência. Precisamos deles para alguma coisa? Temos o direito de nos impor? Ficamos, tentaremos a sorte. Mas entra, raio! Que ficas tu para aí a fazer, especado ao portão? Não hei-de ficar especado depois de ouvir coisas semelhantes?

- Nem vejo o portão! Foi uma marretada que tu me deste na cabeça, Gricha. Estou meio atordado. E eu que dizia cá com os meus botões: “Para que diabo quererá ele tanto pão?”

- Quando a rapaziada souber vai ficar meia doida...

- E tu, não queres ficar?

- Eu? Livra! - retorquiu Riabtchikov, assarapantado.

- Pensa bem.

- Já pensei. Parto sem hesitar, desde que haja lugares vagos. Inscrevo-me na bateria de Karguínsskaia e embarco.

- Fazes mal.

- Tu é que o dizes. Eu cá, amiguinho, trato de salvar a pele. Não tenho vontade nenhuma de experimentar os sabres dos vermelhos.

- Pensa bem, Platone. O caso é sério...

- Não me digas mais nada. Vou-me já embora.

- Bem, seja como quiseres. Não tento convencer-te - retorquiu Grigóri de mau humor. E foi ele o primeiro a começar a subir os degraus.

Nem Ermakov, nem Prokhor, nem Bogatíriov estava em casa. A dona desta, uma velha arménia corcunda, declarou que os cossacos tinham saído, prometendo voltar em breve. Sem despir o capote, Grigóri cortou um pão em fatias e dirigiu-se ao telheiro onde

estavam os cavalos. Dividiu o pão em duas rações, deu uma ao seu cavalo, outra ao de Prokhor, e acabava de pegar nos baldes para ir buscar água, quando Riabtchikov surgiu à entrada, escondendo cuidadosamente um bocado de pão nas abas do capote. O cavalo deste, ao ouvir o dono aproximar-se, soltou um breve relincho. Riabtchikov passou em silêncio junto de Grigóri, que sorria discretamente, colocou o pão na manjedoura e disse, sem olhar para Grigóri:

- Não te rias, por favor. Assim como assim, também tenho de dar de comer ao meu cavalo. Julgas que me ia embora sem custo? Tinha de fazer um grande esforço para entrar naquele maldito barco, palavra de honra. Foi o medo que me fez falar. É que a gente só tem uma cabeça. Queira Deus que ma não cortem, não me nasceria outra daqui até ao Outono.

Prokhor e os outros só voltaram ao cair da noite. Ermakov trazia uma enorme garrafa de aguardente e Prokhor um saco cheio de frascos hermeticamente fechados, contendo um líquido amarelado e turvo.

- Aqui está o fruto do nosso trabalho. Já chega para esta noite gabou-se Ermakov, mostrando a garrafa. - E explicou: - Foi um médico, que nos pediu para ajudarmos a transportar medicamentos no cais, que nos deu isto. Os carregadores tinham-se recusado a trabalhar, só lá estavam alunos da escola do exército. O doutor pagou-nos o trabalho com álcool. Os frascos, quem os roubou foi o Prokhor. Diabos me levem se estou a mentir.

- Mas que têm eles dentro? - inquiriu Riabtchikov com curiosidade.

- Isso, meu anjinho, é coisa ainda mais fina do que o álcool.

Prokhor, depois de agitar um dos frascos, observou-o contra a luz. Através do vidro, o líquido espesso fazia bolhas e Prokhor concluiu satisfeito:

- É vinho estrangeiro, o que há de mais caro. Dá-se só aos doentes. Foi o que me disse um oficial que sabia inglês. Assim que estivermos a bordo vamos beber uns copos para nos consolar e cantaremos A nossa querida Pátria. Havemos de beber até chegarmos à Crimeia e depois atiramos com os frascos ao mar.

- Despacha-te a embarcar. O navio espera por ti. “Onde está esse herói dos heróis, esse Prokhor Zikov?”, dizem eles. “Não podemos partir sem ele!” declarou Riabtchikov, trocista.

Calou-se um instante e depois prosseguiu, apontando com o dedo amarelo de nicotina para Grigóri:

- Aquele já não quer ir, e eu também não.

- Não é possível! - exclamou Prokhor, quase deixando cair a garrafa com o espanto.

- Que quer isto dizer? Que história é essa? - inquiriu Ermakov, de má catadura, olhando fixamente Grigóri.

- Resolvemos não partir.
- Porquê?
- Porque não temos lugar.
- Não temos hoje, mas teremos amanhã - declarou com segurança Bogatírov.
- Foste ao cais?
- Fui, e então?
- Viste o que lá se passa?
- Claro!

- Claro, claro! Se viste, nem vale a pena falar nisso. Só nos queriam levar a nós, a mim e ao Riabtchikov, e com muito custo. Mesmo assim tínhamos de ingressar na bateria de Karguínsskaia. Foi um voluntário que nos informou. De contrário seria impossível.

- E essa bateria ainda não embarcou? - inquiriu vivamente Bogatírov.

Ao saber que os artilheiros estavam ainda na bicha, começou logo a fazer os preparativos: meteu na mochila a roupa, umas calças para mudar, um casaco, um pão, e despediu-se.

- Fica, Petro! - aconselhou Ermakov. - É melhor não nos separarmos.

Bogatírov estendeu-lhe em silêncio a mão húmida, fez pela última vez a continência e, já da soleira da porta, disse:

- Adeus, rapazes! Se Deus quiser ainda nos voltaremos a ver!

E partiu correndo.

Depois disto ficou a pairar na casa um silêncio penoso.

Ermakov foi à cozinha pedir quatro copos, encheu-os em silêncio, pôs sobre a mesa uma grande chaleira de cobre cheia de água fria. Sempre calado, cortou algumas fatias de toucinho, sentou-se, olhou para os pés com ar absorto, depois bebeu pelo bico da chaleira, e disse numa voz de cana rachada:

- No Kúbano, a água tresanda a petróleo. Porque será?

Ninguém lhe respondeu. Riabtchikov limpava com um farrapo limpo o sabre coberto de humidade. Grigóri vasculhava na mochila e Prokhor contemplava, distraído, através da janela, as vertentes nuas das montanhas onde vagueavam rebanhos de cabras.

- Sentem-se, vamos beber.

Ermakov engoliu logo sem parar meio copo de álcool, seguido de um golo de água e, enquanto mastigava um bocado de toucinho cor-de-rosa, declarou, fitando em Grigóri os olhos subitamente risonhos:

- Será que os camaradas vermelhos nos vão cortar a cabeça?

- Não hão-de matar toda a gente. Devem ficar milhares e milhares de pessoas por aqui - respondeu Grigóri.

- Não é toda a gente que me preocupa, é a minha própria pele... - respondeu, rindo, Ermakov.

Depois de beberem copiosamente, a conversa tornou-se mais animada. Ao cabo de um certo tempo, viram surgir Bogatíriov, aborrecido, sorumbático, negro de frio. Atirou para o chão um monte de fardas inglesas novas em folha e começou a despir o capote sem dizer nada.

- Bem aparecido seja! - exclamou perfidamente Prokhor, inclinando-se.

Bogatíriov lançou-lhe um olhar furibundo e disse, suspirando:

- Nem que mo pedissem de joelhos, esses Denikines e outros filhos da puta como ele, não embarcaria. Meti-me na bicha, fiquei gelado como um cão, e tudo para nada. Cortaram a bicha mesmo à minha frente. Só faltavam dois. Um ainda passou, mas o outro não. Metade da bateria ficou em terra.

- Que quer isto dizer, hem?

- É para saberes como te ligam pouca importância! – exclamou Ermakov, a rir às gargalhadas. Serviu a Bogatíriov um copo cheio a deitar fora. Toma, afoga a tua mágoa, a não ser que esperes que eles te venham buscar. Olha pela janela, aquele não é o general Rangel que vem à tua procura?

Bogatíriov bebia em silêncio. Não estava para graças. Ermakov e Riabtchikov, já bastante toldados, tinham embebedado a velhota, dona da casa, e preparavam-se para irem buscar um acordeonista.

- Dirijam-se antes à estação - aconselhou Bogatíriov. - Estão lá a descarregar os vagões, há um cheio de peças de vestuário.

- Para que queremos nós vestuário? - berrou Ermakov.

- Bastam-nos os capotes que tu trouxeste. De qualquer forma eles tirar-nos-ão tudo o que for a mais. Petro! Hé, animal! Estamos resolvidos a passar-nos para os vermelhos, ouviste? Somos cossacos ou não? Se os vermelhos nos quiserem, colocar-nos-emos às suas ordens. Somos cossacos do Don. Puros-sangues sem mistura. O nosso ofício é matar com os sabres. Já me viste dar uma sabrada? Sou capaz de cortar um talo de couve em cima da tua cabeça. Põe-te ali para eu experimentar. Ah! Estás a fraquejar? Nós não queremos saber quem são aqueles que passamos a fio de sabre. O que nos interessa é combater. Não é verdade, Melekhov?

- Deixa-me em paz! - disse Grigóri, repelindo-o com um gesto de fadiga.

Enviesando os olhos injectados de sangue, Ermakov procurava deitar a mão ao sabre poisado sobre uma arca. Bogatíriov afastava-o sem cólera, dizendo:

- Está lá quieto, grande herói, senão tenho de te acalmar com um murro. Bebe sossegado. És oficial, caramba!

- Estou-me nas tintas para a patente. Preciso tanto dela como da primeira camisa que vesti. Não me fales nisso. Estamos amigos em igualdade, não é assim? Queres que te corte os galões? Pétia, meu amiguinho, espera, espera que eu...

- Ainda não chegou a altura, não temos pressa - dizia Bogatíriov, repelindo o companheiro, que dava mostras de grande excitação.

Estiveram a beber até de madrugada. À noitinha, haviam chegado outros cossacos desconhecidos. Um destes trazia um acordeão. Ermakov dançou à cossaca até cair exausto. Arrastaram-no para junto da arca e ele adormeceu logo ali no chão, de pernas abertas e cabeça deitada para trás. Aquela melancólica orgia durou até de manhã. “Eu sou de Kumchatsskaia... mesmo da stanitsa. Tínhamos bois tão grandes que não se lhe chegava aos cornos. E cavalos do tamanho de leões. Agora, o que é que nos resta? Uma cadela pelada. E não tarda que morra, não temos que lhe dar...” dizia, entre soluços de 'bêbado, um cossaco velho. Um homem do Kúbano, com uma tcherkesska rasgada, pedira ao acordeonista que tocasse uma naursskaia. E deslizava, de braços abertos, como se vê nas gravuras, com tal ligeireza que as suas botas de montanhês mal tocavam no chão gasto e sujo.

À meia-noite, um dos cossacos foi buscar, sabe-se lá onde, duas bilhas de barro de gargalo estreito. Ostentavam uns rótulos negros e meio podres, rolhas lacradas com chumbos que saíam para fora da cera encarnada. Prokhor esteve muito tempo com uma delas na mão. O esforço que fazia para decifrar a inscrição da etiqueta em língua estrangeira obrigava-o a mover a custo os lábios. Ermakov, que acordara, tirou-lhe a bilha das mãos, poisou-a no chão e puxou do sabre. Prokhor mal teve tempo de dar por ela, e já o outro cortava o gargalo da bilha com um golpe oblíquo, gritando: “Apresentem os copos!”

Não foram precisos muitos minutos para beberem todo aquele vinho espesso e acre, de aroma estranho. Depois de o provar, Riabtchikov ficou a dar estalos com a língua, encantado, e a murmurar: “Isto não é vinho, é o Santíssimo Sacramento!”

- É um vinho para aqueles que vão morrer, e não para todos, somente para aqueles que nunca jogaram as cartas, que nunca tomaram rapé, que nunca tocaram numa mulher... Um vinho para bispos, pois então!” Foi nessa altura que Prokhor se lembrou de que tinha no seu saco o tal vinho medicinal.

- Espera aí, Platone, não o gages antes de tempo. Tenho ali um vinhito ainda melhor. Este é uma merda, mas aquele que eu descobri no depósito militar, isso é que é uma pinga! Cheira a incenso e a mel, ou melhor ainda! Não é de bispo, mas digo-te na verdade que é um néctar de tzar. Noutros tempos era o tzar que o bebia, hoje chegou a nossa vez afirmava todo fanfarrão, enquanto abria um dos frascos.

Ávido de beber, Riabtehtikov engoliu de uma vez meio copo do líquido espesso, de um amarelo sujo, mas, empalidecendo de súbito, começou a piscar os olhos:

- Isto não é vinho, é fenol! rouquejou ele.

Atirou com fúria o resto para o peitilho da camisa de Prokhor e saiu a cambalear.

- Ele mente, o patife! Isto é vinho, um vinho inglês. De primeira qualidade. Não acreditem, meus irmãos! - berrou Prokhor, esforçando-se por cobrir o tumulto das vozes avinhadas.

Emborcou um copo de uma vez e ficou ainda mais pálido do que Riabtehtikov.

- Então? - perguntou Ermakov, de narinas dilatadas, a fixar intensamente os olhos torvos de Prokhor. - Que tal é esse vinho dos tzares? É seco? É doce? Responde, miserável, ou quebro-te o frasco na pinha!

Prokhor abanava a cabeça, sofria em silêncio. Depois deu um arrote, saltou levemente e correu na pegada de Riabtehtikov. Ermakov, a rebentar de riso, dirigiu uma piscadela cúmplice a Grigóri, e foi também para o pátio. Voltou ao cabo de um minuto. As suas gargalhadas cobriam todas as vozes.

- Que é isso? - inquiriu Grigóri, numa voz cansada. -Porque relinchas assim, meu idiota? Que é que se passa?

- Ah, meu carol! Se tu os visses! Viraram-se do avesso.

- Sabes o que eles beberam?

- O que foi?

- Unguento inglês contra os piolhos!

- Estás doido!

- Juro-te! Também eu pensei primeiro que fosse vinho, mas perguntei ao médico: “Que é isto, senhor doutor?” “É um remédio”, respondeu ele “Será por acaso um remédio contra todas as moléstias? Pode tomar-se com vinho?” “Deus o livre!” - exclamou ele. “Foram os Aliados que nos mandaram aquilo contra os piolhos. É um remédio para uso externo, não se pode engolir.”

- Então porque não lhes disseste, malandro?

- Faz-lhes bem, àqueles idiotas! Devem purificar-se antes de se renderem. Aquilo não mata, está descansado.

Ermakov limpava as lágrimas que lhe vinham aos olhos à força de rir, e acrescentou, com certo prazer malévolos:

- É a maneira de beberem menos. Já nem dão tempo a que uma pessoa pegue num copo. Devemos dar uma lição àqueles alambazados. Já nem sequer sabem esperar. Vamos beber à saúde da nossa derrota, queres?

Pouco antes da aurora, Grigóri saiu para o alpendre, enrolou um cigarro com os dedos trémulos e ficou ali muito tempo, encostado à parede húmida de nevoeiro.

Lá dentro, os gritos dos bêbados, os soluços do acordeão e os assobios alegres não esmoreciam; os tacões dos dançarinos martelavam infatigavelmente o chão... O vento trazia do porto o uivar contínuo e grave das sereias dos barcos. Nos cais, as vozes dos homens misturavam-se num zumbido compacto cortado pelas ordens gritadas, pelos relinchos dos cavalos, pelos silvos das locomotivas. Combatia-se para os lados da stanitsa de Tonnelnaia. O canhoneio rugia surdamente; mal se ouvia, nos intervalos, o crepitar das metralhadoras. Um foguetão subiu muito alto, num deslumbramento de luzes, por detrás do desfiladeiro de Markotsski. Durante alguns segundos, foi possível distinguir, no meio de um clarão verde e fantomático, os dorsos corcovados das montanhas que logo foram de novo cobertas pela escuridão da noite de Março. E então as salvas de artilharia recomeçaram, mais nítidas e frequentes, quase contínuas.

XXIX

Soprava do mar um vento salgado, espesso e frio, que trazia um odor de terras estrangeiras e desconhecidas. Mas, afinal, tudo, não só o vento, era estranho e desconhecido para os cossacos do Don naquela cidade marítima e enfadonha, varrida por correntes de ar. Os homens passavam o tempo no molhe, numa multidão compacta, à espera do embarque...

Ondas verdes e espumosas batiam contra o cais. Um sol frio contemplava a terra através das nuvens. Na doca fumegavam torpedeiros ingleses e franceses. Um dreadnought, qual colosso cinzento, dominava todo o porto. Por cima dele desdobrava-se uma nuvem de fumo negro. Reinava nos cais um silêncio sinistro. No lugar onde antes se baloiçara, sobre as ondas, um navio de carga preso à amarra, viam-se agora flutuar selas de oficiais, malas, cobertores, peiças, cadeiras forradas de duche vermelha, um verdadeiro bricabraque atirado da ponte no momento da partida precipitada...

Grigóri dirigiu-se ao cais logo pela manhã. Depois de confiar o seu cavalo a Prokhor, vagueou muito tempo pelo meio da multidão, em busca de caras conhecidas, a escutar conversas desconexas, e inquietas. Mesmo à sua vista, um velho oficial reformado, a quem haviam recusado a passagem queimou os miolos com um tiro em frente da prancha de embarque do Sviastolav.

Alguns momentos antes, esse coronel, um homenzinho baixo e activo, com as faces cobertas de pêlos brancos, os olhos papudos molhados de lágrimas, agarrara pela bandoleira o chefe das sentinelas; gaguejava de forma lamentável, assoava-se e limpava com um lenço sujo os bigodes amarelos do tabaco, os olhos e os lábios trémulos. Depois, num repente, decidira-se...

Imediatamente um cossaco ágil veio tirar da mão ainda quente do morto o browning de níquel cintilante. O cadáver, envolto num capote de oficial cinzento-claro, foi empurrado com o pé, como se fosse uma trave, para junto de um monte de caixotes. Depois, o sussurrar da multidão tornou-se ainda mais forte sobre a prancha, os empurrões da bicha mais violentos, as vozes roucas dos homens desesperados mais furiosas.

Quando o último barco começou a oscilar, afastando-se do cais, rebentaram entre a multidão soluços de mulheres, gritos histéricos, pragas... Ainda não se extinguiu o breve

mugido da sereia e já um jovem kalmuk, de barrete de pele de raposa, se atirava à água, desatando a nadar na esteira do barco. Aquele não se conteve suspirou um cossaco.

- Vê-se mesmo que não podia ficar - declarou um outro, mesmo ao lado de Grigóri. Deve tê-las feito boas aos vermelhos....

Grigóri, de dentes cerrados, via nadar o kalmuk. Os braços deste erguiam-se com intervalos cada vez mais espaçados, os seus ombros submergiam-se. A farda, cheia de água, arrastava-o para o fundo. Uma vaga, arrebatando-lhe o barrete de pele, levou-o para longe.

- Vai afogar-se, o maldito! - declarou num tom compadecido um velho de bechmet.

Grigóri, voltando-se bruscamente, foi direito ao cavalo.

Prokhor conversava animadamente com Riabtchikov e Bogatíriov, que acabavam de chegar a galope. Ao ver Grigóri, Riabtchikov agitou-se na sela, esporeou o cavalo e gritou, impaciente:

- Despacha-te, Panteleiévitch!

E, sem esperar que Grigóri se aproximasse, berrou de longe:

- Vamos embora daqui enquanto é tempo. Somos uns cinquenta cossacos e queremos ir todos para Guelendjik e dali para a Geórgia. Que dizes?

Grigóri ia-se aproximando, de mãos profundamente enterradas nos bolsos do capote, a empurrar com os ombros os cossacos agrupados sem motivo no cais.

- Vens ou não vens? - inquiriu Riabtchikov, que acabara por se acercar dele.

- Não, não vou.

- Juntou-se a nós um tenente-coronel. Ele sabe o caminho e disse-nos: “Sou capaz de vos levar com os olhos fechados até Tiflis”. Anda, Gricha. Dali podemos ir até à terra dos turcos, queres? Temos de nos safar de qualquer forma. Aproxima-se o fim e tu ficas para aí como um peixe adormecido...

- Não, não irei.

Grigóri, tomando as rédeas das mãos de Prokhor, saltou pesadamente para a sela, como um velho.

- Não, não irei. Isso de nada serve. E depois já é tarde, olha...

Riabtchikov voltou-se. com fúria e desespero, amarfanhou e rasgou a dragona do sabre: as montanhas regurgitavam de filas de atiradores vermelhos. As metralhadoras principiaram a crepitar febrilmente junto às fábricas de cimento. Os comboios blindados faziam fogo sobre os artilheiros. O primeiro obus veio rebentar junto ao moinho Aslanidi.

- Voltemos para casa, rapazes. Venham comigo! - ordenou alegremente Grigóri. Endireitara-se na sela.

Riabtchikov, agarrando na rédea do cavalo de Grigóri, gritou assustado:

- Não faças isso. Fiquemos aqui. A morte é bela para aqueles que morrem juntos...

- Anda daí, caramba! Quem fala em morrer?

Grigóri quis ainda dizer qualquer coisa, mas a sua voz foi coberta por um rugido de trovoadas que vinha das bandas do mar. O dreadnought inglês, o Emperor of India, ao abandonar as costas da Rússia aliada, acabava de virar de 'bordo e lançava uma salva de obuses com as suas peças de doze polegadas.

A fim de proteger os barcos que largavam da baía, flagelava as fileiras de vermelhos e de verdes que avançavam pelos arredores da cidade, depois dirigiu o fogo para o desfiladeiro onde haviam surgido as baterias vermelhas. Os obuses voavam com um silvo de ave de rapina por cima das cabeças dos cossacos amontoados no cais.

Enquanto esticava as rédeas para impedir que o seu cavalo ajoelhasse, Bogatíriov gritava por entre o troar do canhoneio:

- Ladram com força, os canhões ingleses! Mas estão a enfurecer os vermelhos sem proveito nenhum. Aqueles tiros não têm qualquer utilidade, é só barulho...

- Podem enfurecê-los à vontade. Para nós é a mesma coisa disse Grigóri sorrindo.

Fustigou o cavalo e seguiu rua fora.

Ao chegar à esquina, surgiram ao seu encontro seis cavaleiros a galope, de sabres desembainhados. O primeiro trazia no peito uma fita vermelha, que parecia uma ferida sangrenta.

OITAVA PARTE

I

Durante dois dias soprou do sul um vento morno. A última neve desapareceu dos campos. As torrentes primaveris cobertas de espuma deixaram de rugir; as ravinas e os rios da estepe acalmaram. Na madrugada do terceiro dia, o vento cessou. Sobre a estepe amontoavam-se espessas nuvens, a humidade veio pratear os tufo de junco do ano anterior, uma névoa esbranquiçada, impenetrável, afogou os túmulos, as ravinas, as stanitsas, os campanários, os cimos dos choupos erguidos em pirâmide para o céu. E a Primavera azul instalou-se na vasta estepe do Don.

Certa manhã enevoadá, Akcínia veio até ao alpendre, pela primeira vez desde que estava melhor, e ficou um longo momento de pé, estonteada com a suavidade inebriante do ar fresco da Primavera. Vencendo a náusea e a vertigem, aproximou-se do poço do jardim e, poisando o balde no chão, sentou-se na borda do muro.

O mundo pareceu-lhe mudado, maravilhosamente novo e atraente. Observava em redor, de olhos brilhantes, a brincar com as pregas da saia, como uma rapariguinha. O horizonte velado pela névoa, as macieiras, o jardim molhado pela água do degelo, a cerca húmida e, atrás desta, o caminho em que os regos do ano anterior se haviam cavado profundamente, tudo se lhe afigurava de uma beleza nunca vista, tudo resplandescia aos seus olhos revestido de cores suaves e intensas, como se estivesse iluminado pelo sol.

O azul glacial de um farrapo do firmamento que se avistava por entre as nuvens cegou-a; o cheiro da palha apodrecida e da terra negra, gelada, era--lhe tão familiar e agradável que respirou profundamente, sorrindo de leve; o canto sem malícia de uma toutinegra fez brotar dentro dela uma tristeza inconsciente. Aquele canto, ali, longe da sua terra, arrancou-lhe dos olhos duas lágrimas rebeldes. Toda entregue ao prazer da vida reencontrada, sem pensar em nada, Akcínia experimentava um desejo intenso de tocar com as mãos em tudo, de examinar tudo. Sentia vontade de apalpar a groselheira negra de humidade, de comprimir a face contra o ramo da macieira coberta de veludo azulado, de saltar a vedação arruinada e correr sobre a lama através dos campos, para além da larga ravina até o verde fabuloso das sementeiras do Outono, que se esvaía no horizonte enevoadó...

Durante alguns dias, Akcínia esperou que Grigóri aparecesse de um momento para o outro, mas veio a saber pelos vizinhos de passagem que a guerra não terminara, que muitos cossacos haviam embarcado em Novorossiisk com destino à Crimeia e que aqueles que não tinham conseguido partir se encontravam ou no Exército Vermelho ou nas minas.

Ao cabo de uma semana, tomou a firme decisão de regressar a casa, tendo tido a sorte de encontrar logo um companheiro de viagem: certa noite, um velhote entrou na casa sem bater e, depois de cumprimentar em silêncio, começou a desabotoar o capote sujo, rebentado nas costuras, que lembrava um saco a cair-lhe dos ombros.

- Então, tiozinho, instalas-te sem dares os bons-dias? - disse o dono da casa, a observar com espanto o intruso.

O outro despiu rapidamente o capote, sacudi-o na soleira, pendurou-o cuidadosamente, dizendo então com um sorriso, a alisar a barbicha grisalha e curta:

- Perdoa-me pelo amor de Deus, caro amigo, mas os tempos que correm ensinaram-me uma coisa: é que se deve primeiro despir o capote e só depois pedir guarida, de contrário mandam-nos embora. As pessoas, hoje em dia, tornaram-se grosseiras e não gostam de receber visitas...

- Onde queres tu que te alojemos? Bem vêς que estamos todos apertados disse o dono da casa num tom mais suave.

- A mim basta-me um cantinho. Olha, aqui, na soleira da porta, enrosco-me e adormeço.

- Quem és tu, tiozinho? És refugiado? inquiriu a dona da casa

- Sim, é isso mesmo, sou um refugiado. Corri Seca e Meca, fui até ao mar e agora regresso devagarinho. Estou exausto... respondeu o velho, que gostava de conversar, agachando-se junto à porta.

- Mas quem és? Onde é a tua terra? - perguntou por sua vez o dono da casa.

O velho tirou do bolso uma grande tesoura de alfaiate, fê-la girar nas mãos, e disse, sempre a sorrir:

- Aqui estão os meus documentos, a minha ordem de missão desde Novorossiisk. Mas não sou natural daqui, pertenco à stanitsa de Vióchénskaja. É para lá que me dirijo agora, depois de ter provado a água salgada do mar! Eu também sou de Vióchénskaja, tiozinho! - exclamou Akcínia, vermelha de alegria.

- Vejam lá como são as coisas! - retorquiu o velhote.

- Onde uma pessoa vem encontrar uma contrerrânea! A verdade é que, nos tempos que correm, isso nada tem de extraordinário. Nós agora somos uma espécie de judeus errantes, espalhados por toda a terra. No Kúbano, por exemplo, atiramos um pau a um cão

e acertamos num cossaco. Há-os por todo o lado, não se podem contar, e, debaixo da terra, ainda há mais. Meus amigos, durante a retirada, vi coisas que ninguém pode imaginar. Esta desgraça que a gente suporta não se descreve! Ainda ontem estive numa estação do caminho-de-ferro. Na minha frente, havia uma mulher com muito bom ar que usava óculos. E tinha posto os óculos para catar os piolhos que se passeavam tranquilamente por cima dela. Ela apanhava-os com as unhas e fazia uma careta como se estivesse a trincar uma maçã madura. Começou a esborrachar os malditos dos piolhos, fazendo cada vez mais caretas, a ponto de ficar com a cara toda de esguelha, de tal modo lhe repugnava o que estava fazendo. E quando eu penso que há tipos que matam um homem sem pestanejar, sem a menor contracção! Vi um sujeito na minha frente passar a sabre três kalmuks. No fim, limpou o sabre à crina do cavalo, acendeu um cigarro, veio ter comigo e disse: “Então, velhinho, não arregales tanto os olhos. Queres que também te corte a cabeça?” “Que estás tu a dizer, meu filho” respondi eu. “Deus te guarde! Se me cortas a cabeça, como hei-de eu comer pão?” O homem pôs-se a rir e foi-se embora.

- Matar um homem, para quem está habituado a isso, custa menos do que esborrachar um piolho. O valor de um homem baixou muito desde o princípio da revolução - declarou o dono da casa com um ar profundo.

- Isso é uma grande verdade - concordou o outro. - O homem não é nenhum animal, habitua-se a tudo. Então eu perguntei à tal dama: “Quem é a senhora? Pela cara não parece ter nascido de gente humilde.” Ela, olhando para mim, debulhou-se em lágrimas: “Sou a mulher do general-major Gretchikhine”. E eu disse de mim para mim, apesar do teu general e do teu major, tens tantos piolhos como pulgas há no pêlo de um gato ranhoso. E declarei-lhe: “Vossa Excelência desculpe, mas se continua a matar os piolhos por esse processo tem que fazer até à festa da Intercessão. Além de que vai partir as unhas todas. Esborrache-os de uma vez!” “Assim?” perguntou ela. Então aconselhei: “Dispa o fato, e estenda-o sobre uma coisa dura. e passe-lhe por cima uma garrafa.” Nisto a generala deu um pulo e foi esconder-se atrás de um reservatório. Depois vi-a a rebolar uma garrafa sobre a camisa, com tanta força como se nunca tivesse feito outra coisa na vida. Estive muito tempo a observá-la e depois disse comigo: O bom Deus faz tudo com fartura. Mandou estes bichinhos morder as pessoas da alta dizendo lá consigo que era justo eles chuparem também sangue doce, e não apenas o dos trabalhadores...O bom Deus não é nenhum parvo. Ele lá sabe o que faz. E às vezes regula tão bem as coisas que a gente não tem nada a dizer-lhe...

Sempre a tagarelar, vendo que os donos da casa o escutavam com a maior atenção, o alfaiate deu a entender habilmente que, embora ainda tivesse outras histórias para contar, a fome lhe estava a fazer sono.

Depois da ceia, quando se instalava para dormir, disse a Akcínia:

- Então, cara contrerrânea, contas ficar aqui ainda muito tempo?

- Estou morta por regressar à terra, avozinho.

- Então vamos juntos, sempre é mais agradável.

Akcínia aceitou com entusiasmo e, na manhã seguinte, depois de se despedirem dos donos da casa, deixaram a povoação de Novo-Mikhailovsski, perdida na estepe.

Ao cabo de doze dias, chegaram de noite à stanitsa de Miliutinsskaia. Conseguiram dormida numa grande casa de aspecto confortável. Na manhã seguinte, o companheiro de Akcínia resolveu ficar ali uma semana para descansar e tratar os pés feridos pela caminhada. Não podia ir mais longe e havia trabalho de costura para ele fazer naquela casa. O velho, que sofrera com a falta do trabalho, instalou-se com entusiasmo perto de uma janela, tirou da algibeira a tesoura e os óculos presos a uma fita, começando logo a descoser umas farpelas velhas.

Quando Akcínia se despediu dele, o maroto, o farsante, abençoou-a; os seus olhos encheram-se de lágrimas inesperadas que se apressou a enxugar, e disse, com a sua costumada ironia:

- A miséria não é boa companheira, mas aproxima as pessoas... Já te sinto a falta. Pronto, não há remédio. Vai sozinha, minha filha, o teu companheiro ficou de repente manco das duas pernas. Parece que lhe deram pão de cevada a comer... Podemos confessar que andamos bem os dois nestes últimos dias. Bem de mais, até, para os meus setenta anos. Se tiveres ocasião, diz à minha mulher que o seu pombinho cinzento está vivo e são. Apanhou vários encontrões, mas não morreu, e que ficou pelo caminho a fazer calças para esta boa gente. Há-de chegar a casa quando menos o esperarem. Informa-a de que este velho idiota bateu em retirada e que agora regressa a casa, sem contudo fazer ideia do dia da chegada...

Akcínia demorou-se ainda uns dias pelo caminho. De Bokóvsskaia, chegou a Tatársski num carro que seguia o itinerário. Certa noite, já tarde, entrou pelo portão aberto do seu pátio, lançou um olhar à herdade dos Melekhov, e logo uma onda de soluços lhe subiu à garganta, abafando-a...

Na cozinha deserta, onde flutuava o odor das casas desabitadas, chorou todas as suas lágrimas amargas de mulher, há muito retidas. Depois desceu ao Don para ir buscar água, acendeu o fogão e sentou-se diante da mesa, com as mãos sobre os joelhos. Mergulhada

nos seus pensamentos, não ouviu ranger a porta, e só deu conta de si quando Ilínitchna, que entrara, lhe disse em voz baixa:

- Olá, boa noite, vizinha. Andaste muito tempo perdida longe da nossa terra...

Akcínia olhou-a, assustada, levantou-se:

- Porque olhas para mim sem dizeres nada? Será que trazes más notícias? - disse Ilínitchna. E aproximou-se lentamente da mesa, indo sentar-se na ponta do banco, sem despregar os olhos ansiosos do rosto de Akcínia.

- Não. Porque havemos de falar em más notícias?... Não contava consigo. Estava a pensar noutras coisas e não a senti entrar...declarou Akcínia, perturbada.

- Emagreceste, só trazes a pele e o osso.

- Tive o tifo...

- E o nosso Grigóri... como vai ele?... Ou vocês separaram-se? Ele está vivo?

Akcínia contou em poucas palavras o que se passara. Ilínitchna escutou-a sem proferir palavra. Por fim, inquiriu:

- Quando te deixou ele não estava doente?

- Não, não estava doente.

- E não voltaste a saber nada dele?

- Não.

Ilínitchna soltou um suspiro de alívio.

- Bem, obrigada pelas tuas boas palavras. É que aqui, na aldeia, dizem coisas dele...

- Que coisas? . perguntou Akcínia numa voz quase imperceptível.

- Coisas... tolices... Não podemos dar ouvidos a tudo quanto se diz. De todos os homens da aldeia, só regressou o Vanka Beskhlebnov. Viu o Gricha doente em Ekaterinodar. Quanto aos outros, não acredito no que dizem.

- Mas que dizem eles, tiazinha?

- Ouvimos contar que um cossaco de Singuine afirmava que os vermelhos haviam morto o Gricha na cidade de Novorossiisk. Fui a pé a Singuine (o meu coração de mãe não tinha descanso) e falei com esse cossaco. Ele negou o que dissera. Afirmo que nada sabia, nada vira. Também corre o boato de terem prendido o Gricha e que ele teria morrido com o tifo...

Ilínitchna, baixando os olhos, ficou muito tempo calada, a contemplar as suas pesadas mãos nodosas. O rosto flácido da velha estava calmo, de lábios severamente apertados. De repente, as suas faces morenas tomaram um tom de cereja e as suas pálpebras começaram a tremer. Fitando Akcínia com os olhos secos e escaldantes, disse numa voz rouca:

- Mas eu não acredito. Não é possível eu ter perdido o meu último filho. Deus não podia castigar-me assim... Pouco tempo me resta para viver, mas já tive mais do que a minha conta de sofrimentos... O Gricha está vivo. O meu coração nada adivinha, isso prova que o meu querido está vivo.

Akcínia voltou-se sem responder.

A cozinha permaneceu muito tempo em silêncio, depois o vento escancarou a porta do vestíbulo e ouviu-se o mugido surdo da cheia entre os choupos, na outra margem do Don, e os apelos inquietos dos patos selvagens sobre a água.

Akcínia fechou a porta e foi encostar-se ao fogão.

- Não se inquiete por causa dele, tiazinha disse em voz baixa. Acha que a doença pode vencer um organismo daqueles? Ele é forte. Forte como o ferro. Os homens como ele não morrem. Fez toda a viagem sem luvas, com um frio de rachar...

- E ele lembra-se dos filhos? - perguntou Ilínitchna em voz sumida.

- Lembrava-se de si e dos filhos. Eles estão bons?

-Sim, estão bons. Não lhes tem faltado nada. Mas o nosso Pantelei Prokófievitch morreu durante a retirada. Ficámos sós...

Akcínia persignou-se em silêncio, intimamente surpreendida pela calma com que a velha anunciara a morte do marido.

Ilínitchna ergueu-se com esforço, apoiada à mesa.

- Estou a demorar-me e já é noite lá fora.

- Fique, tiazinha.

-A Duniachka está só, tenho de ir embora.

Enquanto compunha o lenço da cabeça, observou a cozinha e franziu o nariz.

- O fogão deita fumo. Devias ter deixado aqui alguém quando te foste embora. Bem, adeus.

Já com a mão no trinco da porta, disse sem olhar para trás:

- Quando estiveres instalada, passa lá por casa, vem visitar-nos. Se souberes notícias do Grigóri diz-nos...

Desse dia em diante, as relações entre as mulheres da família Melekhov e Akcínia modificaram-se totalmente. A sua preocupação comum pela sorte de Grigóri aproximara-as, estabelecera entre elas como que um laço. Na manhã seguinte, Duniachka, ao ver Akcínia no pátio, chamou-a e foi até à cerca; abraçando os ombros magros de Akcínia, dirigiu-lhe um sorriso franco e acariciador.

- Oh, como emagreceste, Ksiúcha, só tens ossos!

- Não havia de emagrecer, com aquela vida - respondeu Akcínia sorrindo, a contemplar com secreta inveja o rosto da rapariga, de faces vermelhas, a respirar saúde e beleza.

- A minha mãe veio ontem a tua casa? – perguntou Duniachka, falando baixo sem saber porquê.

- Veio sim.

- Foi o que eu pensei, que ela tinha ido a tua casa.

- Pediu-te notícias do Gricha?

- Pediu.

- E não chorou?

- Não. É muito dura.

Duniachka olhou confiadamente para Akcínia:

- Antes chorasse. Para ela seria menos duro. Sabes, Ksiúcha, anda esquisita desde o Inverno, não parece a mesma. Quando soube o que acontecera ao pai, julguei que o coração lhe parava, tive muito medo, mas não verteu uma lágrima. Disse apenas: “Deus guarde a sua alma! Já não sofre mais, o meu querido.” E não voltou a falar a ninguém até à noite. Eu bem tentava dizer-lhe uma palavra de vez em quando, mas ela fazia-me sinal com a mão e calava-se. O que eu sofri nesse dia! À noite, quando acabei de tratar dos animais, ao voltar ao pátio, perguntei-lhe: “Mãe, cozinhamos alguma coisa para comermos logo?” Recobrando ânimo, tornou a falar...

Duniachka suspirou e disse, olhando pensativamente para além de Akcínia:

- O nosso Grigóri morreu? É verdade o que dizem?

- Não sei, minha querida.

Duniachka suspirou ainda mais fundo, com os olhos enviesados, a perscrutar Akcínia:

- A minha mãe está ralada de desgostos. Só lhe chama o “meu queridinho”. Não acredita que ele já não pertence a este mundo. E, sabes tu, Ksiúcha, se ela souber que Grigóri morreu de verdade, não resiste ao desgosto. Já não lhe interessa a vida, o que a prende é o Grigóri. Até para os netos se mostra menos meiga e no trabalho deixa cair tudo das mãos... Imagina tu, quatro mortos na família no espaço de um ano...

Compadecida, Akcínia curvou-se sobre a cerca para abraçar Duniachka e beijá-la com força na cara.

- Tens que entreter a tua mãe com qualquer coisa, minha querida. Não a podes deixar entregue ao desgosto.

- Mas entretê-la com quê?

Duniachka limpou os olhos à ponta do lenço e disse:

- Vem a nossa casa para conversares com ela. Isso há-de fazer-lhe bem. Não há motivo para te afastares de nós.

- Hei-de ir, hei-de ir sem falta.

- Amanhã vou para o campo. Juntamo-nos com a mulher do Anikuchka, tencionamos semear pelo menos duas deciatinas de trigo. E tu, semeias alguma coisa?

- Semear o quê? - respondeu Akcínia sorrindo tristemente.

- Não tenho onde semear nada, e depois, para quê? Para mim pouco me basta e hei-de arranjar-me.

- E do teu Stepane, tens notícias?

- Não - respondeu com indiferença Akcínia. E acrescentou sem querer: - Nem tenho saudades.

Esta confissão involuntária perturbou-a, acrescentando muito depressa para esconder a confusão:

- Adeus, minha pequena, tenho de ir arrumar umas coisas lá em casa.

Duniachka, fazendo de conta que não reparara na atrapalhação de Akcínia, disse, a desviar os olhos:

- Espera aí, quero dizer-te uma coisa. Não gostarias de nos vir ajudar? A terra está a ficar seca de mais, tenho receio de que não consigamos fazer nada dela, e só restam dois homens em toda a aldeia, mesmo assim inválidos.

Akcínia concordou prontamente, e Duniachka, toda satisfeita, foi fazer os preparativos.

Afadigou-se durante todo o dia: com a ajuda da mulher de Anikuchka, joeirou o trigo, consertou o melhor que pôde os arreios, untou as rodas da carroça, compôs o semeador.

À noite encheu um lenço de trigo joeirado, dirigiu-se ao cemitério e espalhou-o sobre as campas queridas de Petro, de Natalia e de Daria, para atrair os pássaros pela manhã. Na sua simplicidade de criança, acreditava que os mortos, ouvindo o alegre chilrear das aves, se sentiriam contentes.

Só perto do romper do dia é que o silêncio voltou a reinar nas terras do Don. A água marulhava suavemente na floresta invadida, lavando as copas verde-pálido dos choupos, baloiçando a compasso os tufos afogados das moitas de carvalhos e de álamos jovens; as cabeleiras dos arbustos dobrados pela corrente rumorejavam nos pântanos a transbordar; nas terras inundadas, nas enseadas perdidas onde a água, a reflectir a luz crepuscular do céu estrelado, permanecia imóvel e como que embruxada, os patos anões, quase sem fazerem

barulho, chamavam uns pelos outros, as abequinhas faziam ouvir o seu assobiar sonolento, de quando em quando soavam as trombetas argentinas dos cisnes de passagem, instalados nos lameiros para pernoitar. Por vezes, um peixe vagabundo saltava na escuridão; uma vaga irisada espalhava-se ao longe sobre as águas palhetadas de cintilações de ouro; um pássaro angustiado soltava um grito de apelo. E de novo o silêncio envolvia o Don.

De madrugada, porém, quando os contrafortes barrentos das colinas mal começavam a ruborizar-se, levantava-se um vento, forte e poderoso, soprando contra a corrente. Amontoavam-se então sobre o Don vagas de uma ságena de altura, a água cachoeira furiosamente na floresta, as árvores oscilavam gemendo.

O vento uivava durante todo o dia, só se acalmando alta noite.

Este tempo durou vários dias.

Uma bruma lilás veio instalar-se por cima da estepe.

A terra secava, a erva parava de crescer, os regos feitos no Outono rachavam. A terra esboroava-se de hora a hora e os campos de Tatárski encontravam-se quase desertos. Na aldeia tinham ficado apenas alguns velhos de idade muito avançada.

Os homens que haviam regressado após a retirada estavam meio gelados, doentes e incapazes de trabalhar; somente as mulheres e alguns adolescentes labutavam nos campos. Na aldeia vazia o vento levantava nuvens de poeira, fazia bater as portadas, levantava em redemoinhos o colmo por cima dos telheiros.

“Este ano ficaremos sem pão”, declaravam os velhos. “Só há mulheres nos campos, em cada três herdades só uma semeia as suas terras. O chão morto não produzirá nada...”

No dia seguinte à sua partida para os campos, ao pôr do Sol, Akcínia, que fora levar os bois a beber ao charco, avistou no aterro o pequeno Obnizov, de dez anos de idade, segurando pela rédea um cavalo selado. O animal agitava os beiços, das suas ventas de veludo cinzento caíam gotículas de água, e o jovem cavaleiro, agora apeado, divertia-se a lançar ao charco torrões de barro gelado e a ver os círculos que se formavam à superfície.

- Que vieste fazer aqui, Vaniatka? - disse-lhe Akcínia.

- Vim trazer o farnel à minha mãe.

- E como vão as coisas na aldeia?

- Vão bem. Esta noite o tio Guerassomo apanhou uma carpa enorme numa rede. E o Fiódor Melnikov voltou da retirada.

Erguendo-se nos bicos dos pés, o garoto agarrou na rédea e, deitando a mão a um punhado de crinas, saltou para a sela com uma agilidade diabólica. Afastou-se do charco a passo, como um proprietário tranquilo, mas em seguida, após se ter voltado para olhar

Akcínia, desatou a galopar com tanta pressa que a sua camisa azul desbotada se lhe enfunava nas costas como um balão.

Enquanto os bois bebiam, Akcínia deitou-se na margem e tomou a decisão de ir à aldeia. Melnikov era um antigo soldado, devia saber qualquer coisa acerca de Grigóri. Trouxe os bois para o acampamento e declarou a Duniachka:

- Vou à aldeia, volto amanhã cedo.

- Tens lá que fazer?

- Tenho.

No dia seguinte pela manhã, Akcínia estava de volta, no momento em que Duniachka atrelava os bois; Akcínia aproximou-se a agitar uma varinha com um ar descuidado, mas trazia os sobrolhos franzidos e uma prega de amargura ao canto da boca.

- Melnikov Fiódor regressou. Fui perguntar-lhe notícias do Grigóri. Não sabe nada disse muito depressa. Depois, voltando-se, foi direita à semeadora.

Depois das sementeiras, Akcínia entregou-se a alguns trabalhos domésticos: semeou melancias, caiu a casa, consertou sozinha, o melhor que pôde, com restos de colmo, o tecto dos currais. Tinha os dias ocupados pelo trabalho, porém a inquietação que sentia pela vida de Grigóri não lhe deixava um instante de sossego. Pensava em Stepane com repugnância; sem saber porquê, tinha o pressentimento de que este não voltaria; no entanto, sempre que um cossaco regressava, perguntava-lhe logo: “Viste o meu Stepane?” E só depois, pouco a pouco e com prudência, procurava obter algumas notícias de Grigóri. A ligação de ambos era conhecida em toda a aldeia.

As comadres mais ávidas de mexericos haviam cessado de falar neles, no entanto Akcínia envergonhava-se de dar a perceber os seus sentimentos. Contudo, quando chegava um soldado de poucas falas que não se referia a Grigóri, ela inquiria, piscando muito os olhos, visivelmente confusa: “E o nosso vizinho, Grigóri Panteleiévitch, não o encontraste por acaso? A mãe dele anda muito preocupada, já não pode mais...”

Nem um único cossaco de Tatársski voltara a ver Grigóri nem Stepane depois da rendição do Exército do Don, em Novorossiisk.

Só nos fins do mês de Junho é que um companheiro de armas de Stepane, natural da aldeia de Kolundaevsski, depois de atravessar o Don, veio visitar Akcínia e lhe disse:

- O Stepane partiu para a Crimeia, isso posso eu garantir-te. Vi-o eu próprio embarcar. Era tanta gente que marchavam uns por cima dos outros.

Akcínia interrogou-o acerca de Grigóri e ele respondeu evasivamente:

- Vi-o no cais e trazia os galões. Mas depois não voltei a pôr-lhe a vista em cima. Embarcaram muitos oficiais com destino a Moscovo. A estas horas sabe-se lá onde ele pára...

Uma semana depois, Prokhor Zikov regressava, ferido, a Tatársski, transportado num carro civil da estação de caminho-de-ferro de Milerovo. Ao saber isto, Akcínia largou a vaca que estava mungindo, levou o vitelo para junto desta e depois dirigiu-se a toda a pressa para a herdade dos Zikov. Ia quase a correr, compondo o lenço pelo caminho. “Prokhor deve saber qualquer coisa. E se ele me diz que o Grigóri morreu? Que será de mim?” Pensava ela pelo caminho. E de momento a momento abrandava o passo, a comprimir o peito com uma das mãos, temendo a horrível notícia.

Prokhor recebeu-a na sala grande, arvorando um sorriso aberto, enquanto escondia atrás das costas o coto do braço esquerdo.

- Viva, companheira de desgraça! Viva! com que então estás curada! E nós a pensarmos que tinhas dado a alma ao Criador nessa aldeola longínqua!... Ah, estiveste a bater a bota! . O tifo não é nenhuma brincadeira, hem?... Cá por mim, estás a ver o que me fizeram, esses malditos dos polacos brancos! Era só amassar-lhes as ventas, danados!

Prokhor mostrava a manga vazia, com um nó na ponta.

- Quando a minha mulher viu isto desatou a berrar, mas eu disse-lhe: “Não grites, idiota. Há outros a quem cortaram a cabeça, e esses não se queixam. Que importa lá a mão! Para já, arranja-se uma de pau. Essa, ao menos, não arrefece e, se a gente se corta, não deita sangue. É pena, minha filha, que não me tenham ensinado a fazer tudo com uma só mão. Já não posso abotoar as calças, imagina. Vim desde Kiev até casa com a braguilha aberta. Uma vergonha! Tens de desculpar se me vires descomposto. Vamos, entra e senta-te. Vamos conversando enquanto a minha mulher não chega. Mandeí-a buscar aguardente. O marido chega da guerra sem uma das mãos e aquela maldita não tem nada em casa para o receber. Vocês são todas as mesmas, quando vêm o marido pelas costas. Já vos conheço as manhas, suas bruxas!

- Queria que me dissesses...

- Já sei, já sei, vou dizer-te. Vais ver de que maneira ele me disse que te apresentasse os seus cumprimentos...

E Prokhor fez uma reverência cómica. Ao erguer a cabeça, arqueou as sobrancelhas de espanto:

- Então que é isso? Porque estás tu a chorar, idiota? Vocês as mulheres são todas umas parvas, umas cabeças no ar. Se morremos, choram. Se estamos vivos, choram também. Assoa-te, assoa-te, não estejas para aí a fungar. Garanto-te que ele está vivo e de

boa saúde. Tem mesmo bebido como um odre. Em Novorossiisk, entrámos ambos para o Exército de Cavalaria do camarada Budionny, na Décima Quarta Divisão. O nosso Grigóri Panteleievitch assumiu o comando de um esquadrão. E, como podes calcular, fiquei junto dele. Partimos para Kiev em formação de marcha. Ah, minha filha, demos-lhe uma tal coça, a esses malditos polacos brancos! Pelo caminho, Grigóri ia-me dizendo: “Já matei com o meu sabre alemães e várias raças de austríacos. Será que os polacos têm a cabeça mais dura do que eles? Acho que me custaria mais abatê-los se fossem tipos da nossa terra, russos... Que pensas tu?” E piscava-me o olho a sorrir. Modificou-se muito depois que entrou para o Exército Vermelho. Engordou como um cavalo castrado. Mesmo assim íamos jogando a bulha... Um dia cheguei junto dele e disse-lhe, em ar de brincadeira: “São alturas de descansares um pouco, Vossa Nobreza, camarada Melekhov.” Ele deitou-me uns olhos furibundos e respondeu: “Acaba lá com essas brincadeiras, ou ainda te arrependes.” À noite mandou-me chamar já nem sei para quê, e vou eu e tenho a triste ideia de repetir a graça e de lhe chamar “Vossa Nobreza”... O tipo agarra na pistola. Estava branco que nem um lençol e de dentes arreganhados como um lobo tem dentes que nunca mais acabavam, pelo menos assim parece. Eu montei a cavalo e raspei-me! Por pouco me não matava, o estupor.

- Talvez venha aí de licença... - alvitrou Akcínia.

Prokhor interrompeu-a:

- Não contes com isso! Garantiu-me: “Hei-de servir até ter resgatado todos os meus antigos pecados.” E é isso mesmo que ele vai fazer, podes ter a certeza... Uma vez, junto de uma pequena aldeola, levou-nos ao assalto e eu vi-o com os meus olhos passar a sabre quatro ulanos. O tipo é meio canhoto e por isso apanhava-os pelos dois lados. Depois do combate, o próprio Budionny lhe veio apertar a mão diante das tropas e todo o esquadrão recebeu também um voto de agradecimento. Ora aí tens os feitos do teu Grigóri.

Akcínia escutava como que tomada de uma certa embriaguez...

Só voltou a si diante do portão dos Melekhov. Duniachka, que estava a coar o leite no vestíbulo, disse-lhe sem erguer a cabeça:

- Vens buscar o teu fermento? Esqueci-me de to levar como tinha prometido.

Porém, ao reparar nos olhos de Akcínia, deslumbrados e húmidos de lágrimas, compreendeu tudo sem precisar de explicações.

Comprimindo o rosto escaldante contra o ombro de Duniachka, Akcínia murmurava, ofegante de alegria:

- Ele está vivo e de boa saúde... Manda-nos muitas saudades...

- Anda, anda, vai dizer à tua mãe...

II

No princípio do Verão regressaram a Tatársski uns trinta cossacos, daqueles que haviam acompanhado a retirada. Eram, na sua maioria, homens das antigas classes, porém os cossacos jovens e de meia-idade, com excepção dos doentes e dos feridos, continuavam ausentes. Parte deles encontrava-se a servir no Exército Vermelho, outros na Crimeia, nos exércitos de Wrangel, onde se preparavam para uma nova campanha sobre o Don.

Cerca de metade de todos os participantes na retirada haviam ficado para sempre em terra estrangeira: uns vitimados pelo tifo, outros mortos no decurso dos últimos combates no Kúbano; alguns, depois de se terem afastado do caminho, ficaram gelados na estepe, para além de Manitch; dois homens capturados pelos vermelhos-verdes foram dados como desaparecidos...

Em Tatársski, muitos cossacos faltavam à chamada.

As mulheres passavam os dias esperando na maior inquietação e todas as vezes que iam ao encontro das vacas, no regresso das pastagens, ficavam por largo tempo imóveis, com a mão em pala sobre os olhos, a perscrutar a estrada larga, velada pela bruma roxa da tarde, na esperança de ver surgir algum retardatário.

Quando um pai de família, há muito esperado, regressava a casa, andrajoso, magro e coberto de piolhos, reinava uma agitação alegre e confusa: aquecia-se água para lavar o viajante negro de porcaria, as crianças espreitavam o menor gesto do pai, a ver quem lhe prestava mais serviços, a dona da casa não cabia em si de felicidade: ora corria a pôr a mesa, ora se precipitava para a arca a buscar-lhe roupa lavada. Mas a verdade é que a roupa não estava cosida e os seus dedos trémulos não conseguiam enfiar a linha no buraco da agulha... Nesses momentos felizes até o cão de guarda, que reconhecera ao longe o dono e o fora esperar lambendo-lhe as mãos, era autorizado a penetrar dentro de casa: as crianças podiam quebrar a loiça ou entornar o leite sem que ninguém as repreendesse, tudo lhes era desculpado... Ainda o dono da casa não acabara de tomar banho e de vestir roupa lavada, já a casa se enchia de mulheres que vinham informar-se do destino dos seus parentes e bebiam as palavras do recém-vindo com avidez e receio.

Dentro em breve, porém, uma ou outra saía lá para fora, a comprimir com as palmas das mãos o rosto banhado em lágrimas, e partia rua abaixo às cegas, a tropeçar. E numa das

pequenas casas da aldeia ficava mais uma viúva a chorar o seu defunto, enquanto as vozes das crianças a acompanhavam baixinho. Assim se passavam os dias em Tatársski: a alegria, ao penetrar numa casa, deixava outras entregues à dor e ao desespero.

No dia seguinte, o recém-chegado, rejuvenescido e com a barba feita, erguia-se ao romper da aurora, examinava a herdade para se dar conta dos trabalhos que havia a executar. E punha mãos à obra logo no fim do almoço. A rabiça gemia alegremente na terra, o machado batia debaixo do telheiro, ao frio, como que a proclamar o regresso das mãos ávidas e experientes ao labor da casa. Porém naquelas onde chegara a notícia da morte de um pai ou de um marido reinava um silêncio opaco que cobria a casa e o pátio. A mãe permanecia deitada, em silêncio, esmagada pela dor, e os órfãos agrupavam-se à sua volta, amadurecidos pelo desgosto.

Assim que sabia do regresso de mais um homem da aldeia, Ilínitchna dizia:

- Quando regressará o nosso querido? Os outros voltam, mas ele não dá notícias.

- Não deixam vir os novos. Não sabe isso, minha mãe? - respondia Duniachka irritada. - Qual não deixam? E o Tikhone Guerassimov? Tem menos um ano do que o Gricha.

- Mas esse foi ferido, mãe.

- Qual ferido, qual carapuça! Ainda ontem o vi na forja, a caminhar como se não tivesse nada. Aquilo não é ferida nem é nada.

- Mas foi ferido e agora está curado.

- E o nosso, nunca foi ferido, não? Tem o corpo todo coberto de cicatrizes; então tu achas que não precisa de se recompor?

Duniachka tentava provar a Ilínitchna que não podia alimentar a esperança de ver tão cedo Grigóri, mas isso não era coisa fácil.

- Cala-te, idiota! ordenava ela à filha. Sei mais do que tu, és nova de mais para me dares lições. Eu digo que ele volta e há-de voltar. Gira, gira, não posso perder tempo contigo.

A velha esperava o filho com uma impaciência tremenda e falava dele a toda a hora. Sempre que Michatka lhe desobedecia, ralhava logo: “Espera aí, meu guedelhudo! Quando o teu pai voltar faz-te as contas! Verás a tarefa que levas!” Sempre que passava na rua uma carroça com arreios novos, ela suspirava, não se contendo sem dizer: “Vê-se logo que o dono da casa regressou, está tudo consertado. E o nosso, quem lhe proíbe de vir até cá?” Ela que nunca gostara do fumo do tabaco e que sempre expulsara da cozinha os fumadores, modificara a sua opinião nos últimos tempos: “Vai chamar o Prokhor e diz-lhe que venha até aqui fumar um cigarro. Nesta casa cheira a cadáver. Quando o Gricha voltar,

ao menos teremos um cheiro vivo, um cheiro cossaco...” Todos os dias, ao cozinhar, preparava qualquer coisa a mais e no fim das refeições metia no forno uma panela de sopa de couves. Quando Duniachka lhe perguntou um dia porque fazia ela isso, respondeu, admirada: “Era o que faltava que o não fizesse! O nosso soldado pode voltar de um momento para o outro e assim terá sempre que comer, é só o tempo de o pôr ao lume. Porque ele há-de vir cheio de fome, aposto . “ Doutra vez, ao voltar do meloal, Duniachka viu, pendurado num prego da cozinha, um velho capote de Grigóri e um boné antigo com a tarja desbotada.

Dirigiu à mãe um olhar interrogador, e esta sorriu-lhe com um ar triste e lamentoso: “Fui eu que tirei aquilo da arca, Duniachka. Quando a gente vem de fora e dá com os olhos nele sempre ficamos mais animadas... É como se ele já cá estivesse...”

Duniachka, que acabara por odiar estes discursos sem fim acerca de Grigóri, um dia não pôde mais:

- Ainda não está farta de falar sempre na mesma coisa, minha mãe? Acaba por cansar toda a gente! Sempre o Gricha, o Gricha, não se ouve outra coisa...

- Como havia eu de me faltar de falar do meu filho? Quando um dia os tiveres hás-de saber como é... – respondeu baixinho Ilínitchna.

Depois disto levou para o seu quarto o capote e o boné de Grigóri e ficou uns dias sem se referir ao filho. Mas, pouco antes de começar o corte dos fenos, disse a Duniachka:

- Tu zangas-te se eu falo no Gricha, mas como iremos arranjar-nos sem ele? Já pensaste nisso, minha palerma? Vamos começar a ceifa e não temos ninguém que nos ajeite o cabo de um ancinho. Está tudo desmazelado, não podemos fazer nada. As ferramentas choram pelo dono...

Duniachka ficou calada. Via bem que os assuntos da lavoura não interessavam grandemente a velha e que tudo aquilo era um pretexto para recordar o filho e aliviar o espírito.

Ilínitchna estava de novo cheia de angústia e não conseguia ocultá-lo. À noite, não quis comer e, quando Duniachka lhe perguntou se estava doente, retorquiu de mau humor:

- Sinto-me velha... E o meu coração sofre por causa do Gricha... Sofre tanto que nada me dá gosto e os meus olhos mal podem ver a luz...

Mas não seria Grigóri quem iria tomar conta da herdade dos Melekhovs...

Pouco antes de começarem os trabalhos dos fenos, Michka Kochevói regressou da frente. Depois de uma noite passada com primos afastados, chegou pela manhã a casa dos Melekhovs.

Ilínitchna estava a cozinhar quando ele bateu respeitosamente à porta. Como não recebesse resposta, foi entrando e, enquanto tirava o seu velho boné de soldado, sorriu para Ilínitchna.

- Bons dias, tia Ilínitchna. Não me esperavas?

- Bons dias. Que tenho eu a ver contigo para estar à tua espera? - respondeu duramente a velha, lançando um olhar de indiferença para o rosto de Michka, aquele rosto que ela tanto odiava.

Nada perturbado pelo acolhimento, Michka observou:

- Não se trata disso. Sempre nos conhecemos.

- E nunca passámos daí.

- Nem é preciso mais para eu a vir cumprimentar. Não julgue que quero instalar-me aqui.

- Era o que mais faltava - retorquiu Ilínitchna, voltando aos seus cozinhados sem ligar mais importância a Michka.

Este não a escutava. Observou atentamente a cozinha e prosseguiu:

- Vim visitar-vos e saber como passam de saúde... Há mais de um ano que nos não vemos.

- Pois olha que não sentimos a tua falta - resmungou Ilínitchna, agitando os tachos sobre o brasido.

Duniachka, que andava a arrumar o quarto, empalidecera ao ouvir a voz de Michka, juntando as mãos sem dizer palavra.

Imóvel, sentada num banco, escutava a conversa da cozinha.

Ora lhe subia às faces um rubor intenso, ora empalidecia tanto que a aresta do nariz ficava sublinhada por uma risca branca.

Ouviu o passo pesado de Michka na cozinha, em seguida o ranger de uma cadeira e o riscar de um fósforo. O cheiro do cigarro invadiu o quarto.

- Ouvi dizer que o velho tinha morrido.

- É verdade.

- E o Grigóri?

Após um longo silêncio, Ilínitchna respondeu, com visível má vontade:

- Anda a combater ao lado dos vermelhos. Traz no boné a mesma estrela que tu.

- Devia ter feito isso há mais tempo.

- Ele é que sabe.

Michka então perguntou, com uma nota de inquietação na voz:

- E Evdókia Panteleievna?

- Anda a arrumar a casa. Tu madrugaste muito. As pessoas bem educadas não fazem visitas a estas horas.

- Talvez eu não seja bem educado. Estava aborrecido e vim até cá. Temos de passar o tempo de alguma maneira.

- Ah! Olha, Mikhail, vê se não me irritas!...

- O que é que te irrita, tiazinha?

- Aquilo que estás a fazer.

- Mas o que estou a fazer?

- A falares assim.

Duniachka ouviu Michka soltar um profundo suspiro. Não se conteve mais. Compôs a saia e entrou na cozinha. Michka estava sentado junto da janela, pálido, quase irreconhecível de tão magro, a acabar de fumar um cigarro. Os seus olhos baços animaram-se, o rosto cobriu-se-lhe de um rubor quase imperceptível ao ver Duniachka. Erguendo-se à pressa, disse numa voz rouca:

- Olha, bom dia!

- Bom dia! - respondeu num sopro Duniachka.

- Vai buscar água - ordenou logo Ilínitchna, lançando à filha um rápido olhar.

Michka esperou pacientemente o regresso de Duniachka.

Ilínitchna continuava calada e Duniachka também. Por fim o rapaz apagou a ponta do cigarro entre os dedos e disse:

- Que tem você contra mim, tiazinha? Atravessei-me alguma vez no seu caminho, ou quê?

Ilínitchna voltou-se, toda abespinhada:

- Como é possível que a tua consciência te deixe entrar na nossa casa, meu desavergonhado Ainda o perguntas, assassino?

- Assassino, eu?

- Um verdadeiro assassino, sim! Quem matou o Petro? Não foste tu?

- Fui.

- Então? Então o que és tu? E vens aqui... sentas-te aqui como se...

Faltou-lhe o ar, calou-se, mas logo se recompôs e prosseguiu:

- Eu sou a mãe dele, não é verdade? Como te atreves a olhar para mim com esses olhos?

Michka empalideceu muito. Já esperava por aquela conversa.

Gaguejando ligeiramente de emoção, declarou:

- Não tenho motivos para não olhar para si. Se o Petro me tivesse apanhado, que me teria ele feito? Acha que me daria um beijo na testa? Matava-me também. Não foi para fazermos festas uns aos outros que nos encontramos no alto da colina. A guerra é a guerra.

- E o nosso compadre Korchunov? Matar um homem pacífico também é guerra?

- E então? - inquiriu Michka com espanto. - Claro que é guerra. Eu bem os conheço, esses tais homens pacíficos. Ficam nas suas casas, com os bolsos a abarrotar de dinheiro e fazem pior do que os outros no campo de batalha... Mesmo os sujeitos como o avô Grichaka, instigavam os cossacos contra nós. Foi por causa deles que esta guerra começou. Quem fazia propaganda contra nós? Eram eles, os pacíficos. E chamas-me assassino a mim... Nem sabes o que dizes. Dantes eu não era capaz de degolar um cordeiro ou um leitão, e sei mesmo que não conseguiria fazê-lo. Para esses animais não tenho força nas mãos. Quando os matavam diante de mim, tapava os ouvidos e fugia fosse para onde fosse para não ouvir nem ver.

- Mas quando foi do nosso compadre...

- E você a dar-lhe com o vosso compadre! - interrompeu Michka irritado. Fez tanta falta como uma viola num enterro. Eu bem lhe disse para sair de casa. Ele não quis, não arredou pé. Tenho uma gana a essa malandragem... Não sou capaz de matar um animal, a não ser que esteja irritado, assim talvez, mas, quando se trata de bestas como o seu compadre, desculpe, mato quantos for preciso. Esses são inimigos, não andam a fazer nada neste mundo e para eles a minha mão é dura.

- É por seres tão duro que ficaste seco de todo - observou perfidamente Ilínitchna. É a tua consciência que te rói...

- Olha agora! - respondeu Michka com um sorriso cândido. A minha consciência a doer-me por causa de um traste velho como o avô Grichaka! Estive com as febres, fiquei arrasado de todo, de contrário teriam que se haver comigo, mãezinha...

- Qual mãezinha! - explodiu Ilínitchna. - Vai chamar mãe a uma cadela

- Não seja dura para mim - avisou Michka com ar sinistro, numa voz surda e a piscar os olhos. - Não prometo aguentar-te tudo. Afirmo-te uma vez para sempre, tiazinha: não me queiras mal por causa do Petro. O culpado foi ele.

- És um assassino. Um assassino. Vai-te embora daqui, não te posso ver! - repetia obstinadamente Ilínitchna.

Michka acendeu outro cigarro com toda a calma e disse:

- O seu compadre, o Mitri Korchunov, não é um assassino também? E o Grigóri? Não falas do teu filho, mas esse é que é um assassino a valer, disso não há dúvidas.

- Não digas asneiras!

- Eu não digo asneiras. Então, no teu entender, que é ele? Quantos dos nossos não matou ele? Sabes? É assim mesmo Se queres dar esse nome a todos aqueles que andam na guerra, minha tia, então somos todos assassinos. O ponto é saber-se por que motivo se é assassino e quem são aqueles que assassinamos respondeu sentenciosamente Michka.

Ilínitchna não respondeu, mas, ao ver que Michka não pensava em ir-se embora, declarou severamente:

- Basta! Não tenho tempo para perder contigo e o melhor que tens a fazer é ires-te embora para tua casa.

- Cá por mim possuo tantas casas como uma lebre tem de tocas - retorquiu Michka sorrindo. E levantou-se.

Era preciso muito mais do que uma conversa deste género para obrigar Michka a desistir. Não era sensível ao ponto de ligar importância ao palavreado de uma velha irritada. Sabia que Duniachka o amava; quanto ao resto, incluindo a velhota, estava-se nas tintas.

Voltou no dia seguinte de manhã, deu os bons-dias e sentou-se à janela, a seguir com os olhos todos os movimentos de Duniachka.

- Interessas-te muito agora pela nossa saúde - atirou-lhe Ilínitchna de passagem, sem responder ao cumprimento do rapaz.

Duniachka, fazendo-se muito vermelha, lançou à mãe um olhar furibundo e baixou os olhos sem dizer palavra. Michka retorquiu, sorrindo:

- Não é por tua causa que aqui venho, tia Ilínitchna. Fazes mal em te zangar.

- Seria melhor que esquecesses o caminho da nossa casa.

- Para onde havia então eu de ir? - respondeu Michka, que se tornara sério de repente. Graças ao seu compadre Mitri, estou só como o olho na cara de um cegueta e não posso viver numa casa vazia como um lobo solitário. Quer tu queiras quer não, hei-de vir para tua casa concluiu ele, sentando-se mais confortavelmente, de pernas alargadas.

Ilínitchna fitou-o com atenção. Não seria tão fácil como isso pôr na rua aquele rapaz. A silhueta dobrada de Michka, a sua cabeça curva, os lábios duramente cerrados, tudo indicava uma obstinação de toiro.

Logo que ele se foi embora, Ilínitchna mandou as crianças para o pátio e disse a Duniachka:

- Ele não deve voltar a pôr aqui os pés. Percebeste?

Duniachka fitou a mãe sem pestanejar. Qualquer coisa que era exclusiva dos Melekhovs perpassou num instante nos seus olhos apertados pela cólera. Declarou, por fim, destacando bem as palavras como se fossem dentadas.

- Não. Ele há-de vir. E não será a mãe que o impede. Ele há-de vir.

Sem poder conter-se mais, escondeu a cara no avental e correu para o vestíbulo.

Ilínitchna ficou com falta de ar. Sentando-se à janela, permaneceu ali por muito tempo, a abanar a cabeça e a fitar, sem a ver, a orla de artemísias ao fundo da estepe, prateadas pelo sol, a separarem a terra do céu.

Pouco antes da noite, Duniachka e a mãe, ainda não reconciliadas, estavam a consertar em silêncio a cerca arruinada do pomar perto do Don, quando Michka veio ter com elas. Tirou a enxada das mãos de Duniachka e disse:

- Não estás a cavar bastante fundo. Se vier uma rajada de vento, a cerca vai de novo ao chão.

Fez uns buracos mais profundos para as estacas, ajudou a levantar a cerca, fixou os paus e foi-se embora. No dia seguinte de manhã, veio encostar ao alpendre dos Melekhovs dois cabos de ancinho aparelhados de fresco e mais um de forquilha. Depois de dar os bons-dias a Ilínitchna, perguntou muito interessado:

- Vocês não pensam em ir cortar a erva nos prados? Já toda a gente partiu para a outra margem do Don.

Ilínitchna manteve-se calada e foi Duniachka quem respondeu em vez da mãe:

- Não temos as coisas preparadas para atravessar. A nossa barca ficou no telheiro desde o Outono e está toda ressequida.

- Deviam tê-la levado para a água na Primavera – disse Michka em tom de censura. - Talvez seja preciso calafetá-la. Sem barca não poderão fazer nada.

Duniachka olhou para a mãe com um ar submisso e interrogador. Ilínitchna batia massa em silêncio, fingindo que a conversa não lhe dizia respeito.

- Tens cânhamo? - inquiriu Michka com um leve sorriso.

Duniachka foi à arrecadação e trouxe um braçado de cânhamo.

Cerca do meio-dia, tendo terminado o conserto da barca, Michka entrou na cozinha.

- Bem, pus a barca na água. Agora temos de esperar que a madeira inche. Amarrei-a a uma estaca, de contrário alguém pode roubá-la.

E inquiriu de novo:

- E quanto ao feno, tiazinha? Quer que a ajude? Assim como assim, neste momento, não tenho nada que fazer.

- Pergunta-lho a ela - respondeu Ilínitchna com um gesto de cabeça na direcção de Duniachka.

- Estou a perguntar à dona da casa.

- Pelos vistos aqui já não sou eu a dona da casa.

Duniachka, desatando a chorar, foi para o quarto.

- Nesse caso tenho de a ajudar, - declarou resolutamente Michka, depois de ter afinado a garganta. - Onde tem as ferramentas de carpinteiro? vou fazer um ancinho, o velho já não presta.

Foi para o telheiro e pôs-se a talhar os dentes de um ancinho. O pequeno Michatka começou a cirandar à volta dele e, fitando-o nos olhos, pediu com um ar suplicante:

- Tio Mikhail, faz-me um ancinho pequenino. Não tenho ninguém que me faça um. A avó não é capaz nem a tia. Só tu é que sabes.

- Vou fazer-te um, meu amiguinho. vou fazer-te um, mas agora fuge lá para trás, se não queres apanhar com as aparas nos olhos. E sorria, espantado: “O que ele é de parecido, o mafarrico... É a cara chapada do pai: os olhos, as sobrancelhas, até o jeito de erguer o lábio de cima... Coisa bem feita!”

Começou a fabricar um ancinho de criança, mas não pôde acabá-lo: os seus lábios começaram a ficar azulados, apareceu-lhe no rosto uma expressão ao mesmo tempo maldosa e humilde; deixou de assobiar, poisou a faca e teve um calafrio.

Mikhail Grigóritch, meu irmão de nome, vai buscar-me um saco de serapilheira, quero deitar-me declarou.

- Porquê? inquiriu Michatka.

- Estou a ficar doente.

- Com quê?

- Ah, tu és um chato, um palerma!... Estou doente, acabou-se, vai buscar o que te pedi.

- E o meu ancinho?

- Acabo-o depois.

Um violento calafrio sacudiu-lhe o corpo. Batia os dentes.

Estendeu-se em cima do saco que Michatka lhe trouxera, tirou o boné e tapou com ele a cara.

- Ficaste já doente? - perguntou tristemente Michatka.

- É isso mesmo, fiquei doente.

- Porque tremes tu?

- É da febre.

- E porque bates os dentes?

Por baixo do boné, Michka deitou os olhos para o seu pequeno homónimo cheio de curiosidade e esboçou um sorriso, deixando de responder. Michatka observou-o, assustado, e correu para casa.

- Avó! O tio Mikhail está deitado debaixo do telheiro, todo a tremer, até dá saltos.

Ilínitchna foi ver a janela. Voltando para junto da mesa, deixou-se ficar muito tempo calada e pensativa...

- Porque não dizes nada, avó? - perguntou Michatka, impaciente, puxando-lhe a manga da blusa.

Ilínitchna, voltando-se, disse com rudeza:

- Pega num cobertor, meu pequeno, e leva-o àquele maldito para ele se cobrir. Está com a febre, aquilo é uma doença. Serás capaz de lhe levar o cobertor?

Voltando para junto da janela, olhou para o pátio e acrescentou à pressa:

- Espera, espera aí, não vás, já não é preciso.

Duniachka estava a cobrir Michka com a sua peliça de pele de carneiro, toda curvada, a falar-lhe...

Depois de passar o acesso de febre, Michka andou atarefado até ao cair da noite nos preparativos para o corte dos fenos. Ficara muito fraco, com os gestos fatigados e pouco firmes. Mesmo assim fez o ancinho para Michatka.

À noite, Ilínitchna pôs a mesa para a ceia, mandou sentar as crianças e disse, sem olhar para Duniachka:

- Vai chamá-lo... diz-lhe que venha... cear.

III

Michka sentou-se à mesa sem se benzer, curvado pela fadiga. Via-se-lhe o esgotamento no rosto amarelo, em que o suor seco punha manchas sujas. Tremia-lhe a mão quando levava a colher à boca. Comia pouco e sem apetite, olhando em torno de quando em quando, com indiferença. Porém Ilínitchna observou que os olhos baços do “assassino” se aqueciam e iluminavam quando os poisava sobre o pequeno Michatka, despontando por vezes neles uma fugidia centelha de admiração e ternura. Quando esta se apagava, ficava a flutuar-lhe ao canto dos lábios um sorriso quase imperceptível. Depois, desviando os olhos, de novo se lhe espalhava no rosto, como se fosse uma sombra, a antiga indiferença embrutecida.

Ilínitchna pôs-se a observar Michka à socapa e só então reparou como ele emagrecera com a doença. Os arcos das clavículas avultavam sob o blusão cinzento de poeira, os ombros largos, angulosos da magreza, estavam curvados e salientes e a maçã-de-adão, coberta de pêlos arruivados, causava estranheza naquele peito fino de criança... Quanto mais Ilínitchna observava o vulto esgaldado do “assassino”, o seu rosto de cera, menos se sentia à vontade, como se estivesse dividida por dentro. E de repente surgiu no seu coração uma piedade inesperada por aquele homem que odiava, aquela piedade pungente das mães, que faz vergar as mulheres mais fortes. Incapaz de vencer esse sentimento novo, estendeu a Michka uma tigela de leite cheia a deitar fora e disse-lhe:

- Vê se comes alguma coisa, pelo amor de Deus! Estás tão magro que uma pessoa se sente mal só de olhar para ti... És um belo partido, não haja dúvida

Na aldeia, as más-línguas começavam já a falar de Kochevói e de Duniachka. Uma mulher, ao encontrar a rapariga no embarcadero, disse com mal disfarçada malícia: “Vocês tomaram o Mikhail ao vosso serviço? Parece que ele agora passa a vida lá em casa...”

A todas as tentativas de persuasão da filha, Ilínitchna respondia sempre a mesma coisa: “Escusas de insistir, nunca te deixarei casar com ele. Não vos dou a minha bênção.”

Até que, por fim, Duniachka declarou que iria viver com Michka, começando logo a preparar as suas coisas; só então Ilínitchna mudou de tática:

- Pensa no que vais fazer! - exclamou assustada. - Que será de mim, sozinha com as crianças? Vamos morrer?

- Como quiser, minha mãe, mas não estou resolvida a servir de escárnio a toda a gente -, respondeu baixinho Duniachka, continuando a tirar da arca o seu enxoval de noiva.

Ilínitchna ficou por muito tempo a mover os lábios em silêncio, depois dirigiu-se ao canto de honra, a arrastar com dificuldade as pernas.

- Então, minha filhinha - murmurou ela, pegando num ícone -, já que é essa a tua ideia, casa com ele e que Deus te abençoe.

Duniachka pôs-se humildemente de joelhos, enquanto Ilínitchna a abençoava com voz trémula:

- Já a minha mãe me abençoou com este ícone... Ah! Se o teu pai te visse agora!... Lembras-te do que ele dizia daquele com quem te vais casar? Só Deus sabe o que isto me custa .

Voltou-se em silêncio e saiu para o vestíbulo.

Apesar de todos os esforços de Michka para a fazer renunciar à cerimónia religiosa, a obstinada rapariga manteve-se firme. Michka foi obrigado a ceder, de má vontade. Vociferando contra toda a gente, preparou-se para a cerimónia como quem vai para o suplício. O pope Vissarione uniu-os de noite na igreja deserta. Após a cerimónia, felicitou os recém-casados, dizendo num tom edificante:

- Pois é, jovem camarada soviético, a vida é assim: no ano passado tu queimaste a minha casa, deitaste-lhe fogo, por assim dizer com as tuas próprias mãos, e hoje celebro o teu casamento . Nunca cuspas na água, como é costume dizer-se, porque ainda podes vir a ter sede. Não importa, estou contente por teres encontrado de novo o caminho da Igreja de Cristo.

Michka não aguentou mais. Guardara silêncio na igreja enquanto durara a cerimónia, envergonhado com a sua falta de carácter e indignado contra si próprio; neste momento, porém, olhou de viés para o pope e respondeu em voz baixa, para que Duniachka o não ouvisse:

- Tu andavas fugido nessa altura, cachorro. Foi pena, porque senão tinha-te queimado juntamente com a casa. Percebeste?

Embasbacado perante esta inesperada saída, o pope fitou Michka com os olhos piscos, mas o rapaz, puxando pela manga da noiva, disse severamente: “Vamos embora!”, e saiu em seguida a bater com as botas de soldado.

Nessa boda triste não se cantaram canções nem se bebeu aguardente. Prokhor Zikov, que assistira na qualidade de padrinho, queixou-se demoradamente junto de Akcínia, no dia seguinte, cuspiendo repetidas vezes para o chão:

- Ah, rapariga! Que boda tão esquisita! Na igreja, o Mikhail disse tais disparates ao pope que o velho ficou de cara à banda. E a ceia, sabes o que era? Frango assado e leite. Podiam ao menos ter oferecido uma gotinha de aguardente, os malandros! Se o Grigóri Panteleíévitch soubesse como foi o casamento da irmã! Até apertava as mãos na cabeça. Não, cachopa, isto é o fim do mundo! Nunca mais ninguém me apanha num destes casamentos à moderna! Uma pessoa diverte-se mais num casamento de cachorros: esses, ao menos, arrancam pêlo uns aos outros e fazem barulho, ao passo que aqui, nem barulho, nem bebedeira, diabos os levem, estupores! Podes não acreditar, mas cá a mim fez-me tal impressão aquela boda que nem preguei olho em toda a noite. Passei o tempo a coçar-me, como se me tivessem enfiado um punhado de pulgas dentro da camisa...

Desde o dia em que Kochevói veio instalar-se na herdade dos Melekhovs, tudo se modificou: tratou logo de consertar a cerca, trouxe o feno da estepe e ergueu ele próprio um palheiro com mão de mestre; à espera do recolhimento, limpou a eira, reparou o carro da palha e as foices da segadora, bem como a velha tarara, e consertou os arreios, pois esperava trocar a junta dos bois por um cavalo. “Até faz dó obrigar aqueles dois desgraçados a avançar sobre as pernas cambadas.”

Descobrira por acaso, na arrecadação, um balde de alvaiade e outro de tinta azul; e logo resolveu pintar as janelas, já negras de velhice. Assim, o olhar azul dos caixilhos conferiu à herdade dos Melekhovs um ar de juventude...

Michka revelava-se um patrão consciencioso. Apesar da doença, trabalhava sem descanso. Duniachka ajudava-o em tudo.

A rapariga, que embelezara nitidamente em poucos dias de vida conjugal, parecia ter alargado nas ancas e nos ombros.

Algo de novo surgira na expressão dos seus olhos e no caminhar, até na maneira de compor os cabelos. Perdera o antigo ar desajeitado, aquela vivacidade, aquela veemência de criança. Calma e sorridente, contemplava o marido com olhos apaixonados e nada mais via além dele. O amor jovem é sempre cego...

Ilínitchna sentia de dia para dia aproximar-se a solidão.

Estava agora a mais naquela casa onde passara quase a vida inteira. Duniachka e o marido trabalhavam como se estivessem a construir o ninho num lugar vago. Não lhe pediam conselho para nada, não queriam saber a sua opinião quando empreendiam fosse o que fosse. Nunca tinham para ela uma palavra amável. Apenas quando se sentavam à mesa trocavam com a velha frases insignificantes e depois Ilínitchna ficava de novo só com os seus tristes pensamentos. A felicidade da filha não a regozijava; tornava-se-lhe penosa a presença de um estranho em casa o genro continuava a ser para ela um estranho. Até a

própria vida lhe pesava. No espaço de um ano, perdera tantos seres queridos que passara a viver aniquilada pelo sofrimento, envelhecida e miserável. Tantos desgostos se haviam abatido sobre ela! Era de mais, na verdade! Já não tinha força para resistir e abandonava-se a um pensamento supersticioso: a morte que tantas vezes visitara a família iria em breve transpor de novo a soleira da porta dos Melekhovs.

Resignada perante o casamento de Duniachka, Ilínitchna só desejava uma coisa: ver o regresso de Grigóri, mostrar-lhe os filhos, depois fechar os olhos para sempre. Sofrera o suficiente durante a sua longa vida para ter agora direito ao repouso.

Os longos dias de Verão escoavam-se, intermináveis. Mas os seus raios escaldantes não aqueciam Ilínitchna. Ficava-se durante muito tempo sentada no alpendre, imóvel, ao sol, indiferente a tudo o que se passava à sua volta. Deixara de ser a dona de casa activa e diligente de outrora. Não sentia vontade de fazer nada. Já nada tinha sentido, tudo dali em diante se lhe afigurava inútil e sem valor; e depois também lhe faltavam as forças para trabalhar como noutros tempos. Muitas vezes, ao contemplar as mãos estragadas por anos de labuta, dizia consigo: “Trabalharam muito as minhas pobres mãos... já é tempo de descansarem... Já vivi bastante... Se ao menos pudesse ainda voltar a ver o Grigóri...”

Só de uma vez, e por pouco tempo, reencontrou a sua antiga alegria de viver. Prokhor, ao regressar da stanitsa, passando pela herdade dos Melekhov, gritou de longe:

- Dás-me um copo, tia Ilínitchna? Trago-te uma carta do teu filho.

A velha empalideceu. Uma carta significava decerto nova infelicidade. Prokhor leu a missiva, que era muito curta, e constava, até meio, das saudações à família. No fim, Grigóri anunciava, num pós-escrito, a sua intenção de vir de licença no Outono. Durante um longo momento, Ilínitchna ficou muda de alegria. Pelo seu rosto moreno, ao longo das profundas rugas que lhe cavavam as faces, rolavam pequenas lágrimas, miúdas como pérolas. Baixara a cabeça e limpava-as ora à manga da blusa, ora com a palma da mão rugosa, mas elas continuavam a correr-lhe pelo rosto, caindo no avental que ficava salpicado como se se tratasse de pingos de uma chuva cerrada e quente. Prokhor, não só apreciava pouco o choro das mulheres, como até o detestava. Fez uma careta e disse com visível irritação:

- Devias ter apanhado sol a mais na cabeça, tiazinha! A quantidade de água que vocês, mulheres, têm dentro do corpo! . A coisa é para rir, não é para chorar. bom, vou-me embora! Adeus! Não estou para te aturar!

Ilínitchna, dominando-se, deteve-o:

- Uma boa notícia destas, meu amigo... que queres tu?...

- Espera, vais beber qualquer coisa... - balbuciou ela à toa, tirando da arca uma garrafa de aguardente que aí guardava havia muito.

Prokhor sentou-se, a alisar o bigode.

- Acompanhas-me num copo, para festejar a notícia? - inquiriu ele.

E pensou logo com inquietação: “Ora bolas, lá falei eu de mais! Se calhar a velha vai beber metade da garrafa e ela não está assim tão cheia como isso...”

Ilínitchna, porém, recusou. Dobrando a carta com precaução, poisou-a na prateleira dos ícones. Depois, como se tivesse mudado de ideias, voltou a pegar-lhe, conservando-a um momento nas mãos. Em seguida meteu-a no seio e comprimiu-a de encontro ao coração.

Ao regressar do campo, Duniachka leu demoradamente a carta, sorriu e suspirou:

- Ah! Oxalá que ele volte depressa! A mãe mudou tanto que nem parece a mesma.

Ilínitchna tirou-lhe ciosamente a carta das mãos, escondeu-a de novo no seio, e disse a sorrir, de olhos piscos e brilhantes:

- Mudei tanto que até os cães já não ladram quando eu passo. Mas o meu queridinho ainda se lembra da sua mãe. Vês como ele nos escreve: a mim, diz-me: Ilínitchna... mando-te muitas saudades... assim como para os meus queridos filhos e também não se esquece de ti... Mas de que estás a rir? És uma palerma, Duniachka, uma verdadeira palerma.

- Então já não me posso sorrir, minha mãe? Onde vai com tanta pressa?

- Vou à horta, arrancar batatas.

- Eu posso fazer isso amanhã, fique antes em casa. Umas vezes diz que está muito doente e de um momento para o outro fica cheia de força.

- Não, deixa-me ir... estou tão contente que me apetece estar sozinha confessou Ilínitchna, compondo o lenço com um gesto juvenil.

A caminho da horta, passou por casa de Akcínia. Primeiro, por uma questão de conveniência, falou de coisas sem importância.

Depois tirou a carta do seio:

- Ele escreveu-nos uma cartinha, quis dar essa alegria à sua mãe. Promete vir de licença. Olha, vizinha, lê, tenho muito gosto em a ouvir outra vez.

A partir desse dia, Akcínia teve muitas oportunidades de voltar a ler a carta. Ilínitchna vinha visitá-la todas as noites, pegava no envelope amarelo, cuidadosamente envolvido num lenço, e pedia-lhe, suspirando:

- Lê lá, Akciúchka. O meu coração anda hoje tão negro. Sonhei com ele e vi-o pequenino, como no tempo em que andava na escola...

Com o tempo, as linhas, escritas a lápis de tinta, esborrataram-se e muitas palavras tornaram-se ilegíveis, mas Akcínia não se atrapalhava lera a carta tantas vezes, que já a sabia

de cor. Mais tarde, quando o papel ficou em farrapos, Akcínia recitava-a ainda até ao fim sem se enganar.

Dali a uns quinze dias Ilínitchna sentiu-se mal. Duniachka andava a malhar o trigo e a mãe não quis desviá-la do trabalho, mas não conseguiu cozinhar.

- Hoje não me levanto da cama, tens de te arranjar como puderes.

- Que é que lhe dói, minha mãe?

Ilínitchna, alisando as pregas da sua velha blusa, respondeu sem erguer os olhos:

- Dói-me tudo. É como se estivesse partida por dentro Quando era nova, às vezes o teu pai, com uma fúria, dava-me uma tarefa . Tinha uns punhos de ferro... Eu ficava como morta durante uma semana. Agora é o mesmo: dói-me tudo, como se tivesse apanhado uma tarefa...

- Será melhor mandarmos o Mikhail chamar o médico?

- Para quê? Daqui a pouco levanto-me.

Efectivamente, levantou-se no dia seguinte, andou a cirandar no pátio, mas à tarde voltou a deitar-se. Tinha a cara um pouco inchada e umas manchas edematosas por baixo dos olhos. Várias vezes, durante a noite, inteiriçou os braços para tentar erguer um pouco a cabeça do travesseiro: estava ofegante e faltava-lhe o ar. Depois a crise passou e ela pôde manter-se deitada de costas e até levantar-se. Passou alguns dias numa espécie de desprendimento calmo, em repouso Sentia-se bem sozinha; quando Akcínia vinha saber notícias dela, respondia em poucas palavras e soltava um suspiro de alívio ao vê-la partir. Agradava-lhe que as crianças passassem a maior parte do tempo no pátio e que Duniachka raramente estivesse em casa para não vir a toda a hora incomodá-la com toda a casta de perguntas A compaixão, as consolações dos outros, não lhe serviam de nada. Dali em diante só experimentava um imperioso desejo de solidão, pois queria recordar-se de muitas coisas.

De olhos semicerrados, ficava horas e horas sem se mexer; apenas os seus dedos inchados brincavam com as rugas das cobertas, enquanto a sua vida inteira lhe passava diante dos olhos.

Coisa estranha, como fora curta e pobre essa vida, sobrecarregada de coisas penosas e tristes que mais valia não recordar.

A maioria das vezes, o pensamento voava-lhe para Grigóri.

Talvez porque nunca cessara de rezar por ele desde o princípio da guerra e porque ele era tudo quanto a prendia à vida. Ou então porque a angústia que lhe havia causado a perda do marido e do filho mais velho se havia atenuado, diminuído.

Em todo o caso, poucas vezes pensava nos mortos; estes apareciam-lhe como que através de uma névoa cinzenta. Lembrava sem prazer a mocidade, os anos de casada. Tudo isso era inútil, já ia longe, não lhe trazia qualquer prazer ou alívio. Quanto às recordações mais recentes, não lhe diziam respeito. E, de súbito, “o pequeno” erguia-se na sua memória com uma nitidez quase tangível. Porém o coração da velha desatava logo a bater mais depressa. Depois vinha a falta de ar, o seu rosto ficava negro e permanecia inconsciente durante um bom bocado. Mas assim que recobrava os sentidos pensava logo nele outra vez.

Era o seu último filho, não podia esquecê-lo...

Certo dia ficou deitada no quarto. Lá fora brilhava o sol do meio-dia. Longe, nos limites do firmamento, as nuvens brancas, empurradas pelo vento, flutuavam, majestosas, no azul ofuscante. O silêncio era quebrado apenas pelo canto monótono e sonolento dos gafanhotos. Junto à janela, no pátio, ainda havia alguma erva que escapara do sol, a qual crescia junto aos alicerces da casa: milha, erva moleirinha e grama; era aí que os gafanhotos tinham encontrado refúgio e cantavam desalmadamente, Ilínitchna começou a ouvir aquela música incessante, a respirar o odor a erva queimada pelo sol que penetrava no quarto, e de súbito julgou ver a estepe no mês de Agosto, toda abrasada pelo sol, os caules doirados do trigo, o céu velado de bruma acinzentada...

Avistava distintamente os bois a pastarem na valeta onde crescia a artemísia, uma carroça com o toldo esticado por cima, ouvia o canto estridente dos grilos, aspirava o cheiro agridoce do absinto. Via-se a si própria, bonita, jovem e esbelta... a caminhar à pressa para o acampamento. O colmo estalava debaixo dos seus pés, picava-lhe as pernas nuas; o vento escaldante queimava-lhe as costas, secando-lhe a blusa húmida de suor, metida para dentro da saia. Sentia o rosto afogueado e o afluxo de sangue fazia-lhe zumbidos nos ouvidos. com o braço dobrado, segurava os seios pesados, cheios de leite; de súbito, ouvia os gritos entrecortados de uma criancinha e apressava o passo, enquanto ia despertando a blusa pelo caminho.

Os seus lábios secos tremem e sorriem enquanto tira do berço preso à carroça o pequeno Gricha muito moreninho.

A segurar com os dentes o cordão da cruz, todo encharcado em suor, dá-lhe à pressa a mama, e murmura sem descerrar os dentes: “Meu queridinho! Meu menino! A tua mãe ia-te deixando morrer de fome!...” Gricha continua a soluçar com um ar zangado e agarra no mamilo com os dentitos cruéis. Um homem novo, de bigodes pretos, o pai de Grichka, está de pé, ao lado dela, aguçando a foice. Ela mantém os olhos baixos, mas vê-lhe o

sorriso e os globos azulados dos olhos maliciosos... O calor oprime-a, o suor escorre-lhe da testa e faz-lhe cócegas nas faces, o dia vai-se tornando cada vez mais escuro...

Voltou a si. Passando a mão pelo rosto molhado de lágrimas, ficou muito tempo dominada por uma crise terrível.

De quando em quando, soçobrava num torpor inconsciente.

À noite, quando Duniachka e o marido já estavam a dormir, reuniu o resto das forças e saiu para o pátio. Akcínia, que andara até àquela hora tardia a perseguir uma vaca tresmalhada do rebanho, acabava de regressar a casa; viu Ilítschna dirigir-se em passos lentos para a eira, a cambalear: “Que irá ela fazer, assim doente?” pensou, admirada, Akcínia, que foi sem fazer barulho até à vedação da eira dos Melekhovs para espreitar. Brilhava a lua cheia. Da estepe, soprava um ventinho fresco. Uma meda de palha projectava uma sombra espessa sobre a eira nua, aplanada pelos cilindros de pedra. Ilínitchna, de pé, agarrada com ambas as mãos à cerca, contemplava ao longe a estrela inacessível de uma fogueira acesa pelos ceifeiros.

Akcínia distinguia-lhe claramente o rosto entumecido, iluminado pelo luar, com a madeixa dos cabelos brancos a escapar-se por baixo” do xale negro.

Ilínitchna ficou muito tempo a olhar a estepe, e por fim murmurou baixinho, como se estivesse alguém perto dela:

- Grichenka! Meu menino!

Calou-se um momento, tornando numa voz mais baixa e mais surda:

- Meu queridinho!...

Akcínia desatou a tremer, tomada por uma angústia, um terror incompreensível. Afastou-se da cerca e entrou em casa.

Nessa noite, Ilínitchna percebeu que ia morrer em breve, que tinha a morte à cabeceira. De madrugada, tirou da arca a camisa de Grigóri, dobrada, e pô-la debaixo do travesseiro; preparou também o fato que havia de vestir depois de morta.

Pela manhã, Duniachka veio, como de costume, saber notícias da mãe. Ilínitchna tirou debaixo do travesseiro a camisa de Grigóri, cuidadosamente dobrada, e entregou-lha em silêncio.

- Que é isso? inquiriu Duniachka espantada.

- É uma camisa do Gricha... Dá-a ao teu marido, ele que a vista... A dele está toda velha... apostou... apodrecida pelo suor... - disse Ilínitchna numa voz quase inaudível.

Duniachka avistou sobre a arca a saia preta da mãe, a camisa e os chinelos de pano, aquilo que se veste aos mortos para a última viagem. Empalideceu.

- Para que arranjou tudo isto, minha mãe? Guarde essa roupa, pelo amor de Deus! Que ideia! Ainda é muito cedo para pensar na morte.

- Não, são mais do que horas... - murmurou Ilínitchna.

- Chegou a minha vez... Cuida das crianças, trata delas até ao regresso do Grigóri... Eu, está claro, já não viverei até lá... não, não viverei até lá...

Para que Duniachka não lhe visse as lágrimas, Ilínitchna voltou a cara para a parede e cobriu-a com um lenço.

Morreu três dias depois. As mulheres da sua idade amortalharam-na e deitaram-na sobre a mesa do quarto. À noite, Akcínia veio despedir-se da defunta. Mal reconheceu naquele rosto severo e embelezado pela morte as feições da ativa e valente Ilínitchna. Ao tocar com os lábios a testa fria e amarela da morta, Akcínia reparou na madeixa de cabelos grisalhos que saía para fora do lenço branco e naquela orelha redonda e miúda como a de uma criança.

Com o consentimento de Duniachka, Akcínia levou as crianças para sua casa. Deu-lhes de comer. Estavam caladas e tão assustadas com esta nova morte que Akcínia as deitou na sua cama. Experimentava uma sensação estranha ao apertar nos braços, um de cada lado, os filhos do homem que amava. Pôs-se a contar-lhes a meia voz as histórias que ouvira na infância, no intuito de as distrair e afastar-lhes a ideia da avó morta.

Baixinho, numa voz cantante, recitou-lhes a história do pobre orfãozinho chamado Vânia:

Sobre as vossas asas

Ó cisnes e patos,

Levai-me, levai-me!

Levai-me voando

Ao país que eu amo,

Meu país natal...

Antes de terminar a história, a respiração das crianças tornou-se regular. Michatka estava deitado à borda da cama, apoiando a cara com força no ombro de Akcínia. com um movimento do ombro, esta endireitou a cabeça tombada da criança e de repente sentiu o coração trespassado por uma angústia cruel, como que um nó na garganta. Desatou a chorar convulsivamente, com amargura; os soluços sacudiam-na toda, mas nem sequer podia enxugar as lágrimas, porque as crianças dormiam nos seus braços e não queria acordá-las.

IV

Tudo levava a crer que Kochevói, após a morte de Ilínitchna, ao ficar senhor da casa e independente, redobraria de zelo a fim de incentivar ao máximo a sua exploração agrícola, mas nada disso se verificou: trabalhava cada vez com menos vontade, saía muito e ficava até tarde a fumar no alpendre, todo entregue aos seus pensamentos. A Duniachka não podiam passar despercebidas as alterações que o marido sofrera ultimamente. Ele, que até ali se entregava todo ao trabalho, abandonava agora o machado ou a enxada, sem qualquer motivo, e ia sentar-se a descansar. O mesmo acontecia no campo, quando andava a semear o centeio do Outono: lavrava dois regos, depois parava os bois, enrolava um cigarro e ficava muito tempo sentado no solo lavrado, a fumar, de testa franzida.

Duniachka, que herdara o sentido prático do pai, pensava, inquieta: “Isto foi sol de pouca dura... Ou ele está doente, ou então é um preguiçoso. com um homem destes vou ver-me atrapalhada. Nem parece estar a trabalhar por sua conta: passa metade do dia a fumar e a outra a coçar-se, para trabalhar é que nunca há tempo... Tenho de conversar com ele, calmamente, para o não irritar, de contrário, se isto assim continua, não tarda que estejamos a pedir esmola...”

Até que um dia Duniachka disse-lhe a medo:

- Estás muito mudado, Michka. Pioraste da doença?

- Da doença? Qual doença? Não é preciso uma pessoa estar doente para se chatear de morte aqui nesta terra - respondeu Michka, irritado.

Tocou os bois e partiu atrás da semeadora.

Duniachka julgou pouco oportuno prosseguir as investigações, ao cabo e ao resto, as mulheres não têm que se meter a dar conselhos aos maridos. A conversa ficou por ali.

Mas enganava-se. O único motivo que impedia Michka de trabalhar com o zelo habitual era a convicção, dia a dia mais arraigada em si. de que viera instalar-se prematuramente na aldeia. “Comecei a trabalhar cedo de mais, adiantei-me...”, pensava ele, despeitado, ao ler as notícias da frente no jornal do distrito ou ao escutar, à noite, as narrativas dos cossacos vermelhos desmobilizados. Mas, sobretudo, alarmava-o o estado de espírito da gente da terra: alguns afirmavam abertamente que o poder dos soviets caducaria antes do Inverno, que Wrangel, tendo conseguido sair de Taurídia, vinha já a

aproximar-se de Rostov, que os Aliados haviam desembarcado um enorme contingente de tropas em Novorossiïssk... Corriam na aldeia os boatos mais extravagantes. Os cossacos regressados dos campos de internamento e das minas tinham tido tempo de comer até se fartarem em suas casas durante o Verão e mantinham-se distantes, bebiam aguardente a noite inteira, reuniam-se em toda a espécie de conciliábulos e, ao encontrarem Michka, perguntavam-lhe com fingida indiferença: “Tu, que lês os jornais, Kochevói, conta lá o que se diz. Achas que o Wrangel está tramado? E é certo ou não que os Aliados começam a avançar cá para os nossos lados?”

Num sábado, Michka recebeu a visita de Prokhor Zíkov.

Michka acabava de regressar dos campos e estava a lavar-se no alpendre. Duniachka despejava-lhe água com uma bilha sobre as mãos e contemplava, sorrindo, o pescoço magro e cabeludo do marido. Depois de os cumprimentar, Prokhor, sentando-se no último degrau do alpendre, disse:

- Não sabem nada do Grigóri Panteleiévitch?

- Não - respondeu Duniachka. - Não tem escrito.

Michka acabara de limpar a cara e as mãos. Olhou a direito para Prokhor e inquiriu muito sério:

- Sentes a falta dele?

Prokhor suspirou, a compor a manga vazia da camisa.

- É natural. Andamos sempre juntos na guerra.

- E gostarias de voltar à mesma vida.

- Qual vida?

- À guerra.

- Nós os dois já nos fartamos de combater.

- E eu a pensar que estavas morto por voltar ao serviço - prosseguiu Michka, sempre sem sorrir. E, para começares, desejarias combater o poder dos Sovietes...

- Aí é que te enganas, Mikhail - retorquiu Prokhor num tom ofendido.

- O quê? Estou enganado? Tenho ouvido dizer muitas coisas na aldeia.

- Mas eu cá disse alguma coisa? Onde é que ouviste uma coisa dessas?

- Não foi a ti que eu ouvi essas coisas, mas a outros como tu e como o Grigóri. Estão todos mortos pelo regresso dos “vossos”.

- Mas não é desses “nossos” que eu estou à espera. Cá para mim são todos iguais.

- Pois isso é que é mau, o facto de considerares todos iguais. Entra, não te zangues, eu estava a brincar.

Prokhor subiu de má catadura os degraus do alpendre, entrou no vestíbulo e disse:

- Não me agradam essas brincadeiras, meu caro... O passado é para se esquecer. Já paguei bem caro esse passado.

- Um passado destes não se pode esquecer – declarou Michka, sentando-se à mesa. - Anda, senta-te e ceia connosco.

- Obrigado. É certo que nem tudo se pode esquecer. Por exemplo, esta mão que perdi. Bem gostaria de me esquecer dela, mas qual! Lembro-me a toda a hora.

Duniachka declarou, enquanto ia pondo a mesa, sem olhar para o marido:

- Então no teu entender, quem andou com os brancos nunca mais merece perdão.

- Pois que julgas tu?

- Eu julgava que quem fica a olhar o passado merece que lhe arranquem os olhos.

- Sim, talvez seja isso o que diz o Evangelho – observou friamente Michka. - Mas para mim um homem é sempre responsável por aquilo que faz.

- O governo nada diz a esse respeito - replicou Duniachka, com toda a calma.

Não tinha o menor desejo de discutir com o marido na presença de um estranho, mas estava ressentida com ele por ter feito troça de Prokhor de uma maneira que se lhe afigurara fora de propósito e pela hostilidade manifestada contra Grigóri.

- O governo nada diz. Não é contigo que ele vai discutir o caso. Mas aqueles que serviram com os brancos têm de prestar contas perante a lei soviética.

Prokhor meteu-se na conversa:

- Então, pelos vistos, eu também tenho de prestar contas?

- Tu não passas de um vitelo: comes e voltas para o estábulo! Às ordenanças ninguém pede contas. Mas o Grigóri, quando regressar, não escapa. Havemos de fazer-lhe perguntas acerca da insurreição.

- Queres dizer que também tu lhe queres fazer perguntas? - inquiriu Duniachka com os olhos brilhantes, enquanto poisava uma tigela na mesa.

- Quero - respondeu tranquilamente Michka.

- Isso não te compete a ti... Já deve haver bastantes inquiridores sem ser preciso que lá metas o nariz. Ele reabilitou-se entrando para o Exército Vermelho...

A voz de Duniachka tremia. Sentou-se à mesa, a torcer com os dedos o folho do avental. Como se não desse pela agitação da mulher, Michka prosseguiu, sempre muito calmo:

- Mas a mim interessa-me fazer-lhe perguntas. Quanto à reabilitação, temos muito tempo de pensar nisso... É preciso esperar... É preciso ver como ele a conquistou, de que maneira. Fez correr muito sangue dos nossos. É preciso ver o que é que pesa mais na balança...

Era o primeiro desentendimento de ambos desde que viviam em comum. Na cozinha, ficou a pairar um silêncio incómodo.

Michka bebia o leite sem dizer nada. De quando em quando, limpava os beiços ao guardanapo. Prokhor fumava, a olhar para Duniachka; depois começou a falar no trabalho da herdade e demorou-se ali ainda coisa de meia hora. Antes de partir, anunciou:

- O Kirill Gromov regressou. Sabias?

- Não. Onde vem ele?

- Esteve com os vermelhos. Andou também na Primeira Divisão de Cavalaria.

- Era ele que andava com o Mamontov?

- Sim, era ele.

- Que grande soldado! observou Michka, sorrindo.

- Olá se era! Na pilhagem, foi sempre o primeiro. Nenhum tinha a mão mais ligeira

- Parece que costumava acabar os prisioneiros à sabrada sem dó nem piedade. Era capaz de matar um homem só por causa das botas. Logo que um tipo morria, tirava-lhe o calçado.

- Pelo menos é isso o que se diz -, confirmou Prokhor.

- A esse também se deve perdoar? - perguntou Michka com um ar sorna. - Deus perdoou aos seus inimigos, segundo se diz, e recomendou que fizéssemos o mesmo, não é verdade?

- Bem, isto é... Mas que querias tu fazer-lhe?

- O que queria eu fazer-lhe?...

Michka semicerrou os olhos.

- Queria fazer-lhe uma coisa que lhe tirasse a alma do corpo. De resto ele não escapará. Em Vióchénsskaia, temos a Tcheka do Don que há-de fazer-lhe as contas.

Prokhor, sorrindo, disse:

- É bem certo que quem torto nasce nunca se endireita.

. Ele também trouxe objectos roubados ao Exército Vermelho. A mulher dele gabou-se à minha de que o marido lhe trouxera um casaco de senhora, diversos vestidos e toda a espécie de objectos. Andava na Brigada Malassk; é dali que ele regressa. Deve ter desertado, não há outra explicação. Traz consigo as armas.

- Que armas? - quis saber Michka.

- Está-se mesmo a ver: uma carabina de cano curto... hum... uma pistola e talvez mais qualquer coisa.

- Não sabes se ele se foi apresentar ao Soviete?

Prokhor, desatando a rir, fez um gesto de negação.

- Nem que o atassem com uma corda, ninguém o arrastaria até lá. A meu ver, desertou. E vai fugir de casa, se não for hoje, é amanhã. O Kirill, esse, sim, vê-se bem que tenciona voltar a combater. E tu censuras-me por isso. Não, meu caro. Estou farto da guerra, farto até aos olhos.

Prokhor foi-se embora. Pouco tempo depois, Michka saiu para o pátio. Duniachka tinha dado de comer às crianças e preparava-se para ir para a cama quando ele entrou. Trazia nas mãos um objecto envolto numa serapilheira.

- Por onde tens andado? - inquiriu Duniachka, azeda.

- Fui buscar o meu dote - respondeu Michka com um sorriso amável.

Desembrulhou a espingarda, um cinto guarnecido de cartuchos, uma pistola e duas granadas de mão. Poisou tudo sobre o banco e despejou um pouco de petróleo num pires.

- Onde foste buscar isso? - perguntou Duniachka indicando as armas com um movimento das sobranceiras.

- São minhas. Trouxe-as da frente.

- Onde as tinhas guardado?

- Onde as guardei não interessa. Ninguém lhes tocou.

- És um homem de segredos... Nunca me disseste nada. Nem sequer és franco com a tua mulher?

Michka sorriu com uma indiferença fingida e respondeu, esforçando-se visivelmente por ser amável:

- Que necessidade tinhas tu de o saber, minha pequena Duniachka? Isto não são assuntos de mulheres. Vale mais que estas coisas fiquem aqui, podem ser precisas.

- Mas porque as trazes para dentro de casa? Tu, que respeitas a lei, tu, que sabes tanto... Não achas que isso é proibido?

Michka, cerrando o sobrolho, declarou:

- Minha idiota! Quando o Kiriuchka Gromov traz armas para casa, isso pode prejudicar o poder dos Sovietes, mas se for eu a trazê-las só estou a proteger o poder dos Sovietes, compreendes? Tu não sabes o que dizes. Deita-te e dorme.

Tinha chegado à única conclusão justa aos seus olhos: se os fugitivos brancos regressavam com armas, ele tinha de estar de atalaia. Limpou cuidadosamente a espingarda e a pistola e no dia seguinte de madrugada partiu para Viochénsskaia.

Enquanto lhe ia metendo o farnel no saco, Duniachka murmurou com amargura e despeito:

- Continuas a ter segredos para mim. Diz ao menos se te demoras muito tempo e o que vais lá fazer. Isto assim não é vida, que raio! Vais-te embora e ninguém te arranca uma palavra!...

- Afinal és o meu marido ou um vagabundo de passagem?

- Vou a Viochénskkaia, à comissão, que queres que te diga mais? Quando voltar, saberás o resto.

Desceu até ao Don e, segurando o saco com a mão, meteu-se no barco e alcançou rapidamente a outra margem. Em Viochénskkaia, Michka fez uma visita à comissão médica. O doutor disse-lhe:

- Não podes servir nas fileiras do Exército Vermelho, caro camarada. A malária deu cabo de ti. Tens de te tratar, senão estás liquidado. O Exército Vermelho não tem lugar para homens nesse estado.

- Então quais são os homens de que ele precisa? Combati durante dois anos e agora não me querem?

- Eles querem acima de tudo homens saudáveis. Quando estiveres curado podes voltar ao serviço. com esta receita podes ir buscar quinino à farmácia.

- Sim... compreendo...

Michka voltou a envergar o blusão como um cavalo rebelde que recusa a coleira: não conseguia enfiar a cabeça pela abertura do pescoço; só abotoou as calças já na rua e dirigiu-se logo para o comité do distrito do partido.

Regressou a Tatárski com o título de presidente do comité revolucionário da aldeia. Depois de haver saudado rapidamente a mulher, declarou:

- Ora bem. Agora é que vamos ver como é!

- A que propósito dizes isso? - perguntou Duniachka, espantada.

- Sempre a propósito do mesmo.

- Mas de quê?

- Nomearam-me presidente, percebes?

Duniachka uniu dolorosamente as mãos. Quis falar, porém Michka não a escutava: ajustava ao espelho o boldrié sobre o blusão militar já desbotado e partiu a caminho do Soviete.

Desde o Inverno que o presidente do comité revolucionário era o velho Mikheiev. Estava meio cego e ainda por cima surdo. Pesava-lhe o cargo e ouviu com alegria a notícia da substituição.

- Toma lá os papéis, meu rapaz. Leva-os, pelo amor de Deus, disse, sem ocultar o contentamento. Persignava-se e esfregava as mãos. vou fazer oitenta anos e nunca na vida

tive a responsabilidade de nada. Só faltava agora meter-me em sarilhos nesta idade... Isso é bom para vocês, os novos, quanto a mim... Numa altura em que devia estar a rezar as contas, fazem-me presidente...

Michka lançou uma rápida vista de olhos pelos ofícios e pelas ordens enviadas pelo comité revolucionário da stanitsa e perguntou:

- Onde está o secretário?

- Hem?

- Estou a perguntar-te pelo secretário, caramba!

- O secretário? Anda a semear o centeio. Só aqui vem uma vez por semana, diabos o levem! Às vezes chegam papéis da stanitsa que é preciso ler, mas nem que andem à caça dele como cães, ninguém lhe deita a mão. Olha, está aqui um papel importante que chegou há que tempos e que era preciso ler-se. Eu cá não sei uma letra, isso não é comigo. Já me custa a escrever o meu nome, agora ler não sei patavina. Só aprendi a pôr o selo.

Michka examinava, de testa franzida, a sala miserável do comité revolucionário, ornamentada apenas com um velho cartaz pintalgado das moscas.

O velho estava tão contente com esta demissão inesperada que se atreveu a dizer um gracejo: declarou a Michka, ao entregar-lhe o selo branco envolto num trapo:

- Aqui está toda a riqueza da aldeia. Dinheiro, é coisa que não há. Quanto ao bastão de atamane, isso não existe sob o poder dos soviets. Se quiseres, posso oferecer-te a minha bengala.

E entregou a Michka, com um sorriso desdentado, uma bengala fina, polida pelo uso.

Kochevói, porém, não estava disposto a brincar. Olhou uma vez mais para a sala do comité revolucionário, lamentável na sua miséria, cerrou o sobrolho e disse, suspirando:

- Digamos que me transmitiste os poderes, avozinho. Agora vai à tua vida e deixa-me em paz.

Indicava com os olhos a porta, numa atitude bem clara. Depois sentou-se à secretária, de cotovelos afastados, e ficou assim por muito tempo, sozinho, de maxilares apertados.

- Santo Deus, que idiota ele fora enquanto estivera entretido a lavrar a terra sem levantar cabeça nem escutar o que se passava à sua volta!... Louco de raiva contra si próprio e contra tudo o que estava sucedendo, ergueu-se, ajustou o blusão e disse, sempre de dentes cerrados, olhando ao longe:

- Agora, meus meninos, é que lhes vou ensinar o que é o poder dos soviets!

Fechou solidamente a porta a cadeado e atravessou a praça de regresso a casa. Perto da igreja, encontrou um dos rapazes Obnizov, fez um cumprimento de cabeça distraído e passou à frente; mas logo se voltou, iluminado por uma ideia súbita:

- Eh, Andriuchka! Espera aí!

O adolescente aproximou-se com timidez e Michka estendeu-lhe a mão como a um homem, dizendo:

- Onde vais tu? Para aqueles lados? Tens alguma coisa a fazer? Queria pedir-te um favor. Andaste na escola? Estudaste durante alguns anos? Ora escuta. Sabes o que é trabalho de escrituração?

- Que espécie de trabalho?

- Oh, o trivial. Expedir ordens, recibos, sabes o que isso é?

- De que estás tu a falar, camarada Kochevói?

- Estou a falar-te dos papéis que há nos escritórios. Sabes o que eu quero dizer, não? Enviar ofícios e muitas outras coisas. - Michka agitou os dedos e disse com dureza, sem esperar pela resposta. - Se não sabes, aprendes. Agora eu é que sou o presidente do comité revolucionário desta aldeia. Tu és um rapazinho instruído e nomeio-te meu secretário. Vai para a sede do comité e toma conta dos papéis que lá estão sobre a mesa, que eu volto já. Percebeste?

- Camarada Kochevói!

Michka fez um gesto de impaciência:

. Depois falaremos. Agora vai ocupar o teu lugar.

Afastou-se lentamente, rua abaixo, num passo regular. Em casa, vestiu umas calças novas, meteu a pistola no bolso e disse à mulher, enquanto punha o boné diante do espelho:

- Vou sair em serviço. Se alguém vier perguntar pelo presidente diz que não me demoro.

O cargo de presidente tem as suas exigências.

V

Michka caminhava devagar, com ares importantes; a sua atitude era tão estranha que alguns homens da aldeia, ao cruzarem-se com ele, ficaram-se a segui-lo com os olhos, sorrindo. Prokhor Zikov, ao encontrá-lo na viela, recuou até à paliçada e inquiriu, com irónica deferência:

- Que mosca te mordeu, Mikhail? Andas a fazer de janota num dia de semana e caminhas como se estivesses na parada... Queres casar-te outra vez?

- Eu cá me entendo respondeu Michka. E cerrou os lábios com um ar entendido.

Junto ao portão da herdade dos Gromoves, tirou do bolso a onça de tabaco e, sem parar, observou atentamente o vasto pátio, as dependências, as janelas da casa.

A mãe de Kirill Gromov ia a sair do vestíbulo. Toda curvada para trás, transportava nos braços um alguidar cheio de pedaços de abóbora menina. Michka, depois de a cumprimentar respeitosamente, avançou para o alpendre.

- O Kirill está em casa, tiazinha?

- Está, está. Entra -, respondeu a velha, afastando-se para lhe dar passagem.

Michka, entrando no vestíbulo escuro, procurou às apalpadelas o fecho da porta.

Kirill veio ele próprio abrir a porta da sala grande e recuou um passo. Bem barbeado, sorridente e um pouco ébrio, fitou Michka de cima abaixo, com um olhar breve e inquiridor.

Disse, sem cerimónia:

- Cá está outro antigo soldado! Entra, Kochevói, senta-te. Estamos a beber uns copitos...

- Vivam! À vossa saúde!

Michka apertou a mão do dono da casa e olhou os outros que estavam sentados à mesa.

Viu logo que a sua visita não era considerada oportuna.

Um cossaco de ombros largos que ele não conhecia, refastelado no lugar de honra, lançando a Kirill um olhar rápido, arredou o copo. Um parente afastado dos Korchunov, Sémione Atvatkine, sentado na outra ponta da mesa, fez-se carrancudo ao ver Michka e desviou os olhos.

Kirill convidou Michka a sentar-se.

- Obrigado.

- Anda, senta-te, não nos desconsideres. Bebe um copo.

Michka sentou-se. Ao receber um copo de aguardente das mãos do dono da casa, disse com um aceno de cabeça:

- Pelo teu regresso, Kirill Ivanovitch!

- Obrigado. E tu, há muito que deixaste o exército?

- Há muito, é verdade. Já tive tempo de retomar os velhos hábitos.

- De retomar os velhos hábitos e também de te casares, segundo ouvi dizer! Mas estás a perder tempo, esvazia o copo!

- Não me apetece. Preciso de te falar acerca de um assunto.

- Oh, agora não! Deixa-te de brincadeiras. Hoje não trato de negócios. Divirto-me com os meus amigos. Se tens algum assunto a tratar, volta amanhã.

Michka, erguendo-se, disse com um sorriso calmo:

- Não é coisa complicada, mas sim urgente. Vem cá fora um minuto.

Kirill, alisando o bigode cuidadosamente retorcido, ficou um momento calado e depois ergueu-se.

- Não podes dizer-me aqui do que se trata? Porque havemos de deixar os outros sozinhos?

- Não, vamos lá para fora - insistiu Michka num tom comedido mas firme.

- Sai lá com ele, para que discutes? - disse o cossaco dos ombros largos que Michka não conhecia.

Kirill dirigiu-se de má vontade para a cozinha e murmurou para a mulher que estava ocupada junto ao fogão:

- Vai-te embora, Katerina.

Sentando-se num banco, perguntou secamente:

- De que se trata?

- Há quanto tempo voltaste para casa?

- O quê?

- Pergunto-te há quanto tempo voltaste.

- Há três dias, creio eu.

- Já passaste pelo comité revolucionário?

- Não, ainda lá não fui.

- E fazes tenção de te apresentar em Viochénsskaia, no comissariado militar?

- Porque raio me fazes tu tantas perguntas? Se vens tratar de negócios então fala.

- É o que estou fazendo.

- Então vai para o diabo! Quem te julgas tu, para te dar contas da minha vida?

- Sou o presidente do comité revolucionário. Mostra-me o certificado do teu batalhão.

- Ah! Então é isso! - exclamou Kirill. E fitou um olhar penetrante e sem sombra de embriaguez nas pupilas de Michka.

- Põe-te lá fora!

- Já vou. Dá-me o teu certificado.

- Vou hoje ao Soviete e levo-o.

- Dá-mo imediatamente.

- Tenho-o guardado.

- Vai buscá-lo.

- Não, agora não vou. Volta para casa, Michka, senão temos sarilho.

- Não tenho medo de sarilhos...

Michka meteu a mão no bolso direito.

- Veste-te.

- Basta, Mikhail. E previno-te que não me toques...

- Vem comigo, já te disse.

- Para onde?

- Para o comité.

- Não quero.

Kirill empalidecera, mas mantinha um sorriso amável.

Michka voltou bruscamente o corpo para a esquerda, tirou o revólver do bolso e armou-o.

- Vens daí ou não? - perguntou baixinho.

Sem responder, Kirill deu um passo na direcção da sala comum. Michka, interceptando-lhe o caminho, indicou com os olhos a porta do vestíbulo

- Rapazes! - gritou Kirill com uma falsa desenvoltura. - Parece que vou ser preso! Acabem de beber a vodka sem mim!

A porta da sala grande abriu-se de par em par. Akmwatkine fez menção de sair, mas, ao ver a pistola apontada para ele, recuou muito depressa para trás da ombreira.

- Avança! - ordenou Michka a Kirill.

Este começou a andar num passo vagaroso, poisou com moleza a mão no fecho da porta, mas de súbito deu um salto até ao fundo do vestíbulo; bateu com força a porta da rua e saltou do alpendre. Enquanto atravessava o pátio, na direcção da horta, a correr todo

curvado, Michka disparou duas vezes sobre ele, mas sem conseguir acertar-lhe. Poisando o cano da arma no braço esquerdo dobrado, com as pernas bem alargadas, Michka apontou com cuidado. Ao terceiro tiro Kirill tropeçou, mas, erguendo-se logo, pulou levemente a cerca. Michka saltou do alpendre a correr, perseguido por uma detonação que vinha de dentro de casa. A bala foi bater na frente dele, sobre a parede caiada do telheiro, arrancando um pedaço de estuque e salpicando o chão de falhas de pedra cinzenta.

Kirill corria com ligeireza. A sua figura curvada aparecia e desaparecia entre as copas verdes do pomar. Michka saltou a cerca, deitou-se no chão, disparando dois tiros sobre o fugitivo. Depois voltou-se para a casa, cuja porta ficara aberta. A mãe de Kirill encontrava-se no patamar, com a mão em pala sobre os olhos, a observar o quintal. “Devia tê-lo abatido logo sem discutir”, pensou Michka com indiferença. Ficou ainda alguns instantes deitado, junto à cerca, a fitar a casa. Depois limpou com um gesto maquinal a lama que se lhe colara aos joelhos das calças. Erguendo-se por fim, saltou vagarosamente a cerca e encaminhou-se para casa, levando na mão a arma com o cano voltado para baixo.

Atvatkine e o cossaco desconhecido que Kochevói vira ao chegar a casa de Gromov tinham fugido ao mesmo tempo de Kirill. Nessa noite desapareceram ainda da aldeia mais dois cossacos. Um pequeno destacamento da Tcheka do Don chegou a Tatarsski, vindo de Viochénsskaia. Foram presos alguns cossacos, e quatro soldados, que haviam abandonado os seus batalhões sem documentos, foram mandados para Viochénsskaia, sendo incorporados na companhia disciplinar.

Kochevói passava o dia inteiro no comité revolucionário; só regressava a casa ao cair da noite; poisava a espingarda carregada junto da cama, metia o revólver debaixo do travesseiro e deitava-se vestido. Três dias depois do incidente com Kirill, disse para Duniachka:

- Vamos dormir para o vestíbulo.
- Porquê, não me dirás? - inquiriu Duniachka.
- Eles podem disparar pela janela. A nossa cama fica junto da janela.

Duniachka mudou a cama para o vestíbulo sem dizer palavra. À noite perguntou:

- Pelos vistos vamos começar a viver como lebres na toca? E no Inverno, continuamos a dormir no vestíbulo?

- O Inverno ainda não chegou. Para já continuamos a dormir aqui.
- Até quando vai durar esse “para já?”
- Até eu deitar a mão ao Kirill.
- E julgas que ele se vai meter na boca do lobo?
- Acabará por vir - retorquiu Michka com segurança.

Mas enganava-se: Kirill Gromov, que se escondera na outra margem do Don com os companheiros, atravessou para a margem direita quando soube que Makhno se aproximava e foi para a stanitsa de Krasnókutsskaia, onde se anunciava a chegada dos destacamentos percursores do grupo de Makhno. Ao voltar durante a noite à aldeia, encontrou por acaso Prokhor Zikov, a quem encarregou de dar muitos cumprimentos seus a Kochevói, dizendo-lhe ao mesmo tempo que não deixaria de o ir visitar qualquer dia. Na manhã seguinte, Prokhor contou a Michka o encontro que tivera e a sua conversa com Kirill.

- Bem, ele que venha. Conseguiu escapar uma vez, mas da próxima não se sairá tão bem como da primeira. Graças a ele, fiquei sabendo como devo tratar esses tipos.

De facto, Makhno já apareceu nas fronteiras do distrito do Alto Don. Junto à aldeia de Konkov, esmagou, após um breve combate o destacamento que Viochénskkaia enviara contra ele. Mas não conseguiu alcançar a capital do distrito e avançou na direcção da Milerovo. Cortou a via férrea e partiu em direcção de Starobelsk. Os guardas brancos cossacos mais assanhados juntaram-se a ele, mas a maior parte dos outros ficou em suas casas à espera.

Kochevói continuava a viver com todas as cautelas, atento a tudo quanto se passava na aldeia. Porém a vida em Tatársski nada tinha de agradável. Os cossacos criticavam constantemente o poder dos Soviéticos, acusando-o de todas as privações que estavam sofrendo. O pequeno armazém da única sociedade de consumo, criada recentemente, não tinha quase nada. Faltavam os géneros de primeira necessidade, tais como açúcar, sabão, sal, petróleo, óleo lubrificante. Nas prateleiras nuas expunham-se apenas alguns maços de cigarros Aslomov, demasiado caros, e artigos de quinquilharia que podiam ficar meses e meses sem encontrar quem os quisesse.

À noite, em lugar de petróleo, queimavam-se pires de manteiga ou de banha derretida. O tabaco caseiro, cultivado nas hortas, substituía o tabaco grosso. Como não havia fósforos, toda a gente se servia de pederneira e de isqueiros fabricados à pressa pelos serralheiros. Fervia-se a acendalha em água com cinzas de girassol, para que esta se incendiasse mais depressa, mas, por falta de hábito, tornava-se difícil fazer lume. Por mais de uma vez, ao regressar à noite do comité revolucionário, Michka viu na rua um grupo de fumadores a tentarem tirar faíscas de uma pederneira, enquanto iam resmungando: “Poder dos Soviéticos, dá-nos lume!” Finalmente, um deles tinha a sorte de conseguir que se inflamasse uma centelha; então sopravam todos sobre a chama e depois, com os cigarros acesos, acoravam-se a contar as novidades. Esvaziaram a sacristia de todos os registos e, após terem fumado as folhas, faziam cigarros com tudo o que encontravam nas casas, incluindo velhos livros da escola, até os livros de orações dos velhos.

Prokhor Zikov, que visitava muitas vezes a casa dos Melekhovs, tentando que Michka lhe desse papel, lamentava-se:

- A minha mulher tinha muitos jornais colados na tampa da arca. Já lhos fumei todos. Tínhamos o Novo Testamento, que era um livro santo, e fumei-o igualmente. Também já fumei o Velho Testamento e foi pena os santinhos não terem escrito mais testamentos. A minha mulher tinha lá um livro de orações com os nomes de toda a família, vivos e defuntos, e eu fumei-o. Terei agora de secar folhas de couve ou de visco para me servirem de papel? Não, Mikhail, arranja-te como quiseres, mas dá-me um jornal. Durante a guerra, na frente alemã, troquei muitas vezes a minha ração de pão por um quarto de tabaco.

Nesse Outono, a vida não era pois agradável em Tatársski...

As rodas das charretes chiavam, por falta de lubrificação, os arreios e o calçado secavam à minguá de graxa, porém o pior era a falta de sal. Por cinco libras de sal, as pessoas de Tatársski trocavam um carneiro gordo, regressando a casa a amaldiçoar o poder dos Sovietes. O maldito sal causou graves aborrecimentos a Michka... Certo dia, os velhos da aldeia chegaram ao Soviete, cumprimentaram com respeito o presidente tirando os bonés e sentaram-se nos bancos.

Um deles disse:

- Não temos sal, senhor presidente.

- A senhoria já não se usa rectificou Michka.

- Desculpa, é do hábito... Podemos viver sem chamar senhores uns aos outros, mas não podemos viver sem sal.

- Mas então que pretendem vocês?

- Tu é que és o presidente, arranja-te como puderes, mas dá-nos sal. Não conseguimos trazer do Manitch o sal suficiente em carros de bois.

- Enviei para o distrito um relatório acerca disso. Já estão informados. Vão mandá-lo em breve.

- Isso é o que tu dizes - murmurou um dos velhos, de olhos pregados no chão.

Michka, fazendo-se muito vermelho, levantou-se. Estava rubro de cólera e virou os bolsos do avesso.

- Não tenho sal, estás a ver. Não tenho nenhum nem o posso inventar. Perceberam, seus velhos?

- Então para onde foi ele? - perguntou após um minuto de silêncio o velho Tchumakov, o cegueta, passeando pela assistência o seu olho único, espantado. Dantes, com o governo antigo, não havia problemas, tínhamos sal aos montes. Hoje não nos dão uma pitada...

- O nosso governo não tem culpa disso – respondeu Michka num tom mais calmo. O único culpado disto é o governo anterior, o dos cadetes, o vosso. Por causa dele é que ficamos arruinados a ponto de não se conseguir arranjar sal. Todas as vias férreas ficaram destruídas. O mesmo aconteceu aos vagões

Michka fez uma longa arenga aos velhos para lhes demonstrar como os brancos, durante a retirada, haviam destruído os bens do Estado, fazendo as oficinas ir pelos ares, incendiando os armazéns. Algumas daquelas coisas que estava dizendo vira-as com os seus próprios olhos durante a guerra; outras, ouvira-as contar; o resto, inventava, com o fito de desviar o descontentamento geral do seu querido poder dos Sovietes.

A fim de colocar este ao abrigo das censuras, mentia com toda a calma, usava de manhas e pensava lá com os seus botões: “Não faz mal a ninguém se eu exagerar um pouco no que digo acerca desses patifes. Seja como for, eles são uns malandros, isto não os prejudica e a nós ajuda-nos bastante...”

- Então vocês julgam que os burgueses nasceram ontem, ou quê? Não são nenhuns burros. Abarbataram todas as reservas de açúcar e de sal, milhares e milhares de pudes, que antes haviam levado para a Crimeia, e aí meteram tudo em barcos e foram vendê-los nos outros países - afirmava Michka com os olhos brilhantes.

- E levaram também todo o óleo de lubrificação? - perguntou o cegueta, num tom desconfiado.

- Julgas que o iam deixar para ti, avozinho? Podes ter a certeza que não se preocupam nada contigo, nem com todo o povo dos trabalhadores. Arranjam facilmente quem lho queira comprar. Se pudessem, tinham levado tudo para fazerem com que o povo morresse de fome.

- Isso é assim mesmo, não há dúvida - confirmou um dos velhos. Os ricos são todos uns comilões. - Sempre assim foi. Quem mais tem mais quer. Havia um comerciante em Viochénskaja que, na altura da primeira retirada, meteu tudo quanto era dele dentro de carros, até ao último fio. Entretanto, os vermelhos aproximavam-se e ele não arredava pé, andava de peliça pela casa toda a arrancar os pregos com uma torquez. “Não quero que eles fiquem nem com um prego dos meus.” Já vêem que não admira que eles tenham levado o óleo.

- Isso tudo pode ser verdade, mas que vamos nós fazer sem sal? - inquiriu por fim o velho Matsaiev num tom bonacheirão.

- Os nossos operários vão dentro em breve recomeçar a extrair o sal. Entretanto, podemos mandar alguns carros buscá-lo ao Manitch - aconselhou prudentemente Michka.

- As pessoas não querem lá ir. Os kalmuks fazem estragos lá por essas bandas, não deixam tirar o sal das salinas, roubam os bois à mão armada. Conheço um homem que lá foi e só lhe deixaram o chicote. Durante a noite, para lá de Velikokniajesskaia, viu chegar três Kalmuks armados que lhe levaram os 'bois e lhe disseram apontando-lhe ao pescoço: “Cala-te, se não queres morrer de morte macaca...” Como podemos nós lá ir assim?

- Temos de esperar suspirou Tchumakov.

Michka lá conseguiu, o melhor que pôde desembaraçar-se dos velhos, mas, ao regressar a casa, teve uma violenta discussão com Duniachka, também a propósito do sal. Fosse como fosse, as coisas não andavam a correr lá muito bem entre os dois...

Tudo começara naquele dia memorável em que Prokhor se referira a Grigóri e a zanga que se seguira nunca mais se dissipara. Certa noite, à ceia, Michka declarou:

- Esta sopa não tem sal, mulher! Uma vez tem de menos outras de mais...

- Sal a mais, nos dias que vão correndo e com o governo que temos, não é possível. Sabes quanto nos resta por junto?

- Quanto?

- Dois punhados.

- A coisa está má! suspirou Michka.

- Os homens providentes foram com carros ao Manitch, no Verão, buscar sal, mas tu nunca arranjaste tempo para pensar nisso. - declarou Duniachka em tom de censura.

- E como querias tu que eu lá fosse? Atrelar-te a ti à carroça logo no primeiro ano de casados parecia mal. E os nossos boizitos não valem nada...

- Guarda lá as brincadeiras para outra ocasião. Quando tiveres que comer tudo completamente insonso então brinca.

- Mas que tens tu contra mim? Falando a sério, onde queres que eu vá buscar sal? Vocês, mulheres, sempre têm muita graça! Não posso vomitá-lo para to dar, esse maldito sal! Se não há, paciência!

- Os outros também foram ao Manitch com os seus bois e agora nada lhes falta do que é preciso, ao passo que nós continuamos a comer tudo amargo e insonso...

- Havemos de nos arranjar de qualquer maneira, Dunia. Vamos receber sal dentro em breve. É coisa que não falta, no nosso país.

- Vocês ao menos têm de tudo!

- Vocês, quem?

- Vocês, os vermelhos.

- Mas então tu, o que és?

- Sabes bem o que eu sou. Vocês gabavam-se e tornavam a gabar-se de que tinham tudo com fartura, que todos iam viver no meio da riqueza e da igualdade: afinal, nem sequer temos sal para deitar na sopa

Michka, dirigindo à mulher um olhar assustado, empalideceu.

- Que estás tu para aí a dizer, Dunia? Vê lá como falas!

Dunia, porém, tomara o freio nos dentes: também ela estava pálida de indignação e cólera, e prosseguiu aos berros:

- Vejo como falo? Porque estás tu a arregalar-me os olhos? Diz-me lá, senhor presidente: não sabes que há para aí gente com as gengivas a incharem por causa da falta de sal? Sabes o que as pessoas estão a comer para substituir o sal? Cavam as terras salgadas, vão à colina de Netchaiev e deitam terra de lá na sopa... Nunca ouviste dizer isto?

- Vamos, não grites. Sei tudo isso... E depois?

- Não há depois - respondeu Duniachka, juntando as mãos.

- Temos de suportar.

- Então suporta-o tu!

- É o que eu faço. Mas... mas... És mesmo da raça dos Melekhovs!

- E como é ela, a raça dos Melekhovs?

- É contra-revolucionária - respondeu Michka em voz surda, erguendo-se da mesa.

De olhos pregados no chão, sem fitar a mulher, disse-lhe com os lábios a tremer ligeiramente:

- Se tornas a falar assim, deixo de viver contigo, garanto-te!

- Falas como uma inimiga...

Duniachka quis objectar qualquer coisa, porém Michka, de olhos desvairados, ergueu o punho:

- Cala-te! ordenou numa voz abafada.

Duniachka fitou-o sem temor, não ocultando a curiosidade; ao cabo de alguns instantes, declarou numa voz calma e bem disposta:

- Pronto, acabou-se, porque diabo falamos nós no sal?... Passa-se sem ele e pronto!

Após ter estado calada um momento, acrescentou, com aquele sorriso tranquilo de que Michka tanto gostava:

- Não te zangues, Michka. Se os homens fossem zangar-se por tudo quanto dizem as mulheres, era um nunca acabar. O que a gente diz quando se zanga!... O que é que queres beber, leite coalhado ou xarope?

Apesar de muito nova, Duniachka possuía uma grande experiência e sabia quando devia manter-se na sua, durante uma questão, ou quando era melhor ceder...

Dali a quinze dias chegou uma carta de Grigóri a dizer que fora ferido na frente de Wrangel e que seria desmobilizado, provavelmente, logo que estivesse bom. Duniachka informou o marido do conteúdo da carta, perguntando-lhe:

- Quando ele voltar, Michka, que havemos de fazer?
- Vamos para minha casa. Ele que fique a viver aqui. Dividimos os bens.
- Não seria possível vivermos todos juntos? Ele decerto que vai buscar a Akcínia.
- Ainda que fosse possível eu é que não queria viver com ele debaixo do mesmo

tecto, declarou severamente Michka.

Duniachka ergueu as sobrancelhas com surpresa:

- Porquê, Michka?
- Sabes bem porquê.
- Por ele ter combatido ao lado dos brancos?
- Precisamente.
- Tu não gostas dele... Mas vocês dantes eram amigos.
- Era o que mais faltava... eu gostar dele! Fomos amigos, mas ele deixou de o ser.

Duniachka estava a dobar. A dobadoira gemia continuamente, mas o fio quebrou-se.

Duniachka parou a roda e disse, enquanto torcia o fio, sem olhar para o marido:

- Quando ele voltar, que é que lhe vão fazer, por ter estado com os cossacos?
- Será julgado no tribunal.
- E qual será a pena?
- Sei lá! Não sou juiz.
- Podem condená-lo à morte?

Michka olhou para a cama onde dormiam Michatka e Poliúchka, escutou-lhes a respiração regular e respondeu baixando a voz.

- Podem.

Duniachka não fez mais perguntas. No dia seguinte pela manhã, quando acabou de ordenhar a vaca, dirigiu-se a casa de Akcínia.

- Trago-te boas notícias. O Grichka vai regressar.

Akcínia poisou sobre o lume a marmita cheia de água e levou as mãos ao peito. Ao ver-lhe o rosto corar, Duniachka acrescentou:

- Mas não te alegres antes de tempo. O meu marido diz que ele não escapa do tribunal. E sabe Deus a que pena vai ser condenado.

Um relâmpago de angústia perpassou nos olhos húmidos e brilhantes de Akcínia:

- Porquê? inquiriu bruscamente, sem forças para apagar dos lábios o sorriso que aí se instalara.

- Por causa da insurreição... e do resto.

- Isso é tudo mentira. Ninguém vai julgá-lo. O teu Mikhail não sabe nada! Ou julga-se um profeta!

- Talvez não saiba, com efeito respondeu Duniachka.

E acrescentou passado um momento, a reprimir um soluço:

- Ele não gosta nada do meu irmãozinho... e isso aflige-me tanto... tanto... que nem podes calcular. E ainda por cima ele foi ferido mais uma vez!... Que triste vida!

- O que é preciso é que ele venha. Levamos as crianças e vamos esconder-nos em qualquer parte disse Akcínia, angustiada.

Tirou o lenço sem necessidade e voltou a colocá-lo na cabeça. Afastou inutilmente a loiça em cima da mesa, incapaz de dominar a emoção que a assaltara.

Sentou-se no banco, alisou sobre os joelhos as pregas do avental desbotado, e Duniachka, vendo-lhe as mãos a tremer, sentindo a garganta apertada, desejou estar sozinha para poder chorar.

- A mãe já não chegou a vê-lo... - disse baixinho. - Bem, tenho de ir aquecer o forno.

No vestíbulo, Akcínia abraçou-a desajeitadamente pelo pescoço e depois beijou-lhe a mão.

- Estás contente? - perguntou-lhe Duniachka numa voz sumida.

- Estou um bocadinho... só um bocadinho... - respondeu Akcínia com um sorriso trémulo, a esconder as lágrimas que lhe subiam aos olhos.

VI

Na estação de Milerovo, Grigóri teve direito a um carro civil, dada a sua qualidade de comandante vermelho desmobilizado. Durante a viagem, foi mudando de cavalos em todas as povoações ucranianas e, no espaço de vinte e quatro horas, chegou à fronteira do distrito do Alto-Don. Na primeira aldeia cossaca, o presidente do comité revolucionário, um jovem soldado vermelho desmobilizado havia pouco, disse-lhe:

- Daqui em diante tem de seguir puxado a bois. Só temos um cavalo em toda a aldeia e mesmo assim só anda com três patas. Os nossos cavalos ficaram todos no Kúbano, durante a retirada.

- Talvez eu consiga mesmo assim chegar a casa com esse cavalo que tu dizes? - perguntou Grigóri a tamborilar com os dedos sobre a mesa e a fitar com os olhos risonhos o presidente, que era um pândego.

- Não consegue, nem que levasse uma semana. Mas não se aflija. Temos bois magníficos, que andam bem e, de qualquer maneira, tínhamos sempre de mandar um carro a Viochénsskaia levar fio telegráfico que aqui ficou retido desde a guerra. Por isso não precisará de mudar de carro pelo caminho. Vai neste até sua casa.

O presidente, piscando a pálpebra esquerda, acrescentou sorrindo, com uma expressão maliciosa:

- Vamos dar-lhe os nossos melhores bois e, como cocheiro, uma jovem viúva... Temos aqui uma destas lascas... não se pode desejar melhor. Junto dela, nem dará pelo caminho. Já fui soldado e sei o que isso é... sei o que falta aos militares...

Grigóri não respondeu. Reflectia. Esperar que aparecesse um carro no mesmo sentido seria uma loucura. E o percurso era demasiado longo para se fazer a pé. Mais valia aceitar os bois.

Dali a uma hora chegava a carripana: uma velha charrette com as rodas a chiar. O compartimento do feno estava espatifado e por isso o pasto espalhava-se por todos os lados. “Esta também andou na guerra”, pensou Grigóri, observando, desconsolado, a pobre equipagem. A condutora caminhava ao lado dos bois, agitando o chicote. Era de facto muito bonita e bem feita. Os seios enormes, desproporcionados, alteravam-lhe um pouco a silhueta e uma cicatriz em diagonal sobre o queixo redondo conferia-lhe uma

expressão de quem possuía uma triste experiência da vida, fazendo parecer mais velho aquele rosto corado e moreno, salpicado na base do nariz de sardas castanhas do tamanho de grãos de painço.

Encarquilhou os olhos enquanto compunha o lenço a fitar atentamente Grigóri, e perguntou:

- És tu que vens comigo, não?

Grigóri desceu os degraus a abotoar o capote:

- Sim, sou eu. Já carregaste o fio telefónico?

- Era o que mais faltava, ser eu a carregá-lo! - exclamou a cossaca numa voz sonora. Passo a vida na estrada ou a trabalhar! Quem julgam eles que eu sou? Os tipos que o carreguem, esse maldito fio, de contrário ponho-me a andar com o carro leve!

Arrastou os rolos de fio até à charrette e discutiu em voz alta, mas sem azedume, com o presidente; de quando em quando, enviesava um olhar curioso para Grigóri. O presidente ria sem parar e contemplava a jovem viúva com sincera admiração. Por vezes, piscava o olho a Grigóri, como quem diz: “Isto é que são mulheres! Aposto que não esperavas encontrar uma coisa destas cá na terra!”

Para além da aldeia, estendia-se até muito longe a estepe do Outono, escura e ressequida. Uma torrente de fumo acinzentado, vindo das terras lavradas, atravessava a estrada. Os lavradores andavam a queimar as ervas daninhas em tufos secos ou longas fibras amarelecidas. O cheiro a fumo acordou em Grigóri tristes recordações: também ele, outrora, costumava lavar no Outono lá para o interior da estepe; à noite, contemplava o céu negro, salpicado de estrelas, prestava atenção aos apelos dos bandos de patos que voavam lá no alto... Começou a agitar-se na sua cama de feno, lançando um olhar de lado para a condutora.

- Que idade tens, pequena?

- Vou nos sessenta - respondeu ela com garridice, de olhos risonhos.

- Não, a sério.

- Vinte e um.

- E já és viúva?

- Já.

- Que fizeste ao teu marido.

- Morreu na guerra.

- Há muito tempo?

- Há dois anos.

- Durante a insurreição?

- Depois. No princípio do Outono.

- Então como vives tu?

- Cá se vai indo.

- O marido faz-te falta?

Ela fitou-o com atenção, tapou a boca com o lenço para esconder um sorriso. Falou em voz baixa, com uma entoação diferente:

- O trabalho não me dá tempo para pensar nisso.

- Mas não te faz falta não teres marido?

- Vivo com a minha sogra. Temos muito trabalho na herdade

- Como consegues tu passar sem marido?

A rapariga voltou-se para Grigóri. Um súbito rubor velou-lhe as sardas e nos seus olhos acenderam-se e apagaram-se centelhas fulvas:

- A que propósito me perguntas isso?

- A propósito de nada.

Ela tirou o lenço da boca e declarou num tom arrastado:

- Ora, não me falta nada! Há muita gente boa por esse mundo fora .

Calou-se um instante e prosseguiu:

- Não tive tempo de gozar a vida com o meu marido. Só estivemos juntos um mês e levaram-no logo para o exército. Arranjo-me como posso sem ele. Agora, as coisas correm melhor. Os rapazes regressaram à aldeia, mas dantes era uma vida dura. Anda, Carriço, anda! Pois é assim, meu soldado. A vida é isto.

Grigóri não respondeu. Na realidade não lhe apetecia nada conversar naquele tom brincalhão e já estava arrependido de ter começado.

Os bois, gordos e bem alimentados, avançavam sempre no mesmo passo lento e regular. Um deles quebrara um corno e este crescera torto, atravessado na testa. Grigóri seguia estendido na charrette, apoiado aos cotovelos, de olhos semicerrados.

Pôs-se a pensar nos bois com que trabalhara em criança, e mais tarde, já homem. Eram todos diferentes uns dos outros, na cor da pele, na compleição, no carácter, até na forma dos cornos. Havia outrora um boi na herdade dos Melekhovs que, como este, partira um corno. Era mau e rancoroso, olhava sempre de viés, arregalando os olhos cujos globos se mostravam raiados de sangue; se alguém se aproximava dele por trás, dava coices; na época das grandes sementeiras, quando se deixavam os animais na pastagem durante a noite, ele conseguia regressar sempre à herdade e outras vezes fazia ainda pior ia esconder-se na floresta ou numa ravina distante. Grigóri teve muitas vezes de percorrer a estepe a cavalo durante dias inteiros, e só quando já perdera a esperança de o encontrar é que o

descobria de súbito no fundo de uma ravina, dentro de um maciço impenetrável de espinheiro negro ou então à sombra de uma macieira brava e ramalhuda. Aquele maldito, esse boi mocho, aprendera a soltar a sogá; de noite levantava com o chifre a corda que segurava o portão da cerca, saía lá para fora, atravessava o Don e ia vadiar para a planície. Nesses tempos, causara grandes aborrecimentos e preocupações a Grigóri...

- Como é esse teu boi do corno torcido? É manso?

- É. Porque perguntas?

- Por nada.

- É uma boa resposta, se não tens mais nada para me dizer respondeu a condutora rindo.

Grigóri não lhe deu troco. Sentia prazer em recordar o passado, a vida tranquila, o trabalho, tudo quanto era estranho à guerra, a esta guerra que se arrastava há sete anos e se lhe tornara intolerável; só de pensar nela, ao recordar qualquer dos seus episódios, sentia uma náusea pungente, uma surda irritação.

Não voltaria a combater. Estava farto. Regressaria a casa para se entregar ao trabalho e viver com os filhos, em companhia de Akcínia. Quando estava na frente, tomara a resolução de ir buscar Akcínia para casa a fim de que esta lhe tomasse conta das crianças e estivesse sempre junto dele. Precisava de tomar finalmente uma decisão, e quanto mais cedo melhor.

Grigóri sonhava deliciado com o dia em que trocaria o capote e as botas pelas enormes tamancas de lavrador, em que enfiaria as grossas meias de lã por dentro das calças tufadas à moda cossaca; vestiria por cima do blusão quente um capote feito em casa e sairia para o campo. Como seria bom pegar nas mãos da charrua e caminhar, seguir o sulco molhado, aspirando avidamente o cheiro húmido da terra lavrada, o aroma acre da erva cortada pela rabiça. Nas terras estranhas, a terra e a erva têm um cheiro diferente. Mais de uma vez, na Polónia, na Ucrânia ou na Crimeia, esfregara na palma da mão uma haste de absinto cinzento e cheirara o perfume, pensando com tristeza: “Não, não é isto, não é a mesma coisa...”

A condutora aborrecia-se. Tinha vontade de conversar. Deixou de incitar os bois e sentou-se confortavelmente. Enquanto puxava pelas franjas negras do chicote, observou demoradamente Grigóri, à socapa, viu-lhe o rosto fechado e os olhos baixos. “Ele ainda não é velho, mas já tem cabelos brancos. É tão esquisito”, pensava ela, sempre a franzir os olhos. “Porque será? Parece cansado, como se fosse a puxar um carro... Não é desajeitado. O que tem é o cabelo e o bigode quase todo branco. Mas não é feio. Em que pensará? Primeiro parecia querer meter-se comigo, mas não voltou a dizer nada e fez-me aquela

pergunta acerca do boi. Talvez não saiba de que assunto há-de falar. Ou será tímido? Não tem cara disso. Os seus olhos são duros. Não há dúvida de que é um belo cossaco, mas esquisito. Pois então fica para aí calado, meu estafermo, com essas costas todas curvadas. Não preciso de ti. Também sei manter-me calada. Deves estar impaciente por ver a tua mulher. Pois então fica para aí!”

Encostando-se à borda do carro, começou a cantarolar baixinho.

Grigóri ergueu a cabeça e olhou para o sol. A tarde ia ainda no princípio. A sombra de um cardo do ano anterior, que fazia sentinela à beira do caminho, projectava uma sombra de meio passo apenas. Não deviam ser mais de duas horas.

Sobre a estepe pesava como que um silêncio de morte.

O sol dava pouco calor. Um vento leve agitava sem ruído a erva escura e queimada. Não se ouvia o canto dos pássaros nem o bufar dos ratos do trigo. No céu pálido e frio não pairavam falcões nem águias. Só uma vez a estrada foi atravessada por uma sombra cinzenta; antes mesmo de erguer a cabeça Grigóri ouviu um pesado bater de asas: uma abetarda de um cinzento-claro, cuja plumagem forrada de branco brilhava à luz, passou, indo poisar perto de um túmulo distante, no ponto em que a ravina, onde não dava o sol, se ia perder no roxo crepuscular do horizonte. Grigóri só havia observado aquela calma profunda nos fins do Outono, na época em que julgamos ouvir sobre a erva seca o roçar dos cardos rolantes empurrados pelo vento para longe, muito longe, através da estepe.

Parecia-lhe que nunca mais veriam o fim da estrada. Esta serpenteava por entre as colinas num declive suave, descia aos vales, erguia-se de novo até às cumeadas. E, a perder de vista, desdobrava-se a profunda estepe coberta de erva. Grigóri sentiu-se tomado de admiração perante um pequeno bordo que crescera na encosta de uma ravina. As suas folhas, queimadas pelos primeiros gelos, luziam com um brilho purpúreo, como brasas cobertas de cinza.

- Como te chamas? - perguntou em voz baixa a condutora, tocando com o cabo do chicote no ombro de Grigóri.

Este, estremecendo, voltou-se. A rapariga tinha desviado os olhos.

- Grigóri. E tu?

- Eu não me chamo nada.

- Fazias melhor em estares calada.

- Estou farta de ir calada. Há meio dia que não falo, até sinto a boca seca. Porque vais tu tão triste, tio Grichka?

- E porque havia de estar alegre?

- Regressas a casa, devias ir contente.

- Já passei a idade de andar contente.
- Não pareces velho. Mas porque tens os cabelos brancos? Ainda és novo.
- Tu queres saber tudo.... Se calhar foi por ter tido uma vida boa de mais, está-se mesmo a ver.

- És casado, tio Gricha?

- Sou. E tu deves tratar de te casar quanto mais depressa melhor.

- Depressa, porquê?

- Porque és muito descarada.

- E isso é mau?

- Às vezes é. Conheci uma que era descarada como tu e também viúva. Desatou a andar por aí e tanto se divertiu que começou a ficar sem o nariz...

- Oh, meu Deus! Que horror! - exclamou a rapariga com fingido pânico. E acrescentou logo num tom prático: - Nós, viúvas, somos assim. Quem não se arrisca não petisca.

Grigóri olhou para ela. Ria em silêncio, sem descerrar os dentes miúdos e brancos. Tremia-lhe o lábio superior, todo arreganhado, os seus olhos luziam sob as pestanas descidas. Grigóri, começando a sorrir, poisou a mão sobre o joelho quente e redondo da rapariga.

- Pobre pequena declarou num tom compadecido. Tão novinha e já levaste tantos encontros da vida.

De repente, toda a alegria a abandonou. Repeliu com aspereza a mão de Grigóri, cerrou o sobrolho e corou tanto que as sardas desapareceram.

- Vai lá lamentar a tua mulher quando chegares a casa. Cá por mim não preciso de ajuda para me queixar.

- Espera, não te zangues!

- Vai para o diabo!

- Disse isto porque me fazes pena.

- Quero lá saber da tua pena!

Pôs-se a praguejar como um homem, via-se que estava habituada a isso, e os seus olhos negros faiscavam.

Grigóri, erguendo as sobrancelhas, resmungou, atrapalhado:

- Não tens papas na língua, caramba! És completamente louca!

- E tu? És um santo de capote piolhoso! Já vos conheço a todos! Casa-te, e mais isto e mais aquilo. Há muito tempo que te tornaste assim ajuizado?

- Não, não foi há muito tempo - respondeu Grigóri sorrindo.

- Então porque me pregas sermões? Bem basta a minha sogra.

- Bem, acabou-se. Porque te enfureces assim, idiota? Disse aquilo por dizer -, declarou Grigóri, para a acalmar. Olha, enquanto conversávamos, deixámos sair os bois para fora do caminho.

Instalou-se confortavelmente, lançou à viúva um olhar furtivo e viu-lhe lágrimas nos olhos. “Que chatice! As mulheres são todas assim...”, pensava ele com uma sensação de aborrecimento e despeito.

Não tardou a adormecer, deitado de costas, com uma aba do capote a cobrir-lhe a cara. Acordou ao cair da noite. As pálidas estrelas da tarde brilhavam no céu e sentia-se um perfume a feno, fresco e suave.

- Temos de dar de comer aos bois - disse a rapariga.

- Está bem. Então paramos.

Grigóri foi desatrelar os bois. Tirou do saco uma lata de conserva de carne e pão, depois juntou um molho de palhas secas e acendeu uma fogueira perto da charrette.

- Anda, vem cear, não fiques zangada.

A rapariga agachou-se perto do lume, tirou da sacola um pão e um pedaço de gordura cor de ferrugem. Enquanto comiam falaram pouco, mas sem animosidade. Depois a viúva foi deitar-se dentro do carro. Grigóri juntou ao lume uns bocados de bosta seca para que ele se não apagasse e estendeu-se no chão, como no acampamento. Ficou muito tempo ali deitado, com a cabeça em cima do saco. Olhava o céu cintilante de estrelas e pensava continuamente nos filhos e em Akcínia. Por fim, adormeceu de leve. Despertou-o uma voz insinuante:

- Estás a dormir, soldado? Estás a dormir ou não?

Ele ergueu a cabeça. A sua companheira de viagem, apoiada num cotovelo, curvava-se toda para fora da charrette. A cara dela, iluminada de baixo para cima pelo clarão moribundo da fogueira, tinha um ar fresco e manhoso, os dentes dela e a orla de renda do lenço pareciam de uma brancura deslumbrante. Sorria como se nada se tivesse passado, e disse, com as pestanas a tremerem:

- Receio que apanhes frio aí. A terra está gelada. Se tiveres frio vem para o pé de mim. Tenho uma peliça muito quentinha. Queres vir?

Grigóri, depois de reflectir um momento, respondeu suspirando:

- Obrigado, pequena, mas não quero. Ah! Se fosse aqui há um ano ou dois... Não tenhas medo, aqui junto do lume não apanho frio.

Ela suspirou também.

- Bom, seja como quiseses.

E cobriu a cabeça com a peliça.

Ao cabo de um certo tempo, Grigóri levantou-se e reuniu as suas bagagens. Tinha decidido ir a pé para chegar a Tatársski de madrugada. Um chefe militar que volta da guerra não entra na sua aldeia num carro de bois. A quantas troças e comentários daria lugar o seu regresso com semelhante equipagem!

Acordou a companheira:

- Eu sigo a pé. Tu não tens medo de ficar sozinha na estepe?

- Não, não sou medrosa e há uma aldeia aqui perto. Mas que tens tu para estares com tanta pressa?

- Tenho aquilo que tu podes calcular. Então adeus e não leves a mal.

Grigóri seguiu estrada fora com a gola do capote levantada.

O primeiro floco de neve caiu-lhe nas pestanas. O vento soprava agora do norte e no seu hábito frio Grigóri julgou reconhecer o cheiro querido da neve.

Michka Kochevói regressou à noite da stanitsa. Duniachka viu-o através da janela chegar ao portão. Pôs logo o xale pelos ombros e saiu para o pátio.

- O Gricha veio esta manhã - disse ela ao chegar à entrada, observando o marido com inquietação.

- Deves estar muito contente -, retorquiu Michka num tom reservado, ligeiramente trocista.

Entrou na cozinha com os lábios muito apertados. Os músculos das faces agitavam-se-lhe sob a pele. Políúchka, que a tia ataviara com um fato novo, estava ao colo de Grigóri. Este, depois de a pôr no chão com carinho, foi ao encontro do cunhado, estendendo-lhe, a sorrir, a mão grande e morena. Quis abraçar Michka, mas, vendo-lhe os olhos frios e hostis, absteve-se.

- Olá, Michka!

- Bons dias!

- Há muito tempo que não nos víamos. Tenho a impressão que isso foi há cem anos.

- Sim... há muito tempo. Muito folgo em te ver.

- Obrigado. Fazemos agora parte da mesma família, ao que parece.

- Assim é... Mas tens sangue na cara!

- Não é nada. Cortei-me ao fazer a barba, com a pressa.

Sentaram-se à mesa e observaram-se em silêncio, com uma sensação de cerimonioso mal-estar. Tinham muitas coisas a dizer um ao outro, mas de momento isso não era possível. Michka, dominando-se, começou a falar calmamente da quinta e das mudanças ocorridas na aldeia.

Grigóri olhava, através da janela, a terra coberta pela primeira neve azulada, os ramos nus das macieiras. Não fora assim que imaginara o primeiro encontro com Michka...

Este não tardou a sair. No vestibulo, afiou cuidadosamente uma faca na pedra de amolar e disse a Duniachka:

- Vou chamar alguém para nos matar um carneiro. É preciso dar um festim ao dono da casa. Vai comprar aguardente.

- Ou antes, corre a casa do Prokhor, e diz-lhe que desenterre a sua aguardente. Ele pode fazer isso melhor do que tu. E convida-o para cear.

Duniachka, radiante de alegria, olhou com reconhecimento para o marido, sem dizer nada “Talvez tudo venha a correr bem... Agora que a guerra acabou, que nos poderá separar? Se ao menos Deus permitisse que eles fossem razoáveis!”, pensava ela, cheia de esperança, a caminho da casa de Prokhor.

Dali a menos de uma hora, chegava Prokhor, todo esbaforido:

- Grigóri Panteleievitch!... Meu bom amigo!... Nunca julguei, não posso crer que tenha chegado finalmente este dia... exclamava ele, numa voz alta e dramática.

Tropeçou nos degraus e por pouco não quebrava a bilha da aguardente, do tamanho de um balde.

Ao abraçar Grigóri, desatou aos soluços. Limpou os olhos com o punho e alisou o bigode molhado de lágrimas. Grigóri sentiu umas cócegas na garganta, mas conteve-se, e deu uma grande palmada nas costas da sua fiel ordenança, enquanto pronunciava algumas frases sem nexo:

- Ora muito bem... cá estamos... sinto-me contente por te ver, Prokhor, muito contente. Mas que raio é isso, homem? Estás com a lágrima no olho? Tens as juntas mal unidas ou são os parafusos desapertados? E o teu braço? A tua mulher ainda te não arrancou o outro?

Prokhor assoou-se ruidosamente e despiu a peliça.

- Eu e a minha mulher, neste momento, somos dois pombinhos. O meu outro braço está inteiro, como vês. E aquele que os polacos me levaram começa a nascer outra vez, podes acreditar! Dentro de um ano já devo ter dedos - declarou ele com a sua alegria natural, agitando a manga da camisa.

A guerra habituara-os a ocultar sentimentos atrás de um sorriso e a salgar tanto a linguagem como o pão. Grigóri prosseguiu no mesmo tom de gracejo:

- Então como tens passado, meu velho chibo? Ainda saltas?

- Salto devagar, como os velhos.

- Não apanhaste mais nenhuma maleita, na minha ausência?

- Qual maleita?

- Como aquela do ano passado, não percebes?

- Panteleievitch! Nem falar nisso é bom! Como queres que eu me dê a esse luxo? E depois, só com uma mão, não consigo agarrar nada. Agora é a tua vez. És novo e livre... A mim só me resta oferecer o meu instrumento à patroa e ela que se sirva dele como pincel para pintar as panelas...

Contemplaram-se longamente como dois bons camaradas de trincheira que eram, rindo, felizes, por se voltarem a encontrar.

- Voltaste de todo?

- Sim, definitivamente.

- Qual é a tua patente?

- Fui segundo-comandante.

- Porque te deixaram vir tão cedo?

Grigóri, carregando a expressão, respondeu com secura:

- Já não me queriam.

- Porquê?

- Sei lá. Talvez por causa do meu passado.

- Mas tu apresentaste-te à comissão de depuração que fazia a escolha dos oficiais na Secção Especial Depois disto não se fala mais do passado.

- Não é o bastante.

- Onde está o Mikhail?

- No pátio. Foi recolher o gado.

Prokhor, aproximando-se, baixou a voz:

- O Platone Riabtchikov foi fuzilado há um mês.

- Que dizes tu?

- Digo a verdade.

A porta do vestíbulo chiou.

- Voltaremos a falar disto - murmurou Prokhor. E prosseguiu em voz alta: - Então, camarada; comandante, vamos a uma pinga? Isto é que é um dia! Vamos chamar o Mikhail? Anda, vai.

Duniachka pôs a mesa. Não sabia o que fazer para se tornar agradável ao irmão. Colocou-lhe nos joelhos um guardanapo limpo, ofereceu-lhe melancia salgada dentro de um prato, limpou-lhe o copo pelo menos cinco vezes... Grigóri observou, sorrindo, que ela não o tratava por “tu”.

À mesa, Michka começou por manter um silêncio obstinado.

- Escutava com atenção tudo quanto - dizia Grigóri, bebia pouco e de má vontade. Em contrapartida, Prokhor esvaziava copos uns atrás dos outros, cada vez mais corado, e passava o punho sobre os bigodes loiros.

Depois de ter dado de comer às crianças e de as haver deitado, Duniachka colocou sobre a mesa uma grande travessa de carneiro cozido e murmurou para Grigóri:

- Vou chamar a Akcínia, irmãozinho. Achas bem?

Grigóri respondeu com um gesto de cabeça. Afigurara-se-lhe que ninguém dera pelo estado de tensão e de expectativa que o dominara durante toda a tarde, mas Duniachka vira-o estremecer a cada ruído e prestar atenção enquanto olhava para a porta. Na verdade, nada escapava àqueles olhos penetrantes.

- E o Terechtchenka, aquele tipo do Kúbano, ainda comanda um pelotão? - inquiriu Prokhor, sem largar o copo, como se receasse que lho tirassem.

- Foi morto em Liov.

- Ah, Deus o tenha em descanso. Era um bom cavaleiro - declarou Prokhor, persignando-se à pressa enquanto bebia um trago, sem reparar no sorriso pérfido de Michka. - E o outro, aquele que tinha um nome muito esquisito! O que estava na ala direita, ah, caramba, como raio se chamava ele? Era Mai-Boroda? Um ucraniano, com cara de bolacha, muito patusco, que tinha cortado em dois um oficial polaco em Brody? Esse ainda estará vivo?

- Está vivo e são. Mudaram-no agora para o esquadrão de metralhadoras.

- E o teu cavalo, a quem o deste?

- Já não era o mesmo.

- Mas aquele da estrela branca, que fizeste dele?

- Foi morto por um estilhaço de obus.

- Em combate?

- Foi numa aldeola, no auge da luta. Ficou ferido e morreu

- Ah! Que pena. Aquilo é que era um animal!

Prokhor, depois de suspirar, emborcou outra vez o copo.

Ouviu-se o estalido do trinco no vestíbulo e Grigóri sobressaltou-se. Akcínia, surgindo à porta, deu as boas noites quase em surdina. Depois tirou o lenço. Respirava com dificuldade e não despregava de Grigóri os olhos brilhantes, muito abertos. Sentou-se à mesa, ao lado de Duniachka. Minúsculos flocos de neve começavam a derreter-se sobre as suas pestanas e no seu rosto pálido. Semicerrou os olhos e, passando a mão pela cara, suspirou profundamente. Após ter conseguido dominar-se, fitou Grigóri com os olhos profundos, afogados de emoção.

- Ksiúcha! Companheira de desgraça! Fizemos juntos a retirada, fomos ambos mordidos pelos piolhos. Bem sei que te abandonámos no Kúbano, mas que podíamos nós fazer? - disse Prokhor, entregando-lhe um copo, depois de ter derramado aguardente sobre a mesa. - Bebe à saúde de Grigóri Panteleievitch. Dá-lhe as boas-vindas. Eu bem te dizia que ele havia de regressar inteirinho, e ele aí está, aí o tens! Olha como vem belo!

Grigóri, apontando para Prokhor, declarou, a rir-se:

- Já tem a sua conta vizinha, não faças caso.

Akcínia inclinou a cabeça diante de Grigóri e de Duniachka e mal ergueu o copo, com receio de que lhe vissem a mão a tremer.

- À tua saúde, Grigóri Panteleievitch. À tua também, Duniachka.

- E nós agora, à saúde de quem havemos de beber? Do teu desgosto? - exclamou Prokhor, rindo às gargalhadas, enquanto dava uma cotovelada em Michka.

Akcínia corou violentamente. Os pequenos lóbulos das suas orelhas tingiram-se de cor-de-rosa translúcido, mas respondeu, lançando a Prokhor um olhar duro e severo:

- Eu... bebo à minha alegria... à grande alegria que sinto!

Prokhor, sentindo-se desarmado e comovido com a franqueza dela, disse:

- Emborca-me esse copo até ao fim! Tu falas sem cerimónias.

- É como quem me mata ver desperdiçar alguma gota no fundo dos copos.

Akcínia demorou-se pouco, apenas o tempo que lhe pareceu justificado pelas circunstâncias. Enquanto ali esteve, limitou-se a lançar ao seu bem-amado alguns olhares furtivos. Teimava em fitar os outros, evitando encarar Grigóri, pois não conseguia fingir-se indiferente e não desejava dar a perceber os seus sentimentos aos que a rodeavam. Somente à saída teve para ele um olhar franco, cheio de amor e submissão. Nada mais, para Grigóri porém isso bastou. Foi lá fora acompanhá-la. Prokhor, muito bêbado, gritou ao vê-los sair:

- Não te demores, olha que nós bebemos o resto!

No vestíbulo, Grigóri beijou demoradamente a testa de Akcínia.

- Então, Ksiúcha?

- Não há tempo agora para contar nada... Apareces amanhã?

- Apareço.

Akcínia correu para casa, como se tivesse ali à sua espera algo de importante. Só abrandou o passo em frente do portão. Subiu com cautela os degraus mal seguros. Tinha pressa de se encontrar sozinha com os seus pensamentos, com essa felicidade inesperada.

Tirou o lenço, despiu a blusa e foi para o quarto sem acender o candeeiro. A claridade lilás da noite entrava pela janela cujas portadas tinham ficado abertas. Atrás do fogão cantava um grilo. Por hábito, Akcínia olhou de passagem para o espelho, embora a

escuridão a impedisse de ver a sua imagem. Compôs os cabelos, alisou no peito as pregas da camisa de musselina, depois, encaminhando-se para a janela, deixou-secair, exausta, sobre o banco.

Quantas vezes vira desiludidas as suas esperanças e os seus sonhos! Talvez por isso agora esta alegria recente lhe ressuscitava a velha angústia. Qual seria a sua vida dali em diante? Que lhe reservaria o futuro? Esta felicidade de mulher, esta amarga ventura que lhe sorria chegava talvez demasiado tarde.

Esgotada pelas emoções da noite, deixou-se ficar muito tempo ali, com a face junto ao vidro frio, coberto de gelo. O seu olhar tranquilo, um pouco triste, perdia-se na escuridão apenas quebrada pela brancura da neve.

Grigóri, voltando a sentar-se à mesa, serviu-se de um copo de aguardente que bebeu de um trago.

- É boa? - inquiriu Prokhor.

- Esta é das antigas, palavra de honra! - declarou Prokhor com convicção, beijando Michka. - Destas coisas, Michka, tu não percebes nada, és mesmo um anjinho, mas eu cá, em bebidas sou especialista. Já provei tudo em matéria de licores e de vinhos! Há um que nem nos dá tempo a tirar a rolha: a espuma salta do gargalo como um cão raivoso.

- Juro por Deus que isto não é mentira. Na Polónia, quando rompemos a frente e limpámos o sebo aos polacos brancos sob as ordens de Sémione Mikhailovitch (*Refêre-se a Budionny*), apoderámo-nos, na passagem, dos domínios de um proprietário de terras. Era uma casa de andares, o gado andava à solta na cerca, na capoeira via-se toda a espécie de criação. Até havia um lugar para a gente escarrar! Numa palavra, o gajo vivia como um rei. Quando o nosso pelotão chegou a cavalo à propriedade, o dono estava precisamente a banquetear-se com os oficiais e não contavam connosco. Passámo-los todos a fio de sabre no jardim e na varanda, só escapou um, que fizemos prisioneiro. Um oficial importante. Quando o apanhámos, os bigodes descaíram-lhe e encolheu-se todo com medo. Mandámos chamar com urgência Grigóri Panteleievitch ao Estado-Maior. Ficámos senhores da casa, penetrámos nas salas do andar de baixo e deparámos com uma mesa enorme, guarneçada com tudo o que se possa imaginar. Ficámos de boca aberta, mas com um medo terrível de nos aproximarmos dela, embora estivéssemos todos a morrer de fome. O quê!, dizíamos nós. Se aquilo estivesse envenenado? O nosso prisioneiro tinha cara de patife. Então ordenámos-lhe: “Come!” Ele comeu De má vontade, mas lá foi comendo. “Bebe!” E ele bebeu. Obrigámo-lo a comer um grande bocado de cada prato e a beber um copo de cada garrafa. O tipo inchava a olhos vistos. Enquanto ele ia comendo, a nós crescia-nos a água na boca. Depois de vermos que ele não morrera, desatámos também

a comer. Comemos e bebemos vinho espumoso até tocar com o dedo. Então o oficial começou a esvaziar-se por cima e por baixo. Pronto, estamos quilhados! O gajo comeu de propósito a comida envenenada para nos apanhar. Aproximámo-nos dele com os sabres, mas ele defendia-se com os pés e com as mãos: “Meus senhores, isto aconteceu-me por ter comido de mais, mas não tenham medo que era tudo bom.” Então recomeçámos a beber. Bastava carregar-se na rolha para ela sair como um tiro e a espuma saltava que até fazia impressão. Por causa desse vinho cá eu do cavalo abaixo três vezes nessa noite. Assim que me punham na sela, bumba, ia parar ao chão, como se fosse derrubado pelo vento. Se eu conseguisse beber um copo ou dois daquilo todos os dias em jejum tenho a certeza de que chegava aos cem anos. Assim não sei se conseguirei. Isto que a gente aqui tem não é vinho, é um veneno. Esta porcaria mata gente...

Prokhor indicava a bilha da aguardente com um gesto da cabeça... e voltava a encher o copo até aos bordos.

Duniachka foi para o quarto dormir com as crianças e Prokhor levantou-se dali a pouco. A cambalear, deitou a peliça pelas costas e disse:

- Não vale a pena eu levar a bilha. Não gosto de andar com ela vazia na mão... Se chego a casa neste estado, a minha patroa dá cabo de mim. Ela é fresca! Não sei onde vai buscar tanta maldade. Assim que eu bebo uns copos, chama-me, por exemplo, “cão bêbado e maneta” e outras coisas mais. Eu, com bons modos, tento chamá-la à razão, dizendo: “Ó minha estúpida, onde é que já se viu um cão bêbado, e ainda por cima maneta? É coisa que não existe.” Mas, logo que eu respondo a um insulto, ela atira-me outro, e assim por diante, até de madrugada... Às vezes fico tão farto de a ouvir que vou dormir para o telheiro. Outras, se entro um bocado tonto e ela não me diz nada, também não consigo dormir, palavra de honra! Então sou eu que começo, e ela atira-se a mim a ponto de eu ficar doido. Aquela mulher é o diabo, ninguém se pode livrar dela. Temos de a deixar desabafar, porque no fim ainda trabalha com mais ardor. É ou não verdade o que digo? bom, vou-me embora. Adeus. E se eu passasse a noite no estábulo em vez de ir aturá-la?

- Achas que és capaz de ir até casa? - perguntou Gri gori rindo.

- De gatas, talvez, mas hei-de lá chegar! Ou eu não seja um cossaco. Até me ofendes ao perguntar uma coisa dessas!

- Bem, nesse caso, boa viagem!

Grigóri acompanhou-o ao portão, voltando depois para a cozinha.

- Então vamos conversar, Mikhail?

- Vamos.

Sentaram-se um diante do outro, separados pela mesa, e ficaram calados. Por fim, Grigóri começou:

- Há qualquer coisa entre nós... Vejo na tua cara que tens seja o que for contra mim. Aborrece-te que eu tenha voltado para casa? Ou enganei-me?

- Não te enganaste. Aborrece-me que tenhas voltado.

- Porquê?

- É mais uma preocupação.

- Tenciono bastar-me a mim próprio.

- Não me refiro a isso.

- Então que queres dizer?

- Somos inimigos...

- Fomos...

- Ainda somos e seremos.

- Não percebo. Porquê?

- Não és digno de confiança.

- Isso não é verdade. Enganas-te.

- Não, não me engano. Porque é que te desmobilizaram neste momento? Responde com franqueza.

- Não sei.

- Sabes sim senhor, mas não o queres dizer. Não tinham confiança em ti. Foi isso?

- Se não confiassem em mim não me tinham dado o comando de um esquadrão.

- Isso foi nos primeiros tempos, mas, se não te quiseram no exército, a coisa é clara, meu amigo!

- E tu, confias em mim? - perguntou Grigóri, olhando-o fixamente.

- Não. Quem não quer ser lobo não lhe veste a pele.

- Bebeste de mais, Mikhail.

- Deixa-te disso, estou tão sóbrio como tu. Não confiaram em ti lá na frente e nem aqui confiaremos, disso podes estar certo.

Grigóri não respondeu. Pegou com gestos cansados num pedaço de pepino salgado que tinha no prato e trincou-o, depois cuspiu-o.

- A minha mulher contou-te o que aconteceu ao Kiriuchka Gromov? perguntou Michka.

- Contou.

- O regresso dele também não me agradou nada. Assim que tive conhecimento disso fui logo...

Grigóri, empalidecendo, arregalou os olhos de fúria:

- O quê? Então eu para ti sou como o Kiriuchka Gromov?

- Não grites. Em que és tu melhor do que ele?

- Bem sabes que .

- Não quero saber nada. Já sei tudo há muito tempo.

- Depois há-de regressar o Mitka Korchunov e também o hei-de gramar, não? Seria melhor que nenhum de vocês tivesse voltado a pôr os pés na aldeia.

- Seria melhor para ti?

- Para mim e para eles, para a sua tranquilidade.

- Não me podes comparar a esses dois.

- Já te expliquei, Grigóri, e não deves levar a mal, que não és melhor do que eles. Até talvez sejas pior, mais perigoso.

- Como? Que estás tu para aí a dizer?

- Eles fazem parte do rebanho, ao passo que tu dirigiste a insurreição.

- Não fui eu quem dirigiu nada, apenas comandeí uma divisão.

- E foi pouco?

- Se é pouco ou muito, não é disso que se trata... Se os guardas vermelhos não tivessem querido matar-me durante uma bebedeira colectiva nunca eu teria feito parte da insurreição.

- Se não fosses oficial, ninguém te teria tocado.

- E se não me houvessem feito soldado nunca teria sido oficial... Mas isso é uma história muito comprida...

- Comprida e chata.

- Não são alturas de ta repetir, é muito tarde.

Puseram-se os dois a fumar em silêncio. Michka fez cair a cinza do cigarro com a unha e prosseguiu:

- Conheço os teus feitos, falaram-me deles. Mataste muitos dos nossos. É por isso que não consigo olhar para ti a direito... não consigo esquecer.

Grigóri sorriu:

- Tens boa memória. Mataste o meu irmão Petro, mas eu não falo nisso... Se fôssemos a lembrar-nos de tudo, viveríamos como lobos.

- Pois, sim, senhor, matei-o, não digo o contrário. Se te tivesse apanhado nesse momento, tinha-te feito o mesmo.

- Pois eu, quando o Ivane Alekceiévitich foi feito prisioneiro em Usst-Kopérskaia, vim a correr por aí fora com medo que tu... Vejo agora que fiz mal em proceder assim nesse dia.

- Tens muito bom coração! Gostava de ver o que me farias se os cadetes estivessem no Poder e vocês a vencerem. Fazias-me em postas, estou convencido disso. Tu, que hoje te mostras tão amável.

- Talvez outros te fizessem em postas. Eu nunca sujaria as minhas mãos contigo.

- Nesse ponto somos muito diferentes... Nunca me importaria de sujar as mãos com um inimigo e mesmo hoje sou capaz de cumprir o meu dever sem vacilar.

Michka despejou nos copos o resto da aguardente e disse:

- Bebes mais um copo?

- Bebo. Ainda não bebemos o suficiente para conversarmos deste assunto .

Esvaziaram os copos em silêncio. Grigóri apoiava o peito sobre a mesa e fitava Michka de olhos piscos, a torcer o bigode.

- Ao cabo e ao resto, que receias tu, Mikhail? Que eu torne a revoltar-me contra o poder dos Sovietes?

- Não receio nada, mas afirmo-te que, se houver ensejo, tu voltas-te para o outro lado.

- Posso voltar-me para os polacos, é isso que temes? Houve uma unidade inteira que se passou para o lado deles.

- E tu não tiveste tempo?

- Não quis. Estou farto de guerra. Não quero mais lutar por ninguém. Não posso mais. Estou farto de tudo. da revolução e da contra-revolução. Tudo isso... tudo isso que vá para o inferno. Quero viver com os meus filhos e trabalhar na herdade, nada mais. Podes acreditar em mim, Mikhail, falo-te com o coração nas mãos.

Porém nenhuma profissão de fé tinha o condão de convencer Michka. Grigóri, compreendendo isso, calou-se. Sentiu de repente um amargo despeito contra si próprio. Porque queria ele justificar-se, apresentar provas? Para quê continuar aquela conversa, ouvir os sermões avinhados de Michka? Que fosse tudo para o diabo! Ergueu-se.

- Já discutimos de mais. Não chegámos a nenhuma conclusão.

- Só te garanto uma coisa: nunca mais lutarei contra o poder dos Sovietes, a não ser que me ataquem. Se assim for, defender-me-ei. Seja como for, não oferecerei a minha cabeça pela insurreição, tal como Platone Riabtchikov.

- Que queres tu dizer com isso?

- Aquilo que disse. Se tiverem em conta o meu serviço no Exército Vermelho e os ferimentos que lá recebi, estou pronto a responder pela insurreição. Mas se é para ser fuzilado, peço perdão, mas não vou nisso.

Michka teve um sorriso de desprezo:

- Falas como te convém. O tribunal revolucionário e a Tcheka não te perguntarão o que queres ou não queres, não discutirão contigo. Se fores culpado, dar-te-ão a conta. Os pecados velhos pagam-se caro.

- Bem, nesse caso, veremos.

- Veremos, é isso mesmo.

Grigóri tirou o cinto, despiu a camisa e começou a descalçar as botas, resmungando.

- Vamos fazer partilhas? - inquiriu, observando atentamente a sola descosida de uma das botas.

- As partilhas têm pouco que fazer. vou arranjar a minha casa e instalar-me-ei lá.

- Acho bem, vale mais separarmo-nos. Nunca conseguiremos

- Entendermo-mos.

- Isso é verdade concordou Michka.

- Nunca pensei que fizesses essa ideia de mim... bom, está bem...

- Falei-te com toda a franqueza. Disse-te o que pensava.

- Quando vais a Viochénskaja?

- Logo que puder, um destes dias.

- “Logo que puder”, não. Deves ir já amanhã.

- Caminhei mais de quarenta verstás. Tenho os pés em sangue. Amanhã quero descansar. vou registar-me depois de amanhã.

- A lei manda que as pessoas se registem sem demora.

- Vai lá amanhã.

- Preciso de um dia de repouso. Não irei amanhã.

- Então vai para o diabo. Não respondo por ti.

- Que malandro me saíste, Mikhail! - exclamou Grigóri, contemplando com espanto o rosto feroz do seu amigo de outrora.

- Proíbo-te que me insultes. Não estou habituado a isso - retorquiu Michka. Tomando fôlego, ergueu a voz: - Tens de acabar com esses modos de oficial. Vais lá amanhã e, se não fores de vontade, obrigo-te a ir debaixo de escolta. Percebeste?

- Agora já percebi tudo... - disse Grigóri.

- Pronto, afinal de contas tudo se estava a passar como devia ser. Porque seria ele recebido doutra forma, ele, Grigóri?

- Por que imaginara ele que a sua curta e honesta passagem pelo Exército Vermelho apagaria 'todos os seus pecados de outrora? Mikhail talvez tivesse razão ao afirmar que nem tudo é perdoável. E que as faltas antigas se pagam muito caro.

Começou a sonhar: via uma vasta estepe e um regimento disposto para o ataque. Já se ouvia ao longe o grito prolongado: “Es... quadrão...” Lembrou-se nessa altura de que as correias da sela estavam frouxas. Apoiou fortemente o pé no estribo esquerdo e a sela escorregou debaixo dele... Tomado de vergonha e terror, saltou para o chão a fim de apertar as correias, nesse momento ouviu o tropear da cavalaria que surgira de súbito e se afastava já impetuosamente.

O regimento partira sem ele para o ataque...

Grigóri, voltando-se, despertou com o gemido rouco que ele próprio soltara.

Lá fora, através da janela, o dia começava a romper.

Fora decerto o vento que abria uma das portadas durante a noite e um vidro que escapara à geada deixava ver o círculo verde-acinzentado da Lua que empalidecia. Às apalpadelas, Grigóri procurou a bolsa do tabaco e acendeu um cigarro.

O coração batia-lhe ainda apressada e ruidosamente. Deitou-se de costas e sorriu: “Que estupidez de sonho! Falhar o combate!...” Naquela hora em que rompia a madrugada, mal diria ele que partiria ainda mais do que uma vez para o ataque, tanto na realidade como em sonhos.

VII

Duniachka levantou-se cedo para ir ordenhar as vacas.

Grigóri passeava-se de um lado para o outro na cozinha, sem fazer barulho, a tossir. Duniachka estendeu uma manta sobre as crianças, vestiu-se à pressa e saiu para a cozinha. Grigóri estava a abotoar o capote.

- Onde vais tão cedo, irmãozinho?

- Vou dar uma volta pela aldeia.

- Almoça primeiro, vais depois... Voltas para o almoço? Posso acender já o fogão.

- Não esperes por mim. Devo demorar-me.

Saiu para a rua. Começara nessa manhã um leve degelo. Soprava do Sul um vento húmido e quente. A neve misturada com terra colava-se aos tacões das botas. Grigóri, dirigindo-se ao centro da aldeia, olhava tudo com atenção como se não fosse dali, a observar as casas e as granjas que conhecia desde a infância. As ruínas das habitações e das lojas carbonizadas a que Michka Kochevói deitara fogo no ano anterior destacavam-se a negro em redor da praça; a cerca da igreja, semi-destruída, apresentava brechas enormes. “Foram lá buscar tijolos para consertar os fogões”, pensou Grigóri com indiferença.

A igreja erguia-se como dantes, enraizada na terra. O tecto, que há muito não fora pintado, estava castanho de ferrugem. As paredes tinham manchas negras e nos lugares onde caíra o estuque aparecia o vermelho-vivo dos tijolos à mostra. As ruas encontravam-se desertas. Junto ao poço, viu duas mulheres ensonadas que, após o terem cumprimentado como se ele fosse estranho à terra, ficaram paradas lá atrás a segui-lo com os olhos, durante muito tempo.

“Tenho que ir visitar as sepulturas da minha mãe e da Natalia”, pensou Grigóri. E meteu pela viela que conduzia ao cemitério. Mas logo se deteve. Sentia o coração apertado, já estava bastante deprimido sem isso, portanto resolveu ir lá noutra altura. Dirigiu-se pois a casa de Prokhor. “A elas tanto lhes faz agora que eu vá visitá-las como não. Estão em paz. Tudo acabou. Há neve sobre os túmulos. Debaixo da terra deve estar muito frio... A vida delas passou como um sonho. Encontram-se lá todos: a minha mãe, a minha mulher, o Petro e a Daria... estão em família, deitados lado a lado. Só o pai ficou noutra terra. Deve aborrecer-se no meio de estranhos...” E Grigóri, deixando de olhar em volta, caminhava a

fitar a neve branca, levemente molhada pelo degelo, e mole, tão mole que apenas estalava debaixo dos pés. Depois pôs-se a pensar nos filhos. Tinham-se tornado reservados, silenciosos, já não eram como no tempo da mãe.

A morte mostrara-se demasiado ávida e eles tinham medo.

Porque é que Poliúchka chorara na véspera ao vê-lo? As crianças não choram quando reencontram os pais. Em que pensara ela? E porquê aquele lampejo de terror quando ele a tomara nos braços? Talvez, julgando que o pai, por ter morrido, nunca mais voltasse, se houvesse assustado. Em todo o caso Grigóri não cometera nenhuma falta para com os filhos. Era preciso recomendar a Akcínia para cuidar deles e se esforçar na medida do possível por substituir a mãe...

Habituar-se-iam sem dúvida a ela. Era uma mulher boa e meiga. Havia de estimar os filhos por amor dele.

Sempre pensamentos amargos e penosos... As coisas não eram assim tão fáceis nem a vida tão simples como poderia parecer a Grigóri algum tempo atrás. Na sua louca e pueril ingenuidade, julgara que bastaria regressar a casa e trocar o capote por um casaco para que tudo corresse bem: ninguém lhe diria nada, ninguém lhe dirigiria qualquer censura, tudo se arranjará por si e ele viveria dali em diante como um camponês pacífico, um bom pai de família. Não, a realidade não era assim tão simples.

Abriu cautelosamente a cancela do pátio dos Zikov, presa apenas por um gonzo. Prokhor, calçando botas de feltro já gastas e com um barrete enterrado até às orelhas, dirigiu-se ao alpendre, a baloiçar sem cuidados um balde vazio. Gotas de leite tombavam invisíveis sobre a neve.

- Dormiste bem, camarada comandante?

- Dormi, graças a Deus.

- São alturas de bebermos um copo para refrescar as ideias, senão ficamos com a cabeça tão vazia como este balde.

- Sim, acho uma boa ideia. Mas porque trazes o balde vazio? Tu é que tiraste o leite à vaca?

Prokhor, com um gesto da cabeça, fez deslizar o barrete para a nuca e só então Grigóri se apercebeu da expressão dele, anormalmente sombria.

- Se não fosse eu, quem havia de o tirar, não me dirás? Pois fui eu mesmo, maldito bicho, oxalá ao menos que ela não fique doente da barriga!...

Prokhor atirou com o balde ao chão com fúria e disse, secamente:

- Vamos para dentro de casa.

- Onde está a tua mulher? - inquiriu Grigóri com um ar indeciso.

- Comeu-a o diabo com molho de kvas. Saiu antes de romper o dia, fez a trouxa e disse que ia buscar ameixas a Krajilinsski. Quando voltei de tua casa, deu-me uma destas descomposturas! Insultou-me de alto a baixo e depois levantou-se num rompante e disse: “Vou buscar ameixas. As noras do Matsaiev também vão e eu acompanho-as.” Eu disse comigo: “Tanto se me dá que vás buscar ameixas como peras.” Acendi o fogão e fui ordenhar a vaca. O resultado foi o que viste. Achas que é fácil ordenhar uma vaca só com uma mão?

- Devias arranjar uma mulher para te fazer isso, meu palerma.

- Palerma é o carneiro que mama na mãe até ao Outono.

- Eu cá não sou assim. Pensei que era capaz de me arranjar sozinho. Mas depois... Deslizei de gatas para debaixo da vaca e vai daí a maldita começou a mexer as patas. Tirei o barrete para a não assustar, mas de nada valeu. Quando acabei de lhe tirar o leite, tinha a camisa toda encharcada. Vou a pegar no balde e ela prega-me um coice. Virei-me de pernas para o ar e o balde também. Vê tu que lindo trabalho! Aquilo não é uma vaca, é um diabo com cornos. Cuspi-lhe no focinho e vim-me embora. Tenho de passar sem leite. Vamos beber uma pinga para aquecer?

- Tens alguma coisa que se beba?

- Só uma garrafa. Um verdadeiro tesoiro.

- É quanto basta.

- Anda, entra. Vou fazer uma omeleta? Não demoro mais do que um minuto.

Grigóri partiu toucinho às fatias e ajudou Prokhor a reanimar o lume na lareira. Ficaram a contemplar em silêncio o toucinho rosado a derreter e a deslizar dentro da frigideira.

Prokhor foi buscar atrás dos ícones uma garrafa poeirenta.

- É ali que eu escondo as minhas coisas por causa da mulher explicou laconicamente.

Puseram-se a comer e a beber na sala aquecida, enquanto conversavam a meia voz.

A quem, se não fosse a Prokhor, poderia Grigóri dar parte dos seus mais secretos pensamentos? Estava sentado à mesa, com as pernas compridas e musculosas uma para cada lado e falava na sua voz de baixo, rouca e velada:

- No exército, passava o tempo todo a pensar no dia em que havia de voltar à terra e esquecer toda aquela porcaria. Andei perto de sete anos sem sair de cima do cavalo! Sonho quase todas as noites a mesma coisa: ou mato um homem ou ele me mata a mim... Mas afigura-se-me, Prokhor, que as coisas não vão correr como eu desejo... Serão outros que vão lavrar a terra e cuidar dela...

- Conversaste ontem com o Mikhail?

- Conversei e desconversei.

- Que te disse ele?

Grigóri cruzou os polegares.

- Vê lá tu em que deu a nossa amizade. Censura-me por ter combatido ao lado dos brancos, pensa que sou um inimigo oculto do novo regime e que escondo uma faca na algibeira. Tem medo que eu ande a forjar uma insurreição. Mas se ele soubesse a que ponto eu estou farto disso, o idiota!

- Disse-me o mesmo a mim.

Grigóri sorriu tristemente.

- Um dia, na Ucrânia, quando marchávamos sobre a Polónia, um ucraniano pediu-me armas para defender a sua aldeia. Não podiam fazer nada contra os bandos que os pilhavam e degolavam o gado. O comandante do regimento disse-lhe (eu fui testemunha): “Se eu vos der armas vocês vão reunir-se aos bandos.” Então o ucraniano riu-se e retorquiu: “Experimente dar-nos armas e verá que não deixaremos entrar ninguém na nossa aldeia, nem os bandidos, nem vocês.” Pois eu agora penso mais ou menos como o ucraniano: se fosse possível não deixar entrar em Tatárski nem brancos nem vermelhos, acho que seria o ideal. Para mim, valem todos o mesmo: o meu cunhado Mitka Korchunov não é melhor do que o Michka Kochevói que me julga partidário dos brancos, a ponto de não poder passar sem eles. Que estupidez! Partidário dos brancos, imagina! Ainda há pouco, quando voltamos da Crimeia, bati-me com um oficial de Komilov, um coronelzito esperto, de bigode cortado à inglesa, só dois riscos por baixo do nariz ranhoso. Limpei-lhe o sebo e isso desanuviou-me bastante. Ficou só com metade da cabeça e metade do boné, o desgraçado coronel, e a sua insígnia branca foi pelos ares. Isto é que é ser partidário dos brancos. Deram-me água pela barba, os estupores. O título de oficial, ganhei-o com o meu sangue, mas no meio dos meus camaradas eu era como um melro branco. Os malandros nunca me consideraram um homem, nunca se dignaram estender-me a mão, e depois disto ou ainda havia de estar por eles? Que vão para o raio que os parta! Só de me referir a eles fico enjoado. Como havia eu de estar do seu lado? Quanto a esforçar-me por fazer regressar qualquer general, tal como o Fitzkhalaurov, já tentei esse género de coisa, mas fartei-me ao cabo de um ano. Acabou-se, não tenho ilusões e a experiência saiu-me bastante cara.

Prokhor molhou o pão na gordura quente e disse:

- Não vai haver mais insurreições. Primeiro porque já não restam muitos cossacos e aqueles que escaparam saiu-lhes cara a lição. Depois de tanto sangue perdido, tornaram-se tão pacatos e sossegados que ninguém os arrastaria para uma insurreição nem que os

levassem de rastos. E depois as pessoas estão sedentas de viver em paz. Só queria que visses como todos trabalharam este Verão: fizeram medas de feno, recolheram o trigo até ao último grão, rabujam mas lá vão lavrando e semeando como se cada qual fizesse tenção de viver cem anos. Não, nem sequer vale a pena falar-se de insurreição.

- É uma idiotice. No entanto, só Deus sabe o que lhes poderá passar pela cabeça, aos cossacos...

- Mas que é que lhes pode passar pela cabeça? Porque dizes isso?

- Os nossos vizinhos é que combinaram a coisa.

- Qual coisa?

- Isto: rebentou uma insurreição no Governo de Vorónej, para lá de Bogutchar.

- Tretas!

- Quais tretas! Soube-o ontem por um miliciano meu conhecido. Parece que vão mandar gente para lá.

- Lá, para onde?

- Para Moraastirchtchiina, para Sukhoi Donetsk, para Passeka, para Staraáa e para Novada aKalitva e não sei para onde mais. Diz ele que é uma grande insurreição.

- Porque não me disseste isso ontem, meu patife?

- Não quis falar diante do Michka. E depois não tenho gosto nenhum em conversar nesses assuntos. Só queria nunca mais na vida ouvir falar em tais histórias - respondeu Prokhor, aborrecido.

Grigóri ficou carrancudo. Após um longo momento de reflexão, declarou:

- É uma má notícia.

- Não te preocupes. Isso é lá com os ucranianos. Quando estiverem fartos de insurreição que se lixem. Mas a nós, que é que isso interessa? Cá por mim, estou-me nas tintas.

- Mas isso vem-me complicar a vida.

- Porquê?

- Ora, porquê! Se as autoridades do distrito tiverem a meu respeito a mesma opinião do Kochevói, vão pôr-me nas grelhas. Se houver uma insurreição nas vizinhanças, eu, sendo antigo oficial, antigo... Estás a ver?

Prokhor, deixando de mastigar, pôs-se a reflectir. Não vira ainda as coisas por esse lado. A embriaguez dificultava-lhe o raciocínio.

- Porque voltaste tu para cá, Panteleiévitch? - inquiriu embaraçado.

Grigóri fez uma careta de contrariedade e não respondeu. Repeliu com a mão o copo que Prokhor lhe oferecia e declarou num tom resolutivo:

- Não bebo mais.

- Só um copito? Bebe, Grigóri Panteleievitch, bebe até ficares toldado. Nesta vida é tudo o que nos resta.

- Embebeda-te tu sozinho. Eu já sinto a cabeça pesada. Tenho que ir hoje a Viochénskaya para me registar.

Prokhor fitou-o atentamente. O rosto de Grigóri, tostado pelo sol e pelo vento, tornara-se de um vermelho-escuro até à raiz dos cabelos penteados para trás e só aí se via a brancura baça da pele. Estava calmo, ele, o soldado que vira tantas coisas durante a guerra, o homem que, através dos infortúnios, ficara ligado a Prokhor. Sob as pálpebras um pouco inflamadas, os seus olhos mostravam-se severos, turvos e fatigados.

- Não tens medo... de que eles te prendam?

Grigóri respondeu com franqueza:

- Pois isso é que eu receio, meu caro. Nunca fui preso e temo a cadeia mais do que a morte. Mas, pelos vistos, é o que me espera.

- Fizeste mal em voltar - declarou Prokhor, compadecido.

- E para onde querias tu que eu fosse?

- Escondias-te algures, na cidade, à espera que as coisas acalmassem e só então regressavas.

Grigóri fez um gesto de despeito e desatou a rir:

- Nada me aborrece mais do que ficar à espera de ver em que param as modas. Que havia eu de fazer, longe dos meus filhos?

- Ora deixa-te de lérias! Eles passaram bem sem ti até agora. Ah, esquecia-me de te dizer: os teus patrões, em casa de quem estiveste com a Akcínia, antes da guerra, morreram ambos.

- Os Listnítsski?

- Esses mesmos. O meu compadre Zakhar fez a retirada como ordenança do Listnítsski filho e foi ele quem me contou.

- O velho morreu com o tifo em Morozovskaya, o rapaz foi até Ekaterinodar, e aí a mulher meteu-se com o general Pokrovski. Ele não aguentou a coisa e suicidou-se.

- Que a terra lhes seja leve - murmurou Grigóri com indiferença. - Tenho pena quando morrem boas pessoas, mas gente desta não a lamento.

Levantando-se, enfiou o capote e disse pensativo, já com a mão no trinco da porta:

- Gente dessa, como o jovem Listnítsski ou o Kochevói, podem ir todos para o diabo. Mas tenho de confessar que os invejava... Para eles, foi sempre tudo claro; seguiram desde o princípio uma linha recta, tinham um objectivo na vida, ao passo que eu desde

1917 que ando aos ziguezagues, vacilo como um bêbado... Afastei-me dos brancos, não me pus ao lado dos vermelhos, ando à deriva, como um bocado de bosta à tona da água... Vês tu, Prokhor, eu devia ter continuado no Exército Vermelho, não há dúvida, e talvez que então as coisas se arranjassem. Sabes que a princípio servi de boa vontade o poder dos Soviéticos, e só depois de tudo se ter complicado... Junto dos brancos, no estado-maior, eu era um estranho, sempre desconfiaram de mim, não podia ser doutro modo: um camponês, um cossaco inculto... Não pertencia à família, eles não confiavam em mim... Depois, com os vermelhos, passou-se a mesma coisa. Eu cá não sou cego. Via bem como o comissário e os comunistas do esquadrão olhavam para mim... Em combate tinham-me sempre debaixo de olho, vigiavam todos os meus passos, certamente dizendo consigo: “Este branco, este sacana, este oficial cossaco, se ele nos prega alguma partida!” Eu bem via tudo isso e sentia o coração gelado. Nos últimos tempos não podia aguentar tanta desconfiança. O calor acaba por fazer rebentar as próprias pedras. Prefiro que eles me desmobilizassem. Mais valia acabar de uma vez.

Tossiu em surdina, ficou um momento calado e depois prosseguiu numa voz diferente, sem olhar para Prokhor:

- Obrigado pelo almoço. Vou-me embora. Trata de ti. Se eu voltar esta noite passo por cá. Guarda a garrafa, senão a tua mulher quando voltar quebra-ta nas costas.

Prokhor acompanhou-o até à porta. Já no vestíbulo, murmurou:

- Atenção, Panteleievitch. Não te deixes agarrar!

- Eu sei! - respondeu simplesmente Grigóri.

Não voltou a casa. Desceu até ao Don. Desprendendo um barco, afastou-o com as mãos e, após ter arrancado uma estaca de uma cerca, quebrou o gelo da margem e dirigiu-se ao outro lado do rio.

Sobre o Don, as ondas verde-escuras que o vento fazia escumar rolavam para Oeste. Junto das margens onde a água era mais calma, as vagas partiam o gelo mole e transparente, agitavam as madeixas de seda verde das algas. O ruído cristalino dos pedaços de gelo a chocarem uns contra os outros enchia o espaço acima da margem. Os calhaus murmuravam docemente sob a carícia da água, porém, no meio do rio, onde a corrente era mais forte e regular, Grigóri apenas ouvia o marulhar surdo, o fervilhar das vagas esmagando-se contra a borda esquerda do barco e o rumor profundo, incansável do vento na floresta da margem.

Grigóri puxou o barco até meio para fora de água e, acocorando-se, descalçou as botas. Depois de desapertar as grevas para caminhar mais livremente, enrolou-as com todo o cuidado.

Era meio-dia quando chegou a Viochénsskaia.

No comissariado do distrito, havia muita gente e muito barulho. Os telefones tocavam, batiam portas, entravam e saíam homens armados, ouvia-se o crepitar seco das máquinas de escrever. No corredor, uns vinte soldados vermelhos, reunidos em volta de um homenzinho envolto numa peliça curta, falavam e riam com animação. No momento em que Grigóri passava, saíram dois soldados de uma sala afastada empurrando uma metralhadora. As rodas pequenas martelavam de leve as tábuas carcomidas do soalho. Um dos homens, alto e forte, gritou de brincadeira: “Arreda! Isto é a companhia punitiva! Olha que te esborracho!”

“Parece-me que eles se preparam de facto para intervir contra a insurreição”, disse consigo Grigóri.

Não o fizeram esperar muito tempo. O secretário do comissariado militar tomou rapidamente nota dos documentos que Grigóri lhe apresentava e disse:

- Dirija-se ao gabinete político (*Designação dos órgãos de distrito da Tcheka em 1920 e 1921*) da Tcheka do Don. Na sua qualidade de antigo oficial, deve apresentar-se lá.

- Está bem respondeu Grigóri, levando a mão à pala do boné, sem trair a comoção que sentia.

Na praça, deteve-se, perplexo. Tinha de ir ao gabinete político, mas todo o seu ser se opunha dolorosamente a isso.

“Vão prender-me”, segredava-lhe uma voz interior. Tremia de medo e revolta. Encontrava-se junto do recreio da escola e contemplava avidamente a terra coberta de estrume, via-se já de mãos atadas a descer a escada suja de uma cave, imaginava o homem atrás dele a segurar o cabo rugoso de um revólver.

Grigóri cerrou os punhos, fitando as suas veias azuis e inflamadas.

- Iriam ficar presas essas mãos? Todo o sangue lhe subiu ao rosto. Não, não iria hoje. Amanhã, talvez. Mas hoje regressaria à aldeia, passaria o dia com os filhos, veria Akcínia e voltaria no dia seguinte de manhã a Viochénsskaia... Maldito pé que tanto lhe doía ao caminhar! Só ficaria um dia em casa e havia de voltar ali, havia de voltar, com certeza. Amanhã, seja o que Deus quiser. Mas hoje, não!

- Aaaaiah! Melekhov! Há quantos anos, há quantos Invernos...

Grigóri voltou-se. O homem que se acercava dele era Iakov Fômine, o camarada de regimento de Petro, antigo comandante do 28.º Regimento insurrecto do Exército do Don. Já não era o Fômine de outrora, o cossaco indolente e desmazelado que Grigóri conhecera. No espaço de dois anos, mudara de maneira impressionante: muito desenvolto, envergava um capote de cavaleiro assertoadado; os bigodes castanhos, bem tratados, erguiam-se com

atrevidimento; a sua figura, o andar ostensivamente marcial, o sorriso satisfeito, tudo revelava que tinha a consciência de ser um homem superior e de um estofo diferente dos outros.

- Que te traz por cá? - inquiriu, apertando a mão a Grigóri e fitando-o de frente com os seus olhos azuis, afastados um do outro.

- Fui desmobilizado. Vim apresentar-me ao comité militar...

- Há muito que regressaste?

- Só ontem.

- Lembro-me muitas vezes do teu irmão, do Petro Panteleiévitch. Um bom cossaco, que morreu estupidamente... Éramos grandes amigos. Ah! Melekhov, não devias ter participado na insurreição do ano passado. Fizeste mal!

Era preciso dizer qualquer coisa e Grigóri respondeu:

- Sim, os cossacos fizeram mal...

- Em que unidade estavas tu?

- Na primeira de Cavalaria.

- E que função desempenhavas?

- Comandante de esquadrão.

- Tem piada! Também eu, 'neste momento, estou a comandar um esquadrão. Temos aqui em Viochénskkaia o nosso próprio esquadrão da guarda.

Lançando um olhar em redor, baixou a voz:

- Escuta, vamos caminhar um bocado juntos. Está sempre gente a passar, não se pode discutir em sossego.

Seguiram rua fora. Fômine perguntou a Grigóri, observando-o pelo rabo do olho:

- Tencionas ficar em tua casa?

- Para onde queres tu que eu vá? Fico em minha casa, pois.

- Vais cultivar as terras?

- Vou.

Fômine abanando a cabeça com um ar compadecido, suspirou:

- Escolheste mal a altura, Melekhov, muito mal... Nunca devias ter regressado a casa antes de um ano ou dois.

- Porquê?

Fômine segurou-lhe no cotovelo e murmurou, curvando-se ligeiramente para ele:

- O distrito não está calmo. Os cossacos encontram-se muito descontentes com as imposições alimentares (*Trata-se do sistema conhecido pelo nome de prodrázhnorstka: entrega obrigatória e distribuição dos produtos agrícolas. Este sistema, instituído pelo governo soviético em Janeiro de 1919, pretendia remediar as dificuldades de abastecimento dos centros industriais e do Exército*

Vermelho. Foi a época chamada do comunismo de guerra.). Surgiu uma insurreição no distrito de Bogutchar. Partimos hoje para a desfazer. Fazias melhor em te pôr ao fresco, o mais rapidamente possível, meu caro. Eu e o Petro fomos bons amigos. É por isso que te dou este conselho: põe-te a andar daqui.

- Não tenho para onde ir.

- Atenção! O gabinete político começa a prender os oficiais. Esta semana trouxeram três alferes de Duidarevka e um de Rochetovka. Da outra margem do Don chegam aos montes. Princiariam também a ocupar-se dos simples cossacos, dos soldados rasos. Resolve-te, Grigóri Panteleiévitch.

- Agradeço-te o conselho, mas não vou para lado nenhum - teimou Grigóri.

- Isso é lá contigo.

Fômine começou a falar da situação no distrito, das suas relações com as autoridades locais e com o comandante militar que se chamava Chakaiev. Grigóri escutava-o, distraído, todo entregue aos seus próprios pensamentos. Na terceira encruzilhada, Fômine deteve-se.

- Adeus, tenho que fazer.

Levou a mão ao barrete do Kúbano, despediu-se friamente de Grigóri e seguiu rua adiante, muito direito, com uma gravidade cómica, fazendo estalar o boldrié.

Grigóri seguiu-o com os olhos e depois voltou-se. Ao subir as escadas de pedra da casa onde se instalara o gabinete político, pensava: “Acabemos com isto de uma vez. Não vale a pena estar com mais demoras. Já que soubeste fazer o mal, agora aguenta as consequências!”

VIII

Cerca das oito horas da manhã, Akcínia amontoou as brasas no fogão e sentou-se no banco a limpar o rosto vermelho, alagado em suor. Erguera-se de madrugada para acabar mais cedo com a cozinha. Preparara macarrão, um frango, crepes, e metera no forno bolachas copiosamente regadas com natas, pois sabia que Grigóri gostava delas bem cozidas e arranjava aquela (refeição festiva pensando que o seu bem-amado viria jantar com ela.

Estava cheia de vontade de ir a casa dos Melekhovs com um pretexto qualquer e de se demorar nem que fosse só um minuto, para ver Grigóri. Não podia suportar a ideia de ele estar ali, a dois passos, sem poder avistá-lo. Mas, dominando este desejo, deixou-se ficar em casa. Já passara para ela a idade de proceder levemente.

Depois de ter lavado as mãos e a cara com mais cuidado do que nunca, vestiu uma camisa lavada e um saiote de entremeio. Ficou muito tempo a hesitar diante da arca aberta: que iria vestir mais? Não era conveniente alindar-se num dia de semana; também não queria andar com os fatos do uso. Sem saber que partido tomar, Akcínia remexia com um ar amuado nas saias bem passadas a ferro. Finalmente escolheu uma azul-escuro e uma blusa azul-celeste com renda preta, que raramente vestia. Era o que tinha de melhor. Afinal de contas pouco lhe importava o que diria a vizinhança. Embora fosse dia de semana para os outros, -para ela era um dia de festa. Vestindo-se rapidamente, dirigiu-se ao espelho. Perpassou-lhe pelos lábios um sorriso de espanto: uns olhos juvenis, onde brilhava uma chamazinha, contemplavam-na com alegria e curiosidade.

Akcínia examinou atenta e severamente o seu rosto e soltou um suspiro de alívio. Não, a sua beleza ainda não murchara por completo! Qualquer homem se deteria para a ver e a seguiria com olhos admirativos.

Enquanto compunha a saia diante do espelho, disse em voz alta: “Tem cautela, Grigóri Panteleievitch!...” E, sentindo-se corar, soltou um riso calmo e abafado. Isso não a impedia de encontrar nas têmporas alguns cabelos brancos e de os arrancar. Grigóri não devia ver nada que revelasse a idade de Akcínia. Para ele queria manter-se tão jovem como sete anos atrás.

Até ao meio-dia conservou-se de má vontade dentro de casa, mas após a hora do almoço não aguentou mais. Deitou pelos ombros o xale branco de pêlo de cabra e dirigiu-se a casa dos Melekhovs. Duniachka estava sozinha. Akcínia deu-lhe os bons-dias e inquiriu:

- Ainda não jantaste?

- Como queres que jante a horas com estes vagabundos? O meu marido está no Soviete e o Gricha foi à stanitsa. Dei de comer às crianças e estou à espera deles.

Aparentemente calma, sem um gesto que lhe traísse a preocupação, Akcínia disse:

- E eu pensava que estavam todos em casa. Quando é que o Gricha... o Grigóri Panteleíévitch deve regressar? Ainda hoje?

Duniachka envolveu num olhar breve a vizinha toda endomingada e respondeu num murmúrio:

- Foi apresentar-se.

- Mas quando prometeu voltar?

Brilharam lágrimas nos olhos de Duniachka; declarou num tom de censura, tropeçando nas palavras:

- Olha, escolheste bem o momento... para te pores bonita... Mas o que tu não sabes é que ele talvez não volte.

- Como, não volte?!

- O Mikhail diz que ele vai ficar preso na stanitsa...

Duniachka verteu algumas lágrimas de raiva e exclamou, limpando os olhos à manga:

- Maldita vida! Quando acabará tudo isto? Desde que ele partiu ninguém atura as crianças. Andam sempre agarradas a mim: “Para onde foi o pai? Quando é que ele volta?” Eu é que sei? Mandeí-os para o pátio mas também estou aflita... Maldita vida! Não há um momento de sossego, uma pessoa desespera!...

- Se ele não voltar antes da noite, amanhã vou à stanitsa para saber o que se passa - declarou Akcínia no mesmo tom indiferente que adoptaria se se tratasse de uma coisa sem importância que não provocasse qualquer espécie de emoção.

Surpreendida com aquela tranquilidade, Duniachka suspirou:

- Agora vejo bem que não vale a pena esperar por ele. Foi uma desgraça ele ter voltado.

- Neste momento ainda não se pode saber nada. Não chores, as crianças vão desconfiar... Adeus.

Grigóri regressou alta noite. Demorou-se apenas um momento em casa e foi ter com Akcínia. A angústia em que passara todo aquele dia atenuou um pouco a satisfação de o ver

de novo. Akcínia experimentara à noite uma emoção semelhante à que sentia no fim de um dia inteiro de trabalho exaustivo. Esmagada, morta de fadiga pela prolongada espera, deitara-se sobre a cama e passara pelo sono, mas o ruído de passos por baixo da janela, fizera-a erguer-se com uma vivacidade juvenil.

- Porque não me disseste que ias a Viochénsskaia? - interrogou ela, enquanto o beijava e lhe desapertava o capote.

- Não tive tempo, estava cheio de pressa.

- E nós, eu e a Duniachka, o que nós chorámos, cada uma no seu canto, a pensar que não voltarias.

Grigóri sorriu discretamente.

- Não, a coisa não correu tão mal como isso. - E acrescentou: - Até ver.

Aproximando-se da mesa a coxear, sentou-se. A porta escancarada deixava ver o quarto, a enorme cama no canto, a arca com as ferragens de reflexos acobreados. Tudo continuava como no tempo em que ele ali vinha na ausência de Stepane; não descobria quase nenhuma modificação, como se o tempo tivesse passado à margem da casa sem lá penetrar; até o cheiro de outrora permanecia: o mesmo perfume inebriante a cânhamo fresco, ao soalho lavado há pouco, um odor apenas perceptível a alecrim seco. Parecia ter sido ontem que Grigóri dali saíra de madrugada; há tanto tempo, na realidade.

Abafou um suspiro e pôs-se a enrolar um cigarro sem pressas, mas os dedos tremiam-lhe e espalhou tabaco sobre os joelhos.

Akcínia punha rapidamente a mesa. Tinha de aquecer de novo o macarrão. Ofegante, um pouco pálida, foi buscar cavacos ao telheiro e avivou o lume. Enquanto soprava às brasas incandescentes que largavam faúlhas, ia observando Grigóri que fumava em silêncio, com as costas abauladas.

- Como correram as coisas por lá? Ficou tudo arranjado?

- O melhor possível.

- Onde foi a Duniachka buscar essa ideia de que poderias ser preso? Fiquei morta de medo. Foi o Mikhail que lhe meteu isso na cabeça. Ele é que inventou tudo, está a chamar a desgraça para cima de mim.

Akcínia aproximou-se da mesa e Grigóri pegou-lhe na mão.

- Sabes? disse ele erguendo a cabeça até encontrar os olhos dela. O meu caso não está bem encaminhado. Eu próprio, ao entrar naquele gabinete político, dizia comigo que não voltaria a sair de lá. Seja como for, comandeí um esquadrão durante a insurreição com o posto de tenente... Agora, os tipos como eu são bem espremidos.

- Que te disseram eles?

- Deram-me um questionário para preencher, um papel onde tinha que referir todas as minhas actividades. Mas as letras não são o meu forte. Nunca escrevi tanto na vida. Durante duas horas contei todo o meu passado. Depois vieram dois homens que me interrogaram acerca da insurreição. Nada tenho a dizer contra eles, foram correctos. O mais velho perguntou se eu queria chá. Infelizmente com sacarina, disse ele. E eu pensava comigo: “Qual chá, qual carapuça, desde que eu saia inteiro das vossas mãos!”

Grigóri, após um silêncio, acrescentou num tom vexado, como se se tratasse de outra pessoa:

- Sentia-me tão tímido pelo facto de ter de responder pelos meus actos... tão cobarde.

Estava fulo consigo mesmo por haver receado ir a Viochénsskaia, pela sua falta de ânimo para dominar aquele medo. A inutilidade de tais receios fazia-lhe redobrar a irritação. Agora toda essa história se lhe afigurava ridícula e vergonhosa. Só pensara nisso durante todo o caminho e era talvez por esse motivo que agora troçava de si próprio e exagerava as suas impressões.

Akcínia escutara-o atentamente. Retirou devagarinho as mãos e voltou para junto do fogão. Enquanto atiçava o lume inquiriu:

- E agora?

- Dentro de oito dias tenho de lá voltar para me visarem os documentos.

- Pensas que acabarão por te prender?

- Desconfio bem que sim, mais cedo ou mais tarde.

- Que havemos de fazer, Gricha?

- Não sei. Falaremos disso depois. Tens água? Queria lavar-me.

Quando se sentaram à mesa para cear, Akcínia reencontrou aquela felicidade plena que sentira pela manhã. Grigóri estava ali, a seu lado; podia contemplá-lo até querer, sem se preocupar com as pessoas que poderiam observá-los, podia dizer-lhe com os olhos tudo o que quisesse, sem se esconder, sem sentir vergonha. Meu Deus, as saudades que sentira dele, como o seu corpo sofrera com a falta daquelas mãos enormes, tão pouco acariciadoras! Quase não tocou na comida.

Ligeiramente curvada para a frente, devorava Grigóri com os olhos. Enquanto ele mastigava vorazmente, ela acariciava com o olhar embaciado o seu rosto, o pescoço tostado pelo sol e apertado na gola alta do blusão, os ombros largos, as mãos inertes sobre a mesa... Respirava sofregamente o seu cheiro acre, que tão bem conhecia, que tanto amava, aquele cheiro a suor e a tabaco. Só pelo cheiro seria capaz de conhecer Grigóri entre um milhar de outros homens... Tinha as faces vermelhas e escaldantes, o coração batia-lhe rápido. Nessa noite foi incapaz de desempenhar o papel de dona de casa diligente.

Só via Grigóri. Ele, por seu lado, nada pedia; cortou sozinho o pão, procurou com os olhos e encontrou o saleiro sobre a chaminé, servia-se pela segunda vez de macarrão.

- Estou com uma fome de lobo - declarou sorrindo, como que a desculpar-se. - Não comi nada desde manhã.

Estas palavras vieram recordar a Akcínia os seus deveres. Ergueu-se, apressada:

- Onde tenho eu a cabeça? Já me esquecia das bolachas e dos crepes. Come o frango, peço-te, come, meu querido... Vou buscar o resto.

Mas com que vagares de mastigava! com que aplicação!

Parecia que não comera havia uma semana. Não era preciso oferecer-lhe. Akcínia esperou com paciência, mas por fim não resistiu mais: sentou-se ao lado dele, puxou-lhe a cabeça com a mão esquerda, com a direita pegou num guardanapo limpo, bordado, e limpou os lábios e o queixo sujos de gordura do seu bem-amado. Depois comprimiu os lábios contra os dele, fechando os olhos com tanta força que viu surgir do escuro centelhas cor de fogo.

No fundo, o ser humano precisa de muito pouco para ser feliz. Ao menos, naquela noite, Akcínia foi verdadeiramente feliz.

IX

Grigóri não sentia prazer nenhum em se encontrar com Michka Kochevói. As relações entre ambos haviam-se definido logo no primeiro dia, não tinham assunto e, de resto, de que valia conversarem? Pelos vistos, Mikhail também não sentia qualquer prazer em se encontrar com Grigóri. Contratara dois carpinteiros que restauraram rapidamente a sua casinha, substituíram as empenas meio apodrecidas, abateram e construíram uma parede em ruínas, colocaram lintéis novos, novos caixilhos, novas portas.

Depois do seu regresso de Viochénskaja, Grigóri passou pelo comité revolucionário da aldeia, apresentou a Michka os documentos visados pelo comissariado militar e saiu sem se despedir. Instalou-se em casa de Akcínia, levando consigo os filhos e alguns objectos que lhe pertenciam. Ao vê-lo partir para a sua nova residência, Duniachka desatou em soluços:

- Meu irmãozinho, não me queiras mal, não tenho culpa nenhuma disse ela fitando-o com uns olhos suplicantes.

- Porque havia de querer-te mal, Dunia? Não, que ideia! - respondeu Grigóri para a acalmar. - Virás visitar-nos... Sou a única pessoa de família que te resta, sempre fui teu amigo e continuo a sê-lo. Quanto ao teu marido, isso é outro caso. Mas eu e tu ficaremos bons amigos.

- Vamos deixar a casa em breve, não te preocupes.

- Nada disso! - interrompeu Grigóri com irritação. - Podem lá ficar até à Primavera. A mim não me faz diferença. Há lugar à vontade em casa da Akcínia, tanto para mim como para as crianças.

- Vais casar com ela, Gricha?

- Temos tempo - retorquiu Grigóri.

- Casa-te com ela, meu irmão. É uma boa mulher – declarou resolutamente Duniachka. - A nossa falecida mãe dizia que devias tomá-la por esposa. Nos últimos tempos passou a gostar dela, antes de morrer ia muitas vezes a sua casa.

- Parece que pretendes convencer-me - disse Grigóri, sorrindo. - Mas com quem querias tu que eu me casasse? com a velha Andrónikha, por exemplo?

Andrónikha era a mulher mais velha da aldeia, passara havia muito dos cem anos. Duniachka desatou a rir ao lembrar-se da figura encarquilhada da velha, toda curvada para o chão.

- O que tu vais buscar, meu irmãozinho! Estava só a querer saber. Não dizes nada, por isso é que te perguntei.

- Se há alguém que eu convidaria para a boda, essa pessoa seria tu.

Grigóri deu uma palmada a brincar nas costas da irmã e deixou sem desgosto a casa paterna.

A falar verdade, era-lhe indiferente viver aqui ou ali, desde que se sentisse tranquilo. Mas era precisamente essa tranquilidade que lhe faltava... Passou alguns dias numa ociosidade doentia. Tentou fazer alguns arranjos na herdade de Akcínia, mas de todas as vezes se lhe afigurou que não era capaz de executar nada. Nada lhe despertava interesse. Atormentava-o uma penosa indecisão, impedindo-o de viver; nem por um instante o abandonava a ideia de que podiam prendê-lo isso na melhor das hipóteses ou até mesmo fuzilá-lo.

Quando Akcínia acordava de noite, via que ele não dormia. Estava quase sempre deitado de costas, com os braços cruzados por trás da cabeça, a fitar na escuridão os olhos duros e frios. Akcínia sabia em que ele estava a pensar. Não podia ajudá-lo em coisa alguma. Ela própria sofria por o ver assim atormentado, desconfiava de que as suas esperanças de vida em comum ficariam mais uma vez desiludidas. Queria que ele resolvesse o caso sozinho. Uma noite, no entanto, ao ver a seu lado a estrela vermelha do cigarro, disse-lhe:

- Gricha, tu nunca dormes... Talvez fizesses melhor em sair da aldeia por uns tempos. Ou então irmos os dois esconder-nos....

Grigóri tapou cuidadosamente com a manta os pés de Akcínia e respondeu de má vontade:

- Vou pensar nisso. Dorme.

- Depois voltaríamos quando tudo estivesse mais calmo, queres?

De novo ele deu uma resposta vaga, como se nem por sombras imaginasse o que iria fazer:

- Veremos como correm as coisas. Dorme, Ksiúcha.

Poisou terna e delicadamente os lábios no ombro dela, na sua pele nua, fresca como seda.

Na realidade, já tomara uma decisão: não voltaria a Viochénsskaia. O homem do gabinete político esperá-lo-ia em vão, aquele que o recebera da última vez, sentado à mesa,

com o capote pelos ombros, que se espreguiçava até lhe estalarem os ossos, a ouvi-lo a ele, Grigóri, descrever a insurreição. Não haveria mais relatórios. Acabara-se.

No dia em que o convocassem para comparecer no gabinete político, Grigóri abandonaria a aldeia, por muito tempo, se fosse necessário. Para onde iria? Ignorava-o ainda, mas resolvera firmemente ir-se embora. Não estava disposto a morrer nem a ser preso. Fizera a sua escolha, mas não queria falar dela prematuramente a Akcínia. Para quê envenenar os últimos dias que passaria na companhia dela? Estes já não eram mesmo assim muito alegres. Esperaria pelo derradeiro minuto. Ela que dormisse tranquila, com o rosto escondido no ombro dele. Nas últimas noites ela afirmara muitas vezes: “Gosto tanto de dormir debaixo da tua asa!” Que dormisse em paz. Já não seria por muito tempo, pobrezita, que poderia apertar-se de encontro a ele...

Grigóri ocupava-se todas as manhãs dos filhos, depois deambulava sem objectivo pela aldeia. No meio das pessoas, sentia-se mais satisfeito.

Um dia, Prokhor convidou-o para uma reunião em casa de Nikita Melnikov, para beberem na companhia de alguns jovens cossacos com quem fizera a tropa. Grigóri recusou categoricamente. Sabia, através das pessoas da aldeia, que todos se encontravam descontentes com a imposição alimentar e que uma conversa de bêbados não podia deixar de versar esse assunto. Não estando disposto a atrair suspeitas sobre si, evitava falar de política mesmo com gente de confiança. De política estava ele farto, já lhe causara suficientes preocupações. A prudência nunca era de mais, pois as entregas de trigo faziam-se com irregularidade, e três velhos, presos como reféns, tinham sido enviados para Viochénskkaia, escoltados por dois homens dos destacamentos de reabastecimento.

No dia seguinte, junto do armazém da única sociedade de consumo, Grigóri avistou Zakhar Kramskov, um antigo artilheiro que regressara havia pouco do Exército Vermelho. Estava a cair de bêbado e vacilava ao caminhar. Ao chegar porém junto de Grigóri, abotoou todos os botões do blusão manchado de barro e disse numa voz rouca:

- Viva, Grigóri Panteleievitch!

- Olá - disse Grigóri, ao apertar a pata enorme do artilheiro, que era maciço e forte como um choupo.

- Lembras-te de mim?

- Com certeza.

- Recordas-te, no ano passado, em Bokóvsskaia, quando a nossa bateria veio em teu auxílio? Se não fôssemos nós, a tua cavalaria passava um mau bocado. Aquilo é que foi uma razia nos vermelhos! Primeiro, os obuses, depois os shrapnels. Era eu o atirador da primeira peça. Eu! - repetiu Zakhar, batendo uma punhada sonora no peito largo.

Grigóri olhou em volta; perto deles, alguns cossacos que ouviam a conversa, observavam-nos. Os cantos da boca começaram a tremer-lhe e um esgar de raiva descobriu-lhe os dentes brancos.

- Estás bêbado disse a meia voz sem descerrar os dentes.

- Vai dormir e não digas asneiras.

- Não estou nada bêbado - exclamou o artilheiro que, no entanto, se encontrava bastante toldado. - Só se estiver bêbado de desgosto. Voltei para casa, mas isto não se aguenta. Que puta de vida! Não serve para os cossacos, que afinal de contas já nem há cossacos. Quarenta pudes de trigo, foi quanto os gajos me levaram. Que significa isto? Acaso foram eles que o semearam para mo virem tirar? Saberão ao menos como se cria o trigo?

Fitava Grigóri com os olhitos estúpidos, injectados de sangue. De repente, vacilando, abraçou Grigóri com as suas patas de urso, soprando-lhe para a cara um hálito forte a aguardente.

- Porque usas tu agora calças sem bandas? Passaste a ser lavrador? Isso não pode ser! Ah, meu rico Grigóri Panteleievitch, temos de pegar outra vez nas armas. Diremos como no ano passado: abaixo a comuna, viva o poder dos Sovietes!

Grigóri, repelindo-o violentamente, murmurou:

- Vai para casa, bêbado de um raio! Sabes o que estás a dizer?

Kramskov estendeu os braços com os dedos muito afastados, amarelecidos pelo tabaco, e tartamudeou:

- Se disse alguma coisa de mal, desculpa. Desculpa-me, por favor, mas estou a falar a sério, como se falasse com o meu chefe... Sou capaz de lho repetir, ao pai do meu regimento: temos de pegar outra vez em armas.

Grigóri voltou-lhe as costas sem responder, atravessou a praça e foi para casa. Aquele estúpido encontro preocupou-o durante todo o dia. Recordava os gritos de bêbado de Kramskov, a silenciosa aprovação, os sorrisos dos cossacos. E pensava: “Não, tenho de me ir embora o mais depressa possível! Aqui não me espera nada de bom.”

Devia apresentar-se no sábado em Viochénsskaia. Dentro de três dias deixaria pois a sua terra natal... Mas o destino decidiu que as coisas se passassem de outra maneira: na quinta-feira à noite, quando estava para se ir deitar, bateram à porta com força. Akcínia dirigiu-se ao vestíbulo. Grigóri ouviu-a perguntar: “Quem é?” Não percebeu a resposta. Vagamente inquieto, ergueu-se da cama e foi à janela.. O trinco estalou no vestíbulo. Duniachka foi a primeira a entrar. Grigóri viu-lhe o rosto pálido e, sem fazer perguntas, pegou no boné e no capote que estavam sobre o banco.

- Meu irmãozinho...

- O que foi? - inquiriu ele em voz baixa, enfiando as mangas do capote.

Duniachka falou muito depressa, ofegante:

- Meu irmãozinho, tens de fugir imediatamente. Estão em nossa casa quatro cavaleiros que vieram da stanitsa. Ouvi-os falar em voz baixa... no quarto... O Mikhail diz que deves ser preso Está a falar-lhes a teu respeito... Vai-te embora!

Grigóri, avançando rapidamente para ela, abraçou-a e beijou-a com força na face.

- Obrigado, irmãzinha. Vai-te para casa, senão podem reparar que saístes. Adeus.

Voltou-se para Akcínia:

- Arranja-me pão. Não quero um inteiro, basta metade.

Terminara pois aquela existência pacífica. Grigóri reencontrara os seus gestos de combatente, rápidos mas seguros; foi ao quarto, beijou com precaução os filhos adormecidos e apertou Akcínia contra o peito.

- Adeus! Em breve mandarei notícias. Prokhor virá transmitir-tas.

- Toma conta dos meninos. Fecha a porta. Se te perguntarem por mim, diz que fui para Viochénskkaia. Bem, adeus, não te aflijas, Ksiúcha.

Ao beijá-la, sentiu nos lábios a água quente e Salgada das lágrimas da mulher. Não tinha tempo para ouvir nem para acalmar as frases impotentes e desconexas de Akcínia. Desprendeuse delicadamente dos braços que o envolviam, foi até ao vestíbulo, escutou um instante e abriu de repente a porta que dava para o exterior. O vento frio do Don fustigou-lhe o rosto. Fechou os olhos um momento para se habituar à escuridão.

Akcínia ouviu primeiro a neve a estalar debaixo dos pés de Grigóri. Cada passo dele repercutia-se como uma punhalada no seu peito. Depois disto tudo foi silêncio, com excepção do vento na floresta, na outra margem do Don. Akcínia, apurando o ouvido, tentava ainda escutar qualquer coisa além do vento. Mas não distinguia nada. Sentiu frio. Voltando à cozinha, apagou o candeeiro.

X

No fim do Outono de 1920, quando se organizaram os destacamentos de abastecimento com o objectivo de pôr cobro à insuficiência das remessas de trigo impostas pelo sistema da imposição alimentar, verificou-se uma surda fermentação entre os habitantes cossacos do Don. Pequenos bandos armados começaram, a surgir nas stanitsas do Alto-Don, Choulinsskaia, Kazánsskaia, Migulinsskaia, Mechkovsskaia, Viochénskaia, Elánsskaia, Stachtohovsskaia e algumas outras. Era a resposta da parte abastada da população cossaca à criação dos destacamentos de abastecimento, ao reforço das medidas tomadas pelo poder dos Sovietes para a efectivação da imposição alimentar.

Tais bandos eram formados por uns cinco a vinte homens, na sua maioria cossacos, que haviam sido outrora guardas brancos activos. Havia entre eles sargentos, alferes e tenentes do antigo Exército do Don, que tinham servido em 1918 e 1919 nos destacamentos punitivos e haviam conseguido escapar à mobilização de Setembro, insurrectos célebres pelas suas façanhas guerreiras e pelas suas execuções de prisioneiros vermelhos quando da insurreição no distrito do Alto Don, numa palavra, gente que nada tinha a ver com o poder dos Sovietes. Atacavam os destacamentos de abastecimento, faziam voltar para trás os comboios de trigo que se dirigiam para os locais de armazenamento, matavam os comunistas e os cossacos sem partido, fiéis ao poder dos Sovietes.

A eliminação destes bandos fora confiada ao batalhão de guarda do distrito do Alto-Don, acantonado em Viochénskaia e na aldeia de Báski. Porém todas as tentativas de destruição desses grupos disseminados pelo vasto território do distrito foram infrutuosas, em primeiro lugar porque a população local simpatizava com os bandidos, fornecia-lhes comestíveis e informações acerca dos movimentos das unidades vermelhas e subtraía-os à perseguição; em segundo lugar, porque o chefe do batalhão, de nome Kapárine, ex-capitão do estado-maior do exército imperial, antigo S. R., não desejava a destruição das forças contra-revolucionárias que acabavam de surgir no Alto-Don e tentava obstar a isso por todos os meios possíveis. Apenas de tempos a tempos ainda sob a pressão do presidente do comité de distrito do partido empreendia algumas rápidas surtidas, mas logo regressava, alegando que não podia dispersar as suas forças, correndo assim o risco desnecessário de

privar Viochénsskaia, os seus serviços e os seus entrepostos da necessária protecção. O batalhão, composto de cerca de quatrocentos homens e catorze metralhadoras, fazia vida de guarnição: os soldados vermelhos guardavam os prisioneiros, acarretavam água, cortavam árvores na floresta e executavam certas tarefas, como seja a colheita de nozes-de-galha para o fabrico de tinta de escrever. Desta maneira, o batalhão fornecia a todos os gabinetes do distrito lenha e tinta, enquanto o número dos pequenos bandos ia aumentando a olhos vistos. Foi preciso verificar-se uma forte insurreição no governo de Vorónej e nos territórios do distrito de Bogutchar, limítrofe do distrito do Alto-Don, para se pôr termo, ainda que de má vontade, à formação de reservas de lenha e de tinta de escrever. O batalhão, com o seu efectivo de três companhias e a sua secção de metralhadoras, foi enviado contra essa insurreição por ordem do comandante-chefe das tropas da Região do Don, juntamente com o primeiro batalhão do 12.º Regimento de abastecimento e dois pequenos destacamentos de barragem.

Durante um combate nas imediações de Sukhoi Donetz, o esquadrão de Viochénsskaia, sob o comando de Iakov Fômine, atacou de flanco as linhas insurrectas, derrotando-as.

Dispersou e passou a fio de sabre uns cento e setenta homens no decurso das operações de perseguição e apenas perdeu três combatentes.

Com raras excepções, o esquadrão compunha-se de cossacos naturais das stanitsas do Alto-Don que não deixaram de cumprir as velhas tradições cossacas: após o combate, e não obstante o protesto de dois chefes do esquadrão, metade dos homens trocou os seus velhos capotes e os casacos usados pelas belas peliças curtas de pele de carneiro curtida tiradas aos insurrectos.

Alguns dias após o esmagamento dos insurrectos, o esquadrão foi enviado para a stanitsa de Kazánsskaia. Ali, para repousar dos horrores da guerra, Fômine divertiu-se o mais que pôde. Conquistador inveterado, amável e folgazão, desaparecia durante noites inteiras e só regressava a penates um pouco antes da aurora. Quando os soldados, a quem tratava tu-cá-tu-lá, o viam na rua, de botas a luzir, diziam com uma piscadela de olho:

- Aí vai o nosso garanhão ter com as mulheres. Só lhe poremos a vista em cima de manhã.

Às escondidas do comissário e do instrutor político, Fômine percorria os aquartelamentos dos cossacos que conhecia melhor para lhes dizer onde havia aguardente ou qualquer hipótese de patuscada. Isso sucedeu mais do que uma vez. Mas, começando a sentir-se neurasténico, em breve se tornou intratável, e quase esqueceu as distrações que o divertiam pouco tempo antes. Deixou de limpar à noite com o mesmo zelo as botas altas,

já não fazia a barba todos os dias. Continuava, é certo, a conviver de tempos a tempos com os cossacos da sua aldeia que serviam no esquadrão, passava um bocado a beber com eles, mas pouco falava.

Esta modificação no comportamento de Fômine coincidiu com uma informação trazida de Viochénsskaia pelo comandante do destacamento; o gabinete político da Tcheka do Don anunciara laconicamente que o batalhão da guarda acantonado no distrito vizinho de Usst-Medvéditsskaia se tinha revoltado sob o comando do chefe de batalhão Vakuline.

Vakuline era um camarada de regimento de Fômine, um grande amigo deste. Juntos haviam feito parte do corpo de exército de Mironov, tinham marchado ombro a ombro de Saransk até ao Don, e ambos haviam deposto também as armas quando a cavalaria de Budionny cercara o corpo de exército amotinado de Mironov. E as suas relações de amizade tinham-se mantido. Ainda há pouco, no princípio de Setembro, Vakuline viera a Viochénsskaia queixar-se ao seu velho amigo “da arbitrariedade dos comissários que arruínam os lavradores com a imposição alimentar e conduzem o país à derrota”. No seu foro íntimo, Fômine estava de acordo com as queixas de Vakuline, mas teve a prudência de não abandonar aquela manha que, aos olhos dos outros, passara muitas vezes por inteligência. Era sempre cauteloso, nunca se adiantava nem dizia às primeiras sim nem não. Mas, pouco tempo depois de tomar conhecimento da revolta do batalhão de Vakuline, abandonou a sua prudência habitual. Certa noite, antes da partida do esquadrão para Viochénsskaia, houve assembleia na residência do chefe de pelotão Aferov. Apareceu um enorme barril de aguardente. A conversa estava animada. Fômine, que fazia parte do grupo, escutava e bebia sem dizer nada. A certa altura, porém, um dos homens começou a falar no ataque de Sukhoi Donetsk, e então Fômine interrompeu-o, a torcer o bigode com um ar pensativo:

- Pois é, rapazes. Nós trespassámos com os sabres bastantes ucranianos, mas oxalá não tenhamos também muito em breve motivos de queixa... Que diremos nós, ao chegar a Viochénsskaia, se os destacamentos de abastecimento tiverem rapinado todo o trigo das nossas famílias? Em Kazánsskaia, eles não estão bem vistos, esses tais destacamentos de abastecimento. Não deixaram um só grão nos celeiros.

Fez-se um grande silêncio. Fômine, depois de olhar para os companheiros, acrescentou com um sorriso forçado:

- Eu disse isto por dizer... Cuidado com a língua; nunca se sabe quais podem vir a ser as consequências de uma brincadeira.

Após o regresso do esquadrão a Viochénsskaia, Fômine, acompanhado de meio pelotão de soldados vermelhos, dirigiu-se a Rubejni, a sua aldeia. Não querendo entrar a

cavalo no pátio da herdade que lhe pertencia, apeou-se ao portão e entregou as rédeas a um soldado. Dirigiu-se a pé para casa.

Cumprimentou friamente a mulher com um aceno de cabeça, fez uma profunda vénia diante da velha mãe, pegou-lhe respeitosamente na mão e foi dar um beijo aos filhos.

- Onde está o pai? - inquiriu, já sentado num tamborete, com o sabre entre os joelhos.

- Foi ao moinho - respondeu a velha.

Olhando para o filho, acrescentou severamente:

- Tira o boné, meu selvagem! Então agora sentas-te diante dos ícones de boné na cabeça? Ah, Iakov, vais acabar mal!...

Fômine sorriu de má vontade, tirou o boné do Kúbano, mas não despiu o capote.

- Porque não despes o capote?

- Vim aqui numa fugida para vos ver. O meu serviço não me dá tempo para mais.

- Nós já sabemos o que é, esse teu serviço... - tornou severamente a velha, aludindo assim à vida debochada do filho e às suas paródias com as mulheres de Viochénsskaia. - Há muito que estamos informados de tudo, aqui em Rubejni.

Prematuramente envelhecida, pálida e de aspecto tímido, a mulher de Fômine, lançando um olhar apavorado à sogra, voltou-se para o fogão. A fim de agradar ao marido, para lhe conquistar as boas graças e lhe merecer um olhar de aprovação, pegou num farrapo da lareira e começou a limpar a lama espessa que se colava às botas de Fômine.

- Tens umas ricas botas, lacha... Mas estão todas sujas... Vou limpar-tas murmurou quase em segredo, sem erguer a cabeça, agachada aos pés do marido.

Há muito que ele não vivia com ela e nada mais sentia por aquela mulher que amara na juventude, além de piedade e de um certo desprezo. Mas ela continuando a amá-lo, esperava secretamente que ele voltasse para ela. Perdoava-lhe tudo.

Durante longos anos, dirigira a herdade, criara os filhos, esforçara-se por satisfazer os caprichos da sogra. Todo o peso dos trabalhos agrícolas lhe caía em cima dos ombros magros. Esse trabalho superior às suas forças e a doença que a atacara depois do segundo parto minavam-lhe a saúde de ano para ano. Tinha o rosto murcho. A velhice precoce cobrira-lhe as faces com uma teia de rugas. Lia-se-lhe nos olhos a humildade assustados animais inteligentes atacados de doença. Não se dava conta da rapidez com que envelhecera, não via como a saúde a abandonava de dia para dia, a toda a hora esperava qualquer coisa, sempre que voltava a encontrar-se com o marido, contemplava-o com uma admiração e uma timidez apaixonadas...

Fômine observava do alto aquele dorso lamentavelmente curvo da mulher, as omoplatas magras, salientes por baixo da blusa, as grandes mãos trémulas ocupadas a tirar-lhe a lama das botas. E pensava: “Estás bonita, não haja dúvida! Quando penso que dormi com este estupor!... A verdade é que tem envelhecido muito... Que velha ela está!”

- Já chega. Assim como assim, vou sujá-las outra vez - declarou com irritação, libertando as pernas das mãos da mulher.

Esta levantou-se com esforço. Um leve rubor tingira-lhe as faces pálidas. Havia tanto amor e dedicação nos olhos húmidos erguidos para o marido, que este, voltando-se inquiriu da mãe:

- Como vai isto por cá?

- Na forma do costume - respondeu a velha com um ar casmurro.

- O destacamento de abastecimento veio até à aldeia?

- Só de cá saíram ontem, para irem a Nijné-Krivskaia.

- Levaram-nos trigo?

- Levaram, sim. Quanto, Daviduchka?

Um adolescente de catorze anos, tal qual o pai, com os mesmos olhos azuis muito afastados, respondeu:

- O avô é que lá estava, ele é que sabe. Dez sacos, creio eu.

- A-a-ah!

Fômine, erguendo-se, lançou ao filho um olhar breve e ajustou o cinto.

Um pouco pálido, inquiriu:

- Vocês disseram-lhes a quem pertencia o trigo?

A velha encolheu os ombros e sorriu com uma certa alegria malévola:

- Eles importam-se lá contigo! O chefe declarou: “Todos, sem excepção, devem entregar o excesso de trigo. Tanto se me dá que sejam Fômines como não. O próprio presidente do distrito também tem de entregar o dele.” E com isto desataram a remexer nas nossas tulhas.

- Vou entender-me com eles, minha mãe. Vou entender-me com eles - declarou Fômine com voz surda. E saiu.

Depois desta visita a casa, tratou de se informar cuidadosamente acerca do estado de espírito dos seus soldados, convencendo-se sem grande trabalho de que eles se encontravam na sua maioria descontentes com a imposição alimentar. As suas mulheres e os outros parentes, próximos ou afastados, vinham visitá-los. Contavam as buscas efectuadas pelos destacamentos de abastecimento, que levavam o trigo todo, deixando apenas à justa o necessário para se comer e semear. Até que, em fins de Janeiro, no

decorrer de uma assembleia de guarnição em Báski, os homens intervieram durante o discurso do comissário Chakhaiev. Das fileiras ergueram-se exclamações:

- Mandem passear os destacamentos de abastecimento!

- Já é tempo de isto acabar!

- Abaixo os comissários de abastecimento!

A isto respondiam os soldados vermelhos da companhia da guarda:

- Contra-revolucionários!

- Dissolução dos esquadrões de patifes!

A reunião foi demorada e tempestuosa.

Um dos poucos comunistas da guarnição declarou a Fômine, indignado:

- Tens de intervir, camarada Fômine? Estás a ver o lindo trabalho que fazem os teus homens?

Fômine sorriu imperceptivelmente atrás do bigode:

- Eu cá por mim não tenho partido. Achas que me escutariam?

Absteve-se de tomar a palavra e saiu antes do fim da reunião, acompanhado pelo chefe de batalhão Kapárine. No caminho que os levava até Viochénsskaia puseram-se a conversar acerca da nova situação, e em breve descobriram que falavam a mesma língua. Uma semana depois, ambos a sós em casa de Fômine, Kapárine afirmava:

- Ou fazemos alguma coisa agora, ou nunca mais. Tens de te convencer disto, Iakov Efímitch. É preciso aproveitar a maré, que agora nos é favorável. Os cossacos estão connosco. A tua autoridade é grande no distrito. O estado de espírito da população não pode ser melhor. Porque não dizes nada? Resolve-te.

- Não preciso de resolver nada - proferiu lentamente Fômine, destacando as palavras. Está tudo resolvido. Resta-nos fazer um bom plano para que tudo se passe sem complicações, sem encrencas. Isso é que temos de combinar.

A amizade suspeita de Fômine e de Kapárine não passou despercebida. Alguns comunistas do batalhão puseram-se a observá-los, dando parte das suas desconfianças a Artemiev, chefe do gabinete político da Tcheka do Don, e ao comissário militar Chakhaiev.

- Gato escaldado tem medo da água fria - declarou Artemiev, rindo-se. - Esse Kapárine é um poltrão, vocês estão a vê-lo a empreender seja o que for? Quanto ao Fômine, teremos que o vigiar, há muito que o trazemos debaixo de olho, mas também ele, muito me admiraria que se arrisque a tomar qualquer iniciativa. São tudo disparates concluiu muito senhor de si.

Mas era demasiado tarde para intervir: os conjurados tinham tido tempo de combinar tudo. O motim estava previsto para o dia 12 de Março, às oito da manhã. Assentara-se que

nesse dia Fômine faria sair o esquadrão com todo o seu armamento, depois atacaria de improviso o pelotão de metralhadoras acantonado nas imediações da stanitsa, apoderar-se-ia das metralhadoras e ajudaria em seguida a companhia punitiva a “depurar” a administração do distrito.

Kapárine, receando não ter o apoio de todo o batalhão, expôs as suas dúvidas a Fômine, que, após tê-lo escutado atentamente, declarou:

- Desde que nos apoderemos das metralhadoras, ser-nos-á fácil acalmar imediatamente o batalhão...

A minuciosa vigilância exercida sobre Fômine e Kapárine não deu qualquer resultado. Estes só se encontravam em serviço, e mesmo assim raramente. Apenas uma vez, nos fins de Fevereiro, uma patrulha os viu juntos na rua, de noite. Fômine levava pela rédea o cavalo selado e Kapárine caminhava junto dele. Ao serem interpelados, Kapárine gritou: “Amigos!” Dirigiam-se a casa de Kapárine. Fômine prendeu o cavalo à balaustrada do alpendre. Não acenderam a luz. Eram quatro da manhã quando Fômine, saindo, montou a cavalo e se dirigiu para casa. Foi tudo quanto puderam descobrir.

Em telegrama cifrado dirigido ao comandante-chefe da região do Don, Chakhaiev deu parte das suas desconfianças no que respeitava a Fômine e a Kapárine. Dali a dias, recebia uma resposta sancionando antecipadamente a demissão e a prisão dos dois oficiais. Ao reunir o gabinete do comité do distrito, este resolveu que Fômine seria avisado, por uma ordem do comissariado militar, de que devia dirigir-se a Novotcherkassk, pondo-se à disposição do comandante-chefe, após ter sido convidado a entregar o comando do esquadrão ao seu ajudante Ovtchinnikov; nesse mesmo dia, o esquadrão seria enviado para Kazánsskaia sob o pretexto de que aparecera um bando para esses lados, procedendo-se à prisão dos dois conjurados na noite seguinte.

A ordem de afastar o esquadrão da stanitsa fora ditada pelo receio de que rebentasse um motim ao ser anunciada a prisão de Fômine. O comunista Tkaitcfaenko, que comandava a segunda companhia do batalhão de guanda, foi encarregado de prevenir os comandantes de batalhão e os chefes de pelotão da possibilidade de um motim e também de pôr de prevenção a companhia e o pelotão de metralhadoras que se encontrava na stanitsa.

No dia seguinte pela manhã, Fômine recebeu a ordem prevista.

- Bom, está bem. Leva o esquadrão, Ovtchinnikov. Eu vou a Novotcherkassk - respondeu ele tranquilamente. Queres ver os documentos?

O chefe de pelotão Ovtchinnikov, um homem sem partido, não desconfiava de nada. Mergulhou na leitura dos papéis.

Fômine aproveitou logo o ensejo para escrever a Kapárine um bilhete nestes termos: “É preciso agir imediatamente. Fui transferido. Prepara-te.” Entregou o bilhete à ordenança, no vestíbulo, segredando-lhe:

- Mete isto dentro da boca. Vais a passo, a passo, percebeste? A casa de Kapárine. Se te fizerem parar no caminho engoles o papel. Entrega-o a Kapárine e voltas aqui imediatamente.

Entretanto, Ovtchinnikov, tendo recebido ordem de intervir em Kazánsskaia, formara o esquadrão na praça da igreja. Fômine aproximou-se dele a cavalo.

- Deixa-me despedir do meu esquadrão.

- Pois sim, mas despacha-te, não nos atrases.

Fômine foi colocar-se diante do esquadrão e, ao mesmo tempo que dominava o cavalo impaciente, dirigiu-se aos homens nos seguintes termos:

- Vocês todos conhecem-me, camaradas. Sabem que lutei sempre e sempre estive convosco. Mas já não posso calar-me mais, agora que estão espoliando o povo cossaco e os lavradores. Foi por causa disto que me transferiram. Sei perfeitamente o que me vão fazer e é por isso que quero despedir-me de vocês...

O rumor e os gritos do esquadrão interromperam por um momento o discurso de Fômine. Este, erguendo-se sobre os estribos, prosseguiu, numa voz ainda mais forte:

- Se quiserem acabar com a pilhagem expulsem daqui o destacamento de abastecimento, partam a cara aos comissários de abastecimento e aos outros, tais como Murzov e Chakhaiev. Vieram até nós através do Don...

O tumulto abafou-lhe as últimas palavras. Aguardou um momento, comandando depois com um timbre sonoro:

- Formar a três, à direita, à direita!

O esquadrão executou docilmente a manobra. Ovtchinnikov chegou a galope, espantado.

- Onde vais tu, camarada Fômine?

O outro respondeu num tom irónico:

- Vamos dar a volta à igreja...

Só então Ovtchinnikov tomou consciência do que acabava de se passar. Afastou-se da coluna; o instrutor político, o ajudante do comissário e um dos soldados foram os únicos a imitá-lo. Tinham recuado uns duzentos metros quando Fômine se apercebeu da ausência deles. Obrigando o cavalo a dar meia volta, gritou:

- Ovtchinnikov, alto!

Os quatro cavaleiros passaram ao galope. As patas dos cavalos levantavam para todos os lados pastas de neve derretida. Fômine ordenou:

- Peguem nas armas! Prendam Ovtchinnikov. Primeiro pelotão, agarrem-no!

Seguiu-se uma fuzilaria desordenada. Dezasseis homens do primeiro pelotão precipitaram-se atrás de Ovtchinnikov. Entretanto, Fômine dividia o esquadrão em dois grupos: mandou o primeiro, comandado pelo chefe do terceiro pelotão, desarmar os homens das metralhadoras; ele próprio, neste meio tempo, conduzia o outro ao acantonamento da companhia de guarda, ao fundo da stanitsa, nas antigas coudelarias, do lado do Norte.

O primeiro grupo, disparando para o ar e agitando os sabres, partiu pela rua principal. Após haver sabrado pelo caminho quatro comunistas, os amotinados puseram-se rapidamente em linha na extremidade da stanitsa e lançaram-se, sem um grito, sobre os vermelhos do pelotão das metralhadoras, que haviam saído para a rua.

O alojamento destes situava-se um pouco à parte, separado das últimas casas da stanitsa por uns cem edifícios. Ao apanharem em cheio com o fogo das metralhadoras, os amotinados deram meia volta. Três deles foram derrubados pelas balas. Fracassara assim a tentativa de apanhar desprevenidos os homens das metralhadoras. Os revoltosos não fizeram segunda tentativa. O comandante do terceiro pelotão, Tchumakov, conduziu o seu grupo para um local seguro; sem descer do cavalo, oculto atrás da esquina de uma granja de pedra, depois de ter observado atentamente o inimigo, declarou:

- Bem, trazem duas maxims.

Limpou com o boné a testa alagada em suor, dizendo em seguida aos soldados:

- Vamos embora, rapazes... Fômine, se quiser, que venha ele buscar as metralhadoras. Quantos mortos deixámos sobre a neve? Três? Está bem, ele que venha, se quiser.

Ao ouvir os primeiros tiros do lado leste, o comandante da companhia, Tkatchenko, saindo do seu alojamento, correria para a caserna, a vestir-se pelo caminho. Cerca de trinta soldados vermelhos encontravam-se já em frente do edifício, todos em fila. Acolheram Tkatchenko com perguntas inquietas:

- Quem disparou?

- Que é que se passa?

Sem responder, o comandante mandou formar o resto dos homens que acabavam de chegar do interior da caserna. Alguns comunistas, empregados da administração do distrito, que haviam ali chegado ao mesmo tempo que ele, alinharam também

Ouviam-se tiros isolados por toda a stanitsa. Uma granada de mão rebentou algures, a oeste. Vendo uns cinquenta cavaleiros dirigir-se a galope para os lados da caserna, de

sabres desembainhados, Tkatchenko puxou devagar pelo revólver. Não teve necessidade de dar qualquer ordem: todas as conversas haviam cessado de repente e os soldados vermelhos metiam as espingardas à cara.

- Mas aqueles são dos nossos! Olhem, é o camarada Kapárine, o nosso chefe de batalhão! exclamou um deles.

Os cavaleiros que desembocavam de uma rua, curvando-se todos ao mesmo tempo sobre os pescoços das montadas, avançaram para a caserna.

- Prendam-nos! - berrou Tkatchenko.

Reboou uma salva de tiros, que lhe cobriu a voz. A uns cem passos da fila cerrada dos cavaleiros vermelhos tombaram quatro homens; os outros, dando meia volta, dispersaram-se em todas as direcções. Atrás deles crepitavam tiros. Um dos cavaleiros, que parecia ter recebido apenas um ferimento leve, caiu do cavalo, mas sem largar a rédea. Foi arrastado durante umas cem ságenas pelo animal a galope, depois pôs-se de pé, agarrou-se ao estribo, em seguida ao arção, montando novamente. Sempre a disparar com fúria, após ter dado a volta a toda a brida, desapareceu na viela mais próxima.

Os homens do primeiro pelotão regressaram à stanitsa sem haverem conseguido apanhar Ovtchinnikov. Os esforços para deitarem a mão ao comissário militar também não deram resultado. Não se encontrava, nem no comissariado, onde já não havia ninguém, nem na sua residência. Ao ouvir o ruído da fuzilaria, correrá para o Don, alcançara a floresta, atravessando o gelo, e dali dirigira-se à aldeia de Báski. No dia seguinte, estava a cinquenta verstás de Vióchénsskaia, na stanitsa de Usst-Kopérsskaia.

A maior parte dos militantes de certa categoria conseguiram esconder-se a tempo. As buscas não eram isentas de perigo, pois os soldados vermelhos do pelotão de metralhadoras, tendo avançado até ao centro da stanitsa, dominavam com o seu fogo todas as ruas que conduziam à praça principal.

Os homens do esquadrão, desistindo das perseguições, desceram ao Don e regressaram a galope à praça da igreja, donde haviam partido os perseguidores de Ovtchinnikov. Em breve todos os homens de Fômine se encontravam ali reunidos.

Reconstituíram-se as fileiras. Fômine mandou pôr sentinelas e ordenou aos outros que regressassem aos seus aquartelamentos, sem no entanto desaparelharem os cavalos.

Em seguida, Fômine e Kapárine reuniram-se com os chefes de pelotão numa casa que ficava no limite da stanitsa.

- Está tudo perdido! - exclamou Kapárine, deixando-se cair num banco, desesperado e sem forças.

- Sim, não tomamos a stanitsa. O que quer dizer que não poderemos manter-nos aqui - disse baixinho Fômine.

- Temos de percorrer todo o distrito, Iakov Efímitch. Que podemos nós recluir por agora? Seja como for, só se morre uma vez. Basta-nos revoltar os cossacos e a stanitsa é nossa alvitrou Tchumakov.

Fômine, depois de o ter fitado em silêncio, voltou-se para Kapárine:

- Está cansado, Vossa Nobreza? Assoa-me esse nariz. Já que estamos no carro, temos de seguir viagem. Começámos isto juntos e juntos temos de continuar... Na tua opinião, que devemos fazer? Sair da stanitsa ou tentar ainda outro golpe?

Tchumakov declarou com brutalidade:

- Se mais alguém quiser tentar, que o faça. Quanto a mim, não estou para ir ao encontro das metralhadoras. É trabalho inútil.

- Não te estou a pedir conselhos, cala a boca! - disse Fômine, fitando Tchumakov, o qual baixou os olhos.

Após um curto silêncio, Kapárine retomou a palavra:

- Sim, claro, agora é absurdo teimar. Eles têm superioridade em armamento. Catorze metralhadoras e nós nem uma. São mais do que nós... Precisamos de sair daqui para fazer com que os cossacos se juntem a nós. Até que os outros venham a receber reforços, temos tempo de estender a insurreição a todo o distrito. É a nossa única esperança. A única.

Fômine ficou muito tempo calado. Por fim disse:

- Bem, não podemos fazer outra coisa. Vocês, os Chefes de pelotão, tratem imediatamente de verificar o equipamento e de contar os cartuchos de cada homem! É rigorosamente proibido desperdiçá-los. O primeiro que desobedecer, sou eu próprio que o racho com o sabre! Transmitam a ordem.

Calou-se um momento, batendo em seguida uma punhada raivosa sobre a mesa:

- Ah! Aquelas metralhadoras! Foi culpa tua, Tchumakov. Bastavam quatro! Agora vão-nos expulsar da stanitsa, isso é mais do que certo... bom, dispersem-se. Passaremos a noite aqui se não vierem incomodar-nos, e partiremos de madrugada, para darmos uma voltinha pelo distrito...

A noite foi calma. Os insurrectos encontravam-se num dos extremos de Viochénskaja; no outro, estava a companhia de guarda, na qual se haviam incorporado os comunistas e os membros das juventudes comunistas. Os adversários estavam apenas separados por duas ruas, mas nenhum deles se arriscou a um ataque nocturno.

Pela manhã, o esquadrão amotinado abandonou a stanitsa sem combate, partindo na direcção do sudoeste.

XI

Grigóri, depois de partir, passou primeiro três semanas na aldeia de Verkhné-Krivsskoi, no território da stanitsa Elánsskaia, em casa de um camarada do regimento. Depois, seguiu para Gorbatovsski, ficando mais de um mês em casa de um parente afastado de Akcínia.

Passava os dias na sala grande e só saía à noite. Sentia-se prisioneiro, morria de aborrecimento e ociosidade. Atormentava-o o desejo de regressar para ver os filhos e Akcínia.

Muitas vezes, durante as noites de insónia, envergava o capote com a firme resolução de ir a Tatársski, mas mudava sempre de ideias. Então, despindo-se, deixava-se cair sobre a cama a gemer, tapando o rosto com as mãos. Por fim, aquela vida tornou-se-lhe intolerável. O dono da casa, tio de Akcínia, embora tivesse pena dele, não podia albergar eternamente semelhante hóspede. Um dia, depois da ceia, Grigóri, que voltara para o quarto, ouviu a dona da casa dizer ao marido, numa vozinha rancorosa:

- Quando acabará isto?

- Isto, o quê? A que te referes? - perguntou a voz surda do homem.

- Quando é que te desembaraças deste parasita?

- Cala-te!

- Não me calo, não senhor. Já quase não temos para nós e tu manténs em tua casa este diabo corcunda, todos os dias lhe dás de comer. Até quando vai isto durar, pergunto eu? Arriscamos a cabeça e os nossos filhos ficarão órfãos.

- Cala-te, Avdótia.

- Não me calarei, não senhor! Nós temos filhos. Apenas nos restam vinte pudes de trigo e tu alimentas este parasita na nossa casa! Que é ele para ti? Teu irmão? Teu parceiro? Ou teu compadre? Ele pertence à família da mão esquerda e tu recebe-lo, dás-lhe de comer e de beber. Ah! Meu diabo careca!

- Cala-te, não me digas nada, senão amanhã vou ao Soviete, e digo que flor tu tens aqui.

No dia seguinte, o dono da casa, entrando no quarto de Grigóri, disse, de olhos postos no soalho:

- Grigóri Panteleievitch, aceita isto como quiseses, mas não é possível continuares em minha casa... Respeito-te, conheci o teu falecido pai, e também o respeitava, mas agora tornou-se muito difícil para mim continuar a receber-te como hóspede... Depois, tenho medo de que as autoridades ouçam falar de ti. Vai para onde quiseses. Eu cá tenho família. Não estou disposto a arriscar a cabeça por ti. Perdoa-me, pelo amor de Deus, mas tens de nos deixar...

- Está bem - respondeu simplesmente Grigóri. - Obrigado por tudo. Eu próprio também vejo que sou um encargo, mas para onde queres tu que eu vá? Todos os caminhos me estão vedados.

- Vai para onde quiseses.

- Compreendo, partirei hoje mesmo. E obrigado, Artamon Vassilievitch, obrigado por tudo.

- De nada. Não me agradeças.

- Nunca esquecerei o que fizeste por mim. Talvez nos tornemos a encontrar um dia.

Comovido, o outro deu-lhe uma palmada no ombro.

- Não falemos mais nisso. Por mim podias cá ficar ainda dois meses, mas a patroa não quer, rala-me todos os dias, a maldita. Eu sou cossaco e tu também, Grigóri Panteleievitch. Ambos somos contra o poder dos Sovietes e eu quero ajudar-te. Vai até à aldeia de Iagódny, tenho lá um parente que é capaz de te receber. Diz-lhe que é o Artamon quem lhe pede para te tratar como se fosses seu filho, que te sustente e te conserve enquanto puder. Depois farei contas com ele. Mas vai-te daqui hoje. Não posso conservar-te mais tempo, a minha mulher dá cabo de mim e receio que o Soviete venha a saber qualquer coisa... Foste nosso hóspede até hoje, Grigóri Panteleievitch, mas acabou-se. Também eu estou a defender a minha cabeça...

Nessa noite, já tarde, Grigóri saiu da aldeia. Não alcançara ainda o moinho de vento, na colina, quando surgiram três cavaleiros, como se nascessem das entranhas da terra, que o mandaram parar.

- Alto! Filho de uma cadela! Quem és tu?

Grigóri sentiu o coração estremecer. Parou, sem dizer palavra. Seria insensato pensar em fugir. Não havia ali qualquer buraco, qualquer moita. Não o deixariam dar dois passos.

- És comunista! Arreda, filho da puta! Vamos, despacha-te.

Outro homem, que se aproximou a cavalo, ordenou:

- Mãos ao ar! Tira-me essas mãos das algibeiras! Senão Corto-te a cabeça!

Grigóri tirou as mãos dos bolsos do capote sem dizer nada: não compreendia ainda claramente o que lhe sucedera nem por quem fora detido. E inquiriu:

- Para onde me levam?
- Para a aldeia. Voltas para trás.

Um dos cavaleiros escoltou-o até à aldeia. Os dois outros, atravessando o prado, partiram a galope em direcção à estrada.

Grigóri caminhava em silêncio. Ao chegar à estrada, atrasou o passo e disse:

- Diz lá, meu velho, quem são vocês?
- Somos ortodoxos.
- Eu cá também não sou velho crente.
- Então alegra-te.
- Onde é que me levas?
- À presença do chefe. Caminha, monte de esterco, senão...

O cavaleiro empurrou de leve Grigóri com a ponta do sabre. Este sentiu o aço frio e aguçado tocar-lhe no pescoço, entre a gola do capote e o boné, e o terror, logo seguido de uma cólera cega, apoderou-se dele como um fogacho. Levantando a gola, voltou um pouco a cabeça e disse entre dentes:

- Deixa-te de asneiras. Ouviste? Olha que eu tiro-te a arma...
- Caminha, malandro, nada de discussões. Sempre queria ver-te a tirar-me a arma!

Põe as mãos atrás das costas!

Grigóri deu dois passos em silêncio e prosseguiu:

- Estou calado. Mas tu não berres! Que raio!...
- Não te ponhas a olhar para os lados.
- É o que eu faço. Não olho para lado nenhum.
- Cala-te! Anda mais depressa.
- Talvez queiras que vá a trote? - exclamou Grigóri, sacudindo os flocos de neve das pestanas.

O cavaleiro, sem responder, tocou o cavalo. O peitoral deste, molhado de suor e humidade, veio encostar-se a Grigóri; mesmo ao lado das suas pernas, a pata do cavalo esmagou a neve derretida com um ruído de sucção.

- Mais devagar? - disse Grigóri, apoiando a mão na crina do animal.

O cavaleiro, erguendo o sabre à altura da cabeça de Grigóri, disse em voz baixa:

- Caminha, estupor, e não discutas, senão ficas aqui mesmo. Para isso tenho eu a mão leve! Cala-te, nem mais uma palavra!

Guardaram silêncio até à aldeia. O cavaleiro deteve a montada em frente do primeiro pátio e disse:

- Entra aí, nesse portão.

Grigóri obedeceu. Avistou ao fundo do pátio uma casa vasta, com telhado de zinco. Debaixo do telheiro, alguns cavalos sacudiam-se e ruminavam. Ao lado do alpendre encontravam-se uma meia dúzia de homens armados. O cavaleiro embainhou o sabre e disse, enquanto se apeava:

- Sobe os degraus e entra em casa, na primeira porta à esquerda. Não olhes em volta, quantas vezes é preciso dizer-to? Ou tenho de te meter isso à força na cabeça, no fígado ou no baço?

Grigóri subiu lentamente os degraus. Um homem, envergando um capote comprido de cavaleiro e com o boné do exército vermelho, inquiriu:

- Um prisioneiro, aposto?

- Sim, um prisioneiro - respondeu de má catadura a voz roufenha já bem conhecida de Grigóri. Apanhámo-lo perto do moinho de vento.

- É secretário de célula ou coisa parecida?

- Sabe-se lá. Um patife qualquer, mas de que espécie, éo que vamos ver daqui a bocado.

“Ou isto é um bando de revoltosos ou então trata-se da Tcheka de Viochénskkaia e estão a fazer comédia. Deixei-me apanhar, como um autêntico idiota”, pensava Grigóri, deitando olhadelas para o vestíbulo no intuito de se orientar.

A primeira pessoa que viu ao abrir a porta foi Fômine.

Estava sentado a uma mesa, no meio de muitos homens fardados, que Grigóri não conhecia. Os capotes e as peliças curtas amontoavam-se sobre a cama, as carabinas estavam ensarilhadas junto de um banco atravancado de sabres, cartuchos, mochilas, coldres. Aqueles homens, os capotes, todo o equipamento, exalavam um cheiro intenso a suor de cavalo.

Grigóri, tirando o boné, disse a meia voz:

- Bons dias.

- Melekhov! É bem caso para se dizer: o mundo é pequeno.

- Cá nos encontramos todos! Onde vens? Senta-te, põe-te à vontade.

Fômine ergueu-se da mesa e foi direito a Grigóri, de mão estendida.

- Que fazes tu por aqui?

- Vim tratar de umas coisas.

- De umas coisas? Isto é um bocado longe da tua terra...

Fômine examinava Grigóri com um ar inquiridor.

- Diz a verdade, andas fugido, não?

- Andava, sim -, replicou Grigóri com um sorriso contrafeito

- Onde foi que a minha gente te deixou a mão?

- Perto da aldeia.

- Para onde ias tu?

- Seguia a direito.

Fômine, voltando a fitar Grigóri nos olhos, sorriu:

- Pensas que te apanhámos para te mandar para Viochénsskaia, não é? Nada disso, meu caro. Esse caminho está cortado para nós... Não tenhas medo. Não estamos ao serviço do poder dos Sovietes. Desentendemo-nos...

- Divorciámo-nos - acrescentou um velho cossaco de voz profunda que fumava junto ao fogão.

Um dos homens que estavam sentados à mesa desatou a rir alto.

- Não te contaram nada a meu respeito? – inquiriu Fômine.

- Não.

- Pois bem, senta-te à mesa, vamos conversar. Tragam sopa de couve e carne para o nosso convidado!

Grigóri não acreditava uma palavra do que dizia Fômine.

Pálido e crispado, despiu o capote e sentou-se à mesa. Apetecia-lhe fumar, mas recordou-se de que se lhe acabara o tabaco há dois dias.

- Tens alguma coisa que se fume? - perguntou, voltando-se para Fômine.

Este ofereceu-lhe amavelmente uma cigarreira de coiro.

Não lhe passando despercebida a leve tremura dos dedos de Grigóri ao pegar no cigarro, sorriu sob o bigode ruivo e frisado.

- Revoltámo-nos contra o poder dos soviets. Somos pelo povo contra os comissários e a imposição alimentar. Chegou agora a nossa vez, percebes, Melekhov?

Grigóri continuava calado. Acendeu o cigarro e puxou algumas fumaças rápidas. A cabeça andava-lhe ligeiramente à roda e subiu-lhe à garganta uma náusea. Andava a comer mal havia um mês e só agora sentia quanto enfraquecera ultimamente. Apagou o cigarro e desatou a comer avidamente. Fômine relatou em poucas palavras a história da insurreição, os primeiros dias de vagabundagem através do distrito chamava àquilo, pomposamente, o seu “raid”. Grigóri ouvia-o em silêncio, sempre a mastigar pão e carne de carneiro mal cozida.

- Mas escuta lá! Deves ter emagrecido lá onde quer que estavas observou Fômine com um sorriso bonacheirão.

Grigóri, com soluços por ter comido de mais, gaguejou:

- Não estive propriamente em família.

- Isso vê-se logo. Anda, come, enquanto tiveres vontade. Não faças cerimónia.

- Obrigado. Agora queria fumar...

Grigóri pegou num cigarro, dirigiu-se à panela de ferro colocada sobre o banco e tirou água. Era gelada, um bocado salobra. Entontecido pela refeição, emborcou dois grandes copos e depois pôs-se a fumar, deliciado.

- Os cossacos não nos vêem com grande simpatia – prosseguiu Fômine, sentando-se ao lado dele. - Passaram-nas boas, durante a insurreição.. Porém há alguns voluntários. Vieram reunir-se a nós uns quarenta homens. Mas não é isso que basta. Precisamos de levantar todo o distrito e que os distritos vizinhos nos ajudem; o Khopr e Usst-Medvétsskaia. Só então poderemos impor-nos ao poder dos Sovietes.

Falava-se muito alto em volta da mesa. Grigóri, enquanto escutava Fômine, ia observando à socapa os companheiros deste. Nem um só rosto seu conhecido. Continuava a não acreditar em Fômine; pensava que o outro estava usando de manha; por isso mantinha um silêncio prudente. Mas era-lhe igualmente impossível continuar a calar-se.

- Se falas a sério, camarada Fômine, diz-me o que pretendes.

- Fazer uma nova guerra? - inquiriu esforçando-se por combater a sonolência que o assaltava.

- Já te expliquei.

- Derrubar o poder?

- Isso mesmo.

- E o que vais tu pôr no lugar deles?

- O nosso. O poder cossaco.

- Os atamanes?

- Ora, os atamanes! Temos tempo de falar disso. O poder que instituiremos é aquele que o povo escolher. Mas vai levar tempo. Quanto a mim, não tenho opinião política. Sou um homem de guerra. A minha tarefa é suprimir os comissários e os comunistas. Quanto ao poder, fala com Kapárine, o meu chefe de Estado-Maior. Esse é que é um homem com ideia, um tipo instruído.

Fômine, curvando-se para a frente, murmurou:

- Antigo capitão do Estado-Maior do Exército Imperial. Um sábio. Neste momento está a dormir no quarto grande. Encontra-se um pouco adoentado, falta de hábito, sem dúvida. Temos feito grandes marchas.

Ouviu-se de súbito um alarido no átrio, um arrastar de pés, um gemido, depois este grito abafado: “Chega-lhe na cara!”

As conversas em volta da mesa calaram-se todas ao mesmo tempo. Fômine lançou um olhar inquieto para a porta que se abria até atrás. Um vapor esbranquiçado penetrou no compartimento, junto ao chão. Um homem alto, em cabelo, vestido de caqui e com botas de feltro cinzento, entrou, impelido por um encontrão sonoro nas costas, deu alguns passos aos tropeções e foi bater violentamente com o ombro numa saliência do fogão. Do átrio, alguém exclamou alegremente, antes de fechar a porta com estrondo:

- Mais um!

Fômine, erguendo-se, compôs o cinto do blusão.

- O que és tu? - perguntou com autoridade.

O homem, ofegante, passou a mão pelos cabelos, tentou mover as omoplatas e fez um esgar de dor. A contusão que recebera na coluna vertebral fora produzida sem dúvida por qualquer coisa dura, talvez uma coronha.

- Porque não falas? Perdeste a língua? O que és tu, já te perguntei?

- Sou do Exército Vermelho.

- De que unidade?

- Décimo segundo regimento. Abastecimento.

- Ah, ah! Boa caçada! - disse, sorrindo, um dos que se encontravam em volta da mesa.

Fômine prosseguiu:

- Que fazias tu aqui?

- Era do destacamento de barragem... Tinham-nos mandado para aqui...

- Estou a perceber. Quantos estavam na aldeia?

- Catorze.

- Onde se encontram os outros?

O soldado vermelho, sem responder, apenas abriu a custo os lábios. Na sua garganta começou a borbulhar qualquer coisa e escorreu-lhe um fio de sangue do canto da boca até ao queixo. Limpou os lábios, olhando para a palma da mão, passou-a sobre as calças.

- Foi aquele malandro... um dos seus homens... furou-me os pulmões... declarou numa voz gorgolejante, a engolir o sangue.

- Não tenhas medo, nós vamos tratar-te da saúde - declarou num tom irónico um cossaco entroncado, erguendo-se da mesa, enquanto piscava o olho à assistência.

- Onde estão os outros? - repetiu Fômine.

- Foram com o carro na direcção de Elánsskaia.

- Donde és tu? De que terra és natural?

O vermelho olhou para Fômine com os seus olhos azuis, brilhantes de febre, cuspiu sangue coalhado e respondeu em voz baixa, agora lenta e audível:

- Do governo de Pskov.

- Pskov, Moscovo, já conhecemos esses tipos... - disse Fômine ironicamente. - Vieste de longe, meu rapaz, para tirar o pão dos outros... bom, acabou-se a conversa. Que havemos de fazer de ti?

- Deixar-me ir embora.

- Resolves logo tudo! Mas talvez te deixe partir, afinal de contas, que dizem vocês, rapazes?

Fômine voltara-se para os outros e sorria atrás do bigode.

Grigóri, ao observar atentamente o que se passava, viu um sorriso cúmplice e disfarçado nos rostos morenos e tismados de todos aqueles homens.

- Podíamos tê-lo ao nosso serviço durante um mês ou dois e em seguida mandávamo-lo ir ter com a mulher - disse um deles.

- Talvez queiras ficar a combater connosco, de verdade. - disse Fômine, esforçando-se por esconder o sorriso. - Dávamos-te um cavalo, uma sela e, em lugar dessas botas de feltro, umas novas de cano largo... Os vossos chefes trazem-vos mal equipados. Então isso é que é calçado? Nesta altura do degelo, com botas de feltro! Vais ficar connosco, hem?

- Ele é um camponês, nunca montou a cavalo na sua vida - balbuciou um dos cossacos, fazendo a voz fininha como a de um palhaço.

O homem continuava calado. Encostado ao fogão, olhava em torno com os seus olhos claros e luminosos. De tempos a tempos, fazia um esgar de dor e entreabria a boca, como se lhe custasse a respirar.

- Ficas connosco ou não? inquiriu Fômine.

- E quem são vocês?

- Nós?

Fômine, erguendo as sobrancelhas, alisou o bigode.

- Nós combatemos pelo povo trabalhador. Somos contra o jugo dos comissários e dos comunistas, é isso que nós somos.

Grigóri viu surgir um sorriso no rosto do soldado vermelho.

- Ah, é isso... E eu que perguntava a mim próprio: quem será esta gente?

O prisioneiro sorria, descobrindo os dentes avermelhados pelo sangue. Parecia surpreendido com a novidade, mas qualquer coisa na sua voz fez arrebitar a orelha a todos os circunstantes.

- Então vocês segundo dizem, estão a lutar pelo povo?

- Pois, pois. Mas, para nós, não passam de bandidos. E querem que fique convosco? Não, só a brincar!

- Pelo que vejo também tu gostas de brincar... - disse Fômine de olhos semicerrados. E acrescentou num tom breve: - És comunista?

- Que ideia! Não tenho partido.

- Quem tal diria!

- Palavra de honra, não tenho partido.

Fômine, depois de aguçar o pigarro, voltou-se para a mesa:

- Tchumakov! Despacha-o!

- Não me devem matar. Eu não fiz nada - disse baixinho o soldado vermelho.

Ninguém lhe respondeu. Tchumakov, muito elegante e espadaúdo, vestido com um colete de cabedal de proveniência inglesa, ergueu-se sem pressas, passou a mão pelos cabelos castanhos que já de si eram lisos.

- Estou a ficar farto destes trabalhos - declarou, apelando para toda a sua coragem.

Foi procurar o sabre entre os outros amontoados no banco e experimentou-lhe o fio com o dedo.

- Escusas de fazer o trabalho sozinho - aconselhou Fômine.

- Pede aos tipos lá de fora que te ajudem.

Tchumakov olhou friamente o vermelho, da cabeça aos pés, e disse:

- Passa à frente, meu lindo.

O outro afastou-se vagarosamente do fogão, todo curvado, dirigindo-se para a porta, a deixar atrás de si, no soalho, as marcas das botas molhadas.

- Antes de entrares, podias ter limpo os pés. Deixas tudo sujo de lama... És um porcalhão, camarada declarou Tchumakov, com fingida irritação, seguindo atrás do prisioneiro.

- Diz que o levem para a viela ou para a granja. Perto da casa, não. Os donos podem não gostar! - gritou Fômine nas costas deles.

Aproximou-se de Grigóri, que ocupava o lugar a seu lado.

- Justiça rápida, hem?

- Sim, rápida respondeu Grigóri, evitando encontrar-lhe os olhos.

Fômine suspirou.

- Não há remédio. Na hora presente não podemos fazer outra coisa.

Quis ainda prosseguir, mas ouviu-se um barulho de passos no alpendre, alguém gritou, estalou um tiro isolado.

- Que raio é isto? exclamou Fômine com irritação.

Um dos homens que estava sentado à mesa, levantando-se de um pulo, foi abrir a porta com um pontapé.

- Que foi isso? gritou para o escuro.

Tchumakov, entrando, explicou animadamente:

- O tipo é vivaço! Malandro! Saltou do patamar e deitou a correr pelos campos fora.

Foi preciso dar-lhe um tiro. Os rapazes vão agora acabar com ele...

- Diz que o tirem do pátio e o levem para a viela.

- Foi o que fiz, Iakov Efimovitch.

Seguiu-se um momento de silêncio. Depois alguém perguntou, a reprimir um bocejo:

- Como está o tempo, Tchumakov? Mais desanuviado?

- Ainda há nuvens.

- Se chove, a última neve vai derreter.

- Que raio de interesse tens tu nisso?

- Interessa-me porque não estou disposto a patinhar na lama.

Grigóri, aproximando-se da cama, tirou o boné.

- Onde vais tu? inquiriu Fômine.

- Arejar um bocado

Grigóri saiu para o alpendre. A Lua, que acabava de surgir de trás de uma nuvem, brilhava frouxamente. O pátio vasto, o telhado das dependências, as copas nuas e triangulares dos choupos erguidos para o céu, os cavalos presos às estacas, debaixo das mantas, tudo estava envolto na luz azulada e transparente da noite. A poucas ságenas do alpendre, o soldado abatido jazia com a cabeça deitada numa poça de água do degelo, com reflexos baços. Três cossacos curvavam-se sobre ele, afadigados, a falarem em voz baixa.

- Ainda respira, caramba! - disse um deles, despeitado.

- Ah, meu estúpido, é assim que se dá o golpe de misericórdia? Eu bem te disse que lhe batesses na cabeça. Eh, sua besta!

Um cossaco de voz rouca aquele mesmo que escoltara Grigóri respondeu:

- Está quase a acabar. Teve um soluço, é o fim... Mas levanta-lhe a cabeça, assim não consigo despi-lo. Agarra-o pelo cabelo. Agora segura-o bem!

Ouviu-se um barulho de ventosa na água. Um dos homens ergueu-se. O da voz rouca, que estava acorado, tirou o colete do moribundo, sempre a resmungar. Após um momento de silêncio, disse:

- Tenho a mão leve de mais, por isso é que ele ainda não acabou. Acontecia o mesmo em minha casa, às vezes, quando matava um porco... Atenção, não o deixes cair, caramba!...

- Sim, acontecia o mesmo quando eu matava um porco lá em casa. Cortava-lhe as goelas de um lado ao outro e o malandro, levantando-se, deitava a correr pelo pátio fora. E a coisa demorava muito tempo. Continuava a correr e a bufar, todo a escorrer sangue. Já não respirava, mas continuava vivo. Tudo por causa de eu ter a mão leve. Pronto, deixa-o cair... Ainda respira? Então, rapaz?! Mas eu fui até ao osso...

O terceiro cossaco desdobrou o casaco tirado ao vermelho e disse:

- Sujaste de sangue todo este lado... Até se pega às mãos, raio! Que porcaria!

- Isso tira-se. Não é como a gordura - respondeu calmamente o da voz rouca, acocorando-se de novo. - Isso sai quando o lavares. Não tem importância.

- Que estás tu a fazer? Também lhe queres tirar as calças? - perguntou o primeiro, descontente.

O outro respondeu com brutalidade:

- Se tens pressa, vai tratar dos cavalos. Cá nos arranjaremos sem ti. Não vamos deixar tudo isto!

Grigóri, voltando bruscamente as costas, entrou em casa. Fômine acolheu-o com um olhar rápido e penetrante. Depois ergueu-se.

- Vamos conversar para a sala grande. Aqui há muito barulho

A sala grande, muito aquecida, cheirava a ratos e a semente de cânhamo. Sobre a cama dormia um homenzinho com um casaco de caqui, de braços e pernas esticados. Tinha os cabelos ralos em desalinho, cobertos de penas e penugem. Apoiava o rosto numa travesseira suja, sem fronha. Um candeeiro de suspensão iluminava-lhe o rosto pálido, com a barba por fazer

Fômine acordou-o e disse:

- Levanta-te, Kapárine. Temos visitas. Um dos nossos. É o Grigóri Melekhov, antigo tenente.

Kapárine pôs os pés no chão e, depois de esfregar a cara, levantou-se e estendeu a mão a Grigóri com um leve cumprimento de cabeça:

- Muito prazer. Capitão do Estado-Maior Kapárine.

Fômine ofereceu amavelmente uma cadeira a Grigóri e ele próprio foi sentar-se sobre a arca. Ao ver a expressão de Grigóri, percebera sem dúvida que a execução sumária do soldado vermelho lhe causara uma impressão desagradável. Disse:

- Não vás imaginar que somos assim tão duros com todos. A verdade é que este animal fazia parte de um destacamento de abastecimento. A esses e aos comissários não os poupamos. Para os outros somos tolerantes. Olha, ainda ontem apanhámos três milicianos:

ficámos-lhe com os cavalos, as selas e o armamento, mas a eles mandámo-los embora. De que nos serviria matá-los?

Grigóri não respondeu. Reflectia, com as mãos poisadas sobre os joelhos, e a voz de Fômine chegava-lhe como que em sonhos.

- Entretanto, vai-se combatendo - prosseguiu Fômine. - Não abandonamos a ideia de fazer um levantamento dos cossacos. O poder dos Sovietes não se aguenta. Dizem que há guerra por todos os lados. Grassam insurreições pelo país inteiro, na Sibéria, na Ucrânia e até mesmo em Petrogrado. A frota revoltou-se na fortaleza, como é que se chama...

- Cronstadt - disse Kapárine.

Grigóri, erguendo a cabeça, fitou Fômine com os olhos vagos, sem o ver, depois voltou-se para Kapárine.

- Toma lá um cigarro -, disse Fômine estendendo-lhe a cigarreira. - Vês que eles já estão em Petrogrado e agora avançam sobre Moscovo. É por toda a parte a mesma coisa. Não são alturas de nos deixarmos adormecer. Vamos revoltar os cossacos, derrubaremos o poder dos Sovietes e então, se os cadetes nos ajudarem, tudo correrá bem. Como são pessoas instruídas, se eles formarem um governo, apoiá-los-emos.

Calou-se, inquirindo em seguida:

- Que pensas disto, Melekhov: se os cadetes regressarem do mar Negro e nos juntarmos a eles, achas que levarão em conta o facto de termos sido os primeiros a revoltar a retaguarda? Kapárine entende que isso não oferece dúvidas, que eles terão isso em conta. Decerto não vão culpar-me por ter retirado da frente o vigésimo oitavo exército e por haver servido durante dois tristes anos o poder dos Sovietes.

“É aí que tu queres chegar. Estúpido e bazófia. .”, pensou Grigóri. E deixou escapar um sorriso. Fômine esperava uma resposta. A questão, pelos vistos, era para ele muito importante.

Grigóri disse, contrariado:

- O caso é melindroso.

- Pois é, pois é aprovou Fômine. Eu digo isto por dizer. Depois se verá. De momento é preciso agir, aniquilar os comunistas na retaguarda. Não é difícil, basta fazer-lhes a vida negra. Eles meteram a sua pobre infantaria nas viaturas e julgam poder apanhar-nos com isso... Pois que experimentem! Antes que a cavalaria vermelha se vá reunir a eles já nós demos uma reviravolta a todo o distrito.

Grigóri olhava de novo na sua frente. Kapárine, depois de pedir desculpa, voltou a deitar-se.

- Estou muito cansado. Fazemos marchas incríveis – declarou com um sorriso constrangido.

- Também nós estamos fatigados. São alturas de ir descansar - propôs Fômine
Levantando-se, foi poisar a manápula no ombro de Grigóri.

- Fizeste bem em escutar os meus conselhos, Melekhov, naquele dia em Viochénsskaia. Se não tivesses fugido, estavas frito a estas horas. Encontravas-te decerto enterrado debaixo das dunas, com as unhas a apodrecer... Isso é claro como água. Então que resolves? Diz, para nos irmos deitar.

- Que queres tu que eu diga?

- Se ficas ou não connosco. Não vais passar a vida inteira a esconder-te dos outros.

Grigóri já esperava por aquela pergunta. Tinha de escolher: ou continuar a ocultar-se de aldeia em aldeia, a viver sem tecto nem pão, a consumir-se de angústia até que algum dos seus amigos o acusasse, ou então entregar-se como prisioneiro no gabinete político ou finalmente seguir Fômine. Escolheu pois esta última hipótese. Pela primeira vez nessa noite, fitou o outro nos olhos e disse com um sorriso que lhe torcia os lábios:

- Sou obrigado a escolher como na história dos cavaleiros: se sigo pela direita, matam-me, se vou pela esquerda, tiram-me o cavalo... Três caminhos, todos eles bloqueados...

- Escolhe, não penses em histórias. Histórias dessas ficam para serem contadas mais tarde.

- Como não tenho para onde ir, sou realmente forçado a escolher.

- Então?

- Junto-me ao teu bando.

Fômine fez uma careta e mordeu o bigode.

- Não deves dizer essa palavra. Bando, porquê? Os comunistas é que nos chamam assim. Da tua parte isso não está certo. Deves dizer os insurrectos. Assim é que é exacto.

A contrariedade de Fômine foi de curta duração. Estava radiante com a decisão de Grigóri e não conseguia ocultá-lo.

Declarou, a esfregar vigorosamente as mãos:

- Eis um belo reforço para o nosso regimento. Estás a ouvir, capitão do Estado-Maior? Vamos dar-te um pelotão, e se não quiseses comandá-lo ficas a trabalhar no Estado-Maior com Kapárine. Dou-te o meu cavalo. Tenho outro de reserva.

XII

De madrugada, a temperatura desceu ligeiramente. As poças cobriram-se de um gelo azulado. As ferraduras dos cavalos deixavam marcas redondas e nítidas, que se esfarelavam.

Porém o degelo da véspera fizera desaparecer por completo a neve, e a terra nua, coberta pela erva morta do ano anterior, cedia de leve sob as patas dos cavalos produzindo um ruído surdo.

O destacamento de Fômine formava-se em coluna de marcha atrás da aldeia. Ao longe, na estrada, recortavam-se as silhuetas de seis cavaleiros que precediam o destacamento da vanguarda.

Fômine, chegando a cavalo junto de Grigóri, disse a sorrir:

- Aqui está o meu exército. com tipos destes somos capazes de partir um corno ao diabo.

Grigóri relanceou os olhos pela coluna e pensou tristemente: “com a tua coluna terias caído logo em face do meu esquadrão do exército de Budionny, fazíamos-te em migalhas.”

Apontando os seus homens com a ponta do bengalim, Fômine inquiriu:

- Que tal te parecem?

- Já vi que sabem trespassar com o sabre os prisioneiros e depois despi-los, mas no combate não sei como se comportam - respondeu secamente Grigóri.

Fômine, voltando as costas ao vento, acendeu um cigarro e declarou:

- Hás-de vê-los no combate. Chegam-me cada vez mais antigos combatentes. com esses podemos contar.

No meio da coluna tinham tomado posição seis carros carregados de cartuchos e alimentos. Fômine pôs-se a cavalo à frente e deu ordem de marcha. Quando chegaram ao alto da colina, aproximou-se novamente de Grigóri:

- Então, que tal o meu cavalo? Agrada-te?

- É um bom cavalo.

Galoparam a par durante um bocado, depois Grigóri inquiriu:

- Fazes tenção de parar em Tatárski?

- Estás com saudades da tua gente?

- Gostava de fazer uma visita.

- Talvez dêmos por lá uma volta. De momento, tenciono cortar para o Tchir para agitar os cossacos, sacudi-los um pouco.

Porém os cossacos não estavam com vontade nenhuma de serem sacudidos. Grigóri verificou isso nos dias que se seguiram. De cada vez que ocupavam uma aldeia ou uma stanitsa, Fômine mandava reunir a população. Usava ele próprio geralmente da palavra, outras vezes era substituído por Kapáriine. Chamavam os cossacos às armas, falavam-lhes do fardo que os soviets fazia pesar sobre os lavradores, da ruína, que seria inevitável, se o poder dos Soviets não fosse derrubado. Fômine não discursava de uma forma tão concreta e lógica como Kapárine, mas era mais eloquente e a sua linguagem mais compreensível para o povo. Terminava em geral com as mesmas frases aprendidas de cor: “A partir de hoje, nós desobrigamo-vos da imposição alimentar. Não voltareis mais a entregar o trigo nos postos de armazenamento. São alturas de deixarmos de alimentar os parasitas comunistas. Eles engordaram com o vosso trigo, mas os estrangeiros não mais darão ordens entre nós. Vós sois homens livres. Armai-vos e apoiái o nosso poder. Hurra, pelos cossacos!”

Estes, olhando para o chão, ficavam calados, com um ar aborrecido; as (mulheres, em contrapartida, não metiam a língua no saco. Das suas fileiras cerradas partiam perguntas embaraçosas e exclamações.

- É lindo, o teu poder. Mas não tens sabão para nos dar?

- Onde trazes tu o poder, no saco?

- E vocês, que pão é que comem?

- Aposto que agora vão mendigar pelas herdades?

- Eles têm sabres, cortam a cabeça às galinhas sem pedirem licença a ninguém.

- O quê? Não entregamos o trigo? Vocês hoje estão aqui, amanhã sabe-se lá onde, e a nós é que os outros vêm pedir contas.

- Não vos daremos os 'nossos homens. Façam a vossa guerra sozinhos.

Furiosas, as mulheres gritavam ainda muitas coisas mais, pois os anos de luta haviam-nas esclarecido; temiam nova guerra e agarravam-se aos seus homens com a energia do desespero.

Fômine escutava com indiferença esses gritos de fúria que apreciava pelo seu justo valor. Esperava que voltasse a reinar a calma, e então dirigia-se aos homens, que lhe respondiam em poucas palavras, sem perderem a cabeça:

- Não nos podes obrigar, camarada Fômine. Estamos fartos de guerra.

- Já fizemos a experiência. Revoltámonnos em 1919.

- Não há com que fazer uma insurreição. E depois, de que serviria? De nada, neste momento.

- São alturas de se semear, e não de combater.

Certo dia, um homem gritou, nas últimas filas:

- Hoje falas bem. Mas onde estavas tu em 1919, durante a insurreição? Tarde acordaste, Fômine.

Grigóri olhou para Fômine. Este mudou de cor, mas, contendo-se, não respondeu.

Durante uma semana suportou com certa calma as objecções dos cossacos e as suas breves recusas; os gritos e as injúrias das mulheres nem sequer conseguiam alterar a sua boa disposição. “Não tem importância, acabaremos por os converter”, afirmava com segurança, a alisar o bigode. Porém, quando se convenceu de que a massa dos cossacos lhe era desfavorável, mudou bruscamente de atitude para com as pessoas que intervinham no decurso dessas reuniões. Falava sem descer da sela, ameaçava mais do que procurava persuadir o auditório. O resultado era o mesmo: aquela gente em que esperava apoiar-se escutava-lhe a arenga em silêncio e em silêncio dispersava.

Certa vez, numa aldeia, uma mulher tomou a palavra a seguir a ele para lhe responder. Era alta e forte, viúva, tinha uma voz rouca e fazia gestos largos com os braços, como um homem. O seu rosto espesso, marcado das bexigas, reflectia uma resolução agressiva, os seus lábios grossos e revirados torciam-se continuamente num sorriso de desprezo. Apontando com a mão vermelha e carnuda na direcção de Fômine, que se erguia na sela com uma imobilidade de pedra, cuspiu palavras venenosas:

- Porque vens tu amotinar as pessoas? Para onde queres levar os nossos homens? Para algum buraco? Pensas que esta guerra maldita não fez já bastantes viúvas? Bastantes órfãos? Quererás tu chamar novas desgraças para cima das nossas cabeças? Quem é esse tzar libertador que nos vem de Rubejni? Fazias melhor se organizasses as coisas na tua terra, se evitasses a ruína. Isso é que te daria experiência e te faria conhecer o que está certo e o que não está. Mas todos nós sabemos que a tua mulher é uma escrava, enquanto tu arrebitas os bigodes e te passeias a cavalo para amotinar o povo. A tua casa, se o vento a não aguentasse, já teria caído em ruínas há muito tempo. E vens para aqui dar lições! Não respondes, meu alarve. Não é verdade o que eu digo?

Um riso breve, perpassando por entre a multidão, murmurou como a brisa e extinguiu-se. A mão esquerda de Fômine, poisada no pomo da sela, abanava lentamente as rédeas, o seu rosto estava negro de raiva contida, mas calava-se, enquanto puxava pela cabeça à procura de uma saída à altura das circunstâncias.

- E que poder é esse que nos vens pedir para apoiarmos?! - prosseguiu com força a viúva, desvairada.

Avançava lentamente para Fômine, de mãos na cinta, agitando as ancas. Os homens abriam-lhe caminho, escondendo os sorrisos e baixando os olhos trocistas. Formavam círculo, como para uma dança, afastando-se, a empurrarem-se uns aos outros.

- O poder de que falas és tu e mais ninguém continuava a viúva na sua voz grave. Arrasta-lo contigo atrás de ti e nunca ficas mais de uma hora no mesmo lugar. “Hoje a cavalo e amanhã de rastos”, é o que te vai acontecer, a ti e ao teu poder.

Fômine, enterrando as esporas nos flancos do cavalo, avançou para a multidão que recuou em todos os sentidos.

A viúva ficou sozinha no meio de um grande círculo. Passara por muita coisa na vida, por isso olhava tranquilamente o cavalo que mostrava os dentes e o rosto do cavaleiro, pálido de furor.

Ao chegar mesmo junto dela Fômine ergueu o chicote.

- Calas-te, minha porca bexigosa!... Então queres armar sarilho?

A intrépida viúva estava mesmo por baixo da cabeça do cavalo, de pescoço encolhido e boca arreganhada. Uma chapada de baba verde caiu do freio para cima do xale preto e daí para o rosto dela. Depois de o limpar com um piparote, recuou dois passos.

- Então tu tens o direito de falar e nós não? - gritou, fitando em Fômine os olhos esbugalhados, cintilantes de cólera.

Fômine não lhe bateu, mas berrou, agitando o chicote

- Merda de bolchevista! Hei-de tirar-te toda a manha do corpo. Levanto-te as saias e dou-te tantas chibatadas que acabarás por ganhar juízo!

A viúva recuou mais dois passos. De repente, voltando as costas a Fômine, curvou-se e levantou as saias.

- E isto, nunca viste, soldado exclamou.

Depois, erguendo-se com surpreendente agilidade, fez de novo frente a Fômine:

- Queres bater-me, a mim? Não tens coragem!

Fômine cuspiu com raiva e esticou as rédeas para segurar o cavalo, que recuava.

- Tapa lá isso, minha velha burra. Estás contente por teres tanta carne? disse muito alto, esforçando-se por manter uma expressão severa.

Um riso abafado percorreu a multidão. Um dos soldados de Fômine, no intuito de defender a honra ultrajada do seu chefe, correu para a viúva brandindo a coronha da carabina, mas logo um tipo alentado, muito mais alto do que ele, veio proteger a mulher com os ombros, dizendo calmamente, mas num tom muito significativo:

- Não lhe tocas!

Mais três homens da aldeia, acorrendo, empurraram para trás a viúva. Um deles, ainda jovem e de cabeleira abundante, murmurou para o soldado de Fômine.

- Porque ergues o braço dessa maneira? Deves mostrar a tua coragem é na colina. Nos pátios das herdades qualquer um é valente .

Fômine dirigiu-se a passo até à cerca. Aí pôs-se de pé nos estribos.

- Cossacos! Reflectam! - gritou para a multidão que dispersava lentamente. - Para já estou a falar-vos a bem. Mas dentro de oito dias voltaremos e a nossa linguagem será diferente.

De súbito, sem qualquer motivo aparente, recuperara o bom humor. Então gritou, rindo-se, a examinar o cavalo que caracolava sem sair do mesmo sítio:

- Não, nós não somos cobardes. Vocês não nos metem medo com as vossas mulheres e os seus (aqui empregou algumas expressões obscenas). Já vimos muitas bexigas como esta e outras que o não são. Nós voltaremos e, se nessa altura nenhum de vocês se apresentar voluntariamente para fazer parte do nosso batalhão, mobilizaremos à força todos os jovens cossacos. Fiquem sabendo isto de uma vez para sempre. Não temos tempo para perder convosco a fazer-vos namoro.

Entre a multidão que se imobilizara por momentos esfuziaram risos e conversas animadas. Fômine, sempre a sorrir, comandou:

- A cavalo!

Muito vermelho com o esforço que fazia para dominar o riso, Grigóri aproximou-se do seu pelotão.

O destacamento de Fômine, a desfilar pela estrada lamacenta, alcançara a colina, deixando para trás a aldeia hostil, mas Grigóri, sempre a sorrir: pensava: “Ainda bem que nós, os cossacos, somos uns tipos alegres. Rimos mais facilmente do que choramos. Se fôssemos a tomar tudo a sério valha-nos Deus! com esta vida que levamos já há muito nos teríamos enforcado a todos.”

Essa boa disposição conservou-a ele até à paragem seguinte, e foi só então que compreendeu, cheio de amargura e de angústia, que o empreendimento de Fômine estava votado ao fracasso pela impossibilidade de revoltar os cossacos.

XIII

A Primavera estava a chegar e o sol era mais quente. A neve derreteria nas encostas expostas ao Sul e a terra, avermelhada pela erva do ano anterior, cobria-se já ao meio-dia de um vou de névoa azulada e transparente. Nos locais soalheiros, sobre os túmulos, as hastes aceradas das coroas-de-rei, de um verde brilhante, surgiam por baixo das pedras enterradas na terra argilosa. Os campos lavrados no Outono estavam nus. Desertando dos caminhos de Inverno, as gralhas emigravam para as eiras, instalavam-se nos trigos do Outono inundados pelas águas do degelo. As ravinas e as concavidades do terreno conservavam uma neve azulada, a ressumar água; soprava ainda um hálito frio, mas os regatos invisíveis murmuravam com a sua voz doce e melodiosa sob a neve das encostas, e as copas dos choupos, nos bosques, começavam a tingir-se, imperceptivelmente, de um verde tenro.

Aproximava-se a época dos trabalhos, e o bando de Fômine diminuía a olhos vistos. Todas as manhãs faltava um ou dois homens: certo dia desapareceu de uma só vez meio pelotão: oito homens com os seus cavalos e armamento tinham partido para Viochénsskaia a fim de se renderem. Era preciso lavar e semear. A terra convidava ao trabalho, e muitos homens de Fômine, convencidos da inutilidade do combate, abandonaram furtivamente o bando, regressando a casa. Só ficavam os duros, os que não podiam mesmo regressar, aqueles cujas culpas em face do poder dos Sovietes eram demasiado grandes para terem esperanças de perdão.

Nos primeiros dias de Abril, Fômine não tinha consigo mais do que vinte e seis homens. Grigóri contava-se entre esses. Não tivera coragem de regressar a casa. Estava firmemente convencido de que a causa de Fômine podia considerar-se perdida e que, mais tarde ou mais cedo, o bando seria destruído.

Ficariam feitos em pedaços no primeiro recontro com qualquer unidade de cavalaria regular do Exército Vermelho. Mas continuava a andar com Fômine e a manter-se às ordens deste, com a esperança secreta de que, quando chegasse o Verão, apoderando-se de qualquer maneira de dois cavalos dos melhores, partiria de noite com destino a Tatársski, e dali para o Sul, em companhia de Akcínia. A estepe do Don é vasta, não faltam espaços e estradas desertas; no Verão, todos os caminhos estão livres e em toda a parte se encontra refúgio.

Pensava alcançar o Kúbano a pé, com Akcínia, depois de haver abandonado os cavalos algures, indo instalar-se então ali, junto às montanhas, longe da terra natal, à espera do fim daqueles tempos conturbados. Não via outra solução.

A conselho de Kapárine, Fômine resolveu passar para a outra margem do Don, antes da derrocada dos gelos. Em caso de necessidade, poderia assim escapar às perseguições internando-se nos bosques que abundam no distrito do Khopr.

O bando atravessou o Don a montante da aldeia de Ribni.

De longe em longe, nos sítios dos rápidos, o gelo derreteria. A água brilhava em escamas de prata sob o claro sol de Abril mas em todos os locais onde o caminho de Inverno se elevava uma arquine acima do nível do gelo, o Don permanecia inviolável. Colocaram jangadas de ramos de árvores nas margens e fizeram passar os cavalos um a um, seguros pelas rédeas; uma vez na outra margem, o destacamento, voltando a formar, partiu em direcção da stanitsa de Elánsskaia, depois de ter sido enviada uma patrulha de reconhecimento.

No dia seguinte, Grigóri encontrou um homem da sua aldeia, o velho Tchumakov, o cegueta. Dirigia-se a Griaznovski, a casa de uns parentes, e cruzou-se com o bando a pouca distância da aldeia. Grigóri, tomando o velho de parte, perguntou-lhe:

- Os meus filhos estão bons, tiozinho?

- Deus os guarde, Grigóri Panteleiévitich. Estão de saúde.

- Quero pedir-te um grande favor, tiozinho: dá-lhes saudades minhas e também à minha irmã Evdókia Panteleiéвна ao Prokhor Zikov, e diz à Akcínia Astakhov que espere por mim dentro em breve. Mas, fora eles, não digas a ninguém que me encontraste, percebes?

- Farei como tu dizes, meu amigo, prometo. Não te preocupes, darei o recado certo.

- Que há de novo lá pela aldeia?

- Nada, tudo velho.

- Kochevói continua presidente?

- Continua.

- Ninguém da minha família teve qualquer aborrecimento?

- Que eu saiba, não. Parece que os deixam em paz. E porque não haviam de deixar?

Não são responsáveis por ti...

- Que se diz lá pela aldeia?

O velho assoou-se, limpou com vagares o bigode e a barba a um lenço vermelho; por fim respondeu evasivamente:

- Só Deus sabe tudo o que se diz... Conta-se tanta coisa, cada um acrescenta um ponto. Vocês tencionam fazer a paz dentro em breve com o poder dos Sovietes?

Que havia de responder? Grigóri sorriu e disse, sempre a segurar o cavalo que queria ir atrás do destacamento:

- Não sei, tiozinho. Neste momento ainda não está nada resolvido.

- Não está nada resolvido? Então nós batemo-nos com os Tcherkesses e com os Turcos e mesmo assim acabámos por fazer a paz. E vocês, entre gente do mesmo país, não conseguem entender-se... Isso não está certo, Grigóri Panteleievitch, não está certo, sou eu que to digo. O bom Deus, que vê tudo, não vos perdoará, lembra-te do que -te afirmo. Então isto é uma coisa normal? Vocês são todos russos, ortodoxos, e não conseguem entender-se. Podiam ter lutado durante uns tempos, vá, mas isto dura há quatro anos! É um pobre velho que o diz: já basta!

Grigóri, despedindo-se do homem, partiu a galope para se reunir ao pelotão. Tchumakov ficou muito tempo imóvel, apoiado ao pau, a limpar com a manga a órbita vazia, molhada de lágrimas. com o seu olho único, que era no entanto apurado como o de um rapaz, via Grigóri afastar-se, admirava a sua figura altiva, murmurando baixinho:

- É um belo cossaco, não lhe falta nada, figura e tudo, mas desviou-se... saiu do bom caminho. Era seu dever lutar com os Tcherkesses, mas que mais quer ele agora? Que lhe importa o governo? E que lhes teria passado pela cabeça a todos esses jovens cossacos? O Gricha não admira, já é de família. O falecido Pantelei também era maluco e quando me lembro do avô Rrokófi... esse não passava de um estarola, não era um homem... Mas os outros cossacos, que é que se lhes meteria na cabeça? Diabos me levem se percebo!

Agora, quando ocupava uma aldeia, Fômine já não reunia a população. Compreendera a inutilidade da propaganda. Neste momento importava-lhe mais conservar os combatentes que tinha do que recrutar outros novos. Tornara-se macambúzio, menos falador. Começara a procurar consolo na aguardente. Nos lugares onde podia demorar-se uma noite havia sempre grossa bebedeira. Os homens bebiam todos, seguindo o exemplo do chefe. A disciplina abrandara. Os casos de pilhagem tornavam-se mais frequentes. As casas dos funcionários dos Sovietes, abandonadas pelos seus moradores ao saberem que o bando se aproximava, eram esvaziadas de tudo quanto podia ser transportado na sela de um cavalo. Muitos dos homens levavam os alforges a deitar por fora. Certo dia, Grigóri viu um homem do seu pelotão na posse de uma máquina de costura portátil. Abandonando a rédea sobre o pomo da sela, levava a máquina debaixo do braço esquerdo. Grigóri teve de servir-se do chicote para o obrigar a largar a presa. Nessa noite, Grigóri travou uma

violenta alteração com Fômine. Estavam ambos sozinhos num quarto, Fômine sentado à mesa, bêbado como um cacho, e Grigóri a passear de um lado para o outro.

- Senta-te, não andes sempre a dançar diante da minha vista! - disse Fômine irritado.

Sem lhe dar ouvidos, Grigóri continuou a passear ainda um bom bocado dentro do quartinho cossaco. Disse por fim:

- Estou farto disto, Fômine. É preciso acabarmos com a pilhagem e com toda esta farsa.

- Tiveste hoje algum sonho mau?

- Tu achas graça... Mas as pessoas começam a dizer mal de nós.

- Bem vêes que não tenho mão na minha gente - confessou Fômine contra vontade.

- Nem sequer tentas.

- Tu não tens nada que me dar ordens. E as pessoas a quem te referes não me merecem consideração. Trabalhamos para eles e os patifes... Eu penso aquilo que quero e isso me basta.

- Mas pensas mal. A bebida não te deixa pensar. Há quatro dias que não fazes outra coisa senão dormir, enquanto os outros bebem. Até as sentinelas se embebedam de noite. Que queres tu? Que venham atacar-nos quando estivermos todos bêbados e nos deixemos degolar num beco da aldeia?

- E tu julgas que podemos escapar? Temos de morrer um dia. Tantas vezes vai o cântaro à fonte... percebes o que quero dizer?

- Então, nesse caso, entra amanhã em Viochénsskaia e diz: prendam-nos, rendemo-nos!

- Não, é preciso fazer-se ainda mais barulho...

Grigóri parou em frente da mesa, de pernas afastadas:

- Se não restabeleces a ordem, se não paras com as pilhagens e com as bebedeiras, abandono-te e levo comigo metade dos homens declarou ele tranquilamente.

- Experimenta - retorquiu Fômine, arrastando a voz numa ameaça.

- Nem preciso de experimentar.

- Tu não... proíbo-te que me ameaces.

Fômine poisara a mão no estojo do revólver.

- Não toques nisso! - disse logo Grigóri, que se fizera lívido. Mesmo por cima da mesa sou capaz de te abater.

E desembainhou a meio o sabre. Fômine, poisando a mão na mesa, sorriu:

- Que queres tu de mim? Já ando com a cabeça em água e ainda me vens com idiotices. Guarda lá o sabre. Já nem se pode brincar, hem? Não me digas que isso é a sério! Pareces uma garota de dezasseis anos...

- Já te disse aquilo que tinha a dizer. Convence-te de uma vez para sempre. Nem todos aqui são como tu.

- Isso sei eu.

- Então tem cuidado. Amanhã mandas esvaziar os alforges.

- Isto já não é uma unidade de cavalaria, é um comboio. É preciso tirar-lhes os maus costumes. E ainda dizem que combatem pelo povo! Roubam tudo quanto podem e fazem negócio nas aldeias como os antigos bufarinheiros. Uma vergonha!

- Que raio de lembrança eu tive de me juntar a vocês!

Grigóri, depois de cuspir no chão, voltou-se para a janela, pálido de cólera e de indignação.

Fômine desatou a rir:

- A cavalaria ainda não nos perseguiu uma única vez. Quando o lobo tem a barriga cheia e é perseguido pelos cavaleiros, vomita pelo caminho aquilo que comeu. O mesmo se dá com os meus rapazes: hão-de largar tudo quando se virem cercados de perto. Vamos, Melekhov, não te enerves. Eu vou tratar disso. A coisa aconteceu porque eu lhes dei largas de mais e ando desanimado. Mas saberei dominá-los a tempo. Não devemos separar-nos, temos de suportar juntos os maus bocados...

Não puderam terminar a conversa: a dona da casa entrou na sala com uma tigela de sopa de couve fumegante e logo uma multidão de cossacos rompeu por ali dentro atrás de Tchumakov.

Porém a conversa não fora em vão. No dia seguinte pela manhã, Fômine mandou esvaziar os alforges e velou ele próprio pela execução dessa ordem. Quando um dos larápios opôs resistência à inspecção, recusando desfazer-se dos seus haveres, Fômine abateu-o com um tiro de revólver.

- Tira-me daqui este estupor! - disse tranquilamente, empurrando o cadáver com o pé. E, dirigindo-se à tropa, ergueu a voz: - Vocês andaram a meter o nariz nas arcas, seus filhos da puta. Não foi para isso que eu vos levantei contra o poder dos Sovietes. Aos inimigos mortos podem tirar tudo quanto quiserem, até as cuecas cheias de merda, se não tiverem nojo, mas não se toca nas famílias. Não fazemos guerra às mulheres. E aquele que refilar recebe o mesmo tratamento.

Um ligeiro murmúrio percorreu as fileiras e depois extinguiu-se....

A ordem parecia restaurada. Durante três dias, o bando percorreu a região pela margem esquerda do Don, aniquilando em pequenos recontros os destacamentos locais de autodefesa.

Na stanitsa Chumiilínsskaia, Kapárine propusera que passassem ao território de Vorónej. Defendia esta ideia invocando o facto de a população dali estar, em grande parte, ao lado delas, visto ter-se revoltado recentemente contra o poder dos Sovietes Mas, quando Fômine comunicou isto aos cossacos, estes responderam em uníssono: “Não sairemos do nosso distrito.”

Reuniu-se uma assembleia e a decisão teve que ser revogada. Durante quatro dias, o bando marchou sem descanso em direcção a Leste, recusando o combate com um grupo de cavaleiros que o vinha perseguindo desde Kazánsskaia.

Fômine não conseguia fazer-lhes perder o rasto, pois os trabalhos da Primavera haviam começado e encontrava-se gente por toda a parte, mesmo nos pontos mais desertos da estepe. Marchavam durante a noite, mas, pela manhã, logo que paravam, surgia a pouca distância a patrulha inimiga a cavalo, uma metralhadora disparava algumas rajadas curtas, e os homens de Fômine, debaixo do fogo, apressavam-se a aparelhar de novo os cavalos. Depois da aldeia de Melnikov, na stanitsa de Viochénskaia, Fômine conseguiu iludir o inimigo e desembaraçar-se dele, graças a uma manobra astuciosa. Apurou então que o grupo de cavalaria era comandado por um cossaco chamado Igor JuravMov, da stanitsa Bukamovsskaia, homem enérgico e instruído na arte militar; que esse destacamento tinha o dobro da sua gente; que, além disso, dispunha de seis espingardas-metralhadoras e de cavalos folgados. Tudo isto levou Fômine a não aceitar o combate; isso permitia aos homens e aos cavalos repousarem um pouco, enquanto aguardavam a oportunidade de vencer o grupo de cavalaria, não em combate aberto, mas de surpresa; Era assim que contava escapar a essa perseguição tenaz. Tinha também a esperança de poder vir a fornecer-se de espingardas-metralhadoras e de cartuchos à custa do inimigo. Mas tais cálculos não se concretizaram.

Aquilo que Grigóri temia aconteceu no dia dezoito de Abril, na orla da floresta de carvalhos de Slatchkovsskaia.

Na véspera, Fômine e a maior parte dos seus homens tinham-se embebedado na aldeia de Svasitiatnóvski, donde só partiram ao romper do dia. Quase ninguém pregara olho durante toda a noite, e muitos dos homens iam a dormir sobre a sela. Cerca das nove horas da manhã, fizeram alto perto da aldeia de Ogojine. Fômine instalou postos avançados e mandou dar aveia aos cavalos.

Soprava de Leste um vento forte, em rajadas. Uma escura nuvem de poeira emboscava o horizonte. Uma névoa espessa obscurecia a estepe que o Sol iluminava a custo, escondido pelo pó que remoinhava a grande altura. O vento batia as abas dos capotes, sacudia as caudas e as crinas dos cavalos, que lhe voltaram as costas, procurando abrigo junto das raras moitas de espinheiro dispersas pela orla da floresta. A areia picava nos olhos e fazia-os lacrimejar; via-se mal, mesmo a curta distância.

Grigóri esfregou as narinas e as pálpebras húmidas do cavalo, pendurou-lhe ao pescoço o saco-manjedoura e aproximou-se de Kapárine, que dava de comer à montada dentro de uma aba do capote.

- Escolhemos bem o local para fazermos alto! - declarou ele apontando com o chicote para a floresta.

Kapárine encolheu os ombros.

- Eu bem disse àquele idiota. Como se ele desse ouvidos a alguém! .

- Devíamos ter parado na estepe ou perto de alguma aldeia.

- Receias que possamos ser atacados a partir da floresta?

- Receio.

- O inimigo está longe.

- Ou talvez perto. Não se trata da infantaria.

- A floresta ainda está nua. Se se passar qualquer coisa vê-se logo.

- Ninguém pode ver nada. Estão quase todos a dormir. Receio bem que até as sentinelas.

- Não se têm de pé, a seguir à paródia de ontem. Agora vai ser difícil despertá-los.

Kapárine fez uma espécie de careta de dor e disse a meia voz:

- Com um chefe destes, estamos lixados. Tem a cabeça mais leve do que uma palha e além disso é estúpido. Estúpido como um cavalo. Porque não assumes tu o comando? Os cossacos respeitam-te, seguir-te-iam de boa vontade.

- Não tenho necessidade disso, só estou aqui de passagem - respondeu secamente Grigóri. E voltou para junto do cavalo, a lamentar aquela confissão imprudente que lhe escapara.

Kapárine deixou cair do capote o resto da aveia e foi atrás de Grigóri.

- Sabes, Melekhov - disse ele, a degolar os rebentos duros e grossos de uma haste de espinheiro que acabava de quebrar na passagem -, acho que não conseguiremos resistir muito tempo se não nos juntarmos a uma forte unidade anti-soviética, por exemplo, à brigada Maisak, que anda pelo sul da região. Temos de nos reunir a eles, de contrário, qualquer dia somos exterminados.

- O Dom vai cheio, não podemos atravessar.
- Já, não, mas quando a água baixar teremos de ir. Não achas?
- Está certo. Temos de partir. Não há nada a fazer aqui.

Kapárine, animando-se, lançou-se num longo discurso acerca da decepção que tivera quanto a alcançar apoio por parte da população cossaca e da necessidade de convencerem Fômine, desse lá por onde desse, de que se tornava imperioso acabar com aquela vagabundagem pelo distrito, sendo urgente proceder-se à fusão com uma unidade mais forte.

A conversa acabou por fatigar Grigóri. Observava o cavalo com atenção e, logo que este acabou de esvaziar o saco-manjedoura, tirou-lho, apertou-lhe a cilha e pôs-lhe a barbeta.

- Não partimos já, é inútil apressares-te.

- Fazias melhor em ter o cavalo a postos, de contrário arriskas-te a não ter tempo para nada respondeu Grigóri.

Kapárine, depois de o fitar atentamente, voltou para junto da montada.

Grigóri, com o cavalo à arreata, foi ter com Fômine. Este encontrava-se deitado sobre uma manta, a roer preguiçosamente uma asa de frango, com as pernas afastadas. Arredando-se para o lado, convidou Grigóri, com um gesto, a tomar lugar a seu lado.

- Senta-te e almoça comigo.
- Temos de nos ir embora daqui. Não são alturas de almoçar disse Grigóri.
- Damos de comer aos cavalos e partimos.
- Eles que comam mais tarde.

- Estás com muita pressa. A patrulha acaba de chegar e disse que não há ninguém sobre a colina. Isto significa que JuravMov nos perdeu o rasto. De contrário, estaria já em cima de nós. De Bukianovsskaia nada há a recear. Quem é o comissário político de lá? Mikheiev Pavlov, um tipo combativo, mas as suas forças são medíocres e não há perigo de vir contra nós. Descansemos um bom bocado até o vento cansar-se e depois iremos para Slactchchovsskaia. Senta-te e come um bocado de frango. Que tens tu? Dir-se-ia que te tornaste medroso, Melekhov. Tens de ir examinar as moitas uma a uma para ficares descansado.

Fômine fez um gesto cansado e desatou a rir.

Grigóri foi-se embora a resmungar, prendeu o cavalo a um arbusto e deitou-se ali perto, protegendo o rosto com a aba do capote. Adormeceu ao som do assobiar do vento, do ruído suave e harmonioso da erva seca curvada sobre ele.

Uma longa rajada de metralhadora fê-lo erguer-se de um salto. Ainda esta não terminara já ele desprendia a montada.

Cobrimdo todas as vozes. Fômine berrava:

- A cavalo!

Mais duas ou três espingardas-metralhadoras começaram a crepitar à esquerda da floresta. Já na sela, Grigóri examinou rapidamente a situação. À direita, na orla da mata, uns cinquenta soldados vermelhos, que mal distinguiam através da poeira, atacavam em ordem dispersa, cortando a retirada para a colina. As lâminas dos sabres, azuladas pela luz pálida do Sol, brilharam por cima das cabeças deles, com aquela cintilação fria de que ele bem se recordava. Na própria floresta, sobre um montículo coberto de silvas, as espingardas-metralhadoras disparavam com uma rapidez febril, esvaziando fita após fita. À esquerda, um meio esquadrão vermelho, disposto em leque, avançava sem um grito, de sabres desembainhados, para fechar o cerco. Só restava uma saída: abrir caminho pelo meio dos assaltantes da esquerda, que se encontravam relativamente espaçados, e fugir para o Don.

Grigóri gritou para Fômine, enquanto desembainhava o sabre:

- Segue-me!

Vinte ságenas adiante voltou-se. Fômine, Kapárine e alguns outros acompanhavam-no num galope furioso à distância de uma dezena de ságenas. Na floresta, as metralhadoras deixaram de disparar, excepto a que se encontrava mais à direita, a qual continuava a vomitar rajadas curtas e raivosas sobre os homens de Fômine. Calou-se também por fim, e Grigóri percebeu que os vermelhos tinham chegado ao local do acampamento, dando início ao massacre. Adivinhou-o pelos gritos surdos e desesperados, pelos tiros intermitentes dos defensores. Não havia tempo para olhar para trás. Aproximava-se a toda a velocidade das filas inimigas que vinham ao seu encontro, à procura de um alvo. Um vermelho, envergando uma peliça curta de coiro curtido, galopava direito a ele. Montava um cavalo cinzento pouco rápido. De relance, como que à luz de um relâmpago, Grigóri viu o cavalo, com a estrela branca do peitoral salpicada de flocos de espuma, e o cavaleiro, um jovem de rosto vermelho de entusiasmo.

E, atrás dele, a estepe que fugia para o Don... Teria, em breve, de aparar o golpe e de desferir outro. A cinco ságenas do cavaleiro, Grigóri fez uma finta à esquerda, ouviu o sibilar do sabre por cima da sua cabeça, ergueu-se de chofre e, com a ponta do sabre, atingiu o crânio do cavaleiro quando este já não se encontrava no mesmo nível que ele. Quase não sentiu na mão a força do golpe, mas, ao olhar para trás, viu o outro a escorregar da sela, todo curvado para a frente, com uma larga fita de sangue a escorrer-lhe pelas costas da peliça amarela. O cavalo cinzento, abrandando o galope, metera num trote rápido, de

cabeça erguida e um ar espantado, a encolher-se todo como se tivesse medo da própria sombra...

Grigóri inclinou-se para o pescoço da montada e abaixou o sabre num gesto habitual. As balas sibilavam-lhe por cima da cabeça. O suor gotejava das orelhas tombadas e frementes do animal. Grigóri nada mais ouvia além das balas que procuravam atingi-lo e do resfolegar rápido e forte da montada.

Voltou-se uma vez mais, e viu Fômine, Kapárine e Tchumakov a galoparem umas cinquenta ságenas atrás de si; um pouco mais longe, um homem do décimo segundo pelotão, Sterliadnikov, o coxo, procurava iludir com o galope do seu cavalo os dois vermelhos que o perseguiam. Os oito ou nove homens que tinham seguido Fômine estavam já mortos. Os cavalos sem cavaleiros fugiam para todos os lados, de cauda ao vento; deixaram-se capturar pelos vermelhos, com exceção de um grande baio que pertencera a um dos homens do destacamento, chamado Pribitkov, que galopava agora ao lado de Kapárine, arrastando atrás de si o dono morto cujo pé ficara preso no estribo. Depois de transpor uma colina arenosa.

Grigóri deteve o cavalo, embainhou o sabre, obrigando o animal a deitar-se isto, que parecia tão simples, exigira uma semana de treino e esvaziou o carregador. Mas estava tão apressado e nervoso que só com o último tiro conseguiu abater o cavalo de um dos vermelhos, o que permitiu ao quinto fugitivo escapar à perseguição.

- A cavalo! Estás perdido! - gritou-lhe Fômine, passando ao lado de Grigóri.

O bando ficara completamente esmagado. Restavam apenas cinco homens. Foram perseguidos até Antonovsski e a corrida só terminou quando desapareceram todos nos bosques que rodeavam a aldeia.

Enquanto durara a fuga, nenhum deles pronunciara uma só palavra.

O cavalo de Kapárine tombou junto a um regato e foi impossível fazê-lo levantar. Os restantes animais encontravam-se exaustos, vacilavam, atiravam com as pernas a custo, deixando cair por terra grandes chapadas de espuma branca.

- Tens mais habilidade para guardar um rebanho do que para comandar um destacamento - declarou Grigóri ao saltar em terra, sem olhar para Fômine.

Este não respondeu. Desmontou também, desaparelhou o cavalo, afastou-se sem retirar a sela e foi sentar-se sobre um montículo coberto de erva.

- Bem, temos de abandonar os cavalos - declarou olhando em volta com angústia.

- E depois? - perguntou Tchumakov.

- Passaremos a pé para a outra margem.

- E vamos para onde?

- Ficaremos na floresta até à noite. Depois atravessaremos o Don e esconder-nos-emos primeiro em Rubejni. Tenho lá muita família.

- Outra estupidez! - exclamou Kapárine furioso. -Imaginas que não irão lá procurar-te? É precisamente na tua aldeia que vão esperar-te. com que é que tu pensas? com a cabeça ou com outra coisa?

- Bem, mas então para onde é que vamos? - inquiriu Fômine, desorientado.

Grigóri retirou da cantina os capuchos e o bocado de pão que lá trazia. Disse:

- Ainda tencionam discutir durante muito tempo? Vamos embora. Prendam os cavalos, peguem nas selas e vamos embora. Senão os outros virão apanharmos mesmo aqui.

Tchumakov atirou o chicote ao chão, pisou-o aos pés e disse numa voz trémula:

- Passamos à infantaria, agora... E todos os nossos rapazes estão mortos... Santa Mãe de Deus, como eles os desfizeram!

- Nunca pensei escapar... Via a morte diante dos olhos...

Tiraram os arreios dos cavalos em silêncio, prenderam-nos todos quatro a uma árvore e dirigiram-se em bicha para o Don, como lobos, com as selas às costas, procurando ocultar-se o mais possível entre as balsas.

XIV

Na Primavera, quando o Don transborda e cobre toda a pradaria, só uma pequena parte da margem esquerda se conserva fora de água.

Na Primavera, do alto das colinas, vê-se ao longe uma ilha coberta de uma espessa vegetação de salgueiros jovens, de carvalhos, de vimes cinzentos e compridos.

No Verão, o lúpulo selvagem enrosca-se nas árvores até à copa; a rede emaranhada das silvas cobre a terra; as corriolas azuis-claros trepam pelos arbustos; nas raras clareiras, a erva, alta e densa, generosamente alimentada pela terra fértil, ergue-se acima de um homem.

No Verão, mesmo ao meio-dia, o bosque é calmo, obscuro e fresco. Apenas os verdelhões quebram o silêncio e os cucos dizem aos desconhecidos os anos que lhes restam para viver.

No Inverno, o bosque está completamente vazio e nu, mergulhado num silêncio de morte. O fuste negro das árvores recorta-se lugubrememente no fundo do céu esbranquiçado. Somente os lobos e as suas crias ali encontram abrigo seguro, repousando durante dias inteiros entre as moitas carregadas de neve.

Fômine, Grigóri Melekhov e os outros homens que haviam escapado ao massacre tinham-se instalado naquela ilha. Viviam ali como lhes era possível, alimentando-se das magras provisões que um primo de Fômine lhes vinha trazer de noite, num barco, e tinham fome; em contrapartida dormiam até querer, com a cabeça recostada nas almofadas das selas. De noite, faziam sentinela à vez. Não acendiam lume, com receio de que lhes descobrissem o refúgio.

A cheia que banhava a ilha corria continuamente para o sul. A água abria caminho por entre os choupos que se erguiam na estrada fazendo um ruído ameaçador, mas logo se apaziguava, murmurando uma canção suave ao embalar a copa dos arbustos submersos.

Grigóri depressa se acostumou ao barulho incessante e próximo da corrente. Ficava deitado o dia inteiro, junto à margem a pique, contemplava a imensidão da água, os contrafortes barrentos das colinas, perdidos numa bruma de sol lilás. Lá longe, atrás dessa bruma, encontrava-se a sua aldeia, os filhos, Akcínia... Os seus tristes pensamentos iam sempre ali parar. Todas as vezes que pensava na família, assaltava-o uma angústia que lhe queimava o coração, sentia ferver dentro de si um ódio surdo contra Michka, mas

esforçava-se por conter estes sentimentos, evitando olhar para as colinas, de modo a fugir às recordações. Que necessidade tinha de dar livre curso à memória cruel? Já sofria bastante sem isso.

Doía-lhe tanto o peito que lhe parecia ter o coração em ferida, e que este já não batia, apenas sangrava. Era o resultado dos ferimentos, dos infortúnios da guerra, do tifo; Grigóri escutava agora em cada minuto as pancadas importunas do coração.

Por vezes, a dor aguda no peito tornava-se tão intolerável que lhe secava os lábios e apenas podia gemer. Mas descobrira um meio seguro de expulsar a dor: deitava-se na terra húmida e encharcava a camisa na água gelada; então, a dor abandonava-lhe o corpo, lentamente, como que de má vontade.

O tempo estava bom e não havia vento. De quando em quando, nuvens brancas, despenteadas pela brisa do alto, corriam no céu luminoso; o seu reflexo, desfilando pela água como um bando de cisnes, desaparecia ao tocar na margem distante.

Era bom ver remoinhar a corrente furiosa que se quebrava de encontro à margem, escutar as mil vozes da água sem pensar em nada, tentando não pensar em nada que o fizesse sofrer. Grigóri fitava durante horas e horas as voltas caprichosas e infinitamente diversas da corrente. Mudavam de forma a cada minuto; ali, onde há pouco deslizava a direito, arrastando à superfície hastes de junco, folhas mortas, raízes de ervas, formava-se um sorvedouro apertado, que aspirava avidamente tudo quanto flutuava; instantes depois, no lugar do sorvedouro, a água fervilhava, dividia-se com violência em turbilhões, e ora repelia uma raiz de espadana enegrecida, ora uma folha de carvalho espalmada, ora um tufo de palha vindo Deus sabe donde.

À noite, para as bandas do poente, o céu abrasava-se de um vermelho de cereja. A Lua surgia atrás de um grande choupo. A sua luz espraia-se no Don como uma chama branca e fria, que projectava, brilhando, reflexos e cintilações escuras nos sítios onde o vento encrespava a água.

À noite, de mistura com os ruídos da corrente, as vozes dos inúmeros patos que voavam para o sul ressoava constantemente sobre a ilha. E muitas vezes, as aves, que ninguém vinha inquietar, poisavam em frente dela, do lado do nascente. Na água adormecida, na floresta inundada, as abequinhas lançavam o seu grito de sedução, os patos selvagens grasnavam, as pegas palravam baixinho, chamando umas pelas outras. Certo dia até, ao aproximar-se devagarinho da margem, Grigóri avistou, a pouca distância, um bando de cisnes.

O Sol não nascera ainda. A aurora abrasava o céu atrás da crista longínqua da floresta, a água reflectia a sua luz e parecia toda ela rosada. Rosadas também eram as

grandes aves majestosas que vogavam na superfície imóvel, voltando para o oriente as cabeças altivas. Ao escutarem um leve ruído na margem, levantaram voo soltando gritos de trombeta e, quando se ergueram acima da floresta, Grigóri recebeu nos olhos o clarão de neve da sua plumagem cintilante.

Fômine e os companheiros matavam o tempo cada qual a seu modo: o habilidoso Sterliadnikov instalava a perna doente com a maior comodidade possível, remendava as roupas e as botas de manhã à noite, limpava a espingarda. Kapárine, a quem as noites passadas sobre a terra húmida não convinham, permanecia deitado ao sol durante dias a fio, envolto até à cabeça na peliça curta, sacudido por uma tosse abafada.

Fômine e Tchumakov jogavam incansavelmente às cartas que eles próprios haviam recortado de restos de papel. Grigóri, vagueando pela ilha, ficava-se largo tempo à beira da água.

Falavam pouco. Tudo quanto tinham a dizer uns aos outros já fora dito e redito. Só se reuniam para comer e também à noite, enquanto esperavam a chegada do primo de Fômine.

O tédio esmagava-os. Uma vez, porém e foi a única em todo o tempo que permaneceram na ilha, Grigóri viu Tchumakov e Sterliadnikov, alegres, de súbito, sabe Deus porquê, a lutarem um contra o outro. Começaram por espezinhar o chão durante um grande bocado, a resmungar, dizendo graçolas. Os seus pés enterravam-se até aos artelhos na areia branca e granulosa. Sterliadnikov era sem dúvida o mais forte dos dois, mas Tchumakov ganhava-lhe em destreza. Lutavam à maneira kalmuk, de ombros atirados para a frente, agarrando pela cintura, olhos fitos nos pés um do outro. Os seus rostos estavam pálidos e concentrados, a respiração era forte e entrecortada. Grigóri observava a luta, cheio de interesse.

De súbito, Tchumakov, que escolhera bem o momento, deitando-se de costas, derrubou o adversário e fê-lo passar por cima do seu corpo com um movimento das pernas dobradas.

Não tardou que o ágil e flexível Tchumakov, passando a dominar Sterliadnikov com o corpo, lhe enterrasse as omoplatas na areia, enquanto o outro, a rir-se, ofegante, rugia: “Malandro! Isso não vale, atirar o parceiro ao chão...”

- Vocês lutam como dois gatos novos. Parem lá com isso, ou ainda acabam à pancada... - disse Fômine.

Mas não, nenhum deles tinha vontade de bater no outro.

Sentaram-se pacificamente na areia, de braço dado, e Tchumakov entoou numa voz de baixo, abafada mas harmoniosa, uma música de dança:

*Gelo e frio, neve e geada,
Gelo do Natal, neve magana,
Que fazes esconder o lobo na abrigada
E trazes o amor para dentro da choupana...*

Sterliadnikov repetiu a quadra na sua vozinha de tenor, e depois puseram-se a cantar juntos, com um talento inesperado:

*Surge a moça no alpendre
com a peliça na mão,
Para vestir ao soldado
Dono do seu coração...*

De repente, Sterliadnikov, não resistindo mais, pôs-se de pé num salto, começou a dançar e a dar estalos com os dedos, enquanto raspava com a perna doente na areia. Sem interromper a canção, Tchumakov, pegando no sabre, cavou um buraco pouco profundo no solo e disse:

- Espera aí, meu coxo. Tu tens uma perna mais curta do que a outra, não podes dançar em terreno plano. Ou danças numa rampa ou então faz assim, enfia a perna sã neste buraco e deixa a outra de fora. Experimenta, e vê se dá resultado... Anda, experimenta...

Sterliadnikov, depois de enxugar a testa alagada em suor, enfiou docilmente a perna na cova aberta por Tchumakov:

- Tens razão, assim vai melhor.

Sufocado de gozo, Tchumakov desatou a bater palmas e a cantar muito depressa:

*Quando tu vieres, para me visitar,
Quando tu vieres, hei-de te beijar...*

E Sterliadnikov, mantendo o rosto sério como é próprio dos dançarinos, pôs-se a rodopiar com arte, tentou mesmo dar alguns saltos...

Os dois arrastavam-se, sempre iguais. Quando começava a escurecer, os cinco homens esperavam com impaciência a chegada do primo de Fômine. Juntavam-se na margem, a conversarem a meia voz; fumavam, tapando com os capotes o lume dos cigarros. Tinham resolvido ficar na ilha mais oito dias, depois atravessarem durante a noite para a margem direita do Don. Aí arranjariam cavalos, partindo em seguida para o sul. Certos boatos assinalavam a presença do bando de Maslak nessa região.

Fômine encarregara o primo de saber onde poderiam encontrar, nos arredores, bons cavalos de sela; além disso, perguntava-lhe todos os dias o que se passava na aldeia. As notícias eram tranquilizantes: Fômine era procurado na margem esquerda do Don; os vermelhos tinham ido, de facto, em busca dele a Rubejni, mas haviam-se ido logo embora depois de lhe revistarem a casa.

- Temos de nos despachar a fugir daqui. De que diabo serve cá ficarmos? Se nos fôssemos amanhã? - alvitrou Tchumakov durante o almoço.

- Temos de começar por saber alguma coisa acerca dos cavalos - declarou Fômine. - Porquê tanta pressa? Se comêssemos melhor aguentava bem esta vida até ao Inverno. Olha como isto é bonito! Depois de termos repousado podemos recomeçar. Se quiserem apanhar-nos não consentiremos. Bateram-nos em toda a linha, concordo, por minha culpa, é certo. Foi uma pena, claro, mas ainda não dissemos a última palavra. Arranjaremos mais homens. Assim que tivermos cavalos, daremos uma volta pelas aldeias, por aqui e por ali; dentro de oito dias, teremos connosco uns cinquenta homens, talvez cem. Havemos de arranjar reforços, isso posso eu jurar.

- Estupidez e presunção! - exclamou Kapárine, imitado.

- Os cossacos traíram-nos. Não quiseram vir connosco nem quererão agora. Devemos ter a coragem de encarar a verdade e não nos iludirmos com falsas esperanças.

- Porque dizes que não virão connosco?

- Porque não quiseram vir a princípio nem quererão agora.

- Bom, isso é o que vamos ver - declarou Fômine com um olhar de desafio. Eu cá não deporei as armas.

- Conversa fiada! - tornou Kapárinie com um ar cansado.

- Cabeça de burro! - exclamou Fômine, furioso. - Quem te manda andar a semear o pânico? Aborreces-me com as tuas choradeiras! Então porque fizemos nós tudo isto? Porque nos revoltámos? Que estás tu aqui a fazer, se tencionas desistir? Foste tu que me incitaste à insurreição. E agora queres esconder-te? Não dizes nada?

- Nada tenho a dizer! Vai para o diabo, imbecil! - gritou Kapárine, numa voz histérica. E foi-se embora, todo friorento, embrulhado na peliça de gola levantada.

- São todos os mesmos, estes gajos da alta sociedade. Basta uma ninharia para que eles... - disse Fômine, suspirando.

Ficaram um momento calados, atentos ao rugido forte e contínuo da água. Uma pata passou por baixo deles soltando altos gritos, seguida por dois machos. Um bando de estorninhos que piavam desalmadamente desceu sobre a clareira, voltou a levantar voo mal avistou os homens, desenrolando-se como um novelo negro.

Dali a pouco tempo, Kapárine regressou.

- Quero ir hoje mesmo para a aldeia - declarou, olhando Fômine, com um piscar de olhos teimoso.

- Porquê?

- Olha que pergunta! Porque apanhei uma tísica aqui e quase não me aguento nas pernas!

- E então? Julgas que te vais curar na aldeia? - respondeu Fômine, imperturbável de calma.

- Tenho necessidade absoluta de passar ao menos algumas noites no quente.

- Não irás para parte nenhuma - declarou duramente Fômine.

- Então, queres que morra aqui?

- Como quiseses.

- Mas porque é que não posso ir-me embora? Estas noites ao frio dão cabo de mim.

- E se te deixas apanhar na aldeia? Não pensaste nisso? Nesse caso virão dar cabo de todos nós! Julgas que não te conheço? Denunciavas-nos logo ao primeiro interrogatório. Já na estrada de Viochénsskaia tu eras capaz de nos denunciar.

Tchumakov desatou a rir com ar de aprovação. Concordava plenamente com Fômine. Mas Kapárine teimava:

- Tenho de me ir embora. As tuas hipóteses tão perspicazes não me fazem mudar de ideias.

- Já te disse para ficares e manteres essa boca calada!

- Mas vê se compreendes, Iakov Efimovitch. Não posso continuar a viver esta vida de cão. Tenho uma pleurite, talvez mesmo uma infecção nos pulmões.

- Hás-de curar-te. Deita-te ao sol que ficas logo bom.

Kapárine declarou brutalmente:

- Vou-me embora hoje de qualquer maneira. Não tens o direito de me reter. Partirei seja como for.

Fômine fitou-o, a piscar os olhos desconfiados. Ergueu-se em seguida, após haver trocado com Tchumakov um olhar de inteligência.

- É certo que tens um ar de doente, Kapárine... Deves estar com muita febre... Espera, vou ver se tens a testa quente.

Deu alguns passos na direcção de Kapárine, de mão estendida, mas o outro, vislumbrando sem dúvida uma intenção má no rosto de Fômine, recuou, a gritar:

- Arreda-te!

- Pouco barulho! Que raio de ideia é essa de te pores assim aos berros? Só queria verificar. Que é que receias?

Fômine, avançando, filou Kapárine pelo pescoço.

- Rendes-te, malandro? - murmurava numa voz estrangulada, a tentar, com todas as suas forças, derrubar o outro.

Grigóri teve dificuldade em separá-los.

A seguir à refeição do meio-dia, Kapárine foi procurar Grigóri, quando este estava a pôr a roupa a secar sobre uns arbustos.

- Queria falar-te a sós. Sentemo-nos.

Sentaram-se no tronco apodrecido de um choupo, derrubado por um raio.

Kapárine disse, com uma tosse abafada:

- Que pensas tu do destempero daquele idiota? Agradeço sinceramente a tua intervenção. Procedeste nobremente, como é próprio de um oficial. Mas é horrível. Não posso mais. Estamos transformados nuns autênticos bichos... Há quantos dias não comemos uma refeição quente? E dormir nesta terra húmida... Apanhei um resfriamento, sinto uma pontada tremenda. Estou convencido de que tenho os pulmões infectados. Queria tanto passar um bocado junto do lume, dormir num quarto aquecido, mudar de roupa... Ando a sonhar com uma camisa limpa, com um lençol lavado... Não, não posso mais.

Grigóri sorriu:

- Querias fazer a guerra com todo o conforto?

- Ouve lá, tu chamas a isto guerra? - retorquiu vivamente Kapárine. - Isto não é guerra: andamos sempre a deslocar-nos, matamos uns tantos funcionários dos Sovietes e depois fugimos. Seria guerra se o povo nos ajudasse, se isto fosse o início de uma insurreição, mas assim não é guerra, não, isto não é guerra de maneira nenhuma! Não temos outra alternativa. Não podemos render-nos.

- Mas que fazer, então?

Grigóri encolheu os ombros, e aquilo que respondeu a seguir viera-lhe ao espírito ali na ilha, num momento em que estava a repousar:

- Uma má liberdade vale sempre mais do que uma boa prisão. Sabes o que diz o povo: quando a gaiola é forte, está o diabo contente.

Kapárine fazia desenhos na areia com uma varinha. Prosseguiu ao cabo de um longo silêncio:

- Não é preciso rendermo-nos. Temos mas é de procurar novas formas de luta contra os bolchevistas. Torna-se urgente romper com essa gente infame. Tu és um intelectual...

- Que rico intelectual... - disse Grigóri, sorrindo. Só a palavra já me custa a pronunciar.

- És oficial.

- Por um mero acaso.

- Não, deixa-te de histórias, és oficial, conviveste com oficiais, conheceste homens a valer, não és um renegado dos Sovietes como o Fômine, e deves compreender que não faz sentido nenhum ficarmos aqui. Isso equivale a um suicídio. No bosque dos carvalhos, foi ele que nos meteu na boca do lobo e, se continuamos a ligar a nossa sorte à dele, a coisa vai repetir-se. É um patife e ainda por cima um refinadíssimo idiota. com ele, estamos lixados.

- Portanto, achas que não devemos render-nos, mas sim abandonar Fômine? E para onde iremos? Ter com Maslak?

- Não, com esse a aventura é a mesma, mas numa escala maior. Agora estou a ver as coisas doutra maneira. Não é para junto de Maslak que devemos ir...

- Para onde, então?

- Para Viochénsskaia.

Grigóri encolheu os ombros com irritação.

- Matando dois coelhos de uma cajadada? Não estou de acordo.

Kapárine fitou-o com os olhos coruscantes:

- Não compreendeste, Melekhov. Posso confiar em ti?

- Inteiramente.

- Palavra de oficial?

- Palavra de cossaco.

Kapárine lançou os olhos para as bandas de Fômine e de Tchumakov, que se encontravam no acampamento, e baixou a voz, embora a distância fosse demasiado grande para que os outros pudessem ouvir a conversa.

- Conheço as tuas relações com Fômine e os outros. No meio deles, tu és um corpo estranho, tal como eu. Não me interessam os motivos que te levaram a entrar em luta contra o poder dos Sovietes. Se bem compreendo, trata-se do teu passado e do receio que tens de ser preso, não é isso?

- Disseste que não te interessavam os motivos.

- Pois, pois, disse isto por dizer. Agora quero explicar-te certas coisas a meu respeito. Fui oficial e membro do partido socialista-revolucionário, mas depois reconsiderei totalmente acerca das minhas convicções políticas... Só a monarquia pode salvar a Rússia. Somente a monarquia! A própria Providência está a mostrar esse caminho à nossa pátria. O emblema do poder dos Sovietes é o martelo e a foice, hem?

Kapárine escreveu com a varinha na areia as palavras martelo e foice, depois fitou Grigóri com os olhos brilhantes de febre.

- Lê agora ao contrário. Já leste? Compreendes? Só o trono (*Martelo e foice diz-se em russo molot e serp. Da direita para a esquerda, lê-se prestolom, que significa: pelo trono*) pode pôr fim à revolução e ao poder dos bolchevistas. Sabes que fui tomado de um terror místico quando descobri isto? Até tremi. É o dedo de Deus, se assim se pode dizer, a apontar um fim para os nossos desvios...

Emocionado, Kapárine, perdendo o fôlego, calou-se. Os seus olhos penetrantes, que reflectiam uma espécie de loucura mansa, estavam fitos em Grigóri. Porém este não tremia, esta revelação não o levava a experimentar qualquer terror místico.

Conservava, como sempre, um raciocínio frio e prático. E disse:

- O dedo de Deus nada tem a ver com isto Durante a guerra com a Alemanha estiveste na frente?

Surpreendido, Kapárine respondeu, após um momento de hesitação:

- Para sermos francos, porque me fazes essa pergunta? Não, não estive o que se pode chamar na frente de batalha.

- Então onde passaste o tempo da guerra? Na retaguarda?

- Sim.

- Todo o tempo?

- Sim, isto é, todo o tempo não, mas quase. Mas porque me interrogas a tal respeito?

- Eu tenho estado sempre na frente desde 1914. Então, essa história do dedo . qual dedo, visto que Deus não existe? Há tempo que não acredito nessas histórias. Foi em 1915, depois de ter visto bem o que é a guerra, que eu disse comigo: Deus não existe. Se existisse, não teria o direito de abandonar os homens nesta confusão. Nós, lá na frente, suprimimos Deus, deixámo-lo para os velhos e para as mulheres. Eles que se vão entretendo com ele. Portanto o dedo de Deus não existe. E a monarquia não pode voltar. O povo eliminou-a de uma vez para sempre. Aquilo que me mostraste, essas letras ao contrário, desculpa, mas é uma criancice, nada mais. E não compreendo bem onde tu queres chegar com tudo isso. Deves ser mais simples, mais directo. Eu era oficial, mas nunca frequentei a escola militar, não sou instruído. Se tivesse alguma instrução, talvez não estivesse convosco nesta ilha, como um lobo encurralado pela cheia concluiu. E a sua voz não traía qualquer pesar.

- O essencial não é isso - respondeu vivamente Kapárine.

- O essencial não é que acredites ou não em Deus. Isso diz respeito às tuas convicções, à tua consciência. Também pouco importa que sejas pela monarquia ou pela

constituente, ou que sejam apenas cossaco e partidário da autonomia. O essencial é a nossa unidade em face do poder dos Sovietes. Estás de acordo?

- Continua.

- Nós tínhamos contado com uma insurreição geral dos cossacos, hem? Perdemos. Agora temos de sair desta situação. Ainda é possível lutar-se contra os bolchevistas, e não apenas sob o comando de um Fômine qualquer. O essencial, hoje, é mantermo-nos vivos. Por isso venho propor-te uma aliança.

- Que aliança? Contra quem?

- Contra Fômine.

- Não compreendo.

- É muito simples. Convido-te a seres meu cúmplice.

Kapárine, cada vez mais nervoso, ofegava.

- Matamos este trio e fugimos para Viochénskkaia. Percebeste? Assim estamos salvos. Este serviço prestado ao poder dos soviets evita-nos a condenação. Compreendes? Viveremos... salvaremos a vida. Bem entendido, mais tarde, poderemos retomar a <luta contra os bolchevistas. Mas quando se tratar de uma aventura séria e não como a deste desgraçado Fômine. Estás de acordo? Reflecte: isto é a única saída que nos resta, uma saída brilhante.

- Mas como faremos? - inquiriu Grigóri, que lá no íntimo tremia de indignação, esforçando-se por nada deixar transparecer.

- Tenho tudo combinado: faremos a coisa de noite, à arma branca, e, na noite seguinte, quando vier esse homem que nos traz de comer, atravessaremos o Don. E pronto. É de uma simplicidade genial e não há nisto a menor astúcia.

Grigóri disse, sorrindo, com falsa bonomia:

- É magnífico, mas diz-me, Kapárine, esta manhã, quando querias partir para te ires aquecer à aldeia... já fazias tenção de ir para Viochénskkaia? Fômine adivinhara?

Kapárine, após ter perscrutado o rosto sorridente e jovial de Grigóri, sorriu também, mas com certa tristeza e confusão:

- Para falar francamente, sim. Sabes, quando está em jogo a nossa pele, não se olha aos meios.

- Serias capaz de nos denunciar?

- Sim - confessou ingenuamente Kapárine. - Mas trataria de te poupar todos os dissabores no caso de serem apanhados -nesta ilha.

- E porque não nos mataste a todos sozinho? Durante a noite seria fácil.

- Havia um risco. Depois do primeiro tiro, os outros...

- Dá-me a tua arma - disse calmamente Grigóri, puxando do revólver. - Dá-ma já, ou mato-te neste instante. Vou levantar-me e pôr-me na tua frente para que Fômine não veja e tu atiras a pistola aos meus pés. Hem? Não tentes disparar. Ao primeiro gesto, mato-te.

Kapárine fez-se pálido como a morte.

- Não me mates murmurou ele, movendo apenas os lábios descorados.

- Não te matarei. Mas dá-me a tua arma.

- Vais denunciar-me...

Corriam-lhe lágrimas pelas faces hirsutas. Grigóri fez uma careta de nojo e piedade e ergueu a voz:

- Atira o revólver. Não te denunciarei, mas devia fazê-lo. Que malandrete tu me saíste! Que malandrete!

Kapárine atirou o revólver para os pés de Grigóri.

- E a tua browning? Dá-ma também. Tens-la dentro do blusão. No bolso do peito.

Kapárine tirou do bolso a browning, cujo níquel cintilava, e escondeu a cara nas mãos. Estava sacudido de soluços.

- Cala-te, patife! - disse rudemente Grigóri, que fazia um grande esforço para não o espancar.

- Vais denunciar-me. Estou perdido.

- Já te disse que não. Mas assim que deixarmos esta ilha vais para o diabo que te carregue. Pessoas como tu, ninguém as quer ao pé de si. Procura um abrigo sozinho.

Kapárine tirou as mãos do rosto que estava todo vermelho e molhado de lágrimas, com um aspecto horrível, os olhos inchados, a maxila inferior a tremer.

- Mas então porque... porque me desarmaste?

Grigóri respondeu de má vontade:

- Para que não me alvejasses pelas costas. Das pessoas instruídas pode esperar-se tudo... Fazem grandes discursos acerca do dedo de Deus, acerca do tzar, acerca de Nosso Senhor... Não há o direito de se ser tão nojento...

Sem olhar Kapárine, e a cuspir de vez em quando a saliva que lhe inundava a boca, Grigóri dirigiu-se ao acampamento num passo vagaroso.

Sterliadnikov estava a coser com um fio de sapateiro uma das correias da sela e assobiava tranquilamente. Fômine e Tchumakov, estendidos sobre uma manta de cavalo, jogavam às cartas como de costume.

Fômine lançou um breve olhar a Grigóri e inquiriu:

- Que te disse ele? De que estiveram a falar?

- Queixou-se da vida... Não sabe lá muito bem o que diz.

Grigóri, cumprindo a promessa, não denunciou Kapárine.

Mas à noite, sem ninguém dar por isso, desmontou a culatra da espingarda de Kapárine escondeu-lha. “Sabe-se lá o que ele seria capaz de fazer...” pensava enquanto se estava deitando.

No dia seguinte pela manhã, foi acordado por Fômine que lhe perguntava baixinho, todo curvado sobre ele:

- Foste tu que tiraste as armas de Kapárine?

- O quê? Quais armas?

Grigóri soergueu-se e sentiu dificuldade em mover os ombros. Adormecera um pouco antes do romper do dia e tivera muito frio de madrugada. O seu capote, o boné e as botas estavam encharcados pelo orvalho que caíra ao nascer do sol.

- Ninguém sabe das armas dele. Foste tu que lhas tiraste? Acorda. Melekhov.

- Sim, fui eu. Mas o que há?

Fômine afastou-se em silêncio. Grigóri levantou-se, sacudiu o capote. Perto dali, Tchumakov estava a preparar o almoço: lavara a única escudela do acampamento, cortou quatro fatias de um pão grande que apertava contra o peito, despejou o leite na malga, esmigalhou uma bola de kacha de milho e olhou para Grigóri.

- Hoje dormiste até tarde. Olha onde vai o sol.

- Os que têm a consciência pura dormem sempre bem declarou Sterliadnikov, a limpar as quatro colheres de pau à aba do capote. O Kapárine, esse, não pregou olho em toda a noite, sempre às voltas...

Fômine olhou para Grigóri, a sorrir, e não disse nada.

- Venham comer, seus gatunos! gritou Tchumakov.

Foi ele o primeiro a mergulhar a colher no leite, depois devorou com uma dentada metade da sua fatia de pão. Grigóri, pegando na colher, perguntou, a olhar para os outros dois com atenção:

- Onde está Kapárine?

Fômine e Sterliadnikov comiam em silêncio. Tchumakov olhou fixamente Grigóri, mas permaneceu também calado...

- Que fizeram de Kapárine? - inquiriu Grigóri, adivinhando vagamente o que se passara durante a noite.

- Já vai longe, a estas horas - respondeu Tchumakov, com o seu sorriso tranquilo. - Vai a caminho de Rostov. Neste momento deve estar perto de Usst-Kopérskaia... Deixou cá a peliça, como vês.

Grigóri deitou os olhos para a peliça.

- É certo que o mataram?

Poderia não ter perguntado, Era claro como água. Mas as palavras tinham-lhe escapado. Ninguém lhe respondeu, e ele repetiu a interrogação.

- Acertaste respondeu Tchumakov, baixando as pestanas sobre os olhos cinzentos, belos e femininos. Fui eu que o matei. A minha função é matar gente...

Grigóri fitou-o. O seu rosto puro, vermelho e tisonado estava calmo e satisfeito. O bigode muito loiro com reflexos dourados destacava-se nitidamente sobre o rosto queimado do sol e punha em relevo o tom mais escuro das sobrancelhas e dos cabelos deitados para trás. Era na verdade belo e delicado, o carrasco do bando de Fômine... Poisou a colher na tigela, limpou o bigode com as costas da mão e disse:

- Melekhov, bem podes agradecer a Iakov Efímitch. Foi ele que salvou a tua alminha. De contrário, a estas horas, estarias a descer o Don na companhia de Kapárine...

- Como dizes?

Lenta e pausadamente, Tchumakov contou tudo:

- Kapárine queria render-se, está visto. E ontem conversou demoradamente contigo... Por isso nós fomos da mesma opinião que Iakov Efímitch, isto é, que não o devíamos deixar cair no pecado.

Tchumakov lançou a Fômine um olhar interrogador:

- Posso contar-lhe tudo?

Fômine fez que sim com a cabeça e Tchumakov prosseguiu, enquanto fazia estalar com os dentes os grãos de milho mal cozidos.

- Ontem à noite preparei um toro de carvalho e disse a Iakov Efímitch: “Vou limpar o sebo àqueles dois, ao Melekhov e ao Kapárine, durante a noite.” E vai ele e diz-me: “Ao Kapárine, está bem. Mas ao Melekhov, não.” Concordámos nesse ponto. Deixei que o Kapárine adormecesse. Também vi que estavas a dormir, porque ressonavas. Bem, pus-me então a rastejar e dei-lhe uma cartachada na cabeça. Nem sequer mexeu os pés, o nosso capitão do Estado-Maior. Espreguiçou-se devagarinho, e pronto... Revistámo-lo nas calmas e depois pegámos-lhe pelos braços e pelas pernas e levámo-lo para a beira da água. Tirámos-lhe as botas, o blusão e a peliça e... rio com ele! Tu continuavas a dormir e não deste por nada... A morte passou bem perto de ti esta noite, Melekhov. Esteve mesmo por cima da tua cabeça. Iakov Efímitch bem me tinha dito que não te tocasse, mas eu cá por mim pensava: “De que teriam falado aqueles dois melros ainda há [pouco?” É mau sinal quando, em cinco homens, há dois que começam a fazer grupinho à parte e se põem a contar segredos...” Aproximei-me de ti e queria trespassar-te com o sabre, porque dizia comigo: “Se lhe dou uma paulada e não acerto às primeiras, o tipo levanta-se e manda-me

um tiro...” Mas foi ainda o Fômine que se meteu de permeio: “Não lhe toques, ele está connosco, podemos ter confiança nele.” Pronto, acabou-se. Pusemo-nos então a pensar o que teria sido feito das armas de Kapárine. Nessa altura, afastei-me de ti. Tu dormias tão bem que nem sentiste o perigo.

Grigóri declarou calmamente:

- Fazias mal em me matar, palerma. Nada havia de comum entre mim e Kapárine.

- Mas então porque tinhas tu contigo as armas dele?

Grigóri sorriu:

- Tirei-lhas durante o dia. A culatra, essa, desmontei-a de noite e escondi-a debaixo da minha sela.

Descreveu a conversa da véspera e a proposta de Kapárine.

Fômine perguntou com um ar descontente:

- Porque não me falaste nisso ontem?

- Tive dó dele, o malandro babava-se todo - confessou Grigóri.

- Ah! Melekhov, Melekhov! - exclamou Tchumakov, sinceramente espantado. - Deves meter esse dó onde escondeste a culatra de Kapárine, debaixo da tua sela, senão ainda te acontece alguma desgraça!

- Não preciso das tuas lições. Sei tanto como tu - retorquiu friamente Grigóri.

- Achas que estou a dar-te lições? Mas, se eu te tivesse mandado desta para melhor durante a noite, assim sem mais nem menos, por causa do teu bom coração... hem?

- Teria ido direitinho para o outro mundo - respondeu em voz baixa Grigóri, após um momento de reflexão. E acrescentou, mais para si próprio do que para os outros: - Deve ser horrível morrer acordado, mas, a dormir, não custa nada...

XV

Uma noite, nos fins de Abril, atravessaram de barco o Don. Um jovem cossaco de Nijné-Krivsskaia, chamado Alexandre Kocheliov, aguardava-os na outra margem, em Rubejni.

- Vou convosco, Iakov Efímitch. Aborreço-me na terra - disse ele, ao acolher Fômine.

Este tocou com o cotovelo em Grigóri, murmurando:

- Estás a ver? Eu bem te dizia... Mal saímos da ilha e já nos chega mais gente. Este conheço eu. É um sujeito combativo.

- Bom sinal. A coisa vai.

A avaliar pelo tom da sua voz, sorria de contentamento.

Estava encantado, pelos vistos, com a aparição deste novo companheiro. O êxito da travessia e o facto de um homem se ter logo reunido a eles dava-lhe coragem, restituía-lhe uma nova esperança.

- Olha, além da espingarda e da pistola, ainda tens um binóculo! - disse com ar satisfeito, encarquilhando os olhos, a apalpar, na escuridão, o equipamento de Kocheliov. - Vê-se logo que é um verdadeiro cossaco, dos puros!

O primo de Fômine chegou também dali a pouco, montado num cavalecoque atrelado a uma carroça.

- Ponham as selas no carro -, disse a meia voz. - Mas despachem-se, pelo amor de Deus, é tarde e temos muito que andar...

Enervava-se, incitando Fômine, o qual, todo satisfeito por ter abandonado a ilha e sentir debaixo dos pés o solo firme da sua terra natal, desejava ter-se demorado um momento para visitar os amigos...

Pouco antes da aurora, nos arredores de Iagódný, escolheram os melhores cavalos de uma manada, selaram-nos, e Tchumakov declarou ao velho guarda:

- Não te aflijas por causa dos animais. Não valem grande coisa e não os conservaremos por muito tempo: logo que acharmos outros melhores, devolvemo-los ao proprietário. Se te vierem perguntar quem os levou, diz que foi a milícia da stanitsa de

Krasnókutsskaia. Os donos que vão lá procurá-los Diz-lhes também que fomos em perseguição de um bando.

Uma vez na estrada, despediram-se do primo de Fômine, depois voltaram à esquerda e partiram num trote largo na direcção de sudoeste.

De acordo com certos boatos, o bando de Maslak fizera uma surtida, alguns dias antes, para os lados da stanitsa de Mechkovsskaia. E Fômine, que resolvera juntar-se a ele, partiu com esse destino.

Durante três dias, percorreram os caminhos da estepe na margem direita do rio, evitando as aldeias grandes e as stanitsas. Nas povoações tauridianas limítrofes do território da stanitsa de Karguínsskaia, trocaram as pilecas por cavalos tauridianos, bem tratados e rápidos no galope.

Na manhã do quarto dia, junto à aldeia de Veji, Grigóri foi o primeiro a avistar uma coluna de cavalaria que desembocava entre dois outeiros longínquos. Havia pelo menos dois esquadrões, que precediam e escoltavam patrulhas de fraca importância.

Fômine ajustou o binóculo:

- Se não é Maslak, é...

- Tanto pode ser neve como chuva... disse Tchumakov, à maneira de graçola. Repara bem, Iakov Efímitch pois, se se trata de vermelhos, temos que dar meia volta, e depressa.

- Diabos me levem se consigo distinguir daqui alguma coisa - declarou Fômine, despeitado.

- Olha! Já nos pisgaram! Vem uma patrulha ao nosso encontro! - exclamou Sterliadnikov.

Com efeito, tinham-nos visto. A patrulha que caminhava à direita da coluna, mudando bruscamente de rumo dirigiu-se para eles a trote.

Fômine meteu à pressa o binóculo no estojo, mas Grigóri, curvando-se, a sorrir, segurou pela rédea o cavalo de Fômine:

- Não tenhas pressa. Deixa-os aproximar um pouco. São apenas doze. Temos de ver convenientemente de quem se trata e, em caso de perigo, estamos sempre a tempo de cavar. Os nossos cavalos estão folgados. Porque tens medo? Pega no binóculo.

Os doze cavaleiros, aproximando-se, aumentavam de tamanho de minuto para minuto. Distinguiam-se já nitidamente as suas silhuetas contra o fundo verde da colina coberta de erva nova.

Grigóri e os outros contemplavam Fômine com impaciência. As suas mãos faziam tremer o binóculo. Olhava tão fixamente que lhe escorreu uma lágrima pela face exposta ao sol.

- São vermelhos! Trazem a estrela no boné - exclamou finalmente Fômine numa voz abafada, obrigando o cavalo a dar meia volta.

Começou a debandada. Atrás deles soaram alguns tiros.

Grigóri percorreu quatro verstás ao lado de Fômine, olhando de tempos a tempos para trás.

- Já está feita, a tal junção - comentou, trocista.

Fômine manteve um silêncio acabrunhado. Tchumakov gritou, sofrendo um pouco o cavalo:

- Temos de evitar as aldeias. Vamos para os campos de Viochénsskaia. Lá é menos povoado do que aqui.

Mais umas verstás daquele galope furioso e os cavalos ficariam completamente estoirados. Os seus pescoços tensos, cobertos de espuma, estavam profundamente enrugados.

- Mais devagar! Diminuir a velocidade! – comandou Grigóri.

De doze, os perseguidores passaram a nove; três tinham ficado para trás. Grigóri, depois de avaliar com os olhos a distância que os separava dos vermelhos, gritou:

- Parem! Vamos disparar sobre eles.

Os cinco homens, metendo os cavalos a trote, saltaram para o chão e pegaram nas espingardas.

- Sobre o último à esquerda, pontaria alta, fogo!

Cada um esvaziou o seu carregador, derrubaram o cavalo de um dos vermelhos e retomaram o galope. Isto acalmou o ímpeto dos perseguidores, que, após terem disparado ainda alguns tiros de longe, abandonaram definitivamente a caçada.

- Temos que dar de beber aos cavalos. Há um charco ali adiante - disse Sterliadnikov, apontando com o bengalim a linha de uma lagoa na estepe, azulada pela distância.

Meteram então a passo, observando atentamente todas as dobras do terreno, as ravinas, para seguirem a coberto dos desníveis.

Deram de beber aos cavalos na lagoa e puseram-se de novo a caminho, primeiro a passo, depois a trote. Ao meio-dia pararam para os deixar pastar na encosta de um vale profundo que cortava a estepe em diagonal. Fômine enviou Kocheliov a pé até junto de um túmulo vizinho, ordenando-lhe que ficasse aí de atalaia, bem escondido. No caso de ver surgir qualquer cavaleiro, devia regressar a toda a pressa depois de ter dado o sinal de alarme.

Grigóri peou o cavalo e deixou-o pastar. Deitou-se em seguida na encosta, num lugar seco. O cheiro adocicado da terra negra aquecida pelo sol não chegava a dominar o das

violetas em flor. Havia-as aos montes nos terrenos em poisio, entre as hastes secas das coriolas, estendiam-se em ramificações coloridas ao longo de um cômodo muito antigo e, do meio da erva murcha do ano anterior, sobre as gretas duras como pedra, os seus olhos fitavam o mundo com uma pureza infantil.

Acabavam de viver na estepe vasta e profunda o tempo que lhes era concedido, e já as túlipas, com o seu brilho fabuloso, as vinham substituir na encosta, erguendo para o sol os seus cálices vermelhos, amarelos ou brancos; e o vento levava para longe, ao longo da estepe, o perfume misturado das flores.

No lado norte, na encosta abrupta, à sombra, tinham ficado pastas de neve húmida donde vinha frio, mas esse frio acentuava ainda mais o aroma das violetas moribundas, vago e triste como a recordação das coisas que muito amámos e há muito desapareceram...

Grigóri estendera-se, de pernas afastadas, apoiado nos cotovelos, a fitar com os olhos ávidos a estepe envolta numa névoa de calor, os túmulos azulados no horizonte, o ar fremente e vibrante na beira da encosta. Bastava-lhe fechar os olhos um minuto e ouvia o canto próximo e distante das cotovias, os passos leves e o sacudir dos cavalos que pastavam, o tilintar dos freios e o murmurar do vento nas ervas novas... Assim apoiado com todo o peso do corpo na terra dura, experimentava uma estranha sensação de afastamento, de paz. Há muito que isso lhe acontecia sempre a seguir a um susto, e Grigóri via então o mundo em volta como se fosse pela primeira vez.

A sua vista, o ouvido, afiguravam-se-lhe mais apurados e, após uma emoção, todas aquelas coisas em que dantes não reparava lhe atraíam a atenção. Seguia com o mesmo interesse o voo oblíquo e ruidoso de um milhafre a perseguir um pássaro minúsculo ou o avanço retardado de um escaravelho preto que mostrava grande dificuldade em vencer a distância que separava os seus cotovelos, ou o baloiçar leve de uma túlipa negra com reflexos purpúreos, apenas agitada pelo vento, a qual brilhava com uma beleza virginal. Essa túlipa encontrava-se agora perto dele, à borda de um buraco de toupeira a esbarrondar-se. Bastava-lhe estender a mão para a arrancar, mas Grigóri não se movia, contentava-se em contemplar a flor com muda admiração, em observar as folhas hirtas da haste que conservavam ciosamente as gotas de orvalho cintilantes onde se reflectia um arco-íris. Em seguida, voltava os olhos sem pensar em nada, seguia o voo de uma águia a pairar lá no alto, por cima de uma aldeia de montículos de toupeira abandonados...

Duas horas depois, voltaram a subir para a sela a fim de alcançar o território da stanitsa de Elánsskaia onde conheciam algumas aldeias.

A patrulha vermelha, provavelmente, assinalara a passagem deles. Ao entrarem na povoação de Kaménsskaia, foram recebidos com tiros disparados da outra margem do rio. O assobio musical das balas obrigou Fômine a afastar-se do caminho.

Ultrapassaram a aldeia a galope, sob o fogo do inimigo, e em breve desembocaram nas terras cobertas de erva da stanitsa de Vióchénsskaia. Atrás da aldeia de Topkaia Balka, um pequeno destacamento da milícia tentou interceptá-los.

- Devemos cortar à esquerda - propôs Fômine.

- Acho melhor atacarmos - declarou resolutamente Grigóri. - Eles são nove e nós cinco. Poderemos passar.

Tchumakov e Sterliadnikov deram o mesmo parecer. Desembainharam os sabres, obrigando os cavalos fatigados a meter a galope. Os milicianos abriram um fogo cerrado sem desmontarem, mudaram de direcção e recusaram o combate.

- Não são lá muito valentes! - exclamou Kocheliyov, trocista. - Quando se trata de preencher papéis, são chefes, mas, para um combate a sério, não aparece ninguém.

Disparando por vezes quando os milicianos os cercavam mais de perto, Fômine e os companheiros fugiam para leste, como lobos perseguidos pelos galgos: de quando em quando, mostravam os dentes, mas sem pararem nunca. Durante uma dessas trocas de tiros, Sterliadnikov foi ferido. A bala furou-lhe a barriga da perna direita e raspou no osso. Solto um grito de dor e disse, empalidecendo:

- Fui alvejado numa perna... Sempre a mesma, a doente... Que corja de malandros!

Tchumakov deitou-se todo para trás a rir às gargalhadas, a ponto de lhe virem as lágrimas aos olhos. Enquanto ajudava Sterliadnikov a manter-se a cavalo, apoiado no seu braço, tremia todo de riso e dizia:

- Como é que eles conseguiram acertar? Foi de propósito... Viram um coxo e disseram consigo: vamos lá acabar-lhe com a perna de uma vez... Ah! Sterliadnikov! Ah, desgraçado!

- A tua perna vai ficar ainda mais curta. Como é que hás-de dançar agora? Tenho de te fazer um buraco no chão da fundura de um archine...

- Cala-te, malandro! Deixa-me em paz. Cala-te, pelas almas suplicava Sterliadnikov, fazendo caretas de dor.

Meia hora mais tarde, ao chegarem ao cimo de um vale cujas encostas se inclinavam suavemente, pediu:

- Paremos um instante, tenho de fechar a ferida. Vou com a bota cheia de sangue...

Fizeram alto. Grigóri ficou de guarda aos cavalos. Fômine e Kocheliov disparavam de tempos a tempos sobre os vultos distantes dos milicianos. Tchumakov ajudou Sterliadnikov a descalçar-se.

- É verdade. Sangraste muito - observou Tchumakov de sobrolho carregado.

Despejou a bota e o líquido acastanhado correu pela terra. Quis rasgar com a ponta do sabre a calça húmida e quente de sangue, mas Sterliadnikov não consentiu.

- São umas calças novas, não há motivo para as rasgarmos - declarou. E, apoiando-se com as duas mãos na terra, esticou a perna ferida. - Tira-me isto. Ajuda, mas devagar.

- Tens uma ligadura? - perguntou Tchumakov, apalpando os bolsos.

- Para que queria eu uma ligadura? Cá me arranjo sem ela

Sterliadnikov examinou atentamente o buraco por onde saíra a bala, em seguida despejou na palma da mão a pólvora de um cartucho cuja bala retirara com os dentes, e juntou-lhe terra e saliva, amassando tudo muito bem. Tapou generosamente os dois orifícios com essa lama e declarou, satisfeito:

- Isto dá sempre resultado. A ferida vai secar, dentro de dois dias estará cicatrizada. É como as feridas dos cães.

Não voltaram a parar até ao Tchir. Os milicianos mantinham-se a respeitável distância, só disparando de tempos a tempos. Fômine olhava muitas vezes para trás e dizia:

- Eles não nos perdem de vista... Talvez estejam à espera de reforços. Devem ter uma razão para se conservarem tão distantes...

Atravessaram o Tchir a vau na aldeia de Visloguzóvski e treparam a pé a encosta suave da colina. Os cavalos estavam esgotados. Obrigavam-nos a descer as ladeiras, mas, para subir, era necessário pegarem-lhes nas rédeas e raspavam-lhes com as mãos os flancos e as garupas para fazerem cair a espuma.

Verificaram-se as hipóteses de Fômine: a umas cinco verstás de Visloguzóvski, foram perseguidos por sete homens montados em cavalos novos e rápidos.

- Se continuam a revezar-se desta maneira, em breve estaremos tramados - observou Kocheliov com um ar sombrio.

Atravessaram a estepe sem se utilizarem dos caminhos, sempre a manterem o inimigo a distância: enquanto dois disparavam, deitados na erva, os outros afastavam-se umas duzentas ságenas, desmontavam, mantinham o inimigo debaixo de fogo a fim de permitirem aos dois primeiros que avançassem mais quatro ságenas a galope e regulassem o tiro. Desta forma mataram ou feriram gravemente um miliciano e abateram um cavalo. Em breve, Tchumakov ficou também sem o seu. Teve de correr ao lado do de Kocheliov, segurando-se ao estribo.

As sombras alongavam-se. O sol descaía. Grigóri propôs que se mantivessem em grupo; seguiam a passo, todos juntos, indo Tchumakov a pé. Do alto de uma colina, ao avistarem um carro puxado por dois cavalos, cortaram para alcançar a estrada. O velho cossaco que conduzia a viatura meteu os cavalos a galope, mas os tiros obrigaram-no a parar.

- Vou trespassar aquele tipo com o sabre, grande malandro!

- Para lhe ensinar a fugir... - disse entre dentes Kocheliov, enquanto fustigava o seu cavalo com toda a força.

- Não lhe toques, Sachka, proíbo-te! - gritou Fômine.

E chamou de longe:

- Desatreia, tiozinho, estás a ouvir? Desatreia se tens amor à vida.

Indiferente às súplicas lacrimojantes do velho, eles próprios desatrelaram os tirantes, retiraram as cabeçadas e as coleiras, selaram rapidamente os cavalos.

- Ao menos deixem-me um dos vossos em paga! - suplicava o velhote a chorar.

- E um murro nas ventas, não queres, meu patife? - disse-lhe Kocheliov. - Nós também precisamos deles. Dá graças a Deus por ficares com vida...

Fômine e Tchumakov montaram os cavalos frescos. Não tardou que mais três cavaleiros se viessem juntar aos cinco que os perseguiam.

- Temos que meter a galope. Espicacem os cavalos, rapazes - ordenou Fômine. - Se chegarmos antes da noite aos vales de Krivsskoi estamos salvos...

Fustigou a sua montada, partindo à frente. O seu antigo cavalo trotava à esquerda, preso por uma rédea curta. Cortadas pelas patas dos animais, as túlipas vermelhas voavam em todas as direcções como grossas gotas de sangue. Grigóri, que galopava atrás de Fômine, ao ver aquelas manchas rubras, fechou os olhos. A cabeça andava-lhe à roda e voltou a sentir no peito a antiga dor...

Os cavalos estavam exaustos, bem como os homens, cansados por aquela corrida incessante, mortos de fome. Sterliadnikov oscilava na sela, mais branco do que um lençol. Perdera muito sangue. Torturavam-no a sede e a náusea. Comeu um bocado de pão duro, mas vomitou-o logo.

Ao crepúsculo, junto da aldeia de Krivsskoi, penetraram no meio de uma manada de cavalos que voltava da estepe. Dispararam ainda alguns tiros contra os seus perseguidores e verificaram com alegria que estes tinham parado. Os nove cavaleiros estavam reunidos lá longe, em consulta, pelos vistos, depois voltaram para trás.

Passaram dois dias em Krivsskoi, na casa de um cossaco conhecido de Fômine. Era um homem rico e recebeu-os bem.

Os cavalos ficaram instalados num telheiro escuro; deram-lhes tanta aveia que eles não conseguiram comê-la toda e ao fim desses dois dias encontravam-se totalmente refeitos daquela corrida louca. Os soldados de Fômine tratavam dos cavalos à vez, dormiam numa arrecadação de estrume forrada de teias de aranha e comiam até fartar em paga dos dias magros que haviam passado na ilha.

Se não fosse Sterliadnikov, poderiam ter partido logo no dia imediato: mas a ferida deste estava cada vez pior; pela manhã, aparecera toda vermelha em volta; à noite a perna inchara e Sterliadnikov perdeu os sentidos. Estava abrasado em sede e passou a noite a pedir água; assim que recuperava os sentidos, bebia sofregamente. Esgotou quase um balde em toda a noite, mas já não era capaz de se levantar, mesmo ajudado; cada movimento lhe provocava uma dor atroz. Urinava sem se erguer do chão e gemia continuamente. Os outros transportaram-no para o fundo da granja, mas de nada valeu.

Gemia por vezes muito alto e, quando perdia a noção das coisas, gritava palavras sem sentido.

Tornou-se necessário organizar turnos para o vigiar. Davam-lhe de beber, humedeciam-lhe a fronte escaldante e, quando se punha a gritar ou a delirar muito alto, tapavam-lhe a boca com a mão ou com um sabre.

No fim do segundo dia, Sterliadnikov voltou a si e disse que se sentia melhor.

- Quando fazem tenção de sair daqui? perguntou ele a Tchumakov, depois de o chamar com um dedo.

- Esta noite.

- Partirei convosco. Não me deixem, pelo amor de Deus!

- Como há-de ser isso? - perguntou Fômine a meia voz. Não consegues mexer-te.

- Qual, não me posso mexer! Olha!

Sterliadnikov ergueu-se com esforço, mas caiu logo para trás.

Tinha o rosto a escaldar e pequenas gotas de suor cobriam-lhe a testa.

- Vamos levar-te - declarou resolutamente Tchumakov.

- Levamos-te, não tenhas medo, peço-te. E limpa essas lágrimas, não és nenhuma mulher!

- Isto é suor - murmurou baixinho Sterliadnikov, puxando o boné para os olhos...

- Nós bem queríamos deixar-te, mas o dono da casa não está pelos ajustes. Não tenhas receio, Vassilli, a tua perna vai curar-se e ainda havemos de lutar juntos e dançar à cossaca. Porque estás assim desanimado, hem? A ferida não tem boa cara, mas não é um caso perdido.

Tchumakov, sempre duro e grosseiro nas suas relações com os outros, dissera isto tão amavelmente, num tom tão cordial e sincero, que Grigóri o fitou surpreendido.

Abandonaram a aldeia um pouco antes de romper o dia.

Sterliadnikov foi instalado com grande custo sobre o cavalo, sempre a oscilar, ora para um lado, ora para o outro. Tchumakov, a seu lado, segurava-o com o braço direito.

- Que estopada... Temos de o deixar em qualquer parte - murmurou Fômine que se aproximara de Grigóri, abanando tristemente a cabeça.

- Acabamos com ele?

- Que outra coisa se pode fazer? Não vamos passar todo o tempo a apapricá-lo. Que queres tu que se lhe faça?

Seguiram muito tempo calados, a passo. Tchumakov foi rendido por Grigóri, e depois este por Kocheliov. O sol apareceu. No vale, o nevoeiro pairava por cima do Don, mas sobre a colina os longes da estepe permaneciam ainda transparentes e claros e a abóbada do céu, ornamentada lá no alto por alguns cirros estáticos, tornava-se mais azul de minuto para minuto. Um orvalho espesso cobria a erva de um brocado de prata, e as patas dos cavalos deixavam marcas escuras, semelhantes a regatos. Apenas as cotovias perturbavam, o grande silêncio benéfico que envolvia a estepe.

Sterliadnikov, cuja cabeça baloiçava ao sabor dos passos do cavalo, disse baixinho:

- Oh, como isto custa!

Fômine interrompeu-o com brutalidade:

- Cala-te! Para nós também não é fácil carregar contigo.

Perto da estrada dos Hetmans, uma abequinha saltou debaixo das patas dos cavalos. O bater sibilante e fremente das suas asas despertou Sterliadnikov do torpor em que ia mergulhado.

- Irmãos, deixem-me descer do cavalo... - suplicou.

Kocheliov e Tchumakov, tirando-o da sela, deitaram-no com precaução a erva molhada.

- Deixa ao menos ver o estado da tua perna. Anda, desaperta as calças - pediu Tchumakov, agachando-se.

A perna de Sterliadnikov estava monstruosamente inflamada, dura, e enchia a calça larga sem que esta fizesse qualquer prega. A pele mostrava-se violácea e luzidia até à anca, com manchas negras, aveludadas ao tacto. Também se viam manchas, mais claras, no ventre cavado. Tanto a ferida como o sangue coagulado nas calças exalavam já um cheiro a podre, e Tchumakov examinava a perna do amigo a tapar o nariz com os dedos, fazendo caretas e reprimindo a custo a náusea que lhe subia à garganta. Por fim, contemplou as

pálpebras roxas de Sterliadnikov que cerrara os olhos, trocou um olhar com Fômine, e disse:

- Isto até parece o fogo de Santo António... Sim, a coisa está séria, Vassili Sterliadnikov... muito séria, mesmo... Ah, Vassia, tiveste pouca sorte!...

Sterliadnikov, a respirar com dificuldade, não falava.

Fômine e Grigóri saltaram em terra ao mesmo tempo, como que obedecendo a uma ordem e aproximaram-se do ferido, do lado donde soprava o vento.

Sterliadnikov ficou ainda um momento imóvel, depois sentou-se, apoiando-se com as duas mãos, e fitou os companheiros com os olhos turvos, que a renúncia tornava severos.

- Irmãos, acabem comigo... Já não pertenço a este mundo. Não aguento, já não tenho forças...

Voltou a deitar-se de costas e cerrou os olhos. Fômine e os outros já sabiam que ele havia de acabar por lhes fazer aquele pedido e esperavam por isso. Fômine, depois de piscar o olho a Kocheliov, voltou as costas. Kocheliov pegou na espingarda sem discutir. “Dispara”, disse Tchumakov, que se afastara um pouco, e Kocheliov adivinhou mais do que ouviu o que ele disse. Porém Sterliadnikov, abrindo os olhos, disse com firmeza:

- Aponta aqui. Ergueu a mão e apontou para a base do nariz. Para que a luz se apague de uma vez... Quando chegarem à minha aldeia digam à minha mulher o que se passou... Que não espere mais por mim.

Kocheliov levou um tempo desusado a manejar a culatra da espingarda e Sterliadnikov, de pálpebras cerradas, acrescentou:

- Só lá tenho a mulher... Não tenho nenhum filho... Ela teve um, mas morreu... Nunca mais nasceu outro...

Kocheliov levou por duas vezes a espingarda à cara, mas abaixou-a; estava cada vez mais pálido... Tchumakov, furioso, empurrando-o com o ombro, tirou-lhe a arma das mãos.

- Se não és capaz, desiste, alma de um raio!

Tirou o boné e alisou os cabelos.

- Depressa! exigiu Fômine, já com o pé no estribo.

Lentamente, muito baixinho, à procura das palavras, Tchumakov começou a falar:

- Vassili, adeus, e perdoa-nos a todos, em nome de Cristo. Encontrar-nos-emos no outro mundo e lá seremos julgados. Falaremos à tua mulher, conforme pediste.

Esperou uma resposta, mas Sterliadnikov permaneceu calado, sempre cada vez mais pálido, à espera da morte. Apenas as suas pestanas, queimadas pelo sol, se agitavam como

que por acção do vento, e os dedos da mão esquerda moviam-se devagar, tentando, sabe-se lá porquê, abotoar sobre o peito um botão partido do casaco

Grigóri tinha visto morrer muitas pessoas na sua vida, mas não quis presenciar aquela morte. Deu rapidamente alguns passos, a segurar energicamente as rédeas do cavalo.

Esperava o tiro como se fosse ele a recebê-lo entre as omoplatas Esperava, e o seu coração contava os segundos e, quando a detonação estalou atrás dele, as suas pernas dobraram-se e foi a custo que dominou o cavalo que se empinava

Cavalgaram durante duas horas sem trocarem palavra.

Tchumakov, quando pararam, foi o primeiro a romper o silêncio com a mão a tapar os olhos, disse numa voz surda:

- Meu Deus, porque foi que o matei? Devia tê-lo deixado na estepe, sem sobrecarregar a consciência com mais este pecado. Tenho-o sempre diante dos olhos

- Ainda não te acostumaste? - disse Fômine. Depois de teres morto tanta gente ainda não conseguiste habituar-te? Deves ter em lugar do coração um bocado de ferro ferrugento

- Não me provoques, Iakov Efímitch - disse baixinho Tchumakov - Não me faças perder a cabeça, pois sou muito capaz de dar também cabo de ti Nem me custava nada.

- Provocar-te? Era o que mais me faltava! Já tenho preocupações que bastem - declarou Fômine num tom conciliante, deitando-se de costas.

O sol fê-lo piscar os olhos e espreguiçou-se com volúpia.

XVI

Ao contrário do que previra Grigóri, nos dez dias que se seguiram, vieram juntar-se a eles mais uns quarenta cossacos, fugidos de vários bandos desfeitos. Depois de perderem os seus atamanes, erravam através do distrito e logo se puseram ao lado de Fômine. Pouco lhes interessava servir este, de matar aquele, desde que pudessem continuar naquela vida nómada e espoliar todos aqueles que lhes vinham parar ao alcance. Eram homens sem fé nem lei, e Fômine, ao contemplá-los, dizia para Grigóri com desprezo: “Ah, Melekhov, isto não são homens, é a escória!... Uns verdadeiros malfeitores, todos eles!” No fundo, Fômine acreditava que estava lutando pelo povo trabalhador e afirmava ainda (com menos frequência do que outrora, é certo): “Nós somos os libertadores do povo cossaco...” Agarrava-se teimosamente às esperanças mais absurdas... Voltara a fechar os olhos aos assaltos cometidos pelos seus companheiros, achando que aquilo era um mal inevitável que se tinha de tolerar, mas pensando que, no decorrer do tempo, conseguiria livrar-se dos ladrões e, mais tarde ou mais cedo, acabaria por vir a ser o verdadeiro chefe das unidades insurrectas e não o atamane de um bando minúsculo

Porém Tchumakov qualificava os homens de Fômine de ladrões e esfalfava-se a tentar provar a este que ele próprio nada mais era do que um bandido de estrada. Sempre que se encontrava a sós, rebentavam entre eles violentas discussões.

- Eu sou um combatente ideológico contra o poder dos Sovietes gritava Fômine, vermelho de cólera. E tu chamas-me o que te vem à cabeça! Como podes tu perceber, imbecil, que eu me estou batendo por uma ideia?

- Não tentes fazer de mim parvo - replicava Tchumakov.- Nunca me obrigarás a acreditar nessas asneiras. Não sou nenhuma criança. Que belo combatente ideológico! Não passas de um bandido, acabou-se. Impressiona-te esta palavra?

- Não compreendo.

- Porque me insultas assim? Porquê, meu Deus? Revol tei-me contra o poder dos Sovietes e luto de armas na mão. Isto é ser um bandido?

- O facto de lutares contra o poder prova que és umbandido. Os bandidos sempre lutaram contra o poder, em todos os tempos. Seja ele o que for, o poder dos Sovietes representa a lei e mantém-se desde 1917; aquele que luta contra ele é um bandido.

- Tu não tens nada dentro da cabeça. E o general Krasnov e Denikine, também eram bandidos?

- E então? Pois claro que eram. Bandidos com galões.

- E os galões não significam grande coisa. Nós também podemos usá-los.

Fômine dava punhadas, cuspia e, à falta de argumentos convincentes, desistia da discussão. Impossível convencer Tchumakov.

A maior parte dos recém-chegados vinham admiravelmente armados. Quase todos traziam bons cavalos treinados em longos percursos e capazes de percorrer centenas de verstás por dia. Alguns tinham dois cavalos: um transportava o cavaleiro ao passo que o outro o sobressalente galopava sem sela a seu lado. Em caso de necessidade, o cavaleiro mudava de cavalo e ia-os deixando descansar à vez, o que lhe permitia percorrer duzentas verstás em vinte e quatro horas. Um dia, Fômine disse a Grigóri:

- Se tivéssemos tido logo dois cavalos para cada um, eles nunca nos conseguiriam alcançar. A milícia e o Exército Vermelho não podem tirar cavalos à população. Não se atrevem, mas a nós tudo é permitido. Os velhos contam que, noutros tempos, os Tatares possuíam dois cavalos e até mesmo três. Assim quem os poderia apanhar? Temos de lhes seguir o exemplo. A mim agrada-me bastante esse processo dos Tatares.

Em breve conseguiram arranjar cavalos, e isto tornou-os inatacáveis nos primeiros tempos. O grupo de milícia montada há pouco organizado em Viochénskaja nunca conseguia apanhá-los. Os cavalos sobressalentes permitiam ao pequeno bando de Fômine distanciar-se facilmente do inimigo e ganhar-lhe várias etapas, ao mesmo tempo que evitava qualquer recontro duvidoso.

Uma vez, contudo, em meados de Maio, um grupo, que era quatro vezes superior em número, conseguiu encurralar Fômine junto da aldeia de Bobróvski, na stanitsa de Urst-Khopersskaia. O bando, porém, logrando escapar-se, fugiu ao longo do Don, embora tivesse deixado atrás de si oito mortos ou feridos. Pouco depois, Fômine propôs a Grigóri o posto de chefe do Estado-Maior.

- Precisamos de um homem instruído para fazer os planos, para avançar de acordo com o mapa, de contrário eles cercam-nos e podem dar-nos um enxerto. Tens de encarregar-te disto, Grigóri Panteleievitch.

- Para capturar milicianos e cortar-lhes as cabeças não é preciso Estado-Maior - observou Grigóri, com um ar aborrecido.

- Qualquer destacamento necessita de um Estado-Maior, não digas asneiras.

- Então porque não assumes tu esse posto?

- Não percebo nada disso.

- E Tchumakov?

- Também não.

- Caramba, então porque o atiras para cima de mim?

- És oficial, deves perceber do assunto, saber o que é atáctica e todos esses truques.

- Fui oficial como tu és chefe de destacamento. De resto, a nossa táctica é muito simples: galopar na estepe e olhar para trás de vez em quando - respondeu ironicamente Grigóri.

Fômine, a piscar o olho, ameaçou Grigóri com o dedo.

- Já te conheço as manhas. Queres ficar de parte, pões-te na sombra Isso de nada te servirá, meu caro. Tanto faz ser-se chefe do Estado-maior como chefe de pelotão, o preço é o mesmo. Julgas que, se te apanharem, te fazem um desconto? Não esperes por isso!

- Não estou a pensar em nada, guarda para ti as tuas suposições - respondeu Grigóri, de olhos fitos na dragona do sabre. - Mas não quero encarregar-me daquilo que não percebo.

- Bem, se não queres, não queres, passaremos sem ti - respondeu Fômine, despeitado.

A situação no distrito modificara-se sensivelmente: as casas abastadas, que antes acolhiam Fômine com a maior hospitalidade, fechavam agora as suas portas a sete chaves e, assim que o bando aparecia, os proprietários iam esconder-se nas hortas e nos prados. O tribunal revolucionário volante, instalado em Viochénskkaia, condenara severamente grande número de cossacos que se haviam mostrado outrora simpatizantes com Fômine. A notícia dera a volta às stanitsas e produzira os seus resultados no espírito daqueles que exprimiam abertamente a sua simpatia pelos bandidos.

Em quinze dias Fômine percorreu todas as stanitsas do o Alto Don. O bando contava cerca de cento e trinta homens; tinham agora a persegui-lo vários esquadrões do 13.º Regimento de Cavalaria transferido do Sul e já não um simples grupo de cavaleiros formado à pressa.

Entre os bandidos que se haviam reunido a Fômine nos últimos tempos, muitos vinham de bastante longe. Tinham chegado até ao Don por caminhos diferentes: alguns eram desertores de um comboio de prisioneiros, de uma cadeia ou de um campo de concentração; a maior parte pertencia ao grupo de Maslak; outros, enfim, eram os sobreviventes do bando de Kurotchkine, que fora desmembrado. Os homens de Maslak tinham consentido que os separassem e integrassem noutros pelotões, mas os que vinham do bando de Kurotchkine haviam-se recusado a fazer isso. Formavam um pelotão à parte, solidamente unido, sempre um pouco afastado dos outros. Permaneciam solidários tanto

no combate como no descanso, auxiliavam-se entre si, e, sempre que pilhavam um armazém da única sociedade de consumo ou uma cantina, punham o lucro em comum e, ao partilhá-lo, observavam rigorosamente o princípio da igualdade.

Alguns cossacos do Terek e do Kúbano, de casacos Tcherkesses já gastos, dois kalmuks da stanitsa de Velikokniajesskaia, um letão com umas botas de caça que lhe chegavam à cintura, cinco marinheiros anarquistas de camisolas riscadas e blusões desbotados, todos vinham tornar ainda mais heterogêneo aquele bando.

Um dia, mostrando com os olhos a coluna em fila, Tchumakov perguntou a Fômine:

- Continuas a teimar que isto não são bandidos mas sim combatentes ideológicos? Só nos falta um pope despadrado e porcos de calções para termos 'toda a escolta da Santa Virgem...

Fômine não respondeu. O único desejo era reunir em sua volta o maior número possível de gente. Não perdia tempo com qualquer espécie de consideração antes de aceitar os voluntários. Interrogava pessoalmente todos aqueles que exprimiam o desejo de servir sob as suas ordens e respondia apenas:

- Estás apurado. Ficas. Vai ter com Tchumakov, o meu chefe do Estado-maior. Ele que te indique o pelotão e te dê uma arma.

Numa aldeia da stanitsa de Migulinsskaia, levaram à presença de Fômine um rapaz bem vestido, moreno, de cabelos encaracolados, que se mostrou desejoso de ingressar no bando.

O interrogatório revelou que o jovem era de Rostov, tendo sido recentemente condenado por pilhagem à mão armada, mas evadira-se da prisão de Rostov e viera até ao Alto Don por ter ouvido falar em Fômine.

- Qual é a tua origem? Arménio ou búlgaro? - inquiriu Fômine.

- Nada disso. Sou judeu - respondeu o rapaz, após um momento de hesitação.

A resposta era inesperada, e Fômine ficou perplexo. Não sabia o que fazer naquela circunstância imprevista. Depois de ter reflectido um momento, soltou um suspiro e disse:

- Bem, se és judeu, acabou-se. Não recusamos ninguém... Sabes ao menos montar a cavalo? Não? Se não sabes, aprendes. Vamos dar-te primeiro uma eguazita mansa. Vai procurar Tchumakov e ele te dirá onde ficas incorporado.

Dali a minutos, Tchumakov, fulo, chegava a galope.

- Estás louco ou andas a brincar comigo? - gritou ele, fazendo recuar o cavalo. - Que significa isso de me mandares um yupine? Não quero nada com essa gente. Que vá para o raio que o parta!

- Aceita-o, aceita-o, sempre é mais um homem - respondeu tranquilamente Fômine.

Tchumakov, porém, com a boca cheia de espuma, pôs-se a berrar:

- Não quero isso! Mato-o, mas não o quero cá. Os cossacos protestam. Vai lá tu entender-te com eles.

Enquanto discutiam, os cossacos, atrás de um carro, tinham despojado o jovem judeu da sua camisa bordada e das calças largas. Dizia um deles, enquanto experimentava a camisa:

- Estás a ver aquelas ervas perto da aldeia? Vai até lá a trote e deita-te no meio delas. Ficas escondido aí até nós partirmos e depois vai para onde te apetecer. Não voltes para junto de nós, senão damos cabo de ti. Vai até Rostov, para casa da tua mãe. Vocês, judeus, nada têm a ver com a guerra. Deus fez-vos para o comércio e não para a guerra. Passamos bem sem vocês, cá nos arranjaremos.

E o judeu não foi aceite; em contrapartida, no mesmo dia, incorporaram no segundo pelotão, no meio de grandes risos e chacotas, um idiota chamado Facha, célebre em todas as aldeias da stanitsa de Viochénsskaia. Tinham-no apanhado na estepe e trazido para a aldeia, vestiram-lhe cerimoniosamente uma farda que tiraram a um soldado vermelho morto e, depois de lhe haverem ensinado a manipular uma espingarda treinaram-no no uso do sabre.

Grigóri ia ver os cavalos que estavam no piquete quando deparou com uma multidão compacta; dirigiu-se para ela. Um coro de gargalhadas fê-lo apressar o passo. No silêncio que se seguiu, escutou uma voz de mestre-escola que dizia:

- Assim não, Facha. Não é dessa maneira que se maneja o sabre. Pareces um rachador! Faz-se assim, percebes? Quando capturares alguém manda-lo pôr de joelhos. Se o homem ficar de pé, nunca conseguirás dar-lhe uma sabrada... Assim que ele se puser de joelhos, vais por trás e cortas-lhe o pescoço. Nunca faças isso de cima para baixo. A lâmina tem de descer em viés.

O inocente estava perfilado no meio dos bandidos e apertava com força o punho de um sabre desembainhado. Escutava as instruções de um dos cossacos e franzia beatificamente as sobrancelhas a sorrir, com os olhos cinzentos arregalados. Tinha a boca cheia de espuma, como os cavalos, por cima das gengivas inflamadas; escorria-lhe a saliva para a barba cor de cobre avermelhado... Lambia os beiços grossos e gaguejava:

- Já percebi tudo, amigo, já percebi... Vou fazer assam... ponho o escravo de Deus de joelhos e corto-lhe o pescocinho... muito bem cortado. Vocês já me deram umas calças, uma camisa e umas botas... Mas não tenho casaco... Se me dessem um capotinho... podiam contar comigo. De todo o meu coração

- Basta matares um comissário para ficares com um capote.

- Agora conta-nos como te casaste no ano passado - pediu um dos cossacos.

Um terror animal luziu nos olhos piscos e turvos do inocente. Praguejou durante muito tempo, começando depois a contar a história ao som de risos. Era tudo tão repugnante que Grigóri se afastou a toda a pressa, arrepiado.

“Com quem eu me vim meter!”, pensava, tomado de angústia, de amargura e de raiva contra si próprio e contra aquela vida odiosa...

Deitou-se junto dos cavalos, a tentar não ouvir os gritos do idiota e as gargalhadas dos cossacos. “Amanhã vou-me embora! Já é mais do que tempo!”, disse consigo, a olhar para os cavalos que estavam folgados e gordos. Planeava minuciosamente a partida sem nada deixar ao acaso. Roubara a um miliciano morto os documentos passados em nome de um tal Uchakov e escondera-os no forro do capote. Quanto aos cavalos, andava a prepará-los havia quinze dias para uma corrida breve mas rápida: nunca se esquecia de lhes dar de beber, esfregava-os com palha como nunca fizera, mesmo durante o serviço militar, e recorria a todos os processos para lhes- arranjar aveia em todas as aldeias onde paravam para passar a noite. Os seus cavalos, agora, tinham melhor aspecto do que os outros, sobretudo o taurídio cinzento mosqueado, cujo pêlo brilhante cintilava ao sol como a prata anilada do Cáucaso.

Com aqueles cavalos poderia escapar a qualquer perseguição. Grigóri ergueu-se, entrou num pátio vizinho e perguntou respeitosamente a uma velha que estava sentada na soleira da granja:

- Tens uma foice, tiazinha?

- Tinha uma, mas agora só o diabo pode saber onde ela pára. Para que a queres tu?

- Para cortar um bocado de erva no teu prado para os meus cavalos. Dás licença?

A velha reflectiu um momento e por fim disse:

- Mas quando é que vocês nos deixam em paz? Ora pedem isto, ora aquilo... Uns querem trigo, outros vêm-nos tirar tudo quanto apanham à mão. Não te dou a minha foice. Arranja-te como quiseres, mas não ta dou.

- Então, velhinha, estás assim tão agarrada à tua erva?

- E então? Julgas que ela nasce à toa para aí? Que hei-de eu dar à minha vaca?

- Há falta de erva na estepe?

- Nesse caso vai lá tu, meu rapaz. Há muita erva na estepe.

Grigóri retorquiu com irritação:

- Era melhor dares-me a foice, tiazinha. Vou cortar um bocado de erva e ainda lá fica muita. De contrário, levamos os cavalos para o prado e vais ver o que fica.

A velha, depois de olhar fixamente para Grigóri, voltou-lhe as costas:

- Vai lá buscá-la. Acho que está debaixo do telheiro.

Grigóri encontrou uma velha foice partida e, ao passar diante da velha, ouviu-a murmurar:

- Uma morte vos desse, malditos!

Grigóri não conseguia habituar-se àquela vida. Notara havia muito os sentimentos dos aldeãos. “Têm razão”, pensava, lançando conscienciosamente a foice para não deixar nada atrás de si. “Para que precisam eles de nós? Ninguém precisa de nós e estamos a impedir toda a gente de viver em paz e de trabalhar. Temos de acabar com isto, já basta!” Mergulhado nestes pensamentos, ia observando os cavalos a agarrarem avidamente com os beiços aveludados nos molhos de erva tenra. Uma voz juvenil e velada veio tirá-lo daquele sonho.

- Oh, que lindo cavalo! Parece mesmo um cisne!

Grigóri olhou de banda para quem acabava de falar. Era um jovem cossaco da stanitsa de Alexeievsskaia, chegado havia pouco, que estava a contemplar o cavalo, abanando a cabeça com admiração. Sem afastar do animal os olhos maravilhados, andou por várias vezes em volta dele, dando estalos com a língua.

- É teu, ou quê?

- Tens alguma coisa com isso? - respondeu Grigóri, azedo.

- Queres trocar? Tenho um puro-sangue do Don, que é vivo e salta qualquer obstáculo! Rápido como o relâmpago.

- Vai para o diabo - tornou friamente Grigóri.

O rapaz, depois de ter estado em silêncio durante um momento, suspirou com tristeza, indo sentar-se a pouca distância. Observou demoradamente o cavalo cinzento e disse por fim:

- Tem pulmoeira, respira mal.

Grigóri palitava os dentes com uma palhinha. Aquele rapaz ingénuo começava a agradar-lhe.

- Não queres trocar comigo, tiozinho? - prosseguiu o garoto, fazendo uns olhos suplicantes.

- Não, mesmo que tu te oferecesses também juntamente com o teu cavalo.

- E onde foste tu arranjar esse animal?

- Fabriquei-o.

- Não, diz lá a sério...

- Todos os cavalos vêm ao mundo pela mesma porta. São filhos de uma égua.

- Não se pode discutir com este idiota! - respondeu o rapaz, irritado. E foi-se embora.

A aldeia, em frente de Grigóri, estava deserta, como se tivesse sido devastada pela morte. Além dos homens de Fômine, não se via viva alma. Uma carroça abandonada na viela, um cepo no meio do pátio com um machado espetado, uma tábua principiada a aplainar, uma junta de bois com a soga pendente a pastar na erva do meio da rua, um balde de fundo para o ar junto do poço, tudo demonstrava que a vida pacífica da aldeia fora interrompida de súbito e que os seus habitantes se haviam eclipsado no meio do trabalho.

Grigóri vira já aldeias, como esta, abandonadas, idênticos sinais de fuga precipitada, quando os regimentos cossacos percorriam a Prússia Oriental. Via-os agora no seu próprio país...

Era com o mesmo olhar sombrio e odiento que mostravam nessa altura os alemães que os cossacos o acolhiam hoje. Recordando-se das palavras da velha” olhou em volta com angústia, enquanto desapertava o colar da camisa. Sentia de novo a dor no peito.

O Sol queimava a terra. O cheiro adocicado da poeira, da erva-formiga e do suor de cavalo fluía na viela. Nos jardins, sobre os salgueiros cheios de ninhos esfriados, grassavam os corvos. Um pequeno regato da estepe, alimentado por nascentes que brotavam, algures na encosta, corria lentamente através da aldeia, dividindo-a ao meio. De ambos os lados, estendiam-se vastas herdades cossacas perdidas na verdura das hortas, com cerejeiras a esconder as janelas e macieiras ramalhudas erguendo para o céu as suas verdes folhagens e as suas promessas de frutos.

Grigóri contemplara com os olhos embaciados o pátio invadido pela tanchagem, a casa de portadas amarelas e tecto de colmo, a grande cegonha do poço... Junto à eira, um enorme crânio de cavalo, esbranquiçado pelas chuvas, de órbitas negras arregaladas, erguia-se espetado na estaca de uma vedação. Na mesma estaca, enrolava-se em espiral a haste verde de uma corriola, a erguer-se para a luz. Atingira o cimo da estaca e agarrava-se com as gavinhas peludas às saliências do crânio, aos dentes do cavalo morto e a sua ponta, caída em busca de apoio, alcançava a haste de uma roseira brava.

Onde vira já Grigóri tudo isto? Em sonhos ou algures na sua infância? Assaltado por uma angústia pungente, atirou-se para junto da cerca a esconder o rosto nas mãos, e só se ergueu ao ouvir o grito longínquo e prolongado: “Selem os cavalos!”

Nessa noite, na estrada, saiu das fileiras e parou como que para apertar a sela dos cavalos. Ficou-se a escutar o barulho das ferraduras que se afastava lentamente, diminuindo pouco a pouco, até que saltou para a sela e partiu a galope estrada fora.

Durante cinco verstás, incitou os cavalos sem descanso, depois meteu a passo, apurando o ouvido para se certificar de que não era perseguido. Tudo estava calmo na estepe. Apenas as abequinhas chamavam umas pelas outras num tom lamentoso, sobre os charcos. Lá longe, tão longe que mal se ouvia, ladrava um cão.

Céu negro semeado de estrelas de oiro. Estepe silenciosa, brisa a rescender ao perfume amargo e familiar do absinto...

Erguido sobre os estribos, Grigóri soltou do fundo do peito um suspiro de alívio...

XVII

Chegou muito antes de nascer o dia à planície em frente de Tatársski. Acima da aldeia, no ponto em que o Dom era menos profundo, despiu-se todo, prendeu as roupas, as botas e as armas à cabeça de um dos cavalos e, segurando nos dentes a cartucheira, partiu a nado a par dos dois animais. O frio da água produziu-lhe uma queimadura insuportável. Para se aquecer, nadava vigorosamente com o braço direito, sem largar as rédeas da mão esquerda, enquanto amimava a meia voz os cavalos que gemiam e espirravam.

Ao chegar à margem, vestiu-se à pressa, apertou as correias das selas e, para aquecer os cavalos, partiu a galope a caminho da aldeia. O capote encharcado, a sela molhada, a camisa húmida gelavam-lhe o corpo. Batia os dentes, percorrido de calafrios, todo a tremer. Mas não tardou que a corrida o aquecesse e, perto da aldeia, meteu a passo, de olhos e ouvidos atentos. Decidiu deixar os cavalos numa ravina, descendo até ao fundo, a escorregar sobre os calhaus. Estes quebravam-se sob as patas dos cavalos, lançando chispas de lume.

Prendeu os animais a um tronco caído que conhecia desde a infância e entrou na aldeia.

Lá estava a velha herdade dos Melekhovs, as macieiras escuras, a cegonha do poço debaixo da Ursa Maior. A abafar de comoção, Grigóri desceu até ao Don, transpôs com toda a cautela a velha cerca da herdade dos Astakhovs e dirigiu-se para uma janela cujas portadas não uniam bem. Só ouvia o bater apressado do próprio coração e o sangue a pulsar-lhe na cabeça. Bateu de mansinho num vidro, tão de mansinho que mal se ouviu. Akcínia aproximou-se silenciosamente da janela e espreitou para fora. Ele viu-a apertar as mãos contra o peito e ouviu o gemido que lhe saía dos lábios. Acenando-lhe para que abrisse a janela, largou a espingarda. Akcínia abriu as portadas até trás

Grigóri murmurou:

- Pouco barulho. bom dia. Não abras a porta que eu entro pela janela

Subiu para o banco de terra batida. Os braços nus de Akcínia envolveram-lhe o pescoço; esses braços amados tremiam tanto que Grigóri foi invadido pela mesma tremura.

- Ksiúcha... espera pega na espingarda . murmurou ele a gaguejar, numa voz apenas audível.

Segurando no sabre, transpôs o parapeito da janela e fechou-a atrás de si.

Quis tomar Akcínia nos braços, mas ela deixou-se cair na frente dele, apertando-lhe os joelhos, com o rosto encostado ao capote húmido, toda sacudida de soluços. Grigóri obrigou-a levantar-se e a sentar-se no banco. Apoiada nele, com o rosto escondido no seu peito, ficou calada, sempre a tremer, mordendo a aba do capote para abafar os soluços e não acordar as crianças.

Ela, sempre tão forte, estava quebrada pelo sofrimento que a atormentara nos últimos meses... Grigóri passou-lhe a mão pelos cabelos caídos pelas costas abaixo, na testa ardente molhada de suor, e deixou-a chorar à vontade. Por fim perguntou.

- Os meninos estão bons?

- Estão.

- E Duniachka?

- A Duniachka também... também... está boa.

- O Mikhail está em casa? Pronto, acaba lá com isso, tenho a camisa toda molhada das tuas lágrimas... Ksiúchal!

- Pronto, minha querida! Não é altura de chorares, não temos tempo... O Mikhail está em casa?

Akcínia limpou a cara, apertou nas palmas das mãos húmidas as faces de Grigóri. Sorrindo através das lágrimas e sem despregar os olhos do bem-amado, disse baixinho:

- Eu não... choro mais... O Mikhail não está... há dois meses que vive em Viochénsskaia, não sei em que unidade. Anda ver os meninos. Oh, nós não te esperávamos... não te esperávamos!...

Michatka e Poliúchka dormiam na sua caminha, por cima dos cobertores. Grigóri, curvando-se sobre eles, ficou um momento imóvel, depois afastou-se na ponta dos pés e veio sentar-se em silêncio junto de Akcínia.

- Que aconteceu? - murmurou ela febrilmente. - Como é que vieste? Onde estavas? E se te prendem?

- Vim buscar-te. Não tenhas medo que não me apanham. Queres vir?

- Para onde?

- Vens comigo. Deixei o bando. Andei com Fômine. Ouviste dizer?

- Ouvi. Mas para onde iremos?

- Para o sul. Para o Kúbano. Ficaremos por ali algum tempo, sempre havemos de arranjar de comer, bem Posso trabalhar em qualquer coisa. As minhas mãos querem

trabalhar e não fazer guerra. Sofri muito durante estes últimos meses... Mas depois te conto.

- E as crianças?

- Deixamo-las com Duniachka. Depois viremos buscá-las. Hem? Queres vir comigo?

- Gricha... Grichenka...

- Isso não... Chorar não vale... Pronto! Poderemos chorar mais tarde, agora não temos tempo. Arranja-te, temos os cavalos à nossa espera numa ravina Então? Vens?

- Que pensas tu? - inquiriu ela de repente em voz alta, mas levando as mãos à boca num gesto de susto, lançou um olhar para as crianças. - Que pensas tu? - repetiu baixinho. Que gosto de estar sozinha? Anda, Grichenka, meu querido. Sou capaz de te seguir a pé, de rastos, se for preciso, não quero ficar só por mais tempo. Não posso viver sem ti... Mata-me, mas não me abandones outra vez.

Abraçou com força Grigóri. Este, enquanto a apertava nos braços, ia olhando pela janela. As noites de Verão são curtas, tinham de se despachar.

- Queres deitar-te um bocadinho? - perguntou Akcínia.

- Que estás tu a dizer? - retorquiu ele, assustado. - Não podemos demorar. Veste-te e vai chamar a Duniachka. Temos de combinar tudo com ela. Precisamos de chegar a Sukhoi logo antes do amanhecer. Passaremos o dia ali, na floresta. És capaz de montar a cavalo?

- Meu Deus, sou capaz de tudo! E perguntas se posso montar a cavalo! Ainda julgo que tudo isto é mentira. Vejo-te muitas vezes em sonhos, mas nunca da mesma maneira...

Enquanto falava, ela penteava-se à pressa, a segurar os ganchos com os dentes, numa voz baixa e indistinta. Vestiu-se rapidamente e deu um passo em direcção à porta.

- Acordamos os meninos? Tens de os ver, ao menos.

- Não, não vale a pena - respondeu Grigóri num tom decidido.

Tirou do boné a bolsa do tabaco e pôs-se a enrolar um cigarro, mas logo que Akcínia saiu, aproximando-se da cama, beijou os filhos durante muito tempo; recordou-se então de Natalia e de todas as coisas que tinham sucedido ao longo da sua triste vida. Chorou.

Ao entrar, Duniachka exclamou:

- Viva, irmãozinho! Estás de regresso? Fartaste-te de vaguear pela estepe? Desatou em lágrimas: O tempo que estas crianças têm esperado por ti! Eram órfãos com o pai vivo!...

- Fala baixo, vais acordá-los. Deixa, minha irmã. Já ouvi essa cantiga. Estou farto de lágrimas e bastam-me os meus próprios desgostos... Não foi para isto que te mandei chamar. Queres ficar com as crianças?

- Mas para onde vais tu?

- Vou-me embora e levo comigo a Akcínia. Ficas com os meninos? Quando arranjar trabalho, virei buscá-los.

- Ora essa! Se vocês ambos se vão embora fico eu com eles. Não os ia deixar na rua nem em casa de estranhos...

Grigóri beijou Duniachka em silêncio.

- Obrigadinho, irmã. Bem sabia que não ias recusar.

Duniachka, depois de se sentar na arca, perguntou:

- Quando partem vocês? É já?

- Sim.

- E a casa? A herdade?

Akcínia respondeu com decisão:

- Resolve tu. Arrenda ou faz como entenderes. O que fica das minhas roupas e coisas da casa é para ti...

- Que hei-de eu dizer às pessoas? Quando me perguntarem para onde foste, o que devo responder?

- Diz que não sabes nada - respondeu Grigóri. E voltando-se para Akcínia: - Despacha-te, prepara-te, Ksiúcha. Não leves muita coisa. Uma blusa de agasalho, duas ou três saias, toda a tua roupa interior e um guarda-chuva. É quanto basta.

A aurora começava a romper quando Grigóri e Akcínia saíram de casa depois de se despedirem de Duniachka e beijarem as crianças, que não tinham acordado. Desceram para o Don e alcançaram a ravina, caminhando pela margem.

- Uma vez, partimos ambos assim para irmos para Iagodnói recordou Grigóri. Mas a tua trouxa era maior e nós éramos ambos mais novos...

Cheia de alegria, Akcínia fitou Grigóri que caminhava a seu lado:

- Continuo com medo de que tudo isto seja um sonho. Dá-me a tua mão, deixa-me tocar-te, para eu acreditar.

Riu baixinho e encostou-se ao ombro de Grigóri.

Ele viu-lhe os olhos inflamados pelas lágrimas, brilhantes de felicidade, as faces pálidas na escuridão que precede o dia. Sorriu tristemente e pensou: “Ela preparou-se e partiu como quem vai fazer uma visita... Nada lhe mete medo. Isto é que é uma mulher corajosa!”

Como que para responder ao pensamento dele, Akcínia declarou:

- Vês: basta assobiares-me como a um cachorrinho e vou logo. Foi o meu amor por ti e a inquietação que me fizeram perder o juízo... Só tenho pena das crianças, mas por mim nada me interessa. Só quero seguir-te para toda a parte, até na morte.

Ao ouvir-lhes os passos, os cavalos relincharam baixinho.

O dia vinha nascendo rapidamente. Via-se já uma linha rosada a aparecer no céu, para as bandas do leste. O nevoeiro erguia-se do Don.

Grigóri desprende os cavalos e ajudou Akcínia a montar, mas os pés dela não chegavam aos estribos. Irritado com a sua imprevidência, encurtou as correias e subiu para o outro cavalo.

- Segue-me, Ksiúcha. Quando deixarmos a ravina iremos a galope. Assim não darás tantos balanços. Não afrouxes as rédeas. O teu cavalo não gosta disso. Cuidado com os joelhos. Ele tem manias e pode morder-te. Vamos, a caminho!

Havia oito verstás a percorrer até Sukhoi Log. Em breve cobriram essa distância e chegaram à floresta ao nascer do Sol. Junto das árvores, Grigóri saltou em terra e ajudou Akcínia a fazer o mesmo.

- Então? Custa muito montar a cavalo quando se não está habituado? perguntou ele, sorrindo.

Akcínia estava muito vermelha, com os olhos negros a luzir.

- Não muito. É melhor do que andar a pé. Mas as minhas pernas...

Sorria, envergonhada.

- Vira-te de costas, Gricha, para eu ver as minhas pernas. Sinto a pele a arder... Devo estar toda esfolada.

- Isso não é nada... Passa já - tranquilizou-a Grigóri. Mas mexe-te um pouco, estás a ficar com os joelhos a tremer. - E acrescentou ternamente irónico, a piscar os olhos: - Ah, mulher cossaca! Escolheu uma pequena clareira à borda de uma ravina e disse: Vamos acampar aqui. Põe-te à vontade, Ksiúcha.

Desaparelhou os cavalos, peou-os, escondeu as selas e as armas debaixo de uma moita. A erva estava coberta de um orvalho espesso e abundante que a tornava cinzenta; na encosta, onde a penumbra da aurora encontrava o derradeiro refúgio, parecia azulada. Dos cálices entreabertos das flores pendiam botões alaranjados. As cotovias cantavam por cima da estepe, nos trigos e nas ervas cheirosas. As codornizes repetiam sem cessar o seu grito que convidava a dormir. Grigóri, depois de espezinhar a erva debaixo de um maciço de carvalhos, deitou-se com a cabeça apoiada na sela. O cacarejar sonoro da codorniz, o canto das cotovias, o vento quente soprando nas areias da outra margem que a noite não arrefecera, tudo convidava ao sono. E Grigóri passara tantas noites sem dormir!

Vencido pelo canto das codornizes e pela sonolência, Grigóri fechou os olhos. Akcínia estava sentada junto dele, silenciosa, e arrancava, pensativa, com os dentes as pétalas de uma flor que cheirava a mel.

- Gricha, ninguém virá surpreender-nos aqui? - perguntou ela baixinho, tocando com a haste da flor a face áspera de Grigóri.

Ele saiu a custo da sonolência e disse numa voz rouca:

- Não anda ninguém na estepe. A esta hora está deserta. Vou dormir, Ksiúcha. Vigia os cavalos. Depois dormirás tu. Estou morto de sono... Estou a cair de sono... Há quatro dias que... Depois conversaremos. .

- Dorme, meu querido. Dorme bem.

Akcínia curvou-se para Grigóri e, afastando-lhe os cabelos da testa, poisou-lhe delicadamente os lábios na face.

- Grichenka, meu amor, tens tantos cabelos brancos... - murmurou ela. Estás a ficar velho? Ainda há pouco eras um garoto...

Contemplou o rosto de Grigóri com um sorriso melancólico. Ele dormia, de lábios entreabertos e com a respiração regular. As pestanas escuras, com as extremidades queimadas pelo sol, estremeciam de leve e o seu lábio superior tremia, descobrindo a fila de dentes brancos. Akcínia observava-o atentamente, e só então reparou como ele mudara durante aqueles meses de separação. Havia uma certa severidade, uma espécie de crueza nas fundas rugas transversais entre as sobrancelhas do seu amado, nas pregas da boca, na aresta viva das maçãs do rosto... E ela pensou pela primeira vez que ele devia ser terrível no combate, de sabre desembainhado, sobre o cavalo. Baixou os olhos e contemplou furtivamente as mãos grandes e nodosas de Grigóri, suspirando sem saber porquê.

Momentos depois, Akcínia ergueu-se de mansinho e atravessou a clareira, arregaçando muito a saia para a não molhar na erva húmida de orvalho. Um regato que saltitava sobre as pedras murmurava ali perto. Ela desceu até à ravina, cujo leito era atapetado de pedras chatas e musgosas, bebeu água da nascente gelada, lavou-se e tirou o lenço para limpar o rosto afogueado. Conservava nos lábios um sorriso feliz, os seus olhos brilhavam alegremente. Grigóri estava de novo com ela! E, mais uma vez, o futuro desconhecido a fazia sonhar com uma felicidade quimérica... Chorava tanto nas suas noites de insónia, sofrera tanto naqueles últimos meses!... Ainda ontem, durante o dia, na horta, quando as vizinhas, entretidas a schar as batatas tinham começado a cantar aquela canção triste, sentira o coração apertado e escutara sem querer os versos:

Voltem, voltem, patos bravos,

É tempo de ir para a água,

É tempo de ir para a água,

Para mim é tempo de mágoa...

Cantava uma voz vibrante, a lamentar a sorte maldita. E Akcínia não pudera conter as lágrimas que lhe saltavam dos olhos.

Quisera afogar-se no trabalho, matar a angústia que lhe roía o coração, mas as lágrimas velavam-lhe os olhos, caíam em gotas apressadas sobre a rama verde das batateiras, e ela não via nada, não podia trabalhar. Atirara fora o sacho e sentara-se no chão, tapando o rosto, a dar livre curso ao pranto...

Ainda ontem amaldiçoava a vida e tudo à sua volta se lhe afigurava escuro e sem alegria como num dia de chuva, mas hoje o mundo parecia-lhe alegre e luminoso como no fim de um fértil aguaceiro de Verão. “Também nós encontraremos o nosso destino”, pensava, a contemplar, distraída, os raios oblíquos do sol nascente.

Junto das moitas, ao sol, cresciam flores perfumadas, de todas as cores. Akcínia apanhou um braçado, sentou-se com precaução junto de Grigóri e, a recordar-se dos seus tempos de rapariga, fez uma coroa bela e graciosa. Admirou-a durante muito tempo, espetou-lhe ainda algumas rosas bravas, e depois poisou-a com cautela sobre os cabelos de Grigóri.

Cerca das nove horas, Grigóri foi despertado por um dos cavalos que relinchava. Sentou-se em sobressalto e procurou a arma às apalpadelas.

- Não é ninguém - disse-lhe Akcínia. - De que tens medo?

Grigóri esfregou os olhos e respondeu, com um sorriso ensonado:

- Acostumei-me a viver como uma lebre. Dorme-se só com um olho e dá-se um salto a cada ruído que se ouve... Isto, minha filha, é um hábito que custa a perder. Dormi muito?

- Não. Queres dormir mais?

- Preciso de dormir um dia inteiro para me refazer completamente. Vamos antes almoçar. Tens pão e uma faca dentro dos alforjes da minha sela. Vou dar de beber aos cavalos.

Levantou-se, despiu o capote e sacudiu os ombros. O sol era quente. O vento agitava as folhas das árvores e o seu rumorejar cobria o murmúrio do regato.

Grigóri desceu até à água, fez um dique com pedras e ramos. Servindo-se do sabre como se fosse uma enxada, tapou com terra os interstícios das pedras. Quando a água subiu, foi buscar os cavalos e fê-los beber, depois tirou-lhes a cabeça e deixou-os pastar de novo.

Durante o almoço, Akcínia perguntou:

- Para onde iremos quando sairmos daqui?

- Para Morozovskaia. Seguimos a cavalo até Platov e depois a pé.

- E os cavalos?

- Abandonamo-los.

- É pena, Gricha. Uns cavalos tão bons. Não me canso de olhar para o cinzento. Temos de os abandonar? Onde é que os arranjaste?

- Arranjei-os...Grigóri sorriu tristemente. Roubei-os a um taurídio. - E acrescentou após um curto silêncio: - Embora seja uma pena, temos de os abandonar . Não somos negociantes de cavalos.

- Mas para que conservaste as armas? Para que as queremos? Se por desgraça alguém as vir, é mau para nós.

- Quem queres tu que as veja de noite? Trouxe-as por precaução. Sem elas não me sinto seguro... Quando abandonarmos os cavalos, deixarei também as armas. Nessa altura já não serão precisas.

Depois do almoço, deitaram-se ambos sobre o capote estendido. Grigóri lutava em vão contra o sono e Akcínia, apoiada nos cotovelos, contava o que fora a sua vida sem ele, e o que sofrera durante todo aquele tempo. Grigóri escutava-lhe a voz monótona através de uma sonolência irresistível e não tinha forças para erguer as pálpebras pesadas. Por vezes, deixava de ouvir. A voz de Akcínia afastava-se, esbatia-se, sumia-se por completo. Ele estremecia, despertava, mas voltava logo a fechar os olhos ao cabo de um minuto. A fadiga era mais forte do que os seus desejos e a sua vontade.

- Eles tinham saudades, perguntavam onde estava o paizinho. Eu é que tratei deles, amimava-os o mais possível. Acostumaram-se a mim e iam cada vez menos para casa da Duniachka. A Poliúchka é muito meiguinha e sossegada. Passava a vida debaixo da mesa ia brincar com as bonecas de trapos que eu lhe fazia. O Michatka as vezes chegava da rua a correr, todo esbaforido, e eu perguntava: “O que foi?”, e ele, a corar, muito triste, dizia: “Os outros meninos não querem brincar comigo. Dizem: o teu pai é um bandido. Mãe, é verdade que ele é um bandido? O que são bandidos?” E eu dizia-lhe: “O teu pai não é nada um bandido. É... é um homem muito infeliz.” E ele então voltava a perguntar: “Porque é ele infeliz e o que é ser-se infeliz?” Eu não podia explicar-lhe... Gricha, foram eles por si que começaram a chamar-me mãe. Não julgues que fui eu que os ensinei. O Mikhail trata-os bem, gosta deles. Mas não me fala, volta as costas e segue o seu caminho. Apesar ddisso, ele trouxe-lhes duas vezes açúcar da stanitsa. Quem tinha muita pena de ti era o Prokhor. “Está perdido”, dizia ele. Na semana passada, veio falar-me de ti e até chorou... Revistaram-lhe a casa, à procura de armas. Viram tudo, o telhado e a cave...

Grigóri adormecera sem ouvir o fim da história. A folhagem de um álamo novo murmurava por cima da sua cabeça.

Deslizavam-lhe pelo rosto manchas de luz amarela. Akcínia Beijou-lhe demoradamente os olhos fechados, depois adormeceu também com o rosto apoiado no braço dele, sempre a sorrir.

Alta noite, depois de a Lua se ter escondido, partiram de Sukhoi Log. Dali a duas horas desciam uma colina sobranceira ao Tchir. Na planície cantavam os ralos, as rãs esganiçavam-se entre os juncos e ouvia-se o gemido surdo e longínquo de um milhafre.

Ao longo do rio, negras e sinistras, estendiam-se as hortas. Grigóri parou junto de uma pequena ponte. Havia alli uma aldeia envolta no silêncio da meia-noite. Grigóri, esporeando o cavalo, mudou de direcção. Não queria atravessar a ponte. Aquela calma não lhe inspirava confiança e sentia medo. Passaram a vau ao fundo da aldeia e mal acabavam de virar para uma viela estreita quando um homem ssurgiu de um fosso e, atrás dele, mais três.

- Alto! Quem vem lá?

Grigóri deu um salto como se tivesse apanhado uma paulada e puxou as rédeas. Mas logo se dominou e respondeu numa voz forte: “Gente de paz!” Obrigou o cavalo a dar meia volta e murmurou para Akcínia: “Para trás. Segue-me!”

As quatro sentinelas do destacamento de abastecimento que acabavam de se aboletar na aldeia para passar a noite avançavam para eles lentamente, em silêncio. Um dos homens parou para acender um cigarro e riscou um fósforo. Grigóri vibrou uma violenta chibatada no cavalo de Akcínia que partiu à desfilada. Grigóri galopava atrás dela. Seguiram-se alguns segundos de um silêncio angustiante, por fim uma salva irregular reboou como um trovão e a luz dos tiros furou a noite.

Grigóri ouviu o assobiar das balas e um grito prolongado: “Às armas!...”

A uma centena de ságenas do rio, Grigóri alcançou o cavalo cinzento e gritou:

- Deita-te, Akcínia. Mais para baixo!

Akcínia segurava as rédeas e 'tombava para o lado, com a cabeça deitada para trás. Teria caído se Grigóri a não segurasse.

- Estás ferida? Onde foi? Mas diz!... - exclamou Grigóri numa voz rouca.

Ela não respondeu. Pesava cada vez mais no braço dele. Grigóri, ofegante, murmurava, apertando-o contra si, sem abrandar o galope:

- Pelo amor de Deus, diz qualquer coisa! Que tens tu?

Mas nem uma palavra saía dos lábios de Akcínia, nem sequer um gemido.

A duas verstás da aldeia, Grigóri, deixando bruscamente a estrada, meteu por uma ravina, saltou em terra, tomou Akcínia nos braços e deitou-a delicadamente no chão.

Despiu-lhe a blusa de agasalho, rasgou-lhe no peito a chita da blusa interior e a camisa, procurou-lhe a ferida às apalpadelas. A bala, ao entrar, fracturara a clavícula esquerda e saíra pela clavícula direita. Com as mãos trémulas e ensanguentadas, Grigóri tirou do alforge da sela uma camisa limpa e o seu penso individual. Levantou Akcínia, encostou-a ao joelho e tentou pensar a ferida para deter o sangue que jorrava por baixo da clavícula. A camisa esfarrapada e o penso em breve ficaram negros e ensopados. O sangue corria também da boca entreaberta de Akcínia, borbulhava e fervia na sua garganta. E Grigóri, transido de horror, percebeu que tudo acabara, que acontecera a coisa mais horrível que lhe poderia suceder na vida...

Desceu com precaução a encosta íngreme, o atalho traçado na erva e semeado de excrementos de ovelha, levando nos braços Akcínia cuja cabeça inerte pendia sobre o seu ombro. Ouvia-lhe a respiração sibilante e entrecortada, sentia o sangue quente a abandonar aquele corpo a correr da boca dela para cima do seu peito. Os dois cavalos tinham-no seguido. Sacudiam-se, fazendo tilintar os freios e começaram a pastar na erva saborosa.

Akcínia morreu nos braços de Grigóri, pouco antes da aurora, sem ter recuperado os sentidos. Ele beijou-lhe demoradamente os lábios frios e salgados de sangue, poisou-a com jeito na relva e ergueu-se. Uma força misteriosa bateu-lhe em cheio no peito. Deu alguns passos para trás e caiu desamparado, mas logo se ergueu com angústia, voltou a cair e deu com a cabeça dolorosamente numa pedra. Então, de joelhos, desembainhando o sabre, começou a cavar uma sepultura.

A terra estava húmida e mole. Grigóri apressava-se o mais possível, mas sentiu-se abafar; rasgou a camisa para ver se respirava melhor. O ar da madrugada refrescou-lhe o peito encharcado em suor e assim custou-lhe menos a trabalhar. Tirava a terra com as mãos e com o boné, sem descamsar um minuto, mas levou muito tempo antes de conseguir que a cova lhe chegasse à cintura.

Enterrou a sua Akcínia à luz viva da manhã. Dentro da cova, cnuzou-lhe sobre o peito as mãos morenas, que tinham assumido a brancura da morte, cobriu-lhe o rosto com o lenço para que a terra não lhe penetrasse nos olhos entreabertos, fitos no céu e já vítreos. Por fim, despediu-se dela, convencido de que a sua separação seria breve...

Alisou cuidadosamente com as mãos o barro amarelo da pequena campa e ficou por muito tempo de joelhos ao lado da sepultura, com a cabeça a oscilar.

Agora já não tinha pressa. Tudo acabara.

No meio de uma nuvem de pó 'levantada pelo vento seco, o sol ergueu-se sobre a ravina. Os seus raios faziam brilhar a prata dos cabelos brancos de Grigóri, deslizavam-lhe pelo rosto lívido, empedrado numa imobilidade assustadora. Por fim, ergueu a cabeça,

como se despertasse de um sono pesado e viu o céu negro por cima da sua cabeça e também negro o disco do Sol que brilhava com uma claridade ofuscante.

XVIII

No princípio da Primavera, quando a neve se derrete, quando seca a erva derrubada pelo Inverno, começam os incêndios na estepe. O fogo corre em Correntes, impelido pelo vento, devora a grama seca, sobe ao assalto das espigas do cardo, desliza sobre as cabeças negras da artemísia, espraia-se pelos refegos do terreno. E o cheiro acre que sobe da terra queimada, cheia de gretas, flutua durante muito tempo sobre a estepe. Contudo, a erva nova reverdece alegremente em redor, as cotovias cantam por cima dela no céu azul, os patos de passagem detêm-se sobre a planície generosa e as abetardas constróem aí o seu ninho onde ficam até ao Verão. Mas por onde passa o incêndio, a terra morta, carbonizada, permanece negra e sinistra. Os pássaros não vão ali fazer ninho, todos os animais a deixam de parte, e só o vento com as suas asas rápidas passa e dispersa para longe a cinza azulada e a poeira escura, corrosiva.

A vida de Grigóri era agora negra como uma estepe queimada. Perdera tudo quanto era querido ao seu coração.

A morte impiedosa tudo lhe levava, tudo destruíra. Só lhe restavam os filhos. E Grigóri agarrava-se à terra como se, na verdade, a sua vida destroçada tivesse algum valor para ele e para os outros...

Depois de haver enterrado Akcínia, errou durante três dias pela estepe sem regressar a casa nem ir entregar-se a Viochénskkaia. Ao quarto dia, abandonou os cavalos numa aldeia da stanitsa de Ust-Kophresskaia, atravessou o Dom e dirigiu-se a pé até à floresta de carvalhos de Slachtchovskaia, junto da qual o bando de Fômine fora destroçado no mês de Abril. Já então ele ouvira dizer que viviam desertores nessa floresta. Era a eles que queria juntar-se, pois não desejava voltar para junto de Fômine.

Caminhou alguns dias ao acaso pela floresta imensa. Martirizava-o a fome, mas não se atrevia a voltar aos lugares habitados. A morte de Akcínia roubara-lhe a coragem e a antiga presença de espírito. O estalido de um ramo a quebrar-se, um barulho na espessura da floresta, o grito de uma ave nocturna, tudo lhe causava medo e confusão. Alimentava-se de bagas ainda mal maduras, de cogumelos minúsculos, de folhas de aveleira, e emagrecia a olhos vistos. Ao fim do quinto dia, foi descoberto pelos desertores que o levaram para a sua cabana.

Eram sete, todos naturais das aldeias vizinhas e haviam-se instalado na floresta no Outono do ano anterior, logo no início da mobilização. Viviam numa vasta cabana bem construída e quase nada lhes faltava. Iam muitas vezes durante a noite visitar as famílias e traziam pão, bolachas, sêmea de milho, farinha, batatas; quanto à carne para a sopa, arranjavam-na sem dificuldade noutras aldeias onde iam roubar gado de vez em quando.

Um dos desertores, que servira no 12.º Regimento cossaco, reconheceu Grigóri e os outros aceitaram-no logo.

Grigóri perdeu a conta dos dias, que (passavam com uma lentidão cruel. Viveu desta maneira na floresta até ao mês de Outubro, mas, quando começaram as chuvas do Outono e depois veio o frio, sentiu-se de repente assaltado por uma saudade pungente dos filhos e da sua aldeia...

Para matar o tempo, passava dias inteiros deitado na tarimba, a esculpir colheres de pau, escudelas, ou a talhar com arte figurinhas de homens e animais sobre a pedra mole. Esforçava-se por não pensar em nada, por barrar o caminho do seu coração à angústia corrosiva. Durante o dia lá ia conseguindo isso, mas era durante as longas noites que as recordações se vinham apoderar dele. Dava voltas na cama sem poder dormir. De dia, nenhum dos habitantes da cabana jamais lhe ouvira uma palavra de queixa. De noite, porém, acordava em sobressalto e passava a mão pelo rosto: as suas faces e a barba de seis meses estavam molhadas de lágrimas.

Sonhava muitas vezes com os filhos, com Akcínia, com a mãe, com todos aqueles que perdera. Toda a sua vida se concentrava no passado, e esse passado afigurava-se-lhe um sonho curto e doloroso. Dizia muitas vezes consigo: “Voltar só uma vez mais a casa, ver os meus filhos, e depois poderei morrer.”

Um dia, pouco antes da Primavera, viu chegar Tchumakov, encharcado até à cintura, mas sempre animado e cheio de vida. Depois de ter secado a roupa junto ao fogão e de se haver aquecido, veio sentar-se perto de Grigóri, sobre a tarimba.

- Muito andamos nós, Melekhov, desde o dia em que nos deixaste! Fomos até Astrakan e às estepes kalmukes... Andamos por Ceca e Meca. E não tem descrição o sangue que fizemos correr. Prenderam como reféns a mulher de Iakov Efímitch e confiscaram-lhe os bens. Isso enfureceu-o a tal ponto que nos mandou trespassar à sabrada todos aqueles que trabalhavam para o poder dos Sovietes. E nós trespassávamo-los a todos, uns atrás dos outros: professores primários, médicos, agrónomos... Sabe-se lá o que nós fizemos! Mas agora estamos liquidados e bem liquidados! declarou suspirando, ainda todo encolhido de frio. Da primeira vez, derrotaram-nos em Tichansskaia e, aqui há oito dias, em Solommi. Tinham-nos cercado por três lados e só podíamos sair pela colina, mas aí os cavalos

enterravam-se na neve até à barriga... De madrugada, as metralhadoras começaram a disparar, foi assim que a coisa principiou... Foi assim que eles deram cabo de nós. Só escapámos dois: eu e o filho de Fômine. Ele levava com ele o filho, o Davidka, no Outono passado. Iakov Efímitch morreu também. Morreu à minha vista. Apanhou primeiro uma bala na perna que lhe partiu a rótula. A segunda bala raspou-lhe pela cabeça. Caiu por três vezes do cavalo abaixo. Parámos, agarrámo-lo e pusemo-lo de “novo na sela. Ele galopou um bocado e caiu outra vez. Foi então que apanhou a terceira bala na ilhargia... Então largamo-lo. Cem ságenas adiante, voltei-me e vi dois cavaleiros junto dele a furarem-no com os sabres...

- Pois, a coisa tinha de acabar assim - declarou Grigóri com indiferença.

Tchumakov passou a noite na cabana e partiu no dia seguinte pela manhã.

- Para onde vais tu? - inquiriu Grigóri.

Tchumakov sorriu:

- Procurar outra vida melhor. Talvez queiras vir comigo?

- Não, vai sozinho.

- Sim, eu cá não posso viver convosco... Esse teu ofício, Melekhov, as tuas colheres e as tuas escudelas, não me convêm - respondeu maliciosamente Tchumakov, tirando o boné com ar cerimonioso - Deus vos abençoe, vocês são uns bandidos aposentados e um gajo aqui aborrece-se de morte. Deus vos dê um pouco de alegria, nesta vida de convento. Viver na floresta como um selvagem não é vida!

Depois da partida dele, Grigóri ficou ainda uma semana, depois foi-se também embora.

- Regressas a casa? - perguntou um dos desertores.

E Grigóri, pela primeira vez desde que ali chegara, esboçou um sorriso.

- Sim, volto para casa.

- Fazias melhor se esperasses pela Primavera. No Primeiro de Maio, concedem-nos a amnistia e nessa altura vamos todos embora.

- Não, não posso esperar - respondeu Grigóri. E despediu-se dos companheiros.

No dia seguinte pela manhã, chegava à vista de Tatársski, na outra margem do Don. Pálido de emoção e alegria, ficou-se a olhar para a sua herdade natal. Depois tirou do ombro a espingarda e o alforje, um farrapo, a estopa, o frasco de óleo de lubrificação e contou os cartuchos que lhe restavam, sem saber porquê: tinha doze carregadores e vinte e seis cartuchos soltos.

Ao fundo da encosta íngreme, o gelo descolara-se da margem. A água verde e transparente marulhava, quebrando as franjas de gelo. Grigóri atirou para La a espingarda, a pistola e depois os cartuchos, limpando em seguida as mãos ao capote.

Atravessou o Don a montante da aldeia, sobre o gelo azulado de Março, já corroído pelo degelo, e dirigiu-se para casa em grandes passadas. Avistou ao longe Michatka na descida que conduzia ao embarcadero e teve de se dominar para não deitar a correr.

Michatka estava a quebrar estalactites que se penduravam num rochedo, atirava-as para longe e ficava-se a vê-las rebolar com cintilações azuis.

Chegando ao fim da ladeira, Grigóri, ofegante, chamou numa voz estrangulada:

- Michenka!... Meu filho!...

Michatka fitou-o, assustado, e baixou os olhos; reconhecera o pai naquele homem barbudo, de aspecto horrível...

Todas as palavras meigas e acariciadoras que Grigóri murmurava durante a noite, na floresta, ao pensar nos filhos, esvaíram-se-lhe da memória. De joelhos, enquanto beijava as mãozinhas frias e rosadas do pequeno, repetia continuamente numa voz estrangulada:

- Meu filho... meu filho...

Por fim tomou-o nos braços e disse, perscrutando-lhe avidamente o rosto com os olhos secos e ardentes:

- Como está tudo por cá?... A tia e Poliúchka, vão bem?

Sempre sem fitar o pai, Michatka respondeu tranquilamente:

- A tia Dunia está boa, mas a Poliúchka morreu no Outono com uma coisa na garganta. E o meu tio Mikhail é soldado...

Tornara-se realidade aquilo que Grigóri sonhava nas suas noites de insónia. Estava ali, em frente do portão da sua casa natal, com o filho ao colo.

Era tudo quanto lhe restava na vida, tudo quanto o prendia ainda à terra e a esse mundo vasto, resplandecente debaixo do sol tépido...

FIM DO QUARTO E ÚLTIMO VOLUME

SOBRE A DIGITALIZAÇÃO DESTA OBRA

Esta obra foi digitalizada para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade é a marca da distribuição, portanto:

Distribua este livro livremente!

Se você tirar algum proveito desta obra, considere seriamente a possibilidade de adquirir o original.

Incentive o autor e a publicação de novas obras!



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros